

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
CAMPUS DE BAURU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA**

**A PRÁTICA DA REPORTAGEM RADIOFÔNICA NA
EMISSORA CONTINENTAL DO RIO DE JANEIRO**

**BAURU
2006**

FLÁVIA LÚCIA BAZAN BESPALHOK

**A PRÁTICA DA REPORTAGEM RADIOFÔNICA NA
EMISSORA CONTINENTAL DO RIO DE JANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Área de Concentração: Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Paulista “Julio Mesquita Filho” – *Campus* de Bauru, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões.

**BAURU
2006**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Flávia Lúcia Bazan Bepalhok

A PRÁTICA DA REPORTAGEM RADIOFÔNICA NA EMISSORA CONTINENTAL DO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação .

Banca Examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões

Titular: Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes

Titular: Prof. Dr. Murilo César Soares

Bauru, 26 de maio de 2006

Porque Dele, e por meio Dele, e para Ele são
todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente.
Rom 11:36

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Marcelo Bulhões, pelo apoio e condução segura;

À minha família, especialmente João, Mateus e Nicolas, pelo suporte, amor e pelas muitas horas de ausência;

Aos colaboradores entrevistados: Saulo Gomes, Ary Vizeu, Carlos Alberto Vizeu, Jorge Sampaio, Paulo César Ferreira, Paulo Caringi, Teixeira Heizer, Afonso Soares e Celso Garcia. Sem o ecoar de suas vozes esse passado não seria presente;

Aos membros do Grupo de Rádio e Mídia Sonora pelo auxílio. Em especial aos professores Ana Baumworcel e João Batista de Abreu Junior;

Aos meus primos, Victor Gustavo, Renata, Vítinho e Pedrinho, que tão carinhosamente me receberam em terras bauruenses;

À Patrícia Zanin, Tony Hara, e Janete El Haouli, meus interlocutores radiofônicos em Londrina;

À Universidade Estadual de Londrina e aos professores do Departamento de Comunicação, pela liberação;

Ao professor Célio Losnak, por me apresentar a História Oral;

E, finalmente, aos meus alunos e ex-alunos, que a cada dia me desafiam e instigam para o estudo e investigação e para uma escuta diferenciada.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A Prática da Reportagem Radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2006

RESUMO

Trata-se de uma investigação sobre o surgimento da reportagem radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro. A literatura informa que esta foi uma das primeiras experiências de reportagem externa do rádio brasileiro. Entretanto, há pouco registrado desse feito. Utilizamos a metodologia da História Oral, associada à Análise Documental, e entrevistamos diversos personagens que participaram desta história, com o intuito de reconstruir parte da trajetória dos “Comandos Continental”, equipe que produzia o noticiário da emissora. Apresentamos ainda uma discussão conceitual sobre a reportagem e análise de duas produções dos “Comandos” realizadas na década de 1950.

Palavras-chave: Reportagem Radiofônica, Emissora Continental, Radiojornalismo, História.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **Practice of radio reportage on Rio de Janeiro Continental Station**. 2006. Dissertation (Post-Graduate in Communication). Program of Post-Graduate in Communication. College of Architecture, Arts and Communication, UNESP, Bauru, 2006

ABSTRACT

In this work the beginning of radio reportage on Rio de Janeiro Continental Radio Station is investigated. The literature informs that this was one of the first experience of outside reportage on Brazilian radio. However, few details are registered. We used Oral History methodology, associated with Documental Analysis, and interviewed some people that have taken part on this history aiming to reconstruct part of the trajectory of “Comandos Continental”, a group that make the Radio Station news. We also present a conceptual discussion on reportage and analyze two productions of “Comandos” performed on 1950’s.

Key words: Radio Reportage, Continental Radio Station, Radio Journalism, History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esquema de cobertura do Carnaval de 1955	66
Figura 2 – Os BTPs em ação: Paulo caringi transmitindo um boletim do Congresso Eucarístico e entrevistando o presidente Juscelino Kubitschek	70
Figura 3 – Paulo Caringi transmitindo do RC 2	71
Figura 4 – Saulo Gomes vestido com o macacão da Panair depois da cobertura da chegada dos campeões Mundiais de Futebol de 1958	81
Figura 5 – Rubens Berardo, em campanha para a reeleição na Câmara Federal em 1958	89
Figura 6 – Foto do casamento de Carlos Palut e Alba Regina.	94
Figura 7 – Exemplo de programação em fluxo	120
Figura 8 – Gráfico de tensão da reportagem	136
Figura 9 – Foto de Saulo Gomes durante cobertura do carnaval de 1957	144
Figura 10 – O repórter Saulo Gomes abraçado ao seu inseparável gravador e gravando um boletim que estava sendo emitido pelo telefone	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fragmentos da Programação da manhã da Emissora Continental, em 27 de dezembro de 1951	56
Tabela 2 – Fragmentos da Programação da tarde da Emissora Continental, em 27 de dezembro de 1951	58
Tabela 3 – Fragmentos da Programação da noite da Emissora Continental, em 27 de dezembro de 1951	59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	17
2.1	Modalidades de História Oral	17
2.2	Entendendo a Memória	19
2.3	As formas de Entrevista	22
2.4	Análise Documental	27
3	O INÍCIO DO RÁDIO E DO RADIOJORNALISMO NO BRASIL	30
3.1	O cenário da chegada do veículo	31
3.2	O Pioneirismo no Radiojornalismo	33
3.3	Fim do Ideal Educativo e Cultural	36
3.4	A Estruturação do Radiojornalismo	42
3.5	A Ameaça da TV	46
4	A PRÁTICA DA REPORTAGEM NA CONTINENTAL	49
4.1	O Surgimento da Emissora Continental	51
4.2	O Embrião das Reportagens Externas	60
4.3	A Experiência da Reportagem na Continental	68
4.3.1	O ímpeto pelo imediatismo	74
4.3.2	O ímpeto pela reportagem	79
4.4	Sucesso na Política	87
4.5	Fracasso na administração	90
4.6	Carlos Palut	93
5	ASPECTOS TEÓRICOS DA REPORTAGEM	101
5.1	As Características do Meio	101
5.2	A Linguagem Radiofônica	106
5.2.1	A Voz e o Texto Radiofônicos	107
5.2.2	A Música	110
5.2.3	Os Efeitos Sonoros	112
5.2.4	O Silêncio	114
5.2.5	A Busca pelo Equilíbrio	115
5.3	Formatos, Programação, Programas	117
5.3.1	A Programação	119

5.3.2	Os Programas Radiofônicos	122
5.4	A Reportagem Radiofônica	129
5.4.1	As Relações e as Inter-relações entre o Vivo e o Diferido	132
5.4.2	Reportagem Simultânea	134
5.4.3	A Reportagem Diferida	138
6	A REPORTAGEM NA PRÁTICA DA CONTINENTAL	142
6.1	O repórter	143
6.2	As reportagens	147
6.2.1	A explosão dos paióis do Exército	149
6.2.1.1	A reportagem “explosão dos paióis”	150
6.2.1.2	Considerações sobre a reportagem “explosão dos paióis”	157
6.2.2	O Assassinato de Rudolf Karousos	160
6.2.2.1	A reportagem “assassinato de Rudolf Karousos”	161
6.2.2.2	Considerações sobre a reportagem “assassinato de Rudolf Karousos”	166
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
	REFERÊNCIAS	176
	APÊNDICES	185
	Apêndice A – Entrevista com Saulo Gomes	186
	Apêndice B – Entrevista com Ary Vizeu e Carlos Alberto Vizeu	209
	Apêndice C – Entrevista com Paulo César Ferreira	246
	Apêndice D – Entrevista com Paulo Caringi	257
	Apêndice E – Entrevista com Teixeira Heizer	279
	Apêndice F – Entrevista com Jorge Sampaio	291
	Apêndice G – Entrevista com Afonso Soares	310
	Apêndice H – Entrevista com Celso Garcia	326
	Apêndice I – Roteiro das Entrevistas	333
	ANEXOS	335
	ANEXO A – Livro de ponto da Emissora Continental de 27 de dezembro de 1951	336
	ANEXO B – Plano para a grande cobertura radiofônica do carnaval de 1954	337
	ANEXO C – CDs: Reportagens e Depoimentos	338

1 INTRODUÇÃO

O rádio completa, em setembro de 2006, 84 anos de atividade no Brasil. Mesmo vivendo num mundo cada vez mais imagético, virtual e globalizado, o veículo não perdeu seu espaço no universo dos ouvintes. Em pleno século XXI, o rádio ainda é o campeão de audiência entre os meios de comunicação de massa eletrônicos, das sete da manhã às sete da noite. E, nas palavras de Eduardo Medistch (2001b), continuará merecendo a atenção dos ouvintes e não será superado pelos outros veículos de comunicação porque “cada vez mais, as pessoas vão precisar ser informadas em tempo real a respeito do que está acontecendo, no lugar em que se encontrem, sem paralisar as suas demais atividades ou monopolizar a sua atenção para receber esta informação.”

No campo da pesquisa, observa-se que nos últimos anos cresceram os estudos tendo o rádio como objeto. Meditsch (2001a) informa que depois do advento da televisão, o rádio passou a ter pouca importância nas investigações acadêmicas e foi um dos meios de comunicação menos estudados. O tipo de publicação que predominou até a década de 1980, segundo Moreira e Del Bianco (1999), foi o livro-depoimento baseado em narrativas pessoais, como os de Renato Murce – Bastidores do Rádio e Mauro Felice – Jornalismo de Rádio. A partir dos anos 1990, principalmente com a criação do GT de Rádio da Intercom¹ em 1991, ocorreu, na visão das autoras, um crescimento significativo das reflexões em torno do veículo, em que começaram a predominar os estudos científicos sob diferentes abordagens em busca de se “fazer um estudo crítico da história do rádio, das práticas profissionais, além de evidenciar as relações de poder estabelecidas a partir do meio, suas ressonâncias sociais e as mediações com a sociedade”. (MOREIRA; DEL BIANCO, 1999, p. 165)

Entretanto, mesmo verificando-se esse significativo avanço, ainda faltam estudos que apontem, entre outras questões, o desenvolvimento histórico do radiojornalismo e também reflexões conceituais sobre as práticas que vêm se

¹ Atualmente o GT leva o nome de Núcleo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora.

perpetuando desde seu surgimento², visto que, como aponta Meditsch (2001a, p. 46) a maior parte das publicações sobre o veículo é técnica, mas isto “requer uma redobrada atenção na análise, pela tendência dessa bibliografia de reproduzir as técnicas sem maior preocupação crítica”.

Decorridos esses primeiros 84 anos de percurso, entendemos que o rádio ainda precisa olhar para trás na expectativa de entender como se deram suas transformações e o que, desse passado, pode servir de suporte para o futuro. O radiojornalismo se fez presente na programação radiofônica desde seus primórdios, e, também, nesse segmento é preciso lançar olhares na busca do entendimento de como se estabeleceram as bases para a informação jornalística e o que se pode aprender com essa caminhada, que começou com a notícia extraída do jornal e lida diretamente nos microfones nas décadas de 1920 e 1930³, passou pela notícia escrita especificamente para o veículo a partir da década de 1940 e chegou à reportagem na década de 1950.

Todos os manuais de radiojornalismo consideram a reportagem radiofônica, mas são raros os trabalhos da área que discutem conceitualmente esta forma de estruturação da informação no veículo. Historicamente, também, poucos são os registros de como esta surgiu no rádio brasileiro. Autores como Felice (1981), Moreira (2000) e Ortriwano (2003) apontam a Emissora Continental do Rio de Janeiro⁴ como uma das pioneiras no uso da reportagem externa, mas escapam-lhes detalhes de como isso aconteceu e como era essa reportagem produzida pelos “Comandos Continental”, sob a chefia de Carlos Palut.

Em face dessa escassez de referências e interessados que somos pela radioreportagem, tomamos esta como o objeto de estudo de nossa pesquisa, com o objetivo de buscar evidências históricas de como se deu seu surgimento na Continental e de entender conceitualmente o que é a reportagem enquanto uma das possíveis formas de estruturação da informação no rádio. Nosso *corpus* de análise

² Moreira e Del Bianco (1999, p. 168) também apontam que a produção do NP de Rádio e Mídia Sonora “ainda está longe de preencher as lacunas de conhecimento em relação a história, fatos, fases, técnicas, políticas, investimentos e transformações do rádio”.

³ É importante lembrar, e isso será tratado com mais detalhes no capítulo 3, que Roquette Pinto, com o seu pioneiro “Jornal da Manhã”, também tecia comentários às notícias que lia. Entretanto, essa forma de jornalismo, comentada, não foi seguida pelas demais emissoras, que se limitavam a ler os jornais impressos no ar.

⁴ A emissora do Rio de Janeiro não foi a única a ter o nome ‘Continental’. Também existiram a Continental de Campos, que passou a operar em caráter definitivo em 29 de fevereiro de 1956, a Continental de Pernambuco, que entrou no ar em 1958 e a Continental de Porto Alegre que foi criada em 1962. Todas faziam parte das Organizações Rubens Berardo.

centra-se em duas reportagens realizadas na década de 1950 pelo repórter Saulo Gomes, um dos integrantes dos “Comandos Continental”, que era chefiado por Carlos Palut. Nosso recorte histórico abrange o período de 1948, ano de surgimento da Continental, a 1964, ano em que a liberdade de expressão começa a ser suprimida da imprensa brasileira como consequência do golpe militar instaurado no país. A censura que se estabeleceu nos veículos de comunicação a partir do golpe fez com que, na avaliação de Felice (1981) e Ortriwano (2003), a reportagem externa se ausentasse do rádio brasileiro.

Elegemos a radioreportagem como foco de nosso trabalho sem a certeza de que encontraríamos as fontes orais que nos contassem parte dessa história e sem nenhuma evidência de que ainda existisse material em áudio da emissora. Nesse ponto, a paixão pelo veículo, e em nosso caso específico pela reportagem, falou mais alto e nos empenhamos para viabilizar o projeto, mesmo tendo consciência da distância que separava Londrina, Bauru e Rio de Janeiro. Também pesaram nessa escolha os anos em que atuamos em emissoras radiofônicas, tanto comercial quanto educativa, e a certeza de que as reflexões também poderiam ser levadas para a sala de aula, já que hoje, afastada dos estúdios, direcionamos nosso conhecimento à docência e à pesquisa.

Nos primeiros meses de investigação foram muitas as tentativas para encontramos remanescentes da emissora. A pouca bibliografia disponível sobre a Emissora Continental eram pedras que dificultavam essa caminhada. No aspecto histórico, o nó começou a ser desfeito quando, depois de meses de busca, encontramos o *sítio* pessoal de Saulo Gomes, um antigo repórter da emissora, que atualmente mora na cidade de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. Com essa primeira entrevista, obtivemos a localização de Ary Vizeu e seu filho, Carlos Alberto Vizeu. A partir daí, a rede de relações se ampliou e tivemos acesso a Jorge Sampaio, Paulo César Ferreira, Paulo Caringi, Teixeira Heizer, Afonso Soares e Celso Garcia. Com base nos depoimentos desses nove profissionais procuramos reconstruir alguns aspectos históricos da Emissora Continental e sua relação com a reportagem.

Nessa tentativa de reconstituir parte da história da Continental, valemo-nos, principalmente, da técnica da história oral. Desta maneira, buscamos os depoimentos daqueles que participaram da escrita dessa história, para, com suas próprias palavras, reconstruir o período do surgimento da emissora e seu ingresso

no campo da reportagem. Como diz Thompson (1998, p. 10): “a voz do passado tem importância para o presente”, principalmente quando existe escassez de material para a pesquisa. É nesse ponto que as evidências orais “penetram aquilo que, de outro modo, seria inacessível” (THOMPSON, 1998, p. 136) .

Além dos depoimentos, buscamos apoio também em outros documentos, e procedemos a uma análise documental, entendendo, como considera Thompson (1998, p. 305), que “a evidência oral pode ser avaliada, julgada, comparada e citada paralelamente ao material de outras fontes”. Para tanto, além dos documentos escritos cedidos pelos entrevistados, lançamos mão também de produções em áudio e vídeo e, principalmente, pesquisas em revistas e jornais da época, que foram examinados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Elegemos como periódico principal das buscas a “Revista do Rádio”, visto que é a única publicação especializada que abrange o período focado – 1948 a 1964. A revista circulou no Brasil de 1948 a 1970 e trazia os bastidores do mundo do rádio – que até a década de 1950 era o mais importante veículo de comunicação de massa eletrônico e ocupava o lugar de destaque nas salas das famílias brasileiras. Além da “Revista do Rádio”, pesquisamos na revista “Radiolândia” e no jornal “Correio da Manhã” que era editado no Rio de Janeiro. Da “Revista do Rádio” examinamos as edições existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a partir de setembro de 1948 até dezembro de 1964. Dos outros periódicos, nos concentramos em datas significativas da história da emissora, já que o material era por demais amplo – caso do jornal que, por circular diariamente, tinha uma extensão que tornava impraticável a tarefa do rastreamento na sua totalidade – ou não cobria a duração do período analisado – casos de outras revistas especializadas em rádio.

Um problema com que nos deparamos para a realização desta pesquisa foi a falta de preservação da memória radiofônica sonora. Não temos ainda, infelizmente, o hábito de guardar gravações e scripts. Nem mesmo em emissoras de grande porte, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, existiu uma cultura de conservação⁵. Muito da nossa história se perdeu e muitas fitas foram

⁵ Como exemplo desse descaso, Saroldi e Moreira (2005, p. 187-8) contam que parte do acervo da Nacional foi transferida ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em 1972, por iniciativa da então diretora Neusa Fernandes que “ao saber que Paulo Tapajós encontrara os discos de programas da Nacional jogados num dos banheiros do prédio e empilhados no corredor, a diretora solicitou ao senhor Pandiá Pires, então superintendente da emissora, a doação oficial de discos e arranjos do Arquivo da PRE-8.” Eram cerca de 40 mil discos e 20 mil arranjos (totalizando 357.985 partituras), que somente depois de muita perseverança, estão desde 1998 classificados e

reaproveitadas para gravação de novos programas. Carlos Alberto Vizeu (2004) conta que na Continental as produções – “os acetatos, fita de áudio velha, scripts velhos” – eram deixadas em uma sala e de tempos em tempos tudo era levado para o lixo. Muito do que ainda se possui não está sistematizado e faz parte de acervos particulares⁶, de profissionais que tiveram o cuidado de manter esta ou aquela produção. As reportagens que serão analisadas nesse trabalho são o exemplo claro dessa prática: o zelo com que o repórter Saulo Gomes registra sua carreira profissional e arquiva fitas de rolo, revistas e documentos em sua própria casa.

Para dar conta de resgatar parte da história da modalidade de reportagem praticada na Emissora Continental e de apresentá-la conceitualmente, estruturamos este trabalho em seis capítulos, além deste. Antes de entrarmos nas questões históricas propriamente ditas, apresentamos, no **capítulo 2**, a metodologia utilizada, com as bases que sustentam a História Oral e a Análise Documental, que adotamos como técnicas para a realização dos depoimentos e análise dos documentos escritos e sonoros.

No **capítulo 3** traçamos os principais aspectos e características que marcaram a história do radiojornalismo brasileiro desde seu surgimento, com Roquette Pinto, em 1923, até o final da década de 1940, quando surge a Emissora Continental. Tomamos a história do veículo e do próprio país como pano de fundo para situar aspectos históricos importantes do radiojornalismo.

A Emissora Continental é o foco do **capítulo 4**, onde, com base nas entrevistas e pesquisas bibliográfica e documental, apresentamos a forma de trabalho jornalístico da emissora, como e com quais características a reportagem passou a figurar em seu noticiário, o papel de Carlos Palut na consolidação dessa forma de estruturar a informação radiofônica e as grandes coberturas feitas pelos “Comandos Continental”.

organizados em dez salas no 3º. andar do edifício conhecido como “Anexo do MIS”, no bairro da Lapa.

⁶ Parte desse acervo está fora do alcance de pesquisadores e interessados, já que é, na maioria dos casos, desconhecido. Em 1983, no entanto, o jornalista José Maria Manzo fundou a “Collector’s Editora” com material cedido por colecionadores, produtores de programas e artistas com o objetivo de preservar a memória radiofônica das décadas de 1940 e 1950. Em 1991, após um convênio com o MIS, o acervo da empresa foi ampliado e hoje ela dispõe de mais de 1.200 programas, a maioria das rádios Nacional e Tupi, segundo Saroldi e Moreira (2005). Não há nos arquivos da Collector’s nenhuma gravação da Emissora Continental. O acervo pode ser consultado pelo site <http://www.collectors.com.br/>.

Entendemos que este trabalho tem esse aspecto de resgate histórico bastante evidenciado. Entretanto queríamos ir um pouco além, buscando entender o que é essa reportagem radiofônica que tanto marcou a história da Emissora Continental. Se nos capítulos 3 e 4 apontamos aspectos históricos que marcaram o desenvolvimento do veículo e do jornalismo, procuramos, no **capítulo 5**, evidenciar quais características têm o veículo rádio, como se alicerça sua linguagem, sua programação e como nesse contexto, com estudos baseados na contemporaneidade, se insere a radioreportagem. Partimos, portanto, das características do veículo, sua linguagem e seus formatos de programas para chegar a uma das unidades da informação, a reportagem.

Com os conceitos estabelecidos sobre a reportagem entrelaçados aos aspectos narrados pelos remanescentes da Emissora Continental, no **capítulo 6** tecemos considerações sobre o *corpus* desta pesquisa - duas reportagens da Emissora Continental produzidas por Saulo Gomes na década de 1950. As reportagens nos foram cedidas pelo repórter Saulo Gomes e podem ser tomadas como indicativos da forma de trabalho dos “Comandos Continental”.

Consideramos que este trabalho não esgotará o assunto da reportagem radiofônica ou da Emissora Continental, mas pretende contribuir com as pesquisas em comunicação, apontando com mais exatidão como se iniciou o percurso da radioreportagem no Brasil e oferecendo a possibilidade de conversão das descobertas em conteúdo analítico para o ensino de radiojornalismo e para a produção de reportagens por emissoras comerciais, educativas ou comunitárias.

2 METODOLOGIA

Quando nos decidimos pelo uso de entrevistas como forma de resgatar parte da história da Emissora Continental, sabíamos que a elas não poderia ser dado o tratamento jornalístico, já que faziam parte de uma pesquisa científica. Lançamos mão, então, da história oral para que pudéssemos ter, como afirma Meihy (2002, p 15), “uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”. Este é um dos pressupostos da história oral, que a evidencia como história viva: “História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas ou de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente”. (MEIHY, 2002, p. 13)

Como em outras áreas, está claro para Fenelon (1996, p. 25) que

[...] o campo da História Oral, com todos os vieses do fazer historiográfico, comporta discussões sobre as diferenças, multiplicidades e diversidades tanto quanto qualquer outra maneira de fazer ou praticar a abordagem de um objeto das ciências do social.

Encontramos também, na bibliografia pesquisada, essa multiplicidade de possibilidades na condução de nosso projeto. Fizemos a opção pela corrente inglesa da história oral, representada, entre outros, por Paul Thompson. Embora destacando as orientações de Thompson, buscaremos nesse capítulo alargar a discussão ao contemplar também outras visões da história oral, como as da corrente americana, que tem em José Carlos Sebe Bom Meihy uma de suas referências.

2.1 Modalidades de História Oral

A contribuição de depoimentos orais para pesquisas científicas vem de muito tempo e já hoje está superada a discussão, ocorrida no surgimento da história oral, de que as evidências obtidas por meio de entrevistas poderiam estar contaminadas com a subjetividade dos depoentes ou que estes poderiam apresentar

uma versão distorcida pela deterioração da memória. De uma forma ou de outra, as fontes históricas, sejam as orais, escritas ou visuais, têm traços de subjetividade já que, como afirma Thompson (1998, p. 197), “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva”. E toda fonte também pode apresentar distorções, dependendo de quem é o emissor, como salienta Portelli (1997, p. 32), quando afirma que “constantemente, documentos escritos são somente a transmissão sem controle de fontes orais não identificadas”.

Com isso fica claro que o documento escrito, ou o iconográfico, não é superior nem inferior ao oral em termos de validade histórica. Devem prevalecer apenas os cuidados que todo pesquisador precisa tomar quando vai se valer de qualquer documento: verificar se não é uma falsificação, com que finalidade e quem o produziu e, no caso específico das fontes orais, “buscar a consistência interna, procurar confirmação em outras fontes, e estar alerta quanto ao viés potencial” (THOMPSON, 1998, p. 140).

A maneira de tratar as fontes orais é determinante, também, para indicar de que modo se está lidando com a história oral: como uma técnica, como um método ou como uma disciplina independente. Quando se lança mão da história oral como técnica “deve-se supor que exista uma documentação paralela, escrita ou iconográfica, e que os depoimentos seriam mais um complemento.” (MEIHY, 2002, p. 43) Ocorre, nesse caso, um diálogo entre as diferentes fontes escritas e orais. Quando os depoimentos são focalizados como a parte central dos estudos, a história oral é entendida como método. Existem também teóricos que, segundo Meihy (2002, p. 46) a tratam como “um estudo com objeto definido e com implicações filosóficas que, inclusive, teriam encaminhamento político”. O autor não despoza esta perspectiva e indica que esta seria a vanguarda da história oral quando “busca fixar fundamentos epistemológicos capazes de dar forças à proposta da história oral como disciplina” (MEIHY, 2002, p. 46).

Neste trabalho, adotamos a história oral como técnica na medida em que intentamos promover o diálogo entre os depoimentos colhidos e informações veiculadas em livros, produções em áudio e vídeo e periódicos da época estudada – 1948 a 1964. Dessa forma estaremos realizando o que Meihy (1996, p. 50) chama de história oral híbrida⁷, ou seja, “as narrativas trabalhadas em *diálogo* com outros

⁷ A outra modalidade de história oral seria a pura, que sagra “a palavra como elemento apenas passível de ser comparado, exclusivamente, com outras palavras.” (MEIHY, 1996, p. 50)

tipos de códigos, equiparadas com informações contraditórias, captadas de diversas maneiras e cotejadas até em vista da própria historiografia em sentido amplo” (grifo do autor).

Independentemente do tratamento dado aos depoimentos no desenvolvimento do projeto, ou seja, se eles serão um complemento ou a parte central da pesquisa, a história oral se subdivide em História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. Na primeira modalidade enfoca-se a narrativa das experiências de uma pessoa ou de uma coletânea de narrativas, “uma vez que pode ser que nenhuma delas seja, isoladamente, tão rica ou completa como narrativa única” (THOMPSON, 1998, p. 303). Na segunda acepção, a preocupação volta-se para o esclarecimento de algum evento definido. E a terceira subdivisão, Tradição Oral, é, segundo Meihy (2002, p. 149) “uma das mais complexas e raras expressões da história oral”. Busca-se o estudo de lendas, mitos, costumes e história perpetuados pela via oral.

Adotamos, neste projeto, a História Oral Temática uma vez que intentamos entender como se deram o surgimento e o desenvolvimento da reportagem na Emissora Continental. “Mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato, pretende-se que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão discutível ou contestatória”. (MEIHY, 2002, p. 146)

2.2 Entendendo a Memória

Uma questão que merece atenção do pesquisador que trabalha com história oral é entender que a memória pode ser individual, social ou coletiva. “É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que revelam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas” (MEIHY, 2002, p. 54). Cada indivíduo processa sua memória baseado na compreensão que teve – e tem – do tema, do interesse que esse tema suscita e sua disposição de “voltar ao passado” e relembra-lo. Com relação a esses dois últimos itens, foram perceptíveis a satisfação e o interesse com que cada um dos entrevistados, que na indicação de Meihy (2002) devem também ser chamados de

colaboradores⁸, falou sobre a Continental. Todos nos receberam prontamente e se colocaram à disposição para novos contatos. O que ouvimos em uníssono é que a Continental era parte integrante e importante de suas vidas profissionais, foi pioneira em muitas questões e, por isso, essa história merecia ser registrada. Trabalhamos, portanto, com as memórias individuais dos entrevistados, que foram registradas no conjunto social vivido e se transformaram em memória coletiva na medida em que os depoimentos foram construídos “pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando sua identidade”. (MEIHY, 2002, p. 55)

No olhar que lançamos a cada depoimento, procuramos não perder de vista o fato de que nossas memórias movimentam-se entre o passado e o presente, em um ato de constante reprocessamento das experiências vividas. À medida que colecionamos outras vivências, vamos olhar o passado com outros olhos, como sublinha Thomson (1997, p. 57):

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências: quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido.

Esse contínuo olhar para o passado com os olhos do presente não vai, na visão de Thompson (1998, p. 183), comprometer a reconstrução da história, muito pelo contrário, uma vez que “os fatos de que as pessoas se lembram (e se esquecem) são, eles mesmos, a substância de que é feita a história”. E o autor vai além, quando afirma que “em suma, a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles vivenciados e lembrados na imaginação” (THOMPSON, 1998, p. 184). Meihy (2002, p. 50) também chama a atenção para a maneira como recompomos nossas lembranças e aponta o caráter nostálgico que têm as memórias: “por ser uma construção baseada em referentes do passado, a história oral sempre abrigará uma visão redentora e passional do passado ou dos fatos”. Isso dará às narrativas um colorido heróico e desbravador quando o tempo passado estiver sendo relatado:

⁸ “Colaborador é um termo importante na definição do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado. É sobretudo fundamental porque estabelece uma relação de compromisso entre as partes.” (MEIHY, 2002, p. 108)

“este é sempre um tempo encantado, repleto de aspectos heróicos e cheio de força explicativa das futuras mudanças” (MEIHY, 2002, p. 83).

São por esses aspectos que se pode afirmar que a fonte oral se assemelha também a um livro autobiográfico – que é aceito como documento escrito – mas com uma vantagem adicional: pode ser questionada pelo pesquisador na tentativa de “descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (THOMPSON, 1998, p.197).

A entrevista é o momento desse cavar e, para isso, o entrevistador precisa estar preparado, principalmente, para ouvir, demonstrar interesse, respeito e compreensão pela opinião dos entrevistados. Antes do início do processo das entrevistas é necessário, entretanto, que o pesquisador tenha estabelecido a colônia, ou seja, o grupo a ser estudado ou a ampla coletividade relacionada ao tema proposto (no caso de História Oral Temática). Dessa colônia sairá a rede de entrevistados, que norteará a escolha dos colaboradores: “cortes racionalizados devem ser feitos, tais como: abordar somente as mulheres, ou apenas os homens; os mais velhos [...]” (MEIHY, 2002, p. 166).

Neste trabalho, entende-se por colônia todos os profissionais de rádio que tenham tido algum envolvimento com a emissora Continental, seja no trabalho radiojornalístico, no esporte, na operação técnica ou na parte administrativa. Não foi possível estabelecer a rede de entrevistados de antemão, já no início do projeto, uma vez que não possuíamos informações sobre onde estariam os remanescentes da Emissora Continental. Carlos Palut, sempre mencionado pelos autores, já havia falecido e tínhamos dificuldade em localizar outros integrantes da Continental, como Ary Vizeu, e os demais citados por Felice (1981, p. 69): “Integravam essa equipe Manoel Jorge, Paulo Caringi, Dalwan Lima, Perez Júnior, Jorge Sampaio, Paulo Cesar Ferreira, os quais eram chamados de ‘profissionais do microfone volante’”.

Desde a definição do projeto e o ingresso no programa de Mestrado (início de 2004), buscávamos a localização dos integrantes da colônia de entrevistados. Foram feitas consultas a membros de listas de discussão de rádio (como, por exemplo, a lista do grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom - intercom.midia.sonora@grupos.com.br) e pesquisas na Rede Mundial de Computadores. Entretanto, os resultados demoraram a aparecer. Somente no mês de julho de 2004 é que encontramos a página pessoal do repórter Saulo Gomes

(<http://www.saulogomes.com.br>). A partir dessa descoberta conseguimos localizá-lo⁹ e realizamos a primeira entrevista, que foi bastante reveladora, na medida em que nos forneceu muitos dados sobre o jornalismo praticado pela Continental. Conseguimos também, nessa entrevista, o paradeiro de outros dois ex-integrantes da emissora: o senhor Ary Vizeu e seu filho, Carlos Alberto Vizeu. A partir da segunda entrevista com os Vizeu, a rede de relações se ampliou e tivemos acesso a Jorge Sampaio e Paulo César Ferreira. Este último nos indicou o paradeiro de Afonso Soares e Celso Garcia. Também durante o XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom de 2004), realizado em Porto Alegre, pudemos conversar pessoalmente com pesquisadores do grupo de Rádio e Mídia Sonora e, por meio dos professores Ana Baumworcel e João Baptista de Abreu Junior, da Universidade Federal Fluminense, chegamos a Paulo Caringi e Teixeira Heizer. A todos os entrevistados foram solicitadas informações sobre outros integrantes da emissora. Entretanto, a rede de colaboradores fechou-se nesses nove profissionais já que durante a etapa destinada às entrevistas nenhum novo nome foi descoberto. Mesmo não tendo encontrado novos remanescentes da Continental, entendemos que a rede ficou completa, já que muitas das informações começaram a ser repetidas pelos últimos entrevistados. Na visão de Meihy (2002, p. 124) “quando os argumentos começam a ficar repetitivos, deve-se parar as entrevistas”.

2.3 As formas de Entrevista

Existem diferentes formas de entrevistas: com roteiro anteriormente elaborado, deixando-se o entrevistado livre para falar o que quiser, ou, como prefere Thompson (1998, p. 158), mesclando os dois métodos “estimulando o informante a expressar-se livremente, mas introduzindo gradativamente um conjunto padronizado de perguntas na medida em que não tenham ainda sido respondidas”. Essa foi a maneira utilizada por nós para a realização das entrevistas para esta pesquisa. Entretanto, nos primeiros contatos, quando ainda havia pouca informação sobre a

⁹ Utilizamos o e-mail indicado na página para estabelecer contato com o repórter, mas não obtivemos resposta. Depois de novas pesquisas, descobrimos Saulo Gomes havia ingressado na Academia Riberãoopretana de Letras (<http://sites.netsite.com.br/arl/default.php>) e lá conseguimos seu telefone.

emissora e as práticas jornalísticas do seu dia-a-dia, fizemos entrevistas mais exploratórias e apresentamos várias questões para os entrevistados, de acordo com as informações que nos passavam. Nas últimas entrevistas pudemos assumir um papel mais evidente de ouvinte, permitindo que os entrevistados falassem mais livremente, mas, como orienta Thompson (1998) apresentando novos assuntos que ainda estavam encobertos.

Desde a primeira entrevista possuíamos um questionário básico de perguntas que serviram de roteiro. Em nenhum momento este roteiro foi entendido como uma amarra para a conversa que se estabeleceu entre a pesquisadora e os colaboradores, mas foi usado como um norteador. A cada entrevista, o roteiro era revisitado e, novas questões, acrescentadas. Optamos também por um roteiro indireto e dedutivo (MEIHY, 2002, p. 146), para que as narrativas pudessem ser contextualizadas e possibilitassem um alargamento “dos horizontes que integram os fatos”. Embora nosso propósito não fosse fazer História Oral de Vida, em certos momentos as perguntas procuravam também aspectos pessoais de cada entrevistado na busca do “enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas” (MEIHY, 2002, p. 148). Como nossa preocupação residia na compreensão da reportagem na Continental desde seu surgimento, desenvolvimento, prática diária e equipe envolvida, tivemos mais de uma pergunta de corte¹⁰.

A entrevista possibilitada pela história oral também abre um leque para que o pesquisador descubra documentos escritos, visuais ou sonoros aos quais não teria acesso de outra forma. Foi o que ocorreu no desenvolvimento do nosso trabalho. Muitas das fotos e dos documentos escritos da Continental que se verão nas próximas páginas vieram dos arquivos particulares dos entrevistados – principalmente de Paulo Caringi –, assim como as duas reportagens que serão analisadas, frutos do capricho com que Saulo Gomes documentou sua carreira profissional.

Todas as entrevistas foram gravadas em MD (mini-disk) e depois foram digitalizadas e arquivadas em CD (compact-disk). A possibilidade da gravação é fundamental nas pesquisas de história oral porque “todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as

¹⁰ Pergunta de corte é a questão que deve estar presente em todas as entrevistas e que serve para abordar o tema, ou os temas, tratado pelo projeto.

nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto” (THOMPSON, 1998, p. 146).

Muitos historiadores orais preferem fazer inicialmente um primeiro encontro, conversar com a fonte e somente em uma segunda ocasião gravar a conversa. Thompson (1998, p. 268) discorda e aconselha: “Segundo minha própria experiência, o melhor é pôr o gravador a funcionar logo que você possa, assim que comece a falar” (THOMPSON, 1998, p. 268). Em nossa experiência, tivemos dois problemas com o uso do gravador: na primeira entrevista, o equipamento acusou um mau funcionamento e a primeira meia-hora de conversa se perdeu. Como isso foi logo percebido, essa meia hora foi imediatamente regravada. Na segunda (com Ary Vizeu e Carlos Alberto Vizeu), assim que nos sentamos, Carlos Alberto Vizeu – que já sabia do tema pelo contato telefônico feito anteriormente – começou a falar. O gravador ainda não estava ligado e, novamente, os primeiros minutos da conversa não foram registrados. Ligamos o aparelho e no decorrer da entrevista voltamos aos pontos narrados inicialmente. Diante desses fatos, o que passamos a fazer a partir da terceira entrevista era chegar com o equipamento já ligado, esperando apenas o toque no botão de *pause* para dar início à gravação.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente¹¹, na casa dos entrevistados, na cidade do Rio de Janeiro, com exceção de duas: a de Teixeira Heizer, gravada em um restaurante em Niterói, e a de Saulo Gomes, conduzida em seu escritório, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Em todos os casos, os locais foram escolhidos pelos próprios entrevistados. No momento da entrevista, procuramos ficar a sós com os entrevistados. Somente em dois casos essa situação foi alterada: na entrevista com Afonso Soares, seu filho Celso Soares estava ao lado, já que o pai estava muito doente, deitado em uma cama e com dificuldades para falar. Também na casa da família Vizeu, pai e filho foram entrevistados ao mesmo tempo. Ary Vizeu, à beira de completar 85 anos, com receio de falhas na memória, pediu que a entrevista fosse realizada na presença do filho. Somente no transcorrer da conversa descobrimos que Carlos Alberto Vizeu também trabalhara na emissora. No início, Ary Vizeu começou falando pouco, mas, no decorrer da

¹¹ Embora tivéssemos a possibilidade técnica de realizar as entrevistas por telefone, por meio de um aparelho chamado “híbrida”, fizemos questão de viajar aos locais das entrevistas e realizá-las pessoalmente. Esta postura está em consonância com o que diz Meihy (2002, p.28): “é fundamental garantir que não se pretende uma história oral em que os recursos tecnológicos supram a necessidade dos contatos diretos. Assim, deve-se deixar claro que não se faz entrevista por telefone ou por qualquer outro meio que anule a relação direta.”

entrevista, passou a apresentar suas valiosas contribuições. Thompson (1998, p. 161) entende que entrevistas aos pares são também produtivas porque um “pode estimular a memória do outro, ou corrigir um engano, ou oferecer uma interpretação diferente”.

Não foi pedido a nenhum dos entrevistados que assinasse um termo de cessão dos direitos das entrevistas. Essa questão é bastante polêmica entre os historiadores orais. Thompson (1998) explica que legalmente, em uma gravação, existem dois direitos autorais: a da gravação propriamente dita pertence ao entrevistador ou instituição que fez ou encomendou a entrevista, já as informações são de propriedade do entrevistado. Alguns defendem que se precisa sempre pedir um termo assinado que ceda para o pesquisador as informações contidas na gravação. Um dos defensores dessa linha é Meihy (2002, p. 175) que afirma que “toda entrevista, depois de acabada, deve ter um duplo termo de cessão¹², assinados pelo depoente”. Já Thompson (1998, p.287) entende que essa prática não é necessária, uma vez que “parece claro que uma pessoa que, sabedora de que um historiador está colhendo material para uma pesquisa, concordou em ser entrevistada não teria muitos motivos justificados para se queixar quando descobrisse ter sido citada num trabalho”. O autor aconselha que se deixe “essa questão sem resolver”. Ele argumenta que a insistência em se ter um termo de cessão dos direitos legais por escrito pode preocupar o entrevistado e deixá-lo acanhado. Em nosso caso, todos os entrevistados foram devidamente avisados de que estávamos desenvolvendo uma pesquisa para o curso de Mestrado e consentiram na gravação da entrevista.

Depois das entrevistas gravadas, procedemos à etapa da transcrição do material. Esse é outro momento delicado da metodologia da história oral porque consome muito tempo – estima-se que para cada hora de gravação gastem-se pelo menos seis horas para a transcrição – e, como afirma Portelli (1997, p. 27), apresenta o complicador de transformar “objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação”. Quando passada para o papel, que é estático, a palavra falada pode ser alterada porque perde a gestualidade, a expressão facial e o tom, ritmo e timbre originais da voz. Para se evitar deformações, o autor alerta para o uso adequado da pontuação, não seguindo as regras

¹² O duplo termo de cessão deve “explicitar se a autorização é dada para se ouvir a fita (toda ou em parte) e/ou para ser lida e usada a transcrição (toda e/ou em parte)” (MEIHY, 2002, p. 175)

gramaticais, mas buscando o sentido do que foi dito, procurando indicar as pausas e apontando alterações de ritmo ou timbre, risos e gestos significativos. Thompson (1998, p. 292) entende também que é recomendável que a pessoa que fez a entrevista transcreva-a porque “é a mais capaz de garantir a precisão da transcrição”. Foi o que fizemos em oito das nove entrevistas¹³. As mais de 11 horas de gravação se transformaram nas páginas impressas que estão anexadas ao final deste trabalho.

O momento da citação dos depoimentos no corpo da pesquisa também requer cuidados especiais. Para Thompson (1998, p. 293), a fala não deve ser reescrita para se adequar à língua culta. O máximo que se permite é omitir “o gaguejar em procura de uma palavra”. Entretanto, “outro tipo de hesitações e de ‘muletas’, como ‘você sabe’ ou ‘veja bem’ devem ser incluídos”. Nas citações que se seguirão neste trabalho, tomamos o cuidado em preservar a fidelidade dos depoimentos da maneira como foram pronunciados e retiramos apenas palavras repetidas, como o indicado por Thompson (1998). Fizemos, portanto, a chamada transcrição do material.

Além da transcrição, existem ainda dois outros modos de trabalhar as entrevistas, segundo Meihy (2002, p. 172): a textualização e a transcrição. Nestas modalidades “assume-se que a entrevista deve ser ‘corrigida’ e que o ideal é a manutenção do sentido intencional dado pelo narrador que articula seu raciocínio com as palavras”. Procede-se a uma sintetização das idéias buscando o melhor entendimento do sentido apresentado nas narrativas. Na textualização as perguntas são suprimidas e o texto passa a ser “dominantemente do narrador, que surge como figura única por assumir o exclusivismo da primeira pessoa”. Na transcrição, última etapa do processo de tratamento das entrevistas segundo Meihy (2002, p. 173), evoca-se os “pressupostos da tradução” e o texto é recriado. “Com isso, afirma-se que há interferência do autor no texto, que ele foi refeito várias vezes e que tudo deve obedecer a acertos combinados com o colaborador, que vai legitimar o texto”. (MEIHY, 2002, p. 173)

Embora a simples transcrição seja considerada por Meihy (2002, p.171) como “conservadora e retrógrada”, optamos por seguir o posicionamento de

¹³ A transcrição de uma das entrevistas (a de Teixeira Heizer) foi terceirizada para que houvesse tempo hábil de ser incluída nos capítulos apresentados na Qualificação. Entretanto, depois de feita a transcrição, esta foi conferida e revisada com acuidade por esta pesquisadora.

Thompson que entende que as narrativas não devam ser reescritas para que se possa “construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário”. (THOMPSON, 1998, p. 18-9)

Um outro procedimento apregoado pela corrente americana e defendido por Meihy (2002) é que as narrativas, depois de passadas para o papel, devam ser enviadas aos colaboradores para serem revistas. Thompson (1998) avalia que existem dois lados – um positivo e outro negativo – nessa prática. Pode ser proveitoso por estimular novas lembranças e novas informações, mas também corre-se o risco da fonte querer reescrever a fala original e deixá-la como prosa escrita convencional. Por este aspecto negativo, não adotamos o procedimento de enviar as transcrições para serem revisadas pelos colaboradores.

2.4 Análise Documental

Além da História Oral, valemo-nos também da Análise Documental na busca por evidências em documentos escritos, iconográficos e sonoros que pudessem ser entrelaçados aos depoimentos. Nossa pesquisa centrou-se em periódicos, como “Revista do Rádio”¹⁴, “Radiolândia”¹⁵ e “Correio da Manhã”, em alguns documentos (escritos e sonoros) cedidos pelos entrevistados e produções em áudio e vídeo sobre a história do rádio e do radiojornalismo. Lidamos, portanto, com documentos de origem primária e secundária¹⁶. O acesso aos documentos primários somente foi possível em função das entrevistas realizadas. Paulo Caringi, por exemplo, parou a entrevista por diversas vezes em busca de documentos e fotografias que corroborassem a sua fala. Com esse expediente, tivemos acesso a documentos reveladores, tais como o livro ponto da emissora do dia 27 de dezembro de 1951 e o “Plano para a grande cobertura radiofônica do carnaval de 1954” elaborado pela “Divisão de Imprensa Falada” da Continental. As duas reportagens

¹⁴ Circulou de 1948 a 1970.

¹⁵ Circulou de 1953 a 1963

¹⁶ Moreira (2005) salienta que a mídia impressa (jornais e revistas) e eletrônica (gravações magnéticas e digitais de som e vídeo) são documentos de origem secundária e documentos oficiais ou internos de uma empresa pertencem à categoria de fonte primária.

da Emissora Continental também só foram localizadas depois do contato com Saulo Gomes, um dos únicos que ainda guarda material sonoro da emissora¹⁷.

Com relação aos periódicos, a maior pesquisa foi feita na “Revista do Rádio”. Nela rastreamos todos os exemplares disponíveis na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro de 1948 a 1964. Optamos por priorizar a “Revista do Rádio” por se tratar do único periódico especializado no veículo que abrangia todo o período estudado. Como a revista “Radiolândia” não preenchia todo o período estudado e não havia tempo hábil para pesquisar todos os dias de circulação do jornal “Correio da Manhã”, optamos por procurar informações nesses periódicos somente em algumas datas-chave como, por exemplo, no período do surgimento da emissora e épocas de carnaval.

Também consideramos documentários e depoimentos sobre o rádio e o radiojornalismo, gravados em vídeo e áudio, como documentos. Como afirma Moreira (2005, p. 275), “o som e a imagem em movimento agrupam elementos originais e, em alguns casos, em versões únicas”. Dessa forma, buscamos informações no Vídeo-Documentário “Rádio no Brasil, 1922-1990”, produzido pela Tele Tape, TVE Rio de Janeiro e Art Plan, com criação e direção de Carlos Alberto Vizeu; nos dois CDs que acompanham a obra de Reinaldo Tavares, “Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo”; e no documentário “O Rádio no Brasil”, produzido em 1988 pelo Serviço Brasileiro da BBC de Londres, tendo a coordenação de Luiz Alfredo Hablitzel, texto de Valvênio Martins e pesquisa de Luiz Carlos Saroldi.

Tomamos, também, os exemplos sonoros de reportagem da Continental como uma espécie de documento primário. As duas reportagens nos foram cedidas pelo seu autor, o repórter Saulo Gomes, e foram produzidas e veiculadas na década de 1950. Elas serão analisadas como se fossem documentos uma vez que intentamos promover seu diálogo com os depoimentos coletados e as reflexões feitas sobre a natureza da reportagem radiofônica. Entendemos que o entrelaçamento com as características da reportagem e os depoimentos dos colaboradores nos proporcionará uma evidência do trabalho da Continental e das características com que nasceu a reportagem no rádio brasileiro.

¹⁷ Outro entrevistado que ainda guarda material sonoro da Continental é Carlos Alberto Vizeu, que dispõe da gravação de um programa intitulado “Operação V”.

Antes, porém, de apresentarmos o entrelaçamento de todas essas informações na abordagem da Emissora Continental e de como se deu a prática da reportagem externa na década de 1950, no próximo capítulo vamos destacar alguns aspectos da história do rádio que são importantes para entendermos o momento que vivia o veículo e o radiojornalismo quando surgiu a emissora Continental.

3 O INÍCIO DO RÁDIO E DO RADIOJORNALISMO NO BRASIL

Desejo vivamente que esta burguesia, além de ter inventado o rádio, invente outra coisa, um invento que torne possível estabelecer de uma vez por todas, o que se pode transmitir pelo rádio.
Bertold Brecht

Não é objetivo desse trabalho contar em detalhes a história do rádio e do radiojornalismo. Entretanto, pretendemos pontuar os momentos mais expressivos do veículo até a década de 1950, para entendermos como se deu o seu desenvolvimento e como o radiojornalismo se inseriu nesse percurso. Nosso ponto de chegada, neste capítulo, é o cenário em que surge a Emissora Continental do Rio de Janeiro, em 1948, e como se encaixa, nesse panorama, o radiojornalismo praticado por ela.

O rádio e o radiojornalismo estabeleceram uma parceira desde as primeiras emissões das ondas hertzianas no Brasil e no mundo. Muitas emissoras começaram suas transmissões fazendo jornalismo, mesmo que, como afirma Ortriwano (1990, p. 38), “na ocasião, não recebessem a denominação específica de ‘programas jornalísticos’”. Um exemplo dessa parceria precoce pode ser verificado na emissora KDKA, a primeira dos Estados Unidos que, em 1920, iniciou suas emissões com o relato dos resultados¹⁸ da eleição presidencial norte-americana.

É importante salientarmos que, no tocante à história do radiojornalismo no Brasil, pouco se tem registrado. A pesquisadora Ortriwano (1990, p.34) entende que isso se deu porque “a evolução da programação jornalística é sempre considerada como parte do próprio desenvolvimento da radiodifusão, sem merecer destaque especial.” Com isso, apenas alguns aspectos marcantes foram apontados. Vale destacar, ainda, que as emissoras se espalharam por todo o território nacional. Entretanto, são poucos os trabalhos que relatam as experiências jornalísticas do rádio regional. A maior parte do que se tem registrado diz respeito a

¹⁸ O vencedor, o republicano Warren G. Harding, foi declarado vitorioso no dia 2 de novembro de 1920. Enquanto a maioria dos americanos somente iria saber do resultado no dia seguinte, moradores da área de Pittsburgh souberam da vitória no momento em que esta foi conhecida graças a Frank Conrad, um funcionário da Westinghouse, que operava a emissora.

emissoras dos grandes centros, mas, sem dúvida, como atesta Moreira (2000, p.11), “a prática radiofônica no Brasil vai além daquelas desenvolvidas por emissoras como a Nacional do Rio de Janeiro, a Record de São Paulo ou a pioneira Rádio Sociedade”.

3.1 O cenário da chegada do veículo

Desde o início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro, então capital da república, vinha sofrendo profundas mudanças urbanas e sanitárias, nos mesmos moldes das que ocorriam na Europa, principalmente na cidade de Paris. A partir de 1903, na gestão do presidente Rodrigues Alves e tendo à frente o prefeito Francisco Pereira Passos, o trabalho de modernização do Rio foi feito em três frentes: readequação do porto, saneamento e reforma urbana. Os velhos casarões do centro do Rio de Janeiro foram derrubados para dar lugar a amplas avenidas, onde podiam circular automóveis e ônibus; a população mais pobre, que ocupava esses casarões, se viu obrigada a dirigir-se às encostas dos morros; vacinas foram aplicadas, muitas vezes à força, em todos os moradores; o porto foi reformulado e o bonde elétrico, que funcionava desde 1892, já percorria toda a cidade, ligando seus pontos mais remotos. Havia nessas mudanças, no entendimento de Calabre (2004, p. 10), um desejo de “romper, definitivamente, com o passado colonial”.

Ainda nesse contexto de reformas, em 1922, a cidade do Rio de Janeiro é preparada para a comemoração do centenário da independência com a derrubada do Morro do Castelo. No local foram construídos os pavilhões que abrigaram uma grande exposição comemorativa. Como ponto alto das solenidades houve a primeira demonstração pública de rádio, com a transmissão do discurso do presidente Epitácio Pessoa e da obra “O Guarani”, diretamente do Teatro Municipal, para os alto-falantes que foram instalados nos postes do recinto da exposição e para 80 receptores que vieram com os transmissores e foram presenteados à elite do Rio e São Paulo. Notícias publicadas por jornais cariocas dão conta do impacto da transmissão:

Uma nota sensacional do dia de ontem foi o serviço de rádio-telephonia e telephone alto-falante, grande attractivo da Exposição.

O discurso do Sr. Presidente da República, inaugurando o certamen foi, assim, ouvido no recinto da Exposição, em Nictheroy, Petrópolis e São Paulo, graças à instalação de uma possante estação transmissora no Corcovado e de aparelhos de transmissão e recepção nos logares acima. (VAMPRÉ, 1979, p. 29-30)

Renato Murce estava presente a essa transmissão e ficou impressionado com o que ouviu. Ele também reproduz uma notícia publicada pelo jornal “A Noite”, do dia 8 de setembro de 1922:

Desse serviço se encarregaram a Rio de Janeiro and São Paulo Telephone Company, a Westinghouse International Company e a Western Electric Company. À noite, no recinto da Exposição, em frente ao posto de Telephone Público, por meio do telephone alto-falante, a multidão teve uma sensação inédita: a ópera Guarany de Carlos Gomes, que estava sendo cantada no Theatro Municipal, foi, ali, distintamente ouvida, bem como os aplausos aos artistas. (MURCE, 1976, p. 18)

Despertados por essa primeira emissão, começam a surgir no país os interessados pela radiodifusão. Menos de um ano depois, no dia 20 de abril de 1923, nasce a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, capitaneada pelo cientista, escritor e professor Edgard Roquette Pinto¹⁹ e Henrique Morize, presidente da Academia Brasileira de Ciências. A emissora tinha o slogan “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. Esse mote traduz bem com que característica nasceu o rádio brasileiro: educativo e cultural. Segundo Moreira (2000, p. 22) “aulas, conferências e palestras compunham a base da programação inicial”. Na área musical não havia espaço para o popular. O predomínio era da música erudita, principalmente de óperas, e os discos executados na Rádio Sociedade eram cedidos pela elite da época. Também ocorriam apresentações musicais ao vivo, com “a colaboração graciosa de alguns artistas da sociedade. Quase todos apresentavam números do mesmo estilo dos discos irradiados”. (MURCE, 1976, p. 19)

À Rádio Sociedade do Rio de Janeiro se seguiram outras, como a Rádio Clube de Pernambuco²⁰, a Sociedade Rádio Educadora Paulista e a Rádio Clube Paranaense. Até a década de 1930, o país já contava, segundo Sampaio (2004), com 19 emissoras em vários estados, como Bahia, Ceará, Maranhão, Minas

¹⁹ Chamado de Pai da Radiodifusão Brasileira

²⁰ Alguns autores apontam a Rádio Clube de Pernambuco como sendo a primeira emissora do país. Entretanto, Lopes (1970, p.34-5) esclarece que de 6 de abril de 1919 a 17 de outubro de 1923 ela estava ligada à radiotelegrafia. Em outubro de 1923 foi reorganizada e deu início a experiências de radiodifusão com um transmissor de 10 watts.

Gerais, Pará, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além dos já citados Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Paraná. Todas tinham o caráter de clubes ou sociedades que “[...] exigiam uma agregação em forma de pagamento de taxa de sócio-contribuinte” (FEDERICO, 1982, p. 47). Isso deixava o rádio pioneiro como uma “diversão” para poucos em função dessa taxa que precisava ser paga e também pelo caráter muito erudito da programação. Some-se a isso o fato de não haver transmissão regular, o que exigia paciência dos ouvintes.

Apesar do interesse de Roquette Pinto em produzir uma programação educativa popular de acesso fácil à maioria da população e com o rádio ajudando a resolver o problema educacional do País, as condições de acesso existentes na época faziam com que o novo veículo refletisse um nível de cultura compatível com o da elite, os privilegiados ouvintes de então. (MOREIRA, 2000, p. 23)

3.2 O Pioneirismo no Radiojornalismo

Roquette Pinto também é apontado pela maioria dos autores²¹ como o responsável pela introdução do jornalismo no rádio brasileiro. Seu “Jornal da Manhã” era produzido e apresentado por ele mesmo, como relata a filha, Maria Beatriz Roquette Pinto Bojunga, em depoimento gravado nos CDs que compõem o livro “Histórias que o Rádio não contou”, de Tavares (1997, CD1, faixa 8):

Ele fazia o “Jornal da Manhã” de uma maneira muito original. Ele pegava todos os jornais, com um lápis grande. Ele sempre andava com um lápis vermelho na mão. E ele apanhava o jornal e riscava todas as notícias que ele achava interessantes para o rádio. Depois que estava com os jornais todos riscados, ele tinha um telefone direto para a Rádio Sociedade. Então, ele mandava o João Nabi Junior, que era o técnico, ele dizia: pode por a estação no ar. E ele então, ele mesmo falava sobre cada assunto.

Como se percebe pelo depoimento de Maria Beatriz, Roquette Pinto não redigia previamente os radiojornais como se faz atualmente. Essa prática de redação prévia somente passou a ser feita, segundo Vampré (1979), no final da década de 1930. Castro (2005) afirma ainda que Roquette Pinto acordava às cinco

²¹ Beltrão (1960, p. 37) difere deste entendimento e, numa nota de rodapé, afirma: “Pernambuco detém o pioneirismo dos jornais falados no Brasil, lançados pela emissora PRA-8, do Recife, em fins de 1926, sob a orientação dos jornalistas Mário Libânio e Carlos Rios”.

horas da manhã para ler os jornais e às sete apresentava o noticiário²², dando destaque para os fatos internacionais. Mas não se tratava de uma simples leitura das notícias ao microfone. Lopes (1970, p.41) sustenta que o “Jornal da Manhã”

era o fato comentado, esmiuçado e interpretado com a autoridade do sábio. *Jornal da manhã*, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi iniciativa jamais igualada; através dele o comentarista apreciava os acontecimentos aparecidos nos noticiários dos jornais, lendo-lhe as manchetes e oferecendo um panorama inigualável de concisão, de realidade e de objetividade como somente ele poderia fazê-lo.

Dessa experiência de Roquette Pinto no “Jornal da Manhã” destacamos o fato da transmissão do jornal ocorrer pelo telefone. Essa prática no início da radiodifusão brasileira mostra que já era tecnicamente possível fazer entradas externas pelo telefone. Ou seja, o imediatismo de uma externa, uma das características do veículo, já poderia ter sido implantado desde os primórdios das transmissões informativas. Entretanto, o jornalismo inicial praticado pelas emissoras ainda estava muito preso ao papel e ao estúdio. As notícias lidas haviam sido escritas para os jornais impressos, eram de dias anteriores e não existiam repórteres que iam para as ruas em busca de fontes próprias de informação.

Um outro ponto a ser ressaltado é que Roquette Pinto comentava as notícias. Acrescentava a estas “novas informações sobre o país de origem, as personagens e os antecedentes do fato” (ORTRIWANO, 1990, p.63). Esse tipo de jornalismo comentado inaugurado por Roquette Pinto não foi seguido por outras emissoras, no entender de Lopes (1970). O autor sublinha que os outros noticiários

se limitavam à divulgação oral do que a imprensa publicava. Não havia opinião própria do órgão divulgador, nem fontes particulares e especiais de notícias. O fato e a sua importância limitavam-se à simples informação do acontecimento, com as cores que lhe davam a imprensa. (LOPES, 1970, p.42)

É por esse aspecto, reprodução literal dos jornais impressos, que os noticiários ganharam o nome de “jornais falados”. Ortriwano (1990, p. 64) relata ainda que no início eram comuns gafes como “continua na página tal”, ou “como se pode ver na foto ao lado”²³. Isso acontecia porque as páginas dos jornais impressos eram enviadas inteiras aos estúdios. Para evitar esse tipo de erro, passou-se a

²² Sampaio (2004, p. 117) informa que ao “Jornal da Manhã” de Roquette Pinto “seguiam-se mais três noticiosos: o do meio-dia, o da tarde e o da noite. Os demais horários eram tomados com números musicais e matéria instrutiva”. O autor ainda salienta que somente a partir de 1926 a programação da Rádio Sociedade passou a transmitida com regularidade.

²³ Infelizmente, até hoje se podem ouvir gafes como essas porque muitas emissoras ainda lêem os jornais impressos ao microfone.

recortar as notícias dos jornais, num processo que ficou conhecido como “gilette-press”, ou “tesoura-press”, ou ainda “tesoura e goma”.

Na avaliação de Murce (1976), com exceção do “Jornal da Manhã” de Roquette Pinto, é a prática da “tesoura e goma” que vai marcar o radiojornalismo da década de 1920 e parte de 1930. Entretanto, alerta, “o rádio não ficava indiferente aos acontecimentos de vulto da época. Aliás, bem numerosos e interessando vivamente a opinião pública. Eles eram comentados em forma de crônicas” (MURCE, 1976, p. 27). Como “acontecimentos de vulto”, Murce lista eventos científicos, pitorescos e os dramas. Entre os dramas que moviam as crônicas, o autor destaca a prisão e posterior execução de Peter Kuersten, o Vampiro de Dusseldorf²⁴; a saga de Sacco e Vanzetti²⁵ e o seqüestro e morte do filho do aviador americano Charles Lindbergh, que terminou com julgamento e condenação do carpinteiro Bruno Hauptman²⁶, acusado do crime. Sobre este último fato, Murce (1976, p. 28) recorda:

Depois de 37 dias de dramático julgamento, foi condenado também a morrer na cadeira elétrica. Quando isso ocorreu, a Rádio Mayrink Veiga já tinha lançado, através da pena brilhante de Genolino Amado e na voz magnífica de César Ladeira, uma crônica diária sobre todos os assuntos palpitantes da época. Lembro-me que a página escrita no dia da execução do carpinteiro alemão foi uma das coisas mais belas e emocionantes que ouvi em toda a minha vida radiofônica.

Ainda na década de 1930 o rádio dá mais mostras de que pode ir além do entretenimento. Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista deflagrada em São Paulo, que lutava pela convocação de uma Assembléia Constituinte, o rádio foi a arma encontrada pelos paulistas para divulgar os acontecimentos ao restante do país, já que estavam isolados pelo cerco das forças federais. Uma intensa “guerra” radiofônica também se travou. As emissoras paulistas divulgavam notícias, comentários e discursos em prol da Revolução. Já o presidente Getúlio Vargas utilizava-se de emissoras de outros estados e procurava passar a imagem dos paulistas como separatistas “que pretendiam tornar São Paulo uma ‘república italiana’”. Nas emissoras do Norte e Nordeste, discursos preconceituosos

²⁴ Peter Kursten foi executado (na guilhotina) em 02/07/1931 acusado de matar nove pessoas na cidade de Dusseldorf - Alemanha, entre 1929 e 1930.

²⁵ Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti (ambos anarquistas italianos) foram eletrocultados em Massachussets - EUA, em 22 de agosto de 1927, acusados do assassinato de dois homens ocorrido no dia 5 de maio de 1920.

²⁶ Lindbergh foi o primeiro piloto a sobrevoar o Atlântico, entre Nova York e Paris, num vôo solitário, em 1927. Pelo feito tornou-se herói nacional americano. Seu filho, de 1 ano e 8 meses, foi seqüestrado em 1932 e o julgamento de Bruno Hauptman começou em 1935.

contra as regiões eram narrados com sotaque nitidamente paulista.” (JAMBEIRO et al., 2004, p. 41)

Duas vozes se destacaram durante as transmissões: pela Rádio Cruzeiro do Sul, Celso Guimarães e pela Rádio Record, César Ladeira:

A rapidez com que as notícias podiam ser veiculadas, o posicionamento de cada emissora, a popularidade alcançada por César Ladeira, da Rádio Record – que ficou conhecido como o locutor oficial da Revolução constitucionalista –, demonstraram que o rádio era em si mesmo um veículo revolucionário, com seu largo alcance e rapidez na divulgação dos fatos. Ele tinha vindo para ficar. (CALABRE, 2004, p.18-9)

Se no Brasil os primeiros anos de radiojornalismo foram uma experiência rudimentar, sem o aproveitamento das características do veículo (que veremos em detalhes no capítulo 5), limitando-se aos jornais falados e às crônicas, em que se sobressaíam a figura dos locutores/*speakers*, e a transmissão de dentro dos estúdios, Ortriwano (1990, p. 44) revela que nos Estados Unidos desde a década de 1920 eram realizadas reportagens externas, “diretamente do palco da ação”. A primeira ocorreu em 1927 com a CBS (Columbia Broadcast System) e a NBC (National Broadcasting Corporation) reportando a chegada de Charles Lindbergh a Washington.

Na década de 1930 os americanos agregaram ao radiojornalismo novos avanços tecnológicos e o telefone passou a ser, definitivamente, mais um instrumento para a transmissão de qualquer local e, muitas vezes, simultaneamente ao acontecimento. Na experiência americana, algumas reportagens chegaram a ser feitas com vários repórteres falando de diferentes locais, como relata Jimmy Garcia Camargo: “Em 1938, a CBS norte-americana, em função da ‘Crise de Munique’, realizou o diálogo informativo com a participação de correspondentes de cinco cidades: Londres, Viena, Berlim, Paris e Roma.” (GARCIA CAMARGO apud ORTRIWANO, 1990, p. 48-9)

3.3 Fim do Ideal Educativo e Cultural

Como já vimos, o radiojornalismo brasileiro na década de 1930 ainda estava preso ao estúdio e aos jornais impressos e ainda não seguia as práticas

norte-americanas de externas, com repórteres garimpando informações e transmitindo diretamente do palco dos acontecimentos. Já na forma de organizar a radiodifusão e a programação, a influência americana começa a se fazer mais forte. O ideal cultural e educativo das primeiras emissoras brasileiras vai perdendo força com a popularização dos programas e a necessidade de regulamentar a comercialização de mensagens publicitárias que, segundo Vampré (1979), começaram a ser veiculadas em 1927.

O distanciamento entre o rádio e a educação atingiu seu clímax a partir de 1931 quando, por meio do decreto nº 20.047, a publicidade foi permitida e um ano depois regulamentada pelo governo federal com base no decreto nº 21.111. Segundo Vampré (1979, p. 48), o governo de Getúlio Vargas baseou-se na legislação norte americana: "Com o decreto nº 20.047, de 27 de maio de 1931, o Brasil adotou o modelo de radiodifusão norte-americano — concessão dos canais a particulares — e legalizava a propaganda comercial."

Com a nova legislação, as emissoras deixam o caráter de clubes e sociedades para atuarem comercialmente. Os reflexos desse ato se manifestam na programação, que passa a ter um caráter mais popular. Nessa fase, destacam-se César Ladeira e Ademar Casé. O primeiro, quando estava na Rádio Record, de São Paulo, lançou o "cast profissional e exclusivo, com remuneração mensal." (ORTRIWANO, 1985, p. 17). A partir de então, cada emissora passou a contar com um grupo de astros e estrelas populares: cantores, cantoras, maestros, músicos e orquestras que faziam os grandes programas de auditório. Segundo Ortriwano (1985, p. 17), "essa mudança aguçou – ou mesmo desencadeou – o espírito de concorrência entre as emissoras, inclusive de outros estados, que imitaram a programação lançada pela Record." Já Ademar Casé, inspirado na americana NBC²⁷ e na britânica BBC, que tinham programações dinâmicas e fluentes, cria o "Programa do Casé", com base na música popular brasileira. É neste programa que surge o primeiro *jingle* do rádio brasileiro para a Padaria Bragança²⁸.

²⁷ Essa experiência de escuta e "inspiração" do rádio produzido fora do país não fica restrita a Ademar Casé. Haroldo Barbosa, que trabalhou na Rádio Nacional como discotecário, produtor e compositor, confirma a influência de suas escutas no momento de pensar em novos programas: "Os grandes programas da Rádio Nacional foram baseados mais ou menos dentro das grandes audições americanas. Eu tinha um rádio bom, tocava nas ondas curtas, e ficava ouvindo o hit parade ... Programas que eu ouvia, adaptava e fazia à minha maneira". (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 64)

²⁸ Em ritmo de fado, o *jingle* soava: "Ó padeiro desta rua/ tenha sempre na lembrança/ não me traga outro pão/ que não seja o pão Bragança" (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 36)

Aliada a essa melhor organização e programação do veículo, a tecnologia contribuiu com novos aparelhos receptores que permitiam uma melhor sintonia e possibilitavam a escuta coletiva. Os receptores ficaram mais baratos e, sem a necessidade de pagamento de taxas de adesão, a audiência cresceu. Os primeiros aparelhos, que precisavam de fones de ouvido, foram substituídos pelos que possuíam auto-falantes e passaram a ocupar um lugar de destaque nas salas das famílias brasileiras. Era ali, em volta do rádio, como afirma Nicolau Sevcenko, que os familiares

[...] se encontram todos nesse território etéreo, nessa dimensão eletromagnética, nessa voz sem corpo que sussurra suave, vinda de um aparato elétrico no recanto mais íntimo do lar, repousando sobre uma toalhinha de renda caprichosamente bordada e ecoando no fundo da alma dos ouvintes, milhares, milhões, por toda parte e todos anônimos. (SEVCENKO, 1998, p. 585)

O primeiro presidente brasileiro a perceber a potencialidade desse veículo, que podia afetar milhões ao mesmo tempo e chegar aos mais longínquos lugares, foi Getúlio Vargas. O rádio já vinha sendo usado politicamente por outros governantes, como Franklin Roosevelt, que fez dele o principal canal de comunicação com os americanos por meio do programa *Fireside Chats* (“Conversa ao lado da lareira”) ou Hitler, que desde o início da década de 1930 utilizava-se do veículo para a difusão da propaganda nazista de Joseph Goebbels²⁹.

No decreto nº 21.111 promulgado em 1932, dois anos depois de Vargas ter assumido o Governo Provisório, já estava prevista a “obrigatoriedade de retransmissão de um programa radiofônico nacional, a ser emitido pelo Serviço de Publicidade da Imprensa Nacional”. (JAMBEIRO et al., 2004, p. 49) O programa não foi instituído imediatamente porque o governo, segundo Calabre (2004), enfrentou forte resistência das emissoras, principalmente as paulistas, e ainda não havia resolvido alguns problemas técnicos, como a baixa potência dos transmissores, que dificultava a irradiação em caráter nacional. O programa somente foi ao ar em 1934³⁰, recebeu o nome de “Hora do Brasil”³¹ e tinha como objetivo divulgar as

²⁹ Lombardi (1987, p. 186-7) informa que foi Goebbels quem escolheu o rádio como principal veículo da propaganda nazista. Ele afirmava: “com o rádio, destruiremos o espírito da rebelião. O rádio deve ser propaganda. E propaganda significa combater em todos os campos de batalha do espírito, gerar, multiplicar, destruir, exterminar, construir e abater.”

³⁰ Existem discrepâncias com relação à data de início da transmissão da “Hora do Brasil”. Jambeiro et al. (2004) e Radiobrás (2006) sustentam o ano de 1934; Ortriwano (2003), Fausto Faria (em entrevista a revista Comunicação Social de abril de 1996) e Ferrareto (2000) se referem ao ano de 1935; Moreira (1998) aponta o ano de 1938 e Calabre (2004) fala em 1939. É provável que a

realizações do governo. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) assim o definia:

Embora seja o jornal falado do governo, não tem nem poderia ter a sisudez que caracteriza os órgãos em função do Estado. Suas edições, bastante variadas, abrangem desde o noticiário das repartições e as informações de ordem política, econômica e financeira, até a crônica das cidades, com o comentário ligeiro, o registro policial e a nota mundana. Entremeada de números musicais, a matéria escolhida para esta parte obedece às regras do ecletismo artístico bem orientado. (CASTELO apud MOREIRA, 1998, p. 36)

Mas a atuação de Vargas no veículo não se limitava à “Hora do Brasil”. Na visão de Jambeyro et al. (2004, p. 109), “nenhum meio de comunicação foi tão utilizado politicamente quanto o rádio. Foi através das transmissões radiofônicas oficiais que o governo conquistou a popularidade necessária para manter por tanto tempo um sistema ditatorial no país”. Debaixo da censura que assolou a todos os veículos de comunicação durante o Estado Novo³², as emissoras de rádio passaram a conviver com um censor nas redações, que acompanhava de perto a programação. Renato Murce viveu essa experiência e relata:

Hoje, ninguém acreditaria que certas coisas fossem censuradas naquela época. Não se podia, sequer, citar o nome de alguma pessoa que não fosse simpática ao governo. Lembro-me de que certa vez tive um programa inteiro vetado: numa frase, falando no racionamento da gasolina, então severíssimo (para os que não tinham pistolão; para os outros não havia problemas), um dos personagens do referido programa dizia: "Poxa, companheiro, custei mas consegui gasolina! Conseguiu como? Quanto? Consegui gasolina para o meu isqueiro". Por causa disso foi vetado um programa inteiro de mais de dez páginas. E não tinha mais alusão a coisa alguma proibida. (MURCE, 1976, p. 55)

Além de tornar obrigatória a transmissão da “Hora do Brasil” para todo o país e colocar censores nas emissoras, em 1940 o governo Vargas passou a atuar diretamente na radiodifusão com a encampação da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A emissora havia sido criada em 1936 – com o nome de Sociedade Civil Brasileira Rádio Nacional – e pertencia ao grupo jornalístico do empresário norte

diferença entre as datas se dê porque em 1938 o programa passou a ter transmissão obrigatória em rede nacional e em 1939 passou a ser gerado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado nesse mesmo ano.

³¹ Em 1946 o programa passa a se chamar “Voz do Brasil”.

³² Período compreendido entre 1937, quando Vargas assume o governo provisório, e 1945, quando é deposto.

americano Percival Farquihar³³, do qual ainda faziam parte o jornal “A Noite”, as revistas “Carioca”, “A Noite Ilustrada” e “Vamos Ler” e a S.A. Editora. As empresas – que passaram a ser chamadas de Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional – foram encampadas como pagamento por impostos devidos. Jambeiro et al. (2004, p. 109) entende que o fato da Nacional passar a ser a emissora oficial do Estado Novo “contribuiu estrategicamente para o sucesso do projeto de mitificação da imagem de Vargas e disseminação da propaganda autopromocional do governo”. (JAMBEIRO et al., 2004, p. 109)

Na avaliação de Moreira (2000, p. 29), a estatização da Rádio Nacional do Rio de Janeiro alterou “o equilíbrio de forças do rádio brasileiro. [...] O investimento de verbas governamentais somado à receita publicitária de origem comercial³⁴ transforma a emissora em uma concorrente insuperável”. A Rádio Mayrink Veiga³⁵, que até então era a líder de audiência no Rio de Janeiro, é suplantada pela Nacional, que passa a ser referência para as demais emissoras.

A Nacional permaneceu, reconhecidamente, como a emissora de maior penetração e audiência por todo o país na era de ouro do rádio; pelos índices de popularidade e eficiência financeira atingidos, tornou-se, em especial no período compreendido entre 1945 e 1955, uma espécie de modelo que foi seguido pelas demais rádios em todo o país. Seu estilo de programação servia de base para a organização das concorrentes, até mesmo quando tentavam atrair a faixa de público que não se interessava pelos programas da Rádio Nacional. (CALABRE, 2004, p.32)

A emissora possuía uma estrutura invejável³⁶ e conseguia transmitir para todo o território brasileiro e até para o exterior por meio das ondas curtas³⁷. É importante notar que o rádio brasileiro caminhava então para o formato de emissão

³³ O empresário também atuava nos ramos de transporte ferroviário (Estrada Madeira-Mamoré), minério e fornecimento de energia elétrica.

³⁴ Mesmo tendo sido estatizada, a emissora teve a permissão para continuar veiculando anúncios.

³⁵ A Rádio Mayrink Veiga foi criada em 1927 e é a primeira emissora brasileira a usar o nome da família proprietária em sua identificação. Em 1934 ela assume a liderança no rádio do Rio de Janeiro quando César Ladeira, que havia deixado a Rádio Record, promove várias modificações na programação e organiza os horários dos programas. Segundo Lopes (1970, p. 63), “as emissoras procediam como **carbonos** da Rádio Mayrink Veiga, que se converteu em legítimo padrão.” A primazia da Mayrink Veiga vai até o ano de 1940.

³⁶ “A gigantesca organização valia-se de dez maestros, 124 músicos, 33 locutores, 55 radialistas, 39 radiatrizes, 52 cantores, 44 cantoras, 18 produtores, 13 repórteres, 24 redatores, quatro secretários de redação e cerca de 240 funcionários administrativos”. (COSTELLA apud ORTRIWANO, 1985, p. 18)

³⁷ Em 31 de dezembro de 1942, a Rádio Nacional passa a operar também em Ondas Curtas (tendo duas antenas direcionadas para os Estados Unidos, duas para a Europa e uma a Ásia) e a “transmitir programas diários em quatro idiomas, fazendo a divulgação metodizada da música e do folclore brasileiro lado a lado com a propaganda constante dos principais produtos do país (então o café, o algodão, a borracha e a madeira)”. (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 98)

ampla, ou também conhecido como *broadcast*³⁸. Segundo Zuculoto (1998), no final da década de 1930 o país já possuía mais de 50 emissoras nacionais, número que salta para cerca de 250 no final da década de 1940³⁹.

Essas transformações – rádio comercial, popularização da programação e grande alcance – abriram caminho para a chamada “fase de ouro do rádio brasileiro”, momento em que o veículo atinge seu apogeu de público e de faturamento comercial. A concorrência entre as emissoras se acirrou e fez com que, na busca por maior audiência, o nível dos programas caísse. O rádio se transformou em coqueluche nacional, principalmente com os programas de auditório e radionovelas. A primeira a ser veiculada foi “Em Busca da Felicidade”, em 1942, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Depois, houve a proliferação crescente do gênero e a Rádio Nacional chegou a transmitir, segundo Ortriwano (1985, p. 20), “14 novelas diariamente”.

Também na década de 1940, um outro fator marcou profundamente os caminhos trilhados pelo rádio: o maciço investimento americano no País. O *Birô Interamericano* desembarca no Rio de Janeiro em 1941 e traz o *american way of life*, como parte do plano do presidente Roosevelt – Política da Boa Vizinhança –, de estabelecer relações econômicas e culturais com a América Latina. As agências de publicidade internacionais que já estavam no país desde a década de 1920 – como J. Walter Thompson, McCann Erickson, Grant Anúncios, e The Sidney Ross – passaram a lançar os produtos das empresas americanas no mercado nacional. O rádio, em função de sua penetração em todas as camadas da população e já atingindo boa parte do país, foi o veículo mais procurado pelos novos anunciantes.

Patrocinadores como os Produtos Fátima, a Camisaria Progresso e a Perfumaria Lopes S.A. seriam em breve substituídos pelo *Teatro Good-year*, pelo *Recital Johnson*, pelo *Programa Bayer* e pelo *Rádio-Melodia Ponds*, para citar alguns. Era o início de um novo ciclo dentro da emissora [Nacional], em que praticamente quase não havia espaço para o pequeno anunciante carioca, pouco tempo antes identificado com horários famosos. (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 107)

Como resultado dessa “invasão” americana, entre 1946 e 1947, segundo Moreira (2000, p. 30), o rádio, e por consequência o país, passa a divulgar,

³⁸ O termo *broadcast* pode ser entendido como emissão ampla (em oposição ao sistema *narrowcast*), ou também pode significar programação de entretenimento e grandes espetáculos

³⁹ No rádio que temos hoje, não existem mais rádios nacionais. Temos emissoras que operam em rede, mas a maioria está restrita ao local/regional.

e a consumir, produtos tipicamente americanos como cereais, sabonetes, brilhantinhas, produtos de beleza e toda a “parafernália do consumismo americano”. Algo bem diferente da prática ocorrida em toda a década de 1930, em que os textos publicitários versavam exclusivamente sobre produtos e empresas nacionais. A entrada dos produtos estrangeiros no rádio não alterou apenas o aspecto comercial. A própria programação passou a ser feita “a partir da relação cada vez mais sólida entre emissora e anunciante”. (MOREIRA, 2000, p.31)

3.4 A Estruturação do Radiojornalismo

A influência americana também se fez presente na forma de emissão das notícias. Se até então o radiojornalismo engatinhava no Brasil e estava baseado na “tesoura e goma”, na década de 1940 “começa a surgir como atividade mais estruturada, com o lançamento de alguns jornais que marcaram definitivamente o gênero” (ORTRIWANO, 1985, p. 20). O primeiro a se destacar foi o “Repórter Esso”, lançado em 28 de agosto de 1941. Aí observamos, mais uma vez, a presença da publicidade explícita e a ligação de uma companhia americana ao nome de um produto do rádio.

Segundo Klöckner (2004), nos Estados Unidos o noticiário já existia desde 1935 e a partir da implantação da “Política da Boa Vizinhança” se estendeu para outros países como Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. No Brasil, o “Esso” foi lançado poucos meses antes do país entrar na Segunda Guerra Mundial. A atenção da população estava voltada para o conflito e

as orientações ideológicas e as notícias do *front* precisavam ser divulgadas com a maior rapidez possível. Os jornais impressos, assim como os cinejornais, não dispunham da agilidade e alcance que passaram a ser requeridos pela nova realidade. O rádio passou a ser encarado como um meio essencialmente informativo. (ORTRIWANO, 1990, p.72)

O noticiário, que tinha o patrocínio da Standard Oil Company of Brazil (que mais tarde viria a ser a Esso Standard do Brasil), era produzido pela

agência de publicidade McCann-Erickson com base nas notícias vindas da United Press Associations (UPA), mais tarde UPI⁴⁰, e no Brasil ficou 27 anos no ar. Depois de estreiar na Rádio Nacional, o “Repórter Esso” ganhou versões regionais em São Paulo (Rádio Record), Minas Gerais (Rádio Inconfidência), Rio Grande do Sul (Rádio Farroupilha), e Pernambuco (Rádio Clube de Pernambuco). Além dessas versões regionalizadas, o noticiário chegava a todos os pontos do país por meio da transmissão por ondas curtas da Rádio Nacional.

A contribuição do “Esso” para o radiojornalismo brasileiro reside no fato de que este foi o primeiro noticiário escrito especialmente para o rádio. O veículo, portanto, encontraria uma outra forma de emissão da notícia que não a baseada na leitura dos jornais. Outra característica foi a exploração do imediatismo. Assim que as notícias chegavam à redação, eram redigidas para a entrada do noticiário em suas quatro edições regulares⁴¹ ou, quando eram muito importantes, em edição extraordinária. Para Klöckner (2004, p. 4), com o “Repórter Esso”, o radiojornalismo brasileiro passou a conhecer e a usar “o lide⁴², a objetividade, a exatidão, o texto sucinto e direto, a pontualidade, a noção do tempo exato de cada notícia, aparentando imparcialidade, com uma locução vibrante, contrapondo-se aos longos jornais falados da época.” As edições do “Esso” duravam cinco minutos e enquadram-se no que hoje chamamos “Síntese Noticiosa”, tipo de programa que veremos com mais profundidade no capítulo 5. Essa nova forma de fazer radiojornalismo repercutiu no país e, segundo Lopes (1970), foi adotada por outras emissoras.

Até 1944 o “Esso” não tinha um apresentador exclusivo. Lia o noticiário o locutor que estivesse no estúdio no horário da emissão. A partir desse ano, no entanto, Heron Domingues passou a ser o locutor exclusivo na Rádio Nacional, a ganhar destaque em todo o país e a ter seu estilo imitado pelos outros locutores. Além de ter a exclusividade na locução do “Esso”, foi dele a idéia de criar

⁴⁰ A United Press Associations (UPA) ligou-se a International News Service (INS) em 1958, surgindo a United Press International (UPI).

⁴¹ Segundo Klöckner (2005, p.9), “até o fim dos anos 40 as edições do Esso, transmitidas na Rádio Nacional, permaneciam com quatro horários regulares, de segunda a sábado (8h, 11h55min ou 12h55min, 17h55min e 22h05min ou 22h55min), e dois aos domingos (12h55min e 21h)”. Entretanto, o autor afirma que, durante os 27 anos que permaneceu no ar, o horário de transmissão dos boletins foi alterado várias vezes.

⁴² Termo aportuguesado, a partir da palavra inglesa *lead*, referente à abertura da matéria. No lide, é destacado o fato essencial, considerando-se as seis perguntas básicas: O Quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 278-279).

a Seção de Jornais Falados e Reportagens na emissora, em 1948. Segundo Saroldi e Moreira (2005) essa foi a primeira redação do país montada exclusivamente para o jornalismo. Em 1951 a Seção foi transformada em Departamento de Jornais Falados e em 1954 passou a ser chamada de Divisão de Jornalismo. Moreira (2000, p. 33-4) ressalta que a Seção foi a primeira a ter “um sistema de equipe (um chefe, quatro redatores e um colaborador do noticiário parlamentar), rotina e hierarquia peculiares a uma redação de jornalismo radiofônico”. Em função dessa estrutura, em 1952, ainda segundo Moreira (2000, p. 34) “os noticiários da emissora eram baseados no material jornalístico apurado pela equipe de repórteres e em comentários (da Agência Nacional, escritos na própria redação ou extraídos dos jornais ‘A Noite’ e ‘A Manhã’).”

Para Sampaio (1971, p. 22) “o ‘Repórter Esso’ constituiu uma revolução e uma semente benfazeja, que logo frutificou no Rádio brasileiro”. Em 1942, um ano depois do lançamento do noticiário, Coripeu de Azevedo Marques e Armando Bertoni criam na Rádio Tupi, de São Paulo, o “Grande Jornal Falado Tupi”⁴³. Diferentemente do “Esso”, que era uma síntese noticiosa com duração de cinco minutos, o “Grande Jornal” tinha uma hora de duração e era veiculado às 22h.

A partir das 21 horas, Coripeu começava a fazer chamadas do programa, anunciando as manchetes do jornal: “Atenção senhores ouvintes, faltam (números) minutos para “O Grande Jornal Falado Tupi” onde os destaques serão (lia 3 ou 4 manchetes)” (TAVARES, 1997, p. 153). Segundo Ferrareto (2000, p. 130), os sessenta minutos do jornal reproduziam a estrutura da imprensa escrita. No início havia uma espécie de cabeçalho, com a identificação da emissora, diretor, apresentadores, operadores e data. Depois, sob uma trilha musical, eram lançadas as manchetes, como se fosse a primeira página de um jornal. A partir daí eram apresentadas as notícias, agrupadas em blocos de política, economia, esportes, etc. Esse formato ainda é mantido pela maioria dos radiojornais da atualidade.

O “Grande Jornal Falado Tupi” é considerado o “primeiro ‘jornal de integração nacional’, sendo ouvido em todo o ‘interiorzão’ do país” (ORTRIWANO,

⁴³ Num depoimento a Reinaldo Tavares (1997, p.154-5) Auriphebo Simões reclama para si a criação do “Grande Jornal Falado Tupi”. Segundo ele, o jornal foi criado em 1939 com o nome de “Jornal Falado Tupi”. Em 1942 passou a ser produzido por Coripeu que manteve a “estrutura, o mesmo prefixo e quase que os mesmos locutores; o que mudou é que o Corifeu (sic) passou a numerá-lo, acrescentando-lhe a expressão ‘grande’, criando no ouvinte a impressão de que aquele informativo nascera naquela data.” (TAVARES, 1997, p. 157)

2003, p. 74-5). Mário Fanucchi, que trabalhou no programa, aponta suas principais características:

Em primeiro lugar, havia aquela informação de interesse popular, para localização de pessoas, localização de parentes e recados urgentes para locais de difícil acesso. A outra característica era a programação voltada para a valorização do município, da pequena célula, da importância dos meios para que os municípios se desenvolvessem bastante e que o país todo ganhasse com esse tipo de coisa. (ORTRIWANO, 1990, p. 80)

Na avaliação de Sampaio (1971, p. 22), o “Esso” e o “Grande Jornal Falado Tupi” são marcos do radiojornalismo nacional⁴⁴. O primeiro porque “abriu fronteiras” e o segundo porque buscou “todas as nossas fronteiras”. Juntos, os dois noticiários levavam “informações, reportagens e comentários até então inacessíveis aos brasileiros de todos os rincões, [e] começavam a definir o embrião do radiojornalismo nacional”.

A partir desse embrião, o radiojornalismo brasileiro começa a se consolidar e trilhar novos rumos, explorando outros filões. A queda de Vargas, em 1945, e o fim da censura também contribuíram para o desenvolvimento do gênero, no entendimento de Moreira (1998, p. 38), porque acabaram com as “amarras do Estado Novo, que interferia constantemente na programação”. Entretanto, ainda nesse início de década de 1940 destacam-se os apresentadores, que liam, principalmente, as notícias internacionais vindas das Agências de Notícias, a principal fonte de informação para os noticiários. Na avaliação de Zucoloto (2003, p. 20), essa prática fez com que as agências influenciassem e ditassem os “rumos ao jornalismo praticado no Brasil, especialmente o de rádio, e isso tanto no formato quanto no conteúdo”.

Ao longo dos anos 1940, portanto, essas experiências jornalísticas frutificaram e as emissoras vão “se especializando, criando estilos próprios de noticiários – algumas com notícias de caráter mais interno e com comentários políticos, outras privilegiando as notícias internacionais.” (CALABRE, 2004, p.43) Entretanto, ainda era um radiojornalismo preso ao estúdio e sem fontes próprias de informação.

⁴⁴ Outro programa apontado como importante para o percurso do radiojornalismo brasileiro é o Matutino Tupi, também criado por Coripeu de Azevedo Marques. Como o nome diz, o jornal era transmitido pela manhã e ficou 31 anos no ar na Rádio Tupi de São Paulo.

3.5 A Ameaça da TV

Os anos 1940 terminam com o rádio gozando de sua fase áurea. Programas com alta popularidade, auditórios lotados, verbas fartas, radionovelas sendo transmitidas à exaustão e o jornalismo trilhando novos caminhos baseados no Repórter Esso e no Grande Jornal Falado Tupi. Entretanto, as notícias da chegada da televisão em outros países já preocupavam quem fazia rádio. “Os empresários que visitavam os Estados Unidos voltavam entusiasmados com o novo meio de comunicação e pessimistas quanto ao futuro, a médio e longo prazo, dos veículos apenas sonoros.” (VAMPRE, 1979, p.114)

A televisão chega ao Brasil em setembro de 1950 e o pessimismo de quem trabalhava em rádio se converteu em realidade a partir de meados da década de 1950. A televisão atraiu as verbas publicitárias e, junto com elas, os programas, o público e os astros e estrelas que faziam do rádio a então “coqueluche nacional”. Com isso, o rádio não acabou, como previam os mais extremistas, mas passou a buscar novos formatos de programação. Os discos substituíram os programas de auditório e o veículo viveu uma fase denominada de “vitrolão”. Entretanto, o desenvolvimento da eletrônica trouxe novas possibilidades ao rádio e este também percebeu que o jornalismo poderia se transformar em uma de suas bases de sustentação.

O transistor foi um dos aliados que contribuiu para a consolidação do novo caminho radiofônico. Criado em 1947, o componente eletrônico possibilitava a troca das grandes e pesadas válvulas que alimentavam os rádios de então por pilhas como fonte de energia. Isso provocou o barateamento e a miniaturização dos equipamentos e “[...] deu ao rádio sua principal arma de faturamento: é possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, não precisando mais ligá-lo às tomadas” (ORTRIWANO, 1985, p. 22).

O transistor chega ao rádio brasileiro no final dos anos de 1950, mas é na década seguinte que se torna popular, principalmente em função das transmissões das Copas do Mundo de Futebol em 1962 e 1966. Sartori e Grazzini (1987, p.237) afirmam que

fortalecido com este “salto” tecnológico [o transistor], o rádio reagiu com extrema elasticidade ao predomínio televisivo, transformando-se

de meio de atenta audiência familiar para meio de distraída audiência individual, um meio de comunicação ao alcance de qualquer pessoa, que pode ser levado para qualquer lugar, em viagem, no carro, no trabalho.

Outros equipamentos que também reacenderam os caminhos do rádio, especialmente os do radiojornalismo, na avaliação de Ortriwano (1990, p. 83), foram as unidades móveis de transmissão, a Freqüência Modulada e o gravador magnético. Este último surgiu no final da década de 1940 e passou a ser usado no país a partir dos anos de 1950. Isso tornou possível a realização de edições sonoras e, principalmente, possibilitou a gravação fora do estúdio e sua imediata reprodução. “As reportagens tiveram com este sistema seu melhor aliado, contribuindo para que, pouco a pouco, fosse menor a quantidade de programas ao vivo, dando à programação um caráter distinto, com maior qualidade e pureza.” (GARCIA CAMARGO apud ORTRIWANO, 1990, p.83)

É, portanto, com a música dos discos e o jornalismo que o rádio passa a se reerguer e caminhar para “atender às necessidades regionais, principalmente no nível da informação” (ORTRIWANO, 1985, p. 21). Uma outra direção encontrada pelo veículo foi a especialização das emissoras: “Já não era possível manter produções tão caras quanto as do período anterior: a especialização vai se acentuando cada vez mais, principalmente nas grandes cidades” (ORTRIWANO, 1985, p.22).

A Rádio Nacional, que até a década de 1950 era líder de audiência incontestável, perde terreno para as outras emissoras. Para Zucoloto (1998, p. 87), o que ocorreu é que

tanto a Nacional como todo tipo de programação ao seu estilo já não atendiam mais às expectativas culturais do público. Transformaram-se as programações e a Nacional teve que dividir seu domínio imenso de público com muitas outras emissoras que adotaram novos caminhos de programação – a maior parte se restringiu a ser exclusivamente musical e várias, além deste viés, seguiram também o do rádio informativo impulsionado pelas facilidades das inovações eletrônicas.

As experiências que se verificaram nesse período foram muitas. A Rádio Jornal do Brasil, estimulada pela reformulação gráfica do Jornal do Brasil em 1955, também promove mudanças na programação. Segundo Saroldi e Moreira (2005, p. 150), a emissora adota “o jornalismo radiofônico nos moldes do *Repórter Esso*, com locutor exclusivo para as quatro edições diárias de *O Jornal do Brasil*

Informa”, passa a usar o slogan “música e informação” e ainda, a partir da década de 1960, “insere boletins de notícias de meia em meia hora e lança o Serviço de Utilidade Pública.” A Rádio Bandeirantes intensificou seu esquema de jornalismo e em 1954, segundo Sampaio (1971, p. 22), passa a apresentar notícias de um minuto a cada quarto de hora e boletins de 3 minutos nas horas cheias. E a Rádio Panamericana, que depois veio a ser a Rádio Jovem Pan, transformou o jornalismo em espinha dorsal da programação, montando uma equipe de jornalismo bem estruturada e investindo em reportagens de rua.

Na construção dessa tendência informativa, de acordo com Zucoloto (1998, p. 90), o rádio também passa a dar mais espaço para a utilidade pública e a prestação de serviço. “São aspectos informativos que acabam aparecendo na notícia e influenciando seu modo de produção e suas fontes de captação, já que servem mais ao local, ao regional”.

Preocupação com o local, com a prestação de serviço, repórteres nas ruas, unidades móveis de transmissão, uso de gravadores e intensificação das reportagens. Esses também foram os ingredientes usados pela Emissora Continental do Rio de Janeiro, que tem sua experiência destacada na década de 1950 por Moreira (2000). Para a autora, a atuação da Continental foi o ponto de partida para transformações nos jornais falados produzidos até então:

Os jornais falados da Continental transformaram-se nos principais concorrentes do Repórter Esso: enquanto o informativo de maior sucesso da Rádio Nacional continuava a privilegiar o noticiário internacional (redigido com o material da United Press), os programas jornalísticos da Continental davam maior destaque para o noticiário local e/ou nacional. (MOREIRA, 2000, p.35)

Mas não é somente pela transformação nos jornais falados que a Continental ainda é lembrada. A emissora é apontada como uma das pioneiras no uso das reportagens externas. Se até então o radiojornalismo brasileiro baseava suas informações principalmente nas agências e nas notícias, a equipe comandada por Carlos Palut intensifica o uso das reportagens diretamente dos locais dos acontecimentos. É nessa experiência da Continental que nos deteremos no próximo capítulo.

4 A PRÁTICA DA REPORTAGEM NA CONTINENTAL

Única, muitas vezes candidamente simples, epigramática e, contudo, ao mesmo tempo representativa, a voz consegue, como nenhum outro meio, trazer o passado até o presente. (THOMPSON, 1998, p. 334)

Já pudemos acompanhar, no capítulo anterior, que o radiojornalismo começou a ser praticado no Brasil em 1923, com Roquette Pinto, avançou para as notícias do “Repórter Esso” e do “Grande Jornal Falado Tupi” e só veio a descobrir a reportagem na década de 1950. Nesse capítulo, vamos nos ater a uma peculiar experiência de radiojornalismo – e de reportagem – praticada por uma emissora do Rio de Janeiro e que viria a marcar a história do rádio no País.

O início dessa história se dá em 1948, quando uma nova rádio passou a ocupar a frequência de 1.030 quilociclos no *dial* carioca: a PRD-8 – Emissora Continental do Rio de Janeiro. Como já vimos, o veículo ainda vivia sua fase áurea, operando em sistema de *broadcast*, ou seja, o de emissoras que transmitiam para todo o país uma programação calcada no entretenimento e em grandes espetáculos, tendo como expressão máxima a Rádio Nacional. De baixa potência – entre 7 e 10 quilowatts⁴⁵ – e, portanto, baixa abrangência, a Emissora Continental apostou em uma nova vertente de programação: ênfase ao esporte e à informação. A idéia dessa nova configuração veio do locutor esportivo Gagliano Neto, que dez anos antes havia realizado a proeza de transmitir, em cadeia nacional e direto da Europa, a Copa do Mundo de 1938.

A bibliografia sobre a Continental e sua experiência com a reportagem é escassa. Entretanto é pródiga ao ressaltar a importância que a emissora teve para definir os caminhos do radiojornalismo no Brasil. Felice (1981, p. 68) aponta a Continental como a emissora que “marcou época com as transmissões

⁴⁵ Carlos Alberto Vizeu Informa que a potência era de 7 quilowatts. Já Felice (1981, p. 45) afirma que a potência era de 10 quilowatts enquanto que, no mesmo período, grandes emissoras do Rio de Janeiro, como Rádio Globo e Rádio Tupi por exemplo, já tinham potência de 100 quilowatts.

externas, no final da década de 50". Ortriwano (2003, p. 79) fala de profundas transformações:

No final da década de 50, outra experiência dentro da estrutura que estava sendo sedimentada no radiojornalismo marca o início de modificações profundas nos jornais falados quando a Rádio Continental do Rio de Janeiro torna-se a primeira emissora brasileira especializada em reportagens externas, uma criação de Carlos Palut.

Para Moreira (2000, p. 36), a experiência de reportagem desenvolvida por Palut e pela Continental foi uma das bases para o estabelecimento do tipo de radiojornalismo que temos na atualidade: "A reportagem volante de Carlos Palut foi mais um passo na consolidação do radiojornalismo nacional".

Neste capítulo, apresentamos alguns aspectos dessa história de implantação da reportagem na emissora. Para tanto entrevistamos nove profissionais⁴⁶ que trabalharam na Continental:

a) Saulo Gomes: entrou na emissora em 1955, depois de participar de um concurso para a contratação de novos integrantes dos "Comandos". A Continental foi sua primeira experiência radiofônica.

b) Ary Vizeu: trabalhou no rádio desde a década de 1930. Passou pela Rádio Guanabara, Rádio Nacional, Rádio Mayrink Veiga, entre outras. Atuou na emissora na década de 1960 como repórter e chefe de redação. Foi um dos criadores do "Clube dos Papagaios", que se transformou depois na Associação dos Rádio-Repórteres. É cunhado de Carlos Palut.

c) Carlos Alberto Vizeu: a Continental foi sua porta de entrada para o rádio. Trabalhou na emissora na década de 1960 como responsável pelo programa "Rio Boa Tarde", que ficava no ar das 13 às 18 horas. É sobrinho de Carlos Palut e responsável pela criação e direção do vídeo-documentário "Rádio no Brasil, 1922-1990", produzido pela Tele Tape, TVE Rio de Janeiro e Art Plan. Atualmente dirige uma emissora de televisão no interior do estado de São Paulo.

d) Paulo César Ferreira: começou no rádio por meio da Continental, em 1958. Participou inicialmente da cobertura de carnaval e depois foi efetivado como repórter. Hoje é empresário do ramo de televisão.

e) Paulo Caringi: fez parte do grupo de repórteres da Continental a partir de 1951. Hoje atua como assessor da presidência da Confederação Nacional do Comércio.

⁴⁶ A ordem de apresentação dos entrevistados segue a cronologia das entrevistas realizadas.

f) Teixeira Heizer: entrou na Continental em 1954 como locutor de estúdio e depois passou a fazer parte da equipe de esportes. Apresentava um dos jornais da emissora e participava das coberturas extraordinárias do jornalismo. Atualmente é professor e comentarista esportivo da ESPN

g) Jorge Sampaio: começou na Continental em 1950, inicialmente como locutor. Antes disso tinha tido apenas uma experiência de menos de um mês na Rádio Mauá. Em sua carteira de trabalho, o início na Continental data de 19 de junho de 1951, mas, segundo ele, como trabalhou alguns meses sem registro em carteira, a data oficial de entrada na emissora apresenta uma defasagem de alguns meses.

g) Afonso Soares: estreou no veículo na década de 1940, na Rádio Ministério da Educação, juntamente com a atriz Arlete Sales, que hoje é conhecida como Fernanda Montenegro. Trabalhou na Continental no início da década de 1950.

i) Celso Garcia: entrou no rádio por intermédio da Continental em meados da década de 1950, inicialmente no “Departamento de Jornais Falados”. Depois foi transferido para o “Departamento de Esportes”. Hoje é professor.

Além dos depoimentos, procuramos cruzar as informações com artigos de periódicos da época, como “Revista do Rádio”, “Radiolândia” e “Correio da Manhã”, com produções sobre o rádio em áudio e vídeo e com documentos da emissora cedidos pelos entrevistados.

4.1 O Surgimento da Emissora Continental

Antiga Rádio Clube Fluminense, de propriedade de Paulo Beviláqua, segundo Paulo Caringi (2004), a Continental foi comprada por Rubens Berardo em 1948. A sede era em Niterói-RJ, onde ficava o estúdio de transmissão principal e de onde eram veiculados os anúncios e a programação musical. Um outro estúdio ficava na cidade do Rio de Janeiro, inicialmente na avenida Rio Branco⁴⁷, de onde era transmitida a programação jornalística e esportiva. A estação recebeu o nome de Emissora Continental e não Rádio Continental em razão da existência de uma loja

⁴⁷ Depois a emissora se transferiu para a Rua Riachuelo, no. 48.

no Rio com esse mesmo nome. Carlos Alberto Vizeu (2004) alega que era uma loja que comercializava discos. Já Teixeira Heizer (2004) sustenta que a loja vendia aparelhos de rádio. Paulo Caringi (2004) afirma que o nome foi também uma jogada de *marketing* de Gagliano Neto, que queria associar sua nova emissora a marcas já conceituadas no mercado como os cigarros e os discos Continental.

Rubens Berardo confiou a Gagliano Neto a estruturação da emissora. A notícia publicada no Correio da Manhã no dia 31 de julho de 1948 aponta:

Realiza-se hoje a inauguração oficial da Emissora Continental. A partir das 17 horas a Continental receberá a visita de jornalistas, diretores de publicidade e figuras de destaque (sic) no **desporto nacional**, oferecendo um coquetel aos presentes. Ontem às 21 horas e 15 minutos, efetuou-se uma “avant-première” da emissora **100% esportiva** que Gagliano Neto planejou e organizou. (RÁDIO, 1948 - grifo nosso)

Gagliano Neto era um homem ligado ao esporte e essa notícia da inauguração é sintomática ao apontar o forte componente esportivo que teria a emissora. Não sabemos se já nesse início a programação da Continental tinha prevista a segunda parte de um dos *slogans* que a perpetuou: “100% esportiva e informativa”. A programação da emissora, publicada no jornal “Correio da Manhã” no dia 03/08/1948, indica que, aparentemente, o foco principal era o esporte:

8,30 – Primeiras do Turfe & Manchetes Esportivas; 8,55 – Cartaz Cruzmaltino; 10,00 – Cartaz Rubro-negro; 10,55 – Cartaz Tricolor; 11,25 – Cartaz Sancristovense; 13,55 – Cartaz Alvi-rubro; 14,00 – Espanha em Revista; 14,25 – Cartaz Rubro-Anibal; 14,55 – Cartaz Madureirense; 15,55 – Cartaz Bariri; 16,00 – Desfile de Modas; 16,55 – Cartaz Alvi-celeste; 17,00 Hora Juvenil; 17,30 Hoje tem Espetáculo; 18,40 – Esportes Gagliano Neto; 19,00 – Cineteatro em Revista; 20,05 – Esportes Gagliano Neto; 21,55 Sootlight; 22,00 – Lutas no Estádio Carioca; 23,00 – Esportes. (PROGRAMAÇÃO, 1948)

Num balanço feito por Gagliano Neto, quando este completava 19 anos de carreira profissional e quatro à frente da Continental – em 31 de dezembro de 1952 – já vemos a menção das duas áreas. Gagliano cita no seu pronunciamento, feito primeiramente pelo microfone da Continental e depois publicado pela “Revista do Rádio” de 10/02/1953 sob o título “A serviço do povo por toda parte”, o apoio incondicional que Rubens Berardo deu à programação diferenciada, e até então proibida, para usar suas próprias palavras, que se estabeleceria na emissora: “Cabem e se impõem, pois, estas palavras de reconhecimento ao homem arojado (sic) e de visão, que me deu o que, antes, todos

me negaram: a oportunidade de concretizar um plano, exeqüível e necessário, mas discutido e proibido até então”. (A SERVIÇO..., 1953)

Nesse pronunciamento, Gagliano afirma que a emissora operava desde maio de 1948, o que se confronta com a data oficial de inauguração (31 de julho). Uma das possibilidades de entendermos essa diferença de datas está no fato de que antes de operarem regularmente, as emissoras passam por um período de transmissões em caráter experimental, que dura, no mínimo, 30 dias. A notícia de jornal tratava do início oficial e, provavelmente, Gagliano se referia ao princípio da fase experimental. Ele cita, inicialmente, os principais eventos esportivos transmitidos pela Continental nos primeiros anos de atividade. É importante atentar para o fato de Gagliano dividir as atividades da emissora em dois períodos distintos. O primeiro vai “De Maio de 1948 a igual mês de 1951”, em que a Continental irradiou, entre outros eventos, a Olimpíada de Londres⁴⁸; partidas do Vasco da Gama, Bangu e Fluminense no México, Chile e Uruguai, respectivamente; a regata oceânica Buenos Aires-Rio⁴⁹; o campeonato sul-americano de basquete, ocorrido em 1950 no Paraguai e eliminatórias da Copa do Mundo na Espanha, Portugal e Escócia. Nesse primeiro período a que Gagliano faz referência não há nenhuma menção à transmissão de reportagens.

Depois de exaltar a entrada do locutor Oduvaldo Cozzi no elenco da Continental em maio de 1951, Gagliano parte para o relato do período compreendido entre junho de 1951 a dezembro de 1952. Mais uma vez, o Superintendente das Organizações Rubens Berardo destaca inicialmente as muitas transmissões de variados esportes (automobilismo, remo, natação, futebol, atletismo, Olimpíadas,) dos mais inusitados locais:

A emissora Continental estabeleceu e mantém em seu poder o recorde das maiores distâncias atingidas diretamente por um microfone brasileiro: irradiou de Sundswall, a 300 quilômetros do Polo Norte, e de Valdívía, sobre o paralelo 38-sul, a poucas centenas de quilômetros do Pólo Meridional. (A SERVIÇO..., 1953)

Há também um retrospecto numérico das transmissões realizadas: 113 reportagens internacionais, 154 reportagens interestaduais, 516 reportagens locais, 1.186 comandos e 810 edições extraordinárias de informativos. Depois de fornecer esses números, Gagliano enfatiza que desde 1948, das seis da manhã às

⁴⁸ A abertura da Olimpíada de Londres se deu em 29 de julho de 1948, no estádio de Wembley.

⁴⁹ Pelas informações do pronunciamento de Gagliano, essa foi a primeira regata oceânica transmitida pelo rádio brasileiro.

duas da madrugada, uma equipe da emissora vem cumprindo “a primeira parte do ‘slogan’: 100% esportiva”. Só então é apresentada a segunda parte do slogan, os “100% informativa”, e a justificativa para seu surgimento:

O rádio moderno deixou de ser um divertimento, para tornar-se o grande veículo de difusão de notícias. É um imperativo, pois, da era atômica bem aproveitar a maior força que o homem inventou para suas comunicações: o rádio. E a Emissora Continental é, sem dúvida, a precursora do jornal falado na completa acepção do termo. (A SERVIÇO..., 1953)

O pronunciamento aponta a equipe responsável pela parte informativa da emissora. A chefia da “Divisão de Imprensa Falada” ficava a cargo de Hermano Requião, que tinha sob sua coordenação a “Seção de Noticiário”, comandada por Dalwan Lima, “Seção de Comandos e Reportagens”, chefiada por Carlos Palut, “Seção de Divulgação”, sob responsabilidade de Gilliatt Schettini, e o “Departamento de Opinião”, onde atuavam Manoel Jorge e Mario Carvalho da Silva. Gagliano enfatiza que o campo de ação da “Divisão” era “a via pública, os recintos dos Tribunais, das Igrejas, dos Hospitais, dos Colégios, dos Palácios Governamentais e ministeriais, das repartições, das fábricas, dos portos e aeroportos – enfim anda a serviço do povo por tôda parte”.(A SERVIÇO..., 1953)

Com essas informações Gagliano já aponta aquela que se transformaria em uma das características mais marcantes da equipe de reportagens da Continental, ou seja, transmitir os fatos no momento e do local onde eles ocorrem, durante o tempo que for necessário:

Não se pode marcar hora para o suceder dos acontecimentos. O que acontece aqui no Rio, nos Estados, no Exterior, **é imediatamente noticiado**. E se o acontecimento tem grande importância, **a Emissora Continental comparece** com seus “comandos” ou com seus repórteres.. (A SERVIÇO..., 1953 - grifo nosso)

Não podemos esquecer, como já vimos no capítulo anterior, que nas décadas de 1920 e 1930 o radiojornalismo era praticado dentro das emissoras, num processo que ficou conhecido como “tesoura e cola”, ou seja, as notícias eram recortadas diretamente dos jornais e seguiam para a leitura ao microfone. Não havia uma redação específica para os noticiários. Isso somente passou a ocorrer na década de 1940, com o “Repórter Esso”, mas este ainda estava centrado na figura dos *speakers*, que liam as notícias do estúdio. A participação de repórteres comparecendo aos fatos de grande importância ainda não era rotina no radiojornalismo brasileiro. Ary Vizeu, que começou no rádio ainda na década de

1930 e passou por diversas emissoras, recorda que poucas tinham departamento de jornalismo e afirma que “a Continental é a história da própria reportagem”. Ele sustenta que nem emissoras de grande porte davam destaque ao gênero:

[...] eu estava na Rádio Nacional e ainda naquele tempo a Nacional fazia os pingos, homeopatia, coisa pequena de reportagem, não tinha esse negócio de sair pra fazer reportagem não, a gente pegava uma, tinha o rádio com escuta ligada, tomava nota, cada um tirava uma notinha da outra estação e aí formava o jornal e soltava e pronto. (VIZEU, A., 2004)

Ainda dentro do período relatado por Gagliano Neto (de 1948 a 1952), a Continental intensificou a transmissão de noticiários. Eram no mínimo quatro informativos por hora, sem contar as edições extraordinárias. Em uma cópia do livro de ponto da emissora, datado de 27 de dezembro de 1951 e cedido por Paulo Caringi (Anexo A), observa-se que a cada hora entravam três noticiários, todos com duração de três minutos: aos dez minutos entrava o “Informativo D8”, aos 30 minutos o “Repórter Continental” e aos 50 minutos o “Repórter Carioca”. Estes informativos eram patrocinados, respectivamente, por Vinhos Unico e Champagne Mônaco, Casa Barbosa Freitas, e Xenex, Comércio e Representações Ltda. Segundo Celso Garcia (2005), o “Repórter Carioca” veiculava somente fatos relacionados à cidade do Rio de Janeiro e o “Repórter Continental” ampliava o espectro, abordando a cidade, o país e até o exterior⁵⁰. A programação também estabelecia um “Boletim Esportivo”, que entrava aos 20 minutos de cada hora, os noticiários “O que dizem os Matutinos”, às 9h40 e “O que dizem os Vespertinos”, às 15h40, ambos com duração de 5 minutos e ainda “Atualidades Mundiais”, que ia ao ar às 10h, 14h, 18h e 23h (os três primeiros tinham duração de 5 minutos e o último de 10 minutos).

No “Departamento de Opinião”, o documento especifica a existência de seis comentários: “Editorial Econômico” (às 8:40h), “Calendário Político” (às 13:00h), “Flagrantes da Cidade” (às 19:00h), “Fatos em Foco” (às 20:00h), “Comentário do Dia” (às 21:00h) e “Parlamento da Graça” (às 21:40), que faziam parte do “Boletim Continental”, sob direção de Rubens Berardo.

Quando analisamos essa intensificação do jornalismo na Continental feita já em 1951, e procuramos outras experiências desse gênero no rádio brasileiro, vamos perceber um pioneirismo que até então era creditado à Rádio Bandeirantes

⁵⁰ Garcia não se recorda do teor do “Informativo D8”.

de São Paulo, como já vimos no capítulo anterior. Gisela Ortriwano faz referência a uma “inovação revolucionária”, que teria ocorrido em 1955⁵¹ na rádio paulista, e que teria influenciado outras emissoras: “A Bandeirantes de São Paulo fez-se pioneira no sistema intensivo de noticiário [...] em que as notícias com um minuto de duração entravam a cada quinze minutos e, nas horas cheias, em boletins de três minutos”. (SOUZA apud ORTRIWANO, 2003, p. 78) Observamos na experiência da Continental um esquema semelhante: a cada hora, três noticiários gerais, mais o “boletim esportivo”, todos com duração prevista de 3 minutos. Portanto, também são quatro informativos, no período de uma hora, como na experiência da Bandeirantes, mas com tempo de duração maior e que já estava em prática havia quatro anos.

A transmissão dos informativos e dos eventos esportivos foi intensificada, mas não era a única programação da Continental. Gagliano Neto não abriu mão da música. Pensou, portanto, em um “formato radiofônico novo, o de música-esporte-notícia, embora a rádio procurasse se concentrar mais na informação e na cobertura esportiva em detrimento da programação musical”. (FERRARETO, 2000, p.139). No mesmo livro de ponto, que evidencia a intensificação do jornalismo, encontra-se a relação dos programas veiculados no dia 27 de dezembro de 1951. No período da manhã (tabela 1), a variedade musical era evidente.

Tabela 1 – Fragmentos da Programação da manhã da Emissora Continental, em 27 de dezembro de 1951.

Hora	Programa	Observações
6:55	Prefixo Musical	
7:00	Sinfonia Matinal	
7:40	Nos Bastidores do Mundo	Comentário de Al Neto (gravação)
7:45	Sinfonia Matinal	Continuação
8:00	Almanaque D8	Adaptação - Wanderley Ferreira
8:05	Parada de Baiões	
8:35	Orquestras Famosas	
9:00	Monitor Mercantil	Boletim comercial
9:05	Sucessos para o carnaval de 52	
10:05	Da Terra do Tio Sam	
10:35	Postais Auriverdes	
11:00	Suplemento Itar Copacabana	

Fonte: Livro de Ponto da Emissora Continental (cedido por Paulo Caringe)

⁵¹ Enquanto Ortriwano (2003) aponta o ano de 1955, Sampaio (1971) remete o fato ao ano de 1954.

Excluindo-se os comentários e os informativos, a Continental trazia 11 programas. Não possuímos muitas informações sobre esses programas do período matutino, mas podemos observar uma variedade de estilos musicais sendo executados: baião, “músicas orquestradas”, músicas americanas e marchinhas de carnaval. Os programas “Sinfonia Matinal”, “Postais Auriverdes” e “Suplemento Itar Copacabana” não nos dão muitas pistas sobre qual vertente musical seguiam, se é que eram musicais.

Nesse período identificamos uma única adaptação radiofônica com duração de cinco minutos. Em nenhum outro momento da programação observamos as radionovelas, que até então eram verdadeiras coqueluches do rádio brasileiro. Também não existiam programas de auditório, que com seus famosos *speakers*, *cast* exclusivo e orquestras, atraíam os ouvintes no período que compreende o início da década de 1940 a meados dos anos 1950. A programação musical era baseada em gravações. Há que se salientar, também, que atualmente o período da manhã é o horário nobre do rádio, mas não o era até então. O horário nobre era à noite, posto que a televisão roubou do rádio na década de 1960.

No período da tarde (tabela 2), a variedade musical continua, com boleros, músicas francesas e latinas. Entretanto, já vemos surgir programas direcionados à mulher, como “Cary às suas ordens” e “Programa Carlos Palut”, apresentado por Palut e sua esposa, Alba Regina, que segundo Jorge Sampaio⁵² (2004) “dava aquele negócio de doce, receita de bolo, era um programa tipicamente feminino, [...] tocava muita música brasileira, samba, o que tivesse na época”. Há também nesse período uma presença mais acentuada do esporte, uma vez que, além dos boletins esportivos, apresentam-se o “Programa Esportivo” e a “Resenha Esportiva Fluminense”. Alguns programas são nitidamente musicais, como o “Moldura Musical”, “Ritmos da Continental”, “Álbum Sonoro Sinter Capital” e “Cantando para Você”, mas também não há como identificar que estilo de música eles irradiavam.

Observamos no final do período uma transmissão externa diretamente dos Estúdios Flama, uma produtora cinematográfica que, assim como a Continental,

⁵² Jorge Sampaio se referiu ao programa que era apresentado no período da tarde por Palut e Alba Regina como sendo “Copacabana Clube”. Um outro indício de que esse provavelmente era mesmo o nome oficial do programa é a notícia de 08/05/1951 na “Revista do Rádio” informando que Palut havia sido contratado pela Continental para a apresentação, entre outros programas, do “Copacabana Clube”.

fazia parte das Organizações Rubens Berardo. Não há como saber o horário da transmissão, nem quem a comandou, já que o texto com essas informações não permite a leitura. Contudo, a informação de que era “...diretamente da Flama” é um indício de que essa foi uma transmissão de fora dos estúdios da emissora.

Tabela 2 – Fragmentos da Programação da tarde da Emissora Continental, em 27 de dezembro de 1951

Hora	Programa	Observações
12:00	Programa Esportivo – 10”	Apres. José Dias e Waldir Amaral
12:10	Moldura Musical	
12:35	Boleros em Desfile	
13:03	Moldura Musical	
13:15	Dos <i>Boulevards</i> de Paris	
13:35	Cantando para Você	Apres. Nelson Eddy
13:40	Cary as suas ordens (Progr. Feminino)	De 13: 45 às 13: 50, comando (Carlos Pallut) sobre aumento preços dos peixes
13:50	Cantando para Você	continuação
14:05	Álbum Sonoro Sinter Capital	
15:00	Programa Carlos Pallut Até as 1700h.	Músicas e novidades. Organizado por Pallut e Alba e por eles apresentado.
15:10	Cine Teatro	Organizado e apres. por Manuel Jorge
15:18	Programa Carlos Pallut	Continuação
16:00	Programa da Tears	Patrocinado
16:33	Prog. Grande Prêmio Ipanema	
16:55	Programa Carlos Pallut	Encerramento
17:00	Carnet Social	
17:05	Audições Todamérica	
18:05	Ritmos da Continental	
18:40	Resenha Esportiva Fluminense	Apres. Ricardo Alfredo
18:55	Moldura Musical	
?	... diretamente da “Flama”	Coquetel oferecido aos empregados das Empresas Rubens Berardo

Fonte: Livro Ponto da Emissora Continental (cedido por Paulo Caringe)

No período noturno (tabela 3), que, como já vimos, era o horário nobre do rádio de então, a Continental apresentava a maior concentração de opinião nos comentários “Flagrantes da Cidade”, “Fatos em Foco”, “Comentário do Dia” e “Parlamento da Graça”, um programa esportivo (com 25 minutos de duração) e um de

basquete (com 5 minutos), um programa sobre cinema e espaço maior do que três minutos para reportagens. A música entrava no horário nobre nos programas “Molduras Musicais”, “Paisagens Musicais” e “*Boite* dos 1.030”. Este último era apresentado por Jorge Sampaio e os “1.030” do nome se referem à frequência da emissora no *dial*. Segundo Sampaio (2004), o programa “era André Kostelanetz, as grandes orquestras da época, “*Boite*” era música: vamos ouvir, acabaram de ouvir, o rádio se resumia nisso”. Os programas “Painéis Latino Americanos” e Filigranas do Rio da Prata” não apresentam a devida evidência para assegurarmos se eram musicais.

Tabela 3 – Fragmentos da Programação da noite da Emissora Continental, em 27 de dezembro de 1951

Hora	Programa	Observações
19:30	A Voz do Brasil	
20:05	Programa Esportivo	Duração de 25 minutos
20:35	Crônica Sobre cinema – Exibidores	– apres. Manoel Jorge
20:40	Programa de Basquete	
20:45	Molduras Musicais	
21:05	Painéis Latino Americanos	
22:00	Reportagens - 8 min. - gravação	Entrevista de Moacir Fenelon
22:08	Paisagens Musicais	
22:35	Filigranas do Rio da Prata	
23:30	<i>Boite</i> dos 1.030	Patrocínio de “A Televisão”
1:00	Encerramento	

Fonte: Livro Ponto da Emissora Continental (cedido por Paulo Caringe)

Mesmo tendo esse espaço garantido dentro da grade de programação, os relatos dos antigos repórteres dão conta de que a música não era prioridade para a emissora e poderia ser interrompida a qualquer instante para a entrada da informação. Jorge Sampaio (2004) diz que a emissora era “muito falada” já que a matéria-prima eram a informação e os esportes. “A programação musical, por exemplo, da Continental, ela era interrompida em plena música pra que você fizesse um flash de qualquer lugar dizendo uma coisa importante” (GARCIA, 2005). A música relegada ao segundo plano também é o que recorda Carlos Alberto Vizeu (2004):

A programação dela, da Continental, era uma programação ao vivo o tempo inteiro, as músicas eram secundárias, a música tocava na verdade só pra, vamos assim dizer, tapar o buraco, mas a

Continental ela tinha a preocupação da reportagem, não é da notícia, é da reportagem.

Dessa fala de Carlos Alberto Vizeu um ponto nos inquieta: se até então o rádio não tinha essa preocupação, de onde ela surgiu? Por que a Continental passou a fazer as reportagens externas? É nesse aspecto que nos deteremos a partir de agora.

4.2 O Embrião das Reportagens Externas

Não há como negar que um dos aspectos que impulsionou o surgimento da reportagem externa na Continental tem íntima relação com o esporte, como propõe Soares (1994, p. 59). A transmissão externa de partidas de futebol teve início na década de 1930⁵³ e muitas das soluções encontradas para essas transmissões influenciaram no desenvolvimento do radiojornalismo, como atesta Ortriwano (1985, p. 27):

Com relação ao aspecto tecnológico, a presença do esporte também foi importante. Os problemas técnicos precisavam ser resolvidos e as soluções encontradas eram aplicadas a outras situações. A formação de redes – cadeias de emissoras – muito deveu às transmissões de eventos esportivos.

O fato de a Continental ter o esporte como uma das bases de sustentação da sua programação faz com que vislumbremos também uma influência no surgimento das transmissões externas para o restante das informações, que não as esportivas. Já pudemos perceber, pelo relato de Gagliano Neto no ano em que o rádio completou quatro anos de atividade, que foram muitas as transmissões, inclusive de edições extraordinárias, mas, pela fala de Gagliano, estas se relacionavam com o esporte. Depois de fazer tantas transmissões esportivas, a Continental pode ter dado o passo para transmitir também, simultaneamente, outras áreas do jornalismo que não o esportivo. Não podemos desprezar também que o

⁵³ Há uma certa polêmica com relação a quando a primeira partida foi transmitida e quem foi o pioneiro. Parte da literatura aponta Nicolau Tuma, que teria feito a primeira transmissão, segundo Ortriwano (1985) em 10 de fevereiro de 1932 e segundo Soares (1994) em 1931. Já Baumworcel (1999) credita a Amador Santos a façanha, situando a transmissão entre 1929 e 1930. Federico (1982) e Murce (1976) também atribuem o feito a Amador Santos, mas não indicam em que data teria acontecido.

rádio brasileiro era muito baseado no modelo americano⁵⁴, e, como já tratamos, nos Estados Unidos as reportagens externas começaram a ser feitas já em 1927. Na experiência da Continental, entretanto, não existem evidências de como foi tomada essa decisão e quando isso foi feito. Felice (1981, p. 68), que é a base para muitas das obras que contam a experiência da emissora, afirma que a reportagem externa surgiu no final da década de 1950, depois de uma reunião de

[...] Carlos Palut e Ary Vizeu com a alta direção da Emissora Continental. Foi então elaborado um plano com o sentido de dar força às reportagens externas. Esse plano consistia na criação dos 'Comandos Continental', quando a emissora passava a transmitir diretamente dos locais dos acontecimentos.

Um dos citados participantes deste encontro, Ary Vizeu (2004), diz não se recordar de tal reunião e nega que dela tenha participado. A negativa faz sentido, uma vez que Ary Vizeu somente entrou na Continental na década de 1960. Carlos Alberto Vizeu (2004) é bastante enfático e não acredita que essa reunião tenha existido:

Eu desconheço essa reunião, como uma das coisas que o Palut sempre foi, da vida dele toda, ele nunca foi chegado a muita reunião, diga-se de passagem, ele nunca foi chegado a fazer muita reunião. Ele sempre fazia as reuniões assim, mas as coisas muito assim, explicadas assim muito rapidamente, e ele gostava muito que as coisas fossem testadas no ar. Ele não gostava de ficar teorizando, botando muito, ensaiando muito, não era muito com ele.

Se tal reunião não é conhecida e nem citada por algum dos entrevistados, pelo menos uma questão permeou muitos depoimentos: a cobertura ao vivo do carnaval. Para Carlos Alberto Vizeu (2004) esse foi o embrião das transmissões externas que se fariam na Continental.

Foi ele [Palut] que trouxe essa coisa da reportagem, da cobertura de carnaval e que foi o embrião, a cobertura de carnaval na verdade foi o começo, foi o primeiro passo para o que ele queria fazer que era fazer a cobertura dos grandes acontecimentos, que depois foi feito.

Jorge Sampaio (2004), que participou da primeira cobertura do carnaval, também atribui a idéia a Palut. Ele conta que Palut precisou convencer o então diretor geral da emissora, Gagliano Neto, a permitir a transmissão, e diz que a cobertura foi um sucesso que alavancou a audiência da rádio:

Em 1951, nós fizemos a primeira transmissão de carnaval do Rio de Janeiro. 1951. Ele [Carlos Palut] era um sujeito extraordinário,

⁵⁴ Já citamos no capítulo anterior as experiências de Ademir Casé e Haroldo Barbosa que se inspiravam na NBC para a criação de novos programas.

criativo, cheio de invenção, ele criava, ele realmente criava, e a Continental, para que você tenha uma idéia, há o seguinte, a Rádio Nacional ela era absoluta na época, então a Rádio Nacional era líder de audiência. A Continental estava lá no fim, na rabeira, depois que o Palut criou, a rádio Continental não ficou líder porque ela era uma emissora de potência pequena, mas ficou numa posição de destaque e à proporção que o tempo foi passando a Continental subiu, a ponto de todo mundo ouvir a Continental, ela teve uma audiência extraordinária⁵⁵, elegeu o dono da estação, chamado Rubens Berardo, ele foi eleito vice-governador, deputado federal.

Quem também participou dessa transmissão foi Afonso Soares (2005), que informa que a idéia de Palut era cobrir o carnaval à margem do carnaval, ou seja, “dar uma cobertura principalmente pra quem estava em casa. Isso ninguém acreditava que pudesse ser sucesso”. Mas foi. Segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), durante o carnaval “o noticiário ficava relegado ao quinto plano”. Palut o colocou, então, em evidência, ou seja, em vez de falar apenas das escolas e dos desfiles, centrou-se nos fatos que ocorriam nos entornos do carnaval. “Depois, todas as rádios começaram a imitar a Continental, o estilo de cobertura porque foi uma coisa que, uma prestação de serviço” (VIZEU, C.A., 2004).

Essa primeira cobertura do carnaval idealizada por Palut é chamada por Jorge Sampaio (2004) de “empírica”, principalmente pela falta de equipamento e de experiência em transmissões desse tipo. Apenas um posto de transmissão foi montado na avenida Rio Branco e, por meio de uma linha telefônica, instalada a pedido da emissora pela Companhia Telefônica Brasileira, a transmissão foi feita. Segundo Sampaio (2004), lá se revezavam ao microfone Carlos Palut, sua esposa,

⁵⁵ Buscamos os índices de audiência da emissora no Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, em Campinas-SP, que arquiva as pesquisas do IBOPE. Entretanto, encontramos muita dificuldade para sistematizar os números em função de constantes mudanças na forma de tabulação dos dados. Inicialmente, de 1948 a 1950, os levantamentos mediam as unidades em 15 minutos e não apresentavam um ranking entre todas as emissoras, apenas a audiência a cada quarto de hora. Em 1950 o sistema de tabulação passa a listar apenas as oito emissoras mais bem colocadas. Em 1952 ocorre uma nova mudança, com a apresentação do *ranking* a cada dia da semana. A constante mudança de metodologia de apresentação das informações não nos permitiu ter uma visão global do desempenho da emissora a partir de 1948. O que podemos afirmar é que a Emissora Continental surgiu pela primeira vez na edição de agosto de 1948 (referente aos meses de junho e julho) e ocupou os últimos lugares (à sua frente ficaram Nacional, Tamoyo, Jornal do Brasil, Globo, Mauá, Cruzeiro do Sul, Tupy, Club do Brasil, Mayrink Veiga, Ministério da Educação e Vera Cruz e atrás figuravam Prefeitura, Guanabara, Club Fluminense e emissoras estrangeiras) Com os passar dos meses, a emissora foi agregando ouvintes, chegando a ficar, em novembro de 1952, em segundo lugar aos domingos, perdendo apenas para a Rádio Nacional (nesse mesmo mês, a título de exemplo, a emissora ocupou o quarto lugar nas segundas feiras, o décimo às terças, quartas e quintas feiras, o nono às sextas feiras e o quinto aos sábados) Houve, portanto, pelos dados analisados, um aumento significativo da audiência, mas como não buscávamos horários ou dias da semana específicos e sim a emissora como um todo não nos foi possível a obtenção dessa informação.

Alba Regina, Afonso Soares, Dalwan Lima, Manoel Jorge e o próprio Jorge Sampaio.

Em depoimento ao vídeo-documentário “Rádio no Brasil, 1922-1990”, Afonso Soares confirma a data de 1951 como sendo o início das coberturas de carnaval. Entretanto, fala em mais postos de cobertura e acrescenta o repórter Newton de Souza:

1951, carnaval, fevereiro, Emissora Continental, Carlos Palut. Eis aí um pacote pra mostrar para os senhores uma nova era do rádio, Carlos Palut, o saudoso Carlos Palut, por todos os títulos o maior repórter que o rádio já produziu, resolveu mostrar para quem estava em casa o que era o carnaval e montou uma equipe e montou vários postos espalhados por esse Rio de Janeiro. Neste carnaval, 1951, o primeiro da história do rádio, além de Carlos Palut, da minha própria presença, eu me lembro de pessoas que trabalharam também e que durante muitos anos trabalharam em reportagem de rádio: Manoel Jorge, o saudoso Manoel Jorge, o Campista Dalwan Lima, que ainda aí está, trabalhando no rádio, Jorge Sampaio, trabalhou em rádio e televisão e Newton de Souza. Esses foram os nomes principais, pra não falar da própria mulher de Carlos Palut, Alba Regina, que era uma magnífica rádio-atriz e que tinha um programa com o próprio Palut, chamado Copacabana Clube e que também participou da cobertura de carnaval, repito a primeira, em 1951, pela Emissora Continental.

Essa mesma data, de 1951, é mencionada, espontaneamente, por Saulo Gomes (2004) e Carlos Alberto Vizeu (2004). Entretanto, uma notícia da “Revista do Rádio” de 08 de maio de 1951 informa:

Carlos Palut, depois de praticamente ligado à Rádio Mayrink Veiga, assinou contrato com a Emissora Continental. Ele e Alba Regina, que apresentará, na PRD-8, o programa “O Correio já Chegou”. Por sua vez, Palut realizará “comandos” na sua nova emissora, além de apresentação do “Copacabana Clube” e do “Campeonato Carioca de Calouros”, idealizado por Gagliano Neto. (RADIOLÂNDIA, 1951)

Na revista da semana seguinte, a notícia é confirmada quando se afirma que “Carlos Palut, mais uma vez, mudou de prefixo. O jovem produtor não pára mais que um ano numa emissora” (RADIOLÂNDIA, 1951). Juntemos a essas notícias outra anterior, datada de 13 de março de 1951, da mesma “Revista do Rádio”, que revela que Palut era diretor-artístico da Rádio Guanabara.

Existe, entre os depoimentos e as notícias da “Revista do Rádio”, uma clara discrepância de datas. Se a “Revista do Rádio” noticia que Palut é o diretor-artístico da Guanabara em março e que mudou de emissora em maio, ele não poderia ter participado da cobertura de carnaval de fevereiro pela Continental.

Entretanto, a menção dessa data, 1951, é tão enfática que não podemos duvidar que de alguma forma ela marcou as reminiscências dos entrevistados. Como já discutimos neste trabalho, não consideramos os documentos escritos (notícias da “Revista do Rádio”) superiores aos relatos orais. A “Revista do Rádio” (de 08/05/1951) não informa a data exata da mudança de emissora por parte de Palut. Pressupõe-se que tenha sido na semana anterior, já que a revista é semanal, mas isto, como já dissemos, é uma suposição. Por algum motivo que desconhecemos, quatro dos nossos entrevistados fixaram-se na data de 1951. Portanto, não podemos afirmar quem está com a razão, apenas apontar que o início das transmissões da cobertura de carnaval ocorreu entre 1951 e 1952.

O carnaval de 1952 mereceu uma nota na “Revista do Rádio” que circulou em 11 de março de 1952, mas esta não informa se foi ou não a primeira cobertura feita pela Continental:

[...] a PRD-8 por sinal, manteve dez postos fixos de irradiação, **além de reportagens volantes**, que descreveram, em todos os seus detalhes, o Carnaval na Avenida Rio Branco, etc. Foi uma “cobertura” eficiente, que colocou o rádio na sua condição plena de informativo. (RADIOLÂNDIA, 1952 - grifo nosso)

A partir dessa experiência da Continental, a transmissão ao vivo do carnaval tornou-se tradição no Rio de Janeiro e as rádios começaram a competir em busca da melhor cobertura. No ano de 1954, segundo informações extraídas do “Plano para a grande cobertura radiofônica do carnaval de 1954”⁵⁶ elaborado pela “Divisão de Imprensa Falada” da Continental, a emissora daria “uma maior atenção para o assunto” em função do “êxito, cada vez mais crescente, de ano para ano [...] somado à circunstância de que, êste ano, mais duas emissoras (Globo e Nacional) se preparam para realizar trabalho idêntico”. Para tanto, foram instalados 20 postos de irradiação, sendo 18 fixos e 2 volantes. No ano anterior, a Continental havia trabalhado com 12 postos, como informa o mesmo documento⁵⁷.

Ficaram assim definidos os 20 postos de atuação:

1) Posto Central: seria construído na Avenida Rio Branco, onde se revezariam Manoel Jorge e Dalwan Lima;

⁵⁶ O “Plano” nos foi cedido por Paulo Caringi e consta dos anexos desse trabalho.

⁵⁷ O documento também menciona que a Continental vinha fazendo a cobertura do carnaval havia cinco anos, ou seja, desde 1949. Entretanto, nenhum dos nossos entrevistados cita experiências de cobertura de carnaval antes de 1951.

2) Posto Volante: seria coberto com o RC-2, que era um dos carros de transmissão externa da emissora. Ficaria responsável pelas informações das escolas de samba, dos ranchos e do desfile das grandes sociedades (cada um desses eventos aconteceria num dia diferente). A locução estaria a cargo de Manoel Jorge ou Dalwan Lima.

3) Posto volante: seria coberto com o RC-1, o outro carro da emissora, que circularia pelo centro da cidade informando sobre “acontecimentos dignos de destaque, encaminhando menores perdidos ao Juizado de Menores, etc”;

4) Rádio Patrulha: locutor Paulo Coelho;

5) Pronto Socorro: locutor Magro Júnior;

6) Hospital Miguel Couto: locutor Walter Ribeiro;

7) Assistência do Méier: locutor Samuel de Oliveira;

8) Hospital Carlos Chagas: locutor Waldir Finotti;

9) Hospital Getúlio Vargas: locutor Vitorino Vieira;

10) Niterói (Clube Central): locutor Hilton Santos.

11) Delegacia de Costumes: locutor Mário Barcelos;

12) Silogeu: locutor Augusto Araújo;

13) Assírio: locutor Rui Carneiro;

14) High Life: locutor Newton de Souza;

15) Bola Preta: locutor Celso Garcia;

16) Democráticos: locutor Paulo Caringi;

17) Tenentes do Diabo: locutor Fernando Carlos;

18) Fenianos: locutor Avelino Dias;

19) Emb. Sossêgo: locutor Milton Fernandes;

20) Central Técnica: locutor Afonso Soares

Dessa listagem dos postos de atuação, dois são destacados pelo “Plano de Cobertura”: o de Niterói e a Central Técnica. O posto de Niterói (no. 10) era uma das novidades em relação ao ano anterior. O documento justifica a criação do novo local salientando que, além de Niterói ter seu próprio carnaval e ser a sede oficial da Continental, a emissora tinha “motivos de ordem política” que a prendiam ao governo fluminense. Como veremos adiante, o proprietário da emissora, Rubens Berardo, foi político e, em razão de suas ligações estreitas com o poder conseguiu várias concessões de rádio e TV. Sobre a Central Técnica (no. 20), o “plano de cobertura” informa que “a experiência do ano passado demonstrou a necessidade da

instalação desse posto fixo para a recepção e transmissão de informes de interesse público (notícias sobre desaparecidos, enfermos, etc.)”

O documento da “Divisão de Imprensa Falada” informa ainda que a “Seção de Comandos e Reportagens” possuía apenas seis repórteres e, para dar conta de todos os postos, seria necessário aproveitar locutores de outros departamentos, como da “Seção de Noticiário”, além de profissionais que faziam a cobertura do esporte. Essa informação vem ao encontro do que afirmou Teixeira Heizer (2004), de que nas coberturas de carnaval ou de grandes catástrofes a equipe de esporte era chamada a atuar junto com a equipe de jornalismo.

O nome de Carlos Palut não aparece nesse planejamento de cobertura. Notícia da “Revista do Rádio” de 16/03/1953 informa que ele havia se desligado da Continental e ido chefiar os “Comandos Cariocas” da Rádio Roquette Pinto. O retorno à Continental se deu, segundo a “Revista do Rádio” (de 26/06/1954), em junho de 1954.

No Carnaval de 1955 o nome de Palut volta a ser citado e a Continental preparou uma cobertura ainda mais abrangente. Um organograma (Figura 1), feito pela emissora, informa que seriam montados 30 postos fixos, 10 postos volantes e atuariam 62 rádio-repórteres na cobertura.

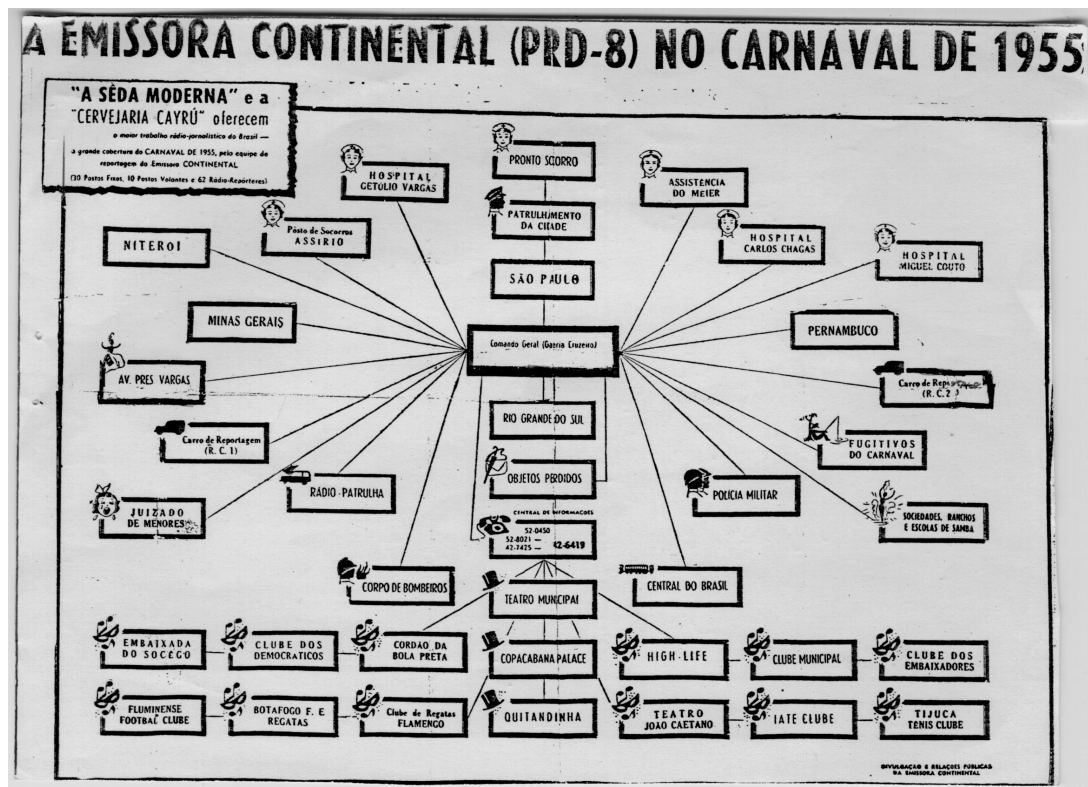


Figura 1 – Esquema de cobertura do Carnaval de 1955
 Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Caringi

Nesse esquema, observamos que a cobertura se expandiu, deixando de ficar restrita à cidade do Rio de Janeiro e Niterói, incluindo o carnaval dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Mantinham-se os postos nos hospitais, nos clubes, os dois postos volantes a bordo do RC-1 e RC-2, mas ampliava-se a cobertura para “os fugitivos do carnaval”, como aquelas pessoas que procuram o campo, a montanha ou uma pescaria para escapar dos festejos.

A “Bolsa de Valores do Rádio”, uma seção fixa da “Revista do Rádio” em que os programas eram avaliados e recebiam notas de zero a dez, classificou com cotação nove a cobertura do carnaval de 1955 feita pela Continental, na revista que edição em 05 de março:

Excelente reportagem. Viva, dinâmica, bem entrosada e até mesmo inteligente, em certos momentos. Esquecido o repisamento dos nomes dos locutores (coisa dispensável e que impressiona mal), o trabalho dos rapazes da Continental esteve quase perfeito. Em certos instantes, ultrapassou mesmo o próprio carnaval carioca, pobre e triste carnaval de 55. É que os rapazes, na ânsia de realizar uma grande reportagem, acabaram por nos convencer de que estavam mesmo assistindo a um grande carnaval....(BOLSA..., 1955)

O que se observa em todas as informações das coberturas dos carnavais é que, além de transmitir os desfiles, a Continental passou a fazer um trabalho de prestação de serviço, informando sobre pessoas desaparecidas e acidentes, como fica claro em uma nota publicada pela coluna “Ôlho por ...” da revista “Radiolândia”, em 12 de março de 1955:

Gente boa essa da Rádio Continental. Trabalharam os três dias de carnaval, ajudaram todo mundo. Acharam crianças, prenderam uma guarnição inteirinha da Rádio-Patrolha, localizaram carro roubado, moça fugida, marido transviado, comeram em pé, choraram e riram de emoção. Todo mundo trabalhou. Dava uma sensação de segurança saber que eles lá estavam, em todos os pontos da cidade, sempre informando. De vez em quando havia uma alteração. O nome de Pallut corria para lá e para cá, o ouvinte entrava na conversa, o ouvinte ficava com vontade de levar comida para os rapazes, matar a sede dos meninos, isso até o momento em que resolvia ir vê-los de perto. A coisa era bem diferente, mas os rapazes são repórteres até quando não há assunto. Estavam calmamente sentados, quando a Central dava um chamado, começavam a falar apressado, informando, gritando, berrando, uma agitação louca tomava conta deles e dos assistentes. Gente muito boa essa da Continental. Enquanto a maioria dos radialistas deu um jeitinho de fugir do trabalho, eles mergulharam pra cabeça... (OLHO..., 1955)

Na avaliação de Jorge Sampaio (2004), com a cobertura de carnaval, a Continental ganhou em audiência e em amplitude de ação. Ele compara o feito da emissora a “um gol de letra” e afirma que, a partir de então, aumentou o prestígio da rádio porque ela “ia até o fato, onde ele acontecesse estava um repórter presente”. A atitude de “ir até o fato” evidenciava a busca pela informação ampliada e, na avaliação de Carlos Alberto Vizeu (2004), essa procura indicava uma outra preocupação que Carlos Palut já havia demonstrado na cobertura de carnaval: a prestação de serviço.

São muitas as evidências já apresentadas até aqui que marcam os anos de 1951/1952 como o provável início das transmissões das reportagens externas pela Continental. Relembremos: Gagliano Neto, no seu pronunciamento quando a rádio completava cinco anos, faz inicialmente um balanço até maio de 1951 – em que cita apenas irradiações esportivas – e somente fala das transmissões de reportagens quando passa a fazer seu relato de junho de 1951 a 1952; a existência já em 1952 da “Seção de Comandos e Reportagens” com Carlos Palut à frente; a menção, ainda por parte de Gagliano Neto, da rua e dos recintos fechados como sendo campo de ação da “Divisão de Imprensa Falada”; a enfática lembrança dos entrevistados dando conta da transmissão do carnaval como sendo embrião de posteriores transmissões de reportagens; e a informação, publicada na “Revista do Rádio” de 1952, que apontava a existência de reportagens volantes – ainda não são citados nominalmente o RC-1 e o RC-2, mas essa menção indica a existência dos carros para transmissão externa. Essas evidências, portanto, apontam o início da década de 1950 como sendo o marco para a reportagem externa na Continental e não o final da década, como até agora vinha sendo sustentado pela bibliografia acerca da emissora.

Sobre a prática dessa reportagem, como agiam os repórteres, como conseguiam estar presentes onde o fato acontecesse, como era pensada a pauta, e como se viabilizava a transmissão são os pontos em que vamos nos deter agora.

4.3 A Experiência da Reportagem na Continental

“A que está em todas”. Esse era um dos slogans da rádio Continental para o sistema de radiojornalismo implantado na década de 1950. Carlos Alberto Vizeu (2004) informa que “quando tinha um grande acontecimento a

Continental caía em cima”. Daí a justificativa para o slogan. O dia-a-dia das transmissões passou a ser feito pelos “Comandos Continental”, que, como vimos, já existiam pelo menos desde 1952, evidência obtida pelo pronunciamento de Gagliano Neto publicado na “Revista do Rádio”⁵⁸ (A SERVIÇO..., 1953). Uma Notícia publicada pelo jornal “Correio da Manhã” de 3 de fevereiro de 1955 informa que, “para melhor atender os interesses dos ouvintes, a Organização Rubens Berardo vem de realizar a fusão das seções de Noticiário e Reportagens da Emissora Continental, que tomou a denominação de ‘Departamento de Rádio Reportagem’”. Essa fusão evidencia uma junção de forças, já que se extinguiu a seção de notícias e dava-se ênfase à produção das reportagens. Era realmente uma maneira de priorizar a rua e a transmissão externa em detrimento da produção de notícias, que geralmente é feita de dentro da emissora. Carlos Alberto Vizeu (2004) salienta que a produção do noticiário continuava a existir para ser veiculado dentro dos radiojornais: “eles faziam mais o noticiário mesmo, aquele noticiário batido de locutor [...] eram dois locutores batendo o noticiário [...] cada um lia uma nota”, entretanto, completa, “Palut gostava de reportagem, a Continental era uma estação de reportagem. O noticiário ela mantinha, noticiário factual, a *Reportagem Ducal*⁵⁹ que entrava de hora em hora, mas nada de preocupação”.

Para dar agilidade aos “Comandos” nas transmissões externas, a emissora possuía dois microfones sem fio chamados de BTP. Nada parecido com os microfones sem fio que conhecemos hoje, portáteis e discretos, o BTP

tinha mais ou menos assim uns 40 centímetros de altura, 10 por aí, de largura, com duas alças de ferro, era uma bateria e ele operava como um pequeno transmissor. Então um operador a uma certa distância, sintonizava o som desse microfone, até ajustar aquela sintonia e isso é que servia para nós fazermos as transmissões externas quando tínhamos que nos deslocar. (GOMES, 2004)

Apesar de grandes e desconfortáveis, os microfones eram, segundo Paulo César Ferreira (2004), “moderníssimos” para a época. “Era uma coisa terrível (risos), era o chamado BTP 1A, [e] o BTP 2A, que eram verdadeiros tijolos, imagina um tijolo, esse tijolo tinha duas alças e em cima tinha uma antena, você ligava e desligava pra falar. Era uma coisa brutal”.

⁵⁸ Recordemos o trecho do pronunciamento: “E se o acontecimento tem grande importância, a **Emissora Continental comparece com seus “comandos”** ou com seus repórteres” (grifo nosso)

⁵⁹ Não possuímos muitas referências sobre a “Reportagem Ducal”. Só podemos afirmar que começou depois de 1951, já que não consta no livro ponto de 27 de dezembro de 1951.



Figura 2 – Os BTPs em ação: Paulo Caringi transmitindo um boletim do Congresso Eucarístico Internacional e entrevistando o presidente Juscelino Kubitschek.
 Fonte: arquivo pessoal de Paulo Caringi

Além dos BTPs, a Continental possuía ainda dois carros volantes, o RC-1 (Rádio Continental 1) e o RC-2 (Rádio Continental 2), que, já vimos, participavam ativamente das coberturas de carnaval. Os carros eram da marca Dodge e foram adquiridos por meio de permuta, ou seja, pagos com o anúncio da marca na emissora. Aí o motivo de mais um slogan: “Os ‘Comandos Continental’ usam carro Dodge porque não podem parar nem falhar”.

Segundo informações de Carlos Alberto Vizeu (2004) e Jorge Sampaio (2004), a permuta viabilizou mais de dois carros – cinco ou oito segundo Vizeu e quatro segundo Sampaio. Os carros que não foram para o jornalismo se destinaram aos membros da família Berardo. Paulo Caringi também confirma a permuta e acrescenta que “estava encostada a marca Dodge, na praça ninguém queria, ninguém acreditava nesses carros. Então a Continental viu dois carros parados, fez uma permuta, não pagou nada e adquiriu com a propaganda” (2004).

O RC-1 era um carro menor – uma camionete – e o RC-2 era um furgão. De cor azul e escrito com letras amarelas, os carros da Continental chamavam a atenção por onde passavam e, segundo Baumworcel (2004), foram os

primeiros do país totalmente equipados para transmitir reportagens externas⁶⁰. Saulo Gomes (2004) explica ainda que os carros possuíam equipamento de FM para viabilizar as transmissões:

Foi o primeiro equipamento de FM que nós conhecemos, acho que é isso que você está querendo saber, como nós transmitíamos? Então, transmitíamos direto desses carros em movimento, através dos aparelhos de FM, que não eram compactos, lógico, como os de agora, era um aparelho que correspondia mais ou menos a metade desse armário, nessa altura aqui, então um metro e meio de altura por uns 80 centímetros de largura.



Figura 3 – Paulo Caringi transmitindo do RC 2
Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Caringi

De acordo com Paulo César Ferreira (2004), a transmissão que saía dos carros volantes era enviada para um “rebatedor”, situado no alto do Pão de Açúcar, de lá iam para a central técnica da emissora e daí para a torre de transmissão e, conseqüentemente, para os aparelhos de rádio.

Os carros RC-1 e RC-2 circulavam diariamente pela cidade. Um ficava encarregado de cobrir as pautas previamente agendadas e o outro percorria a

⁶⁰ Essa mesma informação – os primeiros equipamentos de reportagem externa – foi também citada por Saulo Gomes (2004)

cidade em busca do inusitado e do inesperado. A ordem de Palut era a de que os repórteres procurassem por assuntos de interesse da cidade e prestassem um serviço ao cidadão falando de incêndios, assaltos, desabamentos ou enchentes.

Essa preocupação com a prestação de serviço, na avaliação de Carlos Alberto Vizeu (2004,) fez com que a Continental se transformasse na “rádio mais moderna da década de 50. [...] Porque ela apresentou uma programação voltada pra uma coisa que hoje o rádio, **hoje** [ênfatisa] o rádio se preocupa, que é uma coisa chamada serviço. A Continental fazia isso desde 1950”. Como já apontamos no capítulo anterior, essa tendência de preocupação com a prestação de serviço não foi uma exclusividade da Continental. Na avaliação de Zucoloto (1998), o serviço foi sendo agregado ao jornalismo na busca de novos caminhos para o rádio depois do advento da televisão.

Pelos relatos dos entrevistados depreende-se que a Continental cobria de tudo, desde acidentes até feira livre. Teixeira Heizer (2004) fornece um exemplo de serviço que a Continental prestava e que a colocava ao lado do ouvinte:

Então, o Palut conseguiu ter sucesso nisso aí. Ele tinha coisas assim: Feira livre, ele ia lá, a equipe dele ia lá: ‘olha o tomate tá muito caro’, ‘esse pimentão está estragado’. Isso no ar, assim. Isso foi o maior sucesso, porque a dona de casa se sentia assim vingada. [...] Ele ia na padaria e dizia assim: ‘pesa o pão aí que eu quero ver’. Eles eram fiscais, eles eram tudo. ‘Pesa o pão aí’ . ‘Ó, deu só 40 gramas, o senhor tá roubando, e tal’. [...] Então eles vingavam as donas de casa. E se tornaram bastante populares no Rio de Janeiro. E impuseram esse esquema de externas.

Nessa prática de externas, segundo Afonso Soares (2005), “não havia um fato que acontecesse no Rio de Janeiro que a Continental não tivesse presente”. Essa, aliás, foi uma fala recorrente entre os entrevistados. Pelos depoimentos, o slogan de “a que está em todas” realmente se verificava no dia-a-dia. A cobertura que se fazia, nas palavras de Carlos Alberto Vizeu, era “pegar um acontecimento, ter começo, meio e fim, e ele [Palut] não fazia a coisa pela metade, a Continental, ela parava”. Ficar no ar transmitindo um acontecimento do seu início ao fim era, portanto, comum na Continental. A programação normal era interrompida, num formato de programa que hoje se denomina Edição Extraordinária, e toda a emissora trabalhava em função do fato. Como exemplo dessa forma de trabalho, Saulo Gomes (2004) relata a cobertura de um acidente entre dois trens, na estação de Mangueira, em que a equipe ficou quatro dias transmitindo:

Nós fomos todos para o local e lá permanecemos durante quatro dias, cobrindo o acontecimento, acompanhando as equipes médicas. Muitas pessoas ficaram presas nas ferragens, às vezes eles amputavam braços e pernas no local para salvar as pessoas. [...] E assim era em todos os assuntos.

Nesse caso específico, além de repórteres na estação de trens de Mangueira, a equipe se espalhou pelos hospitais e pronto-socorros que recebiam os feridos, Instituto Médico Legal, casa de familiares, prefeitura e secretarias municipais. Para que a cobertura se viabilizasse em situações como essa, segundo Saulo Gomes (2004), o jornalismo precisava negociar com o departamento comercial.

A gente prosseguia o mais possível com a notícia. O Palut, que ficava na retaguarda, acertava com o comercial. O comercial avisava aos anunciantes que eles iam dar uma compensação depois. Havia momentos que se evitava dar o comercial pra gente não perder o embalo, porque éramos muitos de nós no ar naquela hora.

No acidente de trens da estação de Mangueira, o primeiro a chegar ao local foi Jorge Sampaio. Ele conta que estava passando pelo viaduto de Mangueira, quando ouviu o barulho do choque:

[...] eu tava no ônibus e saltei do ônibus e fui ver. Foi uma carnificina [...] eu sabia, de frente era, é o morro da Mangueira até hoje, um lugar chamado “buraco quente”, só tinha **um** telefone. Eu sabia que só tinha um telefone, então eu fui lá no telefone, apanhei e botei no ar a reportagem: “estou falando, acaba de ocorrer um grande acidente no Rio de Janeiro, dois trens acabam de se chocar, estavam na mesma linha, subia e o outro descia”. [...] [Foi] um negócio tétrico, fui até lá embaixo, desci no leito da estrada, peguei num braço, quando peguei num braço, o braço ficou na minha mão, uma coisa tétrica.(SAMPAIO, 2004)

Outra cobertura, que indica a forma peculiar de trabalho dos “Comandos”, foi o desabamento de um prédio, ocorrido no início dos anos 1960. Carlos Alberto Vizeu estava com Carlos Palut quando este foi avisado da queda de um edifício residencial em Laranjeiras, um bairro da cidade do Rio de Janeiro. Vizeu recorda que quando chegaram ao local, Palut pediu emprestado um telefone de um prédio que ficava à frente do acidente e começou a transmitir – durante quase quatro horas – até chegarem outros repórteres e equipamentos. Ary Vizeu (2004) também se recorda do fato e completa: “aquilo ali foi um negócio muito triste. Teve gente que tinha saído do edifício, pra ir lá embaixo [...] comprar pão, quando voltou cadê o prédio? [...] Cadê o prédio? Não é possível!!!! Uma verdadeira loucura...”

Falando das grandes coberturas feitas pela Continental, Paulo Caringi (2004) e Saulo Gomes (2004) citam ainda a explosão dos paióis do Exército em Deodoro⁶¹, o incêndio em um circo em Niterói⁶² e em muitos outros prédios, como o do Edifício Astória, na Cinelândia e as constantes enchentes da cidade do Rio de Janeiro. Felice (1981, p. 69) informa que, na enchente de janeiro de 1966,

todo o trabalho de comunicação entre o povo e as autoridades passou a ser feito pela “Emissora Continental”. O Governo da Guanabara determinou que todas as informações fossem transmitidas à “Continental”, que se transformou numa espécie de “quartel-general” de toda a operação de socorro e atendimento das vítimas do temporal.

Esse fato narrado por Felice demonstra a experiência que a Continental adquiriu nesse tipo de desastre, a ponto do próprio governo concentrar as ações em torno da emissora. Quando iniciamos essa pesquisa, tínhamos dúvidas com relação à frequência com que esse tipo de cobertura era feita, mas como todos os depoimentos revelam em uníssono que esse era o dia-a-dia, e outras fontes de pesquisa também apontam para isso, entendemos que a reportagem externa era fato corriqueiro e freqüente na programação da Continental.

4.3.1 O ímpeto pelo imediatismo

Quando pensamos nesse tipo de jornalismo praticado pela Continental é importante não esquecermos de que estávamos na década de 1950, sem as facilidades tecnológicas da atualidade. Hoje, um repórter entra ao vivo numa emissora, falando de qualquer ponto do país, ou do mundo, usando um telefone celular. No Rio de Janeiro dos anos 1950 até uma linha de telefone fixo era difícil de ser conseguida. Mesmo assim, os “Comandos Continental” estavam sempre atentos ao que se passava na cidade e buscavam o imediatismo e a velocidade proporcionados pelo rádio, atitude que até então não era usual, já que o jornalismo, como já vimos, ainda estava muito preso ao estúdio. Para transpor as dificuldades

⁶¹ sobre a explosão em Deodoro, trataremos especificamente no capítulo seis.

⁶² O Banco de Dados Folha informa: “**17.dez.1961** — Incêndio criminoso no ‘Gran-circo Norte-americano’, instalado em Niterói (RJ), durante apresentação vespertina mata 317 pessoas, a maioria delas crianças e mulheres, e mais de 300 ficam feridas.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005)

técnicas – quando não estava a bordo do RC 1 ou RC 2 – a equipe usava do prestígio que já tinha conquistado junto à população para pedir os telefones emprestados. Os repórteres procuravam a residência mais próxima do local do fato, se identificavam e, segundo Jorge Sampaio (2004), depois de reconhecidos como integrantes dos “comandos”, usavam o telefone pelo tempo que fosse necessário.

Para fazer esse tipo de transmissão a equipe usava a técnica de “matar” o telefone, ou seja, com *plugs* chamados de “jacarés” ligavam o microfone diretamente à fiação do telefone e estabelecia-se uma conexão direta e ininterrupta com a emissora. Depois de feita a ligação, podia-se transmitir, durante o tempo que fosse preciso, um jogo, um desastre ou qualquer outro acontecimento. “Aí você diz, mas aí a dona de casa tá roubada, porque uma hora e meia, duas horas... Não, as pessoas tinham prazer, porque a Emissora Continental era um estado d’alma no Rio de Janeiro. O Rio se orgulhava da Emissora Continental” (HEIZER, 2004).

Segundo Jorge Sampaio (2004), esse era o modo mais usado para transmitir as reportagens porque era mais rápido e, também, “mais barato pro dono da estação”. Os “Comandos” também realizavam reportagens gravadas⁶³, entretanto, esse artifício era reservado principalmente para as entrevistas e para as reportagens que estavam previamente agendadas, o factual previsível, como se diz atualmente. O empecilho para as gravações esbarrava, mais uma vez, na questão tecnológica:

a máquina de gravar era um trambolho, coisa enorme, pesada [...] [Precisava de] mais de uma pessoa [para carregar]. Geralmente tinha o locutor, o repórter, o operador e o auxiliar, que muitas vezes era o próprio motorista. O motorista ajudava a carregar a máquina, **carregar a máquina**, imagina, hoje você tira do bolsinho um gravador e grava e passa ao mundo inteiro, via satélite ou você passa o que quiser. Antigamente era um trambolho, pesava o que? Mais de 20 quilos...

Depois os equipamentos foram diminuindo de tamanho, se miniaturizando, mas, até meados da década de 1960, os repórteres precisavam de maletas para carregar os aparelhos⁶⁴, que ainda utilizavam fitas de rolo⁶⁵.

Nas reportagens gravadas, a equipe procurava ater-se ao tempo de três minutos – a duração dos noticiários “Informativo D8”, “Repórter Continental” e

⁶³ Segundo Celso Garcia (2005) as gravações se centravam mais na parte política, que era apresentada no horário noturno.

⁶⁴ Fotos desse tipo de equipamento podem ser vistos no capítulo seis deste trabalho.

⁶⁵ A fita cassete foi criada em 1963, pela Philips.

“Repórter Carioca” já evidenciados pelo Livro de ponto de 1951 e confirmados pelos remanescentes da Continental, como Paulo Caringi (2004), que afirma: “[...] a pauta era cinco, seis, sete, oito assuntos, de três minutos. Tirávamos o mais importante, fazíamos três minutos, porque uma gravação de música é três minutos, no máximo, em três minutos você tem que ter senso de objetividade”. O tempo de três minutos também é citado por Celso Garcia (2005) que afirma que essa era também uma estratégia para não interferir na veiculação das publicidades: “a gente procurava sempre fazer três minutos. Por que três minutos? Porque é o horário que substitui a música, você salvava o comercial, entendeu?” Para fechar as reportagens em três minutos, os “Comandos” procuravam inteirar-se primeiro do assunto a ser reportado, e somente depois gravar as perguntas e a reportagem: “Então nós íamos pra lá, ouvíamos as perguntas que eram feitas, e depois para o rádio era uma coisa diferente. Baseados naquelas perguntas nós fazíamos outras perguntas mais objetivamente” (CARINGI, 2004). Até hoje, essa prática – primeiro conversar com a fonte e depois gravar a entrevista – é recomendada a quem faz radiojornalismo.

O momento de entrada da reportagem era determinado pela sua importância. Se não fosse urgente, esperaria até o próximo noticiário. Esse material gravado “nas máquinas de gravar” era levado para os operadores da emissora, na Central Técnica, que colocavam as reportagens no ar. Se a urgência falasse mais alto, o que tivesse sendo transmitido na emissora seria interrompido, ou seja, nem se esperava terminar a música que estivesse sendo executada. Segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), quem determinava ou não a interrupção do programa era o Chefe de Reportagem, que ficava na retaguarda, juntamente com dois redatores e um apurador. Quando era preciso interromper a programação, ainda segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), a Central Técnica inseria o prefixo dos “Comandos” – “A serviço do povo, por toda a parte, os Comandos Continental em ação” – e o locutor do horário ou alguém do jornalismo fazia a cabeça⁶⁶ para a reportagem e chamava o repórter, que deveria encerrar sua transmissão com a deixa: “Agora vou voltar a nossa sede. Ontem, hoje, amanhã e sempre a casa da reportagem”.

Na busca pelo imediatismo e velocidade proporcionados pelo rádio, a equipe precisava ter acesso rápido às informações. Uma das formas de tomar conhecimento dos acontecimentos eram os ouvintes. Para Afonso Soares (2005), a

⁶⁶ cabeça é o texto, lido normalmente a partir do estúdio, que introduz a reportagem que será transmitida.

parceria que se estabeleceu entre os ouvintes e a Continental foi uma das mais profícuas no rádio brasileiro:

Nós passamos a ter a seguinte situação, os ouvintes se encarregavam de comunicar à rádio o fato, [...] as pessoas ouviam a Emissora Continental e quando acontecesse um fato, ela telefonava pra comunicar. Nunca houve no rádio uma participação tão ativa do público com a rádio, isso nunca mais existiu, nunca mais. Não se faz hoje um rádio ou televisão com aquela, com aquela, com aquele, como é o termo que eu quero? Com aquela vontade, isso aí, o rádio hoje, nem a televisão, são mais assim.

Além da participação dos ouvintes para informar a ocorrência de fatos inesperados, Carlos Palut procurou plantar “informantes” em locais chave, como delegacias de polícia, hospitais e corpo de bombeiros. Jorge Sampaio (2004) relata que Palut visitava as instituições, conversava com os atendentes e, mediante o oferecimento de uma gratificação, pedia para que quando acontecesse algo importante, eles avisassem a Continental. Para Jorge Sampaio, essa gratificação não se configurava em suborno. Ele exemplifica ainda outros exemplos desse relacionamento com as fontes, como este, com a equipe da rádio-patrolha:

A rádio patrolha era no morro de Santo Antonio onde tem um convento. Nós pagávamos o pessoal da rádio patrolha pra dar informação pra nós, da Continental [...] Aí dava o que, 20, 50 reais pra eles, uma gratificação. Não era suborno, eles davam a notícia, “olha saiu uma patrolha pra rua tal”. Aí a gente, através de um morador, sabia o que que tava ocorrendo lá. Vale uma transmissão ao vivo de lá? Nós avaliávamos, vale, então corre pra lá, e lá a gente quando chegava, às vezes, quando eles chegavam, nós já estávamos lá. “Ah vocês já estão aqui, como é que vocês souberam?” Pelo próprio telefonista, o próprio soldado que nos passava a notícia.

Saulo Gomes (2004) ressalta ainda que cada repórter da Continental procurava cultivar suas próprias fontes, não somente aquelas que recebiam uma gratificação pela informação. Essa era uma atitude fundamental, já que não se possuía acesso facilitado à informação. Segundo Gomes (2004) cada repórter tinha um “caderninho”, onde inseria seus contatos, que podiam ser ouvintes da emissora ou amigos feitos depois de uma cobertura. Ele conta, por exemplo, que, depois de cobrir o carnaval no posto situado no Hospital Souza Aguiar, os enfermeiros e médicos do local passaram a avisá-lo quando uma personalidade famosa estava sendo socorrida no local: “eu era sempre um dos primeiros a ser informado. E isso acontecia comigo e com todos os meus colegas em todos os seus setores de atividades” (GOMES, 2004) .

Quem ficava na retaguarda da emissora – principalmente os apuradores – também saía em busca da notícia fazendo aquilo que hoje, em algumas redações, é chamado de ronda, ou seja, telefonando sistematicamente para os lugares que podem gerar notícia de última hora para verificar se algo de novo ocorreu. Na Continental esse procedimento, segundo Celso Garcia (2005), era chamado de plantão: “O plantão nosso você tinha que fazer corrida, toda hora tinha que ligar pro hospital, pro corpo de bombeiro, pra saber se saiu algum carro, pra onde era o carro.” Segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), os apuradores ligavam, de hora em hora, para os hospitais, Corpo de Bombeiros, Central de Polícia, Aeroportos e Estações Ferroviárias para verificar a existência de algum fato novo.

Outra forma de saber o que estava acontecendo na cidade era através da rádio-escuta⁶⁷, que se dava principalmente com o “Repórter Esso”, citado por quase todos os entrevistados. Nas décadas de 1940 e 1950, como já vimos no capítulo anterior, o Repórter Esso, veiculado pela Rádio Nacional, era um dos principais informativos do rádio brasileiro. Passada a Segunda Guerra Mundial, em que suas notícias eram exclusivamente internacionais, o Repórter Esso passou a noticiar também os fatos locais e os “Comandos Continental” ficavam sintonizados, principalmente, nas edições extraordinárias que pudessem trazer fatos ainda desconhecidos. Jorge Sampaio (2004) acredita que a equipe de radiojornalismo da Nacional também ouvia a Continental para se informar de algum acontecimento inesperado, ou seja, havia uma reciprocidade de rádio-escuta, mas nenhuma dizia isso publicamente no ar.

Os dois noticiários procuravam o furo, a primazia do fato, mas com uma diferença: o Repórter Esso se centrava na notícia, em um curto informativo, sem ir ao local do fato, e a Continental ia além, saía às ruas e procurava a ampliação dessa notícia. Saulo Gomes conta que minutos depois de veiculada uma informação, normalmente na voz de Heron Domingues, “um de nós ou todos nós da equipe do Palut, já estávamos na rua cobrindo o acontecimento. Então aquela notícia virava uma reportagem de duas, três horas ou de dois ou três dias” (GOMES, 2004).

Essa relação dos “Comandos” com o “Esso” foi algo que marcou as lembranças dos entrevistados. Tivemos depoimentos de Saulo Gomes, Carlos

⁶⁷ A rádio-escuta é um procedimento bastante comum até os dias de hoje. Uma emissora ouve a outra para não deixar de noticiar um fato de última hora. Além da escuta das outras emissoras, algumas possuem rádios que captam a transmissão da polícia e órgãos de segurança.

Alberto Vizeu, Jorge Sampaio e Paulo Caringi, nos quais o que se sobressai é a afirmação de que o “Esso” noticiava e o ouvinte mudava de emissora – da Nacional para a Continental – para conferir a veracidade dos fatos. O diferencial entre as duas é que a Continental fazia uma cobertura, “do começo ao fim” (VIZEU,C, 2004). Apresentamos a fala de Paulo Caringi, que sintetiza esse pensamento:

Quando por exemplo o “Repórter Esso”, que era a indicação da informação, ele dava a notícia, os detalhes era a Continental. O sujeito ouvia a coisa e passava pra Continental pra ver como é que era. O detalhe da informação era a Continental. [...] O aprofundamento da reportagem era exatamente a Continental, esmiuçava o assunto. Dava um esclarecimento mais amplo, mais largo. [...] O “Repórter Esso” era apenas a informação em primeira mão e nós éramos a complementação da informação. (CARINGI, 2004)

Esses relatos reafirmam que a característica da Continental era mesmo a reportagem. Quando os entrevistados falam em “aprofundamento”, “esmiuçar o assunto”, “detalhe da informação”, “esclarecimento mais amplo” ou “cobertura do começo ao fim”, estão indicando algumas das características da reportagem como um todo e da reportagem ao vivo de modo particular, que estabeleceremos mais pormenorizadamente no próximo capítulo.

4.3.2 O ímpeto pela reportagem

A busca pelos detalhes, pelo aprofundamento e pela cobertura com começo, meio e fim imprimiu à equipe dos “Comandos Continental” uma característica que ficou muito evidente em todas as entrevistas: a vontade de fazer. A equipe não era intimidada pelas dificuldades tecnológicas, pelo não pagamento de salários ou proibições de transmissão. Uma cobertura bastante lembrada pelos entrevistados – e que evidencia que Palut e sua equipe não desistiam facilmente de uma reportagem – foi a do julgamento do Tenente Bandeira. O crime⁶⁸ abalou a cidade do Rio de Janeiro e, mesmo o julgamento tendo sua transmissão proibida foi

⁶⁸ No dia 7 de abril de 1952, o corpo do bancário Afrânio Arsênio de Lemos foi encontrado dentro de um carro, na Ladeira do Sacopã, no Rio de Janeiro. O acusado do crime foi o tenente da Aeronáutica, Alberto Jorge Franco Bandeira, que foi julgado e condenado a 15 anos de prisão. O inquérito da polícia apontou para um crime passional: o tenente Bandeira não aceitou um relacionamento que Afrânio teria tido com sua namorada, Marina Andrade Costa.

divulgado pela Continental, com Carlos Palut e Afonso Soares se revezando ao microfone durante 36 horas. Afonso Soares (2005) tem esse episódio na Continental como um dos que marcaram sua carreira e atribui a idéia dessa transmissão inusitada a Carlos Palut:

Eu me lembro que nós fizemos o julgamento do tenente Bandeira e como o juiz não permitiu que se irradiassem os debates, eu e ele [Carlos Palut], [...] transmitíamos o debate ouvindo os personagens, isso só eu e ele porque só eu e ele nos adaptamos a esse serviço, nós ouvíamos o que o promotor, advogado falavam e nós transmitíamos para o público. [...] Ele fazia uma parte e eu fazia outra, pra descansar. [...] teve uma hora que ele virou-se pra mim e disse assim: “Afonso eu não tô cansado não, mas você vai fazer isso sozinho porque você está fazendo melhor do que eu”. Eu: “Mas tu vai me matar”. Ele: “Eu faço o sepultamento”.

Na mesma transmissão, Afonso Soares (2005) relembra que novamente a equipe não se ateu a uma proibição e ele entrevistou uma das peças-chave do crime, a jovem estudante Marina Costa, que estava em uma sala, incomunicável. Seguindo uma ordem de Palut, Afonso Soares conseguiu chegar até a porta da sala, bateu e pediu à estudante que abrisse a porta. A entrevista foi feita e, segundo Soares (2005), “foi um escândalo. Juiz, advogado, promotor, todo mundo querendo saber como ela tinha falado à rádio, à rádio Continental”.

Histórias que apontam a ousadia dos *Comandos* não faltam. Um outro exemplo se deu com Saulo Gomes, que “furou” toda a imprensa e conseguiu entrevistar em primeira mão os jogadores brasileiros campeões do mundo em 1958. Um dia antes da chegada do avião com os jogadores, Gomes foi para o aeroporto, vestiu um macacão e se misturou aos mecânicos da *Panair*. Ele chegou a ficar deitado na grama, entre uma pista e outra por mais de cinco horas debaixo de um “sol escaldante”. Quando o avião chegou, fingindo-se de mecânico, entrou na aeronave pela porta lateral da cabine do comandante e “quando abriu a porta [principal], em vez de Pelé, Didi, Garrincha, o primeiro cara que saiu era eu, muito magro, muito pálido, muito abatido, todo sujo, vestido com um macacão”. A reportagem da chegada dos campeões foi transmitida por intermédio de um “microfone sem fio” BTP, como mostra a figura 4.



Figura 4 – Saulo Gomes vestido com o macacão da Panair depois da cobertura da chegada dos campeões Mundiais de Futebol de 1958.

Fonte: Arquivo pessoal de Saulo Gomes.

Saulo Gomes também transmitiu um tiroteio em uma sessão da Assembléia Legislativa de Alagoas que iria votar o impeachment do governador Muniz Falcão, em setembro de 1957⁶⁹. Como havia a possibilidade de haver confronto entre os adeptos do governador e os da oposição, o presidente da Assembléia, Lamenha Filho, mandou cercar a mesa diretora com sacos de areia. Saulo Gomes (2004) conta que achou a atitude estranha, e pediu uma barricada também no local reservado a ele:

Apesar do grande calor de 35 ou 40 graus naquela tarde em Maceió [...], todos os deputados do governo chegaram vestindo uma capa de *chantum* comprida, até o joelho, que embaixo de cada capa havia uma metralhadora. Entraram atirando no plenário e o líder do governo, chamado Humberto Mendes, que vinha à frente, foi baleado, morreu na hora e 11 outras pessoas ficaram feridos, inclusive o jornalista Marcio Moreira Alves. O feito meu é que eu gravei tudo isso, consegui pelo único meio de comunicação, horas depois, [...] consegui colocar meu gravador com esta gravação nesse transmissor e com um pouco de gasolina que tinha, [...] consegui então botar no Rio de Janeiro, na Rádio Continental, a minha gravação do tiroteio, em que até no noticiário do Repórter Esso eu aparecia horas antes como morto.

Paulo Caringi também protagonizou uma cobertura inusitada no julgamento de um espião, que era acusado de ter provocado o torpedeamento de

⁶⁹ Saulo Gomes informa que com o prestígio que passaram a ter, os “Comandos” deixaram os limites do Rio de Janeiro e passaram também a realizar reportagens em vários pontos do país.

dois navios brasileiros, durante a Segunda Grande Guerra⁷⁰. A exemplo do julgamento do Tenente Bandeira, que relatamos anteriormente, este também era sigiloso. Entretanto, Caringi (2004) conta que se vestiu de faxineiro, e fingindo que estava limpando o vidro da sala, gravou toda a audiência. Quando foi descoberto, correu, jogou a fita para outros membros da equipe e a Continental pôde irradiar a gravação.

Nesse entusiasmo de realizar reportagens externas, todavia, alguns excessos foram cometidos:

Até tem um fato curioso. [risos] Caiu um avião na Guanabara, eu estou aqui rindo, mas foi verdade. Eu estava a bordo de uma barquinha pra ver os naufragos, aí os caras lá: ah, ah, ah... Aí eu com o microfone: “amigo me conta, como é que foi a situação?” “Socooooorrooooo!!!” (CARINGI, 2004)

Esses relatos evidenciam um ímpeto pela transmissão, na base do “custe o que custar” e, segundo Caringi (2004), “foi tudo feito na base do improvisado, da força de vontade, da camisa, que ninguém faz hoje”. Carlos Alberto Vizeu (2004) também destaca a “chama” que movia o trabalho dos “Comandos” e diz que os repórteres se esqueciam dos seus próprios problemas quando entravam na emissora. A preocupação, segundo ele, era em realizar o trabalho da melhor maneira possível. Na avaliação de Teixeira Heizer (2004) a equipe da Continental é possuidora de “todos os méritos” porque foi a primeira do Rio de Janeiro:

Naquele tempo era um negócio, porque aquilo luzia, entendeu, aquilo (...) Cada um da Emissora Continental tinha luz, tinha um troço na testa, eu sou da Continental. Então perdurou durante muito tempo o negócio da “a que está em todas”. [...] Todos eram ali pessoas que estavam procurando informação, ainda que informação mal organizada, porque a gente não sabia muita coisa de economia, não sabíamos muita coisa.

Esses depoimentos revelam uma certa falta de organização na forma de trabalho da emissora, o que também foi percebido por Paulo César Ferreira (2004), que afirma que começou “a ver que aquilo ali não tinha uma formalização de organização. A rádio Continental do ponto de vista de reportagem ela funcionava intuitivamente”. É importante recordar que a experiência da Continental pode ser apontada como a primeira de uso intensivo da reportagem externa no rádio brasileiro. O radiojornalismo, até então, era baseado na notícia, não na reportagem

⁷⁰ Depois que o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo, em 28 de janeiro de 1942, os alemães passaram a torpedear navios brasileiros. Nos meses seguintes ao rompimento, 19 navios mercantes brasileiros foram alvo dos ataques, que deixaram centenas de mortos.

externa e ao vivo. Carlos Alberto Vizeu (2004) confirma que muitas das “descobertas” de como fazer essa nova forma de radiojornalismo foram encontradas e testadas na prática. Ele cita, como exemplo, a criação da Central de Informações, que foi pensada por Carlos Palut durante a cobertura do carnaval. Quem confirma essa história é o próprio Afonso Soares (2005), que foi dela protagonista:

Eu era repórter lá de um posto qualquer, aí teve um determinado instante em que ele [Carlos Palut] pediu uma informação. Quem tinha essa informação era eu. Eu peguei, chamei o Palut e disse: Palut, esse fato está comigo aqui (?)⁷¹ e eu já fiz o levantamento de tudo e o fato é este, este, este, este, quando eu acabei de falar, o Palut, que era uma, era uma cabeça deslumbrante, entrou e virou e disse: a partir de agora está criado o posto de informação, e vai dirigir esse posto o nosso Afonso Soares. Quer dizer, dentro daquela informação, ele criou um posto que passou a ser talvez a coisa mais importante dentro da cobertura do carnaval. [...] Estava criado, segundo o Palut, que ele batizada logo as coisas, “está criado o posto de informação, chefia esse posto Afonso Soares”.

Pelos depoimentos conseguidos não pudemos precisar em qual dos carnavais esse fato ocorreu. Entretanto, as informações do “Plano para a grande cobertura radiofônica do carnaval de 1954⁷²” nos levam a considerar que tal procedimento foi criado no carnaval de 1953. Esse “posto” de cobertura é ainda hoje mantido em diversas emissoras quando da transmissão de eventos ao vivo, como no caso de partidas de futebol, em que um locutor entra, normalmente do estúdio, apresentando resultados de outros jogos e notícias extra-campo.

Muitas das práticas de trabalho da Continental criadas, às vezes, intuitivamente, se transformaram no fundamento para muitas das ações que foram e ainda são encontradas nas redações das emissoras de rádio. Um outro exemplo de práticas que se mantiveram até nossos dias é a preparação necessária para fazer uma reportagem, que hoje é preconizada pelos manuais – veremos este e outros aspectos com mais pormenores no próximo capítulo – e que já era realizada naquela época. Levando em conta, principalmente, o fato de não se ter acesso fácil à informação, nem a existência de assessoria de imprensa que facilitasse o trabalho dos jornalistas, a equipe da Continental fazia inicialmente a apuração *in locu*, ou seja, ia, antecipadamente, até o local onde o fato se daria e levantava as

⁷¹ Trecho ininteligível.

⁷² Reproduzimos aqui trecho do documento já citado neste trabalho: “A experiência do ano passado demonstrou a necessidade da instalação desse posto fixo [Central Técnica que seria chefiada por Afonso Soares] para a recepção e transmissão de informes de interesse público (notícias sobre desaparecidos, enfermos, etc.)”.

informações que seriam usadas no dia da transmissão, como exemplifica Jorge Sampaio (2004):

Vamos admitir: a escola de samba Estação Primeira de Mangueira vai desfilar com o enredo tal. Nós íamos na Estação Primeira sabíamos quem ia gravar a música, quem eram os autores, e sabíamos tudo, então na hora que a música ia ser lançada, tinha um repórter lá, sabia já tudo, transmitia de improviso, ele dizia, “estamos aqui na escola de samba Estação Primeira da Mangueira vai lançar seu samba para o carnaval, o samba é de Fulano de Tal, Fulano de Tal, a letra é tal”, lia a letra, até vir o cantor, que depois ficou o Jamelão, como é até hoje. [...] E era assim que nós apurávamos.

Muitas vezes essa apuração era feita pelo telefone, principalmente para a checagem de alguma informação. Da redação, o apurador ou o próprio repórter, telefonava para casas próximas ao local onde estava ocorrendo o fato. Conversando com os vizinhos, ele descobria se a informação era realmente verdadeira e qual a extensão do acontecimento. De posse desses dados, como conta Jorge Sampaio (2004) “nós dávamos a notícia, já a caminho pra chegar no local e concretizar”.

Essa atitude, de telefonar para os números laterais em busca de mais informação, marcou para sempre a carreira de muitos dos que passaram pela “escola” de Palut. Teixeira Heizer (2004) relata que, depois de trabalhar na Continental, passou a ter, como prática profissional, o hábito de consultar o catálogo telefônico. Em 1989, quando dirigia a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, usou das estratégias aprendidas na Continental para propiciar a cobertura do seqüestro do empresário Abílio Diniz em São Paulo. Ele conta que assim que soube do incidente, procurou um catálogo telefônico de São Paulo e, do Rio de Janeiro, telefonou para os números laterais à casa de Diniz. Uma equipe de esporte da Nacional, com Loureiro Neto, Doalcei Camargo e Luiz Mendes, estava em São Paulo para a transmissão de um jogo. Teixeira Heizer negociou com um vizinho de Diniz o empréstimo do telefone e mandou Loureiro Neto para o local:

Eu botei ele no ar. Ele foi sozinho. Foi o primeiro a entrar, quer dizer, uma rádio do Rio foi a primeira a entrar porque eu tinha um catálogo. É importantíssimo você ter um catálogo telefônico. Qualquer coisa que aconteça no Brasil, eu vou no catálogo. Esse espírito era o espírito da Emissora Continental que naquele momento bateu em mim. Eu fiz exatamente as coisas que eu fazia na Continental. (HEIZER, 2004)

Esse “espírito” da equipe e, principalmente, o fato de “estar em todas” fez com que os “Comandos” ganhassem notoriedade na cidade do Rio de

Janeiro e, por extensão, deu prestígio a todo repórter de rádio, que, segundo Felice (1981, p. 45), era escalado para fazer inclusive coberturas internacionais, acompanhando autoridades brasileiras. Os depoimentos colhidos para esta pesquisa confirmam esse status do repórter de rádio, como evidencia Paulo César Ferreira (2004), quando afirma que “A Varig jamais poderia pensar, sabe, em inaugurar uma linha Rio-Paris se não levasse um repórter da Continental dentro”.

Entretanto, esse status não veio gratuitamente. No início, a profissão de rádio-repórter não era reconhecida. Nunca é demais lembrar que até então essa função não existia no rádio brasileiro. Carlos Alberto Vizeu (2004) afirma que, por este motivo, o repórter de rádio era marginalizado, ao contrário do que ocorria com os repórteres dos jornais impressos, que já eram respeitados. Na busca de legalizar a profissão de rádio-repórter, foi criada uma associação com o nome de “Clube dos Papagaios”. Entre seus fundadores, estavam Carlos Palut, Jorge Sampaio, Dalwan Lima e Ary Vizeu, que foi seu primeiro presidente.

Além da legalização da profissão, o Clube surgia “pensando em fomentar a reportagem, pra ver se nascia a reportagem mesmo” (VIZEU, A., 2004). Segundo relato de Ary Vizeu (2004), quando outras emissoras também começaram a fazer reportagens externas – ele cita nominalmente a Nacional, a Mayrink Veiga e a Tupi – os repórteres não tinham união, um trabalhava para atrapalhar o outro, desligando os telefones que eram utilizados para as transmissões. Felice (1981, p. 69) também relaciona a criação do “Clube” às dificuldades com relação às reportagens:

Como consequência das dificuldades que a cada dia aumentavam para a realização desse tipo de trabalho [reportagem], surgiu o “Clube dos Papagaios”, presidido por Ary Vizeu. [...] Começava a haver uma espécie de disputa entre os rádio-repórteres de outras emissoras pelas linhas de telefone. Era comum uma equipe chegar num local e já encontrar o telefone bloqueado, e seus integrantes não tinham dúvida: arrancavam a tomada da emissora adversária e instalavam a sua.

Nem nos depoimentos nem no livro de Mauro de Felice há referência clara à data de criação do “Clube dos Papagaios”. Carlos Alberto Vizeu (2004) fala em década de 1950, e Ary Vizeu (2004) lembra-se de que quando Getúlio Vargas suicidou-se (24 de agosto de 1954) a associação já existia. Uma notícia publicada pela “Revista do Rádio” de 14 de novembro de 1959 informa que a data de criação do “Clube dos Papagaios” é 4 de novembro de 1953.

De “Clube dos Papagaios” o grupo se transformou em “Associação dos Rádio-Repórteres”, que teve, segundo Felice (1981, p. 69), “Carlos Palut, Ary Vizeu, Gontijo Teodoro, Rubens Amaral, Dalwan Lima, Berlier Júnior, César Augusto Werneck, Manoel Jorge e José Grozzi” como fundadores. Não há evidências concretas de quando ocorreu a transformação de clube em associação. O que se pode afirmar é que isso não havia ocorrido até 1958, uma vez que no comentário de Eugênio Lyra Filho, na última página da revista “Radiolândia”, de 31 de maio de 1958, faz-se menção à intervenção do “Clube dos Papagaios” em uma questão envolvendo a Igreja e o trabalho de reportagem⁷³. Já uma notícia publicada pela “Revista do Rádio” de 14 novembro de 1959 chama o clube de associação: “Aproveitando a oportunidade da entrevista, Ary Vizeu fez um agradecimento a todas as pessoas que ajudaram a Associação dos Rádio-repórteres” (O MINISTRO..., 1959). Com isso, presume-se que a transformação tenha se dado entre 1958 e 1959.

Se de início a categoria era desunida, no final da década de 1950 a união era tanta que a Associação desenvolveu um método para pressionar políticos e fontes que desrespeitassem o trabalho dos rádio-repórteres. Era a famosa “geladeira”. Carlos Alberto Vizeu (2004) explica que quando a categoria percebia que estava sendo prejudicada por uma determinada autoridade, todos os rádio-repórteres a boicotavam, e durante dois ou três meses, seu nome não era citado.

O método era conhecido e divulgado, como na notícia da Revista do Rádio de 14 de novembro de 1959 intitulada “O Ministro da Justiça e o Chefe de Polícia na “geladeira” dos Rádio-repórteres”. Ary Vizeu, quando perguntado sobre o que o “Clube dos Papagaios” fazia contra a arbitrariedade de algumas fontes, explicou :

temos a nossa famosa “geladeira”. As autoridades que dificultam as nossas atividades, ou que cometem gestos arbitrários, são “esquecidos” por nós, até que consigam reabilitação. Por exemplo, o Ministro da Justiça e o atual Chefe de Polícia não existem para nós. Não citamos os seus nomes e sim, quando necessário, os cargos que eles exercem. (O MINISTRO..., 1959)

A notícia explica ainda que o ministro Armando Falcão e o coronel Crisanto Figueiredo estavam na “geladeira” por terem dado ordem para “silenciar o

⁷³ Nesse episódio, a Congregação da Igreja de São Jorge impôs restrições à cobertura do ritual religioso que se daria no local e o “Clube dos Papagaios” interveio sugerindo a mudança de local da transmissão: da Congregação da Igreja de São Jorge para a Matriz de São Jorge, em Olaria.

rádio em assuntos do ‘Crime do Sacopã⁷⁴’. Nessa mesma notícia, Ary Vizeu fornece mais uma característica da Associação: não possuir partidatismo:

A nossa associação é apolítica. Na campanha presidencial que se aproxima daremos cobertura igual a todos os candidatos. Aqui existem Lotistas, Janistas, Juracistas, Ademaristas, etc. Mas, estamos sempre unidos em defesa dos interesses da classe. (O MINISTRO..., 1959)

O “Clube”, e depois a “Associação”, promovia jantares como forma de fazer uma aproximação dos rádio-repórteres com os políticos importantes: “Nós crescemos de uma tal maneira que nós realizamos uma vez por mês um jantar num restaurante aqui da cidade, e, para nós entrarmos em contato com um autoridade que pudesse ser útil a nós repórteres” (VIZEU, A. , 2004). Carlos Alberto Vizeu (2004) conta ainda que os jantares eram concorridos, com a presença do Presidente da República, ministros, governadores e deputados. A conta do convidado era paga pelos próprios rádio-repórteres, como lembra Jorge Sampaio (2004): “nós fazíamos uma vaquinha e pagávamos o jantar do presidente da república, entende? Isso nos dava prestígio e dava prestígio à churrascaria. A churrascaria fazia um preço mais barato, enfim, era uma bola de neve”.

4.4 Sucesso na Política

Se os rádio-repórteres buscavam prestígio jantando com as autoridades, os políticos também passaram a procurar o rádio para conseguir visibilidade e poder. Moreira (1998, p.16) informa que “foi nos anos 50 que comunicadores de grande empatia descobriram como o rádio servia de eficiente cabo eleitoral. Desde então, é cada vez mais freqüente radialistas de sucesso converterem em votos os seus índices de audiência”. Essa parceria também se estabeleceu entre a Continental e seu proprietário, Rubens Berardo.

Não encontramos evidências que nos permitem saber se quando Rubens Berardo comprou a Rádio Clube Fluminense e a transformou na Emissora Continental já possuía pretensões políticas. Paulo Caringi (2004) entende que não, que a carreira política veio depois. Já Teixeira Heizer (2004) acredita que desde o

⁷⁴ O “Crime do Sacopã” é o outro nome do “Crime do Tenente Bandeira”, já abordado neste trabalho

início já existia a pretensão política e que Rubens Berardo intentava montar um esquema promocional para ser candidato.

Mesmo sem confirmação das intenções iniciais, o que se pôde apurar é que Rubens Berardo foi para o Rio de Janeiro e lá criou uma Organização que chegou a ter cinco emissoras de rádio (Continental, Metropolitana, Continental de Campos, Continental de Porto Alegre⁷⁵ e Continental de Pernambuco), uma emissora de TV (TV Continental) e um estúdio de cinema (Flama Produtora Cinematográfica). A criação desse conglomerado, segundo Tavares (2005), foi possível graças ao “sucesso da Continental do Rio de Janeiro e pela facilidade com que conseguia concessões de rádio e televisão junto ao Governo Federal. [...] O projeto do proprietário da Continental era eminentemente comercial. Comercial e político”.

O início das Organizações Rubens Berardo se deu com a Continental em 1948 e a primeira eleição de Berardo – para Deputado Federal – ocorreu em 1954. Não conseguimos encontrar material dessa primeira campanha, mas uma nota publicada pela “Revista do Rádio” de 25 de setembro de 1954, na seção “Cotações da Semana”, mostra o veículo a serviço da campanha do dono da emissora: “Sofrível – Após o Fluminense X América, o locutor da Continental leu uma longa apresentação do Sr. Rubens Berardo como candidato a deputado. Depois o locutor finalizou: acabaram de ouvir mais uma irradiação esportiva”. (COTAÇÕES..., 1954)

Além desse tipo de propaganda, sabemos, pelo livro de ponto de 1951, que Berardo utilizava-se da emissora para tecer seus comentários políticos. Como o veículo ainda estava no seu auge nesse período e com a repercussão e a visibilidade ganhas graças à Continental, não podemos desconsiderar a influência destes comentários para levar Rubens Berardo a ocupar pela primeira vez uma cadeira na Câmara Federal pela legenda do PTB de Getúlio Vargas.

Na segunda eleição, em 1958, houve uma clara associação de Berardo com a Continental. O slogan “um amigo em cada rua” – que o candidato à

⁷⁵ No capital social da Continental de Porto Alegre constavam sete sócios: Ana Bezerra de Mello Berardo Carneiro da Cunha, Rubens Berardo Carneiro da Cunha, Carlos Berardo Vieira da Cunha, Murilo Berardo Vieira da Cunha e Guy Moraes Masset, que formavam o grupo “carioca” de proprietários. Entretanto, Endler (2004, p. 212) afirma que “Na verdade, a *Continental* terá como único dono o empresário e político gaúcho Victor Issler que aparece como sócio, com cinquenta cotas, assim como o filho, Leônidas Issler, advogado e industrial, com igual número de cotas.”

reeleição usava – lembra os slogans da emissora: “Continental – a serviço do povo por toda a parte”, “a que está em todas” e “A voz do povo”. Para Paulo César Ferreira essa a relação entre a Continental e o candidato “era uma coisa acintosa e ele se elegia como queria”.



Figura 5 – Rubens Berardo, em campanha para a reeleição na Câmara Federal em 1958. Fonte: VENCERÁ?!, 1958.

Em reportagem na Revista do Rádio de 11 de outubro de 1958 (a eleição havia ocorrido no dia 3 de outubro, mas ainda não se sabia o seu resultado), sob o título “Vencerá?!”, Rubens Berardo é enaltecido como homem do rádio e da política: “O noticiário, a reportagem, as grandes campanhas do povo pelo povo – tudo encontrou, nele, a acústica mais profunda, o realizador que não se abateu diante das dificuldades” (VENCERÁ?!, 1958) . A revista de 22 de novembro traz o resultado da volta à câmara: “Rubens Berardo, com as campanhas populares que empreendeu pela sua emissora (a Continental) reelegeu-se na legenda do PTB. Obteve expressiva votação (o segundo deputado em seu partido). Prometeu para 1959 a TV Continental”. Na década de 1960 Rubens Berardo chegou a Vice-Governador do estado da Guanabara na gestão de Negrão de Lima, no período de 1965 a 1971. Carlos Alberto Vizeu o define como um político de bastidor e delega à Continental as suas eleições:

Não era um político atuante, era um político vamos assim dizer, daqueles mais de bastidores, e ele não era um político de discursar como o Lacerda, não era uma pessoa eloqüente, não era uma pessoa de carisma, nada disso, mas a Continental era tão popular que quando era época de eleição, a Continental associava o nome,

Rubens Berardo associava o nome dele à organização que pertencia a Continental e aí o que que acontecia? A votação que o sr. Rubens passava a ter, teve como deputado federal e chegou até a ser até vice-governador do estado. (2004)

Como Rubens Berardo era ligado ao PTB, o partido do presidente Getúlio Vargas, Teixeira Heizer (2004) afirma que “a Emissora Continental esteve presente em todos os choques ideológicos e políticos do Rio de Janeiro e talvez até do Brasil. Por quê? Porque era uma rádio petebista, janguista, brizolista, que se confrontava com o lacerdismo, enfim, com a direita”. Baumworcel (2004, p. 30) informa que Carlos Lacerda, um dos maiores inimigos de Vargas, usava os microfones da Rádio Globo e da Mayrink Veiga para discursar contra o presidente. Já Eloi Dutra, que na década de 60 foi deputado e vice-governador da Guanabara pelo PTB, se valia da Continental para “‘levantar a moral’ do presidente”.

A posição da emissora, pró-Getúlio, também se evidenciou quando o presidente cometeu suicídio, em 24 de agosto de 1954. Teixeira Heizer conta que Carlos Palut foi para a Explanada do Castelo, “subiu no RC1 e ficou discursando ali contra o Lacerda”. Num momento em que Palut parou para descansar, Heizer ocupava o microfone, quando chegou o Dops – Departamento de Ordem e Política Social, e tentou prender os dois: “O Palut era muito conhecido, foi solto e eu fui lá pros corredores [...] foi a primeira vez que esse lombo aqui recebeu umas pancadas”.

4.5 Fracasso na administração

Se como político Rubens Berardo obteve vitórias, o mesmo não pode ser dito sobre sua administração à frente da Continental. Em todos os depoimentos colhidos para esta pesquisa, uma questão foi unânime: a Continental pagava mal, quando pagava. Salários atrasados, contas e impostos “pendurados” se tornaram rotina na emissora. Era difícil receber em dia, como lembra Ary Vizeu (2004): “Saía tudo na base do vale, a maioria recebia vale. Sexta feira lá era um tremendo astral baixo que vou lhe contar, um negócio muito sério”.

A Continental era administrada, além do próprio Rubens, por seus irmãos Carlos, Ernani e Murilo. Teixeira Heizer (2004) afirma que eles usavam todo

o faturamento conseguido pela emissora em proveito próprio, esquecendo dos compromissos com os funcionários. Para resolver o problema, ou o profissional saía da emissora, ou procurava um segundo emprego. Heizer, por exemplo, trabalhava ao mesmo tempo em jornal e na Continental e Jorge Sampaio ficou na emissora somente um ano, trocando-a pela Tupi, onde tinha seu salário garantido.

Carlos Alberto Vizeu (2004) avalia que a emissora tinha uma “excelente proposta” de programação em termos comerciais e de audiência. Entretanto, “quebrou por problemas de mal administração, de roubalheira mesmo”. Para ele, a emissora só ficou no ar graças ao desprendimento dos funcionários que “vestiam a camisa”: “essas pessoas não deixavam de ir, de cumprir suas obrigações, elas não tinham essa coisa, ah, não me pagou eu não vou, você entendeu? Não, elas estavam lá”.

Paulo César Ferreira chegou a receber salário em pneus que sobraram de uma permuta quando nasceu seu primeiro filho: “Eu não tinha dinheiro, eu vendi o pneu pra poder pagar a maternidade de meu filho” (FERREIRA, 2004).

Além de não pagar os funcionários, a Continental também deixou de investir em equipamentos. Quando ela foi montada, segundo Paulo César Ferreira (2004), os Berardo investiram no que existia de melhor: “para a transmissão de rádio da época [a Continental] era *up-to-date*⁷⁶”. Já vimos que as unidades volantes (RC-1 e RC-2) também eram as mais modernas do radiojornalismo brasileiro. Juntavam-se a isso muitos equipamentos RCA Vitor, Marconi e Ampex, que eram as marcas mais conceituadas da época.

A origem desses equipamentos é divergente. Teixeira Heizer (2004) defende que era resto de guerra, que provavelmente foram conseguidas por intermédio da embaixada inglesa. Paulo César Ferreira (2004) não descarta essa possibilidade, mas afirma que nunca se ateuve a essa questão. Quem rejeita veementemente essa afirmação é Carlos Alberto Vizeu (2004):

Mentira. [...] Não, nada disso. [...] Olha aqui o equipamento que a Continental usava era equipamento de transmissão de carro de reportagem que na época já tinha. A Continental quando ela foi montada, ela foi muito bem montada, equipamento foi comprado o melhor equipamento que tinha, só que aconteceu que depois eles não reformularam mais o equipamento, mas a Continental quando ela foi montada ela foi montada com o que era de melhor.

⁷⁶ Up-to-date: expressão de língua inglesa que significa moderno.

Não há como negar que a guerra desencadeou avanços tecnológicos para o veículo. Como já apontamos no capítulo anterior, o radiojornalismo ganhou um grande impulso com a Segunda Guerra porque a população ansiava pelas notícias e o rádio era o veículo que podia transmiti-las mais rapidamente. Para Ortriwano (1990, p.72) “essa necessidade obriga o rádio a aperfeiçoar ainda mais seus equipamentos e desenvolver sistemas de transmissão de maior alcance.” Entretanto, se o equipamento da Continental era proveniente da guerra ou não, não nos foi possível averiguar. De qualquer modo, um nome é lembrado sempre que a questão técnica foi mencionada: Carlos Campanela, que era um italiano e ocupava o cargo de diretor técnico da emissora. Carlos Alberto Vizeu (2004) se recorda que Campanela “vibrava com todas as chamadas loucuras do Palut [...] era uma pessoa incrível e pra ele não existia o impossível. Então ele era o cara que fazia a Continental andar com aquele rebutalho, aquele resto de equipamento. Um talento.”

O conhecimento técnico de Campanela é reconhecido como fundamental para que a Continental pudesse fazer as transmissões externas, tanto do jornalismo quanto do esporte. Teixeira Heizer (2004) comenta que, em sua vida profissional, essa foi a primeira vez que um técnico mandava em jornalistas. Ele é descrito como um homem forte, de “olhar duro” e que fazia “milagres” para viabilizar as transmissões. Um dos feitos de Campanela, lembrado por Teixeira Heizer (2004), foi a transmissão de um jogo diretamente de Moscou, pelas ondas curtas:

[...] Não existia linha pra aquilo. Então ele fazia o milagre do som de Moscou ir para Berna, em Berna jogava para não sei onde, nãñã, do rádio amador pra não sei onde, nãñã, pra chegar na Continental. Então a gente transmitia de todo lugar do mundo, qualquer coisa, entendeu. E era uma rádio que todo mundo pensava que era rica, e era paupérrima.

Paulo Caringi destaca uma transmissão que envolveu dois transatlânticos quando da realização do congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro⁷⁷. Ele foi incumbido de transportar a imagem de Nossa Senhora de Fátima de Portugal para o Rio e veio no navio Santa Cruz, juntamente com o cardeal

⁷⁷ O congresso ocorreu em 1955. Para acomodar os milhares de fiéis que viriam de todo o mundo, foram despejados na baía de Guanabara dois milhões de m³ de terra vindos do desmonte de parte do morro de Santo Antonio. O aterro construído ficou com 390 mil m². “A fé arrastou multidões para o local, cuja capacidade prevista era de 1 milhão e 220 mil pessoas. Por uma semana a cidade afastou-se das coisas terrenas e se voltou inteiramente para os mistérios divinos, acompanhando as procissões, a chegada de N^a. Sr^a. de Fátima, vinda de Portugal, dos cardeais, dos peregrinos de inúmeros países com suas vestimentas tradicionais”. (RIO DE JANEIRO, 2005)

português Cerejeiras. A idéia era fazer uma transmissão a bordo do navio, usando seu sistema de comunicação e relatando a chegada da imagem. Entretanto, o comandante do Santa Cruz não permitiu a transmissão. Caringi (2004) conta que, com a ajuda do cardeal português, conseguiu convencer o comandante do navio a permitir o uso do rádio, já que o mundo não estava em guerra e eles se encaminhavam para um congresso religioso. Depois do assentimento do comandante, ainda em alto-mar, Caringi conseguiu falar com Carlos Campanela e pediu a este que fizesse contato com o repórter Geraldo Borges, que estava em outro transatlântico transmitindo a *lettera*⁷⁸ do papa:

vê se você consegue fazer a integração dessas duas transmissões, do cardeal com a *lettera*. Ai ele fez a ligação, os dois conversaram em pleno oceano [...] Foi, pela primeira vez na história do rádio, que houve um encontro sonoro entre a *lettera* do papa, o cardeal Cerejeira e Dom Helder Câmara, aqui no Rio de Janeiro. (CARINGI, 2004)

Saulo Gomes, em depoimento dado para a produção do vídeo-documentário “Rádio no Brasil, 1922-1990”, reitera que o sucesso dos “Comandos Continental” tinha por trás o “apoio técnico de um verdadeiro gênio da técnica contando-se toda a precariedade da época, que era o Carlos Campanela. Coisas fantásticas foram realizadas através de cobertura técnica para o rádio”.

4.6 Carlos Palut

Ao longo de todo esse capítulo, um outro nome foi repetido e reiterado inúmeras vezes como o responsável pela implantação da reportagem no rádio brasileiro: Carlos Palut. Ele foi descrito pelos entrevistados de diversas formas: irrequieto, inteligente, fenomenal, mas também como uma pessoa difícil e sem lastro. Pela importância de Palut para o rádio brasileiro – com base nos depoimentos conseguidos para esta pesquisa e em notícias publicadas em revistas e jornais – nos deteremos um pouco mais em sua história.

Carlos Palut nasceu em 16 de dezembro de 1927. Começou no rádio quando ainda era garoto – aos 12 anos – em um programa criado e

⁷⁸ *Lettera* em Italiano significa carta.

apresentado por ele, chamado *programa da Petizada*. Sua irmã Iolanda, esposa de Ary Vizeu e mãe de Carlos Alberto Vizeu, era quem vendia os horários do programa. Casou-se no dia 30 de junho de 1949, na Igreja da Candelária, com Alba Regina, a quem conheceu quando ambos trabalhavam na Rádio Guanabara. “Ela era rádio-atriz, quando o conheceu. E ele brilhava, já, na reportagem radiofônica, assunto em que se faria um mestre” (AMOR..., 1964). Dessa união nasceu o único filho do casal, Ramon Antônio.



Figura 6 – Foto do casamento de Carlos Palut e Alba Regina.
Fonte: AMOR..., 1964

Carlos Palut passou por muitas emissoras e possuía um temperamento inquieto, como ele mesmo define na “Revista do Rádio” de 15/05/1951 na seção “Minha Vida por Mim Mesmo”: “Mudo muito de estação...um dia na Tupi, outro na Guanabara, na Nacional, na Tamoio, na Mayrink Veiga, na Continental... Acontece que eu acredito muito nos homens – e como apanho por causa disso!”. Ainda no mesmo relato, Palut fala das muitas funções que ocupou no rádio, o que mostra, mais uma vez, que ele era, realmente, agitado:

Estava desempregado...
Já fiz de tudo na minha profissão...
Fui rádio-ator...

Contra-regra...
 Produtor...
 Sonoplasta...
 Discotecário-programador...
 Locutor...
 Animador...
 Assistente do diretor...
 Diretor-artístico...
 Diretor de broadcasting...
 Corretor de anúncios... e até cantor, quando substituí o Paulo Tapajós, no dia em que o carro dêle enguiçou e que não havendo nenhum outro disponível, cantei a abertura musical do programa “Tabuleiro da Baiana”, da Nacional. Já substitui os “cancans” da rádio...o Celso Guimarães, o Paulo Gracindo, o Manoel Barcelos, o Carlos Frias, o Ary Barroso...Sim, já despedi muita gente... e já fui despedido! (MINHA...,1951)

Mas Palut não limitou sua carreira ao rádio. Ele era tesoureiro da Caixa Econômica e quando as Organizações Rubens Berardo inauguraram sua estação de TV, em 30 de junho de 1959, também foi chefiar o departamento de jornalismo e apresentar programas. Para Jorge Sampaio (2004), esse atributo do comportamento de Carlos Palut foi um dos responsáveis pelos grandes feitos que realizou: “Ele era agitado, ele tinha que pôr aquilo pra fora, até que um dia ele conseguiu e conseguimos como? Conseguimos, ele conseguiu, a idéia foi dele”. A idéia a que se refere Sampaio é a da cobertura do carnaval, o que, como já vimos, na avaliação de muitos dos entrevistados, foi o estopim para o surgimento da reportagem externa ao vivo: “Isso foi ele que botou. Isso ninguém pode tirar dele. Podem falar o que quiser, mas isso [cobertura de carnaval e reportagem externa] não podem tirar dele” (VIZEU, C.A.,2004). Afonso Soares (2005) reitera: “essa [cobertura de carnaval] foi uma idéia de Carlos Palut, que sempre foi uma cabeça notável pra lançamento de coisas”.

Na avaliação de Afonso Soares (2005), Palut foi o melhor repórter de rádio e TV do país: “Eu digo sem medo de errar, Palut foi um fenômeno, eu o considero o maior repórter de rádio e televisão. Pena que tivesse morrido tão cedo, porque ele estaria até hoje prestando inestimáveis serviços ao rádio e à televisão”. Carlos Palut foi eleito pela “Revista do Rádio” o “Melhor Repórter Radiofônico” do ano de 1956 e o “Melhor Repórter de Televisão” em 1962.

Quem também reputa Palut como “o maior rádio-repórter que eu conheci na minha vida” é Celso Garcia (2005). Para ilustrar essa opinião, lembra-se

de uma reportagem feita por Carlos Palut para um programa em que o primeiro ele [Garcia] era o apresentador:

[Faltavam] vinte minutos pra entrar o trabalho dele e ele tava na rádio conversando com a gente, tranqüilo. Ai eu digo: ‘ô Palut tu não vai fazer?’ ‘Não, pode deixar que eu vou’. Olha, quando faltavam dez minutos, eu me lembro como se fosse hoje, eu cheguei na janela com ele, ai ele ficou olhando lá pra baixo, aí telefonou lá pra técnica e disse assim: desce o material, que eu vou fazer uma reportagem aqui. Garcia (2005)

Celso Garcia conta que em frente à emissora havia homens trabalhando “com aquelas britadeiras, preeeeeeeee (imita som de uma britadeira) arrebetando, fazendo não sei o que”. Carlos Palut desceu com os equipamentos (a Continental ficava no sexto andar) e no momento em que foi chamado pelo apresentador fez uma reportagem ao vivo:

botaram o fone no ouvido dele, quando ele ouviu “Palut fala”, ele entrou e liquidou. Entrevistou aqueles caras, mandou pará máquinas, liga agora um pouco mais, pá, fica naquela distância, não sei o que, ele deu um show, na porta da rádio. Agora, se você me perguntar: será que ele viu aquilo naquela hora? Eu não sei te dizer, talvez tenha sido, ela já teria visto, porque ele também enxergava longe, que aquele ali dava uma matéria boa pra ele fazer, entendeu? (GARCIA, 2005)

Além da forma de execução da reportagem (utilizando-se dos sons das britadeiras), Garcia afirma que ficou extasiado com a iniciativa, criatividade e naturalidade de reportar aquele tipo de assunto (homens trabalhando), que à primeira vista não mereceria veiculação.

Teixeira Heizer (2004) enxerga em Palut o atributo de ter dado velocidade ao rádio: “O Palut conseguiu alguns companheiros e ensinou eles a trabalhar”. Mais adiante, Heizer (2004) completa: “Eles aprenderam a fazer reportagem de rua, que ninguém fez. O Palut fazia, eles foram na esteira do Palut, começaram a aprender a fazer reportagem de rua”. Celso Garcia (2005) confirma que a equipe não só seguia as determinações de Palut na hora de realizar uma reportagem, mas também “até o modo dele de trabalhar”. No rastro dessas afirmações, identificamos em vários depoimentos esse aspecto da Continental ter sido uma “escola” para muitos dos repórteres que passariam a fazer reportagem no rádio brasileiro. Como para Jorge Sampaio (2004):

[...] foi a minha grande escola, porque depois, mais tarde, eu vim a trabalhar em jornal, tudo com a experiência adquirida na Continental e pra mim foi um negócio extraordinário e pros outros também, passamos a ser conhecidos e Palut tinha sempre um improviso muito

bom, e eu não me pejo de dizer, eu digo, ele me deu muita aula, muita lição.

Entretanto, essa visão de Carlos Palut não é compartilhada por Paulo César Ferreira (2004), que afirma que

Palut era uma pessoa difícil, ele se escondia, bebia muito... eu não quero fazer... bebia muito, um alcoólatra inveterado. [...] ele era profundamente tímido, acho que o problema dele, do álcool, ele se expunha pouco, ele reunia uma patota, conversava, batia um papo, tal, tudo na base do mais ou menos armado, sabe como é?

Mesmo elogiando Palut como “arrasador quando pegava um microfone”, Celso Garcia (2005) também identifica uma certa displicência na sua forma de trabalho:

Infelizmente, ele não dava continuidade às coisas que ele criava, ele tinha esse péssimo defeito, mas era o temperamento dele. Ele um dia chegava assim, olha vamos fazer um programa maravilhoso, não sei quem, pá, pá, pá, a gente ficava embevecido, [...] então a gente se empolgava e ele vinha e falava que vamos fazer um programa, pá, pá, amanhã, às três horas aqui, vamos começar a fazer, não sei o que, pá, pá, chegava no outro dia ele não aparecia, ou então chegava quatro e pouco, completamente diferente do dia anterior, ah vamos fazer, depois nós vamos cuidar disso, agora não, porque aí a coisa esfriava, mas ele tinha momentos assim fantásticos.

Paulo Caringe (2004) entende que faltava a Palut preparo cultural e que seu nome ficou conhecido porque ele fazia o “peão” no estúdio, ou seja, era quem chamava os locutores para que apresentassem suas reportagens: “ele fazia o peão, ele ficava na estrutura em cima e distribuía, então ele dizia ‘sob o comando de Carlos Palut fala fulano’, então fulano é quem falava, quem fazia a reportagem era o fulano...”

Caringe (2004) e Ferreira (2004) sustentam que Carlos Palut não ia para as ruas. Essa questão é veementemente negada por Ary Vizeu (2004), que afirma que “todo mundo se mexia e ele [Palut] era o chefe. Ele ia pra rua também”. Jorge Sampaio (2004) confirma: “ele era um líder **na rua**.[...] Na rua ele era o líder. Ele realmente exercia liderança. Isso se deve, tudo isso a ele”. E Carlos Alberto Vizeu (2004) também refuta a tese de Palut ser uma peça que ficava somente no estúdio:

Ele ia pra rua. Não tinha essa coisa não. Ele era uma pessoa, ele era uma pessoa pau pra toda obra, ele dizia sempre o seguinte, quem não sabe fazer não sabe mandar. Entendeu? Então esse negócio de ficar fazendo muita teoria, muita teoria, ele ia lá e fazia as coisas.

Afonso Soares (2005) não nega que Palut tinha o vício da bebida: “era muito bebedor, era louco por um conhaque, tomava conhaque feito um desesperado, e o fígado começou a dar as respostas”. Entretanto, sublinha que não se pode contar a história do rádio e da reportagem sem falar de Palut: “tudo o que aconteceu na época de Palut, se houvesse sinceridade nas pessoas que fazem o rádio, tinham obrigação de [...] elevá-lo para os cumes da felicidade, do talento, de tudo”. E completa: “Eu me orgulho de ter trabalhado com Palut na Continental, foram uma casa e um mestre como o rádio nunca deu, nunca teve outro [...]. Ele era um exemplo, um exemplo de dignidade”.

Carlos Palut morreu pobre, em 1972, na casa da irmã, Iolanda, e do cunhado, Ary Vizeu. Segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), isso aconteceu porque Palut era desprezado com relação ao dinheiro:

A Continental não pagava. Meu tio era uma pessoa assim, se ele tivesse 20 reais no bolso, e você chegasse assim “Palut, eu tô com um problema”, “toma 10”. “Mas eu precisava de 20”. “Toma mais 10”. Ficava sem dinheiro. [...] Ele não se preocupava, ele não sabia se preocupar com o amanhã, entendeu? Ele não era uma pessoa que dizia assim, “não, quanto eu vou ganhar?”. A preocupação dele era a seguinte: “qual é o horário, qual é o horário que vão me dar pra fazer minhas reportagens”.

O interesse pelas reportagens era tanto, que num depoimento dado à “Revista do Rádio” de 18 de maio de 1963, Palut afirma: “Eu ficaria feliz se morresse, bem velhinho, fazendo reportagens”. Essas reportagens que Carlos Palut tanto lutou para implantar começaram a perder força com a chegada da ditadura militar em 1964. Com a restrição da liberdade de pensamento e de informação, a censura foi minando qualquer tentativa de um jornalismo ao vivo e atuante, como o observado na Continental. Os problemas já começaram no dia do golpe:

no dia que rebentou a revolução, ele [Carlos Palut] se excedeu um pouco ao microfone e fez críticas aos militares, ao Lacerda, enfim, botou pra fora, porque o Palut era uma pessoa de pavio curto, não era uma pessoa de você poder controlar um pouco, às vezes, o ânimo dele, o que tinha que falar ele falava no microfone e falava tudo o que tinha que falar. E nesse dia, no dia que estourou a revolução, ele falou até demais. (VIZEU, C.A., 2004)

Depois de ouvir a programação do dia em que aconteceu o golpe militar (31/03/64), o dono da emissora, Rubens Berardo, pensou em acabar com a reportagem. Carlos Alberto Vizeu (2004) relata que a intenção do proprietário era basear a programação no esporte, na música e “mais nada”. Isso só não ocorreu

porque Ary Vizeu assumiu o jornalismo da rádio e da televisão Continental e passou a ficar responsável em verificar todas as nota antes de serem veiculadas. Carlos Alberto Vizeu (2004) conta como foi o diálogo com Rubens Berardo:

[Berardo] ‘Não, vamos acabar com a reportagem’, ele [Ary Vizeu] disse ‘não, o senhor não pode fazer uma coisa dessa, porque se o senhor fizer uma coisa dessa, vai ser uma desmoralização pro senhor e pra todas as pessoas que trabalharam até agora aqui, inclusive pra mim. Agora nós temos que fazer a coisa de uma forma correta, com uma certa acuidade. Vamos trabalhar. Já que mudou o quadro político, vamos fazer dentro das condições que tem atualmente, temos que fazer como todas as rádios estão fazendo, elas não estão se enquadrando? O senhor então enquadra a sua, não é verdade?’ Então foi dessa forma. Ele [Berardo] disse ‘não, só se você se responsabilizar’, e ele [Ary Vizeu] se responsabilizou ...

“Enquadrar-se” num regime que cerceia a liberdade é, como afirma Ortriwano (2006), adaptar-se ao jornalismo de natureza adjetiva, ou seja, aquele que privilegia a emissão indireta, com notícias frias, limitando-se a textos previamente redigidos, entrevistas editadas e curtas, ausência de opiniões e discussão de idéias⁷⁹. A proliferação das agências de notícias nacionais, ocorrida na década de 1970, segundo Felice (1981, p.45), fez com que a função do rádio-repórter fosse subestimada. Sem uma atuação expressiva dos repórteres, as agências passaram a divulgar informação em massa para vários clientes espalhados por todo o país e “essa massificação da reportagem fez com que desaparecessem as grandes coberturas jornalísticas, a primazia que algumas emissoras chegaram a ter de transmitir aos seus ouvintes informações exclusivas, resultado de grande esforço de reportagem” (FELICE 1981, p. 46),

Ortriwano destaca, ainda, que não somente houve um desaparecimento das grandes reportagens, mas “sob censura, o jornalismo ao vivo não apenas perdeu espaço mas **deixou de ter profissionais que soubessem exercê-lo**” (ORTRIWANO, 2003, p.84 – grifo nosso). O fato de não dispor de profissionais que saibam fazer reportagem ao vivo é um ponto que nos chama a atenção nessa fala de Ortriwano. Os “Comandos Continental” desbravaram esse caminho, como já vimos, mas, no entender de Ortriwano, isso se perdeu.

Como conseqüência, repórteres, entrevistadores, moderadores de debates, comentaristas etc. quase deixaram de existir no radiojornalismo e, até hoje, continuam persistindo os efeitos

⁷⁹ Contrapondo-se ao jornalismo de natureza adjetiva, tem-se o de natureza substantiva, que “pressupõe a transmissão ao vivo, a emissão direta, feita simultaneamente ao acontecimento” (ORTRIWANO, 2006).

negativos: toda uma geração de jornalistas não pôde exercer suas funções de acordo com os requisitos exigidos pelas próprias características do meio radiofônico. Com o processo de abertura política foi necessário dar voz não apenas aos ouvintes, os receptores das mensagens: foi necessário, antes de mais nada, que os profissionais da comunicação, os emissores, recuperassem seu direito a ter voz sem censura oficial e, situação paradoxalmente mais complexa, aprendessem a ter voz sem autocensura. (Ortriwano, 2006)

Neste capítulo procuramos restabelecer algumas das diretrizes que a equipe de Palut trilhou. No próximo, abordaremos a reportagem radiofônica, buscando também entender como ela se insere num veículo de características tão próprias e que acabam se refletindo na sua linguagem, formatos de programação, programas e formas de transmissão da informação.

5 ASPECTOS TEÓRICOS DA REPORTAGEM

Não é suficiente determinar o que queremos dizer: temos que saber como dizê-lo através do rádio para sermos escutados, atendidos e entendidos. (KAPLÚN, 1978, p. 47).

Já pudemos acompanhar alguns dos pontos que marcaram a prática da reportagem na Emissora Continental. Intentamos agora observar alguns dos aspectos teóricos que envolvem a reportagem enquanto um gênero do radiojornalismo, como uma forma de entendê-lo a partir de uma perspectiva mais ampla. Nesse percurso que pretendemos trilhar entendemos que a reportagem radiofônica só pode ser compreendida quando se leva em consideração o seu contexto peculiar, ou seja, o rádio, sua linguagem, seus formatos e programas. A combinação de todas essas nuances deságua na reportagem radiofônica e se relaciona com a experiência da Continental. Como um funil que parte de um gargalo aberto para a redução do fluxo de líquido, pretendemos partir de uma visão geral do veículo rádio até chegar em um de seus elementos – a reportagem – que carrega em sua essência as marcas, particularidades e peculiaridades do primeiro veículo eletrônico da história.

5.1 As Características do Meio

No caminho percorrido pelo rádio, ele partiu de um meio que propiciava comunicação ponto a ponto, explodiu para a massa – com grande audiência e faturamento – e, depois do advento da televisão, encontrou sua posição no espectro dos meios eletrônicos. Esse percurso é chamado de pendular por Dines (1996, p. 41): “O vai-e-vem ritmado e inexorável é, pelo menos, a melhor maneira de representar visualmente a dialética do crescimento-maturação-contenção dos processos históricos, sociais e, naturalmente, da comunicação humana”.

Quando o veículo começou a dar seus primeiros passos, deixando de ser um meio de comunicação ponto-a-ponto e passando a atingir as massas, ainda pouco se sabia a respeito dessa nova mídia. A partir da noite de 30 de outubro de 1938 a sociedade e os pesquisadores americanos e mundiais passaram a dar mais atenção ao veículo. É que nessa noite, na rede americana de rádio CBS – *Columbia Broadcasting System*, aconteceu a célebre transmissão do radioteatro de Orson Welles “A guerra dos Mundos”. A transmissão provocou pânico na população:

A CBS calculou na época que o programa foi ouvido por cerca de seis milhões de pessoas, das quais metade passaram a sintonizá-lo quando já havia começado, perdendo a introdução que informava tratar-se do radioteatro semanal. Pelo menos 1,2 milhão tomaram a dramatização como fato verídico, acreditando que estavam mesmo acompanhando uma reportagem extraordinária. E, desses, meio milhão tiveram certeza de que o perigo era iminente, entrando em pânico e agindo de forma a confirmar os fatos que estavam sendo narrados: sobrecarga de linhas telefônicas interrompendo realmente as comunicações, aglomeração nas ruas, congestionamentos etc. (ORTRIWANÓ, 1998, p. 134)

O pânico se instalou porque Welles utilizou-se não somente da credibilidade que o veículo e o radiojornalismo já haviam conseguido até então, mas, principalmente, pela exploração de características peculiares do meio, como a possibilidade de transmissão simultânea ao desenrolar dos fatos e a exploração do potencial da linguagem radiofônica, com o uso e abuso das narrações, músicas, sons e silêncio.

O rádio transmite sons e gera uma sensorialidade no ouvinte, que é uma das principais características do meio e que foi amplamente explorada por Welles em “A Guerra dos Mundos”. A sensorialidade envolve o ouvinte, fazendo-o criar imagens mentais. Infelizmente essa potencialidade tem sido pouco utilizada, como bem diagnostica McLuhan quando diz que

A dimensão ressonadora do rádio tem passado despercebida aos roteiristas e redatores, com poucas exceções. A famosa emissão de Orson Welles sobre a invasão marciana não passou de uma pequena mostra do escopo todo-inclusivo e todo-envolvente da imagem auditiva do rádio. (MCLUHAN, 1979, p. 337)

O rádio é um veículo que aciona, diretamente, apenas um de nossos sentidos: a audição. Entretanto, indiretamente, ao ativar a audição, desencadeia no ouvinte uma série de reações que acionam os outros sentidos, como diz Rodrigues (1996, p. 53): “A plasticidade dos sons da linguagem dá a ver, neste caso, a totalidade da realidade. O mecanismo utilizado para atingir este efeito é por isso a

sinestesia⁸⁰ entre o ouvido e o conjunto de sentidos pelos quais apreendemos a realidade”. McLuhan também discorre sobre a qualidade sinestésica do ouvido ao compará-lo com o olho e de como a audição afeta todos os sentidos:

Comparado ao olho neutro, o ouvido é hiperestésico. O ouvido é intolerante, fechado e exclusivo, enquanto o olho é aberto, neutro e associativo.[...] Quando se oferece apenas o som de uma peça de teatro, nós a preenchemos com todos os sentidos e não apenas com a visão da ação. (MCLUHAN, 1979, p. 340)

Kaplún (1978, p. 61) é outro a destacar as características do ouvido que repercutem no rádio ao afirmar que “o ouvido é o sentido da comunicação humana por excelência, e no nível neurofisiológico, é o órgão mais sensível da esfera afetiva do ser humano”⁸¹.

Com essas características proporcionadas pela sonoridade radiofônica, o veículo tem a capacidade de envolver as pessoas em profundidade e proporcionar intimidade. O rádio “fala” e por isso pode ser chamado de “uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana” (MCLUHAN, 1979, p. 340). Como o rádio “fala”, o receptor do veículo precisa apenas ouvir, sem necessidade de ter uma formação específica para isso. Essa característica – de uma aparente oralidade, como defende Meditsch (2001a), a qual veremos um pouco mais adiante – transforma-o também em um “companheiro” de todas as horas desde o surgimento do transistor, quando a escuta passou de coletiva para individual: “O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular” (MCLUHAN, 1979, p. 336-337).

O fato de ser uma escuta individualizada e de possuir alta definição na transmissão da informação dá ao rádio outra importante característica: os ouvintes podem dividir sua atenção com outros afazeres, como dirigir, trabalhar, ler, estudar etc. “O rádio se adapta muito bem ao papel de ‘pano de fundo’ em qualquer ambiente, despertando a atenção quando a mensagem apresentada é de interesse mais específico do ouvinte” (ORTRIWANO, 1985, p. 81).

Essa possibilidade de dividir a atenção quando se ouve rádio é também viabilizada pela mobilidade inerente ao veículo. Desde o surgimento do

⁸⁰ A sinestesia pode ser definida como a relação que se estabelece de forma espontânea entre os sentidos. Por exemplo: um som que evoca uma imagem.

⁸¹ Todas as citações de Mário Kaplún são traduções nossa do original.

transistor, o ouvinte tem autonomia e pode se deslocar para onde quiser e continuar sintonizando sua emissora favorita. Essa é uma experiência que difere das primeiras décadas de escuta do veículo, quando a família se reunia na sala, ao redor do aparelho. Há mobilidade, também, por parte do emissor: “Sendo menos complexo tecnicamente do que a televisão, o rádio pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos e transmitir as informações mais rapidamente” (ORTRIWANO, 1985, p. 79). Como já vimos, essa experiência de mobilidade do emissor foi amplamente explorada pela Emissora Continental para poder “estar em todas”. Hoje, mais do que nunca, com um simples telefone celular pode-se entrar ao vivo e transmitir uma informação ou um evento.

A facilidade de transmissão dá origem a uma outra importante característica do veículo: o imediatismo. “O rádio permite trazer o mundo ao ouvinte enquanto os acontecimentos estão se desenrolando” (ORTRIWANO, 1985, p. 80). Mesmo em tempos de Internet, com a dita atualização dos *sites* “em tempo real”, o rádio ainda é o mais rápido em termos de possibilidade de transmitir uma informação no momento em que ela acontece. No rádio, depois da apuração – ou mesmo durante esta – o repórter liga para a emissora, e pelo seu celular transmite a informação ao vivo. “O rádio [...] chega falando, característica que lhe garante agilidade e força” (PARADA, 2000, p. 39). A Continental explorou esse imediatismo quando também utilizava esse expediente de, após apurar pelo telefone uma informação, já transmitia os primeiros dados durante o trajeto em direção ao local do fato, como afirmou Jorge Sampaio (2004).

Outra característica bastante peculiar ao rádio é a instantaneidade. Ela é comumente confundida com o imediatismo, mas é importante que fique claro que a instantaneidade radiofônica leva em conta o receptor. Ou seja, a mensagem somente será recebida se o receptor estiver ouvindo rádio no momento exato de sua transmissão. “Se o ouvinte não estiver exposto ao meio naquele instante, a mensagem não o atingirá. Não é possível ‘deixar para ouvir’ em condições mais adequadas” (ORTRIWANO, 1985, p. 80).

Uma decorrência da mensagem radiofônica “dissolver-se” no ar é a fugacidade, apontada por Kaplún (1978, p. 53): “a mensagem radiofônica é efêmera, se inscreve no tempo. Não é possível ao receptor voltar atrás e reler o que não conseguiu apreender, como acontece com a mensagem escrita”. Como forma de driblar essa característica negativa do veículo, Kaplún (1978, p. 53) destaca a

redundância: “Isto impõe a necessidade de sermos muito reiterativos no rádio, de repetir e insistir”.

É importante frisar que estamos tratando da emissão tradicional, a qual ocorre por meio das ondas hertzianas. As emissoras com *sites* na Internet têm disponibilizado arquivos de áudio que jogam por terra a necessidade de estar ouvindo a rádio no momento da transmissão e a impossibilidade de ouvir de novo e mais de uma vez, se necessário. Pode-se ouvir, por exemplo, às 15 horas, o boletim do “Correspondente Ipiranga”, veiculado pela Rádio Gaúcha/RS às 8 horas da manhã, por meio do *site* da emissora⁸², mesmo que se esteja no estado de São Paulo ou fora do país. E se o ouvinte não entendeu a notícia, pode ouvi-la quantas vezes quiser.

Se comparado aos demais meios de comunicação, o rádio é o de menor custo tanto para o receptor quanto para o emissor. “Em comparação à televisão e aos veículos impressos⁸³, o aparelho receptor de rádio é o mais barato, estando sua aquisição ao alcance de uma parcela muito maior da população” (ORTRIWANO, 1985, p. 79). Para o emissor esse fato também é realidade. Comparado às televisões e jornais, o custo de produção é menor, principalmente se for levado em conta o grande número de receptores atingidos, como afirma Ortriwano (1985, p. 80): “[...] esse custo de produção se dilui, tornando o rádio o meio de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido”.

A possibilidade de alcance do público também deve ser levada em conta quando se fala das características do rádio. O veículo é o de maior poder de penetração geográfica. O rádio chega onde nenhum outro veículo pode chegar, seja através de ondas curtas, ou médias. “O rádio é o mais abrangente dos meios, podendo chegar aos pontos mais remotos e ser considerado de alcance nacional” (ORTRIWANO, 1985, p. 79).

Com todas essas características, o rádio produz uma mensagem de impacto, que, como diz McLuhan (1979, p. 338), “é uma mensagem de ressonância e de implosão unificada e violenta”. Entretanto, Kaplún (1978, p. 47) ressalta que não basta saber o que se quer dizer, “temos que saber como dizê-lo através do rádio para sermos escutados, atendidos e entendidos”. Kaplún (1978, p. 47) sustenta

⁸² O *site* da emissora é <<http://www.radiogaucha.com.br>>.

⁸³ Isso também se refere aos computadores e ao acesso à Internet, que não foram incluídos na comparação feita por Gisela Ortriwano pelo fato de sua pesquisa ter sido realizada no início da década de 1980.

ainda que “a mensagem é afetada pelas características do meio transmissor. Isto é, o meio radiofônico influencia necessariamente a mensagem, a condiciona, impõe determinadas regras de jogo”. É como se compõe essa mensagem, sua linguagem, portanto, que passaremos a discutir agora.

5.2 A Linguagem Radiofônica

Como o rádio é som, é comum ouvirmos que sua linguagem é essencialmente oral. Essa posição simplista é desconstruída por Meditsch (2001a, p. 69) que defende que a linguagem radiofônica carrega em seu bojo uma aparência de oralidade porque “só se realiza num processo de produção estruturado com base na escrita e em formas de registro eletrônico”. Ou seja, “a linguagem do rádio vai além da oralidade e da escrita, absorve características de ambas para as negar”. (MEDITSCH, 2001a, p. 148). Nessa negativa adquire vida própria com a conjugação entre a palavra, a música, os ruídos e o silêncio, que, segundo o autor, são os elementos da linguagem sonora.

Quando se fala em linguagem radiofônica é preciso salientar que outros autores fazem ligeiras diferenciações nas classificações de seus componentes. Prado (1989) divide a linguagem radiofônica em palavra, música, silêncio, ruído e efeitos especiais. Silva (1997) classifica-a em palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos. Morais (1987) fica com apenas três elementos: palavra, músicas e efeitos. Kaplún (1978) também não considera o silêncio em sua divisão, que fica com palavra, música e sons (efeitos). Eduardo Meditsch (2001a) – como já vimos – fala em palavra, música, ruídos e silêncio. E Ferrareto (2000) entende que a linguagem radiofônica conjuga quatro elementos: a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio.

Entendemos que essas divergências não comprometem a questão principal que é o entendimento de que a linguagem radiofônica não é somente a palavra ou somente a música, ou ruídos ou silêncio e sim uma sintaxe desses elementos. Se alguns a dividem em três, quatro ou cinco elementos ou se um autor chama som de ruído e outro de efeito, isso pode ser desconsiderado, já que estamos apenas no campo das nomenclaturas. Entretanto, para que não ocorram

dúvidas, com relação a este trabalho adotamos a divisão proposta por Ferrareto (2000), ou seja, a de que a linguagem radiofônica se divide em voz humana (também chamada de palavra, texto ou discurso), música, efeitos sonoros (ruídos ou sons, que podem ser naturais ou produzidos em estúdio) e silêncio.

5.2.1 A Voz e o Texto Radiofônicos

Ouvir rádio é como conversar no escuro. Escutamos a voz do nosso “interlocutor”, mas não vemos seu rosto. Não se pode responder a ele diretamente, mas cria-se no ouvinte um diálogo mental. É por isso que Silva (1997, p. 38), quando discute a oralidade mediatizada pelo rádio, afirma que “o rádio no seu processo comunicativo freqüentemente reproduz uma voz sem corpo, ou seja, uma voz que, com o advento das tecnologias de transmissão e estocagem de som, separa-se da fonte que a produziu”. A voz separa-se da fonte que o produziu, mas, exatamente por esse motivo, adquire novas texturas e novos significados, como defende McLuhan (1979, p. 40).

Na linguagem radiofônica, o elemento voz deve ser entendido como a conjugação de um texto, normalmente escrito previamente, e a voz em si, o ato de vocalizar o texto. Vamos falar primeiramente das características do texto radiofônico. Como a mensagem radiofônica será ouvida, o texto precisará ser “peculiar, se comparado ao dos outros meios de comunicação” (CABELLO, 1999, p. 15).

Cabello (1999) salienta ainda que essa peculiaridade se dá porque no jornalismo impresso, por exemplo, o leitor tem o texto nas mãos, podendo “ir e voltar” quando quiser e na televisão há a presença da imagem, que facilita a compreensão da mensagem. E arremata: “para escrever textos para o rádio não basta conhecer as regras gramaticais e de sintaxe; deve-se, também, possuir a habilidade de preparar o texto para ser ouvido” (CABELLO, 1999, p. 17). O primeiro atributo de quem escreve para rádio, portanto, é ter a plena consciência desse fato. Para Prado (1989, p. 29), “essa atitude facilitará a difícil tarefa de oferecer em umas poucas frases, breves e simples, a mesma informação que no jornal ocupará vários parágrafos de elaboração literária ‘brilhante’”.

Como a mensagem radiofônica será ouvida sem nenhum outro suporte, o texto precisa ter características especiais, como ressalta Silva (1997, p. 44) quando afirma que “o rádio desenvolve uma sintaxe cuja lógica resulta de uma mescla da lógica da escritura com a dos textos orais elaborados e memorizados pelas comunidades baseadas na voz sem o intermédio da escrita”. Portanto, a estrutura do texto radiofônico deve ter clareza e simplicidade, já que o ouvinte não poderá voltar para escutar de novo. Os períodos sintáticos, por exemplo, não devem ser longos. Mas isso não é tudo, como afirma Prado (1989, 32):

Uma frase breve não é garantia de uma expressão lógica se não está acompanhada de uma estrutura linear, um desenvolvimento lógico da idéia que contém. Para isso é preciso recorrer à estrutura gramatical mais simples, que é aquela composta por sujeito-verbo-complemento.

A simplicidade do texto também se manifesta na escolha das palavras. Deve-se escolher as de uso cotidiano, já que, como afirma Cabello (1999, p. 18) “quanto mais conhecido o vocabulário, maior o entendimento, a memorização e a lembrança”. A redundância também é fundamental para a compreensão da mensagem devido à fugacidade do veículo, como já vimos. “A repetição, regra dos textos orais, é eleita como um recurso imprescindível na redação radiofônica mediante a escuta entrecortada pela presença de outras linguagens” (SILVA, 1997, p. 53).

Meditich (2001a, p. 183) também chama a atenção para a “condição invisível” da linguagem radiofônica e da necessidade de se levar isso em conta no momento da produção do texto:

Sem o reforço da visão, como ocorre numa situação natural em que algum interesse é despertado pelo ouvido, a atenção dispensada pelo cérebro à informação captada por via auditiva não é resistente. Em vez do reforço do olhar, que funciona como um monopolizador da atenção nos meios audiovisuais, a mensagem do rádio sofre a competição da visão (e dos demais sentidos), que estará captando simultaneamente informações diferentes, passíveis de interessar e, como isso, de distrair a atenção do ouvinte. Tal descontrolo sobre o seu auditório condiciona o discurso do rádio a se ater apenas aos aspectos absolutamente relevantes da mensagem, capazes de chamar a atenção ininterruptamente sobre si e propiciar uma compreensão global do conteúdo, num curtíssimo espaço de tempo.

O texto radiofônico ganha vida pela voz do locutor que o emite. “É o jogo plástico da materialidade expressiva da voz que distingue o discurso radiofônico” (RODRIGUES, 1996, p. 54). Por isso, não basta um texto bem escrito.

Se ele também não for bem interpretado a mensagem não atingirá o propósito de criar imagens mentais no ouvinte. “Se o texto é fundamental, assim como a precisa abordagem do conteúdo, no rádio, tudo isso parece sem efeito sem uma locução eficiente. O rádio é voz, respiração, oxigênio”. (SALOMÃO, 2003, p. 80). Silva (1997, p. 57), baseada em Paul Zumthor, afirma que “[...] a voz surpreende a escrita engendrando e revelando outros valores que, na interpretação, integram-se ao sentido do texto transmitido, enriquecendo-o e transformando-o, por vezes, a ponto de fazê-lo significar mais do que diz”.

Para obter tal efeito, a locução precisa ter naturalidade e articular quatro variáveis, apontadas por Prado (1989): vocalização, ritmo, entonação e atitude. A boa vocalização faz com que as palavras sejam ditas de maneira clara e com boa articulação. Prado aponta para o fato de que na fala do dia-a-dia não nos esforçamos tanto para uma boa vocalização, uma vez que temos outros recursos expressivos, como a gestualidade e as expressões faciais. Entretanto, “no rádio carecemos destes apoios e é por isso que uma boa vocalização adquire uma relevância vital, sobretudo se se tem em conta que os ouvintes de rádio não têm a oportunidade de pedir esclarecimentos” (PRADO, 1989, p. 22).

O ritmo da locução não deve ser frenético demais, para não gerar ansiedade no ouvinte, nem devagar, a ponto de deixá-lo sonolento. A entonação não deve ser forçada. “O ritmo, juntamente com a entonação na performance do locutor [...] deve reproduzir a naturalidade e a variação presentes na expressão oral cotidiana, explorando criativamente a sonoridade de um texto elaborado para este meio acústico” (SILVA, 1997, p. 74).

Na expressão da atitude, última variante da locução, deve-se levar em conta a posição do ouvinte perante o tema. “Uma atitude demasiado seca ou demasiado alegre vai levar a uma reação negativa com respeito à eficácia da mensagem. A primeira provoca um distanciamento entre a fonte e o receptor, e a segunda tira a credibilidade” (PRADO, 1989, p. 24). No caso do jornalismo, por exemplo, uma notícia de tragédia nunca pode ser fornecida com uma voz alegre. Nem o oposto. É como afirma Silva (1997, p. 73) quando diz que “a voz tem papel imprescindível, pois na sua coreografia vocal – no ritmo, na entonação, na vocalização – podem inscrever elementos que proporcionem a identificação com o seu ouvinte”.

5.2.2 A Música

A música está presente em duas situações distintas no rádio. Na primeira, identificamos a música em si, desarraigada da linguagem radiofônica e que faz parte da programação das emissoras, principalmente as FMs. Como já vimos, com a chegada da televisão o rádio passou a viver a fase de “vitrolão”. As apresentações ao vivo cessaram e os discos, primeiramente os de goma-laca⁸⁴, depois vinil e hoje as mídias digitais, substituíram os grandes espetáculos. A música, portanto, preencheu espaços vazios no rádio, substituindo parte do entretenimento que era evidenciado na época de ouro do veículo. Na segunda situação, a música surge conjugada com a palavra, os efeitos e o silêncio e forma um todo coeso que compõe a linguagem radiofônica. Nesse caso, sua função específica é, no dizer de Kaplún (1978, p. 163), “salientar as emoções que tratamos de comunicar”.

A música ganhou força enquanto elemento da linguagem radiofônica principalmente com o surgimento das radionovelas e dramatizações. “A música batia às portas dos sentidos dos ouvintes do rádio, cantando uma história paralela que crescia junto com o ouvinte à medida em que este se fazia capaz de associar sons” (MORAIS, 1987, p. 16).

A música pode ser empregada em diferentes situações e com diferentes finalidades. Kaplún (1978, p. 164) classificou-a em cinco funções. Na primeira, função gramatical, a música é usada como um signo de pontuação e separa seções, blocos ou mesmo um assunto do outro, principalmente em programas jornalísticos. “A música se intercala para ir marcando as diferentes frações de que está composta a emissão e para distinguir uma fração da outra”.

A segunda função apontada por Kaplún (1978, p. 164) é a expressiva, quando a música “contribui para criar um clima emocional, [...] uma atmosfera sonora”. A música também pode ser usada para assinalar o caráter de uma personagem. A ação da música, nesses casos, provoca no ouvinte uma identificação emocional com a emissão. Kaplún entende que a função expressiva é encontrada principalmente nos “radiodramas”, mas sustenta que também no rádio

⁸⁴ Os primeiros discos, destinados aos gramofones, eram de goma-laca. Utilizavam a velocidade de 78 rotações por minuto. Apresentavam, normalmente, uma música de cada lado, com duração média de três minutos.

informativo, como em uma reportagem, a função expressiva deva ser explorada para criar essa atmosfera que a música sugere.

A música assume a função descritiva proposta por Kaplún quando fornece referência de um lugar por meio de músicas típicas ou de uma determinada época. Em algumas situações, ela pode substituir os efeitos sonoros ou o som ambiente, como exemplifica Kaplún (1978, p. 165): “Às vezes a música descreve tão bem uma sensação sonora que chega inclusive a substituir com vantagem o som real. [...] Um pequeno trem rural está muito bem musicado por Villa-Lobos na segunda de suas Bachianas Brasileiras”.

A função reflexiva é apontada por Kaplún quando a música é usada como um tempo de repouso para o ouvinte refletir sobre a informação recebida. Aqui, pode haver uma associação com a função gramatical. Dependendo da maneira como for usada, a música pode servir ao mesmo tempo para separar um assunto de outro e para que o ouvinte pense sobre o que ouviu. Na avaliação do autor, a função reflexiva pode ser aplicada em dramatizações ficcionais e também no radiojornalismo.

A última função da música apontada por Kaplún é a ambiental, ou seja, quando se utiliza uma música para reproduzir o som do ambiente onde se passa a cena. No caso de uma dramatização, “se nossos personagens se encontram em uma festa e estão dançando, devemos ouvir a música que eles dançam. Se estiverem em um concerto, ouviremos a música que se escuta ali” (KAPLÚN, 1978, p. 166).

Nos exemplos fornecidos por Kaplún (1978), não se descarta o uso da música pelo radiojornalismo, mas percebemos que ela está intimamente associada à dramatização. Meditsch (2001a, p. 180) entende que

o uso da música é bastante mais limitado no jornalismo do que na arte radiofônica. A música só faz parte do conteúdo do jornalismo quando este noticia algo diretamente relacionado com ela (um espetáculo, a morte de um compositor), ou funcionando como ruído indexical do lugar onde se encontra o repórter.

Nas produções dos alunos da Universidade Estadual de Londrina, dentro da disciplina de radiojornalismo e nos projetos de ensino que desenvolvemos, temos conseguido uma prática que destoa da afirmação de Meditsch. Em muitos momentos, a música é usada como informação e complementa o que foi dito pelo repórter ou pelo entrevistado. Em outras experiências, a música é usada como fio

condutor da reportagem e substitui o texto do repórter. Nessas experimentações com o uso da música⁸⁵, conseguimos, em muitos momentos, utilizá-la nas funções gramatical, descritiva, reflexiva e ambiental como as preconizadas por Kaplún sem nenhum prejuízo para a mensagem.

5.2.3 Os Efeitos Sonoros

Os efeitos sonoros possuem uma função primordial na linguagem radiofônica: ajudam a criar as “imagens mentais”, como assegura Kaplún (1978, p. 16): “os sons [dos efeitos] nos ajudarão a que o ouvinte ‘veja’ com sua imaginação o que desejamos descrever”. E o autor vai além, afirmando que o som “corporifica o objeto de que emana. Ouvimos o galope e vemos o cavalo; o ruído do trânsito nos leva a uma avenida movimentada; a sirene do carro de bombeiros e o estalar do fogo nos leva a visualizar o incêndio” (KAPLÚN, 1978, p. 175).

É por esse motivo, o ato de provocar a “visualização” do objeto referente ao som emitido, que o efeito sonoro

tem a tendência de assumir a natureza de pelo menos duas estruturas, a descritiva e a narrativa, nas quais indistintamente o ruído só se torna manifesto no momento em que se ouve o seu som (uma vez que não podemos ver a sua causa, ou o seu objeto) e por isso torna-se prova da sua existência e tem função de voz. (SILVA, 1997, p. 84)

Mário Kaplún esmiúça um pouco mais as funções descritiva e narrativa dos efeitos sonoros e ainda acrescenta duas classificações: a expressiva e a ornamental. Para o autor, o som na função descritiva funciona como uma fotografia e aproxima o ouvinte da realidade retratada: “[...] Ao ouvir o murmurar do público, o ruído de pratos e talheres nos sentimos em um restaurante”. (KAPLÚN, 1978, p. 175). Na função narrativa, os efeitos servem para unir uma cena à outra. Kaplún fornece vários exemplos, como o que segue: “ouvimos o galope afastar-se até desaparecer. Logo escutamos a chegada do cavalo, o relinche, um golpear de cascos. Percebemos que o personagem que na cena anterior partiu a cavalo, agora chegou ao seu destino” (KAPLÚN, 1978, p. 177).

⁸⁵ Muitas delas foram veiculadas pela Universidade FM, emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina, e por emissoras comerciais de Londrina e São Paulo.

Kaplún (1978) adverte para o fato de que o efeito sonoro não se limita a ser usado como expressão referencial, como nas funções expressas anteriormente. Para ele, em certas passagens, o som cria uma atmosfera emocional como a música: “Em meio ao silêncio da noite, umas pisadas furtivas que se arrastam, que se aproximam, que se detêm bruscamente, podem contar um feito por si só, sem a necessidade de palavras” (KAPLÚN, 1978, p. 176). Quando usado nesse sentido, o efeito adquire a função expressiva. Já a última classificação apontada por Kaplún é do efeito como ornamento, que é usado para “dar cor”: “Em uma cena que transcorre num bairro popular, colocamos bem longe, gritos de meninos jogando bola. Não são sons imprescindíveis, mas bordam, dão vida e sabor à cena” (KAPLÚN, 1978, p. 176).

O efeito sonoro pode ser de dois tipos: o produzido em estúdio, como o faziam de forma maravilhosa os sonoplastas das radionovelas, e o captado diretamente do ambiente, sendo tanto sons urbanos quanto rurais. Para uso no jornalismo, “existe um princípio ético que limita a manipulação da realidade referente” (MEDITSCH, 2001a, p. 179). Isso significa que o jornalismo deve trabalhar apenas com o som natural, que, na visão de Meditsch, “será sempre mais pobre, no sentido formal, do que aquele construído pela arte radiofônica, com a mesma linguagem” (MEDITSCH, 2001a, p. 179), mesmo considerando a atual tecnologia de gravação de áudio.

A ênfase ao uso do efeito recai normalmente nas dramatizações. Entretanto, Parada (2000, p. 31) defende que não se pode deixar o radiojornalismo relegado ao segundo plano. “Jornais e revistas têm fotos, e a televisão, a imagem. No rádio, o que faz a diferença é o som. Óbvio, não? A maioria das rádios jornalísticas e dos repórteres despreza, subestima sua principal matéria-prima”. Segundo Parada (2000, p. 32), o som é uma forma de trazer o fato mais próximo do ouvinte, transportando-o para o local do acontecimento:

O som, às vezes, tem uma alta carga emocional e informativa. O impacto dele no ouvinte pode ser maior do que um longo relato, por mais bem escrito que seja [...] A matéria deve reproduzir o ambiente, para que não se reduza à mera leitura de um texto com o trecho de uma entrevista.

A despeito de qualquer função em que o efeito sonoro esteja sendo usado, seja ele produzido ou natural, empregado nas dramatizações ou no Jornalismo, Silva (1997) ainda chama a atenção para um aspecto importante: a

necessidade da garantia da correta identificação pelo ouvinte do objeto que se está representando. O ouvinte somente conseguirá identificar sons familiares e de objetos conhecidos. “Para o ouvinte é praticamente impossível imaginar circunstâncias externas complicadas no que se refere ao espaço, ambiente e temporalidade e ação externa” (KOLB apud SILVA, 1997, p. 84). Essa questão deve ser um limitador para o uso do efeito por parte do jornalismo. Se na arte não é necessária a preocupação do entendimento por parte do receptor, esse entendimento é mister para que o radiojornalismo consiga sucesso em sua tarefa de informar.

5.2.4 O Silêncio

O silêncio no rádio é muitas vezes tido como erro do operador. Em um mundo cada vez mais veloz e sonoro, o espaço de silêncio nem sempre é tido como parte da linguagem radiofônica e sim como defeito da transmissão. Isso acontece, segundo Orlandi, porque

temos de estar emitindo sinais sonoros continuamente, pois o nosso imaginário social destinou um lugar subalterno ao silêncio. O homem se preenche com a fala, criando a idéia de silêncio como o vazio, a falta. Ao negar sua relação fundamental com o silêncio, ele apaga uma das mediações que lhe são básicas. O homem não se dá o tempo de trabalhar a diferença entre falar e significar. (ORLANDI apud BAUMWORCEL, 1998, p. 46)

Nessa busca por tentar entender porque temos tão pouco silêncio nos dias de hoje, Silva lembra que “ainda prevalece a noção de silêncio como morte alimentando a necessidade de se estar sempre emitindo e produzindo sons” (1997, p. 79). E Schafer arremata: “O homem teme a ausência de som como teme a ausência da vida [...] O som corta o silêncio (morte) com sua vida vibrante” (SCHAFER apud SILVA, 1997, p. 79).

O silêncio, enquanto parte da linguagem radiofônica, não deve ser entendido como mera pausa sem intenção, como bem expõe Silva (1997, p. 80) quando afirma que “o uso do silêncio quando contextualizado dentro de uma estrutura sintática tem a possibilidade de adquirir significados que, por sua vez, podem realçar a importância da continuidade sonora”. A idéia de silêncio produzindo significado também é defendida por Baumworcel (1998, p. 45): “Sem silêncio, a

linguagem não significa. O silêncio é a grande mediação para a interpretação. E interpretar é dar sentidos”.

Há dois tipos de silêncio, segundo Bruneau (apud BAUMWORCEL, 1998, p. 50): o psicolingüístico e o interativo. O silêncio psicolingüístico é mais curto (inferior a dois segundos) e “está associado ao desenvolvimento linear seqüencial do material lingüístico, como vacilações gramaticais ou para reduzir a velocidade do ritmo verbal” (BAUMWORCEL, 1998, p. 50). Já o silêncio interativo é mais longo e “está vinculado aos processos semânticos de deciframento da mensagem, relacionados com os movimentos de organização e categorização de níveis da experiência e da memória” (BAUMWORCEL, 1998, p. 50).

Diante dessa definição, percebemos que o silêncio interativo permite uma produção maior de significado, já que está ligado, como defende Baumworcel (1998, p. 50), “a relações afetivas que produzem emoção, conhecimento ou opinião”. O silêncio também intensifica as possibilidades de sentir, como afirma Orlandi uma vez que “às vezes, para se dizer algo é preciso não dizer, já que uma palavra apaga necessariamente as outras” (apud BAUMWORCEL, 1998, p. 49).

Quando o silêncio estabelece um vazio, ele convida o ouvinte a preenche-lo com suas imagens mentais. Nesse ponto se estabelece a interação com o ouvinte e isso faz com ele interaja com o emissor. O silêncio usado adequadamente pode provocar uma reflexão que é importante para o deciframento da mensagem e para o sucesso do ato comunicativo radiofônico, que é o de criar imagens mentais:

Essa imagem que se constrói a partir de sons, de elementos acústicos, adquire uma especificidade que a distingue da imagem estruturada por elementos visuais em diferentes técnicas. A ‘imagem sonora’ surge na tela imaginativa do ouvinte como uma granulação fina resultado de um processo perceptivo entre impressões pessoais e representações sensoriais sonoras apreendidas pela audição. (SILVA, 1997, p. 86)

5.2.5 A Busca pelo Equilíbrio

Dos quatro elementos que compõem a linguagem radiofônica, o mais encontrado nos dias de hoje, principalmente quando falamos em emissoras ou

programas que tenham o jornalismo como “carro chefe”, é a palavra, quando muito acompanhada de uma música de fundo. Para Meditsch (2001a, p.175) essa preponderância da palavra no jornalismo radiofônico é compreensível e necessária, uma vez que este se difere de outros gêneros do rádio, como a arte radiofônica, por exemplo, porque “opera em função da realidade referencial e outro [arte radiofônica] da ficção, mesmo que o material sonoro seja comum a ambos”. Por este aspecto, o da ligação do jornalismo com a “realidade referencial”, Meditsch (2001a, p. 180) entende que, na linguagem do rádio informativo, “a música, os ruídos e o silêncio exercem um papel claramente subsidiário em relação à palavra”.

Meditsch (2001a) ainda ressalta como significativo o fato do jornalismo radiofônico, que também era produzido na época de ouro do rádio – quando as radionovelas exploravam todos os recursos da linguagem radiofônica – não ter adotado “os recursos de linguagem, então disponíveis”. Para o autor isso se deu porque:

A construção de um “mundo acústico da realidade” é o ideal da arte radiofônica. A concretização deste ideal requer uma total liberdade de criação com os elementos que compõem a linguagem do meio e graças a tal liberdade é que a arte alcança a máxima realização possível desta linguagem. Por seu lado, o jornalismo tem, como ideal, a reprodução fiel de uma realidade exterior a que se refere. A realidade referencial representa, assim, um freio à criatividade do jornalismo, no uso que faz da mesma linguagem. O jornalismo não tem a mesma liberdade que tem o artista na composição de sua obra. (MEDITSCH, 2001a, p. 175)

Concordamos que a liberdade do jornalista necessita estar conjugada com a responsabilidade de informar. Entretanto, mesmo parecendo utópica – para usar as palavras de Meditsch – defendemos que o jornalismo radiofônico precisa considerar a linguagem do rádio em sua plenitude e complexidade. Hoje em dia, são muitos os profissionais que nem se atentam para o fato de que o rádio é som e em sua linguagem não existe somente a palavra. Os efeitos sonoros naturais, a música e o silêncio também carregam em si informação. Se o jornalista souber usar essa informação terá uma mensagem e uma linguagem enriquecidas, como afirma Prado (1989, p. 36):

Esse terreno [uso da linguagem radiofônica] é um campo inexplorado, com o que o rádio vê mudadas suas possibilidades expressivas em favor de uma expressão fria que combina, no campo informativo, a expressão oral com uma aplicação de música como substituta dos recursos gráficos. Esta utilização raquítica do meio

diminui as suas possibilidades expressivas e conseqüentemente comunicativas.

Quem também aponta para a sub-utilização da linguagem radiofônica quando há um destaque excessivo para a palavra é Morisson (1996, p. 113), que afirma que é a “banalização da palavra que torna a palavra cansativa”. O autor português também defende que precisa haver uma busca constante pelo equilíbrio no uso dos elementos da linguagem em prol da “justa utilização da própria palavra” (MORISSON, 1996, p. 114).

Em 1938, o mundo passou a escutar o rádio com outros ouvidos, depois do Radioteatro Mercury de Orson Welles. Talvez ainda precisemos ouvir e refletir sobre esta transmissão. Na avaliação de Ortriwano (2006), Welles “explorava as técnicas jornalísticas com a ambientação sonora requerida. Mais que isso: havia compreendido, na prática, que mesmo o gênero jornalístico não dispensa o respeito absoluto à linguagem radiofônica”.

Não há como ditar regras de como se deve utilizar a linguagem radiofônica. Entretanto, acreditamos que quem faz rádio, e radiojornalismo, precisa conhecer as características do veículo com que trabalha e as peculiaridades de sua linguagem para, caso a caso, saber explorar a voz, o texto, a música, os efeitos e o silêncio dentro de cada programa específico. Nesse ponto entramos, portanto, em uma nova dimensão, que é a dos formatos, programação e dos programas que temos no rádio de uma forma geral e quando eles estão a serviço da informação, de uma forma específica. Como estão estabelecidos esses formatos, programação e programas é nosso interesse a partir de agora.

5.3 Formatos, Programação, Programas

Como já vimos, na sua época de ouro, o rádio brasileiro era generalista e procurava atingir e agradar a todos. Com a chegada da televisão, na década de 1950, o veículo sofreu um forte abalo porque teve seus programas, profissionais e verbas publicitárias cooptados pelo novo veículo eletrônico. Um dos caminhos encontrados pelo rádio no seu redimensionamento diante da televisão foi a segmentação. Esse movimento se deu com maior força a partir de meados da

década de 1980. Com a segmentação, a emissora passou a focar num determinado tipo de público e passou a definir melhor seu formato de programação para cativar e cultivar esse público:

O sucesso de uma rádio – em termos comunicativos em relação ao público e em termos de *appeal* para o mercado publicitário – depende da clareza com que o formato se desenvolve em todos os seus componentes: a correspondência entre o formato, a imagem da rádio e o *target* a que a emissora se dirige é um objetivo essencial para uma rádio comercial. (FENATI apud MEDITSCH, 2001a, p. 195)

O formato a que se refere Fenati é, segundo definição de Meditsch (2001a, p. 194), “a ‘intenção do todo’ que organiza os diversos níveis do discurso na programação num único contexto comunicativo”. O formato de uma emissora é o nível mais abrangente de seu perfil. É o norteador ao qual se adequarão a grade de programação e os programas, sendo o indicador, para o receptor, do que se pode esperar daquela emissora. Meditsch (2001a, p. 195) dá um exemplo:

Ao adotar um formato informativo, a emissora convencionada com um determinado público, interessado no gênero, que é uma frequência especializada em fornecer informações. E, em consequência disso, independente das variações que incorpore estrategicamente (sic) na programação (pode incluir também música, programas de entretenimento, publicidade, etc) assume os valores profissionais do jornalismo como critério predominante na programação: o público será por ela informado de qualquer acontecimento cuja relevância o justifique, a qualquer momento da emissão.

Ferrareto segue a mesma linha de pensamento de Meditsch (2001a) e classifica o formato como “a filosofia de trabalho da emissora, marcando a maneira como ela se posiciona mercadologicamente no plano das idéias” (FERRARETO, 2000, p. 61). Levando em conta a experiência brasileira, o autor divide os formatos em dois grupos distintos: os puros e os híbridos. Nos puros encontramos os formatos:

a) Informativo – exclusividade para a transmissão de notícias como nas emissoras *all news*; opinião, entrevista e conversa com os ouvintes nas chamadas *all talk*; ou uma mescla das duas modalidades, também conhecida como *talk and news*;

b) Musical – é o “carro chefe” da maioria das emissoras FM brasileiras. Dentro do formato musical pode haver a divisão em Musical Jovem (busca atingir público dos 15 aos 25 anos), Musical Adulto (superior aos 25 anos) e

Musical Popularesco (ênfase à classe C e músicas “de fácil apelo junto ao público”. (FERRARETO, 2000, p. 62));

c) Comunitário – como o nome diz, nesse formato a programação volta-se para a comunidade. Nas emissoras comerciais, segundo Ferrareto (2000, p. 62), volta-se para o popularesco, com comunicadores de grande empatia com o público que “praticam um assistencialismo de resultados” e conversam com o ouvinte pelo telefone. Nas emissoras genuinamente comunitárias existe a “adoção de uma linha de trabalho afinada com os interesses dos ouvintes, servindo de canal aos seus anseios e buscando, deste modo, a resolução de problemas do bairro ou grupo de bairros de sua abrangência” (FERRARETO, 2000, P. 62);

d) Educativo-cultural – busca-se, nesse formato, uma programação que pretenda “formar o ouvinte, ampliando seus horizontes educativos e culturais” (FERRARETO, 2000, p. 63). É comumente adotado por emissoras não-comerciais;

e) Místico-religioso – são as igrejas eletrônicas, segmento que cresceu consideravelmente nos últimos 25 anos e que engloba emissoras católicas – a maioria – e evangélicas⁸⁶.

No formato híbrido, encontramos dois modelos:

a) De participação do ouvinte – mescla os formatos informativo e comunitário com muita conversa com os ouvintes, prestação de serviço e discussão de problemas da comunidade;

b) Música-esporte-notícia – mistura elementos dos formatos informativo e musical.

5.3.1 A Programação

Se o primeiro nível de organização da mensagem radiofônica está caracterizado pelo formato, Meditsch (2001a) sublinha que o segundo é a programação, definida como o “conjunto organizado de todas as transmissões de

⁸⁶ Um levantamento feito pelo jornal Folha de S.Paulo em 1997 e citado por Ferrareto (2000, p. 184) indica que 394 emissoras eram ligadas a igrejas, sendo que 181 eram católicas e o restante, evangélicas (Batista -100, Universal do Reino de Deus – 70, Adventista do Sétimo Dia – 21, Assembléia de Deus – 12, Renascer em Cristo – 6 e Evangelho Quadrangular – 4.

uma emissora” (FERRARETO, 2000, P. 59). A programação pode se dar de três modos: Linear, em Mosaico e em Fluxo.

A programação linear é homogênea, tendo o conjunto dos programas uma linha semelhante. Para Ferrareto (2000), esse é o modelo de programação das emissoras *all news* brasileiras.

A programação em mosaico apresenta “um conjunto eclético de programas, extremamente variados e diferenciados” (FERRARETO, 2000, p. 59) na forma de uma grade de programas. A segmentação nesse caso se dá nos horários. É comumente adotado em emissoras fora dos grandes centros.

A programação em fluxo não comporta uma divisão em programas específicos. A programação é um “grande programa dividido em faixas bem definidas. As mudanças de uma para outra são calcadas na troca do âncora ou do comunicador do horário” (FERRARETO, 2000, p. 60). Ferrareto destaca que esse modelo é bastante adotado nos Estados Unidos e que alguns radiojornais produzidos em emissoras da cidade de São Paulo já começam a utilizá-lo. Para melhor entendimento dessa programação, Ferrareto (2000, p. 60) apresenta um exemplo hipotético:

6h00	Manchetes dos Jornais	6h30	Manchetes dos Jornais
6h03	Condições do Tempo	6h32	Condições do Tempo
6h06	Situação dos Aeroportos	6h36	Situação dos Aeroportos
6h08	Reportagem	6h40	Reportagem
6h11	Notícias	6h41	Notícias
6h13	COMERCIAIS	6h43	COMERCIAIS
6h15	Situação do Trânsito	6h45	Situação do Trânsito
6h17	Entrevista	6h47	Entrevista
6h28	COMERCIAIS	6h58	COMERCIAIS

Figura 7 – Exemplo de programação em fluxo.
Fonte: Ferrareto (2000, p. 60)

Os módulos iriam se sucedendo e, como se entende que o ouvinte de rádio se renova a cada duas ou três horas, no módulo das 10 horas algumas reportagens veiculadas no horário das seis poderiam ser reprisadas.

Meditich (2001a), baseando-se em Andrea Semprini, entende que a programação em fluxo é o destino do veículo. Lembrando que desde seus

primórdios o rádio calçou sua programação em programas fechados, com início, meio e fim, aponta que

observada agora a partir da lógica de fluxo, a anterior grade de programas por unidades diferenciadas, circunscritas e intervaladas, aparece quase como uma violência feita ao meio, uma negação de seu princípio natural, caracterizado pelo fluir, pelo escorrer ao infinito, de forma indistinta. (MEDITSCH, 2001a, p. 207)

A definição inicial da programação radiofônica baseou-se na lógica do mundo dos espetáculos e ainda hoje é observada em muitas emissoras. Nela tenta-se sempre conjugar o tempo do veículo ao tempo social do ouvinte-alvo. Para que o programa tenha sucesso precisava haver a adesão do ouvinte ao programa, que é estruturado, na acepção de Kaplún (1978, p. 265), como

uma série, um conjunto de emissões que terão uma temática comum, que estarão agrupadas sob um mesmo título permanente – o título do programa –, que adotarão uma mesma forma, que terão uma mesma duração e se irradiarão periodicamente, sempre nos mesmos dias e horários.

Essa periodicidade faz com que o ouvinte fique “íntimo” do programa, conheça sua forma de organização, suas regras e o agende como um compromisso. Entretanto, com o aumento da concorrência entre as emissoras, “o compromisso com hora marcada para começar, tinha hora também para terminar e o resultado dessa limitação era uma debandada de ouvintes, no seu final” (MEDITSCH, 2001a, p. 198). Para segurar os ouvintes, as emissoras passaram a ter a estratégia de estender os programas. Daí que programas que duravam minutos passaram a ter horas ou foram desdobrados em várias edições diárias. Dessa extensão nasceu a programação em fluxo, como aponta Meditsch (2001, p. 199-200):

A lógica do agendamento de compromisso com hora marcada (pegue agora ou largue para sempre) é substituída pela lógica da disponibilização permanente do enunciado sem começo nem fim (pegue quando quiser), cedendo ao pólo da recepção o poder de determinar os limites temporais da comunicação. O pressuposto de encontrar um público determinado a uma hora determinada – e de estender esta hora ao máximo – é abandonado em função de uma nova estratégia: trata-se agora de reconhecer que as disponibilidades temporais do público são heterogêneas, abrindo mão da expectativa exagerada quanto à sua permanência e substituindo-a pela expectativa de frequência, com a fragmentação do tempo de consumo.

A programação da emissora passa, portanto, a ser pensada de forma circular, ou seja, a grade é substituída pela figura geométrica do *clock*. A estruturação do *clock* pode ser feita levando em conta as 24 horas do dia, os 60 minutos da hora ou períodos mais curtos, como meia hora. A linearidade da programação é substituída pela idéia de sucessão e adquire a forma de uma espiral. “Terminado um primeiro anel, um outro nasce imediatamente e reproduz o mesmo movimento, numa espiral que se alonga ao infinito”. (SEMPRINI apud MEDITSCH, 2001a, p. 202)

O rádio, que sempre buscou a novidade da hora, passa a trabalhar mais com o conceito da repetição, uma vez que o público é intermitente e dificilmente fica 24 horas ligado à emissora. Para Meditsch (2001a, p. 203), o ouvinte brasileiro não está acostumado à repetição – ao contrário do europeu, que a assimila como diferentes formas de gradação na importância da notícia: “a repetição idêntica destaca a importância do enunciado, enquanto que a repetição resumida ou com mudança de posição dentro de cada bloco de notícias [...] atenua este destaque”. Para o autor, a repetição pode ser evitada se a emissora tiver uma alta produção de informação, o que despenderia uma equipe de jornalistas maior e boa estrutura de trabalho, o que infelizmente não é uma realidade recorrente no jornalismo de rádio no Brasil.

A realidade hoje é que muitas emissoras ainda operam com programação em mosaico, principalmente nas cidades menores do interior e programação linear, adotada majoritariamente pelas emissoras especializadas em notícia, as *all news*, *all talk* e *talk and news*. Em função desse fato, o conceito de programa está ainda muito arraigado à nossa realidade de rádio e, por esse motivo, vamos observar como eles se classificam.

5.3.2 Os Programas Radiofônicos

O programa pode ser gravado ou ao vivo, ser apresentado dentro ou fora de estúdio, ter ou não a participação de ouvintes. Ferrareto (2000, p. 54) o define como “um todo coeso e independente dentro do conjunto de emissões”. Entretanto, mesmo com definições similares entre vários autores, a maneira como

esses programas são divididos, e muitas vezes a própria maneira de nominá-los, difere de autor para autor. Ferrareto (2000) entende que eles devam ser classificados em dois grandes grupos: o Informativo – que se subdividiria em Noticiário (Síntese noticiosa, Radiojornal, Edição Extra, Toque Informativo e Informativo Especializado), Programa de Entrevista, Programa de Opinião, Mesa-redonda e Documentário e o grupo de Entretenimento, que teria: Programa Humorístico, Dramatização, Programa de Auditório e Programa Musical. Ferrareto ainda destaca o Programa de Variedades ou Radiorrevista, que apresenta aspectos dos dois grupos.

Ortriwano (1985, p. 92) não fala em programas, mas estabelece “as transmissões informativas nas seguintes categorias”: Flash, Edição Extraordinária, Especial, Boletim, Jornal, Informativo Especial e Programa de Variedades.

Kaplún (1978, p. 129) também discute a questão e agrupa os programas em dois grandes gêneros: os musicais e os falados. O autor se concentra nos falados porque entende que “são eles que permitem expressar idéias, transmitir uma mensagem” e os divide em doze formatos: Locução (ou Comunicação, que pode ser Expositiva, Crítica ou Testemunhal), Noticiário, Nota (ou Crônica), Comentário, Diálogo (que pode ser Diálogo Didático ou Rádio Consultório), Entrevista Informativa, Radiojornal, Radiorrevista (ou Miscelânea), Mesa Redonda (que pode ser a Mesa Redonda propriamente dita ou o Debate), Radiorreportagem⁸⁷ (com base em Documentos Vivos ou com Base em Reconstituições) e a Dramatização (que pode ser Unitária, Seriada ou Novelada).

Outro autor que se debruça em classificar os gêneros de programas no rádio é André Barbosa Filho, que os divide em: Gênero Jornalístico (Nota, Notícia, Boletim, Reportagem, Entrevista, Comentário, Editorial, Crônica, Rádio-jornal⁸⁸, Documentário Jornalístico, Mesa Redonda ou Debate, Programa Policial, Programa Esportivo e Divulgação Tecno-científica); Gênero Educativo-Cultural (Programa Institucional, Áudio-biografia, Documentário Educativo-cultural e Programa Temático); Gênero de Entretenimento (Programa Musical, Programação

⁸⁷ Embora Kaplún use o nome de Radiorreportagem, observando-se a conceituação e as características que dá a esse programa, podemos afirmar que se trata do que a maioria dos autores brasileiros chama de documentário. “Cumprido no rádio uma função informativa um tanto similar a que cumpre no cinema o documentário (os ingleses chama a radiorreportagem de documentário e também lhe dão o nome de *feature*)” (KAPLÚN, 1978, p. 142)

⁸⁸ Preservamos a maneira de grafar os diferentes programas como as encontradas no original. Por este motivo, ora vemos radiojornal, ora rádio-jornal

Musical, Programa Ficcional, Programete Artístico, Evento Artístico e Programa Interativo de Entretenimento); Gênero Publicitário (Espote, Jinge, Testemunhais e Peças de Promoção); Gênero Propagandístico (Peça Radiofônica de Ação Pública, Programete de Serviço e Programa de Serviço) e Gênero Especial (Programa Infantil e Programa de Variedades).

Não vamos entrar no mérito a respeito de qual nomenclatura ou classificação é a mais apropriada. Entretanto, entendemos que, como estabelecemos de início as nomenclaturas adotadas por Ferrareto (2000) e Meditsch (2001a) com relação a formatos e programação, devemos continuar mantendo suas linhas pensamento e chamaremos as unidades que compõem a programação de programas e não de formatos como propõem Barbosa Filho (2003) e Kaplún (1978) ou categorias como define Ortriwano (1985).

Desses programas citados, vamos nos ater a quatro: Flash, Edição Extraordinária, Boletim (Síntese Noticiosa) e Radiojornal, que nos ajudam a dimensionar a experiência da Emissora Continental e seus “Comandos”. Não trataremos nesse momento da reportagem, visto que não entendemos a reportagem como um programa, mas como um elemento, uma forma de estruturar a informação, que pode ser agregada a vários programas. Barbosa Filho (2003) inclui a reportagem como formato, mas, seguindo nossa linha de raciocínio, baseada em Ferrareto (2000) e Meditsch (2001a), a reportagem não é tida como tal.

O flash envolve uma informação rápida, atual e que não pode esperar para ser veiculada. Normalmente dura segundos, chegando, às vezes, a poucos minutos. Interrompe qualquer outro programa devido à urgência da sua informação que, normalmente, não traz aprofundamento e “nem sempre responde às perguntas fundamentais do jornalismo – que, quem, quando, onde e como⁸⁹” (ORTRIWANO, 1985, p. 92). Pode-se dizer que é o primeiro estágio de urgência de uma informação no radiojornalismo, sendo transmitida ao vivo, do estúdio ou do local da ação.

Se o fato divulgado no flash for de extrema importância, pode se transformar em Edição Extraordinária. Nesse caso a informação que se está veiculando é tão importante que ela não dura somente poucos segundos ou minutos; a emissora fica transmitindo-a até que o fato se esgote. A edição Extraordinária

⁸⁹ Embora não citado por Ortriwano, o “por que” também é uma das perguntas básicas do jornalismo.

também interrompe qualquer outro programa e “neste caso, a notícia já é apresentada com maiores pormenores – se considerarmos a emissão toda” (ORTRIWANO, 1985, p. 92). Essa última ressalva de Ortriwano se justifica porque, normalmente, a transmissão não estava prevista – daí seu caráter extraordinário – e nem sempre se tem dados disponíveis sobre o fato ou se sabe realmente o que está acontecendo. Os pormenores do acontecimento vão surgindo durante a transmissão. Os programas que estão no ar param de ser transmitidos e até as inserções comerciais não são veiculadas.

Um exemplo bastante ilustrativo de Edição Extraordinária aconteceu no atentado às torres gêmeas do *World Trade Center* em 11 de setembro de 2001. Muitas emissoras transmitiram as primeiras informações em forma de flash, pensando que se tratasse inicialmente de um acidente. Inusitado, mas acidente. Quando se percebeu que a tragédia ganhava maiores proporções e deveu-se a um atentado, todas passaram a transmitir em Edição Extraordinária e ficaram horas e horas no ar. No início, as emissoras ainda estavam sem entender o que se passava e com muitas informações desconhecidas. Ao longo da transmissão o quadro foi se esclarecendo e, com a ajuda de muitos repórteres trabalhando na cobertura e de especialistas, tentando entender o ocorrido, as informações foram aprofundadas.

Na rádio CBN, por exemplo, a experiência da transmissão do atentado foi contada pelo âncora Milton Jung, do programa CBN São Paulo, que vai ao ar de segunda a sábado das 9h30 às 12h⁹⁰:

São 9 horas e 56 minutos. Um avião bateu nas torres do *World Trade Center*, há poucos instantes, em Nova York. O prédio está pegando fogo. De acordo com informações de uma testemunha ocular, teria sido um Boing 737, mas esta informação ainda não foi, oficialmente, confirmada. Daqui a pouco, traremos outras informações sobre este acidente: um avião bate em uma das torres do World Trade Center, em Nova York. (JUNG, 2004, p. 135)

Este plantão, outro nome dado ao flash, entrou em toda a rede CBN⁹¹ e durou exatos 30 segundos. Como se observa, ainda não se tinha a dimensão dos fatos. Houve, inclusive, um erro que seria revelado mais tarde: não se tratava de um 737 mas um 767, aeronave que possui o dobro da capacidade de passageiros. Depois desse flash a rede se desfez, mas, em São Paulo, Jung

⁹⁰ No sábado o programa tem início às 9h.

⁹¹ Segundo dados do site CBN (2005), a rede é composta por 24 emissoras, em 14 estados e Distrito Federal, sendo que 4 são emissoras próprias e 20 são afiliadas.

continuou a descrever as imagens que chegavam pela TV CNN⁹². A transmissão foi interrompida às 10 horas para a entrada do Repórter CBN, uma síntese noticiosa – da qual trataremos logo adiante – que acontece a cada meia hora. Aí Milton Jung já dividia a apresentação com o âncora do Rio de Janeiro, Sidney Rezende.

A programação do CBN São Paulo, e de todas as edições locais da rádio CBN⁹³, já estava pronta quando o incidente ocorreu. Entrevistas estavam agendadas, reportagens prontas, scripts escritos. Tudo foi deixado de lado e somente o atentado passou a ser reportado, como salienta Jung (2004, p. 139):

Até aquele instante ainda era difícil entender o que acontecia à nossa frente. Impossível não se emocionar, porém, com as imagens. Produtores do Rio e em São Paulo já haviam ligado para correspondentes em Nova York, em Washington e na Europa. Apuradores haviam levantado detalhes nas agências. Quem conhecia alguém nos Estados Unidos, correu para o telefone em busca de informações. Na redação, todos os monitores de televisão estavam sintonizados nas emissoras a cabo americanas. O escritório da BBC Brasil também foi acionado. E a cobertura se iniciara há apenas seis minutos.

Com o desenrolar da cobertura, novas informações foram surgindo. Especialistas em política internacional foram contactados. Todos na redação trabalhavam em função desse único acontecimento. As entrevistas que já estavam agendadas para o programa daquele 11 de setembro foram desmarcadas. Jung (2004, p. 141) conta ainda que “ninguém mais era repórter, produtor, chefe de redação ou diretor de jornalismo. Todos eram jornalistas em busca de informação e quem a encontrasse levava ao ar”. Até os profissionais que estavam em casa ajudavam na apuração telefonando para pessoas ou assistindo aos canais de TV.

A cobertura do atentado era ininterrupta. Não havia nada mais a fazer, a não ser acompanhar um dos acontecimentos mais marcantes da história da humanidade. Espaços comerciais foram abolidos. A grade de programação, esquecida. O CBN São Paulo se transformou em Rede CBN Brasil. (JUNG, 2004, p. 143)

Jung (2004, p. 146) não indica quanto tempo durou essa Edição Extraordinária, mas sabemos que foram muitas horas: “Nos dias seguintes, o desafio foi encontrar uma abordagem diferente para o tema. No cotidiano da redação, ser

⁹² O recurso usado pelas rádios que não tinham acesso ao local dos fatos foi fazer uma transmissão chamada de *off tube*. Esse expediente é muito praticado, principalmente em partidas esportivas. As emissoras não pagam os direitos de transmissão aos organizadores, mas transmitem os jogos através da televisão, ou até mesmo ouvindo outras rádios.

⁹³ Esse é o horário que a CBN dedica às praças onde estão situadas as retransmissoras.

criativo na forma e no conteúdo são tarefas obrigatórias, apesar de muito do se ouvir por aí não passar de reprodução do que se lê ou vê”.

Como já frisamos, normalmente a Edição Extraordinária se refere a fatos inesperados como o 11 de setembro, mas nem sempre é assim. Depois da morte de uma importante autoridade, por exemplo, a emissora poderá entrar em Edição Extraordinária para cobrir seu enterro. Existem também fatos agendados previamente – que se impõem diante do restante da programação por sua importância – e necessitam ser transmitidos simultaneamente ao seu desenrolar, como, por exemplo, a votação de um processo de *impeachment* de um presidente. Nesses casos, ao contrário do exemplo das torres gêmeas, há um tempo maior para que se pesquise sobre o ocorrido e a personalidade envolvida e, durante a cobertura os repórteres terão mais informações para entremeá-las com a narração do acontecimento.

Assim como no caso do Flash, a Edição Extraordinária poderá ser feita do estúdio ou do local do acontecimento. Ortrivano indica que o texto poderá ser redigido previamente ou ser improvisado, mas deverá ter um tratamento especial:

A linguagem utilizada é determinativa, aproximando-se das manchetes. Se a transmissão da Edição Extraordinária se torna muito longa, a linguagem tende a perder o caráter determinativo, assumindo o aspecto de uma narração do que está acontecendo no momento. (ORTRIVANO, 1985, p. 92)

A Edição Extraordinária – e também o flash – costuma ser antecedida por uma vinheta que demonstra a urgência dos fatos. Ferrareto (2000, p. 55) reforça este aspecto quando afirma que é um “mini-informativo marcado por uma trilha forte, irrompendo em meio à programação e noticiando um acontecimento cuja divulgação não pode esperar o próximo noticiário da emissora”. Na experiência da Emissora Continental, Carlos Alberto Vizeu (2004) se recorda que este aspecto foi previsto por Carlos Palut:

O Repórter Esso era assim o top do jornalismo, do radiojornalismo de notícia e tinha aquele prefixo famoso: prraamm, então o que o Palut fez? Ele usava uma sirene, uma sirene, de ambulância, sabe aquela sirene de bombeiro, uoohhh, fortíssima, aí ele botava em cima uma locução [...]

Vizeu (2004) não se recorda das palavras exatas da locução que chamava para a entrada dos “Comandos” mas dá uma idéia de como era:

Atenção, atenção para o sinal de alerta dos “Comandos Continental”, quando você ouvir, é..., quando você ouvir a sirene, não, quando você ouvir esse, quando você ouvir isso, rarara, aumente o volume do seu rádio, alguma coisa de importante está acontecendo, alguma coisa de importante está acontecendo, é..., atenção para o sinal de alerta dos “Comandos Continental” e botava aquela sirene, entendeu, e falava pro sujeito aumentar o volume do rádio.

Se o Flash e a Edição Extraordinária não têm hora certa para entrar, o mesmo não acontece com o boletim, que tem horário e duração pré-determinados – normalmente cinco minutos. Sua função é “manter o ouvinte informado sobre os acontecimentos mais importantes entre uma emissão e outra” (ORTRIWANO, 1985, p. 93). Com base nessa definição, podemos assegurar que o Boletim de Ortriwano é o mesmo que Síntese Noticiosa para Ferrareto (2000, p. 55), ao afirmar que esta “pretende sintetizar os principais fatos ocorridos desde a sua última transmissão”.

O Boletim tem script redigido previamente, mas não se aprofunda nas informações, ou seja, não apresenta pormenores. Mesmo assim, Barbosa Filho (2003, p.) afirma que pode ser “constituído por notas e notícias e, às vezes, por pequenas entrevistas e reportagens”. É distribuído ao longo de toda a programação, podendo ter mais de uma edição por hora, entretanto o mais comum é que seja veiculado nas chamadas “hora cheia” (10h, 11h, por exemplo) e/ou “hora meia” (10h30min, 11h30min, por exemplo).

É importante frisar que, na cultura prática das redações, “boletim” é, muitas vezes, o nome dado à participação do repórter dentro de um programa, transmitindo uma informação e até entrevistando uma fonte. Esse “boletim” tanto pode ser ao vivo ou gravado e, normalmente se refere a um único assunto, que é abordado de forma rápida e objetiva.

Se comparados ao Boletim, o Radiojornal trará uma ampliação dos temas tratados e é a versão sonora dos jornais impressos. Abrange várias seções e editoriais (como esporte, economia, cultura, serviço, polícia, política, nacional, internacional etc) e traz informações mais detalhadas dos fatos na forma de notícias, reportagens, entrevistas, entradas ao vivo de repórteres, comentários, entre outras formas de configuração da informação radiofônica.

De periodicidade diária, o radiojornal pode durar de quinze minutos até duas ou três horas. Em função do tamanho, o radiojornal apresenta mais de um bloco. Uma das formas de se fazer a blocagem, ou seja, como dispor as informações ao longo do radiojornal, é apontada por Sampaio (1971, p. 53):

Os programas de maior duração, então, devem seguir rigorosamente a pirâmide invertida, isto é, abrirem-se, geralmente, com manchetes passando aos destaques, depois a uma nota comentada ou apenas pormenorizada, sobre o principal acontecimento do dia. Finalmente vem a torrente de notícias dos diversos blocos de procedência.

Para Ortriwano (1985, p. 93), o radiojornal “precisa ser rigorosamente elaborado, com o *script* bem estruturado, para que possa ir ao ar sem sobressaltos”. Também há a necessidade de vinhetas⁹⁴ de abertura, de encerramento, das editorias e de passagens de um bloco para outro. O número de pessoas envolvidas na produção de um radiojornal é grande: “supõe uma equipe de jornalistas, cada um com a incumbência de uma seção determinada. Assim terá seu comentarista político, seu crítico de cinema e teatro, seu cronista esportivo, [...] seu especialista em questões agrárias, etc” (KAPLÚN, 1978, p. 139)

Depois de observarmos esses tipos de programas, vamos passar à reportagem. Ela pode estar presente no boletim, é a essência da Edição Extraordinária e um dos elementos mais importantes de um radiojornal.

5.4 A Reportagem Radiofônica

A reportagem radiofônica é considerada por Prado (1989, p. 85) como o elemento mais “rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa”. Jung (2004, p. 114) faz coro: “É na reportagem que o jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte. Fora dela sobra pouco do ponto de vista da criação, quase tudo se resume à cópia”. O fato da reportagem não ter uma estrutura rígida permite que o repórter lance mão da criatividade em uma medida maior que em outros elementos da informação. Prado (1989, p. 85) observa, entretanto, que mesmo sendo o mais rico é o menos utilizado por exigir “uma elaboração conscienciosa”.

A reportagem, como já vimos, não surgiu com as primeiras emissões radiofônicas. Na experiência do rádio brasileiro, veio cerca de 30 anos depois que o veículo começou a transmitir as primeiras notícias. Vale aqui ressaltar a diferença

⁹⁴ Usada para identificar uma emissora, um programa, ou partes dele (como as vinhetas de editorias de uma radiojornal). Normalmente usa um breve trecho musical associado a um texto.

entre notícia e reportagem. Prado (1989, p.48) explica que a notícia é a estrutura mínima da informação radiofônica, “concisa, simples e formalmente neutra”. Já a reportagem é uma

agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema. Estas representações fragmentárias compõem um fio condutor que é o fato central. Ao fato central se juntam aos poucos outras representações fragmentadas de fatos adjacentes, que contribuem para a compreensão do tema. (PRADO, 1989, p.85)

Lage (2001, p. 38) completa dizendo que a notícia está centrada no fato, já a reportagem explora as implicações de um fato e procura “levantar antecedentes, em suma, investigar e interpretar”. Mesmo com essas definições é importante salientarmos que a fronteira entre esses dois elementos é bastante tênue. Muitas vezes, não é possível determinar com clareza até onde vai um e quando começa o outro. Mas existem outras diferenças que podemos apontar.

O aprofundamento da informação que a reportagem proporciona em relação à notícia é, talvez, a mais visível diferença entre os dois elementos. A notícia carrega em si o mínimo necessário para o leitor se dar conta de um acontecimento. “[...] à notícia, cabe a função essencial de assinalar os acontecimentos, ou seja, tornar público um fato (que implica em algum gênero de ação), através de uma informação (onde se relata a ação em termos compreensíveis)”. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.17) Lage (2003, p. 111) reforça: “Por trás das notícias corre uma trama infinita de relações e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam”.

Lima (2004, p. 17) aponta que o papel da notícia é “informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata e objetiva”. Em função dessas características é que a notícia carrega como uma de suas peculiaridades a superficialidade. Se a notícia traz como característica a superficialidade, a reportagem busca o aprofundamento fazendo uma ampliação no sentido vertical e no sentido horizontal. Para poder aprofundar no sentido vertical, ou seja, trazendo mais informações e mais dados que possam subsidiar o leitor, ela amplia também no sentido horizontal, quer dizer, vai ouvir mais fontes, busca mais informações diferenciadas para “pintar” o cenário da maneira mais completa possível.

Medina (1978, p. 134) entende que outra característica que distingue a reportagem da notícia é o tratamento que se dá ao fato jornalístico “no tempo de

ação e no processo de narrar”. A autora avalia que “a matéria que amplia uma simples notícia de poucas linhas, aprofunda o fato no espaço e no tempo e esse aprofundamento (conteúdo informativo) se faz numa interação com a abordagem estilística. A reportagem seria então *uma narração noticiosa*”. (MEDINA, 1978, p. 134 – grifo da autora)

A notícia já carrega em si uma narrativa, mas ao se fazer o aprofundamento, quando o fato ganha os contornos de reportagem, é que a narrativa se expressa em sua totalidade, tornando-se indispensável:

Do relato direto, descritivo, numa estrutura hierárquica quase sempre padrão, por causa da concisão da notícia, a elaboração da reportagem precisa de técnica de narrar. Foge-se aí das fórmulas objetivas para formas subjetivas, particulares e artísticas. O redator não tem à disposição recursos prontos, mas passa a criar. (MEDINA, 1978, p. 134)

Mesmo sabedores de que muitos dos autores aqui citados para diferenciar reportagem de notícia (Edvaldo Pereira Lima, Cremilda Medina, Nilson Lage, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari) baseiam suas afirmações no jornalismo impresso, entendemos que estas mesmas características se repetem na experiência radiofônica. O radiojornalismo teve como herança histórica o jornalismo impresso e, por isso, muitas vezes, guarda algumas de suas características. Entretanto, no que tange à reportagem, essas semelhanças param aí, uma vez que no impresso a palavra fica estática no papel, já no rádio assume a fluidez do éter.

Desde o início da experiência radiofônica, a transposição da palavra escrita para a palavra sonora causou estranhamento e dificuldades. Um exemplo disso ocorreu com os primeiros radiojornais, cópias sonoras das páginas impressas. Tanto era assim que, como já apontamos anteriormente, ganharam o nome de jornais falados, uma vez que “os hábitos e convenções da página impressa são transferidos para o novo meio de maneira mais literal possível” (MEDITSCH, 2001a, p. 182). Um exemplo disso e de como essa transposição foi feita é que os títulos da notícia, segundo Meditsch (2001a), eram gritados para ganharem o destaque do negrito e do tamanho da fonte.

Mas um fator diferencial entre a imprensa e o primeiro veículo de massa eletrônico foi determinante para incrustar características próprias a cada um: a temporalidade. “A radiodifusão distingue-se da imprensa por sua condição *ao vivo*, e é percebida como tal, o que provoca um forte *efeito de realidade* e, através dele, a

empatia do público” (MEDITSCH, 2001a, p. 209 - grifos do autor). Mesmo destacando a possibilidade do *ao vivo* como o grande diferencial, Meditsch avalia como indispensável a presença do diferido, que discutiremos a seguir. É a mescla entre essas duas temporalidades que caracterizarão o discurso radiofônico e por consequência a radioreportagem.

5.4.1 As Relações e as Inter-relações entre o Vivo e o Diferido

Como já vimos, a temporalidade está intimamente ligada ao jornalismo. Na própria etimologia da palavra essa ligação se corporifica: do latim *diurnale*, do italiano *giornale*, o diário e atual prevalecem, como ressalta Paul Weaver ao afirmar que o jornalismo é o “relato atual de acontecimentos atuais” (apud MEDITSCH, 2001a, p. 208). Isso resulta, na visão de Meditsch, em uma dupla contemporaneidade. Essa dupla contemporaneidade, entretanto, vai depender da periodicidade do meio. O Jornal trabalha, normalmente, com os fatos atuais do dia anterior. A revista semanal com os sete dias que antecedem o seu fechamento. Isso indica que os veículos impressos, que têm o discurso baseado na escrita, trabalham sempre com o diferido. E o rádio? O rádio trabalha com o agora, com a fluidez do tempo:

O rádio, pela primeira vez, permitiu a exacerbação do ideal de dupla contemporaneidade do jornalismo, possibilitando a superação do *período* – implícito na idéia de *periodismo* – pela *simultaneidade* – a simultaneidade entre a enunciação e o acontecimento externo referenciado, mais a simultaneidade entre a enunciação e a recepção do enunciado. (MEDITSCH, 2001a, p. 209)

Mas essa possibilidade de simultaneidade é apenas uma parcela da temporalidade do rádio. Ela esconde a condição de diferido do discurso radiofônico. Muita coisa é preparada e gravada de antemão, mas, ofuscada pela simultaneidade da transmissão, a condição do diferido passa muitas vezes despercebida pelo ouvinte. “O caráter *vivo* da radiodifusão, o seu senso de existência em tempo real – o tempo do programa correspondendo ao tempo de sua recepção – é um efeito intrínseco ao meio” (SCANELL apud MEDITSCH, 2001a, p. 209 – grifo do autor). Esse efeito é tão forte que muitas vezes é simulado propositalmente pelas emissoras

para conseguir mais empatia com o público. Não é raro apresentadores “dialogarem” com gravadores. Em muitas emissões, a gravação é feita de tal forma que aparenta a simultaneidade entre produção e transmissão. Um exemplo é iniciar a reportagem gravada com um “bom dia”, que será a resposta ao cumprimento do apresentador, este, sim, ao vivo. O ouvinte, privado da imagem de repórteres e apresentadores, tem a sensação de que ambos estão no estúdio. Mesmo sendo um recurso largamente utilizado, é eticamente condenável.

O diferido, como diz Meditsch (2001a), é a realidade predominante do rádio e não precisa ser fingido, já que é importante na composição do discurso e dos diferentes níveis de *vivo* que o rádio pode protagonizar. O primeiro nível é o *vivo em primeiro grau*. Este existe desde que o rádio é rádio: é a essência do veículo, a simultaneidade entre a enunciação e a recepção. Não se está observando ainda se o tempo de produção desse enunciado é o mesmo tempo de sua emissão, como indica Meditsch (2001a, p. 210):

O vivo em primeiro grau refere-se assim ao paralelismo do tempo do enunciado com o tempo da vida real (o tempo do relógio), paralelismo este que atinge a sua expressão máxima no fluxo contínuo. Funcionando 24 horas por dia, o discurso do rádio atinge a isocronia absoluta com o tempo da vida real, provocando a torsão na linha do tempo de programação que passa a ser representada, visualmente, por uma espiral infinita.

O *vivo em segundo grau* passa a levar em conta as condições de produção da mensagem radiofônica, já que “o vivo que caracteriza o rádio torna-se mais intenso conforme a forma de produção do enunciado” (MEDITSCH, 2001a, p. 210). No *vivo em segundo grau* a mensagem transmitida é aquela previamente redigida ou memorizada – ou seja, diferida – mas que ganha o aspecto do vivo no momento da sua interpretação ao microfone.

Quando essa mensagem não é escrita previamente e ocorre a improvisação ao microfone, estamos diante do *vivo em terceiro grau*. “[...] A própria elaboração do conteúdo é realizada simultaneamente à enunciação, com a utilização predominante do improviso sem planejamento prévio”. (MEDITSCH, 2001a, p. 213)

O salto para o *vivo em quarto grau* ocorre quando essa transmissão sem texto previamente escrito acontece simultaneamente ao desenrolar dos fatos, e, nas palavras de Meditsch (2001, p. 213) dá-se a “isocronia entre os quatro tempos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção”. Essa é a verdadeira transmissão *direta* e *ao vivo*. É comum ouvirmos as emissoras

chamarem de *direto* a transmissão do *vivo de terceiro grau* ou até de *segundo*. Mas, na acepção correta do conceito, só poderíamos denominar *direta* a transmissão do *vivo em quarto grau*.

Em uma programação radiofônica, em especial a jornalística, percebe-se que os diversos graus de *vivo* se entremeiam e se alternam. Pode-se ter uma reportagem diferida (*vivo em segundo grau*) sendo chamada por um locutor de estúdio sem texto previamente escrito (*vivo em terceiro grau*), ou um locutor lendo um texto previamente escrito (*vivo em segundo grau*) chamando uma reportagem simultânea (*vivo em quarto grau*). E é justamente levando em conta a questão temporal que Prado (1989) aponta esta classificação da reportagem radiofônica: simultânea e diferida.

5.4.2 Reportagem Simultânea

A reportagem simultânea é o *vivo em quarto grau*, quando o acontecimento, a produção do texto, a narração e a recepção ocorrem ao mesmo tempo. À medida que o fato vai se desenvolvendo a reportagem vai sendo construída, com o fio condutor da narrativa baseado no eixo da ação. Diante de vários eventos ocorrendo simultaneamente, o jornalista precisa selecionar, rapidamente, o que será o foco de sua atenção, e conseqüente narração, a cada momento. É no dizer de Prado (1989) um exercício constante de valoração e, portanto, de difícil execução. A estrutura da reportagem simultânea é variável e segue o desenrolar da ação.

A transmissão de um fato ao vivo, por meio da reportagem simultânea, vai, na avaliação de Meditsch (2001a, p. 31), ajudar a caracterizar um novo radiojornalismo radiofônico: o conceito de rádio informativo:

O rádio informativo fala de coisas que, anteriormente, não eram notícia (a hora certa, por exemplo) e revoluciona a idéia da reportagem com as transmissões ao vivo. Aprofunda e contrapõe idéias e opiniões com facilidade e orienta as massas urbanas como o cão de um cego. Põe em contato os mais remotos pontos do interior e concede espaço para o receptor se manifestar como nenhum outro meio.

Meditsch (2001a) defende a mudança de nomenclatura explicando que o termo jornalismo (ou radiojornalismo) originalmente remete ao jornalismo impresso e por esse motivo pode obscurecer as novas práticas que o jornalismo tem no rádio, uma vez que o veículo possui características muito próprias, como já vimos, e nele a palavra não fica estática no tempo e no espaço. “O rádio informativo não é apenas um novo canal para a mesma mensagem do jornalismo, é também um jornalismo novo, qualitativamente diferente, e a designação diversa procura dar conta dessa transformação.” (MEDITSCH, 2001a, p. 30).

Uma dessas transformações é exatamente a transmissão concomitante com o desenrolar dos fatos, com o vivo de quarto grau. Em função desse elevado nível de vivo, é na reportagem simultânea que o ouvinte sente mais fortemente a sensação de participação na ação. Isso acontece, principalmente, porque o ambiente acústico em que se desenvolvem os fatos é captado pelo microfone. Segundo Prado (1989, p. 86), é o “cenário sonoro da ação, que transmite com grande riqueza de matizes o ambiente e outras amostras sonoras definidoras e insubstituível pela narração verbal”. O ambiente acústico traz o ouvinte para o centro do acontecimento e provoca nele “uma cascata de imagens sonoras que solicitam a intervenção da criatividade e da imaginação [...] para traduzi-las em imagens visuais particulares”. (PRADO, 1989, p. 86)

Prado (1989, p. 88) defende que é na reportagem que a linguagem radiofônica, com sua conjugação entre a palavra, os efeitos sonoros naturais, silêncio e música, deve se fazer mais presente: “O jornalista deve selecionar todas as mostras sonoras da ação capazes de transportar informação, reduzindo assim sua intervenção ao mínimo imprescindível”. Com esta afirmativa o autor deixa claro que não deve ser dada primazia à palavra, mas haver sensibilidade para utilizar tudo o que soa como informação.

O que não tiver som próprio será transmitido por meio da narração do repórter, que será sem preparo prévio, e, portanto, improvisada. Prado (1989, p. 88) ressalta que o estilo deve ser simples, com palavras de uso corrente e “apesar de ser improvisado (ou precisamente por isso) deve seguir a estrutura da redação radiofônica”. Porchat (1989, p. 54) indica que nas transmissões ao vivo, o texto deve ser conciso e direto e aconselha o repórter a sentir o ambiente e buscar “referências concretas que dêem vida à matéria: a hora exata, o local, pessoas etc”.

O fato de narrar um acontecimento diretamente do local onde ele se desenvolve, proporciona, na visão de Jung (2004, p. 115), “calor e emoção à transmissão”. O jornalista argumenta que a transmissão direta confere credibilidade à notícia e seduz o ouvinte. Entretanto, a emoção que a reportagem simultânea suscita na transmissão não deve contaminar o jornalista. Como bem lembram Barbeiro e Lima (2001, p. 44), o repórter precisa controlar a emoção e manter a “concentração para transmitir um fato observado. É preciso cuidado para não repetir informação”.

É também de fundamental importância, quando possível, conhecer o tema a ser reportado para se evitar o uso de obviedades e lugares comuns que não trazem nenhum tipo de informação ao ouvinte. Quando a reportagem simultânea estiver tratando de fatos previamente agendados, a pesquisa e a preparação são possíveis de serem feitas e isso dará ao repórter subsídios para, durante a narrativa, indicar antecedentes e acrescentar informações complementares que ajudam na compreensão do fato. Quando se trata de uma reportagem que não estava prevista, o jornalista não terá de antemão as informações que poderiam recheiar sua narração. Entretanto, deverá evitar frases vazias e ficar simplesmente narrando o que vê. É necessário haver, tanto nas reportagens previstas quanto nas imprevistas, uma narrativa que mantenha o interesse do ouvinte.

Prado (1989, p. 87) apresenta um gráfico que indica o comportamento da curva de tensão da ação (a) e a curva de tensão da reportagem simultânea (r).

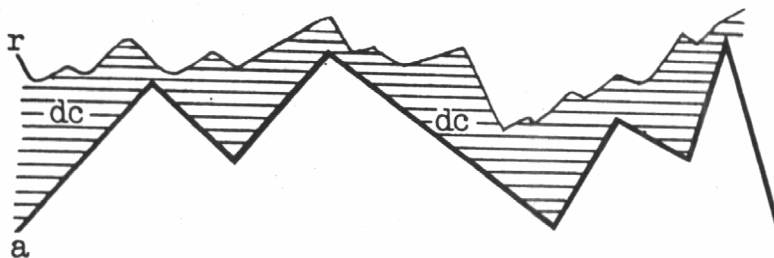


Figura 8 – gráfico de tensão da reportagem.
Fonte: Prado (1989, p. 87).

Normalmente, a ação de uma reportagem simultânea (a) apresenta altos e baixos, é incontrollável e imprevisível. O jornalista dificilmente sabe o que vai

acontecer e não tem como interferir no desenrolar dos fatos. O que Prado (1989) quer mostrar com este gráfico é que a ação tem picos e depressões. Ora tem muitos acontecimentos, ora a ação quase paralisa, mas, por sua condição de *vivo em quarto grau*, a reportagem continua no ar. Se o jornalista não tiver o que falar nos momentos de baixa ação (depressões) a reportagem vai perder em interesse. É nesse momento que entram os dados complementares (dc) (adjacentes e precedentes) que vão ajudar a manter alto o nível de interesse e propiciar uma melhor compreensão do evento por parte do ouvinte. A pesquisa e a preparação entram no ar nesses momentos.

Além de fazer uma boa preparação para uma cobertura previsível, é importante que se atente também para as questões técnicas. Deve-se saber, de antemão, por que meios será feita a transmissão, se será necessária uma linha de telefone fixo, se se usará uma unidade móvel, ou, se a opção for o telefone celular, se no local os celulares da emissora funcionam.

Um outro ponto de preocupação é procurar conhecer as possíveis fontes de informação que estarão presentes e com algumas delas já fazer um contato prévio, para que durante a cobertura o acesso a elas seja facilitado. Durante a reportagem, essas fontes serão entrevistadas e suas falas servirão de ilustração e forma de acrescentar dados à narração. Um alerta de Prado (1989, p. 88) é que as entrevistas não devem ser longas “a fim de evitar desincronização entre a tensão da ação e a da reportagem, o que produz uma falta de ritmo e diminui as possibilidades de seguir os fatos”. Durante as entrevistas o repórter precisa, ao mesmo tempo, dar atenção ao seu entrevistado e ficar ligado ao que está acontecendo. Se o nível da ação subir e um fato importante acontecer, o repórter deve interromper a entrevista e passar à nova informação. Para isso ele precisa ter alguns requisitos essenciais, como os apontados por Ferrareto (2000, p. 253): capacidade de observação aliada à habilidade na comunicação; aptidão para narrar um fato no momento em que ele se desenrola, sensibilidade, criatividade, estar sempre atualizado e possuir boa bagagem cultural, com “sólida formação intelectual”. Esses dois últimos aspectos também são de fundamental importância para sustentar a transmissão simultânea imprevista, quando não há dados disponíveis às mãos.

Porchat (1989, p. 51) também contribui para traçar o que é ser repórter: “é ter olhos – curiosidade e observação – para tudo. Todo dia e toda hora.

Seja ele redator, radioescuta ou editor. Há quem diga que, no passado, não havia os recursos técnicos que hoje ajudam a reportagem, mas que havia mais repórteres”.

5.4.3 A Reportagem Diferida

A reportagem diferida é montada e gravada depois de encerrada a ação. Trata-se, pois, do vivo em segundo grau, ou seja, no momento de sua transmissão a reportagem está gravada em uma fita magnética, Mini Disc (MD), CD ou na memória de um computador, mas “ganha vida” e condição de vivo no momento em que ecoa pelas ondas sonoras e é recebida pela ouvinte.

Se na reportagem simultânea o jornalista precisa ir valorando e selecionando os aspectos mais relevantes do fato e os fragmentos da realidade no momento em que estes estão se desenrolando, na diferida isso ocorre depois. As entrevistas são gravadas e os sons do local, captados. Se houver tempo, todas as entrevistas podem ser transcritas. Somente depois de ouvi-las ou transcrevê-las é que o repórter vai montar o seu texto, entremeá-lo com os trechos das entrevistas, do cenário acústico, e até de música, se for o caso. “O ordenamento das representações [fragmentadas da realidade] não precisa seguir uma seqüência cronológica, mas uma ordem lógica que facilite a compreensão do fato”. (PRADO, 1989, p. 89)

A estrutura da reportagem diferida é também bastante flexível e abre um leque de possibilidades para que o repórter explore o material que tem às mãos de maneira criativa e sem a pressão de ter que contar a história em poucos segundos, como ocorre na notícia.

Na montagem, Prado (1989) chama a atenção para que não seja deixado de lado o cenário acústico onde se desenvolveu a ação. Para o autor, o som ambiente dá dinamismo e ritmo à reportagem. Além disso, “provoca a intervenção da imaginação do ouvinte e, sobretudo, dá credibilidade à informação” (PRADO, 1989, p. 89). É importante atentar para o “uso ético” do som, que deve ser genuinamente o do ambiente em que o fato ocorreu. Não se deve lançar mão de efeitos sonoros somente para dar mais dramaticidade ao ocorrido, como, por exemplo, usar o som de uma sirene que nunca esteve no local somente para chamar a atenção do ouvinte.

A produção, depois de encerrada a ação, proporciona um distanciamento no tempo e no espaço e uma melhor capacidade de avaliação do acontecimento. Além disso, possibilita a inclusão de depoimentos de fontes que não estavam presentes ao fato, mas que são portadoras de informações que ajudarão a aprofundar e entender melhor o acontecimento.

Como existe a possibilidade do distanciamento e da inclusão de outras fontes, a reportagem diferida

permite reproduzir os acontecimentos com a menor intervenção explícita do jornalista. Este selecionará as amostras e as ordenará de forma que transmita ao público, em poucos minutos, a idéia de uma ação desenvolvida em frações de tempo muito superiores, e sem esconder informação. (PRADO, 1989, p. 89)

Mesmo tendo a característica de ser produzida após a conclusão da ação, a preparação aqui é tão importante quanto na reportagem simultânea. Deve haver pesquisa prévia sobre o tema e conhecimento a fundo do assunto para que haja o devido aproveitamento das informações conseguidas. É como diz Prado (1989, p. 89): “Chegar ao local dos fatos com uma idéia aproximada da transcendência, os antecedentes e as conseqüências dos fatos que se produzirão ajuda a selecionar os fragmentos interessantes”.

É na preparação, tanto da reportagem diferida quanto da simultânea previsível, que precisa haver um bom trabalho de pauta e produção⁹⁵. Lima (2004, p. 68) alerta que “a pauta é a definição de rumos, o estabelecimento de diretrizes que, quando mal administrada, conduz a matéria a terrenos pouco férteis”. Medina (1982, p. 143-145) aponta a importância de se ter pessoas capacitadas na redação que exerçam a função: “Nas rotinas de redação, momentos decisivos como as reuniões de pauta pecam por falta de domínio técnico profissional. A opção de assuntos e a forma como tratá-los raramente é levada no grau de seriedade e aprofundamento que a situação exige”.

Nas redações das emissoras de rádio, principalmente nas de cidades de menor porte, nem sempre existe a figura do pauteiro. O máximo que a equipe dispõe é de uma pessoa (nem sempre um jornalista) que fica fazendo os contatos com os possíveis entrevistados e agendando entrevistas. Muito diferente do

⁹⁵ Em muitas emissoras não existe a divisão do trabalho de pauteiro e produtor. Uma pessoa acumula as duas funções. Entendemos que o pauteiro é o responsável por reunir os assuntos passíveis de serem cobertos, fazer pesquisas que possam subsidiar sua cobertura e indicar de que forma o assunto pode ser tratado. Ao produtor cabe a tarefa de agendar a entrevista com as fontes, e, portanto, viabilizar a pauta.

profissional que se debruça na pesquisa, o qual procura encontrar ângulos inusitados de cobertura e busca novas fontes que possam ser entrevistadas.

Mas muitas vezes, ter um pauteiro também não significa qualidade de apuração e encaminhamento do assunto já que, como avalia Lima (2004, p. 66), existe um acomodamento em muitos profissionais que têm fontes fixas e se acostumam a pautar as mesmas pessoas. “Tudo isso ocorre para uma definição viciada das realidades sociais selecionadas para o relato jornalístico”. Jung (2004, p. 101) trilha o mesmo caminho ao afirmar a necessidade de

diversificar fontes, permitindo a pluralidade de idéias. Porém, o que se verifica é a repetição de entrevistas e especialistas consultados. Preste atenção nas entrevistas de rádio sobre os efeitos das drogas na sociedade. O mesmo médico que você ouviu hoje pela manhã em uma emissora, surge falando em outra, à tarde.

Quando aborda a reportagem, Ferrareto (2000, p. 250) começa pela pauta, que ele define como “os assuntos que merecem cobertura e de que forma isto vai ocorrer”. Para o autor, a pauta deve conter um resumo do assunto, as questões que a reportagem quer ver respondidas, as fontes de informação (com a devida indicação de telefones e endereços), o que a emissora já divulgou sobre o assunto (isso para o caso de suítes⁹⁶) e, quando o assunto for polêmico, indicar a linha editorial da emissora.

Kotscho (2002, p. 11) entende que a pauta é boa para organizar e planejar as ações da reportagem, mas, ao mesmo tempo, “levou à acomodação do repórter, que aos poucos foi-se tornando uma figura passiva no processo, mero cumpridor de ordens cada vez mais detalhadas”. É por isso que, assim como Ferrareto (2000), defendemos que a pauta não é uma restrição ao trabalho do repórter, mas sim o começo. Porchat (1989, p. 44) defende a mesma posição quando afirma que “a pauta serve para aumentar as possibilidades de reportagens e não para limitá-las. Pauta é ponto de partida. Nela não existe ponto final”.

Para uma boa reportagem, o assunto não precisa ser, necessariamente, inédito ou original. Todo pauteiro, e conseqüentemente todo repórter, convive com as pautas sazonais, ou seja, carnaval, páscoa, feriados, natal etc. O que vai diferenciar uma reportagem da outra é a abordagem. A pauta já pode trazer sugestões de abordagem e nesse ponto precisa começar a usar a criatividade que será amadurecida na reportagem produzida. O repórter também precisa

⁹⁶ Suíte é a continuação de um assunto que já foi veiculado anteriormente.

procurar ângulos diferenciados de cobertura e produzir material que tenha criatividade na forma e originalidade no conteúdo. “Ambas [criatividade e originalidade] devem se contrapor ao lugar comum e à burocracia que contaminam o radiojornalismo sob a justificativa da falta de tempo para elaborar coisa melhor”. (JUNG, 2004, p. 116)

Outro empecilho ao uso da potencialidade da reportagem é a contenção de custos por parte das empresas. Cada dia mais os repórteres precisam se valer de telefones e Internet para apurar e produzir uma reportagem, sem ir ao local do acontecimento. É a completa burocratização da função de jornalista:

É surpreendente que algumas emissoras decididas a investir em jornalismo impeçam seus repórteres de sair da redação sob o argumento de que a mesma informação pode ser apurada por telefone a um custo muito menor. Cobertura jornalística custa dinheiro e, apesar da credibilidade que tem com o público, não é produto fácil de vender, principalmente no rádio. Se o propósito é oferecer informação de qualidade, o lugar do repórter é na rua. (JUNG, 2004, p.115)

Reportagem e rua são dois elementos que precisam andar de mãos dadas. Como diz Kotscho (2002, p. 12), “com ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia”.

Jung (2004, p. 151) argumenta que algumas emissoras estão dispensando o trabalho do repórter, fiando-se nos avanços tecnológicos que permitem fácil acesso à fontes, informações e imagens em tempo real de toda a parte do mundo. Entretanto ele faz um alerta: “Não inventaram, ainda, qualquer máquina em condições de substituir o repórter na rua”.

A experiência da Emissora Continental, que já apontamos, nos mostra que ela fez o caminho inverso da tendência de hoje: saiu da redação e foi para a rua. Deixou a superficialidade da notícia e mergulhou na reportagem externa, tanto as simultâneas quanto as diferidas. No próximo capítulo, vamos analisar duas dessas experiências da década de 1950: uma tem acentuada a característica do diferido, tendo sido gravada em Teresópolis-RJ, e a outra se passa na rua, em Deodoro – subúrbio do Rio de Janeiro – no meio de explosões e mais explosões de munição do Exército Brasileiro, sem nenhuma das facilidades tecnológicas dos dias atuais. O áudio destas reportagens revela uma parcela do trabalho de reportagem da Continental que destacaremos no capítulo seguinte.

6 A REPORTAGEM NA PRÁTICA DA CONTINENTAL

vocês deveriam aproximar-se mais dos acontecimentos reais com os aparelhos e não se limitar à reprodução ou à informação.
Bertold Brecht

Até aqui já traçamos alguns aspectos teóricos da reportagem, embasados nas características do rádio, sua linguagem e seus formatos. Também vimos como a Emissora Continental saiu dos estúdios e ampliou o conceito de notícia, empreendendo a busca pelo fato onde este acontecesse e entrando em Edição Extraordinária quando fosse necessário. A Continental partiu de um radiojornalismo que tinha como característica o *vivo em segundo grau*, herança de noticiosos como o Repórter Esso, e seguiu para o *vivo em quarto grau*, intensificando o uso da reportagem simultânea e a cobertura dos fatos no momento em que estes acontecessem.

Neste capítulo, analisaremos duas reportagens da Continental. A intenção é melhor entendermos como a reportagem se materializava no trabalho jornalístico da emissora. Consideramos que por meio dessas duas mostras teremos o ressoar da prática da Continental também nos nossos ouvidos. A escuta e análise tem o objetivo de iluminar ainda mais toda a história e os conceitos de radorreportagem até aqui traçados. Não nos interessa, nesse momento, os contextos histórico, sociais, econômico ou político em que foram feitas. Também está alheio aos nossos intentos entender como e porque foram transmitidas, ou seja, quais os critérios de noticiabilidade envolvidos na escolha dessas duas matérias para veiculação.

O que nos move é analisar o gênero reportagem enquanto uma forma de estruturar a informação radiofônica e promover um “diálogo” com as questões históricas e conceituais que até aqui foram tratadas. Foram muitos os depoimentos (verbalizados hoje, mas que tratam de uma prática que se estabeleceu há mais de cinquenta anos) dando exemplos de como eram as reportagens da Continental. Também percorremos a literatura em busca de conceitos sobre o que é

a reportagem, os elementos que compõem a sua linguagem e como pode ser estruturada nos diferentes níveis de vivo. O que intentamos agora é verificar como isso se estabeleceu nas reportagens da Continental que temos como *corpus* deste trabalho. Dos depoimentos sobre a reportagem e das teorias que a permeiam vamos a reportagem propriamente dita, para que possamos inferir alguns dos elementos com que foi construída, a saber, a linguagem (texto, som ambiente, silêncio e música), a locução, a temporalidade da transmissão, a prestação de serviço, entre outros.

Conseguir este material em áudio foi tarefa das mais difíceis. Pesquisamos em várias bibliotecas e museus – como Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e São Paulo e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – e nenhum arquivo sonoro foi encontrado. Das pessoas contactadas para a realização desta pesquisa, somente Saulo Gomes e Carlos Alberto Vizeu possuem materiais da Emissora Continental. Carlos Alberto Vizeu possui apenas uma edição do programa intitulado “Operação V”, apresentado por Carlos Palut, o qual, no entanto, não incluía a reportagem como seu aspecto principal. Compunha-se de denúncias e comentários. Saulo Gomes é o único que arquivou reportagens e programas que realizou ao longo de toda a sua carreira. As duas reportagens que serão consideradas neste capítulo são de autoria de Saulo Gomes e frutos de sua preocupação em preservar suas produções.

6.1 O repórter

Saulo Gomes é carioca, nascido a 2 de maio de 1928. Estudou somente até o segundo ano primário e começou a trabalhar cedo. Foi vendedor de lojas, viajante, faquir e até “engolidor de fogo”. Trabalhou em circo e em parque de diversões, anunciando as atrações ao microfone, como ele mesmo atesta: “Durante seis anos eu viajei e eu tinha um traquejo muito grande com o microfone” (GOMES, 2004). A carreira no rádio vislumbrou-se em dezembro de 1955, quando decidiu participar de um concurso promovido pela Continental para a escolha de um repórter

que integraria a equipe dos “Comandos”⁹⁷. Gomes (2004) conta que o repórter Newton de Souza, que cobria a área policial e era o então chefe de reportagem, incentivou-o a participar do concurso.

Aprovado, estreou no dia 14 de janeiro de 1956, e na primeira cobertura de carnaval, 50 dias depois, foi escalado para o posto do Hospital Souza Aguiar, para onde eram transferidos os feridos graves. Saulo Gomes (2004) queria “mostrar serviço” e quando todos os repórteres das outras emissoras foram embora, por volta das duas horas da manhã, ele permaneceu no posto e passou a operar todas as linhas telefônicas, como conta:

Eu peguei todos esses telefones que correspondiam cada um deles a uma linha telefônica direta, e o meu técnico, a meu pedido, transmitiu, transferiu todos os terminais desses telefones para minha emissora. Então, eu tinha seis, oito telefones à minha disposição através do qual eu recebia informação de todo lugar, informações que deviam vir pras outras rádios, mas que não tinha ninguém lá. Porque, como é natural, tinha também os ouvintes que preferiam essa e aquela emissora, então eu absorvia isso, trabalhava, preparava a notícia, uma máquina de escrever, rascunhava alguma coisa e o tempo todo falando. (GOMES, 2004)



Figura 9 – Foto de Saulo Gomes durante cobertura do carnaval de 1957.
Fonte: Gomes (2005)

O resultado dessa cobertura foi a conquista do recorde de repórter que mais tempo permaneceu no ar: 75 horas e 45 minutos ininterruptos. Esse foi o

⁹⁷ Gomes informa que nesse ano (1955) a equipe, já bastante conhecida, era “realmente uma grande seleção de radialistas no jornalismo”.

primeiro recorde de Saulo Gomes. Outros dois ainda viriam: 90 horas e 97 horas falando continuamente no ar. Além dos recordes, Saulo Gomes recebeu também muitos prêmios, entre eles o de “Melhor rádio-repórter de 1958”, numa avaliação que era feita anualmente pela “Revista do Rádio”.

Os próprios companheiros de Continental, entrevistados para esta pesquisa, consideram Gomes um grande profissional e excelente repórter investigativo. Para Carlos Alberto Vizeu (2004), ele “é uma das pessoas mais criativas e mais rápidas” no momento de perceber e articular uma reportagem. Paulo César Ferreira (2004) conta que procurava imitá-lo porque era “inegavelmente brilhante repórter [...] Ele era instigante, ele era inteligente, [...] tinha uma boa oratória e todos os assuntos que pudessem ter uma certa relevância ele era a estrela”.

Na carreira de Saulo Gomes na Continental são muitos os momentos destacados como importantes: Uma reportagem da “Revista do Rádio”, publicada em 1963, destaca a posse de Juscelino Kubitschek, quando conseguiu furar o cerimonial e entrevistar com exclusividade o presidente; a cobertura do carnaval de 1956 quando bateu o recorde de permanência no ar; a gravação do tiroteio da Assembléia Legislativa de Maceió em 1957; a entrevista com os campeões do mundo de futebol em 1958 e a explosão dos paióis do Exército em Deodoro: “Quando houve aquela explosão nos paióis (sic) de Deodoro, eu fui para dentro da zona afetada, a fim de melhor gravar o acontecimento” (QUER..., 1963). Instado a dizer quais as coberturas mais importantes realizadas pela Continental, Paulo Caringe (2004) afirmou:

Ah, foi a cobertura, foi a explosão [...] do paiol de pólvoras de munição do exército. Houve uma explosão pavorosa com comprometimento dos moradores, foi uma tragédia, em Deodoro, explosão de Deodoro. E a Continental foi presente, o Saulo Gomes esteve permanentemente desafiando a morte, acompanhando a cobertura do local [...]. Foi um momento muito importante.

Depois da Continental, em 1962, Saulo Gomes foi para a Rádio Mayrink Veiga dirigir o departamento de jornalismo. Ali procurou reproduzir os ensinamentos adquiridos na Continental e implantou “Os Vigilantes da Mayrink”, uma equipe que também realizava reportagens externas ao estilo dos “Comandos”, como o próprio Saulo (2004) confirma: “Era a mesma filosofia, o mesmo esquema”. Desde

1961 a Mayrink pertencia ao ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola⁹⁸. Depois do golpe de 1964, a rádio foi fechada por ter se colocado contra o golpe e Saulo Gomes, cassado. Depois de um exílio de um ano e meio no Uruguai, Gomes voltou ao Brasil e após uma rápida passagem pelo Rio de Janeiro, onde não conseguia trabalho, migrou para São Paulo, indo trabalhar nos “Diários Associados”. Atuou na Rádio e na TV Tupi, sempre realizando reportagens investigativas.

Atualmente, Saulo Gomes escreve suas memórias com base nas muitas reportagens que produziu ao longo da carreira. Ele conta que sempre teve essa preocupação: “Eu ia guardando comigo. [...] Repórter, além do mais, tem que ser papeleiro. Eu estou escrevendo meu livro agora baseado nas minhas reportagens de quarenta e tantos anos. Você vê isso aí, isso estava perdido. 46 anos, 48 anos e meio”. (GOMES, 2004)

Além dessa explicação dada pelo próprio Saulo Gomes, ao percorrermos a “Revista do Rádio” do dia 28 de dezembro de 1963 encontramos uma outra motivação para as gravações e conseqüentes arquivos. Sob o título de “Quer gravar a hora de sua morte!”, a reportagem da revista informa que Saulo Gomes andava com um gravador por toda a parte, buscando gravar a própria morte:

Há vários anos venho tomando providências nesse sentido. Quando viajo de avião, estou sempre com o gravador ao meu lado. Se um motor começa a falhar, entrevisto passageiros e digo o que está ocorrendo. Até agora tudo apenas ficou no susto. Mas, se um dia o avião cair, os meus colegas já sabem: nos destroços encontrarão, junto ao meu cadáver, o gravador”. (QUER..., 1963)

A reportagem informa ainda que Saulo Gomes pensava nos mínimos detalhes para preservar o material e facilitar a localização da fita: “Viajo sempre com um saco à prova de fogo para proteger o gravador e, se houver tempo, durante a queda, engulirei (sic) a fita. Depois será fácil extraí-la de meu estômago” (QUER..., 1963) Foi essa determinação e a preocupação em arquivar os momentos vividos como repórter que propiciaram a Saulo Gomes preservar em sua casa fitas e mais fitas de rolo e muitas pastas com papéis. As gravações que iremos analisar são frutos desse cuidado.

⁹⁸ Existe uma certa controvérsia a respeito da relação de Brizola com a Mayrink Veiga. Moreira (1998) afirma que são vários os radialistas [ela cita Ademar Casé e Helio Tys] que sustentam que a Mayrink Veiga foi vendida para o ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Entretanto “Issac Zaltman afirma que no Inquérito Policial Militar (IPM 709) realizado depois do golpe de 1964, representante das empresas do senador Miguel Leuzzi provou com documentos que Leonel Brizola apenas alugava regularmente horários na programação da Mayrink Veiga para veicular seus discursos”. (MOREIRA, 1998, p.63)



Figura 10 – O repórter Saulo Gomes abraçado ao seu inseparável gravador e gravando um boletim que estava sendo emitido pelo telefone.
 Fonte: QUER..., 1963)

6.2 As reportagens

As duas reportagens da Emissora Continental que serão analisadas foram produzidas na década de 1950. A primeira trata da explosão dos paióis de munição do Exército Brasileiro, que foi ao ar no dia 2 de outubro de 1958 e a segunda aborda o assassinato do russo Rudolf Karousos, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, que ficou conhecido como “Crime do Edifício Rio-Roma”. Elas foram cedidas para esta pesquisa por seu autor, Saulo Gomes, de seu arquivo particular. As reportagens não estão na íntegra. Os cortes foram feitos pelo repórter e não conseguimos acesso às reportagens completas. Da explosão dos paióis do Exército temos vários fragmentos – com tempo total de 14 minutos e 38 segundos em que se percebe a preservação da linha temporal: o começo da reportagem, seu desenvolvimento e encerramento. Do assassinato de Rudolf Karousos foi cortado o encerramento e a amostra ficou com tempo total de 14 minutos e 3 segundos.

Em face da escassez de material sonoro da Continental, consideramos que, mesmo sendo uma amostragem restrita, sem estar na íntegra e de mostrar a atividade de apenas um repórter, as análises permitirão que

compreendamos melhor a prática da reportagem na Continental. Não se poderá tomar essas reportagens como formas definitivas dos trabalhos realizados, mas indicativas da prática dos "Comandos Continental".

Para que possamos considerar as reportagens com mais acuidade, faremos a transcrição do material e, para tanto, usaremos as marcações que seguem:

a) Quando os efeitos sonoros estiverem sendo evidenciados sem a presença da narração, serão indicados por meio de informação centralizada e em negrito;

b) Quando percebermos que houve corte no material original, também disponibilizaremos a informação centralizada e em negrito;

c) Optamos por deixar algumas marcações no corpo do texto, separadas por colchete e em negrito, para indicar outros elementos da linguagem radiofônica como, por exemplo, a mudança de ritmo na narração;

d) Muitas das palavras, ou até mesmo trechos inteiros, estão ininteligíveis e, portanto, esses momentos serão assinalados com uma interrogação (?);

e) As pausas na narração serão indicadas por reticências (...);

f) Indicaremos o repórter ou suas fontes (entrevistados) antes de cada emissão, estando o nome em negrito, alinhado à esquerda, e sendo separado do texto pela marcação ➔.

É importante que ressaltemos que além das condições naturais de sonoridade do local onde foram feitas as entrevistas – as intensas explosões, no caso específico da primeira reportagem –, existe também a ação do tempo sobre o material arquivado que compromete a qualidade do áudio. Os originais estavam em fita de rolo e, por serem analógicos, com as muitas reproduções foram envelhecendo e perdendo qualidade. A digitalização das reportagens foi feita somente no ano de 2005, quando Saulo Gomes cedeu o material para esta pesquisa, ficando, portanto, arquivado em fita de rolo durante 47 anos.

6.2.1 A explosão dos paióis do Exército

A explosão dos paióis do Exército se deu em dois atos separados por 60 dias: uma primeira explosão ocorreu em 2 de agosto e uma segunda – a que temos o registro em áudio – se deu no dia 2 de outubro de 1958. O deslocamento de ar, segundo Saulo Gomes (2004), atingiu um raio de cinco quilômetros e as janelas de vidro foram estilhaçadas pela força do vento. Os estrondos foram ouvidos a quilômetros de distância. Segundo nota publicada no site “Defesa@net”⁹⁹, o incêndio provocado pelas primeiras explosões durou mais de 72 horas. A segunda explosão foi de menor gravidade, mas destruiu 19 dos 28 armazéns e o subsequente incêndio durou 12 horas.

Os paióis se localizavam nas dependências do Regimento de Artilharia Antiaérea, onde também funcionava o Depósito Central de Armamento e Munição do Exército e o 25º Batalhão de Infantaria Pára-quedista, na região da Colina Longa, em Deodoro, subúrbio do Rio de Janeiro. De acordo com Saulo Gomes (2004), próximo ao Regimento ficava um conjunto habitacional onde moravam 65 mil pessoas. Notícia publicada pelo jornal “Folha de Londrina” informa que as famílias que moravam próximas ao local fugiram apavoradas e que “50 mil pessoas ficaram ao desabrigo, espalhadas por ruas e praças públicas”. (NOVAS..., 1958, p. 8)

Em depoimento ao vídeo-documentário “Rádio no Brasil, 1922-1990”, Saulo Gomes afirma que o exército emitiu, na época, um boletim que informa que na segunda explosão foram disparados 27 milhões de tiros, da bala calibre 45 até a 305. Isso dá idéia das grandiosas explosões que se verificaram no local e dos incêndios que se seguiram, como relata Gomes (2004): “Eu estava sufocado, tanto calor que se desprendia do fogaréu, dos [...] silos onde estão guardados as armas, né, as armas e as balas. O calor era infernal lá em Deodoro, eu estava me sentindo mal com aquele calor”. Quem também participou desta cobertura foi Celso Garcia. Garcia (2005) relata que chegou ao local das explosões num carro do corpo de bombeiros, mas que “depois que nós estávamos lá dentro o negócio começou feio demais, nós tivemos que sair e eu saí Deus sabe como, agarrado a um bombeiro,

⁹⁹ Tentamos informações diretamente com o Exército Brasileiro, mas nossos e-mails não foram respondidos.

ele me dando quase uma gravata pra mim não cair do carro, entendeu, porque aí era morte certa”.

6.2.1.1 A reportagem “explosão dos paióis”

Som de explosões – tempo: 12 segundos

Saulo Gomes → Muito mais intensidade agora. Proibiram a entrada da reportagem. Entretanto, estamos caminhando por um caminho paralelo ao local das explosões, a mais ou menos 800 metros, onde, temos a impressão, estamos conseguindo na nossa máquina portátil, gravar a série de explosões, muita atenção ouvintes.

Som de explosões durante 31 segundos

Saulo Gomes → Estamos caminhando, paralelo ao local, denominado Camboatá, onde ainda prosseguem as explosões dos paióis de Deodoro, quando estamos completando dois meses das primeiras explosões que abalaram a cidade do Rio de Janeiro. Observem os ouvintes que agora vai aumentando de intensidade as explosões, eu tenho a impressão que ainda a essa distância de 600 ou 800 metros estamos conseguindo gravar esses ruídos.

Som de explosões durante 6 segundos

Corte

Saulo Gomes → Havia feito reportagem, no microfone, ou melhor, através de um de nós, e os minutos acusavam uma média de 30, 40 explosões em cada minuto que passava, entretanto agora não há, há dificuldade até mesmo de se conseguir, de se conseguir, eh, eh, maiores detalhes. **[Muda o ritmo da locução, que passa a ser mais rápida]** Nós estamos observando agora uma corrida muito grande, não sabemos o que está acontecendo, um homem está procurando, correndo e se escondendo atrás dos muros. A ordem é para debandada geral, os companheiros Celso Garcia e Walter Bruno estão correndo lá à distância, olha isso aqui, está

aumentando senhores ouvintes. **[ritmo da narração é ainda mais rápido]** Estamos nós também correndo para nos proteger (?) acidente, estamos procurando uma vala. Está aumentando a intensidade agora, já estamos procurando prosseguir, mas, (...) observe os ouvintes, que agora é realmente uma situação de bastante pânico. Walter Bruno e Celso Garcia deram uma carreira muito grande. Vamos aguardar aqui. **[locução ofegante]**

Som de explosões durante 13 segundos [aumenta de intensidade]

Saulo Gomes → Já há muitos estilhaços aqui bem próximo de onde nos encontramos. Uma viatura dos bombeiros é retirada nesse instante do local, **[em meio às explosões ouve-se o som de carro]** a situação vai assumindo um aspecto realmente de pânico. Já estamos vendo bem longe o Celso Garcia e Walter Bruno abandonando a região, os bombeiros e os soldados. Vamos, infelizmente, continuar distantes dos colegas, que a mais ou menos um quilômetro, estão se protegendo e abandonando a região. Infelizmente nós não podemos sair daqui, agora, enquanto, observem, vai aumentando agora...

Som de intensas e seguidas explosões durante 24 segundos

Saulo Gomes → A ordem é para abandonar, vamos correndo aqui, protegidos por este muro, se Deus quiser vamos procurar ainda atingir o local onde se encontram os nossos companheiros.

Som de intensas e seguidas explosões durante 12 segundos

Ao fundo ouvem-se vozes ininteligíveis

Saulo Gomes → Você quer o quê? Calma, calma, qual é o seu nome?

Soldado 1 → Geneci.

Saulo Gomes → O Geneci, você estava onde quando ouviu essa ordem agora para debandar?

Soldado 1 → Eu estava no, estava aqui no local quando houve essa ordem aqui eu já estou querendo caminhar pro quartel, né.

Saulo Gomes → Você serve aonde?

Soldado 1 → Na escola de paraquedistas.

Saulo Gomes → Na escola de paraquedistas. Você viu que realmente, infelizmente a situação piorou agora?

Soldado 1 → Tá muito pior, eu estava bem próximo à estrada agora ...

Saulo Gomes → Perfeito, então você pode mandar, falar pra sua família que você está bem, utilizando a Continental.

Soldado 1 → Queria avisar à minha família que eu estou bem, até agora não houve nada comigo, nem com ninguém da ...

Saulo Gomes → Perfeitamente. E agora, quanto aqueles estilhaços ali, tinha diversas viaturas estilhaçadas aqui perto da gente...

Soldado 1 → Pegou num caminhão do Ministério da Guerra, né...

Saulo Gomes → Caminhão.

Soldado 1 → É

Saulo Gomes → (?)

Soldado 1 → (?) estamos protegidos pelo muro, né?

Saulo Gomes → Acho que o muro já é alguma garantia.

Soldado 1 → É ...

Saulo Gomes → Perfeito. Algum de vocês mais querem falar, soldados que aqui estão conosco nessa trincheira.

Soldado 2 → Quero mandar mensagem pra minha mãe, sabe, minha mãe em Niterói, falar pra ela assim, queria mandar avisar que, (?) tá tudo seguro, quer dizer não muito seguro, mais ou menos, né

Saulo Gomes → Qual é o seu nome, por favor?

Soldado 2 → É tenente Luis Colares Filho.

Saulo Gomes → Perfeitamente. Fala o próximo. Os outros soldados querem falar? Podem falar.

Soldado 3 → (?) avisa à minha mãe que tá tudo passando bem.

Saulo Gomes → Perfeito. Fala aqui um outro paraquedista...

Soldado 4 → Antonio da Silva Filho, dizer pra minha mãe que aqui caminha tudo bem, tá uma certa confusão, mas tenho fé em Deus que não vai haver nada.

Saulo Gomes → Perfeito, outro soldado vai falar. É uma trincheira que nós estamos aqui, com proteção atrás de um muro enquanto os estilhaços já vão atingindo a região onde nós nos encontramos. Vai falar outro soldado, qual o seu nome pra falar pra sua família?

Soldado 5 → José de Oliveira (?)

Saulo Gomes → Tudo bem com você?

Soldado 5 → Tudo bem, graças a Deus.

Saulo Gomes → Perfeito. Aqui o outro soldado que está aqui deitado também.

Soldado 6 → Bruno Ferreira de Souza. Avisa à família que mora na rua Silveira ...

Corte na gravação

Soldado 7 → Não há nada comigo e que eu estou aqui no local da explosão, mas que, Geneci. Geneci Azevedo, mora na Vila Nova em Campo Grande.

Saulo Gomes → Perfeitamente, assim, senhoras e senhores, vão observando os ouvintes que não pára, agora é um tiroteio tremendo, um dos soldados pede o microfone enquanto estamos nós aqui deitados numa vala bem junto ao muro, bem junto ao local das explosões, humanamente impossível sairmos daqui. Os nossos companheiros Walter Bruno e Celso Garcia, eu tenho a impressão que já conseguiram, se garantiram, porquanto eles estavam, voltavam de mais ou menos um quilômetro do local onde nós nos encontrávamos, em demandada, em debandada para ao posto central RC-2 com o senhor Peres Junior. Espero, peço a Deus que eles tenham chegado bem ao RC-2, o Celso Garcia e o Walter Bruno enquanto que nós não podemos mais sair daqui. E vamos aguardar até, se Deus quiser, a situação melhorar. Vai falar um outro soldado. Fala soldado.

Soldado 8 → Eu quero avisar minha mãe que eu tô passando muito bem, o soldado Milton da Silva.

Saulo Gomes → Perfeitamente. Muito obrigado, agora aqui, vamos procurar informar, (...) ô cabo Mendes, observe os ouvintes que vai piorando, vai piorando, aumentando de intensidade o número de explosões e também o estampido é cada vez maior.

Som de intensas e seguidas explosões durante 48 segundos

Saulo Gomes → Atenção senhores ouvintes, essa é uma gravação ouvintes, como a que realizamos exatamente há dois meses passados, falando de Camboatá, bem junto ao local das explosões, o mesmo acontece no dia de hoje, infelizmente aquilo que começava de pequena monta já vai assumindo aquele mesmo aspecto no dia de hoje, o dia dois de agosto, dia primeiro, dois de agosto, que se passaram

exatamente há dois meses. Agora os soldados fazem comentários sobre as granadas que eles estão vendo passar pelo ar, barbaramente um tiroteio tremendo, uma braqueada incessante das bombas dos vários calibres, 75, 105, 175 e há soldados que me informam, o fogo atingiu infelizmente já os paióis de pólvora, o que dá motivo a este tiroteio tremendo que está sendo ouvido pelos nossos ouvintes, estamos aqui observando as viaturas também existem, com o rádio do exército, uma estação de rádio também prosseguindo atrás do muro...

corte da gravação

muitas vozes falando ao mesmo tempo

Saulo Gomes → Perfeito. Nós estamos correndo, estamos agora no meio da rua, **[som de vozes ininteligíveis ao fundo]** nós estamos naturalmente nervosos e bastante preocupados com a nossa segurança e com a dos soldados que aqui se encontram. Mas, mais uma vez procuramos dar ao ouvinte a idéia nítida daquilo que está acontecendo. Vamos novamente deixar de falar para focalizar apenas os ruídos dos estouros.

Som das intensas explosões por 18 segundos

Saulo Gomes → É um bolo, senhores ouvintes, bolo de fumaça. Estamos vendo no ar (...) petardos no ar, a grande distância, a muitos metros de altura, incandescentes, balas incandescentes (?) as granadas que no ar vão explodindo. Vai crescendo o bolo de fumaça, fumaça preta, fumaça negra, agora uma corrida desesperada dos soldados, vai crescendo a intranquilidade, os jipes andam, as viaturas são movimentadas a toda velocidade, deixando aqui o local, que já não oferece praticamente nenhuma segurança. **[ouvem-se ao fundo sons de carros acelerando]** Ô Cabo, o senhor está autorizado, pode nos orientar para sair daqui ou não?

Soldado 9 → Estamos esperando uma ordem de um dos sargentos aí, o sargento Chagas e o Sargento (...) Ismar, tá aqui, estamos todos no local da explosão...

Saulo Gomes → Onde é que tá soldado? Eu vi agora, está na zona de fogo, quer dizer que eu pergunto soldado, mas nós não podemos sair daqui agora não. (...) Veja, Senhores ouvintes!! Senhoras e senhoras, há um soldado aqui com uma crise

de nervos **[som de choro]** (?) Os soldados estão realmente preocupados. Um soldado aqui bastante descontrolado, chorando, vamos pedir calma soldado, pedir a Deus que tudo há de correr bem. Vemos agora, senhoras e senhores, petardos que arrancaram pedaços das árvores, onde aqui estamos, e bem junto a nós, caíram ganhos atingidos por petardos que atingiram essa região. Olha soldado, fica calmo que se Deus quiser não há de ser nada, vamos pedir a Deus, **[neste trecho ouvem-se vozes ao fundo]** vamos pedir a Deus que nós estaremos, se Deus quiser, teremos ainda o direito de sair daqui para termos nossos contactos com os nossos familiares, se Deus quiser, e a Emissora Continental (...)

Corte na gravação

Saulo Gomes → senhores ouvintes, nós estamos no caminho da vila militar e nós vamos procurar, aí cabo, qual é?

Soldado 9 → Vamos para aquele abrigo aí...

Saulo Gomes → O que, cabo?

Soldado 9 → Vamos para aquele instituto pra ver se protege mais das balas.

Saulo Gomes → Vai ficar protegido lá?

Soldado 9 → Perfeito.

Saulo Gomes → Perfeito. Nós estamos correndo, ficamos agora no meio da rua **[muitas vozes são ouvidas ao fundo]** (?) e nós aqui na estrada, estamos atingindo a estrada, a variante, e agora vamos procurar, naturalmente atrás (?) maior, aqui temos mais segurança, não é cabo? (...) Senhoras e senhoras, a situação realmente é de pânico, agora nós estamos correndo **[escuta-se, ao mesmo tempo, o repórter e outras pessoas, mas não é possível compreender o que dizem]** (?) exato, a corrida é geral, eu **[ofegante]**, eu não posso mais falar, honestamente cabo, vamos ficar aqui, já que aqui tem mais proteção e aguardar a oportunidade para chegar onde se encontram os colegas, já que o Bruno e o Celso, nós vimos que saíram protegidos numa viatura dos bombeiros. O barulho agora é muito maior, não há nada como a gente estar em casa, viu? Tantas coisas no ar, eu não posso falar, minha garganta tá seca e cansada. Qual é o seu nome, cabo?

Soldado 10 → José Lourenço da Silva.

Saulo Gomes → Você manda uma mensagem pra sua família pra dizer que você está bem.

Soldado 10 → Certo. Jose Lourenço da Silva

Saulo Gomes → Mora onde?

Soldado 10 → Moro em Albuquerque, rua Iquacetuba, número 13, sirvo no segundo BCC.

Saulo Gomes → Tá tudo bem agora?

Soldado 10 → Tá tudo bem agora.

Saulo Gomes → O barulho está maior, mas agora nós estamos um pouco mais distantes.

Soldado 10 → Exato, um pouco mais distantes (...)

Saulo Gomes → Agora estamos um pouco protegidos aqui no bloco da fundação. Que bloco é esse aqui?

Soldado 10 → Estamos aqui próximo ao instituto, um instituto aqui.

Saulo Gomes → Perfeito, muito obrigado

Corte na gravação

Som de explosões durante 6 segundos

Saulo Gomes → Petardos luminosos no ar, são centenas e centenas de bolas de fogo que nós estamos vendo sendo lançadas a, a milhares de quilômetros (?) uma quantidade imensa de fumaça preta, preta (?)

Corte na gravação

Saulo Gomes → Uma fuga empreendida num caminhão, por generosidade dos homens que falaram neste microfone, com aquele soldado que inclusive chorou na hora em que a granada explodiu bem perto de nós, derrubando o pedaço de muro e aquele, depois aquela caminhada no caminhão, agora a caminhada é a pé. Os senhores observem, os senhores perdoem a voz cansada, mas nós estamos tomando distância, para procurar ter certeza de que os nossos companheiros irão nos encontrar no RC-2 e que Walter Bruno e Celso Garcia também lá se encontram. Vamos silenciar por instantes a Continental e a Metropolitana com esta gravação que estamos realizando em nossa máquina, desde o paiol até atingirmos o RC-2.

6.2.1.2 Considerações sobre a reportagem “explosão dos paióis”

A reportagem da explosão dos paióis de Deodoro possui algumas características peculiares, que não nos permitem enquadrá-la totalmente nas definições vistas no capítulo 5. Se formos pensar na categorização de reportagem simultânea e diferida apresentada por Prado (1989), não vamos encontrar uma perfeita adequação. Ela também não se ajusta cabalmente na definição dos *níveis de vivo* apresentada por Meditsch (2001A).

A produção de Saulo Gomes fica nos limites entre o *vivo de terceiro grau* e *vivo de quarto grau*. No vivo de terceiro grau, como já vimos, ocorre a improvisação do texto ao microfone. Isso fica evidenciado na reportagem, quando, por exemplo, o repórter titubeia ao dar a informação sobre o número de explosões por minuto: “os minutos acusavam uma média de 30, 40 explosões em cada minuto que passava, entretanto agora não há, há dificuldade até mesmo de se conseguir, de se conseguir, eh, eh, maiores detalhes”. Outro momento indicativo da falta de uma redação prévia é a mudança de assunto repentina, como no exemplo: “Muito obrigado, agora aqui, vamos procurar informar, (...) ô cabo Mendes, observe os ouvintes que vai piorando [...]”.

A reportagem, entretanto, possui o aspecto de ser feita concomitantemente ao desenrolar dos fatos, o que a encaminharia para a classificação do *vivo em quarto grau*. Contudo, há isocronia somente de três tempos: o do acontecimento, o do relato improvisado e o da enunciação. O quarto pilar que sustenta esse mais alto nível de vivo não se configura: a recepção.

Esse aspecto – ausência de isocronia entre transmissão e recepção – vai afetar também a categorização de reportagem defendida por Prado (1989). Observam-se todas as características de uma reportagem simultânea, mas sobressai o detalhe dela não ter sido transmitida simultaneamente à sua produção. Ou seja, Gomes **gravou** sua ação **como se estivesse** fazendo uma reportagem **ao vivo**. Ela tem o aspecto do diferido, mas não houve a preparação de textos depois de captadas as entrevistas e o som ambiente. Não houve a gravação da locução depois do ocorrido. Não houve edição do material. Tudo foi feito simultaneamente, menos a transmissão.

Entendemos que, como resultado dessa mescla do simultâneo e diferido, preservaram-se a ação e a emoção características de uma reportagem simultânea. Na ausência de condições técnicas para a transmissão direta, a opção pela “gravação simultânea” teve como atributos transportar o ouvinte para o palco da ação. Ele se tornou um participante das ações, descobertas e desventuras do repórter.

Nesse “roteiro” de descobertas, o som ambiente, fartamente valorizado pelo repórter, desempenha papel preponderante. Observamos vários momentos em que Saulo Gomes, propositalmente, deixa de falar para realçar o ambiente acústico. Nesses fragmentos analisados, chegou-se a ter até 48 segundos em que a fala foi colocada em segundo plano, e o efeito sonoro ficou em evidência. Além de deixar que o cenário acústico informasse, a narração ainda mobilizava o ouvinte para a escuta, como neste trecho: “Vamos novamente deixar de falar para focalizar apenas os ruídos dos estouros”.

A forma da narração também confere dramaticidade, veracidade e indica o desenrolar dos fatos. De início, ela se apresenta com voz calma e ritmo pausado, nem apressado, nem lento demais. Decorridos 1’57”, a ação no Camboatá se intensifica, no que é acompanhada pela narração do repórter. Quando se aceleram as explosões e ocorre a ordem para abandonar o local, o desenvolvimento da ação é percebido e acompanhado pelo ouvinte pela mudança de ritmo na locução. Ela passa a ser frenética, o que indica que os acontecimentos estão se agravando nas proximidades dos paióis.

O timbre da voz e o ritmo da locução também são marcas temporais. Conforme a ação vai se desenrolando, a voz do repórter vai ficando cada vez mais fraca e cansada. Comparando-se as primeiras palavras às últimas, nem parecem ser do mesmo repórter. A mudança é tão evidente que o próprio repórter pede desculpas ao ouvinte pela voz, como nestas passagens: “Tantas coisas no ar, eu não posso falar, minha garganta tá seca e cansada” e “Os senhores observem, os senhores perdoem a voz cansada, mas nós estamos tomando distância [...]”.

O texto do repórter contém características de oralidade. Um exemplo é o uso de interjeições para chamar um dos soldados: “(...) ô cabo Mendes” e o de artigo antes de nomes: “O Geneci, você estava onde [...]”, situações corriqueiras na fala do dia-a-dia. Entretanto, como Meditsch (2001a) salienta, é uma oralidade aparente, mediatizada pelo veículo. Isso também fica evidenciado em expressões

como: “eu tenho a impressão que já conseguiram se garantir, **porquanto** eles estavam [...]” e “Veja, senhores ouvintes!! Senhoras e senhoras, há um soldado aqui [...]”. Em uma conversa, é difícil encontramos o uso da conjunção “porquanto” e as formas de tratamento “senhores ouvintes” e “senhores e senhoras”. Ao mesmo tempo, essa forma de tratamento evidencia formalidade. Existe, durante toda a reportagem, uma tentativa de aproximar o ouvinte da ação por meio do chamamento para que este preste atenção ao que está acontecendo e isso é feito usando o tratamento de “senhor” e “senhora”, mesmo em meio a explosões, fugas a pé ou em caminhões ou deitados em uma vala, protegendo-se de estilhaços e petardos.

As marcas da simultaneidade da reportagem se mostram na pouca quantidade de informação de que o repórter dispõe para sua narração. Gomes procura preencher os espaços em que a ação se estabiliza com dados adjacentes que obtivera de antemão, como, por exemplo, quando relembra as explosões de dois meses atrás.

Como possui pouca informação, o repórter descreve onde está e o que está acontecendo à sua volta, como no trecho: “Já há muitos estilhaços aqui bem próximo de onde nos encontramos. Uma viatura dos bombeiros é retirada nesse instante do local”. Aliado ao espocar das bombas, esse tipo de descrição faz com que o ouvinte crie imagens mentais e “visualize” a cena do desastre. Essa prática vai ao encontro do que afirma Ortriwano (1985), e já tratado neste trabalho, de que quando uma Edição Extraordinária se torna longa, a narração do que está acontecendo no momento passa a predominar.

O repórter não tenta manipular o ouvinte, escondendo que está gravando a reportagem. Pelas condições da narração improvisada e pelo cenário acústico, o ouvinte pode ter a impressão de que o que se passa é ao vivo. Mas o repórter deixa claro ao ouvinte que se trata de uma reportagem gravada. Foi feita simultaneamente ao desenrolar dos fatos, mas não está sendo direta.

A prestação de serviço fica evidente em quase todas as entrevistas feitas por Saulo Gomes. Ele abre os microfones para que os soldados tranquilizem as famílias. Essa característica – da prestação de serviço – foi bastante citada pelos entrevistados, principalmente por Carlos Alberto Vizeu (2004), como sendo uma das preocupações que Carlos Palut transmitiu aos seus “Comandos”. Nessas entrevistas, também chama a atenção a polidez com que Gomes trata seus entrevistados. Em meio a dezenas de explosões e correndo risco de morte, por

diversas vezes ele lembrou-se de agradecer aos entrevistados e ainda tentou tranquilizar um dos soldados que estava com uma crise de nervos. Isso mostra o “sangue frio” e o controle emocional que fazem parte das características de um bom repórter.

A redundância, característica da mensagem radiofônica, se mostra, por exemplo, quando Gomes relembra ao ouvinte que os repórteres da Continental Celso Garcia e Walter Bruno estavam próximos aos paióis e tiveram que sair juntamente com os bombeiros em função da intensificação das explosões. Essa informação vem logo no início da transmissão e também ao seu final, quando o repórter recapitula que os dois estavam no campo das explosões, saíram com as viaturas e provavelmente estão no RC-2 juntos com Peres Junior.

A menção da presença da equipe dos “Comandos” e de seu carro de externas RC-2 também mostra que, realmente, em coberturas de grandes acontecimentos, a Continental se mobilizava, enviava equipamento e vários membros da equipe para a transmissão. Essa mobilização assinala que havia a procura por mais informação, com cada membro buscando diferentes fontes e tentando ampliar e aprofundar a cobertura, uma das características básicas da reportagem. Como cada integrante da equipe poderia trazer fragmentos diferentes da realidade em questão, haveria o entendimento do todo. Um exemplo desse aspecto se verifica no trecho: “Havia feito reportagem, no microfone, ou melhor, através de um de nós, e os minutos acusavam uma média de 30, 40 explosões em cada minuto que passava [...]”. Como característica da Edição Extraordinária, muitas vezes não ocorria o aprofundamento no momento da irradiação, mas se visto o conjunto da transmissão, o ouvinte teria o fato na hora que acontecesse e o aprofundamento permitido pelas várias fontes de informação, repórteres e entrevistados, que estavam atuando concomitantemente.

6.2.2 O Assassinato de Rudolf Karousos

Pelas informações fornecidas por Saulo Gomes, o assassinato de Rudolf Karousos ocorreu em janeiro de 1958. Policiais cariocas foram acusados de sua morte. Karousos seria um contrabandista russo. Foi encontrado morto, em seu

apartamento, no edifício Rio-Roma. Por este motivo, ficou conhecido como o “Crime do Edifício Rio-Roma”. O assassinato teve grande repercussão na imprensa carioca também porque uma das testemunhas do crime, Antenor Nascimento, havia escondido muitas informações da polícia, mas, ao ser submetido ao detector de mentiras, evidenciou-se que ele sabia mais do que estava dizendo.

6.2.2.1 A reportagem “assassinato de Rudolf Karousos”

Locutor → A cidade cresce. A cidade se desenvolve. Cresce em sacrifício. Cresce em dificuldade. E cresce em crimes. Um outro crime que abalou a cidade, pela sua brutalidade, pela sua estupidez, envolvendo personagens bombásticas, meus amigos, em torno desse assunto, um outro crime uma outra cena de sangue, focalizaremos em reportagem o caso de russo Karousos, trabalho radiojornalístico do melhor de 1958, Saulo Gomes.

Cortina¹⁰⁰ – tempo 5 segundos

Saulo Gomes → Meus amigos, muito boa noite. Há 25 dias nessa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi assassinado o cidadão russo Rudolf Karousus, e até agora a polícia anda às tontas sem saber qual a diretriz a seguir para a cap... a captura de criminosos ou criminosas. Notamos nós a grande falta de orientação, a falta de comando, a exemplo de vezes anteriores, no que concerne às investigações para esclarecimento de um brutal crime nessa (...) Na realidade não dispomos, na maioria dos casos, no Departamento Federal de Segurança Pública, de homens capazes, muito menos de meios, de aparelhagens, para que a nossa polícia possa, e bem, se desincumbir da sua missão. Notamos apenas, para tristeza nossa e uma alegria muito relativa, o esforço de meia dúzia de verdadeiros abnegados e meia dúzia de policiais dedicados que se esforçam para dar uma satisfação à sociedade. Entretanto, o esforço desses homens deve ser vista no pronúncio dos acontecimentos, porquanto também observávamos este reduzidíssimo número de

¹⁰⁰ A cortina é um “breve trecho musical que identifica ou separa uma determinada parte de um programa radiofônico em relação ao todo”. (FERRARETO, 2000, p. 287)

abnegados, ligados ao Departamento Federal de Segurança Pública, tem um efeito muito relativo, porquanto não há entrosamento. Cada um age para um lado e principalmente as delegacias especializadas, dentre elas a polícia técnica, notamos nós, na maioria das ocasiões, na maioria dos casos, que não trabalham em perfeito entrosamento com a autoridade, com o policial, como eles, em uma outra delegacia especializada. Há vários aspectos nessa questão que serão analisados oportunamente e observamos muitas vezes a vaidade desse ou daquele policial em esclarecer o crime dessa ou daquela maneira. Daí então a rivalidade também dentre alguns policiais. Muitos se deixam levar, inclusive transtornar a sua ação pelos problemas íntimos ou pelos problemas particulares. Há divergência não somente nas opiniões de policiais, mas muitas vezes há divergência quando um policial não se dá bem, não gosta, Pedro não gosta de Paulo, e aí então quando se sente que há necessidade de entrosamento no trabalho desses dois homens, esse entrosamento não existe porque eles não se dão, não são amigos, como resultante, então, não há esse entendimento e não havendo entendimento não há sucesso. Muito tem se falado a respeito do caso. É matéria ainda merecedora de toda atenção dos principais jornais, dos grandes órgãos de imprensa desta capital e ainda manchete no dia-a-dia. E a realidade é que um crime perpetrado com todos os requintes de maldade há 25 dias passados, contra a pessoa do russo Rudolf Karousos, ainda, nesse instante, não há uma posição definida, não há um esclarecimento oportuno e definitivo a respeito do crime. Vários personagens têm sido ouvidos, um grande número, policiais, dentre os quais alguns sobre os quais pesa a suspeita de ser um criminoso ou criminosa. Nós fomos um pouco mais adiante. Houve um homem nesta história toda, que uma grande participação, pode-se assim dizer, teve nos minutos iniciais. Porquanto horas, dias após a morte trágica do russo, como assim é mais conhecido o caso, um comissário de plantão do segundo distrito policial, o doutor Drumond, foi chamado ao local, fez um levantamento, os detalhes é ele que irá nos dizer no trabalho realizado por nós, e logo a seguir foi desligado deste caso, não se sabe bem por que e o mesmo foi entregue a uma outra autoridade. Este homem, após o acontecimento, entrou no seu natural período de férias, ausentou-se dessa cidade, motivo pelo qual não foi ouvido, não foi procurado pelos colegas de imprensa, da imprensa escrita e falada. Nós, o nosso programa “Reportagem está na rua”, em nome da Organização Rubens Berardo, viajamos alguns quilômetros e fomos encontrar então em seu gozo de férias o doutor Drumond, comissário de

plantão naquele dia fatídico nesta cidade, na cidade de Teresópolis. De lá trouxemos matéria que reputamos da mais alta importância nessa altura dos acontecimentos e é esta matéria que nós passamos a apresentar nesse instante, ou seja, o nosso encontro, depois de relativa dificuldade, com o comissário Drumond, em furo de reportagem e que representa nesse instante o marco inicial para nossa atuação dentro de um caso tão comentado mas que até o instante não foi esclarecido. Vamos portanto à nossa Central Técnica, com a nossa gravação, com a nossa palestra, lá na cidade de Teresópolis com o comissário Doutor Drumond.

Cortina – tempo: 3 segundos

Espaço de silêncio – 5 segundos

[quando entra a locução, há uma fusão entre a cortina e as primeiras palavras do repórter que estão ininteligíveis]

Saulo Gomes → (?) Oliveira (?) câmara (?) naquela situação é sem dúvida oportuna. O senhor estava na delegacia de plantão, quando recebeu a comunicação, eh, desse monstruoso crime. Nós gostaríamos que o senhor fizesse para nós um relato do que realmente o senhor encontrou, algo que se notar naquele quarto, naquele apartamento, depois nós iremos (?)

Comissário → (?) No dia primeiro de janeiro, do dia um para o dia dois, eu estava de plantão no distrito quando, por volta de meia noite, eu recebi uma comunicação, avisaram que havia um homem morto no apartamento 210, no Edifício Rio-Roma, avenida Copacabana, pouco depois eu recebi uma telefonema comunicando que o apartamento (...) [provavelmente por um problema técnico este trecho sublinhado está repetido] avisaram que havia um homem morto no apartamento 210 do Edifício Rio-Roma, avenida Copacabana, pouco depois eu recebi uma telefonema comunicando que o apartamento havia sido arrombado. O guarda noturno (?), dotado no distrito de Madureira, como havia dois (?) eu fui imediatamente para o local e ali deparei com o corpo do Rudolf Karousos (?) e agora a controvérsia, o que se discute nesse momento, (?) efetivamente eu fiz (?) e mais do que isso (?) esses dois objetos teriam servido, pelo menos para começo da execução do crime. Isso eu constatei com o perito nosso (?), o corpo estava no chão e (?) o fotógrafo da polícia bateu algumas chapas naquela noite, naquela madrugada e ficou constatado. Nos

jornais de ontem fazem referência a meu nome porque eu fiz o arrolamento então dos objetos ali encontrados, deixados pela vítima desse bárbaro crime, então estranhou o meu colega, doutor Ivan Vasques, meu colega e meu amigo, que do arrolamento não constasse a estatueta. Convenhamos que não é possível, eu não podia também arrolar um grupo, um grampo nos dedos, a estatueta foi arrolada no modelo provisório, no modelo generalizado, e lá existe. O apartamento foi interditado no dia 9, a disposição da vara geral (?) e lá deve estar a estatueta, quer dizer, quanto a sua existência não há dúvida nenhuma, existe a estatueta.

Saulo Gomes → É sem dúvida um detalhe bastante oportuno, portanto apenas não faz parte desse arrolamento especificamente a estatueta(?)

Comissário → Especificamente não faz (?)

Saulo Gomes → Mas ela existe.

Comissário → Existe.

Saulo Gomes → Mas ainda vossa senhoria declara que existe (?) ter sido utilizada (?)

Comissário → (?) Aliás, um perito nosso (?) não só (?) como também a estatueta. Há um outro detalhe interessante, que a reportagem, do qual a reportagem tem que usar, este homem foi abatido, depois de amordaçado, o criminoso ou os criminosos tiraram as duas dentaduras, meteram ele de panos pela boca adentro e depois o amordaçaram, amarraram um toalha, esse detalhe até agora, tenho notado, pouca gente tem citado, mas devidamente importante.

Saulo Gomes → É sem dúvida, e para nós uma satisfação para o programa “Reportagem está na rua” que traz este esclarecimento bastante oportuno e até então desconhecido da opinião pública. A vítima havia sido amordaçada após ter sido retirado de sua boca as duas dentaduras e colocado, havia esse detalhe, uma grande quantidade de pano (?)

Comissário → Grande quantidade de pano, ele foi torturado, todo ensangüentado, (?) havia muito sangue.

Saulo Gomes → Perfeito. Doutor, após tomar conhecimento do fato, fazer este arrolamento, o registro na delegacia, o senhor teve a oportunidade de efetuar ainda naquelas horas a prisão de alguns suspeitos, eh, ali, por exemplo, algum vizinho até mesmo que pudesse estar (?)

Comissário → Não, eu não tive. Eu procurei imediatamente, fui informado no caso que uma senhora, do apartamento 207 teria ouvido gritos de angústia. Então eu ouvi e essa senhora me confirmou que efetivamente ouvira e precisou a hora em que

teria ocorrido o crime, entre 11 e 10, 11 e 15 até 11 e 20 da noite. Falou com muita convicção, com muita firmeza e até um pouco apavorada e disse que foi chamar o porteiro, subiu, tocou a campainha, o escrivão foi ver, o escrivão que estava na patrulha, foi comunicar comigo, ele então deu por encerrada a palestra dele, voltou e talvez tivesse sido surpreendido (?) agora na execução do crime, com muita calma, eles tiveram tempo, tinha até um livro aberto, ainda me lembro bem, um livro de Edgar Wallace, “A porta de sete chaves”, aberto na página 113 e colocado no braço de uma poltrona. Uma outra revista do crime, também aberta, com uma reportagem intitulada “Procurando a morte”. Eu acredito que tenham esperado, tenham espreitado o momento de sair do apartamento e nesse tempo, com a revista (?)..

Saulo Gomes → Doutor Drumond, eu vou fazer então uma pergunta, diante dessa situação dos livros me valendo da sua categoria, não só da sua vivacidade como profissional de imprensa há longos anos, mas também com essa grande prática adquirida como policial, atuando agora como comissário de uma delegacia, das mais movimento existentes do distrito federal (?)

Comissário → Eu quero completar (?)

Saulo Gomes → Ah, pode.

Comissário → A sua pergunta, eu arrolei (?) e me limitei a fazer o registro detalhado da palestra (?) daí por diante, eu registrei (?) delegado (?) apurar (?) aí eu dei por encerrada a minha tarefa e passei para o outro delegado (?)

Saulo Gomes → (?)

Comissário → É.

Saulo Gomes →(?) Doutor, uma pergunta, aí então, antes de fazer a que eu havia preparado anteriormente, eu vou, então, ainda com relação à resposta, formular uma pergunta. O registro, não tem registro, mas no estatuto de polícia ou as leis que regulam a atuação dos comissários, detetives, delegados do caso prevê ou previa nesse caso alguma situação que, ou o delegado encontrou alguma coisa que incompatibilizasse o senhor como comissário dar seqüência às diligências já que o senhor assinalava nos primeiros dias prosseguir com as diligências, dando preferência assim a um detetive ou o senhor acha ...

6.2.2.2 Considerações sobre a reportagem “assassinato de Rudolf Karousos”

Nesta reportagem, observamos três partes distintas: a cabeça,¹⁰¹ feita pelo locutor, em estúdio; a introdução da matéria¹⁰², feita pelo repórter, também no estúdio e a entrevista com a fonte, feita fora de estúdio, na cidade de Teresópolis.

Se na primeira reportagem – explosão dos paióis do Exército –, mesmo sendo diferida, existe um aspecto de produção simultânea muito evidente, o mesmo não acontece nesse segundo exemplo. A característica de *vivo em segundo grau* é a que permeia toda a narração. O seu início, com a cabeça feita pelo locutor e a introdução desenvolvida pelo repórter para apresentar a entrevista a partir do estúdio, deixa claro que não existe isocronia entre o desenvolvimento do fato e sua enunciação. Trata-se do modelo do diferido apregoadado por Prado (1989). Na chamada para a entrevista existe claramente a indicação de que ela foi gravada quando o repórter afirma: “Vamos portanto à nossa Central Técnica, com a nossa gravação, com a nossa palestra [...]”. Note-se que a palavra palestra é usada como sinônimo de entrevista.

Por terem sido feitas no estúdio, e provavelmente com texto previamente escrito, a cabeça e a introdução não apresentam características tão evidentes de oralidade como no primeiro exemplo, que manifestava este aspecto pela narração simultânea ao desenrolar dos fatos. Aqui, se percebe uma elaboração maior. O texto inicial apresenta frases curtas, como já indicavam as orientações de Carlos Palut aos seus “Comandos”: “A cidade cresce. A cidade se desenvolve. Cresce em sacrifício. Cresce em dificuldade. E cresce em crimes”. Na introdução do repórter, observamos períodos mais longos, e, muitas vezes, frases entrecortadas, característica de textos escritos, como no trecho que segue: “Na realidade não dispomos, na maioria dos casos, no Departamento Federal de Segurança Pública, de homens capazes, muito menos de meios, de aparelhagens, para que a nossa polícia possa, e bem, se desincumbir da sua missão”.

A locução – da cabeça, da introdução no estúdio e da entrevista – não apresenta variação significativa no ritmo. Ao contrário da primeira reportagem,

¹⁰¹ Texto lido por um locutor ou apresentador, normalmente no estúdio, que anuncia uma reportagem, notícia ou entrevista produzida por um repórter.

¹⁰² Matéria é uma expressão muito usada nas redações como sinônimo de reportagem.

em que a variação da ação mostrava-se na alteração do ritmo, nesta a locução é padronizada do início ao fim.

Percebe-se que o repórter tinha feito uma pesquisa sobre o assunto antes da gravação da entrevista. Ele cita textualmente que o caso já vinha sendo destaque nos jornais. Informa quem morreu, quando e onde o assassinato foi praticado e parte para o fato que naquele momento era o mais importante: decorridos 25 dias a polícia andava “às tontas”. A entrevista é feita na tentativa de ajudar a elucidar o crime, o que, na avaliação de Gomes, de fato ocorreu. Em texto anexado à reportagem e enviado a esta pesquisadora por e-mail, ele afirma: “Em 1958, no Rio de Janeiro foi morto um contrabandista russo – Rudolf Karousos. Os acusados eram policiais. Um dos maiores crimes da época que ajudei a esclarecer”. Como acompanhamos pela transcrição, o comissário apresenta evidências que até então eram desconhecidas do grande público.

Há no assunto, e também na narrativa, um apelo ao sensacional que aguçava a curiosidade dos ouvintes, já que, como o próprio texto do repórter indica, a matéria ainda era “merecedora de toda atenção dos principais jornais, dos grandes órgãos de imprensa desta capital e ainda manchete no dia-a-dia”. Esse destaque ao sensacional também esteve presente no desenvolvimento da imprensa escrita no século XIX nos Estados Unidos e Europa (TRAQUINA, 2005) e no século XX no Brasil, com afirma Bulhões (2005, p. 117):

Entre outros aspectos de seu desenvolvimento histórico, o jornalismo no século XX sagrou-se, nas sociedades capitalistas, arrojada experiência de mercado. Nesse caso, uma vez que a lógica que rege a produção jornalística não é outra senão a demanda do lucro, empreende-se a tendência a tornar o fato noticioso um produto da cultura do espetáculo. Assim, a notícia despojada, ‘a seco’, não possui o apelo irresistível do componente ‘ficcional’ que se pode colher da vida cotidiana. Daí a tendência à ‘dramatização’ do noticioso.

É bem notória essa tentativa de dramatização também na narração do assassinato de Rudolf Karousos, principalmente na cabeça da reportagem, quando se enfatiza o crescimento da cidade com sacrifícios, dificuldades e crimes: “Um outro crime que abalou a cidade, pela sua brutalidade, pela sua estupidez, envolvendo personagens bombásticas [...]”. Há que se ressaltar ainda, que na época, década de 1950, estava em processo a urbanização do país, iniciada na

década anterior¹⁰³. A constatação do crescimento da cidade e dos assuntos urbanos, como os crimes, também começa a ganhar espaço no noticiário.

Não se observa, pelo menos neste trecho disponibilizado para análise, uma variação de fontes, que é uma das características da reportagem radiofônica. Entretanto, ao focalizar o comissário que estava afastado das investigações e buscar detalhes do crime, atenta-se para um aprofundamento das informações até então disponíveis sobre o assunto.

O programa para o qual foi produzida a matéria de Rudold Karousos chamava-se “Reportagem está na rua”. O repórter cita o nome do programa duas vezes no trecho analisado. Instala-se, dessa maneira, uma relação direta entre a reportagem e a Continental. Aquela que era chamada a “Casa da reportagem” apresenta um programa em que coloca a própria reportagem nas ruas do Rio de Janeiro.

O que se pode notar, tanto no primeiro exemplo quanto neste, é que a Continental procurava sair do estúdio e levar aos ouvintes a reportagem. Como já vimos, não era prática do radiojornalismo de então deixar as fontes e os repórteres serem ouvidos. Os informativos centravam-se na notícia e na figura do *speaker*. Ao ir para a rua, gravar uma entrevista ou transmitir simultaneamente um fato, os “Comandos Continental” buscavam na reportagem uma nova forma de fazer rádio. Hoje se entende que esse é o cerne do jornalismo, como afirma Traquina: “A reportagem se entende como a essência do jornalismo, isto é, como a forma mais ‘verdadeira’ de ser jornalista.” (2005, p. 45)

O jornalismo praticado pela Continental atentava para algumas das potencialidades do veículo até então inexploradas, como aliar a simultaneidade da recepção à transmissão e sair da rasura da notícia e buscar a complementação da reportagem. Tentava desvencilhar-se da palavra presa ao tempo e ao espaço, como no caso do jornalismo impresso, para se apropriar da velocidade, da fluidez e da oralidade proporcionadas pelo éter e pelas ondas hertzianas. O imediatismo buscado pelas transmissões ao vivo tem, no entender de Traquina (2005, p. 37), um valor que, nos dias atuais, “reina incontestável”.

A rotina da Continental, de ir às ruas, gravar entrevistas, transmitir os fatos simultaneamente ao seu desenrolar, vai ao encontro da própria natureza do

¹⁰³ Dados do Censo de 1940 indicavam que 31,1% dos habitantes se localizavam nas cidades. Já no final da década de 1960, esse número sobe para 55,92%.

jornalismo e do ser repórter, que foi construída a partir do século XIX: “Era para esse mundo dos fatos que esta nova figura do campo jornalístico – o repórter – fazia um esforço supremo: a respiga e a montagem dos fatos. E este esforço tentava transformar o jornalismo numa máquina fotográfica da realidade” (TRAQUINA, 2004, p. 52). Devemos salientar que a profissão de repórter do jornalismo impresso já estava consagrada na década de 1950, mas não a do repórter radiofônico, como já vimos. A atividade dos “Comandos Continental” e de profissionais de outras emissoras contribuíram para a consolidação de mais este campo de trabalho jornalístico.

Mesmo não apresentando um *vivo em quarto grau* ou uma Edição Extraordinária direta para análise, entendemos que a Continental utilizava-se desses expedientes no seu dia-a-dia e que estas duas reportagens consideradas aqui evidenciam a busca pelo inusitado apresentado pelas ruas, pelo aprofundamento e pela rapidez propiciada pelo rádio e aplicados às práticas diárias dos “Comandos Continental”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reportagens que acabamos de escutar, no capítulo anterior, nos remetem a um outro tempo. Ao tempo de um rádio que ainda estava em seu apogeu e de um radiojornalismo que passava por profundas transformações, ainda descobrindo muitas das suas potencialidades e possibilidades. Um jornalismo radiofônico que demorou quase 30 anos para enfatizar o imediatismo e a velocidade de uma reportagem ao vivo e a profundidade maior do que a da notícia e que caminhava em direção ao conceito de rádio informativo. Desde a chegada do veículo no Brasil, em 1922, a reportagem externa era possível. Prova disso é a transmissão dos acordes da obra “O Guarani”, diretamente do Teatro Municipal, quando da demonstração do veículo nas festividades do centenário da Independência. O Jornal da manhã usou desse recurso de externa quando Roquette Pinto o transmitia de casa, pelo telefone. Mas a prática desses expedientes somente se consolidou muitos anos depois. O veículo ainda aprendia a lidar e utilizar suas próprias características.

Esse espírito de descoberta não pode, hoje, ser deixado de lado. Com o rádio brasileiro à beira de comemorar 84 anos, e discutindo a digitalização, ainda é preciso olhar para suas características intrínsecas e sua história na tentativa de ainda descobrir novas formas de transmissão, novos formatos de programas, novos conteúdos de programação, novas maneiras de se produzir uma reportagem. No tocante a esta última, o esforço deve ser redobrado. Não podemos desconsiderar que a radorreportagem teve seu desenvolvimento natural cerceado pela falta de liberdade que, a partir de 1964, vigorou por cerca de 20 anos no país. Depois de deixar de existir nas ondas hertzianas, principalmente as grandes reportagens ao vivo, voltou a ser praticada com a retomada da democratização do país, embora, na acepção de Ortriwano (2003), ainda não temos profissionais que saibam produzi-la. Porchat (1989) segue o mesmo caminho e afirma que hoje temos tecnologia, mas não temos tão bons repórteres.

Aliado ao golpe de 1964, o rádio teve ainda o impacto da chegada da televisão na década de 1950, que lhe arrebatou programas, profissionais e verbas. Nesse contexto, na avaliação de Lopes (1970, p.68), os programas que restaram ao veículo sofreram modificações radicais e retrocederam:

O trinômio **Música, Ruído e Palavra** está sendo substituído pelo binômio **Música e Palavra**, com a simplificação dos programas e o perecimento dos elencos que atuavam na programação ao vivo e pela concorrência artística e financeira da televisão, num mercado ainda limitado, sem elementos categorizados para atender as demandas. O programa de radiodifusão sonora está deixando de ser um **tema montado** expressivamente sobre palavras, músicas e ruídos ornamentais. Retornamos às gravações fonomecânicas comerciais, utilizadas nos diversos horários, intercaladas de publicidade, sendo que a maioria das emissoras vão mais além, oferecendo permanentes programas noticiosos, calcado no sistema **Música e Informação**. (grifos do autor)

Lopes (1970) faz um preciso diagnóstico do uso raquítico das potencialidades da linguagem radiofônica, que acontecia na década de 1970, mas que, infelizmente, ainda é prática usual no rádio contemporâneo, ou seja, o limitado uso da informação, baseada somente na palavra, acompanhada, às vezes, de uma trilha musical de fundo. A linguagem radiofônica deve ser um todo coeso que entrelaça a palavra, a músicas, os efeitos sonoros e o silêncio. E isso não pode ser menosprezado pelo veículo no momento de informar. A reflexão de como se pode utilizar as diferentes formas e linguagem na transmissão dos fatos precisa começar na academia para que possa chegar aos veículos. Nisso, o papel da universidade torna-se fundamental. É preciso haver reflexão sobre o tipo de radiojornalismo que temos e o que queremos, tanto na forma quanto no conteúdo.

Destacamos, no princípio deste trabalho, que no campo da pesquisa muitos avanços já foram conseguidos, mas ainda temos lacunas. Um dos desafios se concentra no fato de que muito do conhecimento produzido está guardado em armários¹⁰⁴. Para esta pesquisa mesmo, o acaso nos fez descobrir uma monografia de conclusão de curso, “Os ‘Comandos Continental’: pioneiros na reportagem externa do rádio brasileiro”, desenvolvida por Flávia de Almeida Valentim, sob orientação da professora Ana Baumworcel, em 2000, na Universidade Federal Fluminense. A monografia nos esclareceu vários pontos e trouxe importantes indicativos de artigos de periódicos da época que desconhecíamos. Mas como já frisamos, foi o acaso¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Esse problema da invisibilidade de grande parte da produção acadêmica brasileira deverá ser superado com a decisão da Capes (portaria no. 13 - de 15 de fevereiro de 2006) de obrigar todos os programas de Mestrado e Doutorado a disponibilizarem numa biblioteca virtual, até dezembro de 2006, todas as dissertações e teses defendidas a partir de março deste ano.

¹⁰⁵ A portaria da Capes, citada anteriormente, pode resolver o problema dos trabalhos de mestrado e doutorado, mas muita pesquisa de qualidade, realizada no âmbito dos Trabalhos de Conclusão de Curso, ainda ficará inacessível.

Este conhecimento gerado pela pesquisa acadêmica precisa chegar às salas de aula no ensino de Jornalismo. Muitos dos professores do curso sentem-se divididos: De um lado há a teoria que deve nos levar a uma reflexão sobre a comunicação, de outro, a prática do jornalismo, que também precisa ser contemplada. Isso pode ser observado nos objetivos dos cursos de Jornalismo, como neste, da Universidade Estadual de Londrina:

Formar profissionais que desenvolvam a comunicação como prática social, utilizando-se da reflexão teórica, da criatividade e do espírito crítico. Aperfeiçoar técnicas de produção de mensagens jornalísticas tratando a linguagem como ação e a comunicação como ato social; desenvolver a pesquisa e a reflexão sobre a comunicação e seu impacto na sociedade; explorar os novos usos para a comunicação na sociedade. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2005)

Teoria e prática devem estar imbricadas. Ocorre muitas vezes na academia, entretanto, um desprezo pela prática. Entendemos que prática e teoria, reflexão e ação, forma e conteúdo precisam andar juntas, a par e passo. Esse foi um dos motivos pelos quais nos decidimos pela pesquisa da prática da reportagem. Queríamos contemplá-la nos seus aspectos históricos e teóricos para, com a reflexão, nos aproximarmos do ideal de prática. Não uma prática que atenda ao mercado, mas uma prática com conteúdo, com reflexão, embasada, e não distante, das teorias.

A experiência da Emissora Continental, a ação dos Comandos Continental e a criatividade de Carlos Palut podem nos ajudar nesse intento. Num momento ainda dominado pela informação produzida no interior das emissoras, a Continental inovou: colocou repórteres na rua, procurou viver o dinamismo da cidade, transmitiu simultaneamente os acontecimentos, aprendeu a produzir um radiojornalismo diferenciado que ia até os fatos e às pessoas. As duas reportagens analisadas nos mostraram isso.

Muito do que a Continental passou a ter como rotina de produção é, como vimos, ainda hoje utilizado pelos jornalistas: pré-entrevista com a fonte, pesquisa sobre o assunto a ser reportado, ronda e checagem de dados pelo telefone, preocupação com a prestação de serviço, central de retaguarda no estúdio, coberturas com muitas vozes espalhadas nos diferentes lugares. O relato de Jung (2004) sobre a cobertura do atentado às torres gêmeas, em 2001, se assemelha em muitos pontos ao que a Continental, pioneiramente, produzia há mais de 50 anos. A Emissora abriu caminhos, apontou uma direção e ajudou na construção de um novo

radiojornalismo. Fazia na década de 1950 a prestação de serviço que sustenta a maior parte das emissoras de hoje.

O rádio informativo de nossos dias caminha, como já discutimos, para uma programação em fluxo, ou seja, conectando cada vez mais o seu tempo ao tempo do ouvinte e ao tempo real. Por isso hoje continua a explorar – e entendemos que essa tendência deve se acentuar – a transmissão simultânea que na década de 1950 ainda era novidade. O espaço da reportagem em edição extraordinária como um dos pontos de apoio da programação informativa, lançado pela Continental, está consolidado no jornalismo contemporâneo, mas é preciso um novo despertar para as reportagens diferidas.

O rádio informativo, como também já apontamos, precisa tanto do simultâneo quanto do diferido. Precisa de repórter na rua para transmitir imediatamente os fatos importantes, mas, também, precisa de repórter na rua produzindo reportagens diferidas. A Continental investiu pesado na reportagem externa, mas, como vimos, os “Comandos” faziam também reportagens diferidas. A escuta da reportagem de Rudolf Karousos nos mostra que havia um aprofundamento do assunto – diferente até então da notícia – e a saída do estúdio em busca de novas informações e a voz das fontes. Entretanto, nesse caso, não houve a presença de outros entrevistados que pudessem ampliar a discussão, trazer novas representações da realidade. Também não percebemos outros elementos da linguagem que não a palavra e trechos musicais que serviram de cortina, diferentemente da reportagem da explosão dos paíóis, que consistia em uma profusão e exploração do som ambiente. Hoje, com as possibilidades tecnológicas que o rádio dispõe, a reportagem diferida pode ser muito melhor explorada pelo veículo. Os gravadores não são mais pesados e difíceis de carregar, a edição é extremamente facilidade pelo uso da tecnologia digital, possuímos um maior número de fontes disponíveis e acesso facilitado à informação. Entendemos que o rádio informativo carece da reportagem diferida. Com ela o veículo pode ver alterada sua forma de estruturação da informação radiofônica. A reportagem diferida permite uma maior criatividade, tão em falta no rádio atual, e o uso potencial da linguagem radiofônica, tão acanhadamente explorada pelo meio. É nela também que o veículo deixa a superficialidade da notícia e pode mergulhar no aprofundamento, discussão, análise e reflexão que o veículo pode proporcionar.

Sabemos que o rádio enfrenta dificuldades financeiras. Na distribuição do bolo publicitário, é um dos que recebe a menor fatia: entre 4% e 5%, enquanto, para uma ligeira comparação, a televisão recebe aproximadamente 60%¹⁰⁶. Pode estar faltando não apenas verbas, mas também vontade e conhecimento para se fazer um jornalismo diferenciado. Não foi objetivo deste trabalho fazer um levantamento do quanto de reportagem diferida é veiculada pelo rádio. Entretanto, enquanto ouvinte que somos, percebemos quase que uma completa ausência deste gênero no veículo. Na cidade de Londrina, por exemplo, a base da programação jornalística é a notícia, a entrevista e o comentário. Reportagens diferidas, na acepção do termo discutido no capítulo 5, são raras.

Talvez precisemos ainda hoje da ousadia e experimentação de outros Paluts, que ousem pensar num tipo de jornalismo que ainda não temos. Se aliarmos a prática da Continental com o montante de conhecimento sobre o veículo processado até a atualidade, poderemos pensar e repensar o radiojornalismo que temos. Por esse motivo não abrimos mão de pesquisarmos e apresentarmos questões conceituais relacionadas ao rádio – suas características, linguagem, formatos de programas e programação e a própria definição de reportagem. Entendemos que poderíamos ter feito uma reflexão conceitual mais ampliada e não uma mera revisão bibliográfica sobre o assunto. No entanto, o período – dois anos e meio – destinado às disciplinas e à pesquisa não nos permitiu essa explanação, já que muito do tempo e energia foram consumidos na etapa de reconstituição histórica da emissora e da reportagem. Um outro fator que precisamos ponderar é a distância que separa Londrina, Bauru e Rio de Janeiro. Se esta pesquisa tivesse sido realizada no Rio ou pelo menos tivéssemos condições financeiras¹⁰⁷ para passar mais tempo no local, poderíamos ter estendido a pesquisa e buscado novos ângulos de abordagem. Desde o início sabíamos das dificuldades que se imporiam, mas quando descobrimos o pouco que há escrito sobre a Continental não resistimos à tentação, e à paixão, de tomar este como nosso objeto de estudo. Um outro fator nos impulsionou: muitos dos atores que ainda estão vivos para contar esta história

¹⁰⁶ Segundo levantamento feito pelo Projeto Inter-Meios, da revista Meio & Mensagem, em dezembro de 2005, o faturamento bruto dos meios foi: televisão - 59,57%; jornal - 16,30%; revista - 8,80%; Mídia Exterior - 4,26%; rádio - 4,19%; TV por assinatura - 2,34%; Guias e Listas - 2,54%; Internet - 1,66% e cinema - 0,33%.

¹⁰⁷ Obtivemos a liberação da Universidade Estadual de Londrina por dois anos, mas cursamos o Mestrado sem bolsa. Como, infelizmente, os salários das universidades estaduais do Paraná são ainda muito baixos e destinados à mera sobrevivência da família, a falta de bolsa prejudicou a amplitude da pesquisa.

rodeiam a casa dos 80 anos. Não havia tempo a perder. De todo modo, consideramos este trabalho como um princípio. As muitas lacunas ainda abertas podem, e devem, ser exploradas.

Nesse momento final da dissertação, quero permitir-me relatar que no meu retorno às salas de aula¹⁰⁸, depois desses últimos dois anos, estou visivelmente modificada. Tanto as disciplinas do curso quanto toda a pesquisa desenvolvida me enriqueceram e estimularam ainda mais ao ensino de um tipo de radiojornalismo em que acredito: que contemple a reportagem e não a relegue ao último plano; que use a linguagem radiofônica em sua plenitude; que reflita sobre a prática e que projete o rádio como um veículo eletrônico ainda importante da contemporaneidade e não como o primo pobre da mídia e da academia. Gisela Ortriwano e Maria Elisa Porchat entendem que não temos, na atualidade, tão bons profissionais no rádio que possam voltar a produzir as reportagens dos tempos áureos. Se não temos, vamos formá-los. Eu me disponho a tentar.

¹⁰⁸ No dia 06/03/2006.

REFERÊNCIAS

A SERVIÇO do povo por toda parte. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 10 fev. 1953.

AMOR de Palut e Alba começou no rádio. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 21 mar. 1964.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BAUMWORCEL, Ana (Org). **Vargas, agosto de 54**: a história contada pelas ondas do rádio. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Os espaços de silêncio em *A Guerra dos Mundos*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Rádio e pânico** - a guerra dos mundos, 60 anos depois. São Paulo: Insular, 1998. p.45 – 53.

_____. **Sonoridade e resistência**: a Rádio Jornal do Brasil AM na década de 60. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BOLSA de valores do rádio. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 15 maio 1951.

_____. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 5 mar. 1955.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. Um jornalista do submundo: a reportagem narrativa em Sylvio Floreal. **Revista Comunicação Midiática**. Bauru, n. 3, p. 105-118, ago. 2005.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. A expressão verbal na linguagem radiofônica. In: DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sônia V. **Rádio no Brasil**: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARINGI, Paulo. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

CASTRO Ruy. **Roquette Pinto**: o homem multidão. Disponível em: <<http://www.radiomec.com.br/roquettepinto/>>. Acesso em: 9 de fev. 2005.

CBN. **Rede CBN**. Disponível em: <<http://radioclick.globo.com/cbn/>>. Acesso em: 3 nov. 2005.

COTAÇÕES da semana. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 25 set. 1954.

DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio no Brasil**: tendências e perspectivas. Brasília: UNB, 1999

DEL BIANCO, Nélia. Cautela, riscos e incertezas na implantação do rádio digital no Brasil. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia. (Org). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, 2001. p. 25 - 44.

DETECTOR de mentiras inocentou Bandeira. **Revista Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 31 out. 1959. Disponível em: <http://memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro/31101959/311059_1.htm>. Acesso em: 22 out. 2005.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma releitura. São Paulo: Summus, 1996.

ENDLER, Sergio Francisco. **Rádio Continental AM**: história e narrativas, em Porto Alegre, de 1971 a 1981. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação**: rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FELICE, Mauro de. **Jornalismo de Rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.

FENELON, Déa Ribeiro. O papel da história oral na historiografia moderna. In MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. p. 22 - 32

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 2000.

FERREIRA, Paulo César. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cronologia** (Almanaque Cotidiano). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/cotidiano60.htm>>. Acesso em 19 set. 2005.

GARCIA, Celso. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bessalho. Rio de Janeiro, 20 jul. 2005.

GOMES, Saulo. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Bessalho. Ribeirão Preto, 14 jul. 2004.

GOMES, Saulo. **Repórter Investigativo**. Disponível em <<http://www.saulogomes.com.br/>>. Acesso em 9 out. 2005.

GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem**: a arte da investigação. 1993. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

HEIZER, Teixeira. Entrevista concedida à autora. Niterói, 13 out 2004.

JAMBEIRO, Othon et al. **Tempos de Vargas**: o rádio e o controle da informação. Salvador: EDUFBA, 2004.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

KAPLÚN, Mário. **Produccion de programas de radio**: el guion, la realizacion. Quito: Ciespal, 1978.

KLÖCKNER, Luciano. **A notícia na rádio gaúcha**. São Paulo: Sulina, 1997.

_____. O noticiário radiofônico na segunda guerra e a edição brasileira de O Repórter Esso. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 3., 2005, Novo Hamburgo-RS. **Anais ...** Novo Hamburgo: UFSC, 2005. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2006.

_____. O Repórter Esso e Getúlio Vargas. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2., 2004, Florianópolis-SC. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/midia sonora2.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2006.

_____. **O Repórter Esso na história brasileira (1941-1945 e 1950-1954)**. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAGE, NILSON. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Linguagem jornalística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LOMBARDI, Carlo. Do pombo-correio ao sistema editorial. In: GIOVANNINI, Giovanni (Coord.). **Evolução na comunicação:** do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 143 – 211.

LOPES, Saint Clair da Cunha. **Rádiodifusão hoje.** Rio de Janeiro: Temário, 1970.

McLEISH, Robert. **Produção de rádio:** um guia abrangente da produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1979.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Profissão jornalista:** responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **Notícia:** um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MEDITSCH, Eduardo (Org.) **Rádio e pânico:** a guerra dos mundos, 60 anos depois. São Paulo: Insular, 1998.

_____. **O rádio na era da informação:** teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001a.

_____. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ABECOM, 2001b. CD-ROM.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: um *locus* disciplinar federativo. In _____ (Org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996. p. 48 – 55.

_____. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

MILITARES morrem em explosão. Defesa@net. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/eb/acidente16jun04/>>. Acesso em 11 nov. 2005.

MILLER, Jonathan. **As idéias de McLuhan** . São Paulo: Cultrix, 1982.

MINHA vida por mim mesmo. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 15 mai. 1951.

MORAIS, Wilma. **Sonoras imagens**. 1987. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269 – 279.

_____. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

_____. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

_____. Tecnologia e legislação para o rádio no século XXI. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia R. (Org.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom, 2001. p. 13 – 24.

MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nelia. A pesquisa sobre rádio no Brasil nos anos oitenta e noventa. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org). **Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil**. Santos: Universidade Santa Cecília, 1999. p. 161 – 169.

MORISSON, Rui. A Desertificação da palavra no rádio. In: GOMES, Adelino et al. **Colóquios sobre rádio**. Lisboa: Dom Quixote, 1996. p. 113 – 114.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio**: fragmentos do rádio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NOVAS explosões em Deodoro deixam cinquenta mil pessoas desabrigadas. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 out. 1958. p. 8.

OAB. Rio de Janeiro. **O crime do Sacopã**. Disponível em: <http://www.oab-rj.com.br/content.asp?cc=90&id=604>. Acesso em: 23 abr. 2006.

O MINISTRO da justiça e o chefe de polícia na “geladeira” dos rádio-repórteres. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 14 nov. 1959.

OLHO por.... **Radiolândia**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1955.

OPINIÃO. **Radiolândia**, Rio de Janeiro, 31 maio 1958

ORTRIWANO, Gisela S. (Org.) **Radiojornalismo no Brasil**: dez estudos regionais. São Paulo: COM-ARTE, 1987.

_____. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

_____. Ok, marcianos: vocês venceram! In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Rádio e pânico:** a guerra dos mundos, 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998. p. 133 – 153.

_____. **Os (des) caminhos do radiojornalismo.** 1990. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.

_____. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, v. 56, p.66-85, 2003.

_____. **Rádio:** Interatividade entre Rosas e Espinhos. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-radio-interactividade.html>>. Acesso em: fev. 2006.

PARADA, Marcelo. **Rádio:** 24 horas de jornalismo. São Paulo: Panda, 2000.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan.** São Paulo: Ática, 1989.

PORTELLI, A. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p.7-24, 1997.

PORTELLI, A. O Que Faz a História Oral Diferente. **Projeto História**. São Paulo. n.14, p.25-39, 1997.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus, 1989.

PROGRAMAÇÃO. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 3 ago. 1948.

QUER gravar a hora da sua morte. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1963.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RÁDIO no Brasil, 1922-1990. Produção de Carlos Alberto Vizeu. Rio de Janeiro: Tele Tape, 1990. 1 videocassete

RÁDIO. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 31 jul. 1948.

RADIOBRÁS. **Histórico da voz do Brasil**. Disponível em <<http://www.radiobras.gov.br>>. Acesso em: 18 jan. 2006.

RADIOLÂNDIA. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 8 mai. 1951.

_____. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1952

_____. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 13 mar. 1951.

_____. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 15 mai. 1951.

_____. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 16 mar. 1953

_____. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1954.

REFORÇA-SE a D-8. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 3 fev. 1955.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Municipal. **1955: Rio, capital eucarística do Mundo**. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/rio_memoria/>. Acesso em 18 maio 2005.

RODRIGUES, Adriano D. A Linguagem da rádio. In: GOMES, Adelino et al. **Colóquios sobre rádio**. Lisboa: Dom Quixote, 1996. p. 53 – 56.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SAMPAIO, Jorge. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 14 out. 2004.

SAMPAIO, Mario Ferraz. **História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo**. Campos de Goytacazes, RJ: Fenorte, 2004

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual: teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema**. Petrópolis: Vozes, 1971

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SARTORI, Carlo; GRAZZINI, Enrico. O rádio, um veículo para todas as ocasiões. In: GIOVANNINI, Giovanni (Coord.). **Evolução na comunicação: do sílex ao sílício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 215 – 245.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil 3** - República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada, o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, Afonso. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 19 jul 2005.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SONHO de Palut é morrer fazendo uma reportagem. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 15 maio 1963.

SQUIRRA, Sebastião. **O século dourado: a comunicação eletrônica nos EUA**. São Paulo: Summus, 1995

TAVARES, Andral Nunes. A segunda emissora (I). **Folha da Manhã on line**, Campos dos Goytacazes, jul. 2005. Seção Sintonia. Disponível em: <<http://www.fmanha.com.br/index.html?cod=199&lk=1&tpl=0&id=112741&edicao=2005-07-23>>. Acesso em: 15 set 2005.

TAVARES, Reynaldo C . **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo**. São Paulo: Negócio Ed., 1997.

_____. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo**. São Paulo: Negócio Ed., 1997. 2 CDs (1:15:14 e 1:11:36)

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. et. al. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 65-91.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a mem6ria: quest6es sobre a rela76o entre a hist6ria oral e as mem6rias. **Projeto Hist6ria: 6tica e Hist6ria Oral**, S6o Paulo, n.15, p.50-84, 1997.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as not6cias s6o como s6o**. Florian6polis, Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornal6stica – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florian6polis, Insular, 2005.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Cat6logo dos Cursos de Gradua76o 2005**. Dispon6vel em: <http://www.uel.br/prograd/catalogo-cursos/Catalogo_2005/com%20-20jornalismo.pdf>. Acesso em: 23 de mar. 2006

VAMPR6, Octavio Augusto. **R6izes e evolu76o do r6dio e da televis6o**. Porto Alegre: Feplam – RBS, 1979.

VENCER6?! **Revista do R6dio**, Rio de Janeiro, 11 out. 1958.

VIZEU, Ary. Entrevista concedida 6 autora. Rio de Janeiro, 12 set 2004.

VIZEU, Carlos Alberto. Entrevista concedida 6 autora. Rio de Janeiro, 12 set 2004

VOLTA 6 c6mara. **Revista do R6dio**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1958.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A not6cia no r6dio pioneiro e na “6poca de ouro da radiofonia brasileira”. In: CUNHA, Magda Rodrigues; HAUSSEN, Doris Fagundes. (organizadoras.) **R6dio brasileiro: epis6dios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 15-34.

_____. **A not6cia no radiojornalismo brasileiro: transforma76es hist6ricas e t6cnicas**. 1998. Disserta76o (Mestrado) – Pontificia universidade Cat6lica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. As transforma76es da not6cia de r6dio na fase p6s-televis6o. **Estudos em Jornalismo e M6dia**, Florian6polis, v.1, n.1, p. 34-45, abr. 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM SAULO GOMES

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM SAULO GOMES

No início da gravação, ocorreu um problema com o equipamento, e os 20 primeiros minutos da conversa foram perdidos. Quando se detectou o problema, retomamos os pontos principais que o senhor Saulo já havia mencionado.

Saulo Gomes: Você quer gravar? Pra mim não tem problema.

Flávia: Eu vou só... principalmente aquelas questões que o senhor comentou, do Repórter Esso, se o senhor puder repetir. De que forma que o estilo do Repórter Esso influenciou?

Saulo Gomes: O Repórter Esso dava aquela, a sua notícia bem objetiva, em três, quatro linhas, né, na voz do Heron Domingues, não?, e o que nós Comandos Continental fazíamos, é, muitas e muitas vezes o Repórter Esso nos pautou. Porque eles davam a notícia bem objetiva e parava naquilo que era o estilo do jornal, então nós imediatamente íamos para a rua e essa notícia, manchete, às vezes um extra dado pelo Repórter Esso ou no horário habitual às 8 e 25 da manhã, minutos depois um de nós ou todos nós da equipe do Palut, já estávamos na rua cobrindo o acontecimento. Então aquela notícia virava uma reportagem de duas, três horas ou de dois ou três dias. Citei como exemplo o grande acidente, eu tô repetindo porque tá gravando, na Estação de Mangueira em que morreram mais de cem pessoas e mais de 800 feridos em estado muito grave. Um engavetamento de dois trens, então o Repórter Esso deu a notícia. E o que é que ele falou: E atenção nesse instante um engavetamento de trens na Estação de Mangueira, subúrbio da Central do Brasil, resulta em dezenas de mortos e centenas de feridos. Acabou a informação. Nós fomos todos para o local e lá permanecemos durante quatro dias, cobrindo o acontecimento, acompanhando as equipes médicas, que tiraram, muitas das pessoas presas nas ferragens eles amputaram braço ou perna para poder salvar o corpo, salvar a pessoa, ficou lá preso nas ferragens o braço ou a perna, que depois foi aparecer no Instituto Médico Legal. Então essa notícia, por exemplo, foi pautada para nós, pelo que estou lembrando, pelo Repórter Esso que deu em primeira mão a notícia, mas a grande cobertura que durou quatro dias fomos nós da continental que fizemos, e assim era em todos os outros assuntos. E às vezes, poucas vezes, uma determinada notícia iniciada por nós, por mim, por muitos de meus colegas cujos nomes você tem aí, pautava o Repórter Esso. Então havia uma inversão, mas raramente isso acontecia porque o objetivo primordial do Repórter Esso era o furo.

Flávia: E o senhor comentou também uma questão, que o ouvinte só acreditava ... ?

Saulo Gomes: O ouvinte do Rio de Janeiro só acreditava, só considerava a veracidade das notícias depois que Repórter Esso tivesse dado e nós dos Comandos Continental tivéssemos feito a cobertura. Aí era indiscutível, ninguém duvidava de nada.

Flávia: Só para tirar uma dúvida, nessa cobertura do acidente de Mangueira que o sr. comentou, vocês não ficaram quatro horas ininterruptas no ar?? ...

Saulo Gomes: Quatro dias ininterruptos....

Flávia: Quatro dias. Ininterruptos?

Saulo Gomes: Quatro dias ininterruptos. O esquema nosso era exatamente esse, o comercial quase que deixava de existir. Então a gente prosseguia o mais possível com a notícia até o Palut, que ficava na retaguarda, no estúdio, de encontrar um jeito, de acertar, porque ele se entendia com o comercial, o comercial avisava os anunciantes que iria dar uma compensação depois. Havia momentos que impedia, interrompia, evitava dar o comercial para a gente não parar e não perder o embalo né, que éramos muitos de nós no ar naquela hora, porque nesse momento essa equipe se espalhava, três, quatro num lugar, dois ou três na casa já de familiares, um outro já na central de polícia, um, dois ou três colegas já no pronto socorro ou outros hospitais para onde estavam sendo removidos os feridos, um ou dois colegas já no Instituto Médico Legal para registrar a chegada dos primeiros cadáveres, né, um outro repórter, no caso o Argolo de Sá que fazia o Senado, o Newton de Souza que fazia Polícia, o Fernando Salgado que fazia Câmara Federal, como repórteres, esses colegas, e na Prefeitura também, credenciado, que aí não lembro qual deles, se encarregava de ouvir imediatamente, durante a cobertura, a opinião das autoridades, cada um dos seus setores, secretário de saúde, secretário de segurança, o prefeito, o que vai ser feito agora? Olha, o Saulo está dizendo lá que já contam 108

cadáveres, que é que o instituto, ai já tinha um repórter no Instituto Médico Legal, que providencias estão sendo tomadas para receber daqui a pouco 108 cadáveres, que é o que a nossa equipe tá dizendo no local. Então havia essa cobertura, realmente era um negócio primoroso.

Flávia: Isso nas grandes coberturas. No dia-a-dia, normalmente era um repórter em cada acontecimento?

Saulo Gomes: Em cada setor, em cada acontecimento..

Flávia: Quando era necessário...

Saulo Gomes: Independente de todos nós, eu por exemplo, quando comecei em janeiro, o Fernando Salgado saiu da Câmara Federal eu passei a ser repórter da Câmara, e o Argolo de Sá no Senado da República. Quando havia um acontecimento desta ordem, todos nós éramos chamados em função daquele acontecimento.

Flávia: Eram mobilizados em função... ?

Saulo Gomes: Exatamente então na câmara não havia necessidade. Teve sessão à tarde e uma sessão extraordinária à noite. O Saulo não precisa estar lá. Então, enquanto não há necessidade lá, esteja aqui fazendo essa cobertura. E esse era o esquema nosso.

Flávia: E o senhor comentou que então a prioridade eram as reportagens ao vivo, simultâneas, e depois o material, o Carlos Palut...

Saulo Gomes: Que a noite se fazia um jornal...

Flávia: Ele escolhia os melhores assuntos...

Saulo Gomes: Exatamente, que se chamava “Os Comandos Continental” que ia durante à noite.

Flávia: Ah, e se chamava também “Comandos Continental” o jornal, e aí era ...?

Saulo Gomes: O slogan era: “Comandos Continental em Ação”.

Flávia: Era feito então uma edição do material. Não havia uma nova gravação de narração, não?

Saulo Gomes: Não, não...

Flávia: Tudo o original se mantinha, era só...

Saulo Gomes: Tudo. Alguém no estúdio chamando a matéria...

Flávia: Chamando a matéria...

Saulo Gomes: Tanto que eu aprendi essa edição, quando eu fui dirigir a Mayrink Veiga em 62 eu lancei no horário de 9 a meia noite, três horas de jornal, no mesmo esquema. Chamava-se “Frente Nacional de Reportagem”, onde eu usava todo material que tinha sido usado, feito durante o dia pelos outros colegas.

Flávia: Falando um pouquinho mais do início da sua carreira no rádio, o senhor contou que trabalhou em circo e em parque de diversões, por isso é que...

Saulo Gomes: Isso. Durante seis anos eu viajei e eu tinha um traquejo muito grande com o microfone, quando em dezembro de 55 a Continental anunciou o concurso para a escolha de um repórter que ia formar aquela equipe, dos Comandos do Palut, então o Newton de Souza, que era o repórter policial, que era chefe de reportagem, me chamou, me deu apoio, me incentivou para que eu fosse participar desse concurso...

Flávia: E aquela comparação que o sr. fez: várzea, seleção, que é interessante pra gente ter a dimensão...

Saulo Gomes: Exatamente. Então entrar na equipe dos “Comandos” da Continental nesse ano de 56 quando eu entrei, ela começou com o palut em 1951, era como se você em Londrina, em Ribeirão Preto, ou São Paulo, pegasse hoje um jogador de várzea, de futebol de várzea e colocasse ele na

seleção brasileira. Tinha a mesma importância. Era realmente uma grande seleção de radialistas, no jornalismo.

Flávia: Principalmente naquele tipo de jornalismo que o Palut...

Saulo Gomes: Exatamente que foi criado por ele....

Flávia: As recomendações que o senhor recebeu quando o senhor entrou na equipe?

Saulo Gomes: Cuidado com as palavras, primordial não chamava, até que fosse algum amigo seu o entrevistado, em nenhum momento chamar seu entrevistado de você. Sempre o entrevistado teria que ser chamado de senhor. É... evitar falar muita coisa desnecessária, ser bem objetivo, aproveitar o mais possível, o mais possível o tema com a notícia e não divagar, sempre em cima daquele tema, e sem limite de tempo.

Flávia: Sem limite de tempo?

Saulo Gomes: Sem limite de tempo, nós não tínhamos. O tempo, a variação era feita normalmente pela retaguarda, se necessário o Palut, se por algum motivo ele entendesse que algum de nós estava se estendendo muito em uma certa matéria, ele tinha o hábito de, ele era sempre atuante, sempre presente, de nos interromper com uma certa habilidade e dizer que ultimasse aquela matéria, o final daquela matéria porque já havia outras coisas novas para serem apresentadas por outros repórteres.

Flávia: Os bordões da época, as grande, que marcaram época e que existem até hoje, o senhor poderia lembrar de alguns?

Saulo Gomes: Foi o Palut quem lançou e nós cultivamos isso durante muitos anos expressões tipo assim: “falando de qualquer ponto da cidade”, “fala quem chamou”, então normalmente assim: e atenção nesse instante está havendo incêndio na rua x número tal, no bairro y do rio de Janeiro. Lá está o repórter Celso Garcia, ou lá está o repórter Saulo Gomes. Aí me chamavam, quando eu estava falando, às vezes, um outro colega já ligado a esse assunto, ou um outro acontecimento, precisava me interromper, então ele me chamava, “o Saulo Gomes”, só isso, eu já sabia que tinha alguém. Se eu reconhecia a voz, eu normalmente eu iria dizer: fala fulano. Mas a tendência, pra gente não se atrapalhar, era sempre: “Fala quem chamou”. Ai entrava, “olha Saulo, aqui é o Celso Garcia, eu estou aqui...” o Celso Garcia era um repórter que fez muita matéria geral, ele fez esporte, que lançou, que trouxe para o futebol, que era de Quintino, subúrbio do Rio de Janeiro, o Zico que era apelidado de Galinho de Quintino, ne.

Flávia: A orientação nesse início ou depois, havia algum assunto que era preocupação maior dos “Comandos” da Continental?

Saulo Gomes: Em verdade no Rio de Janeiro, eu só não sei dizer bem porque isso aconteceu, como nós éramos muito atuantes, acredito que foi por isso, estamos sempre em todos os acontecimentos, conseqüentemente uma sucessão de alguns grandes incêndios famosos ocorridos no mês de janeiro, o mais doloroso de todos foi em Niterói, Niterói, quando capital do Rio de Janeiro, foi um incêndio num circo¹⁰⁹ que morreram muitas pessoas, lógico, muitas crianças também. Então, o.... esqueci, você me perguntou?

Flávia: Se havia alguma preocupação específica com relação a algum assunto?

Saulo Gomes: Ah sim, então aí, todos os incêndios como eram cobertos por nós, de repente os bombeiros entenderam de nos pautar, então era, era, isso era rigoroso, como se tivesse sido feito um contrato, um acordo entre nós e os bombeiros. Havia uma chamada pra incêndio, imediatamente alguém da comunicação dos bombeiros comunicava a Continental, então era comum naquele época você pode ver algumas gravações que você tiver alcance à época, que sempre nós os “Comandos Continental” chegávamos junto com os bombeiros em alguns incêndios. E algumas vezes nós

¹⁰⁹ Dados do “Banco de Dados Folha – Almanaque Cotidiano” informa: **17.dez.1961** — Incêndio criminoso no “Gran-circo Norte-americano”, instalado em Niterói (RJ), durante apresentação vespertina mata 317 pessoas, a maioria delas crianças e mulheres, e mais de 300 ficam feridas. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/cotidiano60.htm> acesso em 19 de setembro de 2005

providenciávamos o socorro pedido, comunicando os bombeiros. A informação chegava primeiro pra nós, no momento em que um de nós saía da redação para cobrir o incêndio em algum lugar, automaticamente nós nos preocupávamos em avisar os bombeiros. Às vezes eles já tinham sido avisados por alguém, e se vale pro teu registro, uma coisa dolorosa com um colega da época, que virou piada, mas que era verdadeiro, sobre essa história de incêndio uma coisa muito interessante com o Celso Garcia, na vontade de falar muito e etc, o Celso foi cobrir um incêndio no Rio, começou dizendo assim: e atenção Palut, estamos nesse instante na rua tal, numero tal, estamos aqui para focalizar o principio de um grande incêndio. (risos) Acho que vale o registro?

Flávia: Com certeza, com certeza, o principio de um grande incêndio...

Saulo Gomes: E o pior pra ele é que o incêndio acabou rápido.

Flávia: Foi, foi só uma faísca... Então foi uma coisa natural essa ligação da Continental com o incêndio?

Saulo Gomes: Exatamente, coisa curiosa ne, então não existia, era, era, tanto que alguns de nós fomos, eu, Palut, o Caringi, alguns dos colegas fomos homenageados em mais de uma oportunidade pelos bombeiros do Rio de Janeiro.

Flávia: Ok, É... Preparação, a gente já falou um pouquinho anteriormente da questão técnica, mas a gente poderia talvez ...

Saulo Gomes: Da pauta?

Flávia: Não, da questão técnica, o que vocês tinham, como que essas transmissões eram feitas, é, em termos técnicos?

Saulo Gomes: Existe até uma revista que eu vou te mostrar que você vai ter uma idéia mais ou menos. Nós não dispúnhamos, naquela época você não tinha um gravador do tamanho desse (aponta o meu, que é um aparelho de MD medindo aproximadamente 8cm x 11 cm). Eu fiz um tiroteio em Maceió em 1957, meu gravador pesava seis quilos e meio, eu deixei de gravar no momento em que ele levou um tiro e eu perdi o resto da gravação. Eu gravei 12 minutos e pouco de um tiroteio que durou 15. É, então nós tínhamos, eram gravadores muito grandes, é, o processo de transmissão era todo ele por linha telefônica, eu guardo nos meus arquivos um pedaço de fio, com duas pecinhas, que se chamava jacaré, então aonde nós chegávamos, isso é curioso, até hoje no Rio de Janeiro você encontra em alguns lugares essa marca, determinada loja, residência, local onde o acontecimento havia ocorrido, nos chegávamos, pedíamos licença para usar uma linha de telefone, então nós raspávamos com uma gilete o fio na parede, e pegávamos esse jacarezinho e colocávamos um em cada, um no positivo e outro no negativo e o *plug* enfiava no gravador, ou na maletazinha de transmissão direta, porque fazíamos transmissão direta via telefone, dessa forma. Esse era o sistema que nós usávamos.

Flávia: E ai ficava meio preso ao lugar, porque não tinha como se movimentar?

Saulo Gomes: Meio preso ao lugar, exatamente. Para se movimentar, é pena que meu escritório está desmontado, mas eu tenho uma fotografia, acho que eu vou poder te mostrar, pena que o computador ta desligado. O microfone que nos usávamos para esses deslocamentos chamava-se um BTP...

Flávia: Como?

Saulo Gomes: BTP, Brasil, Transmissão e Povo.

Flávia: Certo, BTP.

Saulo Gomes: Era um aparelho de forma, era um microfone que se chamava portátil. Tinha mais ou menos assim uns 40 centímetros de altura, uns 30-40 centímetros, 10 por ai, de largura, com duas alças de ferro, era uma bateria e ele operava como um pequeno transmissor. Então um operador a uma certa distância, sintonizava o som desse microfone, até ajustar aquela sintonia e isso é que servia para nós fazermos as transmissões externas quando tínhamos que nos deslocar. Então um exemplo, eu estou agora aqui contigo usando essa linha telefônica e a alguns metros dali, não mais do que 400 metros, 500, 300 metros, havia um colega com esse aparelho chamado BTP.

Flávia: E voces tinham muitos desses, era bastante utilizado?

Saulo Gomes: Nós tínhamos dois aparelhos.

Flávia: Dois, no mais era mesmo microfon

Saulo Gomes: Tínhamos dois, os dois primeiros equipamentos de reportagem que surgiram chamados, eram dois caminhões, era uma camionete Dodge e era um furgão Dodge, onde tinha um equipamento de FM, foi o primeiro equipamento de FM que nós conhecemos, acho que é isso que vc está querendo saber, como nós transmitíamos? Então, transmitíamos direto desses carros em movimento, através dos aparelhos de FM, que não eram compactos, lógico, como os de agora, era um aparelho que correspondia mais ou menos a metade desse armário, nessa altura aqui, então um metro e meio de altura por uns 80 centímetros de largura. No fim era um *rack* né.

Flávia: É por isso que ficava numa caminhonete?

Saulo Gomes: Exato, tinha que ficar numa caminhonete, não tinha como ser retirado dali para lugar nenhum. Então era um microfone do tipo clássico, do botãozinho, que apertava, chamava, depois soltava o microfone para ouvir o retorno, a resposta do colega.

Flávia: Eu me lembro que na fita do Banco do Brasil, eu não sei se foi o sr. ou se foi alguém, algum dos entrevistados que comentou do trabalho técnico de alguém específico...

Saulo Gomes: Eu comentei, foi a transmissão, eu tenho a fotografia aí, foi a transmissão do carnaval de 1957, se não me engano, depois eu vejo lá, não de 56, desculpe...

Flávia: Que o senhor ganhou o prêmio ...?

Saulo Gomes: Exatamente, foi a primeira vez que se fez uma transmissão no carnaval, conseguimos fazer uma transmissão do baile de carnaval de Belém do Pará, e o operador que montou a parafernália para fazer isso que você está falando, esse equipamento, chamava-se Carlos Campanela, que já morreu também, então é isso que eu falo na minha gravação. Carlos Campaneta, eu tenho a fotografia e vou te mostrar, dessa transmissão, e foi um acontecimento fantástico, termos conseguido transmitir uma notícia sobre o carnaval, vários boletins direto de Belém do Pará para o Rio de Janeiro.

Flávia: Via telefone, também...

Saulo Gomes: Via telefone.

Flávia: Perfeito...

Saulo Gomes: E um detalhe mais que se usava na época, dentro dos recursos técnicos, vou te dar um exemplo do Paraná, quando eu fui fazer uma cobertura no Paraná em 63, um grande incêndio acusado pelo governador do Estado, que era o Nei Braga, por exemplo, eu peguei a Rádio Clube do Paraná, isso nós fazíamos noutros lugares também, quando nós tínhamos uma cobertura que ia demorar muito, sujeita a demorar muitas horas, então nós solicitávamos o apoio do colega com a sua onda curta, então a emissora daquela cidade, eu citei a Rádio Clube do Paraná porque lá aconteceu, separava a sua transmissão e deixava de fazer a sua programação naquela onda curta e me cedia, porque só essa onda curta era ouvida no Rio de Janeiro, e eu tinha o retorno pela onda curta da minha rádio, então nós conversávamos via onda curta, a transmissão era por onda curta, e onda média, né.

Flávia: Perfeito. É..., com relação, o senhor já me falou várias na primeira gravação que eu perdi e agora também, e eu vi também no site, vários, Alagoas, o senhor esteve presente, em outros lugares, era comum...

Saulo Gomes: Em Maceió...

Flávia: É, era comum essas viagens, a equipe viajava muito?

Saulo Gomes: Viajava muito, principalmente repórter como eu. O Palut, por incrível que pareça até que não viajava muito, porque ele era o diretor e precisava, a presença dele era importante na retaguarda. Mas assim que eu cheguei eu fui o repórter que mais se pautou para os acontecimentos fora do Rio de Janeiro. Aí entra, haja vista eu comecei em 14 de janeiro de 56 no microfone, o concurso foi em 55, em dezembro, e dia 13 de setembro de 57 eu estava em Maceió, foi um tiroteio que resultou em 11 pessoas passadas às armas. Uma morreu de imediato, chamado deputado

Humberto Mendes, o Marcio Moreira Alves, jornalista, levou um tiro de 45 na perna, e havia funcionários e deputados gravemente feridos, todos baleados, total de 11 pessoas. Eu sou um dos sobreviventes, mas trouxe pro meu arquivo a gravação que aí está.

Flávia: Portanto, o senhor já me falou isso também bastante na outra gravação, eu quero retomar para juntar com isso. É, o status dos repórteres era muito grande, ele era muito requisitado...

Saulo Gomes: Muito requisitado...

Flávia: Havia um glamour ?

Saulo Gomes: Exatamente, havia, por outro lado, também nós éramos chamados sempre, não se sabia tanto, de tantas falcaturas como hoje, né. Mas as que existiam também nesse aspecto era muito curioso. Muitas denúncias graves vinham a nós. Nós éramos escolhidos para determinadas denúncias e eu posso citar o grande exemplo, em 58, Juscelino era o presidente, o chefe de polícia do Rio de Janeiro chamava-se general Amauri Kruehl, que em 64 era o comandante do Segundo Exército de São Paulo que aderiu ao movimento que deu (?). E eu lancei no programa às 9 horas da noite na rádio Continental cujo título era “corrupção na polícia”. Então o título já assustava e já era, um susto muito grande né. E nós tínhamos né, rapidamente nós ganhamos uma grande audiência com isso. Então o que eu comecei a fazer nesse programa: uma série de denúncias sobre fatos que hoje ainda acontecem muito, mostrando e provando o envolvimento aquela época, era envolvimento de policiais e do chefe de polícia que caiu 48 horas depois de fechar, tirar o meu programa do ar e fechar a nossa rádio, o Amauri Kruehl, foi demitido pelo próprio presidente, exonerado pelo presidente Juscelino Kubitschek, que o havia nomeado porque nós provamos no ar, lendo um caderno que chegou às minhas mãos onde tinha o nome dos bicheiros, quanto cada bicheiro e banqueiro do bicho dava, quais os policiais que recebiam, quais os delegados, quais as delegacias que a toda semana recebiam e quanto, culminando com o chefe de polícia que recebia a cota maior, chefe de polícia da capital federal. Então havia também esse aspecto, de algumas grandes denúncias que nós fazíamos, né. A Continental inaugurou ainda na década de 60, um pouquinho antes, eu não coloquei o nome aí (uma lista de nomes dos que trabalharam na Continental que me foi entregue antes da entrevista) um rapaz que não começou com o Palut lá atrás, chamado Raulino Goulart, chamava-se “O Repórter e a Dona de Casa”.

Flávia: “O Repórter e a dona de casa”?

Saulo Gomes: O trabalho dele era exclusivamente nas feiras, nos armazéns, não se falava em supermercado, nos armazéns, nas feiras livres, etc, denunciando aqueles que estavam burlando a tabela ou até escondendo determinados produtos pra poder cobrar mais caro depois né. Então chamava-se “O Repórter e a Dona de Casa”. Raulino Goulart, não sei se está vivo.

Flávia: É, é, inclusive naquele livro que eu comentei do Mauro ele diz que nessa época, final da década de 50 e década de 60, a importância era tão grande dos repórteres que faziam esse tipo de reportagem, que se o presidente ia viajar, na sua comitiva ele chamava esses repórteres...

Saulo Gomes: Exatamente...

Flávia: Hoje em dia, eles chamam gente de TV ...

Saulo Gomes: O Juscelino inaugurou isso de uma forma até muito curiosa, quem cobria o palácio do governo era o Paulo Carangi, então ele ficou durante vários anos, era o repórter credenciado, a Globo tinha o seu, a Rádio Nacional, que era do governo, também tinha lá um repórter, que se não me engano se chamava Leonil Mesquita, que era o grande redator do Repórter Esso né, então o presidente viajava, então era comum vir para as emissoras o convite para que os repórteres credenciados acompanhassem e o Juscelino inovou uma coisa bem curiosa, bem interessante. Pra evitar o tumulto, oito ou dez repórteres, ou mais credenciados, na hora do pronunciamento do presidente, quando não era pronunciamento pela agência nacional, era aquele tumulto, todo mundo disputando, eu quero ser o primeiro, colocava o microfone

Flávia: Um empurra-empurra né....

Saulo Gomes: Um empurra-empurra, então acabou cada pronunciamento do presidente que não era pela agência Nacional, uma emissora das credenciadas era escalada para fazer. Então a Continental

com Paulo Caringi grava hoje esse pronunciamento do presidente e essa gravação era imediatamente distribuída a todas as emissoras, na outra semana ou outro acontecimento era a Globo, Nacional, Mauá e assim sucessivamente.

Flávia: Vamos falar um pouquinho agora da carreira do senhor. A cobertura do carnaval, que foi inclusive seu primeiro prêmio como repórter, o senhor poderia contar um pouquinho mais, com mais detalhes, como que foi.

Saulo Gomes: Foi em 1956, eu tinha começado em janeiro de 56, uns 50 dias mais ou menos depois ocorreu a cobertura de carnaval. Como havia uma ânsia muito grande dentro de mim, de jovem e o fato de estar com a emoção de participar da grande equipe do Pallut eu tinha que mostrar serviço. Eu era credenciado já na câmara desde o dia em que eu comecei no microfone, dia 14 de janeiro de 56, então no carnaval todos nós éramos chamados e mais alguns extras que eram contratados pelas emissoras para cobrir, os chamados setoristas, cobrir determinados, ser informante de determinados bairros, o carnaval do rio era muito diversificado, como ainda é hoje, não se fala, mas ainda é muito diversificado. Então eu fui escalado para, considerado ainda hoje o maior hospital do Rio de Janeiro, o Hospital Souza Aguiar. Então o Souza Aguiar concentrava as notícias todas, e o carnaval nosso era muito acidentado, nós tínhamos o recorde absoluto de, muito grande, um número muito grande de crianças desaparecidas no carnaval e de muitos feridos, não? Então o Souza Aguiar, como era o hospital central e até hoje existe na Praça da República no Rio de Janeiro, todos os acidentes que resultavam em feridos graves, nos hospitais da rede municipal, nos bairros, subúrbios do rio, os graves eram transferidos pra lá, era sempre a instância maior, daí a importância do setor. Como eu estava lá muito novo, percebia, e a vontade de aparecer e de fazer, eu comecei a fazer a minha cobertura escalado que estava, começava de manhã, passava o dia inteiro transmitindo até meia noite e parava porque o carnaval não podia ter turno de seis horas de trabalho, nem oito, era o mais possível, só que entre meia noite e duas da manhã, logo no primeiro dia, todas as rádios que estavam ali, a Rádio Mauá, Nacional, Tupi do Rio de Janeiro, Guanabara, Rádio Copacabana, as que eu lembro mais ou menos, cobrindo o acontecimento, entre meia noite e duas da manhã todos os repórteres foram embora, iam embora, pra eles acabava a missão, cumpriam o seu plantão e eu resolvi ficar, então o que eu fiz, que é uma foto que aparece aí, por isso eu tenho o recorde de 75 horas e 45 minutos no microfone ininterruptos, eu peguei todos esses telefone que correspondiam cada um deles a uma linha telefônica direta, e o meu técnico, a meu pedido, transmitiu, transferiu todos os terminais desses telefones para minha emissora. Então eu tinha seis, oito telefones a minha disposição através do qual eu recebia informação de todo lugar, informações que deviam vir pras outras rádios, mas que não tinha ninguém lá. Porque como é natural tinha também os ouvintes que preferiam essa e aquela emissora, então eu absorvia isso, trabalhava, preparava a notícia, uma máquina de escrever, rascunhava alguma coisa e o tempo todo falando. Por isso o recorde, cuja fotografia eu vou te mostrar, esta aí, de 75 horas e 45 minutos. Foi a minha primeira grande jornada que me premiou naquele ano e que deu, me deu assim um nome de destaque na equipe e o Palut que era um extraordinário profissional gostou do meu jeito, do meu esforço e a partir daí eu passei a ser um dos repórteres mais atuantes na sua equipe.

Flávia: O senhor ficava lá, no hospital, e os outros repórteres da equipe rodando o restante do carnaval.

Saulo Gomes: Fazendo a rotina, baile no municipal, bailes de alguns clubes, o desfile das escolas de samba aqui, o desfile dos carros alegóricos, que é o que marca o carnaval do Rio, existe mas não se fala na televisão, mas existe até hoje e a televisão não dá cobertura. Então no Rio nos tínhamos o desfile de frevos num bairro, tava lá uma equipe cobrindo, o desfile de ranchos na outra, num outro bairro, tava lá outra equipe cobrindo, os chamados carros alegóricos, os clubes tradicionais do Rio de Janeiro Tenente do Diabo, Feniano. Desses resta hoje o Bola Preta, que é o mais famoso de todos. Todos esses eram instituições carnavalescas que faziam os grandes desfiles do Rio, concursos com carros alegóricos, com artistas e gente fantasiada, cantando suas músicas, etc. Então esses repórteres continuavam cobrindo cada um isoladamente seu setor, mas eu sozinho no hospital absorvendo até o que vinha de lá na hora que havia um acidente com algum ferido que vinha parar nesse hospital. Por isso eu tive matéria prima para durante setenta e tantas horas, setenta e cinco horas e pouco ficar no ar. E tive fôlego né, que ajudou.

(... comentários à parte sobre longas coberturas e o que isso causa na voz)

Flávia: O senhor contou, eu não sei se foi nessa gravação ou na primeira, por isso que eu queria retomar o episódio da Assembléia Legislativa de Alagoas, o senhor falou, foi nessa que o senhor falou que levou um tiro?

Saulo Gomes: Foi Marcio Moreira Alves que foi baleado, jornalista, que anos depois era deputado que gerou o AI 5 em 68. Eu estava em uma cobertura de um acontecimento, invasão de fazendas num município chamado Ribeirão, três horas distantes de Recife, onde havia morrido alguns caboclos, plantadores, colhedores de cana de uma fazenda e quando eu regresssei dessa cobertura, e estava no hotel à noite, hotel Guararapes, um senador (pequena pausa) cujo nome já lembro já já pra você, e um deputado federal de Alagoas me viram no hotel e disseram: olha dia 13 de setembro, que era uma sexta feira, isso era fim de agosto, por isso o título da minha reportagem era *Nasci na sexta feira, 13*, eu coloquei na época. Eles disseram dia 13 nós vamos votar o impeachment do governador Muniz Falcão e se ele resistir, mesmo que tenha que morrer gente nós vamos votar o impeachment dele. Então, você é um garoto atuante, você vai pra lá que você vai fazer uma boa reportagem. Eu fui com isso guardado pro Rio de Janeiro, eu procurei o Palut e comuniquei a direção: vai haver uma assembléia em Maceió onde vão tentar votar o impeachment do governador e a previsão é que haverá tiroteio.

Flávia: Não deu outra...

Saulo Gomes: Ai me deram a passagem. Consegui viajar pra lá. Fui eu e o Marcio Moreira Alves no mesmo avião. Desceu em Recife no dia 13, de manhã cedo, lá pegamos um pequeno avião, DC3 para chegar a Maceió, oito horas da manhã estava em Maceió. Até porque eu sou o único repórter que ainda está vivo que tem uma credencial do palácio, da Assembléia, é esse senhor que está aqui, comigo, essa credencial. Nós chegamos de manhã cedo, consegui as credenciais. Às 3 horas, duas horas já estava dentro da assembléia. Só que às nove da manhã eu vi que o presidente da Assembléia chamado Lamemba Filho mandou fazer uma espécie, colocar sacos de areia, para fazer junto à mesa diretora da casa uma, uma trincheira. Eu achei aquilo estranho, então mandei fazer uma pra mim também, porque disseram que eles podem chegar atirando e nós temos que estar prevenidos e foram esses sacos de areia que salvaram a minha vida.

Flávia: Ai o sr. fez um lugar de onde seria transmitido ...

Saulo Gomes: Que era ao lado da mesa diretora, né. Quando, a sessão começaria às 3 e 14, às 3 horas em ponto chegaram os deputados do governo. Apesar do grande calor de 35 ou 40 graus naquela tarde em Maceió, e até hoje a cidade é muito quente, todos os deputados do governo chegaram vestindo uma, uma, uma capa de chantum comprida, até o joelho, que embaixo de cada capa havia uma metralhadora. Entraram atirando no plenário e o líder do governo, chamado Humberto Mendes que vinha à frente, foi baleado, morreu na hora e 11 outras pessoas ficaram feridos inclusive o jornalista Marcio Moreira Alves. O feito meu é que eu gravei tudo isso, consegui pelo único meio de comunicação, horas depois, chamava-se Rádio Jornal, um transmissor com um pouco de gasolina que existia dentro da agência, com um pouco de, de, de, dos correios e telégrafos de Maceió, com uma patrulha do exército me protegendo para não me matarem, eu consegui, por ordem do coronel Carlos Luiz Guedes que era o comandante, já morto também, eu consegui colocar meu gravador com esta gravação nesse transmissor e com um pouco de gasolina que tinha, foi o único meio de comunicação com a capital da República, não para os meios oficiais, o exército tinha as suas emissoras, lógico né, eu digo particular. Então eu usei os últimos instantes que pude, os minutos, o resto da gasolina para esse gerador fazer funcionar aquele transmissor da Rádio Jornal e consegui então botar no Rio de Janeiro, na Rádio Continental, a minha gravação do tiroteio, em que até no noticiário do Repórter Esso eu aparecia horas antes como morto. Ele falava uma relação de várias pessoas mortas e dava o jornalista morto e dava meu nome e não era verdade. Então essa, isso é um fato histórico né.

Flávia: Foi esse que o senhor documentou, durou 15 o senhor gravou 12.

Saulo Gomes: 12 minutos e 45 segundos

Flávia: E ai o gravador levou um tiro e o senhor teve que parar.

Saulo Gomes: Levou o tiro e tive que parar o meu trabalho. Com um outro gravador, como era natural em uma reportagem assim a gente levava sempre mais equipamento né. O outro gravador que você vai ver as fotografias aí, dentro do Palácio, dentro da Rádio Jornal eu transmiti a gravação do tiroteio, que está no nosso arquivo.

(Depois da entrevista, nós pedimos uma cópia dessa gravação, mas infelizmente não conseguimos ter acesso)

Flávia: E aí a gravação que foi transmitida foi a original...

Saulo Gomes: A original do jeito que estava...

Flávia: O barulheiro e o senhor gravando...

Saulo Gomes: Barulho, tiros, você ouve o barulho de tiros, como você ouve, já que você ouviu Deodoro, você vê a minha voz ali. Eu estava sufocado, tanto calor que se desprendia do fogaréu, dos, dos

Flávia: Dos projeteis...

Saulo Gomes: Exatamente, esqueci o nome que se dá, onde, onde estão guardados, os silos onde estão guardados as armas, né, as armas e as balas. O calor era infernal lá em Deodoro, eu estava me sentindo mal com aquele calor.

Flávia: Ai eu preciso voltar num ponto que a gente já falou, mas que infelizmente está perdido. A questão da pauta. O sr. comentou que...

Saulo Gomes: Nós nos pautávamos...

Flávia: Os repórteres se pautavam...

Saulo Gomes: Normalmente, normalmente. Raramente vinha, lógico havia determinadas solicitações, às vezes o diretor era chamado pelo dono da rádio que era um político, o Rubens Berardo Carneiro da Cunha que foi deputado federal e vice-governador do Rio, então as vezes o Palut era chamado com algum interesse, com alguma entrevista com alguma personalidade, uma autoridade ou um político, então um de nós era chamado para fazer aquela entrevista, mas via de regra, cada um de nós tinha o seu caderninho, os seus contatos, os seus ouvintes, os seus fãs, os seus amigos, e portanto seus informantes. Então nós nos pautávamos e por isso é que sempre você vê na história do rádio que nós éramos realmente os primeiros em tudo, sempre, sempre.

Flávia: Ainda hoje se fala muito nisso, o cultivo das suas fontes...

Saulo Gomes: Exatamente,

Flávia: Mas hoje nem tanto, isso perdeu-se um pouco, naquela época era imprescindível...

Saulo Gomes: Era Imprescindível.

Flávia: Não tinha outra forma de...

Saulo Gomes: Não tinha outra forma, aquilo que te falei, se eu fiz uma cobertura de carnaval durante quatro dias dentro do hospital Souza Aguiar, no dia em que eu saí de lá, depois do carnaval, até porque eu virei notícia, pelo que eu fiz, então eu tinha enfermeiro, uma telefonista, um médico, um funcionário, um diretor de uma ala qualquer, enfim uma série de pessoas que ficaram minhas amigas, que ficaram com o meu telefone, não meu, da minha rádio, então havia um artista, uma personalidade, uma pessoa famosa vítima de um acidente lá sendo socorrida eu era sempre um dos primeiros a ser informado. E isso acontecia comigo e com todos os meus colegas em todos os seus setores de atividades. Política e não, né, administrativa ou não.

Flávia: Um outro fato interessante da sua biografia foi em 1958 quando o senhor furou todo mundo e entrevistou a seleção brasileira.

Saulo Gomes: Ah sim, usando o tal microfone que eu falei a pouco, o BTP. Eu fui na véspera para o aeroporto, escalado para cobrir. A previsão era a chegada do avião dos campeões do mundo, era a Panair do Brasil, que tinha o maior avião na época, que estava vindo da Suécia trazendo os nossos

campeões, que era o chamado *Constellations*, o *Constellations* da Pan-air do Brasil, então a previsão era 10 horas da manhã todos estarem desembarcando. Só desembarcaram por volta de uma, duas horas da tarde porque eles fizeram uma escala técnica em Recife e lá demorou muito por causa das homenagens, aos campeões, etc. Então eu naquela, a exemplo do carnaval de dois anos anteriores, na ânsia de aparecer, de fazer diferente, eu não esperei ir no dia seguinte para o aeroporto, eu já fui na véspera. Fiquei à noite no aeroporto, tive a idéia de arranjar um macacão, achei que poderia ser um bom disfarce eu me vestir de mecânico. Então por volta de 3 ou 4 horas da manhã eu vi todos os funcionários no galpão da Panair do Brasil tinham ido embora, passavam por mim no aeroporto, cada um com seu pacotinho, sua bolsinha, indo embora. Então vi que ficou uma luz acesa, passando por perto no hangar vi que estava vazio, entrei, dei sorte que encontrei um armário aberto onde havia vários macacões. O primeiro dava uns quatro de mim dentro, eu apanhei e levei comigo. Às seis da manhã eu vesti esse macacão e me coloquei no meio de 38 mecânicos e nenhum me perguntava quem era eu. E dentro desse macacão, amarrado na cintura eu tinha esse aparelho, que eu dizia a pouco, o BTP e assim eu permaneci até a chegada do avião, quando no rádio deu a informação, meus colegas, que o avião estava deixando Recife, eu já sabia que restava duas, três horas para chegar ao Rio de Janeiro. Eu aí me desloquei atravessei várias pistas, veja o risco de, de morrer ...

Flávia: De um acidente...

Saulo Gomes: Um acidente, atravessei várias pistas e fiquei num sol escaldante mais de 4 ou cinco horas, entre duas pistas, na parte de grama, deitado para não ser visto pelas autoridades, esperando o avião descer. Quando o avião desceu eu me encaminhei para essa fila, entrei na fila que era dos, reservado aos 38, e agora 39 mecânicos, assim que abriu a porta do comandante, alguém estava escalado para ir fazer a manutenção daquele lado. Eu tomei a frente dele, subi as escadas, ao entrar no avião, a primeira coisa eu tirei a carteira, que tinha uns 80 centímetros, tirei o aparelho da cintura, liguei e comecei a falar e aí o grande furo, a grande notícia...

Flávia: E era comum...

Saulo Gomes: Entrevistando jogadores...

Flávia: Jogadores que tinham sido campeões.

Saulo Gomes: E tem um fato até interessante. Juscelino, o presidente estava no palácio aguardando a delegação para fazer as homenagens, então o vice-presidente era o João Goulart que estava no primeiro, no alto da escada colocada na porta de saída do avião aguardando a abertura da porta para a saída dos jogadores. Quando abriu a porta, ao invés de Pelé, Didi, Garrincha, o primeiro cara que saiu era eu, muito magro, muito pálido, muito abatido, todo sujo, vestido com um macacão, com aquele microfone. Aí ele se espantou. Eu disse presidente pra ser repórter também tem que ser mecânico. Está gravado, aí eu comecei a entrevista com ele que representava o presidente da república.

Flávia: Perfeito. E era comum esse tipo de, usar disfarce, buscar essas...

Saulo Gomes: Era comum, era comum, muitos colegas, muitos de nós em algumas estações, passados alguns anos para fazer uma cobertura sobre o caso Sacopã, por exemplo, eu entrei numa fazenda usando uma carteirinha de engenheiro agrimensor. Eu me apresentei ao capataz numa fazenda, dizendo que queria caçar serviço naquela região. Com isso eu consegui ficar numa fazenda próxima a essa cujo o capataz eu abordei durante dois dias esperando chegar o homem-chave que eu esperava, o advogado do diabo, Leopoldo Heitor, porque eu sabia que ele ia se hospedar naquela fazenda. Então esse tipo de disfarce, carteira de médico, de advogado, de odontólogo, eu fui duas ou três vezes corretor de imóveis, uma vez para desbaratar uma gangue de traficantes, de traficantes não, de contrabandistas do Rio na praia de Botafogo, eu visitei um apartamento da mulher de um cidadão envolvido na gangue, três dias seguidos levando propostas de, e mapas, oferecendo loteamento num bairro do Rio de Janeiro, me passando por corretor. E aí me deram corda porque eles tinham dinheiro e eles tinham vontade de comprar naquela região. Então esse tipo de coisa nos sempre fizemos.

(Pausa na gravação para um cafezinho...)

Flávia: Deixa eu ver onde a gente estava, a gente estava falando da pauta. Foi o nosso último assunto. (pausa) Ah!, da seleção o senhor me contou que era comum o uso de algumas vezes se passar por outra pessoa para conseguir ...

Saulo Gomes: Exatamente, naquele dia por exemplo eu era mecânico da Panair ...

Flávia: E conseguiu o furo...

Saulo Gomes: Se fosse hoje Flávia, uma agência comigo ganharia um dinheirão, porque o uniforme, eu apareci dando entrevista em muitos lugares até em televisão e aparecia aqui (mostra o lado esquerdo do peito) Panair, era um comercial.

Flávia: O senhor foi que ano para a Mayrink Veiga?

Saulo Gomes: Eu fui em 62.

Flávia: 62. Portanto ficou seis anos na equipe do Palut...

Saulo Gomes: É, por ai, mais ou menos.

Flávia: E lá o senhor foi dirigir o departamento de Jornalismo...

Saulo Gomes: Mas antes disso, eu fui dirigir, criamos uma equipe chamado “Os Vigilantes da Mayrink”. E aí eu tenho dois grandes acontecimentos. Carnaval de 64, que eu organizei, pouco antes do movimento militar. Eu bati um recorde de horas no microfone, eu permaneci no ar 90 horas ininterruptas. Então esse é um outro recorde que eu tenho...

Flávia: Transmitindo carnaval

Saulo Gomes: Transmitindo carnaval. Carnaval de 64. Então, é, qual foi minha grande realização: eu fui disputar o carnaval de 64 em que o Rio de Janeiro, como até hoje, a disputa nas equipes é muito grande. Carnaval é uma cobertura que todo mundo disputa. Dá prêmios para a cobertura. Tem prêmios para o melhor repórter de carnaval. Eu sempre tive a felicidade de ganhar eles todos, nos 10 anos que eu cobri carnaval do Rio. Então a minha batalha, a minha luta era ganhar profissionalmente dos meus colegas opositores: Ari Vizeu, que dirigia a equipe da Rádio Nacional naquele carnaval, o Jorge, Jorge Sampaio, que dirigia a equipe da Tupi, da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, é, um outro colega que dirigia a rádio Mauá, que eu não arrisco o nome dele agora, e eu que estava no microfone da Mayrink Veiga disputando com todos os colegas que tinham sido meus chefes ou colegas. Então havia um interesse muito grande em ganhar aquela cobertura de carnaval o que eu consegui com fôlego de 90 horas, inovando da seguinte forma: Foi a primeira equipe que criou um hino próprio para cantar no carnaval e depois do segundo dia, vários blocos no Rio cantavam o nosso hino, dos *Vigilantes*, que instituiu a colocação de camisetas identificando *Vigilantes da Mayrink*, quando terminou a quarta feira de cinza, meio dia, a abertura do nosso carnaval no rio é feita com o Bola Preta e ao meio dia fecha com Bola Preta, com o bloco intitulado *O que eu vou dizer em casa*. São os presos, que são pessoas presas durante o carnaval que são soltas só ao meio dia, né. Então a minha equipe desfilou na quarta feira de cinza de 64 com esse bloco do *Bola Preta* e com o pessoal do *O que é que eu vou dizer em casa* porque nós somamos mais de 200 profissionais, técnicos, repórteres, redatores, informantes, colaboradores, vestindo a camisa dos vigilantes, com o nosso hino sendo cantando pelo povo do Rio. E o grande momento, dramático e fantástico dessa cobertura, é que para eu cobrir as 90 horas, eu durante um mês, eu e todos os repórteres que iam pra rua, eu mandava entrevistar pessoas importantes ligados a história do carnaval: músicos, cantores, autores, etc. Dentre esses, para eu ter com que preencher todas aquelas horas que eu me propunha a transmitir sem toca disco, o que eu fiz nas 90 horas de 64. E um dos meus entrevistados foi o Ary Barroso. E ele começa dizendo mais ou menos assim: se eu morrer nesse carnaval vocês não chorem por mim porque eu sou um compositor, sou um homem do carnaval, sou um homem do povo. Ary Barroso, mesmo dizendo isso, se eu morrer nesse carnaval não chorem por mim. Aí eu descrevi um pouquinho quem era ele e começou com a sua música cantada pelo Jamelão a dedilhar, a bater no piano, uma das suas músicas clássicas que foi gravação de Jamelão, essa gravação ficou guardada quase um mês, como todas as outras, na prateleira, em determinado momento em que estava sujeito a ter algum vazão eu mandava o operador: pega aquela gravação, põe aqui no ponto. Eu chamava como se a pessoa tivesse falando naquela hora. Por volta de 9 ou 10 horas da noite, no meio do desfile das escolas de samba, estourou a grande notícia.

Um colega meu furou dando a notícia: acaba de falecer Ary Barroso na casa de saúde tal. Eu corri e peguei esta gravação, deixei no ponto, entrei no microfone, mandei cortar microfone de todo mundo, deixei um silêncio de alguns segundos no ar e dei só essa manchete: e atenção acaba de morrer, os vigilantes da Mayrink informa, acaba de morrer Ary Barroso. Antes ele deixa essa entrevista exclusiva conosco. Eu solto essa entrevista dele. Que era um negócio fantástico.

Flávia: Olha eu cheguei a arrepiar...

Saulo Gomes: Fantástico. Esse é um negócio marcante na história do carnaval. Então com isso a minha equipe chamada *Os vigilantes da Mayrink* ganhou corpo, ganhou fama e veio substituir, felizmente, desculpe o jeito de dizer, e veio substituir pra melhor a minha equipe original que era os *Comandos Continental* que já não existiam mais com a mesma força, porque por vários motivos a equipe havia se dispersado, outros chegado, o Palut se desiludiu, ele teve uns problemas de ordem pessoal que não cabe comentar agora aqui, que então fez com que ele se degenerasse, se perdesse, se desmotivasse.

Flávia: Que ano mais ou menos isso aconteceu?

Saulo Gomes: Isso é 64, então até aí Palut já não era aquela força, a equipe dos *Comandos*, teve mudança na rádio e já não era mais a mesma coisa. Então por isso que a equipe dos *Vigilantes*, que eu, aluno do Palut, tornei-me um elemento de proa no jornalismo de rádio em 64 com essa cobertura.

Flávia: O sr. comentou na primeira gravação, um pouquinho disso, aquela que a gente perdeu, que pegando os ensinamentos do Palut o senhor os aplicou na *Continental*, então além de criar esse grupo, mais alguma coisa....?

Saulo Gomes: Não, não, eu só não podia usar os *Comandos Continental*

Flávia: Sim, mas o sr. ...?

Saulo Gomes: Não podia usar os *Comandos*, mas criei os *Vigilantes*.

Flávia: Os *vigilantes*..

Saulo Gomes: Que deu certo o nome, né.

Flávia: E aí era a mesma coisa, a mesma filosofia?

Saulo Gomes: Era a mesma filosofia, o mesmo esquema, por isso que eu te falei, a noite o que eu fazia? De 9 a meia noite eu pegava um resumo de tudo o que tinha sido feito durante o dia e transformava num grande noticiário chamado *Frente Nacional de Reportagem*, que eu te disse a pouco, onde você tinha todas as reportagens do dia sintetizadas com as entrevistas e etc.

Flávia: E eram longas? Ali também manteve-se a filosofia de não tem tempo mínimo...?

Saulo Gomes: Não tinha tempo mínimo, aí a gente dosava dentro das três horas as mais e menos importantes.

Flávia: Sim perfeito, e chegava a reproduzir alguma na íntegra ou não todas eram editadas?

Saulo Gomes: Algumas sim, dependendo do assunto, né. Por exemplo, eu participei de grandes casos, que foi o caso Aida Cury, um dos grandes crimes do rio, Edifício Rio Nobre, na década de 50, quando houve o julgamento do Ronaldo foi uma gravação minha que está aí, uma das que eu vou te mandar, que serviu de base para a grande acusação que culminou com a condenação do Ronaldo Castro a 46 anos e meio de cadeia na época. Depois é que foi reformada a sentença. Então, o caso Aída Cury foi um deles, o caso da fera da Penha, que eu te citei, que é de junho de 1960. A confissão foi comigo. Então havia muito do que eu ti falei a pouco. Quer dizer, ninguém me mandou. Palut não me mandou cobrir a fera da Penha. Eu soube do crime, um informante meu me deu a notícia, eu fui o primeiro a chegar a casa, fui o primeiro a chegar a delegacia de polícia e fui o único que conseguiu a confissão dela.

Flávia: Então havia essa, esse empreendedorismo, vamos chamar assim, do repórter, ele tinha que se virar. Hoje em dia tem muito repórter que chega, senta e pergunta o que tem pra mim...

Saulo Gomes: Exatamente, e o pior o que eu cansado de ver, vi isso recentemente na Record e Bandeirantes, dele chegar e dizer olha a sua entrevista você vai ter que fazer a sua entrevista até duas horas porque as duas e meia eu tenho que ir embora e vem o substituto, e é comum, vc sabe hoje não é Flávia, lamentavelmente, não tinha isso no nosso tempo, eu estava te entrevistado aqui, alguém me deu a notícia, de alguma forma, que um grande, um acontecimento muito grande estava ocorrendo acolá, eu acertava com você, um jeito de já que a sua entrevista estava sendo gravada para daqui a pouco ou combinamos pra você entrar direto no ar, eu corria para aquela prioridade se não tinha ninguém para cobrir. Hoje você tem um repórter aqui te entrevistando, alguém fala que tem um grande acontecimento, um incêndio, uma fuga da Febem ou coisa parecida e ele se limita, quando muito, é ligar e avisar o chefe dele, tá tendo aqui do lado uma fuga de preso.

Flávia: Os famosos filhos da pauta... (risos)

Saulo Gomes: É verdade

Flávia: O sr comentou uma coisa que eu gostaria de explorar um pouquinho mais. Desse preparativo que o senhor fez para o carnaval de 64, dessas gravações, durante, ao longo de uma mês antes...

Saulo Gomes: Até porque durante o carnaval eu não iria encontrar esses artistas, compositores, autores para entrevistar e pra gravar...

Flávia: Exatamente, esse tipo de preparação já era comum, desde o início do Palut, se fazia isso?

Saulo Gomes: Era comum, a gente tinha o cuidado, porque você no momento em que se propunha, e a marca do Palut era o carnaval, era a cobertura de carnaval, depois isso e durante o ano inteiro incêndio, que eu citei a pouco, então a gente sabia que ia ter muitas horas de transmissão. Você tinha o risco de não ter matéria para tantas horas, para não ficar os vazios, os chamados discursos no ar. Então havia tempo para esse tipo de coisa, ah, falava do carnaval de 64, então falava dos artistas, a minha sorte o Ary Barroso, né. Quer dizer, um jeito de dizer né.

Flávia: Sim. Não deixa de ser sorte, né...

Saulo Gomes: A sorte do repórter. Quer dizer, eu podia ter mandado entrevistar todo mundo menos ele, né, por acaso ele estava.

Flávia: Então esses preparativos eram comuns. Vocês pesquisavam os assuntos pra poder falar dos cantores de carnavais anteriores...

Saulo Gomes: Sempre no mano-a-mano, porque nós não tínhamos nenhuma literatura ao nosso alcance. Então era isso, se eu entrevistava a Ângela Maria, então se eu e precisava falar um pouco da Ângela Maria eu ia chegar duas horas antes do combinado ou coisa parecida para ele me dizer um pouco dela, Ângela, eu comecei a cantar no dancing avenida, era operária, fazia assim, enfim, a gente fazia uma preparaçãozinha pra ter alguma coisa, pra saber com quem a gente ia lidar, né.

Flávia: Perfeito, então esse tipo de preparativo, com gravação antes era comum desde de, da época do Palut...

Saulo Gomes: Quando estava na iminência de uma grande cobertura, no caso carnaval.

Flávia: Sim, coberturas grandes, uma eleição por exemplo...

Saulo Gomes: Em eleição, sim, sim, coberturas também de muitas e muitas horas. Nós fizemos cobertura de eleição, que era uma briga feia, até desonesta, de querer o capricho de cada equipe acompanhar voto a voto a sua apuração...

Flávia: Eu me lembro disso, até pouco tempo assim, eu era criança eu me lembro desse tipo de cobertura.

Saulo Gomes: Então os colegas desonestos tinham um jeito triste de agir, vou dar o exemplo: candidato x ao governador do estado: com tantos, 40520 votos. A minha fonte era pura, era do tribunal, me deu essa informação oficial. O meu colega que tá aqui por perto ou que estava na escuta da minha rádio, passou batido. Ai lá a redação reclamou: Ó, o Saulo tá dando no ar que tem 40250 votos pra governador x vc não sabe de nada... Não tô com o meu boletim pronto. Ele dava 40297...

Flávia: Aumentava um pouquinho....

Saulo Gomes: (risos) é triste, mas não vou citar os nomes. Só pra dizer que estava na frente. Que estava dando mais atualizado.

Flávia: a cobertura, carnaval, rádio em Londrina praticamente não cobre. Cobre, mas de uma maneira bem irrisória. Mas eles são uma briga muito feia. Briga-se pra dar o final, o resultado final.

Saulo Gomes: E Durante muitos anos, a apuração no Rio de Janeiro era no Maracanã era uma festa naquele anel, todas as cabines de apuração...

Flávia: No Maracanazão ou Maracanazinho?

Saulo Gomes: Maracanã.

Flávia: Era no estádio mesmo!?!...

Saulo Gomes: Aha.

(Parada para troca de pilha)

Flávia: O senhor foi cassado em 1964?

Saulo Gomes: Em 64, eu fui o primeiro jornalista cassado.

Flávia: O senhor poderia me contar esse episódio?

Saulo Gomes: Eu dirigia a rádio Mayrink Veiga, como disse a pouco desde 62. No ano de 63, não posso precisar bem, o Brizola, recém falecido, comprou 25% das cotas do total da rádio Mayrink Veiga, comprou do Toni Mayrink Veiga, pagou 150 milhões, dinheiro da época, eu não me lembro quanto, qual era. E quando o Brizola chegou lá eu já estava responsável pelo jornalismo com a equipe dos *Vigilantes*. O Brizola ocupava a rádio, o único dia que eu tinha um pouco de sossego com a minha equipe era de 9 à meia noite das sextas feiras, porque o Brizola sozinho fazia um programa chamado *Conversando com o povo*, era, então ele falava de (?), falava de política, espinafrava as multinacionais, dentro de sua linha política e ideológica que todos conhecemos, né. Então quando veio o movimento de 64, dentro do espírito de cobertura total, o que eu fiz? Os marinheiros se sublimaram, então o que derrubou o Jango, em verdade, praticamente foi isso aí. Os marinheiros se insubordinaram, a associação dos cabos e soldados, cabos e marinheiros e dos fuzileiros navais dirigidos pelo famoso cabo Anselmo de quem você já deve ter lido muito, foram para a sede dos metalúrgicos, sindicato dos metalúrgicos, na estação de Riachuelo, um bairro que ainda existe, lá está a sede até hoje no rio de janeiro, onde eles transformaram em (?), o movimento revolucionário para impor o que eles queriam e evitar, e o Jango sendo pressionado pelos generais a puni-los e não os puniu, e por isso acabou caindo né. Então o que eu fiz, escalei alguns repórteres, não esses aqui (falando sobre uma lista de nomes que ele me passou da Continental), outros colegas meus para cobrir os metalúrgicos. No dia 28, que eu me lembro bem porque era uma sexta-feira santa, de repente começou a ficar muito negra a situação, três dias antes do do do movimento ...

Flávia: Do golpe mesmo...

Saulo Gomes: Do golpe. Então quando eu vi que o risco era muito grande, meus colegas estavam temerosos de uma possível invasão. Havia uma ordem para invadir, do ministro da Marinha, pra invadir aquele local, prender os fuzileiros e a gente sabia que ia ter reação. Então esses colegas ficaram meio temerosos. Eu também temia, fiquei temeroso da vida, dos riscos que eles estavam correndo. Eu senti o dever de pegar um carro, eu os substitui e fiquei sozinho cobrindo no meio dos fuzileiros navais. E isso aparece nas fotos aí, oportunamente até te mando, porque eu tenho isso no computador e te mando. Você vai ver um foto do dia 28, os fuzileiros saíram lá do subúrbio do Riachuelo para ir tomar o quartel da marinha, no centro do Rio de Janeiro. Então essa caminhada a pé, de alguns quilômetros, foi liderada pelo famoso Almirante Aragão. Você vai ver nessa foto, eu estou ao lado do Almirante Aragão, com o meu microfone, cercado dos marinheiros, acompanhando essa passeata. Tudo isso eu fiz como repórter. Feita essa cobertura eu me recolhi à rádio, onde reunimos durante um dia inteiro, no dia 31 pro dia 1º., líderes de esquerda que estavam protestando contra o movimento militar.

Parada para nova troca de pilha.

Flávia: Aí o senhor estava sendo, acompanhou a manifestação...

Saulo Gomes: Acompanhei a manifestação, vou repetir, sempre como repórter, aí eu me recolhi à rádio e pela própria linha política da rádio, que era do ex-senador e ex-deputado Miguel Leuzi, que era sócio, o Brizola era sócio dele. Então reuniram-se na Rádio Mayrink Veiga todos os líderes de esquerda da época, comunistas, não comunistas, etc, ou seja, todos aqueles que estavam a favor do Jango. Então ali passou a ser uma central de informação. E eu no microfone, durante horas e horas transmitindo tudo aquilo, então a minha punição veio daí, é, tentaram, deram ordem pra nós fecharmos a rádio, eu não aceitei. Os diretores da Mayrink Veiga todos desapareceram. Eu fiquei com minha equipe e esses entrevistados no microfone, reagindo e colocando todas aquelas mensagens no ar, de protesto, de exaltação, etc, etc, e isso durou até por volta de seis horas da tarde, quando a rádio foi invadida eu consegui fugir, alguns colegas, não. Então essa minha atuação na Mayrink Veiga, essa minha cobertura em acontecimentos anteriores, o Jango havia criado um grupo de trabalho cuja finalidade era por na cadeia importadores de cereais, de azeite do Rio de Janeiro, da famosa rua do Lago que sempre eram pilhados em flagrante adulterando preço, sonegando produtos pra poder alterar o preço né. E eu era um dos que denunciava isso na Mayrink Veiga. Então esses e outros episódios, que seria cansativo querer lembrar todos aqui, fez com que se criasse uma corrente, eu era aplaudido pelo povo, mas odiado por essas pessoas donas do poder. Carlos Lacerda, governador do estado, o governador do Paraná, Nei Braga, que eu tinha denunciado um incêndio mentiroso dele em 63, na campanha que eu terminei em Londrina, como te disse, e o general Krueel, que era outro líder militar em 64, eu estou repetindo, raras vezes eu digo isso, dizendo quem foram os três responsáveis pela minha cassação: Carlos Lacerda, governador do Rio, Nei Braga, governador do Paraná e o general Amauri Krueel por aquele episódio de 58 quando eu o derrubei por corrupção na polícia no meu programa, derrubamos ele da chefatura de polícia no Rio de Janeiro. Então eu saí, me escondi no Rio e de repente eu fui informado que eu estava na lista pra ser executado, por grupos políticos, etc, que já estavam começando a ocupar o governo, já tinham derrubado o Jango. Então imediatamente por orientação de pessoas políticas e do próprio Brizola, eu pedi asilo na embaixada do Uruguai. Depois, no dia primeiro de junho apenas, consegui meu salvo-conduto, fiz parte dos primeiros 12 brasileiros que deixaram o país, fui embora pro Uruguai onde fiquei alguns meses lá. Acreditando num movimento contra-revolucionário liderado pelo Brizola, eu como muita gente, voltamos para o Brasil, onde era tudo furado, não tinha esquema nenhum, nós sofremos muitos e depois de 21 dias sendo cassado no Rio, um grupo de companheiros fomos presos e eu fui submetido à Lei de Segurança Nacional, não fosse a anistia eu estaria condenado a 28 anos e meio, era a minha condenação. Respondi a 13 IPMs e perdi meus direitos políticos, ta aí, guardado nas minhas pastas o meu recurso de anistia. Estou desde dezembro aguardando, pela Associação Brasileira dos Anistiados Políticos o reconhecimento da minha anistia, né, que ainda não foi feita. Há 40 anos que eu estou cassado. Eu estou com um processo em Brasília aguardando o meu julgamento, uma comissão do Ministério da Justiça. Em síntese: fui cassado por essa atitude absolutamente do repórter atrevido e que não temia conseqüências.

Flávia: O senhor ficou no Uruguai somente esse tempo, depois...?

Saulo Gomes: Um ano e meio, total um ano e meio preso no Brasil. Somando entre exílio e cadeia eu tive dois anos. Isto terminou, aliviou meu suplício em junho de 66, onde eu consegui fugir do RJ e percebendo que não tinha mais lugar, não conseguia trabalhar no Rio, havia uma pressão de militares contra as empresas pra não me contratarem aí eu fui embora para São Paulo, onde de agosto de 66 a Tupi aceitou, os Diários Associados, me botaram no ar, peitou o governo na época e eu estou aqui contando uma história que eu virei repórter de São Paulo até hoje, não saí mais. E fui anistiado, por isso é que eu não fui condenado.

Flávia: Ai o senhor foi para TV, em 66?

Saulo Gomes: Ai já em 66 eu vim para a TV Tupi de São Paulo.

Flávia: Ai rádio, nunca mais?

Saulo Gomes: Aí, não, em São Paulo eu fazia Rádio Tupi, radiodifusora e TV Tupi que era todos os órgãos associados mais importantes de São Paulo. Algumas dessas minhas reportagens foram parar na revista *O Cruzeiro*, especialmente, no Diário da Noite, no Diário de S. Paulo, que as minhas grandes coberturas de repente acabavam indo para a chamada, para a imprensa escrita, né. Revistas e jornais, mas a Rádio Tupi foi, *O Grande Jornal Falado Tupi* e o *Matutino Tupi* eram nossa grande trincheira onde realizei as grandes reportagens minhas em São Paulo.

Flávia: Em S. Paulo

Saulo Gomes: Ai já não tinha mais Mayrink Veiga, nem Continental. Ambas já haviam sido cassadas. A Continental um pouco antes. A Mayrink em 65.

Flávia: E nesse episódio, agora no rádio paulista, as reportagens continuavam, como que era?

Saulo Gomes: Continuavam no mesmo estilo apesar de eu ser muito marcado, né. Tudo o que eu fazia era com muita dificuldade, com muita pressão dos militares, pressionavam muito a direção da casa, mas o sr. Edmundo Monteiro, já falecido, que era um homem ligado ao governo e era presidente dos Diários Associados em São Paulo. O João Calmon, com a morte de Chateaubriant, presidente nacional, eles mantinham a gente no ar, mesmo alguns, eu não era filiado, não sou, ao partido comunista, mas muitos colegas meus filiados ao partido comunista, os Associados mantiveram sempre em atividade. E o preso quando saía continuava trabalhando. Então foi essa retaguarda, eu realizei grandes reportagens na minha vida, em 68, de 66 em diante na Tupi, do Rio. Talvez eu pudesse ressaltar uma das maiores coberturas minhas foi em 68, em maio, que vai ser livro agora, no início do ano, agora eu consegui, eu não tenho religião, mas eu tive o privilégio de trazer todos os grandes líderes espirituais para a televisão. Um deles, Chico Xavier. Eu furei todas as barreiras em 68 e consegui colocar no ar o Chico Xavier, o meu livro não é falando de espiritismo, é falando da minha convivência com ele, que eu vou lançar agora. Então esse programa com o Chico Xavier, pela primeira vez psicografando uma mensagem na televisão, transmitido pela TV Tupi foi a sua época e até agora, a maior audiência da televisão brasileira. Junto com essa matéria do Chico Xavier eu fiz uma denúncia mostrando o abandono a que estavam relegados os doentes do hospital do Fogo Selvagem de Uberaba. Essa minha denúncia de grande repercussão na época e que incomodou muito os militares também, pq eu acusava o desleixo das próprias autoridades de Uberaba, uma cidade rica, resultou numa campanha nacional que culminou com a construção do maior hospital no gênero para o País. Hoje Uberaba ainda tem o hospital do Fogo Selvagem construído com a denúncia de uma reportagem minha que é essa de 66, de 68. Ainda em São Paulo, outra reportagem de grande repercussão, inédita até hoje, é que quando eu vi o abandono a que estavam relegados os nossos jangadeiros eu topei a parada e fui pro Rio de Janeiro e fiz uma viagem com cinco jangadeiros numa jangada, que durou sete dias, chegando em São Paulo com apenas 47 quilos, totalmente desidratado. Existe um vídeo disso, de uma gravação que eu posso te oferecer que é muito interessante. Eu de dentro da jangada transmitindo. Chamava-se de jangada *Menino Deus* que está lá em São Paulo que foi outra reportagem de muita repercussão. E a partir daí, as minhas denúncias estão agora virando livro, alguns grandes acontecimentos em S. Paulo, eu denunciando erros judiciários, a cobertura, o esquadrão da morte, que eu acompanhei a criação do esquadrão da morte em dezembro de 68, com a morte de um policial do Rio e que veio até 74 quando o Hélio Bicudo, hoje vice-prefeito de São Paulo, depois dele, trouxe os depoimentos, pesou muito na balança pra terminar com as atividades do esquadrão da morte, dois depoimentos meus sigilosos na corregedoria da polícia em São Paulo. Quase morri, ameaçado pelo Fleury, pelos integrantes do esquadrão da morte, mas uma reportagem de muito fôlego e de muito risco e que durou muitos meses. Todas as provas que eu trouxe à justiça da atuação do chamado esquadrão da morte, e por isso eu fui também, eu fiquei muito marcado, com muitas ameaças, mas em linhas gerais são essas algumas das matérias de grande repercussão em São Paulo, na Tupi, rádio, na radiodifusora e, porque eu nunca abandonei rádio...

Flávia: É quem gosta...

Saulo Gomes: O meu xodó é rádio.

Flávia: Alguns autores, quer dizer, é um autor que defende e todo mundo que cita, cita esse autor que é o Mauro de Felice, (...) ele diz que a partir da década de 70 com a repressão militar, essas grandes

coberturas, essas grandes reportagens, que começaram lá em 51 elas começaram a minguar e até a desaparecer...

Saulo Gomes: Eu fui um dos poucos que resisti, porque eu usei a audácia, desculpa o jeito, a inteligência e a malandragem. Vou dar um exemplo, o que era o hospital do Fogo Selvagem em Uberaba? Um grupo de cento e poucos doentes morrendo a mingua de tudo. O que é que eu disse no ar, na televisão Tupi: Esta noite, isso está gravado, você vai ouvir, esta noite vou mostrar aos senhores uma reportagem que nós fizemos em Uberaba, onde estive com o Chico Xavier, que é um soco na cara da autoridade que finge não ouvir os gemidos dos doentes do Fogo Selvagem. Aí começo assim a reportagem. Nesse momento eu estava provocando os militares, porque era um, e eu era um marcado, eu era um cassado. Então se eu tivesse me acomodado eu não falaria mal dos militares direto, mas eu mostrei uma deficiência do governo que também era militar, que também, em Minas Gerais, e fiz a reportagem que virou o hospital. Em 67, o jornalista Hélio Fernandes, dono do diário, do, do, do jornal Tribuna de Imprensa do Rio de Janeiro foi cassado após xingar, xingar o Castelo Branco, dizendo que a morte do Castelo Branco, manchete do jornal dele no Rio, que o Brasil estava livre de um câncer. Ele foi confinado em Fernando de Noronha e depois em Pirassununga. Então quando ele veio para Pirassununga a imprensa do Brasil inteiro, do mundo inteiro foi lá para entrevistá-lo. Eu consegui sozinho entrevistá-lo em primeiro lugar. Eu me coloquei no hotel onde ele estava, eu aluguei todos os apartamentos do hotel e tranquei o hotel pra ficar sozinho com ele. Quando os colegas de imprensa chegaram não tinham condição de se hospedar naquele hotel Prince, eram seis apartamentos, sete apartamentos. Pois bem ninguém podia entrevistar o Helio Fernandes porque ele tinha xingado o Castelo Branco, ele tinha, eu arranjei um jeito de fazer a entrevista. Eu coloquei ele no ar pra falar com a família dele que ele não via há vários meses porque ele estava preso. Então a linha direta da Tupi era com o Rio de Janeiro, com a casa dele, chorando, falando com a mulher, os filhos, uma artimanha que eu usei, burlei a vigilância dos militares, consegui fazer a chamada reportagem proibida. Terceiro pra não me alongar, pra dizer que não era bem assim, é que os colegas também, uns tinham medo, e quase todos se acomodaram, eu não me acomodei. Terceiro, todos os reides de jangada do Brasil, que vem desde 1947, 46 o primeiro reide, dupla finalidade quando o jangadeiro se lança do nordeste para vir ao Sul com a sua jangada, arriscando sua vida: chamar a atenção da opinião pública e com isso pressionar o governo a olhar os problemas deles e procurar solução e eles pedem sempre ao governo do estado onde eles aportam uma ajuda, dão a jangada em troca de alguma coisa, de um barco melhor para o seu trabalho. Pela primeira vez, por orientação de Brasília, o governo era Costa e Silva, isto é em 68, se negou a receber os jangadeiros no Rio de Janeiro. Quando eu soube disso, corri pro Rio de Janeiro, consegui arriscar a minha vida, me enfiar nessa jangada e fazer aquilo que o governo pela primeira vez deixou de fazer. Eu consegui que um grupo de firmas desse um barco moderno pra eles pescarem, trocando pela jangada que eu tenho lá guardada em São Paulo, no museu folclórico, está lá a minha jangada chamada *Menino Deus* e consegui denunciar o abandono a que eles estavam relegados. Então o governo indiferente, isso eu burlei, quer dizer eu provoquei o governo militar, mas eu não disse em nenhum momento que o general Costa e Silva se negou a receber os jangadeiros, mas eu disse que nenhuma autoridade quis atente-los, por isso eu arrisquei minha vida, arriscando minha vida eu chamei a atenção do Brasil e resolvi o problema deles, em parte. E outros fatos mais, eu estou citando os três principais.

Flávia: Mas o senhor concorda que a partir de 68, 70 essas reportagens começaram a minguar.

Saulo Gomes: Exatamente,

Flávia: Até em função de auto-censura, medo ...

Saulo Gomes: Auto censura, as próprias empresas diziam, principalmente no meu caso, porque que eu vim embora em 66 do Rio de Janeiro para São Paulo? As emissoras diziam: Olha, Saulo eu queria contratar você mas os militares tão em cima de mim. Se eu contratar você aqui eles fecham a emissora. Então eu vim para São Paulo, a Associadas que era muito forte me contratou...

Flávia: Mas já não era mais tão comum esse tipo de reportagem?

Saulo Gomes: Não era mais comum, por isso é que eu acabei, por isso ate eu sobrevivi em São Paulo e fiquei com um nome muito grande em São Paulo, porque essas reportagens nesses estilos só aparecia eu. Por medo ou por acomodação ...

Flávia: Ou por pressão ...

Saulo Gomes: A própria auto-censura, eu fugia também da censura das empresas. Por exemplo, quando eu trouxe o Chico Xavier, a Tupi tinha medo de colocar no ar, porque? Porque a igreja católica dominava no Brasil, como é que vai bota um espírita falando, eu impus a minha condição, a minha vontade e o resultado ficou esplendoroso. Você fala com os espíritas antigos, vai sair meu livro agora no final do ano, ou início do ano, você vai ver o programa chamado Pinga Fogo - Chico Xavier, que foi um negócio retumbante. Qualquer espírita antigo te conta a importância desse programa. E eu não sou espírita e nem tenho religião. Eu contrariava o interesse das empresas com uma certa habilidade e audácia. Isso me beneficiou muito no meu trabalho.

Flávia: O senhor diria que na década de 70 pouquíssima reportagem naquele sentido de cobertura, ao vivo...

Saulo Gomes: Muito pouco, muito pouco até porque também, e outra havia até o constrangimento imposto pelos militares, muita gente não sabe, por exemplo, em 69 eu estava no Grande Hotel em Uberaba, com toda a minha equipe para cobrir a festa do Zebu, tradicionalmente aberta no dia 3 de maio. Na véspera uma equipe de militares chegou e me deu prazo de uma hora para abandonar o hotel, enquanto o presidente da república estivesse em Uberaba eu e meus colegas não podíamos estar presentes. Nós ficamos numa fazenda esperando o presidente ir embora para depois voltar e fazer nossa cobertura. Três, quatro vezes que eu estava, uma vez no Rio e três ou quatro vezes no aeroporto de São Paulo esperando para embarcar. Estava nas proximidades da chegada de um presidente da república, aí foram todos eles por acaso, o Figueiredo, o Médici, o Geisel, chegou alguém, militar se identificou sem dizer quem era, apenas que era militar, mandou me chamar na gerência, na administração do aeroporto e diz: você vai ficar aqui porque, ou você vai pra outro lugar porque, mas eu vou embarcar agora, pra onde você vai? Pra tal lugar, tá aqui a passagem. Você não pode embarcar. O aeroporto está interditado porque nós estamos aguardando a chegada do presidente. Eu fiquei detido dentro de uma sala no aeroporto, várias horas até o presidente chegar, desembarcar, que se dane a minha passagem, o horário de avião e tudo né. Então isso também criava temor porque era uma pressão. Isso era constante. Algumas reportagens que eu fiz em alguns lugares sempre apareceu a figura de algum militar querendo impedir.

(Troca de MD)

Flávia: Nós paramos em...

Saulo Gomes: Em 61.

Flávia: Isso.

Saulo Gomes: Eu estava no Rio de Janeiro, eu só fui para a Mayrink Veiga como disse, em 62, aí a coincidência da minha ligação com o Brizola, logo depois ele comprou esses 25% da Mayrink Veiga, por isso os militares, até com uma certa razão entenderam de uma ligação com ele, dele comprar a rádio na época deu estar dirigindo o jornalismo da rádio, antes disso eu estava trabalhando na TV Rio, no Rio de Janeiro, onde fiquei pouco tempo logo depois eu fui pra emissora, desculpe, eu estava na TV Tupi aí eu fui para a TV Rio, canal 13, que não existe mais. E nisso houve a derrubada, o Jânio renunciou, os três ministros militares, em linhas gerais vou colocar para você completo, os três ministros militares impediram a posse do Jango, que estava, esses detalhes você conhece ...

Flávia: Na China...

Saulo Gomes:... numa missão do governo federal de Jânio Quadros na China comunista. Quando começou todo esse movimento e lamento que a imprensa não tenha comentado, nem mesmo agora com a morte do Brizola mostraram isso pela grandeza que o fato representou, o Brizola o que fez? Se encastelou no palácio Piratini, confiscou armas das casas que vendiam armas, armou uma parcela do povo de Porto Alegre e cercaram o palácio por pessoas, por milhares de pessoas, ele dentro do palácio, ele comandou um movimento que se chamou, passou a se chamar rede da legalidade, pra isso o que ele fez? Ele convocou a rádio Guaíba e mandou instalar no porão do palácio um transmissor, com esse transmissor instalado ali começou a transmissão de reação dele do Rio Grande do Sul protestando contra a violência que se fazia, impedindo a posse do presidente, por acaso seu cunhado. Eu saí do Rio

de Janeiro, com meu espírito aventureiro de sempre, com o pai do João Dória, que está hoje o João Dória Junior da televisão, o pai dele tinha sido deputado federal, dono de uma agência de publicidade na Bahia muito grande, ele mais um grupo de pessoas, pegamos um avião escondido no Rio de Janeiro e fomos para o Rio Grande do Sul e eu como repórter fui me apresentei no palácio como um dos locutores, me propondo a ser. E permaneci só dois dias lá e recebi a incumbência de voltar pro Rio de Janeiro e encontra um jeito de ter uma estação que pudesse transmitir a rede da legalidade. Um grupo de pessoas, nós levamos técnicos, um transmissor que pesava mais ou menos uns 800 quilos, mais ou menos desse tamanho desse armário todo para o morro da Rocinha famosa, onde instalamos em poucas horas o transmissor e ali ficou uma estação clandestina comigo no microfone formando a rede da legalidade. Em apoio a posição do Brizola, o ex- ministro da guerra Marechal Lott assinou um documento, uma carta de apoio protestando contra a atitude dos militares, por isso ele foi até preso. E quando ele quis divulgar esse manifesto foi proibido em todo lugar. Eu fui parar no apartamento dele, usando esse expediente de uma rádio clandestina que só eu sabia onde estava lá, funcionando, e por telefone naquele recurso que eu te disse de uma pecinha chamada *jacarezinho*, eu usei o telefone da casa dele e coloquei a minha voz nesse transmissor e mais 14 emissoras do país, lendo o manifesto de apoio do Marechal Lott, ex-ministro da guerra do governo Juscelino, em apoio ao Brizola e deu no que deu. Em consequência disso fez-se um movimento político para se ter o parlamentarismo. Tancredo aceitou ser o primeiro ministro no dia 7 de setembro, vou te mandar isso pela Internet, você vai ver a minha foto, o único repórter que está presente na foto oficial da posse do presidente Jango e do Tancredo primeiro ministro, no dia 7 de setembro de 63. Essa deferência especial me foi dada pelo próprio Tancredo Neves primeiro ministro, dizendo que queria homenagear a imprensa na pessoa de um jovem repórter que arriscou a vida participando daquela rede da legalidade e ajudando chegar aquele momento, eu tenho esse registro gravado.

Flávia: Essa gravação do Marechal Lott, o senhor tem também??

Saulo Gomes: Tenho a gravação do manifesto, de uma lauda ou um pouquinho mais, né. Tá guardado.

Flávia: Então isso foi, esse ...

Saulo Gomes: Em 61.

Flávia: Foi irradiado do Rio o manifesto?

Saulo Gomes: Do rio. Do Rio de Janeiro.

Flávia: Porque o Brizola, de Porto Alegre comandava, mandava para o país todo.

Saulo Gomes: Exatamente, para o país todo. Então havia uma rede de emissoras, a Rede da Legalidade, a base era a rádio Guaíba, no porão do palácio e eu no Rio de Janeiro, o que interessava a ele era Porto Alegre, Brasília, e Rio. Brasília eu não arrisco, acho que nem houve ninguém lá, mas no Rio eu segurei as pontas. Por isso é que eu tenho uma placa de prata assinada pelo velho Brizola, que está em meu arquivo, que um dia que você voltar aqui e a casa estiver montada você vai ver todos esses documentos..

Flávia: Voltarei com o maior prazer...

Saulo Gomes: Você vai ver alguns desses documentos por aqui. Então, e o interesse do marechal, era rua Dias da Rocha, número 9, no décimo andar. Confere a história que você vai ver onde ele mora. Ou é número 10, nono andar, mas tá certo era número 9 décimo andar. Essa rua, Dias da Rocha faz esquina com nossa senhora de Copacabana, então eu fiquei lá no décimo andar, na casa do marechal, que como era natural ele tinha junto a ele brigadeiros, almirantes, generais, revoltosos como ele, todos foram presos depois. E eu documentei a prisão dele por volta de seis horas da manhã por um marechal chamado Sucupira, coisa realmente de militar, como ele era marechal só podia ser preso por marechal. Então eu esperava pelo marechal que pudesse prendê-lo e eu o acompanhei até a hora da prisão dele ...

Flávia: E como que foi a repercussão da leitura do manifesto?

Saulo Gomes: Ah, muito grande, o marechal Lott, você procura ler um pouco mais da história dele...

Flávia: Eu conheço um pouco a história do movimento...

Saulo Gomes: Ele tinha muito prestígio no meio militar, muita força, muita moral, então ele era mal político por isso perdeu uma eleição fácil pro Jânio, mas era muito, considerado integro, muito honesto, ele tinha muita força perante a tropa. No momento em que o Brizola ta brigando sozinho no sul e que ele no Rio de Janeiro assina um manifesto de apoio à atitude de Brizola dizendo que o Jango era o presidente constitucional, a constituição tinha que ser respeitada e por isso o presidente teria que tomar posse. Ele foi preso, mas isso aí ajudou muito o trabalho do Brizola, que teve uma ajuda de Goiás. Em Goiás a rede da legalidade foi formada pelo Mauro Borges que era governador do estado. Um estado pequeno considerando o Rio Grande do Sul que apoiou. Brizola só teve apoio no estado de Goiás, oficialmente por um governador de estado, o Mauro se eu não me engano até já morreu, foi senador depois etc, da família Caiado.

Flávia: Do Ronaldo Caiado.

Saulo Gomes: Exato, então em linhas gerais foi essa a minha atuação em 61, que também em 64 pesou contra mim.

Flávia: Com certeza porque aí foi já, era o início do golpe...

Saulo Gomes: Mais uma vez, foi o trabalho do repórter, de um aventureiro. Eu saí do Rio e fui arriscar minha vida lá no Rio Grande do Sul. Lá disseram você não tem que fazer nada aqui, tenta pegar uma rádio no Rio.

Flávia: O senhor foi lá para fazer, para ser um dos locutores...

Saulo Gomes: Para ser um dos locutores. É por isso que eu tenho um diploma como um dos participantes da rede da legalidade.

Flávia: No rio, o senhor poderia especificar um pouquinho melhor essa questão do transmissor...

Saulo Gomes: Olha, eu não sei a potência, mas era um transmissor que tinha, tomando por base a medida desse armário aqui, deveria ter uns dois metros e meio por aí, por quase dois metros de altura, foi levado numa carretinha para o ponto que os engenheiros entenderam que era prático, né. Eu não sei dizer agora a potência do transmissor. Ele foi instalado no alto, num ponto estratégico do morro da Rocinha, num espaço de umas oito ou 10 horas, mais ou menos os engenheiros deixaram ele pronto, com antena dirigidas para regiões que interessavam. Então era um transmissor de rádio que estava operando fora de um estúdio de rádio. Provavelmente era de alguma rádio. Isso eu nunca soube. Então esse transmissor serviu de apoio, mas a partir daí, 14 emissoras do Brasil, não arrisco dizer todas agora, transmitiam, formaram a rede da legalidade.

Flávia: Então da casa do Marechal o senhor transmitiu para esse transmissor, que seria o equivalente a uma rádio ...

Saulo Gomes: Era uma rádio clandestina e pras outras emissoras do Brasil eu transmiti via telefone da casa dele eu lendo do manifesto. Ele precisava de alguém que lesse, ele escreveu, assinou, mas ele não quis ler.

Flávia: Ah, ele não leu!??

Saulo Gomes: Ele não leu, quem leu foi o repórter. Foi eu no caso. Que é um negócio interessante.

Flávia: Interessantíssimo

Saulo Gomes: Existe uma cópia desse original guardado conosco e a gravação, que foi uma coisa de grande repercussão na época, né.

Flávia: Se o senhor pudesse me passar essa gravação porque esse também é ...

Saulo Gomes: Eh, eu vou, não tá o equipamento, você vai ver o equipamento que tá ali dentro, eu acho que você não tem nem na sua faculdade...

Flávia: Gravador de rolo?

Saulo Gomes: É.

Flávia: Eu sou novinha (risos), mas eu comecei trabalhando com gravador de rolo.

Saulo Gomes: Esse daí tem uns 40 anos...

Flávia: Aquela história de corta a fita e emenda, eu já fiz isso.

Saulo Gomes: Exato. Um desses aí é que levou um tiro lá em Maceió. Era desse tipo aí...

Flávia: Era gravador de rolo que vocês levavam?

Saulo Gomes: De rolo. Levava isso aí. E quando eu fui pra Maceió o operador disse assim: tchu, tchu, se tem negócio de tiro eu não vou não. Então tudo bem, entrei no avião sozinho levando o gravador pra eu mesmo operar.

Flávia: E nas transmissões da Continental também era esse?

Saulo Gomes: Era esse daí.

Flávia: Porque eu achei que fosse uma coisa... porque ele é aberto não?

Saulo Gomes: Quando eu usava esse gravador eu tirava o som daí e colocava por linha telefônica. Ou então usava a maletinha, a maletinha que é menor.

Flávia: É a maleta é menor.

Saulo Gomes: A maleta para transmissão direta.

Flávia: Com maleta eu já trabalhei, mas eu não sabia que era esse gravador.

Saulo Gomes: A gente usava, olha aí (mostra no gravador de rolo) tem saída direta. Aí você tira daí direto para o telefone.

Flávia: É por isso que o senhor tem gravação de tudo?

Saulo Gomes: É por isso.

Flávia: Ao mesmo tempo que transmitia...

Saulo Gomes: Eu ia guardando comigo. É o que eu digo sempre Flávia, até hoje colega meu, poder ver aqui, recorte de jornal que você vai encontrar aos milhares aqui. Repórter além do mais tem que ser papeleiro. Eu estou escrevendo meu livro agora baseado nas minhas reportagens de quarenta e tantos anos. Você vê isso aí, isso estava perdido. 46 anos, 48 anos e meio.

Flávia: E isso é maravilhoso porque essa memória da imprensa, do rádio e da TV, ela está se perdendo. Londrina, a rádio de Londrina tem muito pouca memória.

Saulo Gomes: (...) Lá eu conheci um cara problemático que tá cassado, que tá cassado, que foi... Qdo eu fiz a denúncia em 63 só um radialista me deu, Bulinati, bulinati, como é que? Foi deputado, a mulher foi vice-governadora...

Flávia: Antonio Belinati!

Saulo Gomes: O Belinati! Ele tinha um programa policial ao meio dia, quando eu cheguei perseguido pelos caras do governo, querendo me pegar, me matar, o que seja, ele abriu o microfone dele e foi no programa dele em Londrina que eu denunciei toda a história da falcaturia do incêndio de 63.

Flávia: Ele trabalhou muitos anos no rádio, foi eleito três vezes prefeito...

Saulo Gomes: Passados alguns anos, eu nunca mais tive contato com ele, nunca mais tive contato desde 63. Mas lia várias vezes que ele foi prefeito, foi deputado, cassado, a mulher vice-governadora. Ele vai lembrar de mim.

(falamos sobre o caso Belinati – o prefeito de Londrina acusado de improbidade administrativa e que teve seu mandato cassado e Saulo Gomes promete me mandar duas ou três gravações de suas reportagens)

Flávia: Teria mais alguma informação que o senhor acha que faltou, que o sr acredita que poderia completar, a sua história, do seu próprio percurso?

Saulo Gomes: Não sei. Creio que não. Tem ai, da minha vida mesmo, isso é o meu pessoal, Meus 3 recordes mundiais de número de horas ao microfone, que é isso né. 75, depois eu tive, 4 vezes 80, depois eu tive 90 e 97 horas, mas isso é uma coisa que tá fora do teu trabalho, isso é uma coisa minha. Isso pro Brasil foi bom na época, foram recordes reconhecidos fora do Brasil, que valeu bastante, eu tenho a documentação guardada né. É, pra começar a falar de mim, seria uma outra coisa, é muita coisa, Esquadrão da Morte, eu te dei como um dos grandes trabalhos meus, você pode sintetizar que os meus 40 anos últimos, os maiores crimes ocorridos no Brasil e os movimentos políticos você me encontra dentro deles todos, em síntese essa é minha vida, sempre como repórter no início, e lá no fim do processo eu sempre estou arrolado como testemunha de defesa ou acusação, e também acusado, como agora eu estou sendo processado pelo filho do Chico Xavier.

(interrupção da entrevista pela esposa)

Saulo Gomes: No momento em que tudo isso esta ocorrendo no Rio de Janeiro, com o Palut fazendo sucesso, a rádio Continental liderando em audiência com um estilo de jornalismo dinâmico, jornalismo e esporte, porque era um, era jornalismo e esporte, em São Paulo tinha a rádio Panamericana que hoje é a Jovem Pan, havia até um fato bem curioso. É até interessante esse registro pra você. A Continental no Rio e a Jovem Pan em São Paulo, a Panamericana, isoladamente elas não tinham poder financeiro pra cobrir a copa do mundo, então elas faziam uma cadeia. Elas iam para a copa do mundo, isso aconteceu em várias copas e lá esses faziam no primeiro jogo um sorteio pra ver qual locutor de qual emissora ia transmitir o primeiro tempo. A partir daí até o fim, então jogo x, o primeiro jogo, o primeiro tempo transmitido por esse locutor da continental ou da Pan-americana. O segundo tempo é lógico, pelo outro e assim ia até o final da copa do mundo né.

Flávia: Olha que interessante.

Saulo Gomes: Era, era um negócio interessante. Comercialmente eles se entendiam, dividiam as despesas e havia essa aproximação São Paulo, Rio e São Paulo né. Então por isso, a Jovem Pan, mas muito mais no esporte, ela era muito forte em São Paulo também no jornalismo depois de um certo tempo, logo depois que a Continental fazia esse estilo. Então São Paulo adotou um pouco do estilo do Rio de Janeiro, talvez os colegas daqui não gostem que diga isso (risos) por isso eu não sei como o Tuma vai reagir ou o Murilo Antunes Alves, bairrismo natural de Paulista. Eu sou um *paulioca*, então eu falo bem de todos os lados.

(A partir daí dá nomes de colegas da Continental e os telefones de Ary Vizeu, Tuma e Murilo Antunes Alves)

**APÊNDICE B – ENTREVISTA COM ARY VIZEU E
CARLOS ALBERTO VIZEU**

ENTREVISTA CARLOS ABERTO E ARY VIZEU

Antes mesmo de eu fazer a primeira pergunta, Carlos Alberto Vizeu começou a falar da carreira de seu pai, Ary Vizeu. O aparelho de MD foi ligado no decorrer dessa fala inicial e os pontos que já haviam sido tratado foram retomados no decorrer da entrevista.

Carlos Alberto Vizeu: externa, quando havia, quando o rádio não tinha essa mobilidade, então ele [Ary Vizeu] saía com o carro da radiopatrulha, e fazia as reportagens, usando o rádio da radiopatrulha pra fazer as reportagens..

Flávia: Isso em que ano?

Carlos Alberto Vizeu: Isso aí foi na década de 40, antes de 1950, antes da Continental, essa coisa toda.

Flávia: E ele estava em que rádio?

Carlos Alberto Vizeu: Ele estava na Rádio Guanabara nesta época. E outra coisa que é interessante é que ele foi pioneiro na transmissão de bolsa de valores, quer dizer, quando a bolsa de valores, era só olhada, só acompanhada pelos jornais, muito pouco pela televisão, só um noticiáriozinho, de uma nota no final, ele passou a transmitir com a Continental de 10 da manhã às duas da tarde, a bolsa de valores, o pregão da bolsa, então fazia o acompanhamento, porque naquela época não tinha o computador e não tinha as facilidades que tem hoje. O pessoal hoje acompanha pelo computador as cotações, mas naquela época não tinha isso, então ele acompanhava, ele entrava de 10 em 10 minutos dando toda a cotação, de Acesita até o último papel, foi outro pioneirismo dele e tem um fato que é interessante dizer, que foi ele que conseguiu através do Ministério do Trabalho, a legalização da função de radiorepórter, mais tarde telerrepórter, foi ele que conseguiu, se bateu, porque a função de radiorepórter era uma função que naquela época o radiorepórter e o telerrepórter eram marginais, existia só o jornalista, o repórter e ele conseguiu através, ele, a luta dele no sindicato conseguiu com o ministério do trabalho, a ,a,a,

Ary Vizeu: Oficialização

Carlos Alberto Vizeu: Oficialização da profissão.

Ary Vizeu: O reconhecimento

Carlos Alberto Vizeu: O reconhecimento da profissão. Então ele tem esses pontos, é uma pessoa extremamente tímida, quer dizer que não gosta de falar, quer dizer agora, foi sempre uma pessoa que tomou a palavra na frente, mas hoje em dia, as coisas hoje em dia (...) parece que ficaram um pouco difíceis, diferentes pra ele, eu tenho que falar isso porque eu tenho o maior orgulho. Se é uma coisa que pra mim é um prazer muito grande falar, porque eu comecei a profissão cedo e nunca encontrei na profissão nenhuma pessoa que eu esbarrasse com essa pessoa e ela dissesse assim, pô, mas você é filho daquele cara. Pelo contrário, as portas sempre se abriram pra mim.

Flávia: Então, o meu objetivo é assim até, se você é um apaixonado, e eu acredito que o sr. Ary também, eu também sou uma apaixonada por rádio, e a minha idéia é tentar resgatar isso com esse objetivo, de perpetuar essa idéia.

Carlos Alberto Vizeu: Eu só queria saber, eu só queria te dizer uma coisa, nessa coisa agora do rádio, de focar, a rádio Continental, eu posso dizer isso porque eu sou um estudioso da matéria, a rádio Continental foi a rádio mais moderna da década de 50. Porque que foi a rádio mais moderna da década de 50? Porque ela apresentou uma programação voltada pra uma coisa que hoje o rádio, **hoje** o rádio se preocupa, que é uma coisa chamada serviço. A Continental fazia isso desde 1950, quando ela começou a operar, com, na programação dela, durante toda a programação dela, a programação dela, da Continental, era uma programação ao vivo o tempo inteiro, as músicas eram secundárias, a música tocava na verdade só pra, vamos assim dizer, tapar o buraco, mas a Continental ela tinha a preocupação da reportagem, não é da notícia é da reportagem. Se bem que a Continental ela tinha o informativo dela de hora, que entrava, que era Reportagem Ducal, naquela época, que entrava nas horas certas e nas meias horas entrava um boletim de esporte, mas o forte da Continental era a reportagem e a Continental revolucionou a reportagem, ela foi uma estação que ela quando implantou

essa coisa da cobertura, ela foi a pioneira na cobertura de Carnaval. Palut em 1951 foi o primeiro, a primeira cobertura de carnaval a ser feita no rádio foi feita por ele em 1951.

Flávia: E depois disso virou até uma febre e um motivo até de competição entre as emissoras, não é?

Carlos Alberto Vizeu: , a Continental ela conseguiu encontrar menores, naquela época era uma coisa, pessoas desaparecidas, pessoas que se acidentavam durante o carnaval e a família não sabia, a Continental tinha os postos nos hospitais, tinha repórter nos hospitais, então ela fazia uma prestação de serviço, por isso que eu tava te falando, então a preocupação que a Continental tinha, do Palut, na verdade do Palut, da preocupação que o Palut tinha com a, a, a reportagem no que tange a serviço. E tem uma coisa que ele fazia, que era pegar um acontecimento, ter começo, meio e fim, e ele não fazia a coisa pela metade, a Continental ela parava, tinha uma, acontecia uma catástrofe, acontecia um incêndio, a gente dizia que o Repórter Esso, na época, era a grande, vamos dizer, a grande chamada pra Continental, porque você ouvia a notícia no Repórter Esso, quando era uma notícia local, uma tragédia, uma coisa, você automaticamente você voltava o teu, mudava o *dial*, o *dial* do teu rádio pra Continental. Porque a Continental fazia assim uma cobertura do começo ao fim, então era uma característica dela. E foi uma rádio que teve diferencial das outras, porque todas as outras emissoras, tanto a Mayrink, como a Tupi, como a Rádio Mauá, todas elas queriam imitar a Rádio Nacional. A Continental, ela nunca quis imitar ninguém. Ela teve a sua programação própria, ela teve a sua, a sua, vamos assim dizer, a sua diretriz de jornalismo própria e isso foi o que, isso deu a Continental uma série de, pra você ter uma idéia o dono da Continental era deputado..

Flávia: Berardo né?

Carlos Alberto Vizeu: Berardo. O senhor Rubens chegou a ser vice-governador do estado, não é? e não era um político atuante, era um político vamos assim dizer, daqueles mais de bastidores, e ele não era um político de discursar como o Lacerda, não era um pessoa eloquente, não era uma pessoa de carisma, nada disso, mas a Continental era tão popular que quando era época de eleição a Continental associava o nome, Rubens Berardo associava o nome dele à organização que pertencia a Continental e aí o que que acontecia? A votação que o sr. Rubens passava a ter. Teve como deputado federal e chegou até a ser até vice-governador do estado.

Flávia: E com relação a idéia de criar esse tipo de reportagem. Era uma coisa diferente, foi pioneiro, foi inovador, tem um livro do Mauro de Felice, acho que é até contemporâneo, e ele disse que foi feito, até com a presença do senhor Ary, numa noite, uma reunião que teve com o alto comando da Continental. O senhor se lembra desse episódio, sr Ary?

Ary Vizeu: Sobre?

Flávia: O dia em que a Continental decidiu que iria ter esse tipo de reportagem de rua, com essa forma atuante de tá transmitindo sempre de externa?

Ary Vizeu: (...) Eu não me recordo dessa reunião, não.

Flávia: O senhor não se recorda?

Carlos Alberto Vizeu: Na verdade, se me permite, é o seguinte, quando você fala hoje (...) num esquema de jornalismo, dessa coisa que agente faz, (...) as coisas hoje são completamente diferentes do que eram naquela época. Naquela época o rádio, o rádio era o primeiro, a força do rádio era muito maior do que é hoje porque não tinha televisão. A televisão começou em 1950, 51, mas a televisão só teve, só passou a ter força mesmo, 9 anos, 10 anos depois é que passou a ter uma presença, vamos assim dizer, na vida das pessoas. Antes era um objeto caro você ter um aparelho de televisão em casa, então as coisas eram diferentes. O rádio, ele tinha uma grande força. O que acontece é o seguinte não tinha essa coisa do marketing, né. O marketing é que tem muito essa coisa: tem que fazer uma reunião pra você, é, é, havia uma coisa muito mais, era uma coisa muito mais assim, vamos dizer, de intuição, de fazer as coisas, botar no ar, não é só na Continental, o próprio Victor Costa, quando o programa da, da, quando o *Jararaca e Ratinho* e o (...) saiu das sextas feiras, *Alvarenga e Ranchinho* deixou o programa das sextas-feiras da Rádio Nacional. Tava um certo problema de renova, não renova, não renova. O *Balança mas não cai* foi, foi, foi decidido no corredor. O Max Nunes disse assim, olha o Victor eu tenho uma idéia pra fazer nas sextas feiras. Eu já estou sabendo que o *Alvarenga e*

Ranchinho vão deixar o horário, eu queria mostrar pra você uma idéia de um programa humorístico. Ele disse não mostra não...

Flávia: Põe no ar...

Carlos Alberto Vizeu: Bota no ar, você conhece essa história. Bota no ar que depois a gente, eu vejo. A coisa funcionava muito assim...

Flávia: Foi assim também com a reportagem na Continental, não houve assim uma?

Carlos Alberto Vizeu: A Continental, o primeiro carnaval da Continental, eu vou lhe dizer, foi feito em 1951, foi uma iniciativa do Palut. Quem trabalhou no carnaval de 1951 foram as seguintes pessoas: Palut, a mulher dele, a Alba Regina, ah, o Afonso Soares, ah, o Jorge Sampaio, o Manuel Jorge e o Milton de Souza. Mais ninguém. Essas foram as pessoas que trabalharam na primeira cobertura de carnaval da rádio Continental.

Flávia: Que foi em 1951?

Carlos Alberto Vizeu: Que foi em 1951. É bom deixar isso escrito, porque quando eu fui fazer a história do rádio¹¹⁰ eu peguei o Afonso Soares que foi a primeira pessoa a trabalhar nesse carnaval, trabalhou, e pedi a ele para que me levantasse o nome das pessoas que estavam na cobertura número um da Continental e foram essas as pessoas citadas por ele e eu estou apenas passando para você. Então você vê, por exemplo, no caso da central de informações, a central de informações, indo de encontro a essa questão da, da, da, da coisa da instantaneidade, da, da, da, da coisa, vamos assim dizer, da coisa sem, sem grandes reuniões, sem grandes elucubrações, a central de informações, ela surgiu durante a cobertura de carnaval, quando o Afonso [Soares] tava em plena cobertura, quando o Afonso foi a redação para apurar uma notícia, ele tava, a cobertura do carnaval era feita, um carro da Continental ficava na avenida Rio Branco, onde a Continental era nessa época, em frente atualmente ao edifício da Avenida Central, que naquela época era a Galeria Cruzeiro, então ficava um caminhão, um carro da Continental e eles ficavam em cima do carro transmitindo, porque a avenida Rio Branco era assim, era a principal artéria, a principal passarela do samba era a avenida Rio Branco na década de 50. Então o Afonso, a Continental ficava ali naquele ponto, subiu para apurar uma notícia, um crime e aconteceu que o elevador prendeu, ficou preso lá, o elevador não funcionou e ele queria passar a notícia, que o Palut tinha pedido a ele para apurar essa notícia, mas era uma notícia extra, uma notícia policial e ele aí naquela coisa pediu ao operador para abrir o microfone do estúdio e ele entrou do estúdio pra dar a informação. O Palut naquela hora, naquele mesmo momento, passou a criar um novo posto na cobertura que passou a se chamar central de informações, que hoje, que hoje todas as estações de rádio quando transmitem futebol elas têm a sua retaguarda que é a central de informações, que é a central onde entra o locutor para dar os resultados dos jogos dos outros, dos outros campeonatos. Então as coisas funcionavam desse jeito. Não tinha essa coisa de dizer, não, vamos agora, vamos criar, por exemplo, os slogans, por exemplo: *a Continental está em todas*, que é um slogan do Palut, não foi decidido por uma agência de publicidade depois de fazer uma pesquisa, como hoje a gente trata as coisas, porque também minha origem é publicitária. Então é, é, é completamente diferente, entendeu, o rádio e a televisão naquela época, eu acho que a necessidade até dessa instantaneidade, dessa velocidade pra sobreviver porque senão a coisa ficava... (a secretária entra para servir um café) Então não existia essa coisa. Eu desconheço essa reunião, como uma das coisas que o Palut sempre foi, da vida dele toda, ele nunca foi chegado a muita reunião, diga-se de passagem, ele nunca foi chegado a fazer muita reunião. Ele sempre fazia as reuniões assim, mas as coisas muito assim, explicadas assim muito rapidamente, e ele gostava muito que as coisas fossem testadas no ar. Ele não gostava de ficar teorizando, botando muito, ensaiando muito, não era muito com ele.

Flávia: A gente poderia afirmar então que o início da reportagem, com essa característica de ir à rua, de esperar que o fato se esgote, começou com a cobertura do carnaval de 51? O senhor diria isso?

Carlos Alberto Vizeu: Olha, eu diria que não, diria que não, porque veja bem, acabei de citar o exemplo do meu pai...

Flávia: Eu até gostaria de voltar depois nisso, antes da Continental...

¹¹⁰ C.A.V produziu um vídeo, patrocinado pelo Banco do Brasil, em que conta a história do Rádio no Brasil

Carlos Alberto Vizeu: Como teve o exemplo dele, depois dele teve o exemplo de outras pessoas que fizeram naquela época, fizeram aquela, fizeram cobertura, fizeram reportagem naquela época, quer dizer eu posso, eu posso te dizer que naquela época não havia muito essa coisa de, vamos assim dizer, o jornalismo não era, o grande, o grande impulso do radiojornalismo foi dado na Continental, o resto, me desculpe.

16:58

Flávia: Depois inclusive copiou a Continental?

Carlos Alberto Vizeu: A CBN é uma cópia mal feita da Continental. Eu posso falar isso porque eu estive na CBN cinco anos, fazendo o plantão CBN da madrugada. Então, é, é, é, não é porque não se queira, os dirigentes, no caso, na época o Jorge Guilherme e outros que passaram por lá, quisessem que a coisa fosse assim. É porque o rádio, como a televisão, mudou. Então a preocupação que hoje em dia o pessoal tem com horário é uma coisa que o pessoal não tinha. Eu vou te dizer uma coisa muito importante. Você tá vendo falar da Continental assim, a Continental foi uma estação pessimamente administrada, tanto que ela quebrou, ela faliu, ela desapareceu, mas não pela, não pela, pela, vejam bem, não pela proposta dela, a proposta dela foi uma proposta, era uma proposta boa, excelente proposta em termos de audiência e uma excelente proposta em termos de, em termos comerciais, ela quebrou por problemas de mal administração, de roubalheira mesmo, você está entendendo?, nos cofres da rádio, por parte de quem dirigia a rádio, advogado, parte jurídica, aí resolveu, esses sim foram as pessoas responsáveis pelo fim tanto da rádio como da televisão Continental. Agora pra te dizer sobre, sobre, é, é, outras, outras, outras, outros exemplos de radiojornalismo eu te digo sinceramente, você tinha na época o Repórter Esso na rádio Nacional, você tinha o jornal da Rádio Tupi que era feito pelo Décio Luis, que era o *Galo informa*, você tinha na Rádio Mayrink Veiga um jornal chamado *O mundo em sua casa*, você tinha o *Matutino Tupi*, na Rádio Tupi, que foi um jornal que marcou época, você tinha o que mais?? Ai papai pode, ele tem uma memória melhor que a minha, mas eu não me lembro mais de nada.

Flávia: Mas eles não tinham reportagem externa?

Carlos Alberto Vizeu: Não tinham. A reportagem era feita...

Flávia: Quem começou reportagem externa foi a Continental?

Carlos Alberto Vizeu: Não, não foi a Continental quem começou. Deixa eu te dizer, a reportagem externa era feita com um gravador inicialmente, aqueles gravadores pesados, e eram feitas essas reportagens, mais, vamos assim dizer, não no estilo que a Continental fazia ao vivo, mais reportagem de acompanhamento.

Ary: Vizeu (...) A Continental é a história da própria reportagem. Porque o rádio já existia. Já existia o rádio, o rádio estava andando, as estações nenhuma, poucas tinham, pouquíssimas tinham departamento de jornalismo, não existia isso, a Rádio Nacional que era já administrada por pessoas conhecedoras profundas Victor Costa, que enxergava bastante, acontece que via as coisas, mas ficava esperando, como se diz, bom amanhã eu vou ver isso, por enquanto não, ia levando o negócio, então o problema é o seguinte, como ele tava falando, a reportagem saia as vezes com um material desse tamanho assim, só o gravador, só o gravador precisava de um operador pra levar, que era uma coisa tremenda

Carlos Alberto Vizeu: Poucas rádios tinham isso né?

Ary Vizeu: pois é, pois é, poucas rádios tinham isso.

Carlos Alberto Vizeu: O problema é o seguinte poucas rádio tinham até espaço, o espaço pra jornalismo na programação era geralmente dentro do jornal falado e mais nada, mal ou bem tinha-se uma outra emissora que abria um espaçozinho pra reportagem, não tinha...

Ary Vizeu: Não tinha.

Carlos Alberto Vizeu: Então você tinha, como é que era feito o jornal na época? Era na base de recortar mesmo do jornal...

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: ... a notícia, entendeu, e era feito dessa forma e na base da rádio-escuta. Um ouvia o outro, entende? Então aquele negócio da escuta, quer dizer, era uma coisa que funcionava muito na época. Você tinha um serviço de rádio-escuta, então o rádio-escuta ele sabia que tinha o *Repórter Esso* às tantas e tantas horas que tinha o *Jornal do Brasil Informa*, que tinha o *Jornal da Tupi*. Então o que ele fazia? Ele ouvia aqueles noticiários e, às vezes, ele sintonizava uma rádio em São Paulo ou em outro estado ou às vezes a Voz da América, a BBC pra fazer aquele noticiário internacional e fora isso era, você tinha na época a France Press e a United Press, eram as duas agências de notícias internacionais que se tinham mais fortes aqui, acho que eram as únicas que nós tínhamos na época. Agora agência de notícias nós tínhamos a agência das Associadas que era, esqueci o nome da agência de notícia, mas era uma agência de notícias fortíssima pertencente a cadeia Associadas e fora isso tinha a Trans Press, que era uma agência de notícias também, mas era uma pequena agência de notícias, não era uma agência de notícia, vamos assim dizer, do porte de uma United Press, de uma France Press, então o rádio, o jornalismo, o radiojornalismo era feito assim quer dizer, e outra coisa que acontecia também que era muito importante, que já funcionava aquela coisa das relações públicas e o rádio ele se beneficiava muito disso, quando vinha noticiário, ah, o noticiário da agência Nacional era muito importante o noticiário da Agência Nacional. Geralmente o noticiário da agência nacional vinha em quatro, quatro horários: vinha de manhã, vinha pela manhã, vinha logo na primeira hora da tarde, no fim da tarde e à noite. Eram quatro, quatro edições da Agência Nacional e aquilo, isso era a capital da república, então quer dizer, a gente tinha mais facilidade de ter o noticiário, depois que foi pra Brasília, ficou um pouco mais difícil.

Flávia: E porque será que a Continental resolveu investir nesse tipo de reportagem?

Carlos Alberto Vizeu: Olha, eu te diria o seguinte, a Continental ela teve como diretor, o primeiro diretor dela foi o Gagliano Neto...

Flávia: Que era da área de esporte, é isso?

Carlos Alberto Vizeu: É o Gagliano foi o primeiro locutor a transmitir a copa do mundo ...

Ary Vizeu: Locutor esportivo...

Carlos Alberto Vizeu: Locutor esportivo. Mas era uma pessoa muito inteligente, um homem de visão...

Ary Vizeu: Um locutor completo ...

Carlos Alberto Vizeu: Completo e ele que inventou essa coisa de música-esporte-notícia você ouviu na Rádio Globo, isso aí é Gagliano Neto, quando ele foi pra Continental, entendeu?, ele foi com essa proposta de fazer música-esporte-notícia na Continental.

Flávia: E ele foi quando, logo que a Continental foi inaugurada ...

Carlos Alberto Vizeu: Logo que a Continental foi inaugurada...

Flávia: Em 58?

Carlos Alberto Vizeu: Não.

Flávia: 58 não, perdão, 48, 48, quando ela foi criada...

Carlos Alberto Vizeu: 48, foi quando a Continental foi inaugurada, ele foi o primeiro diretor artístico da Continental.

Flávia: Será que a idéia, partiu dele a idéia de primeiro investir no esporte e daí... ?

Carlos Alberto Vizeu: Olha eu diria a você que, a, a coisa de da trilogia, vamos chamar assim, música-esporte-notícia partiu dele, mas se você tá querendo se referir a essa coisa da cobertura, isso nasceu do Palut...

Flávia: Do Palut...

Carlos Alberto Vizeu: Isso foi ele que botou. Isso ninguém pode tirar dele. Podem falar o que quiser, mas isso não podem tirar dele. Foi ele que trouxe essa coisa da reportagem, da cobertura de carnaval e que foi o embrião, a cobertura de carnaval na verdade foi o começo, foi o primeiro passo para o que ele queria fazer que era fazer a cobertura dos grandes acontecimentos, que depois foi feito. O Saulo mesmo te deu um depoimento, você tem naquela fita ...

Flávia: Tem os paióis

Carlos Alberto Vizeu: Você tem lá os paióis de Deodoro lá pra você como era a transmissão naquela época. Aquilo foi gravado numa fita de áudio-taipe, de gravador, desses gravadores portáteis, naquela época tudo importado, não tinha essa facilidade que se tem hoje e, e, e, a cobertura de carnaval foi o embrião, foi o começo, depois o formato desse tipo de coisa foi desenvolvido, quer dizer, então quando tinha um grande acontecimento, a Continental caía em cima, entendeu? Foi assim também na época da enchente quando ele (aponta o pai Ary Vizeu) estava lá na Continental, ele pertenceu durante um período.

Flávia: O sr. Ary entrou que ano na Continental...

Ary Vizeu: (pausa) Eh, agora eu não sei....

Carlos Alberto Vizeu: Papai entrou, eu vou te dizer, ele esteve primeiro na rádio Guanabara, saiu da rádio Guanabara, foi em mil novecentos, e que, sessenta (1960), foi na época do Jânio, ele foi pra Rádio Nacional, depois ele saiu da Rádio Nacional, foi pra Rádio Mayrink Veiga e da Rádio Mayrink Veiga, ele ficou um tempo na Mayrink Veiga implantando a reportagem lá, que a Mayrink Veiga tinha sido comprada naquela época pelo Brizola e aí foi implantada todo o esquema de jornalismo da Mayrink Veiga, e aí ele ficou durante esse período fazendo essa implantação, até com o Saulo, naquela época trabalhou com o Saulo ...

Flávia: É o Saulo me contou isso..

Carlos Alberto Vizeu: E aí ele saiu da Mayrink a convite do Palut pra ir pra Continental porque era um, um, um jornalismo, Palut assumia a direção do radiojornalismo e do telejornalismo, então ele foi com o Palut pra dividir, eles ficavam uma época, um ficava um pouco na rádio, outro ficava um pouco na televisão e eles se dividiam na, na, na, na direção do jornalismo.

Flávia: Mas só na década de 60 então que ele foi pra emissora Continental...?

Carlos Alberto Vizeu: Na década de 60 não. **Na década de 60**, perfeitamente.

Flávia: Na década de 50 o senhor não participou da Continental?

Carlos Alberto Vizeu: Não.

Flávia: Não?

Carlos Alberto Vizeu: Não. Ele teve na rádio Guanabara durante 15 anos. E antes da rádio, ele teve na Rádio Nacional, trabalhou na Rádio Tupi, trabalhou em outras emissoras de rádio, depois pra ir pra rádio, depois pra rádio Guanabara, permaneceu 15 anos, dirigindo o radiojornalismo da rádio Guanabara, durante 15 anos, que atualmente é a Rádio Bandeirantes aqui no Rio.

Flávia: Ele começou em qual rádio? Primeiro foi a Guanabara?

Carlos Alberto Vizeu: Não a primeira rádio dele foi a Petrópolis Rádiodifusora.

Flávia: O senhor se lembra o ano?

Ary Vizeu: Mil novecentos e trinta e pouco, trinta e oito (38)...

Flávia: O sr. tinha quantos anos na época?

Ary Vizeu: Eu to com 84....

Carlos Alberto Vizeu: 85 vai fazer agora, dia 14 de setembro. Dia 14 de setembro...

Ary Vizeu: Eu tinha 20

Flávia: Depois de amanhã????

Carlos Alberto Vizeu: Depois de amanhã.

Flávia: É o seu aniversário...

Carlos Alberto Vizeu: É exatamente.

Flávia: E eu não sabia eu não trouxe nada...

Ary Vizeu: Ah pelo amor de Deus...

Carlos Alberto Vizeu: A sua presença já é, já é um presente pra ele.

Flávia: Nem que fosse algo típico da minha região, um pinhão...

Ary Vizeu: Muito obrigado, a senhora é muito gentil, só sua presença valeu ...

Flávia: Gentil da sua parte em me receber na antevéspera do seu aniversário (risos)

Ary Vizeu: Eu pedi até ao Carlos Alberto que ficasse aí, porque ele faz parte da história da reportagem ...

Carlos Alberto Vizeu: Não, eu não faço parte da história, eu sou uma pessoa que acompanho a história, entende? Eu acompanho a história porque eu comecei, eu com 14 anos de idade, eu vivi, o meu tio Palut, Ary meu pai, então...

Ary Vizeu: Você teve uma época que dirigiu, jovem, dirigiu a rádio Continental e não é importante?...

Carlos Alberto Vizeu: Não meu começo foi um começo assim de, de ...

Ary Vizeu: O tio dele era um malucão, sismava, ele dizia assim, vou, vou embora, toma conta disso aí, deixava ele assim, sozinho lá ...

Carlos Alberto Vizeu: Você vê como o Palut era irresponsável nesse ponto né. Larga na mão de uma pessoa como eu ...

Ary Vizeu: Não, não era ele conhecia. Eu era contrário e dizia Carlos Alberto não se mete assim, não vai assim que você vai se arrebentar, eu falava com ele e com o Pault, o Palut dizia assim: deixa, pode deixar que ele vai bem, vai bem, vai bem e pronto ...

Flávia: Eu quero somente terminar, depois eu quero também pegar o seu [currículo]. Então o sr começou em 1938 na rádio Petrópolis.

Carlos Alberto Vizeu: Ele não, ele começou em ...

Flávia: O sr. Ary. Aí depois passou pela??? Só pra gente tentar resgatar esse percurso.

Carlos Alberto Vizeu: Depois da Petrópolis Radiodifusora ele veio para o Rio...

Ary Vizeu: Não, a primeira estação eu não vim pra o Rio eu vim pra Niterói, que era a Rádio, Rádio Clube Fluminense, que hoje, hoje a rádio Continental é ex-Rádio Clube Fluminense.

Rádio Clube Fluminense (fala junto com o senhor. Ary). Ele tem uma passagem inclusive interessante. Eu fiz a história do Chacrinha na televisão, quer dizer, eu fiz um especial do Chacrinha, e, e nesse, o chacrinha foi uma pessoa que quem empurrou o chacrinha na verdade pra, pra fazer o programa dele, o primeiro programa dele, a discoteca do Chacrinha, foi ele (Ary), porque o Chacrinha era colega dele, ele levou o chacrinha pra essa rádio, o chacrinha ficou como discotecário numa época e depois aconteceu dele empurrar o Chacrinha, não, bota o chacrinha no microfone, tava faltando um locutor num horário...

Ary Vizeu: Isso em Niterói, era a rádio Clube Fluminense, que hoje é a emissora Continental.

Carlos Alberto Vizeu: E ele, eles queriam que ele fizesse o horário e ele disse não eu não faço porque hoje eu estou comprometido, eu não vou poder fazer o horário, mas bota o Chacrinha que ele vai funcionar maravilhosamente. O Abelardo Barbosa porque naquela época não era o Chacrinha né.

Ary Vizeu: Era Chacrinha, porque a rádio ...

Flávia: Ficava numa chácara né?

Ary Vizeu: É na chácara, Chacrinha. E porque? Aí um dia ele não era, ele, ele, como se diz, ele ia como um cantor (?) o chacrinha, veio como um cantor, mas chegou aqui e começou, não deu certo, tomou uma parte de circo, esses negócios todos, mas foi correndo o tempo aí ele sentiu que, um dia chegou perto de mim e disse assim, oh Vizeu eu vou embora, eu não tenho dinheiro pra mandar pra minha mãe, eu mando todo mês e já é o segundo mês que eu não mando, não sei o que vou fazer, e eu não arranjo emprego, ninguém quer, não tenho mais circo pra cantar, onde chegou o circo vou lá, aí me dá uma gaitinha pequena, eu gasto e acabou. Aí eu disse, se você quer você vai conseguir, te dou uma mão, naquele tempo todos os cartazes e as pessoas que principiavam no rádio se reuniam no café Nice, à noite, eles acabavam, todo mundo ia, era Orlando Silva, o cantor, todas as pessoas assim iam pra lá, bate papo, tomar o seu café, fazer seu lanche, esse negócio todo, ficava por ali. Então eu disse, olha Abelardo você faz o seguinte não vai, não vai embora, vai se agüentando por aí, que eu vou ver se te arranjo alguma coisa. Aí um belo dia lá na rádio telefonaram, tinha outra estação, me telefonaram que precisavam de uma pessoa pra ser auxiliar, auxiliar alguma coisa, eu indiquei o chacrinha, mas só pra ir lá pra ver o que era. E ele foi lá, quando ele chegou lá pra ver tal coisa, o cara botou a mão na cabeça e disse você caiu do céu. Porque? Ah eu tô, vai começar o *rádio baile em sua casa*, aos sábados, e era a grande atração de lá, da estação, pra fazer eu não tenho ninguém, eu não posso falar no microfone, porque eu não sei. Eu sou gerente, mas não sei. O Vizeu não pode tomar parte porque ele é de outra estação. Como é que nos vamos fazer? Ah se o senhor quiser? Não, isso, isso, entra aí e faz, é um baile em sua casa, foi quando ele entrou assim de repente e começou a, aqui tá tudo mundo de cabeça pra baixo, pra cima, e tá havendo isso, havendo aquilo, então começaram, os telefones que não tocavam, começaram a tocar. Uns metendo o pau, outros elogiando, elogiando, elogiando, foi quando ele caiu no gosto e começou então a esse negócio. E porque chacrinha? Só no quarto ou quinto programa que virou chacrinha, porque ele dizia assim, estamos transmitindo da chacrinha, então, com o Chacrinha, aí é que surgiu o nome dele. Foi assim que foi o Abelardo Barbosa.

Flávia: Muito bom, muito interessante....

Ary Vizeu: Não, não tem nada de mais...

Flávia: Isso é história. É a história viva sendo contada, isso é muito importante...

Carlos Alberto Vizeu: Mas a sua tese na verdade, qual é?

Flávia: Eu quero estudar essa reportagem que foi criada na década de 50, então é por isso é que eu estava te perguntando a respeito de áudio...

Carlos Alberto Vizeu: Deixa eu te dar mais algumas informações.

Ary Vizeu: E também tem um negócio Carlos Alberto, você não falou da Associação dos Radiorepórteres que foi importantíssima, na criação, na fase...

Carlos Alberto Vizeu: Você é que tem que falar...

Flávia: O senhor é que foi o presidente...

Ary Vizeu: Não é por ter sido presidente não, é porque, porque que surgiu também, surgiu de acordo com a reportagem, porque eu estava na Rádio Nacional e ainda naquele tempo, a Nacional fazia os pingos, homeopatia, coisa pequena de reportagem, não tinha esse negócio de sair pra fazer reportagem não, a gente pegava uma, tinha o rádio com escuta ligada, tomava nota, cada um tirava uma notinha da outra estação e aí formava o jornal e soltava e pronto. Agora porque, como é que surgiu esse negócio? Surgiu justamente porque o senhor Heron Domingues, que não veio pra aqui como locutor esportivo, locutor, não veio como Repórter Esso. Ele veio como, fazer, entrou, tinha a Rádio Nacional, eh, fez um teste...

Carlos Alberto Vizeu: Posso só dar uma informação aqui?

Ary Vizeu: Pois não.

Carlos Alberto Vizeu: O Heron Domingues, o Repórter Esso quando começou em 1941, ele começou, não existia locutor exclusivo para ler a notícia. O locutor do horário, ele lia o Repórter Esso.

Eram quatro edições e o departamento comercial da Rádio Nacional começou a reclamar, porque a Rádio Nacional quase que toda ela, foi, vamos assim dizer, baseada, calcada no rádio americano, o nosso rádio foi todo chupado lá do americano e nos Estados Unidos você tinha um locutor de notícias e aqui a única coisa que faltava era ter realmente um locutor exclusivo pra notícia e aí foi feito um teste e entre as pessoas que foram, entre as pessoas do teste que foi feito na época, um teste feito até pelo Victor Costa, o Heron foi escolhido como o locutor, pra ficar como o locutor do Repórter Esso.

Ary Vizeu: Me desculpe, então eu vou completar, O Heron Domingues, não veio, veio porque a rádio tinha chamado pra fazer teste pra locutor ...

Carlos Alberto Vizeu: Locutor do Repórter Esso.

Ary Vizeu: Não senhor, desculpe, antes. Locutor e ele veio e fez com outro, com vários locutores, inclusive com Rubens Amaral na ocasião. O que acontece é que o Victor Costa gostou da voz do Heron Domingues e achou que, ele não errou, os outros erraram o teste, ele disse eu vou aproveitar esse rapaz, mas eu vou estudar uma maneira, quando acabou o teste, esse negócio todo, foi que veio a idéia dele lançar um, pegar um daqueles locutores pra fazer exclusivo só pra ler jornal, jornal falado, então ele disse eu vou botar Heron Domingues, porque? Porque na rádio Nacional existia padrão de voz, era o padrão de voz, era o Celso Guimarães, na Tupi Carlos Frias, na Rádio Mayrink Veiga César Ladeira, então não adiantava, a senhora podia ter uma voz muito bonita mas se fosse na Tupi e não tivesse (imposta a voz) **Rádio Tupi PRG3 tal coisa** não entrava. Muito bom, mas não serve, não é o nosso estilo. Então era assim. Então como, como é que o Victor ia fazer? Ele disse não, eu vou lançar o Heron, inclusive voz dele é diferente, quebra esse tabu, vou criar o primeiro Repórter Esso, aí que apareceu ele lendo exclusivamente. Ele não veio para ser o repórter Esso não...

Carlos Alberto Vizeu: Ninguém disse isso, eu não disse isso..

Ary Vizeu: Não, pois é, mas muita gente diz...

Carlos Alberto Vizeu: Mas, mas as pessoas que dizem eu não sei, eu sei que ele veio pra fazer um teste como locutor, mas já naquela época o departamento comercial da Rádio Nacional reclamava ...

Ary Vizeu: Perfeito...

Carlos Alberto Vizeu:... um locutor exclusivo para noticiário e foi aí que Victor Costa, ao ver o teste e como ele disse fugia do padrão dos locutores, ele disse esse rapaz pode criar um estilo novo pra fazer o jornal falado e foi aí que botou ele pra fazer o Repórter Esso. A verdade é que muita gente fala determinadas coisas, mas na verdade eu acho que as coisas, antes da gente falar, a gente deve procurar saber, se informar, com as pessoas que viveram aquela época, então só vou voltar no negócio da Continental. A rádio Continental era uma rádio que tinha sete kilowatts, pra você ter uma idéia, uma rádio que não tinha grande alcance, além de tudo era uma rádio muito sacrificada pela parte administrativa porque os donos, eles tomavam...

Ary Vizeu: Berardo, Berardo

Carlos Alberto Vizeu: Pegavam o dinheiro, pegavam o dinheiro do faturamento da rádio e gastavam e não pagavam os funcionários, então os funcionários às vezes, ficavam três, quatro, cinco meses sem receber, mas aó é que, aí é que eu digo a você, quer dizer, que é muito importante, o seguinte, essas pessoas não deixavam de ir, de cumprir suas obrigações, elas não tinham essa coisa, ah não me pagou eu não vou, você entendeu? Não, elas estavam lá. Nos piores, nos momentos mais difíceis, de virada de horário, ficassem sem dormir, sem poder ir em casa porque tavam fazendo uma cobertura, não sei o que lá, sem condições até, as mínimas, de trabalho, a Continental tinha épocas que não se pagava o telefone, pra você ter uma idéia, a conta telefônica não pagava e cortavam o telefone. O pessoal do radiojornalismo, descia pra apurar, pedia o telefone, por favor, numa loja de móveis (há um ruído na gravação que impede a escuta clara desse trecho) e que tinha embaixo pra fazer a apuração de lá, quando não fazia de um restaurante que tinha na esquina da rua do Riachuelo, até hoje tem, é o Victor, tá até hoje vivo lá pra te contar isso, ele cedia o telefone pro pessoal fazer a apuração de notícias pelo telefone, pra marcar entrevista, essas coisas. Era uma estação que ela era muito sacrificada porque os donos não tinham, não tratavam a Continental como uma empresa, quer dizer, eles não, eles não investiam na empresa, quer dizer a Continental era uma estação que ela funcionava sempre, tava

sempre funcionando na base do barbante enquanto que as outras, os donos tavam sempre comprando equipamento, investindo, pagando salários em dia, prêmios, a Continental não tinha nada disso, as pessoas que trabalhavam lá trabalhavam porque realmente tinham amor ao que faziam.

Ary Vizeu: Saia tudo na base do vale, a maioria recebia vale. Sexta feira lá era um tremendo, baixava um astral baixo que vou lhe contar, um negócio muito sério.

42:07

Carlos Alberto Vizeu: Eu imagino que uma pessoa dirigir um setor de jornalismo, como na Continental, como por exemplo ele [Ary Vizeu], durante a revolução, até essa história, acho que ate agora não foi contada, vou te contar aqui. Durante a revolução o Palut, no dia da, no dia vigília ...

Ary Vizeu: No dia que rebentou a revolução...

Carlos Alberto Vizeu: ... no dia que rebentou a revolução, ele se excedeu um pouco ao microfone e fez criticas aos militares, ao Lacerda, enfim, botou pra fora, porque o Palut era uma pessoa de pavio curto, não era uma pessoa de você poder controlar um pouco, às vezes, o ânimo dele, o que tinha que falar ele falava no microfone e falava tudo o que tinha que falar. E nesse dia na, no dia que estourou a revolução, ele falou até demais e aí o que aconteceu esse aí que, o senhor Ary Vizeu teve que assumir a rádio e a televisão de uma forma desgastante, porque ele chegava lá no primeiro horário e só saia de madrugada quando a rádio fechava porque nenhuma nota, tanto na rádio como na televisão saia sem o visto dele, porque o dono da estação, quando ouviu o programa do estouro da revolução ele queria acabar com a reportagem, ele queria que a Continental ficasse só com a parte do esporte e mais nada e música. Não, vamos acabar com a reportagem, ele [Ary Vizeu] disse não, o senhor não pode fazer uma coisa dessa, porque se o senhor fizer uma coisa dessa, ele argumentando, o Ary, vai ser uma, uma, uma desmoralização pro senhor e pra todas as pessoas que trabalharam até agora aqui, inclusive pra mim, agora nós temos que fazer a coisa de uma forma correta, com uma certa, com acuidade, vamos trabalhar, já que mudou o quadro político, vamos fazer dentro das condições que tem atualmente, temos que fazer como todas as rádios estão fazendo, elas não estão se enquadrando? O senhor então enquadra a sua, não é verdade? Então foi dessa forma. Ele disse não, só se você se responsabilizar, e ele se responsabilizou ...

Flávia: E aí como é que ficou? Como foi o trabalho?

Carlos Alberto Vizeu: Ficou seis meses, um ano que nem uma pessoa, não tinha nem horário pra nada, cuidando disso até passar, porque eles queriam tirar uma forra no Palut, não é? Então o Palut ficou ...

Ary Vizeu: Eu era o presidente da Associação de Radiorepórteres, isso me tomava certo tempo, mas eu procurava fazer com que pudesse dar uma solução, então, às vezes a polícia tava em cima, a censura (?) queria botar a mão no Palut de repente, a gente sabia...

Carlos Alberto Vizeu: E no Saulo também

Ary Vizeu: Pois é, Palut, Saulo, dois ou três lá, e quem é que escondia? Era eu quem começava a manejar. Por exemplo o Palut. O Palut não sabia, eu vou morar onde? Eu tenho que sair daqui, a policia tá a tua procura, três horas da manha, duas horas, sai de casa, não, não, diz só pra gente e vai embora. Corria tudo assim nessa base, assim essa coisa do mistério, um negócio muito sério. O presidente da organização que era o doutor Rubens Berardo, era um sujeito muito simpático, muito agradável, passava por você e dizia, Ah minha filhinha, minha filhinha, qualquer coisa estamos aí, mas coitado. Quem roubava não era ele ...

Carlos Alberto Vizeu: Não, não

Ary Vizeu: Era a família toda que bota a mão, chegava lá, pessoal pagava ...

Carlos Alberto Vizeu: O senhor Rubens era uma pessoa casada com uma mulher, da família Bezerra de Melo

Ary Vizeu: Muito rica...

Carlos Alberto Vizeu: ...e ele, o senhor Rubens, nunca botou a mão de nada na Continental, mas ele fez, ele criou, ele era um dos irmãos, não é papai? Então é o seguinte, ele veio, era tudo nordestino, ele veio pra cá e deu certo, aí ele veio trazendo os irmãos, aí trouxe o senhor Carlos Berardo, trouxe o Ernani Berardo, trouxe o Luis (?) (nesse ponto há um ruído que não deixa 100% claro a palavra Luis) Berardo, foi trazendo todos os irmãos e os irmãos quando chegavam aqui e olhavam o senhor Rubens, entendeu?, eles queriam ter o mesmo padrão de vida só que eles esqueciam que o padrão de vida que o senhor Rubens tinha não era o padrão de vida que a Continental dava a ele, era o padrão de vida que a mulher dele dava a ele. A dona da, da, família Bezerra de Melo. Ele morava em um palacete em Laranjeiras, mas tudo era a família Bezerra de Melo. Eles tinham muito dinheiro, então **ela** tinha esse padrão de vida e dava ao seu Rubens, ela era apaixonada por ele, então dava ao senhor Rubens tudo do bom e do melhor que tivesse, um conforto, não é, não tem nada de mais isso, é uma coisa, e os irmãos, o que que aconteceu, tinha um advogado na rádio, que era ...

Ary Vizeu: O Wilson ...

Carlos Alberto Vizeu: O Wilson Barbosa...

Esse é que era, esse é que era ladrão, esse é que era o ladrão. Esse que estragou tudo ...

Esse que foi o ponto de destruição de tudo. Era uma pessoa que via essa, essa, essa vontade que os irmãos tinham em ter o que o senhor Rubens tinha ele facilitava, criava, ele mostrava, ele oferecia, não, o senhor vem e tem tanto dinheiro aqui amanhã, o que você precisa? Porque que ele fazia isso? Porque ele metia a mão também. Você tá me entendendo? Quando ele tirava para o fulano e tirava pra ele também e com isso a Continental durou anos e anos assim, tanto que era, coitado, a televisão saiu despejada de lá de onde ela eh, nunca pagou um imposto, uma coisa de falta total de administração né, a Continental nunca pagou INPS, naquela época era o INPS, nunca pagou, então comprava as coisas e não pagava. A Continental, a TV Continental foi a primeira estação a usar o vídeo-tape no Brasil, ela foi a pioneira no Vídeo-tape.

Flávia: O sr. comentou comigo ao telefone...

Carlos Alberto Vizeu: Pois é, e no entanto nunca pagou a Ampex a máquina que usava, deu uma prestação e não pagou mais. E a Continental era assim entendeu, agora eu não sei o que acontecia porque aquilo lá era movido, era uma chama que tinha ali dentro, as coisas, parecia que todo mundo esquecia seus problemas quando botava o pé ali dentro, todo mundo se preocupava em realizar, essa é que é a realidade...

Flávia: Eu conversei com alguns que participaram e todos têm um carinho muito pela Continental, isso a gente percebe, essa chama que você comenta em todos, o Saulo falou disso

Carlos Alberto Vizeu: É o Saulo é um, não é? Bom, o Saulo é um caso à parte, eu diria que o Saulo Gomes é um cara à parte porque o Saulo é um apaixonado pela reportagem. O Saulo quando, o Saulo foi assim na Continental, foi assim na Mayrink Veiga, foi assim na Rádio Tupi, foi assim na TV Tupi, foi em todos os lugares que ele passou. Então, o Saulo, o Saulo é um dos raros, raríssimos profissionais que ainda se apaixonam pelo que faz.

Ary Vizeu: O Saulo é um grande profissional...

Carlos Alberto Vizeu: Grande profissional, um grande repórter, uma pessoa...

Ary Vizeu: Você sabe qual é a origem dele né? ...

Flávia: Ele começou no circo né? É ele me contou essa história...

Ary Vizeu: Quando juntava ele e o Palut quem segurava era eu, porque por exemplo, nós estamos agora aqui, três horas, três horas, tava tudo normal na Continental, a programação tava normal, aí, daqui a pouco chegava o Palut, tudo bem? Olhava lá, ficava lá batendo papo com o pessoal dele, mais tarde chegava, uma, duas horas, o Saulo. O que é que há Saulo? Olha lá, eu falo. Não, não, não, tá tudo calmo aí? Ele pra mim. Tá porque? Não, porque eu to vendo um negócio aí, vou procurar, vou ver um negócio que tá acontecendo ali na esquina ali, não sei o que, ba-ba-ba, volto já. Olha lá, não vai arranjar novidade. Daqui a meia hora, ele já tava telefonando de lá que era um incêndio e que ia fazer a reportagem lá, e se era um negócio mais volumoso ele chamava o Palut, aí o Palut também largava

tudo e ficava uma bagunça desgraçada, eu ficava lá (levanta os braços e dá uma palmada). Chegava de noite, o senhor Rubens Berardo telefonava, Vizeuzinho o que que há? O que é que há, tá pegando fogo aí ó, já querem invadir o transmissor da sua estação. Como é que pode? Cadê o Palut? O senhor Palut tá desaparecido, o que mais que o sr. quer. Eu tô sozinho aqui com fulano. Já dei uma ordem aqui que não pode dar nota nenhuma sem passar o visto dele, porque a revolução ó, já era, então nós estamos perdidos.

Flávia: Quando estourou a revolução, eh o vivo acabou, a reportagem de rua foi diminuindo, como é que isso aconteceu?

Ary Vizeu: Não, não foi diminuindo, foi, entrou a censura né...

Flávia: Mas aí ela acabou, acabou o vivo...

Ary Vizeu: Não, não acabou...

Carlos Alberto Vizeu: Não, não acabou pq ele foi e tomou a frente disso.

Flávia: Pq o senhor tinha que dar visto em todas as notas, mas e o que o repórter tava falando na rua, como é que controlava?

Ary Vizeu: Não, tinha, só ...

Carlos Alberto Vizeu: O repórter que falava na rua logicamente obedecia uma pauta ...

Ary Vizeu: É ...

Carlos Alberto Vizeu: ... Você vai fazer que reportagem? Você vai ouvir quem? Olha lá, vê lá como você vai fazer, você sabe que não pode falar isso...

Ary Vizeu: Não pode falar, Fulano e Beltrano não existe pra gente. Acabou. A senhora podia passar perto de mim, eu com o microfone e a senhora disser troça a beça, eu olhava pra senhora...

Carlos Alberto Vizeu: O que ele tá querendo dizer é que as pessoas que pudessem criar problemas...

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: ... para a censura, trazer problema com a censura, ele não podia botar no ar, porque a Continental tava prestes a ser fechada. Ela não foi fechada e não foi lacrada porque ele assumiu o compromisso com o senhor Rubens de ficar na rádio pra ver nota por nota e não permitir que a rádio desse nada que fosse contra a censura pra não criar problema pra ele. E eu [Rubens] não vou, eu não quero me meter nessa briga, o senhor Rubens era do partido do governo na época, do Jango. Então ele disse: eu não vou me meter nessa briga porque eu tenho a televisão, eu tenho a rádio, ele tinha três emissoras de rádio, a Continental aqui, a Metropolitana e a Continental de, de, de Recife

Ary Vizeu: de campos...

Carlos Alberto Vizeu: Não, não, de Recife.

Ary Vizeu: É, é, Recife.

Carlos Alberto Vizeu: ... e tinha a TV Continental, então, quer dizer daqui a pouco vão me tomar as rádios e vão fechar a televisão. Então ele ficou com medo, como qualquer um, nessa hora fica.

Flávia: Tem uma pesquisadora que também estuda essa área, que é a professora Gisela, ela é da USP, faleceu infelizmente no ano passado, ela sustenta que essa reportagem mais aguerrida, de rua, do vivo, ela, com a revolução ,ela dá uma esfriada e ela acaba por morrer alguns anos depois...

Carlos Alberto Vizeu: É verdade, é verdade.

Flávia: Então a gente pode associar a revolução a esse fim gradativo da reportagem de rua?

Carlos Alberto Vizeu: Pode, pode. Não só pode associar a revolução a isso como também ...

Ary Vizeu: Com a revolução entra a censura e acabou.

Carlos Alberto Vizeu: ... como você pode associar o seguinte, a entrada da revolução significa o fim da Rádio Nacional, o fim do Correio da Manhã, o fim da TV Rio, o fim da TV Continental, o fim da TV Tupi, o fim do Diário de Notícias, o fim da Última Hora, daí vai. A revolução destruiu a nossa cultura, a nossa informação, tudo nosso acabou...

Ary Vizeu: Ficou um negócio de fantasia, sabe como é? De fantasia.

Carlos Alberto Vizeu: A fachada...

Ary Vizeu: É a fachada...

Flávia: Tem um outro pesquisador que é o Mauro, ele diz que a partir desse momento é que as rádios pegam mais material de agência, deixa de ter repórter na rua...

Carlos Alberto Vizeu: Claro, lógico.

Ary Vizeu: Ah é...

Flávia: Isso aconteceu também na Continental, foi bem na época que o senhor estava?

Ary Vizeu: A Continental não tinha dinheiro pra pagar agência não, tinha que telefonar e telefonar...

Carlos Alberto Vizeu: Não, vinha pelo noticiário da agencia Nacional. O noticiário oficial pegava da agencia nacional, acabou, tá aqui. A agencia nacional deu, tá coberto né.

Flávia: Antes de 64, qual era o status do repórter de rádio, assim dentro do cenário informativo brasileiro?

Ary Vizeu: Antes de que?

Flávia: Antes de 64, quando se tinha essa liberdade de fazer.

Ary Vizeu: Tinha, mas ninguém tomava conhecimento. Não existia repórter, nem radiorepórter, nem telerrepórter, não existia...

Flávia: Mas ele era importante??

Carlos Alberto Vizeu: Você devia de contar a história da geladeira porque eu acho que isso é o que ela quer saber. Os repórteres eram tão unidos. Conta o negócio da geladeira.

Ary Vizeu: Ah então, bom eu já estava na, nessa ocasião, tava pensando em fomentar a reportagem, pra ver se nascia a reportagem mesmo, aí acontece que num determinado momento eu cheguei a conclusão que a gente não podia continuar fazendo porque a gente levava o microfone, uma coisa enorme lá pra fazer a reportagem fora, uma ou duas, a Nacional ou a Mayrink ou a Tupi e mais nada, mas acontece que chegava lá, se você chegasse lá na frente você chegava lá e mandava o teu operador: desliga aquele da Nacional, e tal coisa e deixa só comigo, então não havia essa união e não havia nada, um queria meter o pau no outro e tal coisa. Foi quando eu criei, eu imaginei fazer um negócio entre amigos, fazer um negócio de coleguismo entre profissionais, foi quando surgiu a associação dos radiorepórteres, com o nome de Clube dos Papagaios.56:20

Flávia: Isso foi em que ano, o senhor se recorda?

Ary Vizeu: Ah isso aí eu não sei não. É antigo, isso é antigo...

Carlos Alberto Vizeu: Isso em 1950 e poucos. Foi na época justamente foi, vamos dizer, foi 1953, 54... Quando Getúlio se matou já existia a Associação?

Ary Vizeu: Já, já.

Carlos Alberto Vizeu: Então, aliás ele foi o único repórter, o único repórter, isso é uma coisa que até hoje eu fico bobo, porque ele foi a única pessoa o único repórter e...

Ary Vizeu: Eu assisti a última reunião...

Carlos Alberto Vizeu: ... de Getúlio. Porque ele era muito amigo de Lutero Vargas.

Ary Vizeu: Eu tinha feito a campanha de Lutero, eu era muito amigo (?). Nesse dia, nessa noite (?), todo dia eu ia lá no Palácio, mas acontece que nesse dia eu soube que o dr. Getúlio ia fazer uma reunião, tava convocando pra tantas horas, todo o ministério, seria de grande importância, mas que não tinha jornalismo. Eu fui ao dr. Lutero, eu já tava lá dentro do Palácio, eu disse dr. Lutero escuta (?), nos somos amigos, o senhor é meu amigo, é meu padrinho, o senhor me ajuda, deixa eu ficar, eu fico num canto lá, eu não vou fazer nada, nem vou falar nem nada, mas deixa eu presenciar isso. Então fica firme. Ele era fechado, mas era um cara legal. Comigo sempre foi. Estão assisti tudo, assisti o negócio da, quando Getúlio pegou e mandou que assinassem, porque ele queria saber, quem, qual era a sua opinião, você quer que eu fique como presidente aí, morra aqui, ou entregue isso, como é que é. Ah não, o senhor deve entregar, já os militares já estão tudo com luz acesa lá no palácio da guerra. É só chegar, dar um telefonema daqui, acabou o negócio e pronto. E você, aí foi pra Alzirinha. A Alzirinha disse, ah papai eu fico com o senhor é lógico até, até o final. Tô com o senhor e não saio. Foi quando depois ele pegou a, com a caneta, ele tava dando pro pessoal assinar, dando a opinião e assinando, compreendeu? Quando chegou a vez da filha, ele disse olha, essa caneta é pra você...

Carlos Alberto Vizeu: Pra Alzirinha

Ary Vizeu: Mas você vai me permitir, eu vou dar pro Tancredo Neves que é o único que disse aqui que ia ficar comigo como você. Ah tá bom papai. Foi quando ele pegou essa caneta e disse essa caneta é sua. Depois você vai saber o significado. Ele estava meio assim, todo enigmático, todo misterioso. Depois quando terminou tal coisa, ele subiu e aí começou o negócio. Eu ainda fiquei la...

Flávia: O senhor estava lá quando ele, é?

Ary Vizeu: Se suicidou? Tava, tava lá na parte de baixo.

Flávia: E o senhor sabe me dizer quem foi o primeiro repórter a dar a notícia?

Ary Vizeu: Ah sei não, bom...

Flávia: Porque tem alguns que falam. O Léo Batista fala que foi ele

Ary Vizeu: Quem? Léo Batista? Não Bom pode ser que tenha ...

Carlos Alberto Vizeu: Pode ser papai porque ele era locutor da rádio Globo.

Ary Vizeu: Bom do palácio telefona, telefone, cada um, compreendeu, tinha interesse em servir a determinada estação...

Flávia: O sr. não chegou a dar essa notícia?

Ary Vizeu: Não, eu tava lá. Dei, eu tava na Guanabara. Eu dei a notícia. Eu tava na Guanabara... Continental também... Um problema sério.

Flávia: Deixa eu aproveitar e já trocar o meu MD.

Ary Vizeu: Gravou tudo isso?

Flávia: Gravou.

MD 2

Na troca de MD, eu aproveitei para perguntar sobre pessoas que trabalharam na Continental e que poderiam me dar depoimento. (essa pergunta não foi gravada, mas toda a resposta sim)

Carlos Alberto Vizeu: Não, ele [Palut] tinha as pessoas que ele confiava né, em função daquele trabalho dele. Ele tinha uma ou duas que ele se dava, como toda pessoa tem, que são algumas pessoas que, duas ou três pessoas que eram muito carinhosas com ele, mas o pessoal sempre tinha aquela coisa, ta entendendo, de botar o pé atrás, sabe como é que é? Aquela coisa de achar que, porque que é ele, porque é que não sou eu. Então, quer dizer, eu posso, não sei, vamos pensar aqui quem é que eu poderia te indicar. Uma pessoa que eu posso te indicar, que eu tenho certeza que não vai fazer nenhuma, e que tá muito mal até, é o Jorge Sampaio, que tá aí. Ele mora até aqui em Copacabana, você poderia ir conversar com ele. E foi uma pessoa que trabalhou na primeira cobertura do carnaval,

foi locutor da, da, da *Reportagem Ducal*, depois na televisão, então é uma pessoa.... Depois eu te dou o telefone. Mais eu não sei quem eu poderia te indicar pra falar.

Flávia: No final eu pego então, a gente pode tentar ver esses nomes. Mas eu queria explorar um pouco mais sua história, o senhor começou na Continental quando?

Carlos Alberto Vizeu: Não me chama de senhor senão eu vou embora ... (risos)

Flávia: Não, é só uma questão de respeito.

Carlos Alberto Vizeu: Que idade você tem?

Flávia: (risos) tenho uma boa bagagem aqui...

Carlos Alberto Vizeu: (risos) Qual a tua idade?

Flávia: Quarentinha, tô chegando agora...

Carlos Alberto Vizeu: Então, eu tenho 58 anos ...

Flávia: Não, é só uma questão de respeito. Se me permite eu posso me dirigir a você....

Carlos Alberto Vizeu: Pode, lógico, não existe isso, o que é isso...

Flávia: Então, você, começou quando na Continental?

Carlos Alberto Vizeu: Eu comecei, eu comecei em 1962, não foi bem na Continental, quer dizer eu comecei na Continental em função de um programa do Palut que era na Continental, porque o Palut em 62 ele não estava na Continental e estava na Continental.

Flávia: Como é que é isso?

Carlos Alberto Vizeu: É o seguinte: Ele saiu da Continental e foi pra TV Tupi. Ficou lá dois ou três anos, dirigindo a reportagem na Tupi, TV Tupi, foi inclusive o pioneiro da transmissão do, de Brasília. A primeira transmissão que foi feita, a transmissão de Brasília, quem comandou a cobertura foi ele, foi ele quem mostrou o palácio do planalto pela primeira vez, como é que foi, como é era, foi ele que foi pra lá, ele foi o pioneiro nessa coisa. O Jânio queria até mandar prender ele porque ele tinha, ele tinha que fazer a abertura, a Associada na época era a única emissora que podia transmitir do, do, fazer a transmissão da palavra do presidente né, porque era a única que tinha a cadeia, já tinha uma, a rede né, espalhada, que espalhou a rede pra transmitir a coisa. Você tinha outras emissoras, a TV Rio, que era a Rede Unidas, tinha a Record, enfim, mas a emissora pra fazer rede era a Tupi, era a única que tinha. E, a Tupi, ela conseguiu esse negócio de fazer essa rede, precisou de financiamento, de dinheiro, na época a Tupi me parece que conseguiu, fazer o seguinte, toda a vez que tivesse transmissão de, de, de caráter de rede nacional a Tupi tinha obrigação contratual de abrir, de dizer assim *sob o patrocínio do Banco Nacional de Minas Gerais, sem o qual não seria possível essa rede estar reunida nesse momento, passamos a falar de tal lugar assim assim*, era uma exigência contratual. E o Palut fez exatamente o que tava lá, que mandou o homem da caixa, aquela época era o diretor, e ele fez. Quando acabou, o chefe de gabinete do Jânio mandou o Palut se apresenta lá, aí o Jânio disse assim, (imita a voz do Jânio) o senhor está vendendo a palavra do presidente? Ele disse, não presidente eu não tô vendendo, eu to cumprindo uma ordem que me deram. (imita a voz do Jânio) O sr está completamente enganado. Aí um rolo danado, a sorte é que o pessoal da direção se meteu lá no meio pra esclarecer, aí ele foi liberado, quase que iam botar ele no xilindró. Mas a, a, a, eu estava falando, sobre

Flávia: Que em 62 o senhor começou e o Palut estava e não estava.

Carlos Alberto Vizeu: É em 62 ele saiu, ele saiu da Tupi e aí ele montou uma agência de produção, chamava-se Equipe, a agência dele. Equipe Produções. E ele lançou um programa na Continental, comprou um horário na TV Continental, depois de ter saído ele foi lá na TV Continental comprou um horário e foi fazer um programa chamado *Abra a câmera*, que era um programa que tinha às 11 horas da noite. Foi um programa de período muito curto, uns seis meses só que ficou no ar. Ele vendeu o programa, patrocínio, tudo isso e o Ary Vizeu participava desse programa, o Sargenteli, o pessoal todo da, que ele gostava, que tivesse perto pra fazer, chamava e botava no programa, né. Então tinha esse

programa e eu, foi aí que eu estreei como sonoplasta, eu comecei a fazer minha, a minha, a minha profissão, eu comecei como sonoplasta.

Flávia:... da Continental?

Carlos Alberto Vizeu: Num programa do Palut na TV Continental.

Flávia: Na TV Continental.

Carlos Alberto Vizeu: Depois eu fui, não aí depois em 62, no próprio ano de 62, no mesmo ano de 62 eu fui fazer o carnaval, cobertura de carnaval, que também ele fez pela Equipe. Alugou a rádio Rio de Janeiro, era uma rádio que não tinha o menor significado, mas ele alugou a rádio, a transmissão, o horário da rádio, de sexta feira até quarta feira de cinza e fez a cobertura lá. E eu aí estreei nessa cobertura como repórter, falando do Juizado de Menores, foi aí que eu comecei. Eu comecei como sonoplasta e aí fui fazer reportagem de setor ...

Flávia: Mas isso na TV?

Carlos Alberto Vizeu: Não na rádio. Na rádio, na TV não. Na TV eu fazia sonoplastia desse programa dele. Aí depois, logo depois ele voltou pra Continental, porque o Rubens Berardo gostava muito dele. Brigava, ele saiu umas cinco ou seis vezes da Continental. Vai e volta, vai e volta. Então ele voltou pra lá e aí ele resolveu reformular a programação da rádio e me entregou um horário, eu tinha pouca idade nessa época, por isso é que ele [Ary Vizeu] tava falando isso, de uma da tarde, ate às seis. Você vê que loucura né, eu era um garoto de, sei lá, 15, 16 anos, eu fiquei responsável, ficava como responsável pelo horário de uma às seis da tarde.

Flávia: Fazendo reportagem? Ou fazendo o programa?

Ary Vizeu: Tudo.

Flávia: Tudo!?

Ary Vizeu: Tudo.

Carlos Alberto Vizeu: Ele tinha uma coisa. Ele tinha uma coisa, o Palut tinha uma coisa que era, uma coisa incrível, ele era uma pessoa que passava uma segurança pra você né, ele passava uma tarefa pra você com uma segurança que você vai fazer bem, que você tem tudo pra fazer beme você se compenetrava naquela hora e você realmente, aquilo ali você ia fazer bem. Ele tinha ... E depois ele era uma pessoa que ele não cobrava no varejo, ele não ficava em cima de você no primeiro programa. Não, ele gostava de ver a coisa, depois da primeira semana, olha eu ouvi, tá muito bom, tá engrenando o negócio, um termo que ele usava muito, vai engrenar nesse horário, não engrenou ainda, mas vai engrenar, entendeu? Então eu fazia esse horário, da uma às seis, chamava-se *Rio Boa Tarde*. E ele fazia o horário da Manhã, o Palut, *Bom dia Rio*, de oito ao meio dia, *Bom dia Rio*. Aí depois ele, depois eu fui fazer, eu fui pra televisão, fui trabalhar, fui fazer um programa pequeno de televisão de meia hora, um programa de entrevista. E aí foi, minha vida, aí não é o caso aqui ficar contanto minha vida porque não tem nada a ver com o que você veio fazer aqui ...

Flávia: Sim, mas voltando um pouquinho à década de 50. O Palut ia pra rua também fazer reportagem ou ficava só na redação?

Carlos Alberto Vizeu: Lógico!! Não, absolutamente, ele ia pra rua.

Flávia: Ele ia.

Ary Vizeu: Todo mundo se mexia e ele era o chefe. Ele ia pra rua também.

Carlos Alberto Vizeu: Ele ia pra rua. Não tinha essa coisa não. Ele era uma pessoa, ele era uma pessoa pau pra toda obra, ele dizia sempre o seguinte, quem não sabe fazer não sabe mandar. Entendeu? Então esse negócio de ficar fazendo muita teoria, muita teoria, ele ia lá e fazia as coisas.

Flávia: Vocês se lembram se existia alguma preocupação com a linguagem. Porque, por exemplo, o rádio ele pede uma linguagem mais próxima do dia-a-dia, havia conversas sobre isso?

Carlos Alberto Vizeu: Não.

Ary Vizeu: A gente aprendia

Flávia: Aprendia ali, na prática, fazendo...?

Ary Vizeu: A Continental foi uma verdadeira escola, a gente saía, você chegava, entrava na Continental cedo e não sabia o que ia acontecer e pra onde você ia, entendeu? O negócio era esse.

Carlos Alberto Vizeu: Exatamente. E a programação era toda calcada nisso.

(começa a ventar muito e isso começa a atrapalhar a qualidade do som)

Flávia: Em cima das reportagens ?

Carlos Alberto Vizeu: Não em cima das coisas que aconteciam. Então era uma novidade pra você. Uma vez eu tava com ele. Nos estávamos voltando pra casa e, naquela época não tinha celular essa coisa toda, e eu não sei como é que aconteceu, que ele foi avisado, eu não me lembro direito, ele foi avisado, tinha que fazer, tinha que, tinha caído aquele prédio de apartamento em Laranjeiras, General Glicério, morreram não sei quantas pessoas, demoliu, caiu aquilo ali às 8 horas da noite, tava tudo cheio de gente, isso foi em sessenta e poucos e eu tava com ele, tava vindo pra casa.

Ary Vizeu: Aquilo ali foi um negócio muito triste. Teve gente que tinha saído do edifício, pra ir lá embaixo ...

Carlos Alberto Vizeu: ... comprar pão...

Ary Vizeu: ...comprar pão, quando voltou cadê o prédio?...

Carlos Alberto Vizeu: Cadê o prédio???

Ary Vizeu: ... Cadê o prédio? Não é possível!!!! Uma verdadeira loucura...

Carlos Alberto Vizeu: Nos chegamos lá não tinha ninguém. Quando eu cheguei com ele, eu tava com ele nesse dia, tava voltando pra casa.

Ary Vizeu: Coisa séria, coisa séria...

Ele [Palut] disse Carlos Alberto vamos pra General Glicério agora, caiu um prédio de apartamentos lá, famílias, eu tô indo pra lá agora, você vai comigo, depois eu deixo você, mando um carro deixar você em casa, aí eu fui com ele. Cheguei lá ele pegou já o telefone, ele pegou o telefone de um prédio que tinha em frente, né. Pediu ao porteiro, descobriu, não sei como, o telefone que tinha ali em frente, e de lá, do telefone, começou a transmitir sem parar, até chegar carro com mais equipamento..

Ary Vizeu: Repórter

Carlos Alberto Vizeu: ... com tudo pra poder, ficou lá umas três horas ou quatro horas, no telefone, *estamos assistindo isso, isso...*

Ary Vizeu: Controlando a chegada do Saulo, o Saulo ficava maluquinho, maluquinho...

Flávia:... pra ir pra lá?!

Ary Vizeu: Não, chegava lá, metia o pau, fazia isso, isso aquilo ...

Carlos Alberto Vizeu: Não, o Saulo é, o Saulo foi, é um dos maiores repórteres investigativo que tem. Ele faz um jornalismo investigativo como ninguém. É uma das pessoas mais, mais criativas e mais rápidas nessa coisa, ele tem uma capacidade pra, pra, pra articular essas coisas de uma forma incrível...

Ary Vizeu: Ele veio de circo. O circo foi a grande escola dele, de sair e fazer loucuras...

Carlos Alberto Vizeu: Tá na veia dele. O repórter tem que ter, como qualquer pessoa, tem que ter, nascer pra isso, né. O Saulo nasceu pra ser repórter. Infelizmente ele deve tá agora se sentindo mal pra

burro porque ele não tá fazendo o que ele gosta de fazer que é reportagem, que ele faz maravilhosamente bem.

Flávia: Por exemplo, fora esses casos que aconteciam, esses fatos importantes, havia uma preparação, havia aquilo que hoje a gente chama de pauta, se discutia, olha hoje vai acontecer isso, nós vamos cobrir. Como era o dia-a-dia da Continental?

Carlos Alberto Vizeu: Eu vou explicar pra você. O dia-a-dia da Continental era o seguinte. Tinha dois carros de reportagem.

Flávia: Dois carros....

Carlos Alberto Vizeu: Tinham dois carros correndo permanentemente a cidade. Um fazendo, vamos assim dizer, as matérias que estavam mais ou menos programadas pra fazer, a pauta né.

Flávia: Que é o factual previsível que a gente chama.

Carlos Alberto Vizeu: Previsível, exatamente. E outra era buscando sempre serviço na rua, que era a ordem que o Palut dava. Então ele queria serviço. O que que é serviço? O carro tá na rua, tem que informar se tem, se tem um problema de engarrafamento de trânsito, se tem, vamos supor, um assalto, se tem um, mesmo que tenha um incêndio, um pequeno incêndio, o que que é importante pra cidade. Informar as coisas que estão acontecendo na cidade. Serviço, prestação de serviço. Esse carro ficava, então o que acontecia? A Continental, ela tinha como eu te falei tinha dois jornais, *O Reportagem Ducal* e o boletim esportivo...

Flávia: É Ducal, não é? D-U-C-A-L?

Carlos Alberto Vizeu: Ducal, D-U-C-A-L. Ducal de duas roupas, duas calças aliás, por isso foi o nome Ducal, surgiu o nome Ducal. É, é, então tinha a *Reportagem Ducal* que era nas horas certas e boletins esportivos que era nas meias horas e tocava música nesses buracos de meia hora, quer dizer, tocava música **quando não tinha reportagem**. Ou reportagem, vamos assim dizer, do jornalismo do Palut, do departamento do Palut, e dele, ou do esporte, porque o esporte também, tinha uma coisa, a Continental transmitia tudo o que era de esporte. Ela fazia uma cobertura de esporte como ninguém até hoje fez...

Flávia: Não ficava somente no futebol, ela transmitia vôlei...?

Carlos Alberto Vizeu: De jeito nenhum, ela transmitia tudo, vôlei, basquete, natação, tudo que é tipo de esporte a Continental transmitia. Daí o slogan dela: 100% esportiva e informativa.

Flávia: 100% esportiva e informativa...14: 33

Carlos Alberto Vizeu: Por isso é que tinha esse slogan. Então o esquema da Continental, então o que que acontecia? Você tinha um coordenador, no horário né, então o carro de reportagem tava na rua, vamos dizer você tava no RC 1, que o carro, vamos dizer assim, que o carro que está fazendo prestação de serviço, o outro tá fazendo o previsível, né. Aí você tá lá, ah bom, chegou aqui tem um assalto sei lá, ou tem uma colisão de veículos com vítima ou sem vítima, mas tá provocando um engarrafamento de trânsito, aí quem que você chamava? Você chamava a central técnica e dizia: olha central eu estou aqui, em tal lugar assim, assim, eu quero, pede aí pra passa um flash pra mim. Aí a central técnica falava com o jornalismo. Jornalismo, o RC 1 tá pedindo passagem. Aí o cara do jornalismo saía do jornalismo – o jornalismo funcionava sempre com dois redatores e um apurador, entendeu?, e invariavelmente era assim que funcionava...

Flávia: A Central de Jornalismo que até você me contou...

Carlos Alberto Vizeu:... a base, a base do departamento de radiojornalismo funcionava assim: eram dois redatores e um apurador, e às vezes, teve uma época que tinha também um secretário de turno, mas a base da Continental era essa – então chamavam, na época chamavam uma pessoa do jornalismo, o chefe de reportagem no momento, do setor lá que ia falar com você. O que é que você tem? O que você tá fazendo aí? Não, é o seguinte, é uma colisão com veículos, com morte, tal, assim, assim, assim, pede pra passar para mim, pode passar pra mim? Posso. Já vou passar pra você. Aí o cara saía de lá. O cara do jornalismo mesmo era o que fazia isso. Ia na técnica, e dizia assim, olha bota aí o

prefixo dos *Comandos Continental*. Abre que eu vou passar lá pro RC 1. Aí o cara botava, interrompia a música, interrompia a música, se tivesse tocando música...

Flávia: Nem esperava terminar?

Carlos Alberto Vizeu: Não, não esperava terminar nada, tocava o prefixo, raamm, a serviço do, aí entrava, o prefixo era assim: *A serviço do povo, por toda a parte os Comandos Continental em ação*, aí caía pro locutor do estúdio e o locutor do estúdio diz assim, agora vai falar da, vai falar de Copacabana, do RC 1 vai falar a repórter fulana de tal, fala fulana, aí entrava você. Estamos aqui transmitindo de tal lugar, rarararara, aí você seguia. O tempo de duração desse flash você é que fazia, tá entendendo, se você, se você, é, achasse por bem falar 10 minutos você podia falar 10 minutos, agora tem o seguinte, o Palut, se ouvisse de casa ou da rua, se você tá fazendo um troço que podia ser feito em cinco e falou em 10, você ia ser chamada a atenção: Ele dizia, pô mas porque tá fazendo isso em 10 minutos, ninguém agüenta essa informação, que é que é isso aí? Não! Entendeu? Ou então, você fazia o teu negócio lá, ó nota 10, tava ótimo. E assim funcionava a Continental, aí voltava pro estúdio, tinha uma deixa assim: *agora vou voltar a nossa sede. Ontem, hoje, amanhã e sempre a casa da reportagem*.

Flávia: Você pode repetir pra mim porque esse carro de som (que passava na rua – era época de eleição) está atrapalhando. Você pode repetir o slogan final.

Carlos Alberto Vizeu: O Slogan final era: *ontem e hoje, voltamos aqui, e agora voltamos a falar da nossa sede, ontem, hoje amanhã e sempre a casa da reportagem*. Aí voltava a Continental, aí a Continental soltava o prefixo dela, emissora Continental, BRD 8, não sei o que, a serviço do povo em toda a parte. Aí voltava a programação normal. E quando tinha edição extra, quando tinha edição extra, quando tinha edição extra, a Continental, o Palut criou um negócio, foi o seguinte: O repórter Esso era assim o top do jornalismo, do radiojornalismo de notícia e tinha aquele prefixo famoso: prraamm, então o que o Palut fez, ele usava uma sirene, uma sirene de, de, de ambulância, sabe aquela sirene de bombeiro, uohhhhh, fortíssima, aí ele botava em cima uma locução que era assim: Atenção: quando você ouvir, é, atenção, atenção para o sinal de alerta dos comandos Continental, quando você ouvir, é, quando você ouvir a sirene, não, quando você ouvir esse, quando você ouvir isso, rarara, aumente o volume do seu rádio, alguma coisa de importante está acontecendo, alguma coisa de importante está acontecendo, é, atenção para o sinal de alerta dos comandos Continental e botava aquela sirene, entendeu, e falava pro sujeito aumentar o volume do rádio (risos) aí quando acabava aquilo ali entrava, entrava o locutor no estúdio dando a notícia, já passando pra reportagem. A notícia era sempre duas ou três linhas e (bate uma mão na outra) reportagem o tempo todo.

Flávia: A Continental se especializou em alguma área? Teve alguma área que ela atuou mais? Um campo de serviço mesmo em que houve assim, que daria pra gente destacar, olha a Continental realmente atuou muito nesse ramo?

Ary Vizeu: Não, não

Carlos Alberto Vizeu: Não, era, por exemplo, era uma estação em que ela tinha preocupação, os hospitais, ela tinha informante nos hospitais né, hospital Souza Aguiar, Carlos Chagas, Miguel Couto, Rocha Faria, Central de Polícia, existia uma, uma, uma corrida que você dava como apurador de notícia, você tinha que correr, tinha que ligar de hora em hora pra corpo de bombeiros, saber se teve alguma chamada, é, Souza Aguiar, Carlos Chagas, Miguel Couto, Central de Polícia, basicamente, entendeu, é, estradas de ferros, aeroportos, tinha que saber se tava, se os aviões estavam no horário, se os trens tavam no horário, se existia alguma alteração, isso era uma obrigação do apurador de notícia da Continental, ele tinha que correr, porque hoje em dia o apurador de notícias ele não liga mais pra lugar nenhum, não sei se você sabe né, na verdade ele tem uma caixa de um rádio que ele fica ali, e o rádio faz a varredura e ele vai ouvindo aquilo pelo rádio, o rádio do, do, do, da patrulha, o rádio do, do, do, do hospital, então ele fica ouvindo e pega pelo rádio, do rádio, e pega pelo rádio, do rádio o que tá acontecendo né, não tem mais, naquela época não, você tinha que ligar, chama o nosso informante aí, o cara dizia assim: olha, até agora tudo bem, tudo calmo.

Flávia: E os carros que andavam eram carros Dodge, é isso?

Carlos Alberto Vizeu: É isso foi uma permuta que a Continental fez, senhor Rubens fez, na verdade, coitada da Continental ela ficou com dois carros, eles fizeram uma permuta de cinco ou oito carros, os outros carros foram todos pros irmãos (?) e a Continental ficou mesmo com dois carros ...

Flávia: Que eram o RC 1 e o RC 2.

Carlos Alberto Vizeu: É o RC 1 e o 2 e tinha também um grandão, um carro grande, um caminhão grande que era o RC 3, também tinha, então dois carros Dodge, que naquela época tinha o slogan, a Continental usa carros Dodge, carros Dodge porque não pode parar nem falhar. ... (mais um carro de som)

Flávia: Vamos só esperar passar esse caminhão. Esse meu microfone pega tudo e nessas horas, atrapalha. Agora podemos ...

Carlos Alberto Vizeu: A Continental usa carros Dodge porque não pode, porque não pode, *os Comandos Continental usam carros Dodge porque não podem parar nem falhar*. Esse é que era o slogan.

Flávia: E essa questão técnica, isso também me interessa. Vocês já comentaram que eram aparelhos pesados, o senhor podia descrever um pouquinho, o senhor lembra do modelo ...

Carlos Alberto Vizeu: A parte técnica, a Continental tinha, é importante você falar isso, eu até ia esquecendo, foi até bom você falar, porque teve uma pessoa, era uma pessoa que era a mais importante em todo esse esquema que chamava-se Carlos Campanela.

Flávia: Ele está vivo ainda?

Carlos Alberto Vizeu: Não já morreu. Era o diretor técnico da rádio, era um italiano, era uma pessoa que tinha, ele vibrava com todas as, as, as chamadas loucuras do Palut e ele adorava, vibrava com os desafios e era um técnico, era uma pessoa incrível e pra ele não existia o impossível. Então ele era o cara que fazia a Continental andar com aquelas, com aquele rebuscamento de equipamento, aquela, aquele resto de equipamento, um talento.

Flávia: Você lembra de modelos?

Carlos Alberto Vizeu: Não, não eu não me recordo. Tinha uma coisa interessante na época que, hoje em dia a gente fica vendo os microfones sem fio aí, todo mundo, naquele época você tinha uma coisa chamada, o sem fio era um BTP que era maior que esse rádio que tá aqui....

Flávia: Que é lindo...!

Carlos Alberto Vizeu: Pesava mais que esse que tá aqui, entendeu. E você falava, tinha uma antena...

Flávia: Isso que tá aqui, só pra gente dimensionar, seria uns 25 centímetros...

Carlos Alberto Vizeu: Era um tijolo, um tijolo, não é papai, um negócio desse tamanho assim...

Flávia: Quadrado...?

Carlos Alberto Vizeu: não, ele era retangular. Era um tijolo mesmo, entendeu? Uma antena, aí você falava, mas tinha um problema da recepção que às vezes, às vezes não, tinha um problema de, de, de recepção, de, de, de transmissão, entendeu. Esse aqui é um rádio a válvula que eu comprei num desses ...

Flávia: Mas é lindo!

Carlos Alberto Vizeu: É. Bonito né?

Flávia: E então esse Carlos Campanela é quem inventava essas, essas ...

Carlos Alberto Vizeu: O Campanhela era, ele era uma pessoa extraordinária, não é papai?

Ary Vizeu: Ele representava todo o técnico. Ele era o chefe da técnica, mas conhecia profundamente isso, ele tinha (?). É o Carlos Campanhela, são nomes que não pode deixar de falar. Carlos Campanela, Victor Costa, que foi sua excelência, o mestre dos mestres...

Carlos Alberto Vizeu: Foi o maior diretor de rádio que nós tivemos.

Ary Vizeu: Victor Costa. Foi diretor da rádio Nacional, começou com o, como é, o cara que fica atrás, pra dar serviço, como é....?

Flávia: Office boy??

Ary Vizeu: Não.

Carlos Alberto Vizeu: Não, não ele cantava o ponto.

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: No teatro. Ele começou assim. Ele cantava o ponto no teatro.

Ary Vizeu: Victor costa era uma coisa impressionante, Victor Costa era...

Carlos Alberto Vizeu: Era um cara realmente de talento.

Ary Vizeu: E quem mais? Victor costa e na Continental Gagliano Neto. Gagliano Neto foi o que chegou lá e disse nós vamos fazer assim e assim..

Carlos Alberto Vizeu: E você tem um outro nome também que a gente não pode esquecer.

Ary Vizeu: Quem é?

Carlos Alberto Vizeu: Oduvaldo Cozzi.

Ary Vizeu: Ah bom. Mas aí já é outro setor.

Carlos Alberto Vizeu: Não, mas você tá falando de Gagliano Neto...

Flávia: Oduvaldo é entretenimento?

Carlos Alberto Vizeu: Não Oduvaldo Cozzi é locutor esportivo. Um dos maiores locutores esportivos que nós já tivemos.

Ary Vizeu: Um dos maiores improvisadores ...

Carlos Alberto Vizeu: Improvisadores do rádio...

Ary Vizeu: Aliás a última grande improvisadora que nós tivemos, nós perdemos, é a Sagramor Escuvero.

Carlos Alberto Vizeu: A Sagramor Escuvero era casada com o Miguel Gustavo, que foi o cara que criou o *jingle* aquele que tava cantando *pra frente pra Brasil*, e a Sagramor Escuvero ela era, ela fazia, o rádio, isso é que eu quero te mostrar, foi até bom ele [Ary Vizeu] falar isso, o rádio ele era todo ele improvisado. Então quanto mais você, você tinha talento pra improvisar você mais, mais se destacava, quer dizer, dona Sagramor Escuvero foi eleita vereadora, ela tinha uma, era uma grande improvisadora, também tinha, tinha também uma outra senhora que, que, era dona Sarita Campos, mulher do Costa Lima

Ary Vizeu: Ah, mas ela não chegava, não chegava...

Carlos Alberto Vizeu: que foi, que foi outro diretor de....

Ary Vizeu: Esse, Victor Costa, Costa Lima ...

Carlos Alberto Vizeu: Demerval Costa Lima, foi um grande diretor de rádio...

Ary Vizeu: E tem esses nomes do rádio geral, agora os dois mesmo era Victor Costa e aqui na rádio Continental o Gagliano Neto.

Carlos Alberto Vizeu: Eu acho que a gente não pode deixar de destacar o Gilberto de Andrade que foi um grande diretor da Rádio Nacional e foi depois pra Rádio Tupi também. Também não podemos deixar de falar do Zé Mauro, foi outro grande diretor também que teve de rádio. Quer dizer, nós tivemos profissionais, pessoas que foram. ...

Ary Vizeu: Mas todos já se foram.

Carlos Alberto Vizeu: Todos já se foram. Sérgio Vasconcelos, também foi outro diretor que teve uma grande participação no rádio, então quer dizer, mas o rádio é gozado. Você observa todos esses nomes que eu tô falando a você, a Continental ela tem, ela tinha uma coisa, ela era, ela era a única na época, não teve nada, ninguém, ninguém, ninguém, você pode dizer, parecido com a Continental. Não, a Continental era a única. Era a única, o formato dela, a, sabe, as características dela, tá entendendo? O conceito de radiojornalismo dela, entendeu, era única, o rádio que eu acho, eu acho não, tá aí, é o rádio que, isso na década de 50 você vê, eu entrei pra CBN em 92, foi quando a CBN foi lançada, né, agora, agora que tão buscando um rádio de notícia, em 92, o pessoal parece que tava dormindo e que acordou pra fazer um rádio de notícias, entendeu? É lógico que a CBN é uma rádio **diferente** da Continental, porque, completamente diferente, agora a diferença é que a Continental era uma estação que tinha esporte e música também, se bem que música era, era, não era....

Flávia: Não era o carro chefe

Carlos Alberto Vizeu: Não, era, música tocava pra tapar buraco, a verdade era essa. Então a Continental era única, entendeu? Eu acho, eu sou uma pessoa, eu te digo isso, quer dizer, era a estação, foi a estação, formato de emissora, que hoje se eu tivesse que fazer uma rádio eu faria com o formato da Continental, porque é um rádio moderno, é um rádio, não é um rádio caro, entende. É um rádio que possibilita você, te dá uma instantaneidade, uma velocidade pra você buscar a notícia que às vezes os outros formatos não te permitem, não é? Eu, em 89, eu fiz o *Plantão Geral* na TVE, nós fizemos um *Plantão Geral* na TVE, nós ficamos 108 horas no ar e só transmitindo, fazendo uma televisão *all news* né, como se diz né, agora a moda é essa, televisão *all news*, era a televisão do jornalismo, da reportagem e da utilidade pública. Então nós ficamos 108 horas no ar e eu, pra poder botar o pessoal fazendo 108 horas, na primeira reunião que eu tive, eu me lembro, o pessoal disse, nossa, você tá ficando louco, pô, 108 horas, aí eu peguei um recorte da época da Continental em que dizia: a emissora Continental permaneceu 102 horas ininterruptas, isso em 1952, eu digo assim, olha de 52 pra cá será que a gente não pode mais seis horas (risos), pra botar mais seis horas, conseguir fazer mais seis horas de transmissão, não é possível? Quer dizer, aí todo mundo tomou aquele susto. Não é possível? A Continental fazia, olha aqui ó, em 52 ela fez 102 horas.

Flávia: Acho que foi até quando, o Saulo me contou que ele bateu o recorde de permanência no ar, falando de um hospital...

Carlos Alberto Vizeu: O Saulo, o Saulo. É ele, eu tava, eu tava, outro dia revendo essas coisas de depoimento, eu vou te dizer, você tava pedindo tipo de reportagem, então você vê, a Continental transmitiu o júri do tenente Bandeira¹¹¹. Foi proibida a transmissão do júri. Sabe como é que eles transmitiram? O Afonso e o Palut se revezando. Eles ouviam o que a acusação falava e eles repetiam no microfone. Eles ficaram 36 horas, 36 horas ininterruptas transmitindo o júri do Tenente Bandeira, que foi o tanto de tempo que levou. E a Continental não botou música, não botou nada. 36 horas do júri.

Flávia: De falação, vamos chamar assim?

Carlos Alberto Vizeu: De falação. 36 horas do júri, pra quem quisesse tava lá. E não podia transmitir. Então eles tinham que ouvir e repetir no microfone o que o cara tava falando. Então essas coisas você vê hoje em dia, quer dizer, o pessoal diz assim, olha tá proibido. Todo mundo se acomoda. Aquela, isso é que eu digo a você que eu sinto hoje falta, tá entendendo, é, não tem justificativa, a gente hoje que tem tanta facilidade, é, com telefone celular, com toda essa parafernália que a agente tem hoje em dia, não se justifica o radiojornalismo estar tão acomodado como está. Porque não venham dizer pra mim que o radiojornalismo está, não tá, tá acomodado, tá todo ele, o problema do rádio, sei lá, é um negócio, é engessado, é uma coisa que a gente não consegue compreender porque parece que é, é uma, é uma, as pessoas parece não podem andar, como se você fosse andar de bicicleta e não conseguisse tirar as rodinhas, entende, tem que tá permanentemente, não porque eu posso cair, eu posso me desequilibrar, então eu não vou tirar as rodinhas, eu sei andar mas eu não vou tirar, ce sabe?...

Flávia: Não ousa, não é?

¹¹¹ O crime ocorreu em abril de 1952

Carlos Alberto Vizeu: Entendeu? Não ousa, então quer dizer, porra, tá proibida a transmissão do júri, mas vamos fazer. Como é que a gente vai fazer? Vamos ver qual é a saída que tem. Mas não, tá proibida a transmissão, acabou, tá proibida a transmissão não se transmite mais, vamos fazer um flashzinho lá da porta, tá entendendo e acabou. Tá proibido, ninguém vai fazer. Essa coisa do ninguém vai fazer é que eu acho que falta, tá entendendo, essa preocupação, não querer se preocupar-se se fulano vai fazer, se beltrano vai fazer, não eu vou fazer, eu vou fazer porque eu acho que tenho que fazer. Eu acho que essas coisas é que eu sinto muita falta né. Eu não sou saudosista, mas eu sou uma pessoa que tenho o maior respeito por aquele rádio, tá entendendo, o rádio daquela época eu tenho o maior respeito. Eu gostaria muito mesmo de ter convivido muito mais tempo com esse pessoal, tá entendendo, do que, sabe, com a turma que tá aí, porque, sabe, é preciso que as pessoas se acordem pras coisas, entende, todo mundo acomodado, muito engessado, todo mundo só quer saber qual é o horário que entra, qual é o horário que sai e essa coisa que a gente, a gente tem que se apaixonar pelas coisas, eu acho que o ser humano, ele só pode evoluir movido por uma paixão, se você não se apaixonar, nem em casa, nem na tua profissão nem em lugar nenhum é uma vida medíocre que você vive, né?

Flávia: Concordo plenamente.

Carlos Alberto Vizeu: Então quer dizer, não entendo o porque, o cara, pô, proibiu lá o tribunal, não pode transmitir, mas eu vou transmitir, 36 horas (bate uma mão contra a outra). Sem condições, sem recurso, sem nada, um ouvindo e repetia aqui, eu acho isso maravilhoso, não é?

Flávia: Maravilhoso, com certeza. Eu queria só antes de eu me extrapolar, que eu já peço desculpa por estar tomando tanto tempo de vocês...

Ary Vizeu: Não!

Carlos Alberto Vizeu: Não, pode fazer, não tem problema nenhum.

Flávia: Quando a gente começa, a gente não consegue parar. A hora que vocês tiverem um compromisso, vocês podem falar.

Carlos Alberto Vizeu: Não, pode falar.

Flávia: Eu queria então esclarecer alguns pontinhos que ficaram aqui. Você comentou que o senhor Ary começou fazendo uma reportagem lá na rádio Guanabara, com o carro da polícia?

Carlos Alberto Vizeu: Com o carro da rádio patrulha, pelo seguinte, naquela época não tinha carro de reportagem como hoje em dia tem. Você transmite de qualquer lugar, os carros de reportagem não tinham essa....

Flávia: Sim, então não eram como os carros da Continental que chegaram depois?

Carlos Alberto Vizeu: Exatamente. Não tinha nada disso. Então ele queria fazer acompanhamento de reportagem de, de, a radiopatrulha tinha sido inaugurada, então o que ele queria fazer? Ele queria fazer um, mostrar o que estava acontecendo, aproveitou a idéia dos carros de terem rádio, pediu a autorização pra usar a torre da radiopatrulha. Então ele usava o carro, o rádio do carro pra fazer, pra fazer reportagem, entende? Então naquela época você imagina né?

Flávia: Você lembra mais ou menos o ano?

Carlos Alberto Vizeu: O que?

Flávia: Porque começou em 38...

Carlos Alberto Vizeu: Foi na década de 40, foi quando ele estava aqui embaixo, na Rádio Guanabara. Ele tava na rádio Guanabara que ele fazia isso.

Flávia: E qual que é a diferença, por exemplo, daquilo que o senhor fazia para aquilo que a Continental começou a fazer em 50? Que diferença que tinha?

Ary Vizeu: Praticamente não havia diferença, não. Porque o que se fazia, pegava apenas o microfone, ligava, chamava a central de polícia e botava no ar.

Flávia: Mas não ficava tanto tempo quanto depois a

Carlos Alberto Vizeu: Não podia porque o rádio era pra servir a, o carro do (?). Ele fazia isso, ele fez uma relação boa com o chefe de polícia, por isso ele conseguiu isso...

Ary Vizeu: Com o comandante da polícia especial, polícia especial.

Flávia: Aí o senhor ficava alguns minutinhos?

Ary Vizeu: Minutinhos não, eu ficava, passava a madrugada todinha.

Carlos Alberto Vizeu: Não, os flashes, as reportagens....

Flávia: Os flashes, os flashes que o senhor usava....

Carlos Alberto Vizeu:... a duração dos flashes era de dois ou três minutos...?

Ary Vizeu: Ah de acordo com a necessidade, mas geralmente resumia, a gente resumia pra não cansar.

Flávia: Mas era uma coisa rápida pra não ocupar o rádio da polícia?

Ary Vizeu: É, é mais era um resumo né.

Flávia: E aí várias vezes?

Ary Vizeu: Varias vezes. Aí dependia. A gente saia, por exemplo, entrava no carro, de repente chamava o carro e tinha, tinha RP 36, aí a central, que era lá no, ali na, (pausa) no centro da cidade ali perto da polícia especial, chamava: atenção RP 36, aí o comandante que tava comigo, da equipe, atendia, alô pode falar. Olha, encaminhe-se assim, assim, dirija-se pra rua tal numero tal, então eu tava ouvindo, eu ia com ele, quando chegava lá nós descíamos, às vezes eu era tomado até como se fosse polícia (?) eu ia com o microfone, nós entrávamos direto, tal coisa, era suicídio, era arrombamento, era coisa assim, passava em resumo então toda a madrugada o que tava acontecendo de principal. Então era isso.

Flávia: Isso na década de 40?

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: É.

Flávia: E aí depois é que, isso era esporádico, era um tempo menor, mas só em 50 mesmo é que começa na Continental com essa coisa mais, de uma forma mais efetiva.

Carlos Alberto Vizeu: Ah sim, não tenha dúvida.

Flávia: Isso nós podemos

Carlos Alberto Vizeu: Você não precisa ter dúvida disso. Isso aí, a rádio Continental foi o grande, vamos assim dizer, ela é a grande arrancada no radiojornalismo foi a Continental.

Flávia: Perfeito. E assim, só o ano da chegada do senhor Ary na Continental, mais ou menos, foi na década de 60, você se recorda?

Carlos Alberto Vizeu: É, na década de 60. Ele foi em 63.

Flávia: 63.

Carlos Alberto Vizeu: 63, se não me engano, foi em 63 que ele foi.

Flávia: Aí logo depois veio o golpe de 64, a revolução de 64 e o senhor

Carlos Alberto Vizeu: Estava na Continental...

Flávia: Estava na Continental e passou a ter aquele trabalho de ...

Carlos Alberto Vizeu: De ter que ver as notas, aquele negócio todo, tal ...

Flávia: Perfeito. Existem algumas pessoas que tentam fazer uma relação, aí voltando aquela questão técnica um pouquinho, que a possibilidade da equipe do Palut ter ido às ruas foi com um equipamento que o exército usou na guerra.

Carlos Alberto Vizeu: Mentira.

Ary Vizeu: Não.

Flávia: Tem alguma coisa a ver?

Carlos Alberto Vizeu: Não, nada disso.

Ary Vizeu: Nada disso.

Carlos Alberto Vizeu: Olha aqui o equipamento que a Continental usava era equipamento de transmissão de carro de reportagem que na época já tinha. A Continental quando ela foi montada, ela foi montada, ela foi muito bem montada, equipamento foi comprado o melhor equipamento que tinha, só que aconteceu que depois eles não reformularam mais o equipamento, mas a Continental quando ela foi montada ela foi montada com o que era de melhor.

Flávia: Quer dizer, todo mundo tinha ...

Carlos Alberto Vizeu: Não ...

Flávia: Assim todo mundo não, mas, podemos dizer, algumas emissoras?

Carlos Alberto Vizeu: Não, não, porque as emissoras não tinham acordado...

Flávia: Não tinham interesse?

Ary Vizeu: Não...

Carlos Alberto Vizeu:... Não tinham acordado pra essa coisa do Gagliano ...

Ary Vizeu: É

Carlos Alberto Vizeu: ... ter falado essa coisa de música, esporte, notícia. As emissoras continuavam copiando a Rádio Nacional. A preocupação era copiar a Rádio Nacional.

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: A Rádio Mauá queria copiar a Rádio Nacional, a rádio Mayrink Veiga queria copiar, copiar que eu digo, quer dizer brigar, não péra aí, é a Rádio Nacional que tá na frente, vou botar um humorista também aqui, ah tem o Repórter Esso, então eu vou botar o galo, sabe, a preocupação era essa, a preocupação é como hoje a TV Globo, entendeu, a preocupação, se a TV Globo bota alguma às 8 e meia, o cara quer botar, o que a TV botou às oito e meia pra botar alguma coisa parecida, tá entendendo.

Flávia: É uma mera reprodução do que tá aí.

Carlos Alberto Vizeu: É, e o rádio vivia muito em função da Rádio Nacional. A Rádio Nacional era que comandava tudo, então a Continental quando ela surgiu, ela surgiu com suas próprias pernas, vamos dizer assim, o equipamento dela, era um equipamento, não tinha nada de exército, o equipamento dela era o equipamento que você falava, era rádio, era Motorola, aqueles rádios que você fala, até hoje tem esse equipamento nos carros da Rádio Globo eles usam até hoje. É Motorola, só que a Rádio Globo ela se dá, a rádio globo é uma estação super bem equipada que ela se dá ao luxo de ter uma estação em FM pra fazer transmissão dos seus flashes de rua e o Motorola ela usa pra fazer serviço. Alô, técnica eu tô aqui na rua tal, numero tal, hein, dá pra passar pra mim. Tudo isso no rádio serviço Motorola que não tem uma qualidade de som, e já o FM não, o FM é limpeza, quando ele vai fazer o flash ele vai pelo FM.

(pequena pausa para mais um cafezinho e água)

Flávia: Uma outra questão também, fora aqueles dois noticiários gravados, gravados não, os dois boletins que você comentou comigo, Ducal e ...

Carlos Alberto Vizeu: Reportagens Ducal.

Flávia: Reportagens Ducal e o outro ...

Carlos Alberto Vizeu: Boletim Esportivo.

Flávia: ... Boletim Esportivo, existia assim, alguma outra coisa fixa como um radiojornal....

Carlos Alberto Vizeu: Ah tinha. Tinha sim

Flávia:.... em que ser reaproveitava o material...

Carlos Alberto Vizeu: Não, não, tinha, a Continental ela, o forte da Continental continua sendo a reportagem, então a Continental ela tinha, por exemplo, ela tinha, ela tinha, o jornal ao meio dia, era um jornal que chamava-se *Radiojornal*, do meio dia à meio dia e meia, aliás da meio dia e meia à uma hora, era o *Radiojornal* que entrava e era um jornal de meia hora, radiojornal e tinha ...

Flávia: E aí entrava alguma coisa do material que já, por exemplo, alguma reportagem importante que tinha ido de manhã.

Ary Vizeu: Alguma coisa podia reprisar...

Carlos Alberto Vizeu: Poderia reprisar, mas a maioria do jornal, da rádio, ela fazia, eles faziam mais o noticiário mesmo, aquele noticiário batido de locutor...

Flávia: Que seria dois locutores

Carlos Alberto Vizeu: Dois locutores, eram dois locutores batendo o noticiário...

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu:... cada um lia uma nota.

Flávia: Aí não tinha, por exemplo não tinha reportagem, era mais...

Carlos Alberto Vizeu: Não, podia ter, como ele tá dizendo...

Flávia: Poderia ter mas não necessariamente...?

Carlos Alberto Vizeu: Não é como hoje que tá sempre entrando, colorindo o jornalismo, o jornal falado com uma reportagem.

Flávia: Certo, e à noite??

Carlos Alberto Vizeu: A noite tinha a zero hora, a Continental lançou no tempo dele a chamada *Frente da Zero Hora*. Então o que era a *Frente da Zero Hora*? Da meia noite às duas da manhã, a rádio primeiro encerrava às duas horas e depois passou a encerrar às três, aí de meia noite às três tinha música, né, selecionada pra de noite, e tinha, é, flashes de reportagem, de repente alguma reportagem muito boa que tinha sido transmitida de dia, botava, reprisava de noite ou então, e também, uma pano... que eles chamavam uma panorâmica da cidade, do Brasil e do Mundo. Então era, panorâmica pra saber como é que estão os aeroportos, previsão do tempo, serviço, serviço. Era isso.

Flávia: Por exemplo, quando ia repetir uma (interrupção para receber um cafezinho) A reportagem que eventualmente iria ser reprisada ela sofria algum tratamento?

Carlos Alberto Vizeu: Não.

Flávia: Era reeditada?

Carlos Alberto Vizeu: Não, não.

Flávia: Da maneira como havia sido transmitida ela era ...?

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: Exatamente, repetia. Não havia nada de reeditar. (risos)

Flávia: Não?

Carlos Alberto Vizeu: Não. A Continental ela tinha dois Ampex lá na central técnica, entendeu, dois gravadores daqueles Ampex profissionais e não tinha, ahhh, não tinha condições assim e nem operador pra ficar corta aqui, emenda ali, não tinha e não tinha essa cultura, a cultura era, eu acho o seguinte, a preocupação na época era tão grande com a notícia, não se preocupava com essas coisas de, vamos cortar pra ficar mais limpinho, vamos fazer, arredondar por que não sei o que, não tinha essa

preocupação. O radiojornalismo, esse radiojornalismo que você tá falando aí, se deve a Rádio Jornal do Brasil, com o Clovis Paiva quando assumiu a direção de jornalismo, que realmente foi a grande, a grande fase da Rádio Jornal do Brasil porque a Rádio Jornal do Brasil foi aquela que, essa sim, essa foi a rádio que, em termos de noticiário, ela foi uma das, ela dava um banho né, dava um banho em todas elas. A Jornal do Brasil.

Flávia: Isso na década de 60?

Carlos Alberto Vizeu: Década de 60, mesmo, é, década de 60. Porque o Reinaldo Jardim assumiu a rádio, a direção da Rádio Jornal do Brasil e reformulou toda a programação dela, quer dizer virou, a Rádio Jornal do Brasil era música e utilidade pública, música e informação, entendeu. Então era uma, foi uma rádio completamente, o formato dela na época revolucionou também porque saía daqueles padrões entendeu, foram programas que foram criados assim, e foram muito bem dentro do targuet, do público da rádio, então tinha primeira classe, você vê que tocava música, música clássica à uma hora da tarde, de uma às duas e tinha audiência hein! E tinha audiência. Não era aquele negócio de entrar o programa e o pessoal desligava, não, tinha audiência, era o Majestade até na época que apresentava, o Jorge da Silva, sua Mmajestade o Jorge da Silva, um vozeirão, uma pessoa maravilhosa, o Jorge da Silva.

Flávia: Eu ouvi uma retrospectiva que a rádio JB fez, ela fazia uns programas de final de ano ...

Carlos Alberto Vizeu: Eu tenho todos eles gravados. Todos os programas

Flávia:... que era uma coisa maravilhosa...

Carlos Alberto Vizeu: Eles davam de disco no final do ano aquilo. Tenho todos eles.

Flávia: Nossa você tem esse material!....

Carlos Alberto Vizeu: Tenho todo, todo o material, todas as retrospectivas. Todas!

Flávia: Você não me passaria isso...?

Carlos Alberto Vizeu: Claro, mas é muito coisa...

Flávia: Não somente alguma coisa pra eu ter como exemplo.

Carlos Alberto Vizeu: Posso passar, posso passar.

Flávia: Eu gostaria de mostrar pros meus alunos..

Carlos Alberto Vizeu: Ah você pode mostrar, que é um padrão desse aí, que até hoje, qualquer hora, toda hora que você vê falando de 64 é tudo chupado da retrospectiva de 64 da Jornal do Brasil. Foi um ano que posso te copiar pra te dar que é sensacional, que é 64, que é a retrospectiva da Jornal do Brasil de 64.

Flávia: Eles tinham essa montagem, usavam música, usavam....

Carlos Alberto Vizeu: Aí é o seguinte, eu vou explicar pra você. Aí é que tá o negócio de criar uma identidade que é importante nisso tudo porque senão você vira, cai na vala comum, como se chama, nê? Então você vê o seguinte, é, o, o radiojornalismo da Continental ele era um, era um radiojornalismo, é, eu diria que parece mais, tá mais ligado a trilogia do teatro grego, unidade espaço, tempo e ação. Tudo acontecia ali. [muda a voz como se estivesse fazendo um flash] Senhoras e senhores estamos aqui falando diretamente da rua Santa Clara, terere, terere, terere. Estamos aqui do lado do Sr. Ary Vizeu terere, terere, terere. Sr. Ary Vizeu, o senhor, assim, assim, assim. A senhora o que acha asssim, asssim, asssim. Bom agora a reportagem da Continental daqui a pouco eu volto falar daqui. Voltamos a falar da nossa sede, ontem, hoje, amanhã e sempre a casa da reportagem. [volta ao tom de voz normal] Acabou o flash. Tá certo? Eu diria pra você que isso é uma reportagem que tem começo meio e fim, toda ela factual. A Jornal do Brasil, ela (bate uma mão contra a outra) passou por isso e fez de outra forma. Os repórteres iam pra rua e eles não botavam a boca no microfone, o que eles faziam? Eles gravavam o som da notícia. Porque? Por coincidência, tinha sido lançado, a Philips estava lançando uns gravadorezinhos desses portáteis, esses gravadores de rolo pequeno né, e eles compraram, conseguiram comprar cinco ou seis gravadores daqueles. O dono da Jornal do Brasil

comprou. E o Clovis botou esse estilo, então o que acontecia, ele tinha dentro do, do, do, do jornal dele, ele tinha aquela cor, aquela coisa de colorindo a notícia, como se fosse um ruído, uma sonoplastia, não, só que aquilo ali era o som de fato da notícia. [para para atender ao telefone]. Então ela saiu fora desse padrão de fazer o rádio com começo meio e fim. Então por exemplo a Rádio Jornal do Brasil ela, ela, ela revolucionou nessa época, quer dizer ela reformulou todo o jornalismo dela, a linguagem do radiojornalismo, do noticiário com essas coisas.

Flávia: A Continental não fazia essa retrospectiva de fim de ano?

Carlos Alberto Vizeu: Não a Continental fazia, fez uma vez ou outra, mas não era o forte, não era o negócio dela.

Flávia: O negócio dela era o espaço, tempo, ação que você ...?

Carlos Alberto Vizeu: O negócio dela era, por exemplo, fim de ano, ela fazia corrida de São Silvestre, que ninguém fazia na época. Não é pai? Se lembra? [assente com a cabeça] Isso é que eu acho importante. Ninguém fazia, mas a Continental fazia a corrida de São Silvestre. A corrida tá lá, a TV globo faz não é? Então quando todo mundo tava jogando retrospectiva no horário, a Continental saía, fazia a corrida de São Silvestre, fazia uma reportagem ...

Flávia: Queima de fogos de repente ...?

Carlos Alberto Vizeu: Queima de fogos, então como é que é? essa era a Continental, por isso eu digo a você, era uma estação que ela tinha uma vida própria, ela tinha uma vida própria, era uma coisa muito moderna, muito avançada pra época, as pessoas às vezes não entendiam o que era aquilo. Pô, não tô entendendo, porque a Continental tá fazendo esse negócio? Todo mundo fazia, quer fazer, aí daqui a pouco todo mundo tava dando, dando, dando importância ...

Flávia: Depois todo mundo copiou...?

Carlos Alberto Vizeu: ... não digo copiar, mas dando importância àquilo ali, tal, corrida de São Silvestre. Pô, ano passado ganhou fulano, ah esse ano um brasileiro também tá concorrendo, não sei o que lá. Pô vamos ouvir, tá ouvindo a Continental que tá transmitindo. Naquela época a corrida de São Silvestre era à noite.

Flávia: É era de madrugada, eu assisti muito.

Carlos Alberto Vizeu: Agora fazia, a Continental não era noticiário. Palut gostava de reportagem, a Continental era uma estação de reportagem. O noticiário ela mantinha, noticiário factual, a *Reportagem Ducal* que entrava de hora em hora, mas nada de preocupação. O jornal falado da Jornal do Brasil não. O Jornal do Brasil tinha o jornal, tinha meia dia, noite e meia, *Repórter JB* com os fatos que estão acontecendo, que entrava meia noite e meia e ia até uma da manhã, com a retrospectiva maravilhosa, tudo ao vivo, com essas reportagens já editadas, tudo. Essa retrospectiva que a Jornal do Brasil fazia ela levava uma média de, o Elmo Rocha que era, que fazia a montagem dessa retrospectiva, ele me contava que levava uma média de 3 meses fazendo isso, né. Já começava, desde o primeiro mês a fazer o baú, né, a arrumar as coisas, já separa o material, vai separando mês a mês. Quando chegava assim em setembro, outubro já começava já a querer alinhar a retrospectiva né. Eu, eu, eu posso te falar isso porque eu fiz, durante sete, oito anos, todas as chamadas do Jornal do Brasil. Eu tinha uma produtora, eu tenho uma produtora que ela fazia todas as chamadas, *O Jornal do Brasil Informa*, *O Jornal do Brasil*, *O Jornal do Brasil*, o jornal né. Então eu gravava a chamada dentro do Jornal do Brasil, gravava dentro da rádio, então tem coisas incríveis ali.53:35

Flávia: Nossa, se vocês me deixarem eu fico aqui até amanhã, mas eu não posso, eu tenho que voltar pra minha cidade hoje. O seu nome completo é Carlos Alberto Vizeu?

Carlos Alberto Vizeu: É, meu nome completo é Carlos Alberto Palut Vizeu, mas pode botar Carlos Alberto Vizeu.

Ary Vizeu: É Carlos Alberto Vizeu. Agora pode acrescentar o seguinte, a senhora está falando, eu me calei também, não por ser ele, eu ser pai dele, mas é um orgulho porque foi o mais premiado internacionalmente, se a senhora passar os olhos ali, a senhora tem dois ali, e por aí a senhora vai ver

um bocado de prêmio dele. Compreendeu? Matéria dele, o que ele fez, tem marcado, isso é verdade e a senhora...

Carlos Alberto Vizeu: Mas aqui não tem nada disso. Ela não veio aqui por causa disso, ela veio aqui pra falar de você.

Flávia: Mas é importante saber o percurso. Agora eu descobri aqui que eu vim falar dos dois. Porque pelo pai eu encontrei o filho também que foi (risos de todos)

Carlos Alberto Vizeu: Por acaso, por acaso, eu vim falar pelo seguinte, porque se eu não falar ele não fala uma série de coisas que ele esquece, por exemplo, o negócio da associação dos rádiorepórteres, que ele foi o cara que legalizou a profissão, isso é coisa da maior importância...

Flávia: Isso. Isso. Eu queria voltar nesse ponto ...

Carlos Alberto Vizeu:... isso é coisa que precisa falar.

Flávia: É senhor Vizeu, o senhor até comentou que foi importante, o senhor tentando juntar o pessoal que chegava e desconectava, foi aí que foi criada, o senhor podia me contar um pouquinho mais da criação da associação.

Ary Vizeu: Inicialmente foi o seguinte é que, eu estava numa ocasião na Nacional e eu senti que havia necessidade da gente fazer um bloco senão a gente não conseguia, ninguém, não adiantava a senhora dizer assim: eu sou repórter, ninguém conhecia a senhora.

Carlos Alberto Vizeu: O problema todo, eu vou resumir pra você entender. Na época o rádiorepórter era marginalizado, não existia...

Flávia: Isso década de 50? Só pra gente precisar a época...

Carlos Alberto Vizeu: Isso, não existia, existia o jornalista, o jornal, o jornal todo mundo, ah o jornalista fulano de tal, o repórter do jornal tal, mas o repórter de rádio era marginalizado, é como se não existisse a profissão de repórter de rádio, entendeu? Mais tarde, quando a televisão chegou, em 50, passou a ter as reportagens também pela televisão, tinha o Milton Gomes, o próprio Palut foi depois fazer pra televisão também, tinha o Nelson Soares que também foi repórter de televisão, todas essas pessoas, o Jorge Sampaio, então essas pessoas também eram marginalizadas, telerrepórter também não existia...

Ary Vizeu: Não existia.

Carlos Alberto Vizeu: ... então a associação dos rádiorepórteres foi uma proposta que ele fez, de fazer o que? Primeiro, fazer uma associação dos rádio e telerrepórteres, segundo, é, legalizar a profissão, terceiro, prestar assistência a essas pessoas, né, através da associação. Então lá eles tinham, tinham toda a assistência jurídica, essas coisas de associação né, assistência médica, assistência odontológica, todo o tipo de assistência, hospital, assistência, tinha, tinha, como se diz, convênio com, naquela época a Associação dos Servidores Civis, então possibilitava fazer com que você podia, pudesse passar lá, sei lá, 3, 4 dias na colônia de férias que eles tinham lá [fala o nome da associação que não é possível entender] em Petrópolis, então quer dizer, uma série de regalias e uma das coisas mais importantes, que tinha na associação, que era o negócio que ele [Ary Vizeu] não explicou até agora, que eu vou explicar, que era a coisa chamada geladeira, então o que era a geladeira? Quando eles sentiam que um colega deles, tá entendendo, tava, tinha sido prejudicado por uma determinada autoridade, tá entendendo, eles botavam aquela autoridade, eles se juntavam, uma coisa mesmo de máfia, e davam um gelo no cara, ninguém falava no cara durante dois, três meses, ninguém falava nada, rádio nenhuma falava nada, imagina o que é uma autoridade dessas que quer aparecer, aquela época o rádio tinha uma força danada, toda hora o cara queria ser notícia, ninguém dava notícia, não entrava nem no Esso, nem na Tupi, nem em lugar nenhum. Olha esse cara foi o cara que fez isso assim-assim-assim-assim-assim com o nosso colega. Ah é? Geladeira pra ele, entendeu? Pronto então essa é que era a famosa geladeira. Pois é essa é que era a geladeira funcionava, quer dizer, era uma coisa, era uma coisa muito legal porque a união faz a força né, você sabe disso né. Mas parece que, eu fico vendo essas, essas greves de sindicato e eu acho uma piada porque eu me lembro da greve de sindicato quando ele ia pra fazer greve, a gente não assistia televisão, a televisão saía do ar. Agora eu

vejo greve de sindicato que você liga a televisão e a televisão tá no ar. Quer dizer, porra, que greve é essa? O cara não vai lá no Sumaré pra tirar o transmissor, lá eles tiravam o transmissor, iam lá e tiravam lá o cristal do transmissor, ia lá e tirava, vamos tirar, vamos tirar o cristal, vai fazer greve de não deixar botar programação ao vivo. Nada disso, vai lá no transmissor e tira o cristal de lá, tira o transmissor do ar e quem quisesse ir pro transmissor tinha barricada na estrada do Sumaré e não subia, foi uma verdade, você pode perguntar ao Saulo isso, é verdade isso. Barricada, não passava, Vocês vão fazer o que?? Ah, ah. Não senhor, aqui não pode, nós estamos em greve.

Ary Vizeu: E o repórter quando perdia o emprego, se fosse demitido ou coisa parecida, tinha toda a assistência da associação até dinheiro pra comprar, às vezes comida que não tinha pra levar pra casa, o repórter, compreendeu? E com isso nós crescemos de uma tal maneira que nós realizamos uma vez por mês um jantar num restaurante aqui da cidade, e, para nós entrarmos em contato com um autoridade que pudesse ser útil a nós repórteres

Carlos Alberto Vizeu: Presidente da República, o Juscelino, todo esse pessoal, ministros, todos...

Ary Vizeu: Todos eles jantavam conosco.

Carlos Alberto Vizeu: ... governadores, deputados, todos eles queriam puxar o saco pra querer jantar na associação todo mês, entendeu? É uma coisa assim. Agora ele se prejudicou, ele se prejudicou pessoalmente porque ele brigou, ele comprou brigas, entendeu com coisas que realmente as pessoas de direção, entendeu, por exemplo, foi na época, foi na época que começaram a implantar, o pessoal de rádio, mandar embora o contra regra e o operador, e o locutor tem que ser operador. Isso foi uma briga que ele comprou com a Rádio Globo, com a Tupi, com a própria Rádio Nacional e isso fechava a porta pra ele, fechou a porta pra ele em várias rádios.

Ary Vizeu: Quando eu deixei de ser presidente do sindicato, eu pedi, eu pedi, eu quis pedir e pedi da Rádio Nacional a minha demissão, me demiti, fui lá e avisei o diretor, olha a partir, pode ligar, eu tinha um horário, às 21 horas, pode escutar que eu vou gravar...

Carlos Alberto Vizeu: Mas ninguém dá valor a isso. Ele foi o cara que construiu a sede própria do sindicato dos radialistas. Foi ele, sindicato dos radialistas do rio, a sede própria deve a ele, mas, é...

Ary Vizeu: Tinha uma época eu fui, era membro de quatro associações: presidente da associação dos radorrepórteres, diretor secretário da Associação Brasileira de Rádio, ah, diretor geral da Associação Guanabarina de Imprensa, é, brincadeira.

Carlos Alberto Vizeu: Uma vida...

Flávia: É isso aí, uma vida. Uma coisa que eu queria saber. Você já manifestou isso, mas se quiser completar eu gostaria, e também até o senhor Ary, o senhor Ary Vizeu, o que vocês acham da programação jornalística de hoje e da reportagem. No que que ela se transformou. O que o senhor pensa desse rádio atual, o senhor escuta rádio ainda?

Ary Vizeu: Escuto.

Flávia: E o que o senhor acha do que o senhor está ouvindo?

Ary Vizeu: A minha opinião é que invés de melhorar, piorou, infelizmente é, porque certas precauções que nós tomávamos hoje em dia não, o sujeito chega, o negócio agora é nome feio pra lá e pra cá, vai por aí a fora, infelizmente ...

Flávia: O senhor acha que piorou então?

Ary Vizeu: Eu acho que piorou. E se eu fosse, se por acaso tivesse idade e fosse chamado pra dirigir qualquer estação de reportagem cortava um bocado de gente que fala aí, inclusive fala negócio errado porque, leva, eu vou entrevistar como repórter a senhora, senhora é educação, não sou eu, mas não o negócio, eles invertem o negócio, então eu falo mais do que a senhora, é um negócio, fica por assim mesmo, sabe como é?

Flávia: E nos podemos afirmar que a reportagem criada na Continental com Carlos palut ela não existe mais? Naquele formato, ou você acha, consegue identificar ainda uma outra emissora que..

Carlos Alberto Vizeu: Olha aqui, você veja bem, não é bem o formato, o formato é o seguinte, o rádio ao vivo não tem novidade, ele tá aí, não é verdade, ah, o problema é o seguinte, o problema, o que o palut fazia, entendeu, a gente sente hoje que não é feito, não se tem mais essa preocupação de fazer uma, um acompanhamento de jornalismo do começo ao fim.

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: O que o palut fazia, ele pegava um acontecimento, ele pegava do começo ia até o fim, esse tipo de rádio, entendeu, não tem mais. Não é o problema de você pegar o melhor ou pior, não tem mais, acabou. A CBN que é a rádio que deveria fazer isso ela não faz mais, ela não faz isso, aliás ela nunca fez. É lamentável, mas a verdade é essa. A CBN ela foi uma estação, ela é uma estação que tinha tudo pra ser uma estação melhor do que a Continental, porque é lógico, tudo na vida evoluiu, você tem equipamento, você tem técnicas, você tem possibilidades, a CBN, a CBN tinha tudo pra ser uma grande emissora de radiojornalismo e ela não conseguiu chegar a ser isso porque caiu em mãos de pessoas que não tem a menor noção do que que é o radiojornalismo. São pessoas que foram inventadas, entendeu, e não sabem o que que é, a força que tem o rádio. São pessoas que tratam, que fazem um, são cumpridoras de horário, então eu lamento muito mesmo que a CBN não tenha alcançado e um dos motivos pelos quais, o fundamental, que eu deixei a CBN, **eu deixei** a CBN, não foi a CBN que me deixou não, fui eu que deixei a CBN, deixei a CBN líder de audiência em todo o Brasil....

Ary Vizeu: Líder no horário.

Carlos Alberto Vizeu: De meia noite as seis, *Plantão CBN* era o programa de maior audiência do rádio da CBN e o programa de maior audiência do rádio brasileiro, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro como em todas as capitais [o vento volta a soprar forte e prejudica ligeiramente o áudio], quer dizer era um programa que entrava de meia noite às seis, só noticiário e reportagem, agora tem uma coisa que motivou, o que me fez, o que me levou a deixar esse, esse horário, a ignorância das pessoas que estavam assumindo a direção da CBN naquele momento, que achavam que o rádio é elitista que a importância, tem que se tomar muito cuidado com o, uma série de coisas que não tem a menor importância, porque se você, se você, se você for dirigir uma equipe de jornalismo, ou uma equipe de futebol, ou uma orquestra ou sei lá o que que você tem, um grupo de pessoas pra cumprir uma tarefa, tem sempre um ou outro que é melhor e outro que é pior, certo? Agora, melhor ou pior que o outro que faz a coisa dentro de um determinado padrão, ce tá me entendendo, então o que acontece é o seguinte, o problema da CBN, a preocupação das pessoas da CBN ali, das pessoas que estavam naquela época, não estão mais, era, era engessar a rádio, era engessar, e o *Plantão* eles não conseguiram engessar, tanto que o *Plantão* era de meia noite às seis, eu pegava a rádio, o horário em quarto lugar e entregava às seis horas da manhã líder de audiência, às seis horas da manhã, ganhando em São Paulo em rádios como a Jovem Pan como a Bandeirantes, porque? Porque a gente fazia rádio, eu quero é rádio, eu fazia rádio, eu não quero, não tô preocupado em fazer coisa bonitinha, eu quero informação, tô pouco ligando se vai tirar isso aqui, a gente transformava o *Plantão* quando tinha um acontecimento, a gente baixava aquele espírito do Palut e a gente desmontava tudo, eu desmontava toda aquela grade que eu fazia diariamente e a gente transformava o *Plantão* em uma coisa atual. Morreu Ayrton Senna, só entra Ayrton Senna de madrugada, né? PC Farias foi assassinado, só é PC Farias, então essa era a filosofia do *Plantão CBN* por isso é que ele conseguiu a posição que ele conseguiu, porque o radiojornalismo é isso, eu não tô inventando nada, eu não tô inventando. O radiojornalismo é isso. Não tem, não tem. Agora você precisa dar duro hoje pra você conseguir isso. Porque antigamente eu sentia muito mais, eu acho muito mais facilidade se eu fosse pegar, apesar das dificuldades técnicas, eu fico com as dificuldades técnicas daquela época, mas fico com o pessoal daquela época porque hoje é difícil. O plantão eu consegui botar no ar porque eu tinha duas ou três pessoas **daquela época**, porque se fosse dessa época eu não conseguia botar, eles não entendem as coisas, entende? Eles só entendem, é, é, é, grade, eles só entendem, é, é, roteiro, eles só entendem é, enfim, as coisas pra engessar, as coisas parece que são as rodinhas da bicicleta, eles não conseguem tirar. Tirou as rodinhas da bicicleta eles não conseguem. Então é um problema muito sério. Você não consegue, você não consegue, chega uma certa hora que você quer fazer determinada coisa, você não consegue porque não tem quem realize aquilo pra você. Então a gente, por exemplo, no *Plantão* eu comecei a mandar fazer a, a gente fazia, a vigília de São Jorge, o pessoal disse: pô mas o que é isso?

Que é isso o que ué? Vamos fazer a Vigília de São Jorge. Sempre fez, o rádio sempre fez. Esse aí ficava de madrugada fazendo a vigília de São Jorge lá. Quantos anos você fez isso?

Ary Vizeu: Exato.

Carlos Alberto Vizeu: Entendeu? Porra, são coisas, que, eu não sei, fazem parte do povo brasileiro, as suas crenças, entendeu?

Ary Vizeu: (?) popular

Carlos Alberto Vizeu: Como tem a igreja hoje em dia, Santa Edivirges, você não consegue botar na cabeça das pessoas que aquilo ali é uma coisa importante, entendeu? As pessoas acham que aquilo ali é uma coisa menor. Ah eu vou fazer plantão de São Jorge? Isso é uma coisa menor. Tá entendendo?

Flávia: Eu quero é brilhar.....

Carlos Alberto Vizeu: É, infelizmente esse pessoal que sai dessas universidades, essas faculdades que não ensina nada, não ensina nada, chega lá não sabe fazer uma matéria, não sabe, tudo teórico, você faz isso assim, assim, não sabe. Suiu do feijão com arroz é um caos, é um caos, essa é que é a realidade, então quer dizer, o rádio como ele teve toda a razão de dizer, o rádio piorou. Piorou. O rádio hoje em dia tá cem vezes pior do que ele era. Não tenho nem dúvida. A televisão também. Não é só o rádio não.

Ary Vizeu: A televisão também....

Carlos Alberto Vizeu: A televisão não fica atrás, não é saudosismo é um problema de você, de você fotografar a situação e ver a situação como ela é. Entendeu? É o Nelson Rodrigues a vida como ela é, não tem outra história.

Flávia: Deixa eu aproveitar para trocar o MD antes que

MD 3

Tem mais de 500 depoimentos de pessoas do rádio, feito em 89. Quer fazer um centro de memória.

Data de nascimento do Carlos Alberto 01/08/46

Ary Vizeu 14 setembro de 1919

Jorge Sampaio, participou da primeira cobertura, foi locutor do Galo e depois na Tupi foi locutor da reportagem Ducal

Paulo César Ferreira – começou com Palut e depois foi trabalhar na TV Rio, com Flávio Cavalcante, assessor do ministro Delfim Neto, foi diretor da Rádio Nacional, diretor da Globo em Recife e Rio.

(Deu informações sobre Jorge e Paulo César).

Flávia: Uma questão que me ocorreu agora e que eu esqueci de perguntar, a Continental era Emissora Continental e não Rádio Continental, vocês sabem o porque?

Carlos Alberto Vizeu: É, é eu vou lhe explicar o porque, é porque naquela época tinha uma loja que vendia discos, essa loja se chamava Rádio Continental, então pra não haver problema de direito autoral, sei lá, pra não haver confusão, direito autoral não tinha preocupação, pra não misturar, botaram Emissora Continental.

Flávia: É, porque me chamou a atenção

Carlos Alberto Vizeu: Todo mundo chamava rádio né, emissora, ficou Emissora Continental.

Flávia: Ok, então. O Newton de Souza você comentou, ele não tava na primeira equipe?

Carlos Alberto Vizeu: É, tava, ele trabalhava, ele era repórter da central de polícia, ele se aposentou e hoje é fazendeiro. Não sei se ele ainda tá vivo. A última informação que a gente teve era fazendeiro. O Afonso hoje tá aposentado.

Flávia: O Afonso Soares, né?

Carlos Alberto Vizeu: É, esse é outro que você deveria ouvir. Esse é maravilhoso. Esse aí é o cara que criou a *Patrulha da Cidade*, entendeu, a *Patrulha da Cidade* quem criou foi ele, e ele participou da fase de implantação da reportagem. Tenho até o depoimento gravado. (...) Ele está em Maricá, numa ilha. (...) Manoel Jorge já morreu. (...) O Dalwan Lima também já morreu. Foram esses os primeiros caras de rádio, porque é bom pra você saber, pra não ter nego que diz, porque amanhã aparece um engraçadinho, não porque eu também tava na equipe, mentira.

Flávia: Você falou e eu registrei, só que não anotei...

Carlos Alberto Vizeu: A primeira equipe era: Carlos Palut, Afonso Soares, Jorge Sampaio...

Flávia: Paulo César Ferreira também?

Carlos Alberto Vizeu: Não, Newton de Souza, Newton de Souza, Manoel Jorge e Dalwan Lima.

Flávia: Manoel Jorge e Dalwan Lima que já faleceram, né?

Carlos Alberto Vizeu: É.

Flávia: Então a gente teria o Newton de Souza e o Afonso Soares.

Carlos Alberto Vizeu: Não o Newton de Souza eu não sei o paradeiro dele. Eu tenho o paradeiro do Afonso, e do Jorge e do Paulo César. Com esses três aí você pode acertar sua vida.

Flávia: Perfeito, e uma outra perguntinha que eu queria fazer, fotos daquela época mostrando os carros da Continental, alguma coisa ...

Carlos Alberto Vizeu: Eu tenho alguma coisa, alguma coisa eu posso te mostrar que eu tenho. Eu tenho por exemplo uma foto, uma reprodução de uma matéria que foi feita em cima do êxito da cobertura do carnaval, em 1952,1953, tá o Saulo Gomes, aparece esse pessoal todo. É, o que mais? [Senhor Ary fala mas não dá para entender] Eu tô pensando o que é que eu tenho. Eu vou separar lá pra ver o que eu tenho, mas não tenho muita coisa não.

Flávia: E de áudio você me disse que um programa da morte do Francisco Alves, só isso?

Carlos Alberto Vizeu: Ah não, de áudio o que eu tenho do papai é um jornal falado que ele fez quando ele trabalhava na Rádio Guanabara, morreu Francisco Alves e ele fez um especial da morte dele.

Flávia: Mas é da Rádio Guanabara?

Carlos Alberto Vizeu: Era da Guanabara.

Flávia: Da Continental você não ...

Carlos Alberto Vizeu: Da Continental, da Continental o que eu tenho, a única coisa que eu tenho da Continental é a Operação V. Operação V foi um programa que o Palut fez, em 1956, 57....

Ary Vizeu: Vergonha.

Carlos Alberto Vizeu: hein??

Ary Vizeu: Vergonha.

Flávia: V de vergonha...?

Carlos Alberto Vizeu: É, operação V que ele fez era o seguinte, o Juscelino tinha assumido o governo e o Palut era uma das pessoas que era ligada ao Juscelino, ajudou na campanha do Juscelino, fez a campanha do Juscelino, e propôs ao Juscelino e até, e a rádio era do Rubens Berardo que era uma rádio da política do Juscelino, então o palut propôs ao presidente Juscelino fazer uma série de programas fazendo denúncias e mostrando os descabros da administração pública para serem encaminhadas a ele Juscelino pra ele tomar providências. Então foi batizada essa série de programas de, naquela época tava no auge o Fidel Castro, então ele chamou a série de programas de Operação V, que era naquela época, também em Cuba, V de vergonha, V de vitória, V de Verdade, então essa série de programas fez até com que a Continental fosse retirada do ar um dia, entendeu, a censura foi lá, esse daí (Ary Vizeu) também entrou e eu tenho a gravação desse programa. O áudio desse programa.

Flávia: E ele tinha reportagem também?

Carlos Alberto Vizeu: Era denúncia o tempo todo.

Flávia: Mas era na rua também, ou não?

Carlos Alberto Vizeu: Era na rua, era denúncia, o Saulo participava, eles viviam cutucando, era jornalismo investigativo...

Flávia: E serviço também, não deixava de ser...

Carlos Alberto Vizeu: Sim serviço, mas era jornalismo investigativo mostrando, por exemplo, o descalabro que, era a corrupção, problemas de corrupção, denúncia disso, denúncia daquilo, mais denúncia, jornalismo investigativo.

Flávia: Mas em termos assim de linguagem, era a mesma coisa das reportagens ou não, tinha alguma diferença?

Carlos Alberto Vizeu: Não, era ele, o programa era ele e os repórteres traziam, ele que era uma pessoa que tinha uma facilidade muito grande de se comunicar, falava muito bem, tudo improvisado.

Flávia: Script nem pensar?

Carlos Alberto Vizeu: Não, script tinha às vezes uma coisa ou outra, mas muito pouca coisa, mas nada de roterinho não sei que lá, então ele tinha os repórteres, sabia mais ou menos quem é que, o que tinha pra apresentar no programa, ah, tem uma denúncia, o Saulo chegava lá, olha Palut eu descobri isso assim, assim, assim, assim tem essa denúncia. Aí chegava o Newton de Souza: olha na secretaria de segurança eu descobri que na delegacia tal o delegado tá levando dinheiro não sei de que, barara barara, aí chegava outro repórter barara, barara, a mesma coisa. Aí ele chamava, olha agora o setor de abastecimento, entendeu? Entrava lá o repórter que cobria o setor de abastecimento sempre também com denúncia e o programa era todo ele, e ele enfiando o cacete, né, alto, falava, ficava inflamado, porque isso é uma vergonha, não sei que lá, não sei que lá, mas não tinha esse negócio de sonoplastia, igual a esses programas que tem agora, esse Datena, nada disso. Não é o igual o Datena. Nada igual o Datena. Era uma coisa mais séria, de conteúdo, ele entrava fundo nas coisas e, entendeu? Falou uma coisa de mais, de mais nível né, não é essa coisa apelativa desse Datena aí.

Flávia: Esse programa você poderia me ceder um trecho?

Carlos Alberto Vizeu: Posso, posso, eu tenho ele gravado.

Flávia: Me interessa ouvir, conhecer a voz de Palut.

Carlos Alberto Vizeu: A única coisa que eu tenho dele gravado é isso.

Flávia: Da Continental é a única?

Carlos Alberto Vizeu: É a única coisa.

Flávia: Vinhetas?

Carlos Alberto Vizeu: Não tenho nada dele. Nada, nada, nada. A única coisa que tenho dele é isso e tenho uma imagem que eu filmei em casa por acaso dele quando estreou na TV Tupi, no negócio da Aída Curi, foi no julgamento da Aída Curi, o tribunal do júri. Eu tenho um pedacinho que eu filmei em casa, eu tinha mania de filmar, eu tinha uma câmera, aí eu filmei ele aparecendo ali, mas muito mal. De registro eu só tenho isso, não tenho mais nada. Mais nada. Ele teve muita coisa, mas foi tudo, porque a Continental era o seguinte, a Continental foi uma estação começou na rua do Riachuelo, depois, começou primeiro na av. Rio Branco, primeiro começou em Niterói, não é papai?

Ary Vizeu: É.

Carlos Alberto Vizeu: Depois foi para a avenida Rio Branco, aí o Palut começou mesmo na avenida Rio Branco, da avenida Rio Branco foi pra rua do Riachuelo. Depois, na rua do Riachuelo foi o tempo que ficou mais. Depois saiu de lá. O material, eles não tinham uma cultura de arquivo, entendeu, então o material que não era mais utilizado assim eles jogavam lá numa, uma espécie de sala, um galpão,

eles jogavam tudo lá os acetato, fita de áudio velha, scripts velhos, aquilo tudo ficava ali, quando chegava um determinado ponto, um cara da limpeza urbana pegava aquilo tudo lá e levava...

Flávia: Será que ninguém mais, outros membros da família não teriam....?

Carlos Alberto Vizeu: Ah, é uma boa pergunta sua. Isso aí foi, isso aí é uma das tristezas nossas porque infelizmente, ele infelizmente ele não teve sorte com família. A mulher dele era uma pessoa, era uma excelente radioatriz na época né, mas era uma pessoa muito complicada, de forma que, eles tiveram um filho e esse menino se suicidou, e se suicidou coitado, ele tava desesperado, ficou sem pai, depois ficou sem a mãe aí ficou se sentido muito só, completamente, era uma pessoa muito inteligente.

Flávia: Foi depois da morte do Palut ou foi antes?

Carlos Alberto Vizeu: Foi depois da morte de titio, mas tudo porque problemas né, desajustes né de família, eh, eu diria a você que a coisa mais importante que a gente tem, e eu acho que você vai concordar, é a família né. No momento que você não tem família você não tem a base do teu triângulo, né?

Flávia: É verdade....

Carlos Alberto Vizeu: O teu triângulo é você ter família, saúde e a tua profissão. Se você não tem a família que é uma ponta do triângulo

Flávia: Desestrutura todo o resto

Carlos Alberto Vizeu: Desestrutura todo o resto. Agora, eh, ele depois, ele, ele se mudou várias vezes e ele morreu pobre. Palut morreu completamente pobre. Palut não tinha...

Flávia: Quando ele morreu?

Carlos Alberto Vizeu: Morreu em 72. Palut não tinha dinheiro pra nada. Meu tio não tinha onde cair morto. Se ele, se ele não tivesse aqui em casa, papai foi uma pessoa que sustentou a família, na época inclusive da revolução, várias, várias vezes, ele sustentava as duas casas essa é que a realidade. Porque a Continental não pagava. A Continental não pagava. Meu tio era uma pessoa assim, se ele tivesse 20 reais no bolso, na bolsa, e você chegasse assim Palut, eu tô com um problema, toma 10. Mas eu precisava de 20. Toma mais 10. Ficava sem dinheiro e aí ele tinha a irmã dele, que era minha mãe né, que inclusive foi a pessoa que vendia os programas dele, vendeu os programas dele quando ele era criança, quando ele era garoto, sempre tinha paixão pelo rádio, quem vendia os horários, quem vendia os programas era ela, e ela gostava muito dele, porque era o caçula né, então qualquer coisa ele corria pra mamãe e foi assim que ele viveu a vida toda sempre correndo sempre pra mamãe.

Flávia: E ele começou no rádio quando, você se recorda?

Carlos Alberto Vizeu: Ele começou cedo, era garoto...

Flávia: Porque **você ta dizendo que ele era garoto...**

Carlos Alberto Vizeu: Ele era garoto, começou garoto, começou fazendo um programa, programa chama-se *Programa da Petizada*, você imagina esse título *Programa da Petizada*, mas ele fazia programa com esse pessoal todo, eh, eles alugavam a rádio e faziam o horário, o programa né, e ele fazia o programa, ele que criava, ele que apresentava o programa e ele, ele simplesmente, ele era uma pessoa maravilhosa em termos de cabeça.

Ary Vizeu: Ele era um artista.

Carlos Alberto Vizeu: Mas ele não sabia, ele não se preocupava, ele não sabia se preocupar com o amanhã, entendeu? Ele não era uma pessoa que dizia assim, não, quanto eu vou ganhar. A preocupação dele era a seguinte: qual é o horário, qual é o horário que vão me dar pra fazer minhas reportagens. Ele foi ganhando muito bem no tempo da Tupi, não ficou na Tupi porque ele não conseguiu fazer na Tupi o que ele fazia na Continental. Na Continental ele fazia tudo, primeiro que a Continental tinha essa filosofia, né de reportagem, segundo o Rubens Berardo era uma pessoa que gostava dele e era uma afinidade assim muito grande e terceiro lugar que era uma rádio, entendeu, muito pequena em função de uma TV Tupi, de uma Rádio Tupi. Então ele foi pra Tv Tupi ele não se

conformava, porque, pô, ele chegava na Tv Tupi, se bem que o Costa Lima enquanto foi diretor de lá abriu tudo que era horário pra ele, ele entrava de tarde, fazia *Voltante do Palut* de tarde, fazia de noite, fazia em cima dos acontecimentos, mas ele queria sempre mais, pra fazer mais reportagem e ganhava bem naquela época, muito bem, pagavam em dia ele, tudo isso. Ele largou pra fazer essa agência, que eu te contei, pra começar a vida dele de outra maneira, foi lá vender o horário, fazer tudo como se tivesse começando. Arrendou horário de uma rádio que ninguém ouvia pra fazer o carnaval, entendeu, era uma pessoa, eu diria a você, eu não sei descrever ele, eu não diria que ele era um artista, eu diria que ele era uma pessoa que ele tinha uma, uma coisa dentro dele que era, ele era uma pessoa inquieta, ele não conseguia ficar concentrado numa coisa só, né papai? (risos) tava sempre procurando um troço ou outro. Pô, mas você não tá fazendo isso, não mas eu agora vou fazer assim também, e nunca se preocupando com ele. Nunca se preocupando com ele. Ele morreu, o estado de saúde dele no final tava bem ruinzinho e ele morreu batendo aqui em casa, batendo aqui em casa, se não fosse, se não fosse esse aí (Ary Vizeu), se não fosse mamãe, eu acho que ele morria na rua.

Flávia: Nossa, triste né?

Carlos Alberto Vizeu: É, mas isso é uma outra coisa que eu te digo no final de tudo isso só pra você saber, o rádio paga muito mal.

Flávia: E, até hoje, sempre pagou muito mal...

Carlos Alberto Vizeu: O rádio paga mal, o rádio eh, além de pagar mal ele não te dá o retorno do que você, do que ele te chupa, que ele te consome. Sabe, são raros os casos, raríssimos, você vê o cara dizer fulano de tal saiu rico do rádio, é raro.

Ary Vizeu: Um exemplo só César Ladeira, a senhora já ouviu falar. O maior locutor, o maior do Brasil, morreu ganhando quanto na Rádio Nacional? E eu brigando porque se a esposa, a viúva dele recebeu dinheiro no final foi porque eu era presidente do sindicato e mandei lá o oficial de justiça para intimar a Nacional a pagar. Salário mínimo. Agora, e a Rádio Nacional tinha a coragem de dizer pra ele assim: olha César você pode fazer pra fora, mas diz que você ganha cem, 150 só me avisa pra mim confirmar, compreendeu? Mas você vai ganhar tanto, mas em compensação você tá na rádio Nacional. Ele disse, e eu sou o César Ladeira...

Carlos Alberto Vizeu: Mas isso ainda tem até hoje, a teve Globo aí faz a mesma coisa e não é só o César ladeira, você está esquecendo do Oduvaldo Cozzi também, coitado....

Ary Vizeu: Outro caso que eu também, ele ganhando uma miséria, diz que ele tinha, foi fazer uma transmissão lá fora e pegou a verba que era da rádio, acho que era da Rádio Tupi ...

Carlos Alberto Vizeu: Não, da Rádio Nacional...

Ary Vizeu: Era, era da Rádio Nacional, tudo contra ele porque ele tinha morrido e eu botei advogado em cima da viúva dele...

Carlos Alberto Vizeu: Por isso ele ficou muito marcado, esse cara era criador de caso, mas é o tal negócio a gente tem que viver a vida né.

Flávia: De tudo o que gente falou você acha algum ponto mais que você gostaria de acrescentar?

Carlos Alberto Vizeu: Não, eu não tenho mais a acrescentar nada, só tenho que dizer que a Continental é o grande modelo do rádio, foi o grande modelo.

Ary Vizeu: Foi.

Carlos Alberto Vizeu: E não apareceu nada, nada até hoje que chegue aos pés do que era a rádio Continental. Acabou.

Flávia: O sr. Ary Vizeu assina embaixo?

Ary Vizeu: Eu assino embaixo.

Flávia: Ok então. Bom gente, eu agradeço muito!

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM PAULO CESAR FERREIRA

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM PAULO CESAR FERREIRA

Flávia: Quando e onde o senhor começou a trabalhar com rádio? O primeiro foi na Continental ou antes o senhor já tinha alguma experiência?

Paulo Cesar Ferreira: Comecei na rádio Continental.

Flávia: Naquele carnaval de 58. É isso??

Paulo Cesar Ferreira: Isso, perfeito. 57 porque eu fiquei um ano lá peruando e não tinha vaga.

Flávia: E nessa época já existiam as reportagens externas da Continental....

Paulo Cesar Ferreira: Já...

Flávia: O senhor se lembra quando que isso começou?

Paulo Cesar Ferreira: Olha as datas melhores você vai ter do Paulo Caringi que conta até a história da fundação. A rádio Continental, no meu entendimento e na minha explicação, ela veio numa onda nova, eu acho que foi a partir de 55 com a concessão da Emissora Continental dada para o senhor Rubens Berardo, que era um prócere ligado ao PTB de Getúlio Vargas. Acontece que o rádio, que vinha de *broadcasting*, quer dizer que era a Rádio Nacional, a Rádio Mayrink Veiga, a Rádio Tupi, elas tinham uma presença no chamado rádio, que eu chamo, no chamado rádio eclético, a Rádio Nacional funcionava com *entertainment*, como também a Mayrink Veiga e a Tupi eram rádios com uma certa potência, 50 – 100 Kwatts, e tinha, em ondas curtas, que operavam no Brasil todo fazendo novela, fazendo musicais, fazendo orquestras, fazendo, ééé, piadas, fazendo entretenimento.

(pede à secretária o último IBOPE das rádios do Rio)

Paulo Cesar Ferreira: Então o seguinte estas rádio começaram a aparecer em São Paulo um grupo, o Carlos, Tico Tico, o Carlos Espera, que já foi os fundamentos do chamado radiojornalismo. São Paulo era muito distante, hoje as coisas estão muito próximas e aqui no Rio começava duas disputas de rádio, sendo que a Continental muito mais eficiente, muito mais presente, você imagina uma época em que a televisão não tinha nem expressão de televisão, você tinha uma rádio também que depois começou a competir que era a rádio Guanabara, mas a verdade é que a rádio Continental que o Paulo Caringi, que nós vamos marcar mais tarde vai contar, porque ele já me contou uma história que quem fez essa rádio foi o Gagliano Neto que saiu da rádio, montou com inteligência uma rádio *news*, que os americanos já tinham isso na prática, quer dizer ele tava, aqui basicamente fosse uma *news* com música notícia e esporte, nada mais interessante para uma rádio dinâmica, mais presente, mais jovem, e você se queria saber algum acontecimento desde um problema de polícia, desde uma solenidade política, desde um fato qualquer que fosse a rádio continental, seus repórteres se deslocavam para o local, não obstante pelo que eu entendo até hoje, o Paulo [Caringi] pode confirmar, ela tinha uma estrutura bem amparada, ela tinha uma equipe de futebol, transmitia futebol e era uma força com o Gagliano Neto que era uma coisa exponencial, mais tarde parece que chegou o Valdir Amaral, um tempo, e ela também tinha de meia em meia hora e de hora em hora noticiosos, repórteres do jornal falado, não obstante os programas esportivos, os programas noticiosos, os debates, essa coisa da rádio eles faziam mais, a continental mais o esporte. Os debates políticos faziam numa emissora do lado que era a emissora Metropolitana aonde eu também comecei como locutor, acontece que essa rádio, a importância da rádio era fantástica, nenhuma autoridade, eu me lembro que eu fui destacado uma vez para fazer um fash de inauguração da primeira loja *box* aqui em Ipanema na rua Domingos Ferreira que existe até hoje. Você imagina foi a inauguração com a presença do prefeito, autoridade e eu lá narrando o acontecimento do ponto de vista de reportagem pra cidade, jornalístico, como fui uma vez fazer também a inauguração de um restaurante lá na barra, quer dizer, havia também um pouco de aproveitamento do potencial de mercado. A rádio aonde a família berardo, era ele, o irmão, que eu me lembro, ele o Rubens berardo mais distante, um homem não muito culto, bonito, inteligente, depois casou com a família, uma senhora, não me lembro, dono dessa rede de hotéis da família Othon Hotéis Othon, tinha o Ernani, me lembro, mancava de uma perna....

Flávia: O Ernani era irmão do Rubens?

Paulo Cesar Ferreira: Ah?

Flávia: O Ernani era irmão do Rubens?

Paulo Cesar Ferreira: Do Rubens. O Carlito Maia que era uma figura muito simpática, que eu gostava muito dele, me ajudou, foi quando meu filho nasceu, meu primeiro filho, foi ele quem me ajudou, adianta o meu salário que tava atrasado em pneu, porque eu não tinha dinheiro eu vendi o pneu pra poder pagar a maternidade de meu filho, lá na BBR, depois tinha o Murilo Berardo, que eu diria até que para a época era um sujeito moderno, casado, com filho, mas parece que era gay (risos) eu não tenho nada contra. Bom então o meu fascínio, que eu conto no livro é de um menino que ouvia rádio, eu sempre fui ligado em rádio, eu conto a história da Rádio Nacional toda no meu livro até chegar a Rede Globo onde fui diretor, como fui diretor geral da Rádio Nacional também, na época, não época não agora, passada a fase mais moderna da Nacional, não aquela, eu encontrei a rádio Nacional em escombros, acontece que a minha vontade era muito grande, aí eu conto em livro, você vai ver, eu freqüentava o Vasco, apesar de ser Flamengo doente porque eu já estava namorando a filha do César Areias que era o vice – presidente de tênis e depois social, um velho a quem eu preto homenagem, meu amigo, meu sogro e a minha mulher, que eu começava a namorar que era vascaína. Acabei lá, no campo, eu encontrei um rapaz chamado Geraldo Borges, que era um excelente repórter esportivo, ele trabalhava na equipe de esporte. Era Vascaíno, gostou de mim, gostei dele como amigo e pedi a ele pra ele me apresentar, pra mim, 58, 59, eu não sei. E ele me apresentou, demorei um ano lá na rádio, para o Palut me receber, eu conto no meu livro também, aí eu, essa historia toda que eu tô te contando tá no livro, aí eu comecei a ficar, fiquei lá, ia todo dia, aporrinhava, e comecei a ver que aquilo ali não tinha uma formalização de organização. A rádio Continental do ponto de vista de reportagem ela funcionava intuitivamente. Ela tinha um equipamento que na época era moderno, um carro de reportagem, uma freqüência muito precária que ficava no alto do Pão de Açúcar, que conectava com a rádio, então essa freqüência que devia ser, eu acho, em UHF, ela tinha dificuldade de bloqueio quando você circulava na cidade, porque hoje, mais tarde, com a descoberta do Sumaré, todas as antenas foram pro Sumaré, porque é o dobro da altura do Pão de Açúcar. E me lembro que esses, esses, tinham dois ou três carros de reportagem, ou você falava de dentro do carro, que o sistema permitia, quando funcionava e narrava ou então você ao se deslocar, aí era uma coisa terrível (risos) era o chamado BTP 1A, tinha o BTP 1A, o BTP 2A que eram um verdadeiros tijolos, imagina um tijolo, esse tijolo tinha duas alças e em cima tinha uma antena, você ligava e desligava pra falar. Era uma coisa brutal. E esse troço era moderníssimo na época. O que que acontecia? Depois, aconteceu esse fenômeno, o carnaval, que você vai ver a data aí, não sei se é 59 ou 60, aí quando chegava o carnaval era a época que a rádio continental se preparava pra transmitir o carnaval, não só do ponto de vista, veja, coreográfico do carnaval, como do ponto de vista noticioso, que tinha assassinato, crime, criança perdida juizado de menores, polícia, e também tinha, os grandes bailes de desfile, de fantasia no hotel Glória, no Copacabana Palace, você imagina, no Municipal, você imagina eu [toca o telefone] novinho envolvido nesse mundo.

Pára para atender o telefone

Paulo Cesar Ferreira: Foi quando eu cheguei depois de perambular um ano lá pelos corredores pra ver se eu tinha uma chance, eu confesso a você que eu nunca fui um talentoso locutor, confesso a você que talvez tenha sido um esperto repórter. Eu na fui um sujeito ... [é interrompido pela secretária] Então, aí como a rádio no carnaval contratava mais gente e o cachê era bom, me lembro que eu, era, era, você ganhava, eu ia ganhar em dinheiro numa semana o que eu não ganhava por mês e além disso eu ia me lançar, pra mim foi algo proeminente, você vai ver fatos, eu não vou repetir, você vai ver que eu fui destacado primeiro pra fazer uma coisa extraordinária, ela tinha uma noção de marketing, a rádio, então eu fui encarregado, veja só, por ser medíocre, deve ter sido, me puseram num carro da Emissora Continental, motorista, um carro grande e eu durante uma semana ia passeando pelos bairros da cidade, com um alto-falante, fazendo chamada e propaganda para a cobertura da rádio. Eu era um *promotion* (risos) só que quando chegava, por onde você imagina, imagina onde eu fui? Você imagina, carro da rádio Continental, motorista, operador, um carro gigante, antena, escrito emissora Continental. BRD2 emissora BRD8, BRD2, você imagina onde eu fui parar? Na minha rua. Foi por lá que eu comecei. Na porta, na porta pra todo mundo ver que eu estava... Eu passei a ser respeitado a partir desse momento. Eu conto porque isso aí é do caceta essa história. Então começou o carnaval, começava numa sexta feira e há anos Luis Paulo Caringi, que vai ser interessante, achei até bom

dividir [num primeiro momento – por sugestão de Ferreira – a entrevista iria ser feita com Ferreira e Caringi ao mesmo tempo] porque se ele quiser vir até aqui ele marca com você, você vai adorar, ele está cada vez mais maluco, engraçadíssimo. Ele me recebeu e, e a rádio, você não tem idéia o que era audiência da rádio, você não tinha televisão, ninguém transmitia, era uma coisa precária, nós transmitíamos o desfile, naquela época não tinha a força das escolas de samba, existiam eram os desfiles das Sociedades (?) frevo, rancho [telefone toca de novo]. Eu fui destacado pro posto do juizado de menores que era um posto onde o Juiz de Menor e seus comissários, ali aonde é o Globo hoje [atende o telefone]. Então, esse posto o titular era o Paulo Caringi, a grande estrela da rádio, em termos de radiojornalismo, era um repórter chamado Saulo Gomes, inegavelmente brilhante repórter, que eu procurava copiá-lo. Ele era instigante, ele era inteligente, depois até virou produtor de televisão, dessa barbaridade que tem na televisão, tinha uma boa, uma boa oratória e todos os assuntos que pudessem ter uma certa relevância ele era a estrela. Palut não era, eu nunca vi no Palut um organizador da equipe, eu via no Palut um rep..., um, um coordenador de debate, de entrevista, e um bom locutor, ele era o comandante, ele sabia comandar, ele tinha uma, ele sabia descrever a escola de samba, os, os, ele comandava, você imagina, transmitia meia hora e depois no carnaval, isso no caso do carnaval ou nos grandes incêndios, eu peguei um incêndio do edifício Astória¹¹² eu tenho uma foto aqui até hoje, que é, o cara se jogou lá de cima e bateu no chão, eu transmitindo a queda do indivíduo, corri porque senão o corpo me atingia, eu tenho essa foto, no livro eu narro bem isso. Isso eu me lembro eram 9 e meia da manhã, eu cheguei, eu era um apaixonado, vivia nisso. Eu trabalhava na Propaganda de venda de laboratório e rádio, então tava ligado, eu passei a ser um faz tudo na rádio, eu sabia operador, eu era locutor da rádio, eu conto aí, aí como é que eu começo? O maior sucesso que eu fiz, o maior sucesso não, pra mim foi, eu fui considerado uma revelação desse carnaval porque eu, eu junto com o Caringi, o Caringi me deu o microfone pra mim falar, por isso eu tenho um carinho muito grande por ele, aí eu entrevistava o Juiz, inventava menor que sumia, aí descobria os menores, foram quatro dias, e eu tinha uma hora depois eu passava pro Caringi que ele chegava às seis horas pro horário nobre (risos) e aí eu ficava sem fazer nada, e eu pedia pra ser destacado para fazer baile e aí lá ia eu pro Municipal entrevistar as *misses*, as campeãs das fantasias e tal. Imagina que eu me lembro que a gente, a gente, no caso do desfile, o máximo do repórter atrevido era subir no carro e no palanque onde estava o destaque da, da, da sociedade pra entrevistar o destaque da sociedade, como também uma vez, eu quase fui preso porque eu entrei, quando anunciou a miss Brasil, vou te dizer a data, meu filho nasceu de oito meses por causa disso, minha mulher estava grávida, eu estava no maracanã zinho e a a a aí hoje ela parece uma bruxa de tão feia, a Adalgiza Correia, linda, eu precisava, repórter, tava lá a Tupi, tava lá a Guanabara, ganhava a parada o repórter que entrevistasse a miss primeiro, aí eu entrei, entrei dentro, me atraquei com a *miss*, a polícia me pegou e a minha mulher tava assistindo, ali já tinha a televisão, tava começando a Tupi e o negócio era da Tupi, você imagina, Isabel assustou com aquilo, passou mal e nasceu meu filho mais velho. Isso tem quarenta, nasceu em sessenta, foi nessa época, julho, então essa era, por exemplo, o grande acontecimento, o grande desastre que teve em Mangueira, o Saulo Gomes tava lá, onde o Guilherme Romano que morreu recentemente, foi secretario da saúde, foi um cara importante na política depois se revelou secretario da saúde, foi presidente da Cofap, foi um homem de confiança do governo Castelo Branco, filho (?) até hoje a família tá brigada. Ele, mais de 30 pessoas mortas na colisão de um trem, ele não pestanejou, pegou a mão com sangue e passou na roupa branca pra sair na foto cheio de sangue, Guilherme Romano, inteligência, ficou rico, então, por isso eu me lembro que eu fui atrás de um delegado Perpétuo num morro, eu fui atrás de um bandido famoso, na época, eu me esqueço o nome, no livro deve ter, eu consegui entrevistar esse bandido, foi uma consagração como repórter. Dentro dessa transição rádio e televisão Continental que depois nós fomos aproveitar, depois eu acabei fazendo uma série de reportagem contra a indústria de sangue humano, contrabando de sangue humano pra virar gamaglobulina pra ir pra Dimenstein, como também fiz uma série de reportagem, aí eu já, o meu destaque na rádio como repórter, e depois junto com a televisão, aí eu ganhei uma outra dimensão, aí eu fui, você vê como ela projetava, o Flávio Cavalcanti me convidou pra mim ser o principal repórter dele em *Noite de Gala*, você imagina? Eu ganhei uma outra dimensão como

¹¹² Dados do “Banco de Dados Folha – Almanaque Cotidiano” informa: **28.jun.1962** — Incêndio no Edifício Astória, no centro do Rio de Janeiro (RJ), mata quatro pessoas. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/cotidiano60.htm> acesso em 19 de setembro de 2005

profissional, então em resumo a rádio Continental teve a sua presença pelo esporte, pela notícia, pela informação, pela música, eram duas emissoras, a BRD2 Emissora Continental e BRD8 Emissora Metropolitana, 1030 e 1060 kilociclos, me lembro até, então, quanta emoção essas lembranças....

Flávia: Depois do carnaval? O senhor começou no carnaval, aí o senhor foi pra equipe, foi pros Comandos?

Paulo Cesar Ferreira: Aí acabou o carnaval, eu fui elogiado pelo Caringi que me recomendou, (?) meu amigo, ficou reconhecido que eu fui um excelente furador de notícia, como até hoje eu sou, meu mérito é que eu sou trabalhador. Até hoje eu tô trabalhando. E aí acharam que eu devia, aí me arrumaram uma vaga de locutor na Emissora Metropolitana, é o mesmo, no 60 e no 80, tá no ar até hoje, melhor som hoje que a que a continental, então tinha que ter o locutor, então eu era locutor da Metropolitana e repórter de plantão da Continental, olha, porque? Porque as nove e meia eu entrava na rádio Metropolitana e só fazia uma coisa até meia noite e meia: apresentava o Chacrinha – E atenção senhoras e senhores, com vocês Aberlardo Barbosa, no *Cassino do Chacrinha*. Aí ia [o programa] embora, eu ficava sentado na sala esperando notícia, porque podia aparecer briga na Lapa, um homem que chegou lá desesperado, eu conto essa história, foi muito emocionante essa história, eu tô na sala, de plantão, ele diz eu preciso de seu apoio, meu filho tá morrendo, nasceu, não tem leite, ele é incompatível com leite de vaca, não tenho dinheiro, preciso de leite humano. Aí eu, atenção, comandos Continental informa... Aí choveu, choveu telefone e gente pra dar leite materno pra essa criança. Salvamos o menino e formou uma fila, montamos, montei lá o negócio pra ele receber o leite. Passam-se os anos, mas muitos anos, eu sou nomeado diretor da rede Globo de Recife, setenta e pouco, oitenta, cheguei correndo, eu tinha que pegar um *Caravelle* às sete e quinze, sete e meia pra Recife, eu ia toda segunda feira e voltava sexta, eu montei a TV Globo de Recife, no livro diz tudo isso, aí eu chego, não tem mais, quando eu olho sai um cara lá do fundo do balcão, ele disse não, não, pro senhor tem sim, o senhor me acompanhe, tirou alguém e me botou. No meio do caminho ele disse assim, eu sou aquele rapaz que o senhor salvou meu filho ... (se emociona e chora) (pausa) eu me emociono... (pausa)

Flávia: Emociona mesmo... (pausa)

Paulo Cesar Ferreira: Bobagem.

Flávia: Bobagem não, o rádio é muito isso, não é?

Paulo Cesar Ferreira: Embarquei, (se dirigindo a secretária que entra) me emocionei aqui e tô chorando (diz para a secretária que entra na sala – ela diz *toma uma água*)

Flávia: O senhor quer tomar uma aguinha? [se recupera e discute umas questões de agenda com a secretária]

Paulo Cesar Ferreira: Então o rádio, você vê a importância do rádio, como foi importante pra mim, eu na rádio eu então era locutor e também coordenava algumas vezes as mesas redondas de política porque a gente tinha todo dia à noite, antes do Chacrinha entrar, a gente tinha um debate político, lembra que nos estávamos vivendo na capital da República onde você tinha a Câmara Federal, então você tinha um debate, entrevista, e eu conheci, aí vem um aspecto político, o Caringi conta que o Rubens Berardo entrou nisso porque se apaixonou por uma espanhola e pra não ir pra casa ficava na rádio com a espanhola... (risos) É do caceta essa história, essa história é ótima, só ele [Caringi], vou ligar pra ele. Aí eu fiquei responsável, eu era muito atilado, então foi, como eu pegava qualquer parada eu fui um dos repórteres destacado pra trabalhar na equipe do PTB. Quem era o PTB? Era o partido do deputado Rubens Berardo que tava pra re-eleição, que também tinha um slogan muito interessante: “Rádio Continental um amigo em cada rua, vote Rubens Berardo”, era uma coisa acintosa e ele se elegia como queria, ele era um líder na câmara, quase analfabeto e eu fui indicado pra acompanhar a campanha do Elói Dutra contra o Lacerda. Então todo dia tinha que ter matéria do Elói Dutra, entrevista, papapa, então tinha a mulher dele que era muito melhor do que ele, que se chamava Iara Vargas, minha amiga, minha madrinha, eu me dediquei toda, duas ou três vezes por semana tinha um comício e eu transmitia os comícios, como eu fui o repórter que transmiti pela primeira vez no Rio de Janeiro o comício do Leonel Brizola no Meyer, que teve 200 mil pessoas, foi o primeiro fenômeno e se elegeu depois deputado, então você vê, essa minha amizade, por exemplo, com a Iara, mais a Iara e

menos o Elói que era um vaidoso, me deu uma nomeação de tesoureiro da Caixa Econômica. Eu fui nomeado em 1961 tesoureiro da Caixa Econômica, então você vê que o rádio, como tudo o que eu ganhei e perdi e ganhei foi com o rádio e a televisão. Eu fiz a *Net* no Rio de Janeiro, você imagina, vendi depois minha parte, tenho hoje um canal de televisão em UHF, a TV O Dia, nós queremos implantar prevendo já a TV digital, estudo isso, meus filhos estão envolvidos nisso e outros assuntos. Então é isso aí, não sei mais o que eu posso te dizer.

Flávia: Eu queria entender um pouquinho, qual a relação da Metropolitana com a Continental? Da rádio Metropolitana.. ?

Paulo Cesar Ferreira: A emissora Metropolitana e a Continental eram da família Berardo.

Flávia: As duas da família Berardo?

Paulo Cesar Ferreira: As duas frequências. Depois eles venderam.

Flávia: Eram dois estúdios separados...?

Paulo Cesar Ferreira: Hein???

Flávia: Eram dois estúdios separados, programação separada, como é que era?

Paulo Cesar Ferreira: Não, tinha programação separada, ela tinha uma programação musical e também muita entrevista...

Flávia: A metropolitana?

Paulo Cesar Ferreira: A metropolitana, a parte política né. A parte de esporte era consolidada na Continental e os jornais falados e os flashes, eram muito importantes. Eu lutava pra ter boas matérias pra ter repercussão na rádio Continental, não na Metropolitana. É como se você tivesse uma, a Rede Globo e a Globo News, exemplo, mal comparando, é por aí, então essa rádio, por lá passaram grandes disk jôqueis, Willian Duba, *A Hora da Broga*, um acontecimento na cidade, isso lá na metropolitana...

Flávia: A metropolitana tinha jornalismo também, forte como a ...

Paulo Cesar Ferreira: Ela, ela, em caso de rede ela entrava em cadeia, mas ela sustentava uma programação noturna de entrevistas, pra câmara, todo dia tinha um plano, a partir das oito horas da noite, com a Agência Nacional dava um balanço, com os vereadores, Assembléia Legislativa, deputado federal, Senado, era uma coisa. No corredor da rádio, tinha senadores, deputados, era uma coisa. A Varig jamais poderia pensar, sabe, em inaugurar uma linha Rio-Paris se não levasse um repórter da Continental dentro. Aí é claro que ia o Palut (risos)

Flávia: O senhor comentou também que o senhor percebia na Continental uma certa intuição, uma coisa não muito organizada ...

Paulo Cesar Ferreira: (?) [diz algumas palavras incompreensíveis]

Flávia: Como é que era o dia dos Comandos Continental, como eles trabalhavam?

Paulo Cesar Ferreira: É que isso que eu tô dizendo, havia, havia a rádio Continental com o seu jornal falado de hora em hora, *Continental Informa*, um negócio assim e se houvesse algum fato relevante, aí ligavam, o Palut entrava ou entrava o Saulo, ou entrava o Caringi, podia eventualmente eu entrar como entrei num incêndio do Edifício Astória, ta entendendo? Nos estávamos de *stand by*. Olha tem que entrar agora porque é importante, aí entrava, entendeu? A Metropolitana já era uma programação de disk jôquei, a noite tinha mais entrevistas e, tanto é que o chacrinha começou lá com o Cassino do Chacrinha, eu digo assim, existiam determinados repórteres especializado em política, eu me lembro que o Argolo de Sá era um cara importantíssimo, na polícia era o Newton de Souza, o Saulo Gomes no geral, o, ah e o Peres Júnior também na polícia, eram os grandes, os grandes papas, entendeu, os nomes, Paulo Caringi, o Paulo tinha também um papel muito importante. O Palut na era, era uma pessoa difícil, ele se escondia, bebia muito, eu não quero fazer, bebia muito, um alcoólatra inveterado, morreu praticamente, o filho virou veado, a mulher virou puta, então ... a vida, a vida a gente não sabe. Eu me lembro que o Palut levou anos com um dente que ele enchia de algodão e guaiacol, pra não doer mais, ele tinha medo de dentista. Morreu infeccionado, morreu de septicemia, eu acho que de

septicemia com esses dentes, tem que falar com o Vizeu e com o filho dele pra lembrar como o Palut morreu. Eu não sei se no livro eu me remonto a isso. Não quis entrar muito nesses detalhes. Você vê, eu me lembro que ele que ele enchia de guaiacol para anestesiá-lo os buracos das cáries que os dentes ficavam, uma pena, uma pena. O Ary Vizeu não, o Ary Vizeu tinha uma outra postura. Era o comandante de notícia da Rádio Guanabara, era o presidente da associação do Clube dos Papagaios, dos radiorepórteres, era uma coisa. Você imagina, eu botava aquilo na minha lapela, era acatadíssimo, um repórter de rádio, da rádio Continental, aonde fosse minha amiga era, era, era uma força jornalística, profissional, importante. A imprensa sempre tem uma mística dessa. Agora é o que eu digo, eu digo, eu tava dizendo pro Caringi hoje, o cara que bolou os slogans da rádio eram fantásticos. “Os Comandos Continental usam carros Dodge porque não podem parar nem falhar”. É de uma... é de um..., e a abertura das reportagens!?

Flávia: Como é que era?

Paulo Cesar Ferreira: É... , como é que era, o encerramento? “Estamos encerrando mais uma reportagem. Os comandos voltam a sua sede, ontem, hoje e sempre a casa da informação”.

[Recebe os dados do Ibope e me mostra os dados da Rádio Continental AM – ocupa o 43º. lugar com 950 ouvintes por minuto.]

Paulo Cesar Ferreira: 950 ouvintes por minuto. Olha a decadência.

Flávia: O sr. pode me passar esse material? De quando é ... agosto. (...)Hoje ela se transformou muito a Continental, não é? Vendida pra uma igreja, não é?

Paulo Cesar Ferreira: Evangélica. O que mais?

Flávia: Nos estávamos falando daquela questão da intuição...?

Paulo Cesar Ferreira: Então, ela funcionava, você tinha sempre urgência, você tinha algum acontecimento, se avaliava, consultava a direção ou o Palut, autorizava a entrar no ar.

Flávia: O Palut ia pra rua também ou ficava mais no estúdio?

Paulo Cesar Ferreira: O Palut não, o Palut quando era uma coisa mais importante, no interesse dele, ele ia, mas ele era profundamente tímido, acho que o problema dele, do álcool, ele se expunha pouco, ele reunia uma patota, conversava, batia um papo, tal, tudo na base do mais ou menos armado, sabe como é (...) Isso eu quero que você aperte o Paulo Caringi. Eu não vi nunca uma estratégia definida ou planejada, eu via uma coisa intuitiva, no seguinte, o fato existe, corre lá e faz, acabou.

Flávia: Essa questão que hoje a trabalha com a pauta, uma coisa mais pré-definida, isso não...?

Paulo Cesar Ferreira: É, não, vamos pautar isso aqui, vamos debater o assunto do bairro...

Flávia: Isso não tinha? Aconteceu, era uma coisa bem instantânea, aconteceu, saia e cobria?

Paulo Cesar Ferreira: Aconteceu, tinha que sair, era a mais dinâmica, aquele mostrengo todo funcionava, entendeu?

Flávia: O senhor comentou de estrutura precária. Era mais a questão de ...?

Paulo Cesar Ferreira: É, para a transmissão de rádio da época era *up to date*, a estrutura precária que eu digo era do ponto de vista da, da

Flávia: Da organização??

Paulo Cesar Ferreira: Da política, quer dizer, era uma rádio, o dono, tanto é que a gente vivia com o salário atrasado né. Eu recebi muito pneu. Eles fizeram uma permuta, ficou pneu pra burro então o Carlitos disse olha eu não tenho dinheiro mas tenho pneu eu pegava pneu e ia vender porque eu não tinha carro. É claro que os caras mais importantes, o Palut recebia, mas eu sabia que o Palut também tinha salário atrasado porque o Rubens Berardo ele tirava o dinheiro da caixa mesmo, pagava as coisas dele. Tinha um cara na rádio, eu não me lembro, o Paulo Caringi vai lembrar, era o tesoureiro, ele vai lembrar o nome, a gente puxava o saco desse cara, ele era um Deus porque ele é que dava prioridade nos cheques de quem ia receber, entendeu? Como eu não era importante, eu recebia pneu mesmo.

Flávia: E quando o senhor entrou na equipe, houve algum tipo de orientação, como fazer?

Paulo Cesar Ferreira: Eu não me lembro, não me lembro. Como falar? O slogan eu aprendi intuitivamente. Eu me adaptei tanto, pelo que eu ouvia, como eu sabia, que ninguém nunca de me deu uma aula. O Paulo Caringi ainda me deu alguns conselhos, tal, eu não lembro, não me lembro de uma orientação.

Flávia: Existia, assim, na conversa entre vocês alguma preocupação básica, o que que era mais importante?

Paulo Cesar Ferreira: Não, não tinha estratégia. Eu não me lembro de estratégia. O Paulo Caringi vai te confirmar isso. Não me lembro.

Flávia: O Repórter Esso quando o senhor entrou tava no ar ainda e era o grande informativo...

Paulo Cesar Ferreira: Da Rádio Nacional.

Flávia:... da rádio Nacional...

Paulo Cesar Ferreira: Meu amigo, morreu meu amigo, Heron Domingues. Aí foi um outro fenômeno. Como é que eu vou encontrar o Heron Lima Domingues? Existe a Rádio Nacional, uma coisa poderosa, o livro conta bem a minha narrativa, eu vou pra rádio, da rádio eu emigro, fico parte na rádio, daí o Rubens Berardo deu o grande salto da vida dele, que quebrou a cara, fez a TV Continental. Ele era um homem do governo. Ganhou uma concessão. Equipamento moderno, RCA Vitor, esse canal hoje pertence ao Silvio Santos, do Rio de Janeiro, e montamos a TV Continental com o espírito de notícia, show, música, aí o Palut se dedicou 24 horas por dia...

Flávia: À TV?

Paulo Cesar Ferreira: É televisão, adorava, apresenta. Eu fui, eu entrei na TV Continental porque eu trazia matéria, debate, eu era instigante, eu levei um grande assunto, foi o problema dos remédios, o preço dos remédios, eu fiz uma reportagem que terminou, eu conto no livro, saindo na porrada, eu e o Froes, que era o outro repórter, que defendia a indústria farmacêutica e eu acusava. Fisicamente (dá um soco na mão) no ar, bain, bain, uma coisa de louco. E aí, (...) eu era um cara que era contrato pela *Decredi*, que era uma empresa de venda de títulos de capitalização pra fazer um anúncio. Eu fazia, eu era chamado pra fazer o comercial dos sapatos Polar, eu comecei, era bonito, tenho as fotos aí, isso não te interessa porque não tem nada a ver, se quiser ver tenho fotos, eu era muito bonitinho, eu sempre fui muito bonitinho, depois eu fiquei parecido com o Marlon Brando decadente (risos), aí, eu, eu, eu (...) na rádio ganhei uma certa projeção, foi quando o Flávio Cavalcanti me chamou pra mim trabalhar com ele...

Flávia: O senhor ficou na Continental até que ano, o senhor se recorda?

Paulo Cesar Ferreira: Acho que eu fiquei uns sete anos ...

Flávia: Quer dizer começou em 58, oficialmente em 59 ...

Paulo Cesar Ferreira: Eu fui pra rádio, pra televisão em 59 [para para atender o telefone] Aí eu fui pra TV Rio, mas eu era basicamente um jornalista, radiojornalismo, então o salário que me pagavam, eu recebia por *Noite de Gala* - o Rei da Voz Gabriel Medina, pra trabalhar pro Flávio que era uma vez por semana, apesar de produzir reportagem, eu fui apresentador de *Noite de Gala* com a Ilka Soares, e eu era, passei a ser o repórter político de eventos, de acontecimentos sérios, do *Telejornal Pirelli*, que era o *Jornal Nacional* da época, que o leitor era o Heron Lima Domingues, meu amigo, foi aí que o conheci, com ele pessoalmente, já vinha da Rádio Nacional, ele largou o *Repórter Esso* e foi pra TV Rio, foi brilhante, e o Léo Batista que tá até hoje na rede Globo, lá eu fazia todo dia *Um Minuto de Auricom*. Você sabe o que é Auricom? Não existia vídeo cassete, existia película e o Auricom era uma máquina, cinema, chamada Auricom com som ótico ou magnético, você tinha que fazer, chegar no estúdio, e revelar, tinha uma reveladora, e entrava. Então eu entrevistei, fiz 5,500 reportagens de toda essa época que eu estive, Juscelino, Jango, tomada do Forte de Copacabana, tudo o que você puder imaginar eu participei disso, Santiago Dantas, Delfim Neto quando ainda era crítico da inflação contra o governo, 61, 62, tudo o que você puder imaginar eu fiz, por exemplo, furar os dois túneis que ligam a lagoa com a cidade, eu tava lá do lado do Lacerda, entendeu? Eu tava lá entrevistando o Lacerda,

entrevistando o Enaldo Carlos Peixoto, então eu fui esse repórter, aí o Heron Domingues, que era um grande papa, tinha um programa duas vezes por semana de debate, depois fazia um *Causa e Efeito* que era um programa assinado pelo Armando Nogueira e pelo Haroldo de Holanda. Os Golcipes do dia, informações, primeiro mundo, aí o Heron, a TV Continental ta no debauche(?), aí o Heron, junto com o sócio dele, arrendou a Tv Continental, agora imagina o que que foi? Eu fui ser chefe de reportagem da TV Continental. O Heron achava eu um excelente repórter. O Heron dizia o seguinte, assim como eu nos Estados Unidos, com essa voz era uma merda, porque nos Estados Unidos tem cara, tem mil cara com a minha voz. Olha o Heron dizendo isso pra mim, tem um depoimento dele que eu falo sobre o livro, sobre ele, ele, agora você não, você nos Estados Unidos se daria bem porque tem poucos repórteres como você nos Estados Unidos. Porque ele ia todos os anos nos Estados Unidos, ele era convidado pela Embaixada Americana, pelo Departamento de Estado, o cara falava inglês, o cara, um dos mais corretos profissionais, romântico, apaixonado, Heron Lima Domingues, gaúcho, casado com a Jacira, tinha um filho, o que mais?

Flávia: 64, no golpe de 64. O que aconteceu com a programação da emissora Continental, da rádio?

Paulo Cesar Ferreira: Em 64? Eu não tava lá. Tava na TV Rio. Ela já estava decadente.

Flávia: Em 64 foi o golpe ne ...

Paulo Cesar Ferreira: Eu não tenho nenhuma informação. O que que o Vizeu diz sobre isso aí?

Flávia: Ele falou que teve censura, foi aí que começa a morrer a reportagem, o senhor sai que ano da Continental?

Paulo Cesar Ferreira: Em 59 quando eu fui pra TV Rio.

Flávia: Em 59!?...

Paulo Cesar Ferreira: Eu fiz a tomada do forte de Copacabana, em 64.

Flávia: Em 59 o senhor entrou na Continental não foi?

Paulo Cesar Ferreira: ... (Pausa)

Flávia: No carnaval de 58, 59 é isso?

Paulo Cesar Ferreira: É, eu fiquei na rádio uns três, quatro anos. Tem que pegar as datas aí. Só minha secretária sabe. Eu tô na TV Rio, quando eu fui pra TV Rio? 60 talvez, talvez, eu passei dois três anos na rádio, não foi esse tempo todo, na TV Rio que eu passei mais. Eu sou capaz de ter essas datas tudo no livro.

Flávia: É, no livro, talvez depois numa segunda conversa, depois que eu ler o seu livro, se o senhor não se incomodar.

Paulo Cesar Ferreira: Claro, a gente esclarece.

Flávia: O senhor comentou de hora em hora, o Jornal (Pede a secretária o curriculum para checar as datas de entrada e saída da Continental)

Flávia: O senhor comentou comigo que o senhor também fez operação de áudio, que o senhor era bastante, tinha essa iniciativa. A questão técnica, como é que era possível, o senhor comentou levemente que tinha uma antena no pão de açúcar, os carros transmitiam por UHF, o senhor poderia me detalhar um pouquinho mais esse aspecto?

Paulo Cesar Ferreira: Pra você fazer uma transmissão, você tinha que, você tinha que, você estava na rua do Riachuelo 48, no alto do prédio funcionava a central técnica, a central técnica, ela é composta, você monitora o som que vem do transmissor, você vai ou por linha telefônica, você faz as transmissões ou por linha telefônica ou por frequências de ondas, né? Você tem determinadas faixas, usa-se muito hoje nas transmissões, a gente usava UHF que é uma transmissão você faz, então no alto da central técnica você tinha tudo o que você recebia, que você transmitia, do transmissor para o, para o (pausa) transmissor, a torre ... onde a torre funcionava? Eu acho que era em Niterói, tem que ver onde funcionava o transmissor. Hoje tá aqui, a Metropolitana tá aqui no subúrbio. Geralmente se põe as transmissões na época de AM perto do lugar que tem água, porque quanto mais água tiver, melhor propagação da onda de AM...

Flávia: A umidade, não?

Paulo Cesar Ferreira: Amplifier Médium. Você é professora deve saber disso. Então saia do estúdio para a torre, da torre pro transmissor, o transmissor jogava pras rádios. Quando você estava no carro você tinha um transmissor ou você gravava também no carro e depois levava pra essa central técnica lá em cima pra por no ar, que saia lá e ia pro estúdio, ou você jogava o som pro alto do Pão de Açúcar. Esse rebatedor, esse retransmissor jogava pra central técnica e a central técnica jogava pra torre de transmissão. Isso é um básico, isso até hoje é assim, senão não tem como funcionar.

Flávia: Aha, e os equipamentos, o senhor se lembra?

Paulo Cesar Ferreira: Os equipamentos, muitos equipamentos RCA Vitor. É, basicamente RCA Vitor e Marconi. Me lembro bem, não tinha japonesa ainda no mundo. Os japoneses foram uma evolução dos americanos. Era RCA e Marconi. Todos, microfone e procurava até por exemplo, me lembro que as gravadoras, fantásticas, para gravar os programas, os debates, Ampex, era o que havia de melhor.

[Secretária interrompe para ver se precisamos de mais alguma coisa]

Flávia: Esses aparelhos, será que tinham alguma coisa a ver com os equipamentos usados na II Guerra Mundial? O Senhor se lembra, se recorda se alguém comentava alguma coisa, se eram os mesmos?

Paulo Cesar Ferreira: Pode ser porque a Rede Globo, por mais poderosa que foi na época, montou toda a rede de microondas em São Paulo comprando no leilão as microondas do exército que estavam em sucata, (risos) quer dizer, deve ter isso, alguém, um cara lá fala de equipamento, aqui é a mesma coisa que você ir num brechó e comprar alguma coisa que pra nós seria, é possível, mas eu nunca me ative a isso.

Flávia: E as outras emissoras, com relação, elas tinham o mesmo equipamento que a Continental tinha?

Paulo Cesar Ferreira: Não tinham não. Elas não faziam. A Rádio Guanabara, que era uma rádio que agora virou Bandeirantes, ligada ao grupo Saad, a Rádio Guanabara, não sei se o Vizeu falou sobre a Rádio Guanabara. Falou?

Flávia: Falou um pouco sim.

Paulo Cesar Ferreira: A rádio Guanabara alguma coisa, as outras rádios tinham um aparato técnico muito bom preso no estúdio, não tinha mobilidade, os nossos operadores eram geniais. Eu me lembro que eu, nós fazíamos um negocio absolutamente regular. Eu me divertia a noite toda quando não tinha nada pra fazer eu ficava na central técnica vendo, ajudava a editar, arrumava música, gravava, mixava, nós tínhamos o REC, os dois REC, com dois telefones, eu sabia que você se dava com uma amiga. Dá um exemplo de nome de sua amiga.

Flávia: Patrícia.

Paulo Cesar Ferreira: Ah?

Flávia: Patrícia.

Paulo Cesar Ferreira: Patrícia. Eu sei o telefone da Patrícia, eu sei o teu telefone. Eu disco e plugo. Ah, como é? Você me ligou? Não. Eu não te liguei. Oh Patrícia é você? Sou eu Flávia. Eu predispunha vocês conversarem...

Flávia: Olha so!!!

Paulo Cesar Ferreira: Eu sabia o diabo. Eu fazia isso com político. Como repórter, polícia, usava isso às vezes, mais como um divertimento, então, isso era, então nós tínhamos capacidade de gravar no ar, gravar por telefone, tinha toda uma tecnologia favorável pra você ser ágil na reportagem.

Flávia: E por que que as outras não faziam? Só a Continental começou a fazer?

Paulo Cesar Ferreira: Porque não (pequena pausa) não teve concorrência na rádio, não teve não, eu não me lembro.

Flávia: Na época da Continental era só ela que fazia isso?

Paulo Cesar Ferreira: Só ela.

Flávia: Aquele estilo dos Comandos Continental e depois da própria Continental, ele se espalhou? Outras rádios começaram a fazer?

Paulo Cesar Ferreira: Nada. Nada.

Flávia: Nada? A Nacional?

Paulo Cesar Ferreira: Não, Eu procurei quando fui, quando eu peguei a Rádio Nacional ela já estava em decadência. Ela já não era mais, já tinha a televisão, já tinha crescido a televisão, eu aí transformei a Rádio Nacional numa força também, de disc jôquei, esporte, música, mas usando o noticiário, não mobilidade, não mobilidade, a rádio Continental teve realmente na frente nesse aparato, não houve, não houve, não teve mercado mais que crescesse. Talvez falta de visão do empresário. O empresário de rádio é muito medíocre, uns merdas. Desculpe.

Flávia: Eu acho que eram esses pontos.

Paulo Cesar Ferreira: Deixa eu falar com o Caringi.

Liga para Paulo Caringi e encerramos a entrevista.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM PAULO CARINGI

APÊNDICE D – ENTREVISTA PAULO CARINGI

Flávia: Agora tá OK. O senhor tava me dizendo que a rádio foi criada por acaso. A rádio Continental...

Paulo Caringi: É, circunstancialmente, como tudo na vida, tem os seus porquês, os porquês que existem, porque disso, porque daquilo, que é uma indagação infantil, que a gente mede a inteligência da criança quando começa a perguntar: porque papai isso, porque aquilo, então, o nosso Gagliano Neto, locutor famoso na Copa do Mundo de 38, tava desempregado, saído da Rádio Nacional, e alguém soprou no ouvido dele que tinha uma rádio funcionando e que seria transformada, mas ninguém disse, positivamente seria transformava, é onde atuava o Chacrinha Barbosa, com a boate do Chacrinha, a rádio Clube Fluminense, o dono era Paulo Beviláqua, tinha duas emissoras: Rádio Sociedade Fluminense e Rádio Clube Fluminense, então o senhor Rubens, o senhor Gagliano Neto, é, procurou saber da importância do que seria, de alguém que estivesse nesse, nesse ambiente para reformular uma rádio com o nome que funcionava no Estado do Rio de Janeiro, era rádio do estado do Rio de Janeiro, Niterói. E casualmente eu encontrei com o Gagliano Neto e ele disse Caringi, você conhece o Rubens Berardo? Eu digo: não, mas ele parece casado com a dona Anita Berardo? Dona da (?) Melo (?). Eu digo: eu não conheço. Fomos, fiz logo o contato, fiz o levantamento e aproximei o senhor, o senhor Gagliano Neto e Rubens Berardo. O Rubens Berardo adquiriu essa, veja a história como é que é, adquiriu, isso você não deve falar, adquiriu por, para, para motivar uma, ativar uma conquista, uma cantora espanhola que não foi cantar na Rádio Nacional, então ele se impressionou pela espanhola e disse: você vai ter que cantar no Rio de Janeiro, você é uma grande cantora, ele não tinha ouvido a cantora [risos] e daí ele disse, que, quem é que pode ter aí uma, aí descobriu que a Rádio Clube Fluminense era uma rádio que não tinha rentabilidade, não tinha nada, ele telefonou para o Paulo Beviláqua, você é o dono da rádio, eu fico com a rádio. Então ele disse, ela é sua, e não falou em dinheiro. Ele se apossou da rádio, chamou a cantora, fez o festival em Niterói com banda de música, flores, lançou a cantora espanhola de maior sucesso na América, etc né. Ela fez lá um concerto formidável, foi aplaudida e depois? Ah, voltou a ser o que era e ele não era radialista, não era empresário, não era coisa nenhuma, mas foi um homem bafejado pela sorte, uma simpatia enorme, era um homem muito simpático, que sabia usufruir da simpatia pra conquistar, conquistas amorosas, mas nunca, era um cara, era um homem bem sucedido nessa área e impulsionado, naturalmente, pela importância da, do que ele poderia ter, inclusive para a família, que ele não tinha um conceito muito bom da família, de ser proprietário ...

Flávia: Ele já era político nessa época?

Paulo Caringi: Não, não. Não era político não. Ele não era político e a rádio se transformou politicamente por circunstância também, como foi o, o, o senhor, o grande dono da Cadeia Associada, né, como é o? o, o, o ... senador ...

Flávia: Dos Diários Associados?

Paulo Caringi: Sim, o Chateaubriand.

Flávia: Chateaubriand.

Paulo Caringi: É, o Chateaubriand foi um homem que sentiu a importância da comunicação quando desviada, quando ela se torna poderosa, ouviu? Inclusive no sentido pejorativo mesmo, de prejudicar, apesar dos pesares, ele construiu baseado nisso. Era um homem sem escrúpulos, audacioso, conseguiu se posicionar, ter a maior cadeia radiofônica do Brasil e os Diários Associados foi uma força. Fez muita coisa boa, inclusive estimulou o uso do avião para intercomunicar o Brasil, criou o museu em São Paulo, o Museu de Arte de São Paulo. Foi um homem apaixonado também, apaixonado, tremendamente apaixonado. Eu ouvi inclusive, de própria voz dele, o que não seria dele se não fosse isso. Apaixonado. Bom, e daí, e daí surgiu a Emissora Continental proposta pelo senhor Gagliano Neto que apareceu exatamente naquele momento, naquela circunstância, ele disse olha meu filho, eu tô com essa rádio, mas não sei o que é que vou fazer dela. Ele disse é sua. Ele disse: Minha? Não, é sua rádio porque afinal de contas eu não sou homem de rádio, não entendo nada de rádio, então o senhor é famoso, Gagliano Neto, vai assumir. Mas eu posso fazer aquilo que eu quiser? O senhor pode fazer aquilo que, é sua a rádio e o Gagliano Neto não quis ficar com a rádio, apenas disse, bom eu vou

usufruir, fazer com que o senhor usufrua de uma idéia que eu tenho, quer dizer de fazer uma emissora eminentemente jornalística, 100% esportiva e informativa, com reportagens externas, coisa que não existe, vamos tirar do estúdio a informação para passar a divulgar no momento onde o fato acontece.

Flávia: Então isso foi idéia do Gagliano?

Paulo Caringi: Do Gagliano Neto. O senhor Rubens Berardo entrou aí circunstancialmente e o Gagliano Neto aproveitou daquele momento, dele não saber o que fazer com a rádio, deu a idéia, ouviu? E como é que vai fazer a, a, e aí ele teve uma idéia de marketing muito boa, pra você impor uma idéia você tem que se aproveitar de uma outra idéia, era, era cigarro Continental, disco Continental, eram marcas conceituadas, marcas conceituadas e que ele, Gagliano Neto, ouviu, lembrou da Continental, mas tinha disco Continental, cigarro Continental ele não podia usar, são títulos registrados, mas ele entrou em entendimento, com muita habilidade que ele teve, pra desfrutar do título de Emissora Continental. Ele tirou toda a propaganda da rádio e ela era só música, música e, e, e, e, a rádio, título da rádio, que passou a ser Continental, rádio Continental, liga, pega o dial 1030 quilociclos, rádio Continental. Ele introduziu “100% esportiva e informava”, contratou o, o, o, dois locutores o Sérgio Paiva e o outro que eu tenho aqui, vou te dar o nome deles, e teve o apoio comercial de um grande estabelecimento, a *Exposição Avenida*, a *Exposição*, o empresário, senhor Lauro Carvalho, que acreditou, ele sendo o cidadão que era no plano da comunicação, famoso, você sabe que o esporte dá fama ao cidadão, ele então entrou firme, patrocínio da *Exposição*. A rádio antigamente tinham duas emissoras, três emissoras fantásticas, com *broadcasting*, era a grande orquestra, era a Rádio Nacional que era tipo Globo, Rádio Tupi que era das Associadas e Rádio Mayrink Veiga, três poderosíssimas rádios e Rádio Clube do Brasil, Rádio Clube do Brasil. Ele não podia competir com o *cast*, poderosíssimas, Francisco Alves, Orlando Silva, Dircinha Batista, Grande Orquestra, famosas orquestra e a predominância de audiência era Rádio Tupi com o, com o, com o compositor da Aquarela do Brasil, como é??

Flávia: O Ari Barroso.

Paulo Caringi: Ari Barroso e tantos outros valores que tinham na Rádio Tupi e que transmitia o esporte né. Bom, e nessa altura dos acontecimentos saiu, é, digamos o, o,o, nosso amigo Gagliano Neto, com um carro enorme, eu vou te mostrar a foto, eu tenho aí, mas vou te mostrar [sai para pegar uma foto] esse foi o primeiro grande instante da rádio Continental que eu documentei em fotografia, que era o carro de reportagem.

Flávia: Olha só! Esse é o senhor?

Paulo Caringi: Esse sou eu. Viu? Ele entrava nas ruas e o sujeito passava na rádio os fatos, era um carro que batia, um avião que caía, era desastre de automóvel era tudo isso, saía o carro de reportagem que tinha uma aparelhagem, naquela época, das mais importantes. [Mostra outra foto] Aqui, aí começou minha participação direta nos acontecimentos de grande importância, que foi a renúncia do Jânio Quadros e a posse do novo presidente, aqui está o seu amigo que deu posse ao presidente porque era o único homem credenciado na presidência da república era eu, locutor da presidência. Aqui estou eu, aqui está o, o senador ..., bom daqui a pouco eu digo porque um homem de 80 anos tem essas falhas....

Flávia: Com certeza até eu [risos], todos temos....

Paulo Caringi: Aqui era um auxiliar dele, aqui era o meu auxiliar dando o microfone na mão. E aqui tá um outro momento, o lançamento da candidatura Jânio Quadros, ah, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Getúlio Vargas no fundo e seu amigo aqui fazendo a transmissão diretamente de São Borja.

Flávia: Olha só! O senhor é de lá? O senhor é do Sul?

Paulo Caringi: Sou, sou do Sul

Flávia: De Caxias?

Paulo Caringi: Não, a minha família é toda do Sul, aconteceu o seguinte, eu fui, fui, tive início no Rio Grande do Sul e fui registrado em Santos [risos]. Antigamente era, as mães não registravam pro filho não ir pra guerra. Então eu não existia até a idade de 12 anos, agora é obrigado por lei né. Aqui foi a

transmissão da capital da república pra Brasília, aqui está seu amigo, Juscelino, Palut e o presidente da Nova Cap, o, esse aqui, tem todos esse nomes aí, ministro, transmissão, o dia em que se transferiu a capital da república. Então isso aqui são partes da história do rádio, bom então o senhor Lauro Carvalho que era o dono da *Exposição* financiou todos os passos da Continental. E a popularidade da rádio foi alcançada pela, pelo sentido de utilidade pública que ela desenvolvia. Foi realmente um momento muito importante da rádio, participaram naquele momento, Manoel Jorge, que era o homem que tinha um poder de improviso extraordinário, que era considerado, tinha o apelido de, de, não me lembro agora, era aqui o Serenata, o Afonso Soares, Peres Jr., o Saulo gomes, César, Paulo César Ferreira, Armando Vianna, Ari Vizeu, esse aqui, Ari Vizeu chegou no último, já tava terminando, depois veio o Palut, com a supervisão de Armando Requião que veio do Globo pra fazer a pauta dos assuntos de grande importância, aí tinha sempre um jornalista a frente pra orientar. Então a, a, a, os homens de grande importância da rádio, por circunstância, importância relativa, de ter assistido o fato histórico da integração, que foi do locutor esportivo...

Flávia: Do Gagliano...

Paulo Caringi: ... e que contratou esses elementos que estão aí

Flávia: Mas o senhor não tá nessa primeira lista, o senhor não entrou nesse primeiro time?

Paulo Caringi: Não, primeiro time, primeiro

Flávia: Ah, é o senhor mais esse pessoal?

Paulo Caringi: É. Eu não era o responsável pela transmissão porque eu tinha outras atividades. Quem me convidou pra lá foi o próprio Gagliano Neto. Eu disse: Gagliano eu não posso porque eu sou narrador de programas educativos do serviço de alimentação da Previdência Social, eu fazia aqueles programas de alimentação alimentar. Ganhava muito bem, redator por concurso, fazia porque, falar é importante, mas você tem que escrever, ser locutor é importante, ler o textinho ali, eu quero ver você escrever.

Flávia: Isso, isso onde? Em qual emissora? Era alguma emissora?

Paulo Caringi: Não, não, nós tínhamos, eram programas educativos gravados ...

Flávia: Mas não era ligado a nenhuma emissora?

Paulo Caringi: Eu trabalhava na Rádio Mayrink Veiga, eu fazia aquele “Conversa em Família”, um programa que foi famoso no Rio de Janeiro, com Orlando Góes, que foi um cidadão que você deve conhecer pelo rádio, fazia o programa “Conversa em Família” e eu participava desse programa, e participava e fazia o programa na Mayrink Veiga de meia noite às duas, então era pra mim muito sacrifício ficar subordinado na Continental aí, eu sai da, aí o, o, o presidente da Academia Brasileira de Letras, eu tava em fase de perder o emprego, porque eu tava casado, tinha um filho excepcional, que tava me dando, me assustando, aí vem as circunstâncias de família, né, você tem que se ajustar à vida de acordo com o universo que você criou. Daí eu sai, daí o Gagliano: Como é, você vem ou não vem? Mas já estavam esses cidadãos aqui, olha Rogério Simões, muito bom, todos esses ótimos, todos de reportagens externas, aqui não era ninguém interno, todos ficavam, era excepcional, caia um avião, shuip [faz som com a boca] havia uma pauta de assunto pro dia seguinte, aconteceu então nós vamos esclarecer os detalhes porque aconteceu. Então tinha uma pauta que nos fazíamos e éramos designados, o Ernani Requião mandava o Manoel Jorge, Raolino, mandava o Afonso Soares, agora a história da rádio realmente, nenhum desses sabem bem como participou. Por exemplo o Afonso Soares, o Afonso Soares era, ele fazia locução de polícia e coisa, mas não estava na estrutura, na intimidade de como surgiu, são bons profissionais, bons profissionais. O Palut veio que era de radioteatro, era amigo do, do do nosso amigo Gagliano Neto, gostava muito, bom profissional, muito bom mas não tinha lastro...

Flávia: Como assim?

Paulo Caringi: Lastro de preparo cultural mesmo. Falava muito bem. É que nem o Lula. Uma inteligência, era um homem, um rapaz lúcido e líder, tem esse aspecto também...

Flávia: Tinha uma liderança?

Paulo Caringi: Liderança, liderança, que era, é o peão, ele fazia o peão, ele ficava na estrutura em cima e distribuía, então ele dizia sob o comando de Carlos Palut fala fulano, então fulano é quem falava, quem fazia a reportagem era o fulano...

[esposa] Dá licença, eu não tenho uma notícia muito boa pra te dar [somos interrompidos pela mulher de Caringi] ...

Morreu quem? Quem que morreu? Diga logo...

Um momentinho, calminha. Você não ouviu na secretária eletrônica..... [Relata a notícia da morte do jornalista Osmar Freitas, fala sobre carta que recebeu da neta e Caringi fala sobre racismo]

Paulo Caringi: Então a Continental foi até hoje, é até hoje, uma emissora, que, que foi modelo pra São Paulo. São Paulo copiou o Rio de Janeiro que era a capital da república, aonde a comunicação de maior expressão partia do Rio de Janeiro, hoje é São Paulo que é realmente um país, São Paulo é um país, São Paulo, da sua política de defesa do seu território, os próprios paulistas foram muito conscientes, bairrismo aquela coisa, deu a São Paulo, o problema do clima, o problema, você é do Paraná?

Flávia: Sou do Paraná.

Paulo Caringi: Do Paraná. A pouco tempo perdi um sobrinho, o dono do maior hospital de lá, o São Lucas era do meu cunhado, meu ex-cunhado, [baixa o tom de voz] esse rapaz que era médico, se suicidou, foi uma coisa bárbara, e essa minha ex-cunhada agora tá com Alzheimer, essa doença na cabeça. Então ele era um homem de família, Camargo, família tradicional. Eu estive lá em, fui ate convidado pra falar numa rádio, saí do Rio de Janeiro e fui pra Brasília. Queria te mostrar minha portaria de transferência, quero dizer e mostrar, ficar cavucando (?) se ela acreditar, acredita...

Flávia: Acredito.

Paulo Caringi: Porque mentir é a coisa mais cômoda que existe e você no seu livro você não pode dar, dizer mentira, você está, nesse sentido eu quero que as minhas palavras sejam traduzidas nas suas palavras, com as suas próprias palavras pra você ter uma impressão de quem faz comunicação e o dever da comunicação, ouviu? E dizer o que foi feito até agora. A primazia é da Continental que teve o primeiro organograma de transmissão, organograma de transmissão, dos postos, organograma da onde falava, foi a primeira emissora a transmitir um carnaval...

Flávia: Que ano que foi? Foi em 51?

Paulo Caringi: Eu tenho aí. 51...

Flávia: Porque depois ficou muito famoso, não é, as transmissões. Até as rádio competiam entre si, mas a Continental foi a primeira?

Paulo Caringi: Foi, foi a primeira. Foi com o Manoel Jorge fazendo sozinho. Ele começava às oito e acabava às quatro da manhã. Este [aponta foto], este Manoel Jorge, este rapaz aqui, que foi a primeira voz da Continental, depois o Dalwan Lima que veio auxiliá-lo. Depois veio o Paulo Caringi [risos], que está aqui, depois veio o Perez Júnior, depois veio o Palut, que passou a fazer a supervisão, porque ele fazia, era um bom peão, tanto é que entre o Manoel Jorge e Dalwan Lima e o Palut ganhou porque ele tinha a preferência do senhor Rubens. Tudo na vida é uma questão de simpatia. Esse Manoel Jorge era um cara fantástico, ele era, fazia reportagem de cinema, e esse Dalwan Lima foi, foi pro exterior também, eu também fui pro exterior, quer dizer tudo na vida você tem que gozar de simpatia, porque se você não tiver simpatia, pra você agora falar desses elementos todos quem pode falar na realidade sobre todos eles sou eu.

Flávia: Manoel Jorge já não?

Paulo Caringi: Todos eles já morreram. Manoel Jorge, o Dalwan Lima morreu, o Afonso Soares tá entrevado, o Peres morreu, o Saulo Gomes tá em São Paulo na TV Bandeirantes, o Paulo César Ferreira que é um cara formidável, foi diretor da Rádio Nacional, era um rapaz, era muito temperamental, ele se incompatibilizou, ele contou?

Flávia: Não.

Paulo Caringi: Ele se incompatibilizou com os jornalistas e criou um problema pra ele, mas ele, ele foi um homem que deu muita cobertura ao Roberto Marinho, entre Paulo César, ele endireitou a, porque aquilo era uma desorganização doida. Paulo César endireitou, disciplinou, deu uma ordenação, disciplinou, o senhor Roberto Marinho se, se, admitia, aceitou, porque organização é disciplina, se você não disciplina, você não obtém resultados, disciplina, com o espírito de anarquia, não é? Tem que haver. E o Paulo César foi um profissional formidável, tanto é que o Paulo César se incompat... Palut se incompatibilizou com o Paulo César, porque Paulo César fez umas reportagens que era de interesse e o Palut não gostou e Palut sentiu que o Paulo César tinha a simpatia da direção da rádio, criou um pretexto e afastou ele da rádio. Esses detalhes, essas mumunhas que existem né? Então o senhor Paulo César deixou, o Palut foi afastado e eu assumi...

Flávia: Isso em que ano, o senhor se recorda?

Paulo Caringi: [Pausa] mim novecentos e ... deixa eu ver, eu ainda tenho portaria, ... deixa eu ver, 51,52,53,54,55,56,57,58. 58.

Flávia: 58. De quem é a idéia da criação dos Comandos Continental?

Paulo Caringi: É do Gagliano Neto.

Flávia: Do Gagliano?

Paulo Caringi: Do Gagliano Neto.

Flávia: Porque todo mundo remete ao Palut.

Paulo Caringi: Não, não, Palut não. Porque Palut era a circunstância seguinte, deixa eu te explicar o segredo da coisa. Ah, [imposta a voz] “Logo mais grande reportagem sob o comando de Carlos Palut com Antônio José da Silva”. Não era ele quem fazia a reportagem. Caringi hoje você está escalado pra fazer a entrevista com fulano de tal, então o comando era, era transmitido sob o comando de, mas ele não fazia.

Flávia: Entendo. Ele ficava mais no estúdio?

Paulo Caringi: Não fazia, nem no estúdio ficava. Nem no estúdio ele ficava. Fazia e fazia direto, pegava e fazia, entendeu? Eu tenho documentação completa aí. O Peres, quem fazia [risos] vou te contar uma situação, o Palut, era o Saulo Gomes porque o Saulo dormia na emissora, almoçava na emissora, deu um tiro no pé na emissora, porque (?) O senhor Rubens Berardo foi um péssimo patrão. Ele não pagava seus funcionários, admitia entre seus funcionários usassem a emissora de uma maneira, isso é particular, de uma maneira não muito saudável, ele era, e, e, e tava nessa faixa alguns desses cidadãos que aí está, ouviu? E o Saulo Gomes se aproveitava dessas, dessas circunstâncias, não havia organização, não havia disciplina, o negócio era Bangu, era pra ficar a rádio a noite toda, ficava, ganhava porque era desorganizada, porque ninguém ia comprometer a sua parte comercial, que é a sustentação da rádio pra fazer, pópópó, ninguém faz isso, entendeu? E nós fazíamos, ficávamos a noite inteira, eu fui pra Bahia, como, escondido a bordo de um navio de guerra, eu fui descoberto em alto mar, por causa do Estado Maior das Forças Armadas, diz que foi uma denúncia que eu estava a bordo no navio, foi uma correria desgraçada, eu já tava viajando aí eu fui embora, fui, cheguei na, na Bahia não tinha dinheiro pra me hospedar, então o governo me deu hospedagem, e foi tudo feito na base do improvisado, da força de vontade, da camisa, que ninguém faz hoje. Então nos éramos, tanto é que passou a ser governador porque **nós** éramos presença da rádio, eu, Palut, Manoel Jorge, todos, enfim, todos dividíamos, ninguém era maior do que, de que, melhor do que o outro, todos eram iguais. Havia uma cabeça, o sujeito que abria [imposta a voz] “e atenção vamos transmitir nesse instante diretamente do campo do Vasco onde e coisa”. Aí o cara dizia assim: “Sob o Comando de Carlos Palut estamos nesse instante ...” [risos] entendeu? Ele gozava dessa, dessa (?) ele era simbolicamente, simbolicamente, o responsável, mas se eu fizesse um, transgredisse uma norma, uma falsidade, eu seria eu o responsável.

Flávia: Então a idéia da criação dos *Comandos*, de colocar, foi do Gagliano Neto?

Paulo Caringi: Foi do Gagliano Neto.

Flávia: E o Palut veio chefiar essa turma?

Paulo Caringi: Veio, veio por circunstância, porque quem comandava a parte, a parte de jornalismo era Hermano Requião, que veio do Globo. Hermano Requião é um nome que você não pode esquecer, era o redator chefe do Globo e veio contratado para dirigir a parte jornalística da Continental. Hermano com H, é.

Flávia: Requião?

Paulo Caringi: Requião mesmo.

Flávia: Igual ao nosso governador, do Paraná?

Paulo Caringi: É, deve ser, deve ser parente dele, deve ser porque ele era da Bahia. Exatamente.

Flávia: E aí, o Gagliano então pensou numa emissora 100% informativa, 100% esportiva e a emissora transmitia futebol, esporte, vários tipos de esporte, não só futebol né?

Paulo Caringi: Dentro, dentro de uma programação racional: meia hora notícia, meia hora esporte, meia hora reportagem externa, então havia um horário, horários pré-estabelecidos. Quando por exemplo o Repórter Esso que era a indicação da informação, ele dava a notícia e os detalhes era a Continental. O sujeito ouvia a coisa e passava pra continental pra ver como é que era. O detalhe da informação era a Continental.

Flávia: O aprofundamento era com a Continental?

Paulo Caringi: O aprofundamento, o aprofundamento da reportagem era exatamente a Continental, esmiuçava o assunto. Dava um esclarecimento mais amplo, mais largo. Até tem um fato curioso. [risos] Caiu um avião na Guanabara, eu estou aqui rindo, mas foi verdade. Eu estava a bordo de uma barquinha pra ver os naufragos, aí os caras lá, ah, ah, ah aí eu como o microfone, amigo me conta, como é que foi a situação, socooooorroooo! [risos dos dois]. É uma piada essas coisas que acontecem. Então tem coisas fantásticas que eu vivi lá na presidência da república, de detalhes. Então houve muitas coisas curiosas, inclusive da, da, eu tenho aqui uma, uma, até se você quiser levar, a justificativa dos prêmios que eu ganhei [levanta para pegar papel] Não sei aonde que tá, sei que está por aqui, depois eu te dou. Eu tenho aqui. Eu sou muito, muito caprichoso pra, pra, porque à medida que você vai vivendo você esquece essas coisas, então eu vou buscar aqui, olha aqui, isso aqui [pausa enquanto ele remexe nos papéis] ...

Flávia: O senhor não guardou nada de áudio, em áudio mesmo o senhor não tem nada?

Paulo Caringi: Áudio eu não tenho, tinha uma série de comentários, o que eu tenho de comentários minha filha, olha eu vou te mostrar...

Flávia: Da época, das reportagens de rua...?

Paulo Caringi: Não, não da Continental, eu fui o primeiro jornalista na época da revolução do período de, no período que os militares predominavam no governo, a falar, claro que eu não xingava nem o presidente da república, nem dizia que era ladrão, nem incompetente, apenas, fui o único do Brasil a falar, porque não descobriram, que você não tem que se ater à crítica, mas acima da crítica tem que ter uma idéia superior a que está sendo posta em prática, minha filha. Crítica é fácil, [muda a voz] “ah, ah, ele não vale nada, porque ...”, peraí, vamos falar: não vale porque? Por isso, por isso, então você tem que analisar o porque da situação, entendeu? O brasileiro não analisa, não tem, porque , eu vou te mostrar aqui [sai para buscar vários artigos de sua autoria ou rebatendo artigos dele] algumas coisas você vai ter uma visão clara da minha participação. Olha aqui, saindo fora da, do, da locução, eu dou a minha participação aos jornais, que reconhecem, que dão cobertura ao que eu digo. Olha aqui, o Globo de 81, reconhecimento e ressocialização ...[diz lendo o título de um artigo], aqui eu falo sobre as lideranças, a importância do homem, a LBA, eu fechei a LBA, as críticas que eu fazia sobre a LBA, então você quer ver uma coisa. Aqui foi quando eu fui, passei a ser diretor do Núcleo de estudos da Associação da Confederação Nacional do Comércio, com o Naum Cirotcki que é um dos mais importantes jornalistas, eu substituí ele, quem levou ele pra lá fui eu, mas aí vinha o espírito de velho ódio. Aqui, o Globo, Serviço Social, sobre o que é a LBA dizendo ...

[começa a ler o artigo sobre a LBA]. Vai mostrando vários artigos sobre SESI, remédios genéricos, fundação da Associação Brasileira de Locutores. Vai mostrando fotos de Celso Teixeira, e outros

locutores] Sai para buscar mais artigos e fotos. Foto do tio do Wolf Maia, da Globo, matérias escritas para jornais [Globo e outros]. Fala que quer escrever um livro, mas que está um pouco desanimado. Lê o início de um possível livro em que se apresenta.

Depois de mostrar todas essas coisas, diz:

Paulo Caringi: Bom, pergunte o que você quiser.

Flávia: O senhor falou do organograma de transmissão. Eu queria que o senhor, que foi a primeira emissora que teve, eu queria que o senhor me detalhasse um pouco mais isso.

Paulo Caringi: Enquanto isso, enquanto eu vou buscar lá dentro pra você, leia aqui, lê isso aqui é muito bom. [a gravação é interrompida para que Paulo Caringi busque o organograma]. Se você quiser eu te tiro uma copia depois .

Flávia: Eu gostaria de xerocar este também [o artigo que ele havia me pedido para ler] porque tem bastante da sua vida. [Como o organograma do carnaval nas mãos] Então como funcionava isso? Aqui era ...

Paulo Caringi: O organograma é o seguinte, comando geral, na galeria Cruzeiro, então era o Hospital Getúlio Vargas, Pronto de Socorro, Niterói, Minas Gerais, Presidente Vargas, carro de reportagem RC1, Juizado de Menores, Rádio Patrulha, Corpo de Bombeiro ...

Flávia: Em cada lugar desse havia um posto ...

Paulo Caringi: Tinha um posto de transmissão, polícia militar, fugitivos do carnaval ...

Flávia: Pessoas que iam pro campo...

Paulo Caringi: É. Sociedade versus escola de samba. Carro de reportagem RC1, era RC 2 e RC1...

Flávia: Eram dois carros que ficavam percorrendo sempre?

Paulo Caringi: Dois carros, dois carros. Aquele era mais bem equipado, o RC1. Pernambuco, o hospital Miguel, Carlos Chagas, Assistência, como é, aqui Copacabana Palace, Quitandinha, Clube de Regatas Flamengo, Esses aqui são os clubes. Muito bem feito isso aqui. Então, de instante a instante alguém comunicava sobre fatos que estariam ocorrendo...

Flávia: Aí se ficava no ar todos os dias do carnaval?

Paulo Caringi: Todos os dias.

Flávia: Cinco dias, quatro dias ...?

Paulo Caringi: Era de oito horas da manhã já transmitindo dos hospitais, os feridos, etc, o Juizado de Menores, crianças perdidas, quer dizer tira um xerox disso pra você, que você vai levar um documento muito importante esse daí, nunca ninguém fez isso minha filha. Isso, ninguém tem isso, que foi a racionalidade, o trabalho de reportagem racional.

Flávia: Quem pensou nisso aqui?

Paulo Caringi: Hein?

Flávia: Quem pensou nesse organograma?

Paulo Caringi: Isto aqui foi feito, o Braga Filho, Braga Filho de Olaria, o homem de Relações Públicas, citei ele aí, é o que criou o “Está em todas”, entendeu? e deixa ver, “A que está em todas” e “A serviço do povo, por toda a parte” era um outro slogan, era a abertura, “A serviço do povo por toda a parte, em ação os comandos da Emissora Continental”. Você tem uma visão aí que ninguém tem.

Flávia: Perfeito, nossa maravilhoso isso aqui!

Paulo Caringi: Ninguém tem, minha filha, ninguém. Depois eu vou te mostrar as reuniões que nós tínhamos na, na

Flávia: O senhor falava do Hermano que pautava. Vocês trabalhavam em cima de uma pauta específica, como é que era?

Paulo Caringi: Pauta específica, por exemplo, o jornal noticia amanhã vai falar sobre o problema de assistência médica no Rio de Janeiro. Vai um repórter, era uma mala, eu falo que era uma mala, mas não era isso não, era o auxiliar que levava. Então nós íamos pra lá, ouvíamos as perguntas que eram feitas, e depois para o rádio era uma coisa diferente. Baseados naquelas perguntas nós fazíamos outras perguntas mais objetivamente, entendeu? Era o assunto. Então tinha, a pauta era cinco, seis, sete, oito assuntos, de três minutos. Tirávamos a mais importante, fazíamos três minutos, porque uma gravação de música é três minutos, no máximo, em três minutos você tem que ter senso de objetividade, conforme você faz a carta do leitor, você faz em 10 linhas, você diz tudo, ali você faz uma pergunta e antecipadamente você fala com o entrevistado por favor me responda objetivamente, porque é de seu interesse...

Flávia: Isso tudo era, era ao vivo? Não era nada gravado?

Paulo Caringi: Ao vivo, ao vivo, tudo ao vivo.

Flávia: Então vocês iam pros lugares e em três minutos...

Paulo Caringi: Ou gravávamos pelo telefone, diretamente no estúdio, e gravava direto e no primeiro espaço, quando já tava ocupado, jogava a gravação em cima.

Flávia: Isso era, então existia uma pauta pré determinada ...?

Paulo Caringi: Pré- determinada.

Flávia: E aí os assuntos de utilidade pública que também surgiam, os incêndios, o avião que cai

Paulo Caringi: Eram imprevistos

Flávia: E esses eram cobertos também?

Paulo Caringi: Cobertos imediatamente.

Flávia: O que é que tinha mais prioridade? A pauta pré estabelecida ou o inusitado?

Paulo Caringi: O inusitado, o inusitado porque o inusitado é inusitado mesmo né. O que tá pré-estabelecido você já sabe que vai acontecer não é? O Repórter Esso dava uma edição extraordinária, nós imediatamente, ficávamos em sintonia permanentemente com o Repórter Esso. Eu por exemplo tinha, por causa da Presidência da República, um horário meu que eu fazia uma cadeia de rádio maior, superior ao da rádio, a Hora do Brasil, porque eu tirava os principais assuntos da presidência e transmitia simultaneamente para diversas emissoras sob o comando da Continental. Eu tinha o privilégio, eu era um homem importante porque eu tinha, a Voz do Brasil era eu, antecipando a Voz do Brasil, mas mais objetivo, entendeu? Inclusive, às vezes, quando o presidente passava pelo corredor eu [bate uma mão contra a outra]...

Flávia: Aproveitava...

Paulo Caringi: Dava um clique. Eu resolvi muitos problemas. Inclusive a abertura da avenida perimetral, tinha o Loyd Brasileiro, um prédio histórico e o presidente tinha que passar por ali, e não havia como sugerir, como tomar uma iniciativa para aquele prédio tradicional do Loyd Brasileiro pudesse ser derrubado pra passar a avenida perimetral que interligava o centro norte e sul da cidade, pois bem eu apresentei uma sugestão que foi, que serviu de motivação pra justificar a derrubada do prédio, porque estava um problema de alimentação no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro era uma cidade que consome e não produz, principalmente sua produção agrícola, eu incentivei os produtores agrícolas a criarem o mercado livre do produtor, sugeri isso ao Presidente da República ele abonou a idéia e mandou que se fizesse e foi aberto exatamente no local aonde teria, deveria ser derrubado o prédio, um local próprio para os produtores livres, pra vender livremente, então justificou e derrubou aquilo pra inaugurar, uma, uma coisa que teve uma motivação muito maior porque é alimentação e o transporte pra facilitar a integração do Rio de Janeiro que era uma cidade literalmente desintegrada, primeiro porque era uma cidade tradicional, tradicional, não é, ainda alimentada por burro né, carroça e as ruas são estreitas, e estamos vivendo na época do automóvel. Então era preciso que as ruas fossem abertas como foi aberta a avenida Presidente Vargas, como foi aberta a avenida Rio Branco, não é,

através do prefeito Pereira Passos e o Getúlio Vargas teve a primazia, do Henrique Dodsworth ¹¹³, que foi prefeito, de abrir a Presidente Vargas, derrubou aqueles casarões podres, velhos, ninho de ratos, porque o Rio de Janeiro foi uma cidade pestilenta, os navios não atracavam no Rio de Janeiro, então o Henrique Dodsworth desapropriou aquelas imensas quantidade de casas, abriu a avenida que se denominou presidente Vargas por determinação, que era o sistema mais fácil de mandar fazer e era feito, porque aí está o valor do governo centralizado, com algumas exceções porque a gente entende que o autoritarismo humano é evidente em qualquer situação. Foi aberta a presidente Vargas, o Lacerda ¹¹⁴ consolidou através dessas pontes que ele aumentou, foi o melhor administrador do Rio de Janeiro, foi o senhor Carlos Lacerda indubitavelmente, eu sou testemunha disso, porque através de uma colaboração da própria Continental uma favela foi extinta, entendeu, e eu fui encarregado de fazer um programa extra mostrando à população da importância da abertura, do término do centro do Rio de Janeiro, de verdadeiras favelas no centro do Rio de Janeiro, e o Lacerda teve a audácia, a audácia do administrador, homem de sensibilidade e inteligência de acabar com a favela, mas não era acabar matando, sacrificando, era racionalmente construindo em outros locais onde essas pessoas, essa população de favelados pudessem se mudar, transferir, eram locais de casa, com, com água, com coisas dignas de ser habitadas por pessoas civilizadas. Então esse é um aspecto muito importante e um depoimento que eu fiz em várias oportunidades pela rádio Continental mostrando que a população ajuda, mas o governo precisa entender certos problemas que são criados na cidade, porque administrar, principalmente o prefeito, ele tem que vir pra cidade, pro centro da cidade e não ficar no gabinete conversando com o secretário e ouvindo pessoas que às vezes não tem interesse em comunicar fatos vinculados a política, ouviu, partidária inclusive.(52:13)

Flávia: É verdade. O senhor comentou do Repórter Esso, que o Repórter Esso dava a notícia e vocês iam e aprofundavam, mais alguma coisa o Repórter Esso influenciou?

Paulo Caringi: O Repórter Esso era da *United Press*, tinha privilégio, inclusive o sistema, todo o sistema de comunicação era por empresas estrangeiras e era como, com esse privilégio ela transmitia, com privilégio, as primeiras notícias e nós ficávamos subordinados às notícias vindas por, pela, pela telegrafia, sistema de telegrafia. Bom, e a nossa posição era de ouvir o Repórter Esso. O Repórter Esso era apenas a informação em primeira mão e nós éramos a complementação da informação.

Flávia: Mas o Repórter Esso teve um trabalho com relação à linguagem, o Heron Domingues teve um trabalho

Paulo Caringi: Não, não isso é história, isso é história. Heron Domingues foi um profissional de grande valor, uma voz privilegiada, estereofônica, a voz é importante no rádio, rádio é som, rádio é som e uma redação própria para a fala ela se projeta. Heron Domingues tinha uma voz privilegiada era estereofônica baseada num texto muito bem feito.

Flávia: Mas, o estilo de linguagem que o Esso ...

Paulo Caringi: Própria da fala, linguagem simples...

Flávia: Mas que o Esso adotou teve nenhuma influência?

Paulo Caringi: Adotou, adotou, adotou porque trabalhava em cima disso profissionais do jornalismo radiofônico que traduzia aquela mensagem rebuscada numa linguagem falada, acessível ao ouvinte de rádio que infelizmente, ouve-se mais nesse país do que se lê.

Flávia: E na Continental vocês tinham uma preocupação também

Paulo Caringi: A Continental era eminentemente popular, era fala aberta, sincera, é, é, usava essa terminologia muito popular, “vamos dar um jeito”, “é isso mesmo”, essa linguagem que hoje infelizmente não estou bem, bem [risos dos dois] em condições de aprender e de dizer porque houve,

¹¹³ **Henrique de Toledo Dodsworth (1937-1945)** Médico, advogado e professor, é, até hoje, o mais longo prefeito do Rio: governou por oito anos e quatro meses. Se reeleito, César Maia poderá bater esse recorde.

¹¹⁴ **Carlos Lacerda (1960-1965)** Político polêmico, fez uma lista respeitável de obras, entre elas, o Aterro do Flamengo, o Plano Doixadis (das linhas Amarela e Vermelha) e o Rebouças. Também removeu 28 favelas.

houve, eu tenho um outro aprimoramento de fala, mas também acessível pras pessoas que entendem, que sabem ouvir, porque as pessoas às vezes não sabem ouvir. Mal ouvem, mal falam e mal vêem [risos].

Flávia: É verdade. O material que era transmitido ao vivo era de alguma forma aproveitado pela Continental naquele jornal da reportagem?

Paulo Caringi: Era, era, não se aproveitava nada, era repetido, os assuntos eram repetidos.

Flávia: Tinha um horário específico pra essa repetição?

Paulo Caringi: Não. Tinha, era às seis horas da manhã, seis e meia, sete horas, sete e quinze tinha o esporte, sete e meia tinha a informação, reportagem, sete e 45 horário do esporte, era assim, era noticiário

Flávia: De meia em meia hora...

Paulo Caringi: De meia em meia hora, era esporte, notícia, reportagem, esporte, notícia e reportagem, esporte, notícia e reportagem e era três minutos batata de textos de dois minutos, texto era de dois minutos, tanto é que eu lia tão rápido, era eu e o Silvio Santos que transmitíamos juntos, o meu substituto era o Silvio Santos.

Flávia: O Silvio Santos mesmo, o ...?

Paulo Caringi: O Silvio Santos.

Flávia: O Senhor Abravanel?

Paulo Caringi: É. Tá aqui você, vai ver assinando o ponto. [sai em busca de um documento] É muito artigo, minha filha, é muita coisa....

Flávia: É muita história né seu Paulo?

Paulo Caringi: É muita história, se você pega tudo isso que tá comigo aqui, é muita coisa, dois dias, três dias e ia ficar

Flávia: Vou ter que voltar outro dia.

Paulo Caringi: A hora que você quiser, não tem problema.

Flávia: Em fevereiro eu devo voltar pra ficar um tempo maior...

Paulo Caringi: Não tem problema. Hoje eu sou assessor da presidência da Confederação Nacional do Comércio, não tenho mais horário porque não tenho mais idade pra ter horário, então eu me aproveito desse aspecto circunstancial da idade. Você me pediu a ...?

Flávia: Do Silvio Santos...

Paulo Caringi: Do Silvio Santos, tá aqui. [mostra o documento] O Livro de Ponto, programação do dia 27 de dezembro de 51, quinta feira, locutores Hilton Santos – sete às oito, Irani Bitencourt – dez às treze, Milton Wemovitzk, médico, médico hoje é médico – treze às dezesseis, Silvio Santos e Paulo Caringi – dezesseis às dezenove horas. ´

Flávia: Isso aqui é da Continental também?

Paulo Caringi: É da Continental. É o livro de ponto. Leia isso aí você vai ver ...

Flávia: Jorge Sampaio de 23 à uma. Aos 10 minutos de cada hora, 3 minutos. Um “Repórter Continental” aos 30 minutos de cada hora, 3 minutos. Um “Repórter Carioca”, aos 50 minutos de cada hora, 3 minutos. Patrocinados respectivamente, Vinhos Champanhe Casa Barbosa. “O que dizem o matutinos”, 9 e quarenta. “O que dizem os vespertinos”, 15 e quarenta. O senhor vai me emprestar isso também... o senhor tem mais coisas da Continental que o senhor poderia me passar?

Paulo Caringi: Não, mas isso aqui é, isso aqui é

Flávia: Olha, 51 isso aqui!!

Paulo Caringi: Você não quer que eu te dou isso amanhã? Eu te dou, inclusive tiro tudo pra você amanhã, te dou pronto. Você leva sem se preocupar de. ..

Flávia: Pode ser.

Paulo Caringi: Te dou tudo isso pronto amanhã. Isso fica contigo.

Flávia: Esse aqui o senhor tem outro?

Paulo Caringi: Tenho, tenho, isso aqui eu faço pra você. te dou tudo amanhã. Vamos ver o que você quer mais. Vai perguntando que eu vou respondendo pra você.

Flávia: Ah, [antes de iniciar a pergunta, ele pega uma foto e começa a falar]

Paulo Caringi: Isso aqui é quando eu fazia na presidência da república, uma saudação ao senhor Lins que era o chefe do gabinete, falava em nome dos funcionários da presidência da república no momento em que se festejava com muita, eu fazia uma saudação em nome da Continental, estavam presentes, você pode ver, tava na hora. Isso aqui, quer ver uma coisa, isso aqui eu homenageei ao Globo, dei esse diploma ao Globo como presidente da Associação Brasileira de Relações Públicas ...

Flávia: 79 ...

Paulo Caringi: Quer ver outra coisa, quando eu era diretor do Serviço de Alimentação da Previdência Social eu criei aqui a Semana Nacional de Alimentação ...

Flávia: de 8 a 15 de novembro....

Paulo Caringi: [vai me mostrando fotos] Ta vendo aí é uma história. Esse aqui sou eu com a Zaza Gabo, famosa artista do cinema americano (...) Esse aqui é o Juscelino, o teu amigo aqui. (...) Esse aqui quando eu falava e os empresários ficavam emocionados de ver uma voz falando, eu anunciei em outdoor no Rio de Janeiro, patrocinado pelos empresários, “Em cima do fato”, sobre os assuntos do Rio de Janeiro no momento em que ninguém falava, [Lendo reprodução do outdoor] “impacto, comentários de impacto”.

Flávia: Isso já é mais recente?

Paulo Caringi: Foi agora na revolução, né?

Flávia: Na década de 60?

Paulo Caringi: É.

Flávia: O senhor tava em 64 na Continental ainda?

Paulo Caringi: Tava, aqui ó.

Flávia: Como que, é, o, a revolução, o golpe, como que ele afetou as reportagens externas?

Paulo Caringi: Havia realmente uma censura...

Flávia: Havia ...?

Paulo Caringi: Havia, mas pra mim nunca foi censurado.

Flávia: Mas de uma forma geral havia, mas isso, isso ...?

Paulo Caringi: A critica, você só deve ser exercida a crítica quando você tem uma idéia superior. Eu tinha, eu criticava, no momento não se justifica certa atitude, porque? Por isso, por isso, por isso. Como deve ser feito? Assim, assim, assim. Tá bom.

Flávia: Mas de uma certa forma o senhor acredita que influenciou negativamente a reportagem, ela começou a ...

Paulo Caringi: Claro, desabrida, aquela palavra de comentário, a crítica alalalá, isso não podia fazer. [vai mostrando mais fotos] Esse aqui é o irmão do Carlos Lacerda, o Almirante Maurílio Silva, que era exatamente o Repórter Esso, esse cara aqui era o Almirante, era o redator do Repórter Esso e eu fazendo uma palestra numa faculdade. Ninguém tem isso, porque não tem participação. [mais fotos]

Eu assumindo a direção da, esse aqui era o chefe de reportagem do Jornal do Brasil, Heráclito Sales, o homem mais importante da área redacional, eu assumi e substitua ele. Esse aqui é o representante do ministério do Trabalho dando posse ao cargo de diretor do serviço de alimentação da Previdência Social. Entendeu? [o relógio soa, e me chama a atenção] Não se importe, você que se importe com a hora, mas eu não tenho problema de horário. Você tem horário?

Flávia: Eu vou conversar à noite com o Teixeira Heizer. Ele até mandou um abraço pro senhor.

Paulo Caringi: Bom rapaz.

Flávia: Mandou um abraço.

Paulo Caringi: [mostrando outra foto] Aqui é o presidente da república, aqui Geisel, o ministro que atualmente tá em São Paulo, o governador da cidade, o presidente da Federação da Indústria e o Paulo Caringi que apresentava esses eventos todos. Esses profissionais não tinham essa penetração na área empresarial que eu tive. Hoje eu trabalho com Ernani Galveas que foi ministro da fazenda, eu não tenho título de ministro, mas tenho o título de homem de comunicação e de Relações Públicas, ouviu? Aqui são Juscelino em Brasília, o presidente Kronk e o Paulo Caringi lá, olha. Você quer ver mais, quer ver mais? Quando estive em Portugal visitando a televisão portuguesa, rádio, rádio e televisão de Portugal. Esse aqui é o Gontijo Teodoro, o Repórter Esso...

Flávia: Nossa, Gontijo Teodoro, eu tenho um livro dele lá em casa.

Paulo Caringi: Sou eu e ele, amigos, fizeram uma safadeza com ele. Ele morreu até de desgosto. Quem tem prestígio, eu não preciso disso, quem quiser que fala, fala, se vierem me perguntar eu digo, senão não vou dizer nada. Você tá aqui e eu estou dizendo. Você quer ver, você quer ver um grande cara que foi esse cara aqui, o mascate, entrega do prêmio mascate, o Blota Júnior .

Flávia: Ah, o Blota Júnior!

Paulo Caringi: Ele tá fazendo a promoção do Mascate que é o prêmio que se dá ao empresário do ano. Nenhum radialista, nenhum radialista, modéstia à parte, tem mais prestígio na área que eu, ninguém não tem. Aqui eu apresentando o Tenório Cavalcante na televisão ...

Flávia: Isso já na TV. Que ano que o senhor foi pra tv?

Paulo Caringi: Hum, esse aqui, esse foi o primeiro carnaval, foi em mim noventa e ... foi o carnaval ... [pausa] mil noventa e sessenta.

Flávia: Sessenta. Mas o senhor ficou nos dois ou fazia só...?

Paulo Caringi: Fazendo os dois. Não recebia em nenhum dos dois.

Flávia: A Continental tinha uns problemas pra pagar as pessoas?

Paulo Caringi: Nunca pagava.

Flávia: Nunca pagava.

Paulo Caringi: Aqui, Roberto Marinho, seu amigo aqui e o Maurílio, Almirante Maurílio. O dono do Globo é um dos homens mais fortes do Brasil. Aqui é o Giordano Brasi, artista de televisão italiano que você deve conhecer.

Flávia: De nome...

Paulo Caringi: Esse aqui eu cedi um navio pra eles fazerem uma filmagem quando era do Loyd. Esse aqui sou eu entrevistando aquele famoso, como é? O cinema americano (...) como era o nome dele? [pergunta pra esposa que está na cozinha] Hei, como era o nome daquele artista americano que veio aqui?, o

Esposa: Yul Brynner [responde da cozinha]

Paulo Caringi: Yul Brynner .

Flávia: Yul Brynner ! Nossa

Paulo Caringi: Eu organizei o campeonato mundial de vôlei. Ela [a esposa] fez o hino. Ela, pianista, fez o hino, campeonato mundial de vôlei. Esse aqui sou eu em Brasília, olha aqui o Palácio, como é que era o Palácio em Brasília.

Flávia: Nossa, tava construindo ainda....

Paulo Caringi: Tava construindo. Ninguém tem a história que eu tenho. [risos] Eu participava. Essa aqui foi a última entrevista do Gudin, ministro da fazenda Eugênio Gudin. Esse cara aqui é, foi, era, era, era da Rádio Tupi, era repórter da Rádio Tupi, aqui estou eu aqui.

Flávia: Isso em que ano, hein?

Paulo Caringi: Isso aqui, deve ter a data, não tem?

Flávia: Não tem. Atrás não tem.

Paulo Caringi: Isso aqui é aquela carta que você viu, o tio, o tio do Wolf Maia. Essa aqui é a Tereza Raquel, de televisão, ela e eu, fazendo teatro.

Flávia: É eu vi que o senhor fez escola de teatro, eu li ali no, olha só...

Paulo Caringi: Entendeu? Isso aqui é, é o, é o transmissor.

Flávia: Com esse equipamento é que vocês conseguiam entrar, ou pelo carro ou por isso aqui?

Paulo Caringi: Isso aqui, esse aqui ficava, o transmissor e pegava pelo carro e o carro transmitia pra torre.

Flávia: Ah, daqui pro carro e do carro pra torre?

Paulo Caringi: É aqui eu me ouvia, falando, me ouvia, e daqui o transmissor transmitia para o transmissor do carro. Isso é um mini transmissor.

Flávia: Por isso é que é grande assim?

Paulo Caringi: É grande e era pesado [risos]. O que diz aí?

Flávia: Hum...

Paulo Caringi: Congresso Eucarístico Internacional¹¹⁵.

Flávia: Ah, Congresso Eucarístico Internacional, isso mesmo.

Paulo Caringi: Esse aqui foi eu presidindo a primeira semana de integração social. Esse aqui sou eu e aquele famoso careca Yul Brynner.

Flávia: Ah, Yul Brynner.

Paulo Caringi: Olha o Celso Garcia que você está procurando por ele. Esse foi muito depois, rapaz de valor. Esse aí eu gravando, o Marcos Tamoio¹¹⁶ que foi prefeito, eu levei a reivindicação de pessoas que queriam uma passagem subterrânea pra defender os moradores de um prédio aqui em Botafogo.

¹¹⁵ 1955 - **Rio, capital eucarística do mundo** - O Rio de Janeiro foi a cidade escolhida para sediar o XXXVIII Congresso Eucarístico Internacional. Porém, onde colocar os milhares de fiéis que viriam de todo o mundo, dos estados brasileiros e da própria cidade para assistir a esse acontecimento? Dois milhões de m³ de terra provenientes do desmonte de parte do morro de Santo Antonio foram despejados na baía de Guanabara para preparação dos 390 mil m² de aterro do Calabouço, dos quais 250 mil m² foram ocupados pela praça do Congresso. Nela se construiu o Altar Monumento, projeto de Lúcio Costa, para a realização dos atos e solenidades programados. A fé arrastou multidões para o local cuja capacidade prevista era de 1 milhão e 220 mil pessoas. Por uma semana a cidade afastou-se das coisas terrenas e se voltou inteiramente para os mistérios divinos, acompanhando as procissões, a chegada de N^{ra}. Sr^a. de Fátima, vinda de Portugal, dos cardeais, dos peregrinos de inúmeros países com suas vestimentas tradicionais. Um espetáculo de louvor religioso ao qual ninguém ficou indiferente, mesmo os que professavam outra fé. (http://www.rio.rj.gov.br/rio_memoria/ acesso em 18 de maio de 2005)

Flávia: O Repórter na época de rádio tinha uma, um status muito grande, vocês faziam viagens, como é que era isso?

Paulo Caringi: Tinha, tinha, nós viajamos permanentemente. Eu por exemplo como trabalhava na presidência da República eu ia, tava programado para ir a São Paulo, eu entrava, mantinha entendimento com as autoridades, via água, local aonde o presidente ia falar, puxando linha telefônica pra transmitir pra agência nacional a palavra do presidente da República, então segurança, essa parte eu fazia essa parte, e apresentava o presidente da república pra agência nacional. Esse aqui é o Celso Teixeira o pai dele. Ibraim Sued. Esse cara fugiu, andou fazendo umas malandragens aqui no rádio...

Flávia: E o senhor tinha, viajava para acompanhar o presidente, os outros repórteres também viajavam bastante, como era isso?

Paulo Caringi: Também. Ia o Globo, ia eu, os principais jornais iam.

Flávia: Mas e o pessoal de rádio?

Paulo Caringi: Só eu.

Flávia: Só o senhor. E os outros repórteres da Continental, eles viajavam também para outros...?

Paulo Caringi: Não só eu, com o presidente só eu.

Flávia: Não, mas assim, em outros assuntos que eles cobriam.

Paulo Caringi: Esporte sim, sempre o esporte, tanto é que quando, eu vou te dar uma particularidade, quando o André Richer foi candidato a presidente do Flamengo - era mais difícil do que ser presidente da república - eu senti que era uma igreja, porque eles discutem passagens, jetons, tudo isso. Eu entrei, já imaginou né? Já imaginou? Certas restrições, eu falei com o André: André, fica com esse pessoal porque você vai ser criticado por eu estar aqui dentro. Agora mesmo, o Cláudio Cavalcante, de teatro, esse famoso, me convidou para dirigir a TV da Câmara Municipal, quando entrei lá minha filha, pior, foi um fantasma tava entrando [risos] Eu digo:]falando em voz baixa, como se cochichasse] “esquece meu filho, esquece que eu não sou competidor de ninguém”.

Flávia: O senhor se lembra dos slogans da rádio?

Paulo Caringi: Todos eles.

Flávia: O senhor poderia falar pra gente, porque eu estou gravando aqui e aí eu já vou...

Paulo Caringi: O slogan era “A serviço do povo por toda parte, em ação os Comandos da emissora Continental, que usam carros Dodge porque não podem, não podem falhar, usam carros Dodge porque não podem parar nem falhar”, como os comandos, né? Esse era o slogan. E a Continental adquiriu carros Dodge porque estava encostada a marca Dodge, na praça ninguém queria, ninguém acreditava na, na, nesses carros. Então a Continental viu dois carros parados, fez uma permuta, não pagou nada e adquiriu com a propaganda. “Os Comandos Continental usam carros Dodge porque não podem parar nem falhar. Dodge o máximo de precisão em automóvel”. Era esse o slogan. Qual era o slogan...? “100 por cento esportiva e informativa”, a emissora que estava em todas, “emissora que está em todas”, só esses dois slogans três ou quatro slogans. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa aqui

Flávia: Aquela questão dos três minutos que o senhor comentou comigo, que não poderia passar, era só para aquelas pautas pré-estabelecidas?

Paulo Caringi: É, é, porque era o seguinte, não podia passar, o disco de três minutos não podia passar. Não podia ter três minutos e trinta segundos. Não podia. Eram três minutos, porque o operador sabia no momento de cortar e passar pro locutor.

Flávia: Agora quando era um fato inusitado aí a reportagem ficava no ar até o fato acabar?

¹¹⁶ **Marcos Tito Tamoio da Silva - 1975-1979** - Primeiro prefeito após o fim do Estado da Guanabara, criou o Autódromo e os parques Garota de Ipanema e da Catacumba. (Leticia Helena - O Globo, 10 de outubro de 2004, p. 10)

Paulo Caringi: Um fato inusitado que você pode mencionar: Um dia o Silvio Santos perdeu o emprego por minha causa, na Continental, porque eu confundi caneca de alumínio com cueca de alumínio. Porque tinha que ler depressa, “e não perca hoje uma grande liquidação da casa Cruzeiro, está a disposição, é, eu disse caneca, grande vendagem de cueca de alumínio” aí o Silvio Santos estava do lado e hahaha, correu pro banheiro, aí veio o gerente da rádio, o, o, o gerente da rádio era o, era o, como era o nome dele? Vanderlei Ferreira, Vanderlei Ferreira: Onde é que tá o Silvio Santos? Tá no banheiro. Que? ... a estação saiu fora do ar, né? E como ele tava no banheiro, fugiu, ele fez a conta dele e mandou embora. Foi lá em Niterói, trabalhava em Niterói. Depois ele instituiu nas barcas Rio-Niterói, um bar com música, venda de café ... [somos interrompidos pela mulher de Caringi que nos oferece um cafezinho]

Flávia: O senhor poderia me contar algumas das coberturas assim que ficaram, que foram memoráveis, que ficaram na história?

Paulo Caringi: Ah, foi, foi, a cobertura foi a explosão, a explosão ... [somos de novo interrompidos pela esposa trazendo guardanapos e pão queijo] a explosão do paiol de pólvoras de munição da, do exército. Houve uma explosão pavorosa com comprometimento dos moradores, foi uma tragédia, em Deodoro, explosão de Deodoro. E a Continental foi presente, o Saulo Gomes esteve permanentemente desafiando a morte, acompanhando a, a, a cobertura do local pra ver onde estavam os explosivos, ele acompanhava os especialistas militares pra dizer, pra, pra evitar que aquilo, que aquela munição explodisse, entendeu. Foi um momento muito importante. Outro momento importante foram as enchentes do Rio de Janeiro, que eram uma barbaridade, as enchentes, as ruas, inclusive eu salvei um menino que caiu no poço, num poço, era curioso e desapareceu, uma tubulação de água e aquilo jorrava né? O menino desapareceu e eu, pura, pura intuição, esse negócio de ficar ouvindo, [faz entonação na voz como se estivesse gritando] “esse menino tá vivo lá no poço” e, e todo mundo correu, todo mundo correu, ele havia agarrado e a água passando por cima, ele tava sem respirar, entendeu? Minha participação. O desastre de trens, eram constantes os acidentes de trens que transportavam as pessoas pro subúrbio, era uma mutilação geral, era uma carnificina minha filha.

Flávia: Aconteciam muitos?

Paulo Caringi: Muitos, muitos momentos. O incêndio do circo. Caiu aquela lona que matou mais de cem pessoas queimadas, esturricadas e a Continental estava presente. A Continental esteve, eu fui, fiz a primeira transmissão simultânea rádio e Tv da morte do governador do estado do Rio, Silveira, Roberto Silveira, do enterro dele, etc, foi uma presença muito importante, caiu do helicóptero, explodiu com ele. [acontece a troca de MDs e Caringi continua] O fato realmente importante foi de uma transmissão de caráter internacional, no congresso Eucarístico Internacional realizado no Rio de Janeiro. Eu recebi a missão de transportar a imagem de Nossa Senhora de Fátima para o Rio. Embarcava no navio, Santa Cruz, o cardeal Cerejeiras, de Portugal e eu fui encarregado de fazer a transmissão a bordo do navio, mas qual não foi a minha surpresa porque não podia ser utilizado o som do navio porque estava em convênio internacional, não podia, só em última instância é que poderia ser transmitido, se usar o som do navio, a transmissão por som, até então era só sistema de radiotelegrafia, né? Aí eu conversei com o comandante e com o cardeal, era um congresso internacional, do outro lado tava o, o *alatore* do papa, era o substituto do papa que ia presidir esse acontecimento religioso no Rio de Janeiro e eu pedi ao Campanela que era o nosso técnico, que ficasse na escuta para descobrir a posição de rádio do navio, aonde ela operava, podia operar, eu pedi que ele ficasse de sobreaviso, na escuta aqui no Rio de Janeiro e lá pelas tantas por interferência do cardeal Cerejeira, que falou com o comandante que fez restrições, explicou, era um momento religioso, nós não estamos em guerra, não há submarino, então ele concordou, aí eu peguei, alô Campanela, alô Campanela, alô Campanela, ... passava um tempo, alô Caringi, fala Caringi. Eu digo eu tô aqui com o cardeal Cerejeira, eu queria que você contactasse com o Geraldo Borges do outro transatlântico que está em auto mar, transmitindo a *latera* do papa, vê se você consegue fazer a integração dessas duas transmissões, do cardeal com a *latera*. Aí ele fez a ligação, os dois conversaram em pleno oceano...

Flávia: Olha só...

Paulo Caringi: Foi, pela primeira vez na história do rádio que houve um encontro sonoro entre a *latera* do papa, o cardeal Cerejeira e Dom Helder Câmara, aqui no Rio de Janeiro. Então foi um

momento de grande importância, o fato da Continental, da presença da Continental, da desenvoltura do seu profissional de fazer esse contacto verbal, pedindo a permissão do comandante que aquiesceu o pedido, atendeu, foi um lado muito importante da transmissão e a Continental comandou todo o espetáculo religioso, inclusive com o José Mojica, eu estive com o José Mojica, fazendo a transmissão, uma figura exponencial, um homem muito bonito, um homem de quase dois metros de altura, Frei Mojica...

Flávia: Frei Mojica né...

Paulo Caringi: Eu fiquei emocionadíssimo quando ele entrou na minha cabine eu vi aquele cidadão que eu já tinha, “Entre a cruz e a espada”, um filme que eu tinha, nove anos de idade eu assisti em Santos, eu fiquei mudo diante daquela figura extraordinária do José Mojica, que eu me confessei, me confessei apaixonado pela imagem, pela voz que ele tinha. Ele ocupou o microfone e eu apresentei ele. Foi um momento realmente muito importante. E eu depois fiquei incumbido de abrigar a Nossa Senhora de Fátima, trouxe ela, por incrível que parece, no palácio São Joaquim eu pessoalmente, abraçado com ela, depois transportei ela pro Russel(?) onde foi rezada a missa, depois da missa ainda eu peguei a imagem e levei pro palácio São Joaquim aonde... São aspectos interessantes e marcantes da vida de um profissional. Esse foi um detalhe muito importante. Outro detalhe importante da Continental foi no julgamento de um espião, é, espião da, da, grande guerra, da Segunda Grande Guerra, que teria ele levantado, feito a comunicação de dois navios brasileiros para serem torpedeados em pleno Atlântico e essa transmissão, esse julgamento foi sigiloso, e eu consegui vestido de, de, limpador, de, limpando o prédio, fingindo que tava limpando eu levei minha máquina e gravei todo o julgamento, aí quando descobriram, houve uma denúncia, eu corri pra sala do pessoal que tava esperando lá embaixo, joguei a fita [risos] essas passagens...

Flávia: Era comum isso? Porque o Saulo Gomes, eu conversei com o Saulo Gomes, ele me contou que ele também se vestiu de mecânico pra entrevistar a seleção de 58...

Paulo Caringi: Foi, foi, foi ...

Flávia: Era comum vocês usarem isso?...

Paulo Caringi: Era, era a criatividade e a parte que não tem hoje, eu embarquei num navio de guerra, eu te falei? Navio de guerra para fazer a visita do general Caravello Lopes, presidência, presidente da República Portuguesa, viajei como clandestino, foi descoberto já em alto mar, eu e o Campanela e o Saulo Gomes foi o mais atilado, o mais corajoso, o mais irresponsável dos jornalistas que inclusive em consequência, isso se eu tiver que falar eu falo, isso é curioso, por falta de pagamento e coisa, porque como ele tinha um grande amigo que era Secretário de Saúde, que era dono de um hospital, ele deu um tiro no pé pra poder ser socorrido pelo hospital, pra poder ficar dois meses comendo e bebendo [risos] no hospital sem pagar. Pode dizer a ele que eu contei porque é verdade, eu fui testemunha ocular da história ...

Flávia: Depois eu vou voltar nessa questão dos salários, mas o Campanela também foi citado pelo Saulo quando eu conversei com ele, essa questão ...

Paulo Caringi: Muito sacrificado, foi o melhor homem e dedicado a arte da comunicação, ele fazia toda essa engrenagem da comunicação. Foi o, e morreu estressado, morreu estressado, porque a vida profissional, quem é educado, quem é ajustado, isso eu acompanhei porque eu fui chefe de repor..., chefe de setor de atendimento da Previdência Social na área hospitalar, minha filha, a irresponsabilidade dos médicos e uma coisa fantástica. O senhor Lula nunca levantou uma voz em defesa porque a Previdência Social era, era atendimento de, de duas áreas, a área de aposentados, de, como é? Duas áreas, mas não tinha área de atendimento médico, veio depois o atendimento médico, os segurados e outra área que não me recordo agora, e o consumo e a manutenção dos hospitais desorganizados, é uma coisa bárbara. O Lula enquanto trabalhador nunca levantou esse problema da assistência médica, que funcionava anarquicamente, empiricamente, ouviu, improvisadamente, nunca houve um planejamento acurado e os médicos usavam dessa desorganização, inclusive deu os escândalos famosos que continuam, da falta de organização. O, o, quando se fala em administração, da importância do controle (?) [nesse instante toca a campainha e não é possível entender a palavra dita] é uma terminologia administrativa que cuida da parte, da parte de fiscalização, ouviu, é, é renegado a

segundo plano, porque se não houver, a fiscalização tem que existir, o controle de funcionamento da máquina tem que existir, a fiscalização tem que ser cobrada administrativamente e sob o custo da manutenção dos hospitais e aonde gastou, mas eles são mancomunados, há uma integração de solidariedade, viu? Eu me lembro até... essa é a minha neta [chega a neta, que me é apresentada]. Então esses problemas, esses problemas administrativos sempre foi relegados, como os profissionais de jornalismo não entendem de administração eles nunca ferem o ponto, primeira coisa que eu pedia, qualquer desses administradores, eu queria que o senhor definisse o que é organizar, o que significa organização, ele não sabe. O português da esquina vai três vezes à Portugal porque ele administra a sua miséria, dois mil reis, três mil reis, quatro mil reis, e no fim do ano esses dois mil reis você vai ver que é muito mais e o serviço público não há essa prestimosidade, esse cuidado. Dentro da ocupação, os policiais que tratam de qualquer jeito os carros . Eles não tem responsabilidade, eles reclamam, reivindicam, mas eles não sabem cuidar daquilo que é a vida deles

Flávia: E o Campanela foi? O senhor estava dizendo ...

Paulo Caringi: Foi sacrificado em consequência da irresponsabilidade do Roberto, aí está um detalhe que ..., o Rubens Berardo foi assassinado em casa e o mentor dele foi morto na saída do prédio onde morava, essa é uma espécie de castigo, um castigo pela insensibilidade deles entendeu, os funcionários que quebravam, teve um que se jogou lá de cima, o cara caiu, com o óculos, o óculos era do irmão do Berardo, Ele: Meu Deus do céu, mas podia ter quebrado meu óculos

Flávia: E nem se ligou...

Paulo Caringi: Insensibilidade...

Flávia: Insensível.

Paulo Caringi: O Peres Junior (?) feira (?) se separou da mulher, aquilo levava uma vida infernal, tinha problema de mulher, tinha problema de neurose, filho excepcional tinha que dar leite materno minha filha. Eu como era diretor tinha carro, eu o levava para pegar leite materno, custava 500 reais, 500 mil reis o vidro e só podia tomar leite materno, comprava, minha filha eu vi várias, às sete horas da noite quando eu não precisava, ele fez miséria, ele não respeitava, então seus funcionários, aquilo funcionava igual Bangu, o valor da emissora, que funcionava à Bangu pelo entusiasmos dos seus profissionais que vivenciavam os dramas do outros. Nos vivenciávamos até tiro o Newton de Souza, na rua um cara com revólver, “eh, eh, eh , vou matar você, não sei o que, vem cá covarde”, aí pegou o telefone, telefonou pra rádio, como só tem covarde aqui, vocês vão ver o que é o homem, páaa [risos]

Flávia: Ele transmitiu...

Paulo Caringi: Transmitiu um suicídio pelo telefone. Essas coisas que ocorreram que eu vi, o ato de irresponsabilidade na vida das pessoas e do país. Eu vivenciei coisas, minha filha você não sabe da missa a metade (?) [o relógio badala e dificulta o entendimento do que é dito] os profissionais não entram no mérito do problema, entendeu, eu fui mais um expectador desses problemas. Você vê, toda rádio que eu tô, eu comprovo. Presidente da república tá aqui, tarará, eu tô aqui, tarará tô aqui, tô aqui, então eu estava em todos os lugares, agora os outros não estavam, eu tava nos lugares chaves, entendeu? Chaves. Quer dizer o que eu tinha que dizer tinha que ser verdade, e quando fazia plantão pela, pela CBN, sabe que é a maior bagunça essa rádio, não sabe administrar, não sabe princípio de organização, não sabe, não administra nem o botequim da esquina. Eu assessorava deputados, que eu escrevia discursos pra eles e ganhava uma grana. Eu, [muda a voz como se alguém estivesse falando com ele] amanhã vai haver um problema assim, assim, assim. Me enfoca esse problema. Quantas laudas o senhor quer? Tá bom . Eu escrevia, quer dizer eu escrevia pro deputado analfabeto ou talvez até por comodidade, o cara não quer escrever, paga pra escrever. Essa é a outra neta [me apresenta mais uma neta que chega à casa. A partir desse ponto, a gravação apresenta muito ruído porque as quatro mulheres que estão na casa começam a conversar na cozinha, que fica ao lado da sala onde estávamos] Então essa, essa declaração que eu tô dando pra você, (?) que ninguém viveu a intimidade, o presidente Juscelino ficava (?) todos os prefeitos vinham passear no corredor, na sala da capela, as vezes ele dizia Caringi é uma barbaridade esse país, tem que mudar isso e quem sugeriu a mudança, aquele, quem levou os empresários, eu tenho tudo isso aqui documentado, o senhor Bayton, dono da maior cadeia de rádio, eu convoquei os empresários como eu era da confederação, eu sugeri e eles

aceitaram, convoquei a FAB, convoquei pra transmitir os empresário (?) falei presidente, o senhor está fazendo o que ninguém faz, isso é uma loucura o que o senhor está fazendo, construir uma cidade de avião. Isso é uma loucura, o senhor devia convocar os homens da iniciativa privada pra que testemunhassem que Brasília não é apenas uma fala, é uma realidade e o senhor tá conseguindo transformar esse sonho estrondoso em uma realidade. Eu posso convocar os empresários. O senhor não pode mandar fazer? Convoquei, foram, tá tudo documentado aqui minha filha, tudo aqui em fotografias, a ida pra Brasília, quem estava, quem não estava, vieram a bordo de um avião, quer dizer, até no próprio gabinete da presidência não tem gente qualificada você vê, pode ler nesse livro o que é uma comunicação. Então o Said Faraq foi chefe de comunicação, eu vou te dar um livro, que tem, que eu faço, que eu faço parte, que eu vou te dar, eles não sabem o que é comunicação. Comunicação é (?) Esse comunicadores, um bom comunicador foi o

Passarinho quando foi comunicador do presidente Costa e Silva, mas ele pisou na bola. Eu fui assessor do presidente do INSS, INPS, quando eu disse pela primeira vez ao ministro Passarinho, ele convocou para falar sobre a previdência social. Ele falou, falou, falou, eu disse, (?) eu sou o assessor do presidente da casa e ele não deu o enfoque da maior importância que é o problema de corrupção e do rombo da previdência. Como? Quem é o senhor? Eu digo, bom eu quero falar. Quem é o senhor? Chama o coronel aí, prende esse homem, mandou me prender. Eu querendo falar. Mandou me prender. Depois ele viu onde é que eu estava, que eu era homem da comunicação, da iniciativa privada, que nenhum jornalista é porque eles não pedem. Eu botei o Naum lá dentro, ninguém faz isso, você vai ser o maior do mundo, ele disse eu não aceito, porque eles acham que estão vinculados com a imprensa e tem assuntos que eu jamais diria porque eu não cuspo no prato que como. Não sou da polícia, não sou nada, aí eu saí. Foi quando eu deixei o Loyd, eu era o informante da presidência, do Jango, do General Assis Brasil, porque ele me pedia: Caríngi como é que está esse problema da orla, porque todo comunista é uma (?) ele disse como é que está o Leonel Brizola, ele tinha um medo do Leonel Brizola, doido o Jango, esse cara é um homem irresponsável, irresponsável, fomentando aquela revolução, foi ele que ele fomentou. Eu digo olha general, esse pessoal da Orla é um pessoal muito ordeiro, são disciplinados, na hora do almoço é a hora do almoço eles aproveitam o espaço pra falar sobre a organização, a empresa mas não são revolucionários. Ah você já passou pro lado de lá é [risos] Entendeu? Então quando foi e tomou o, eu já sabia que havia porque eu trabalhava no gabinete do (?) eu sabia que nenhum jornalista ia escrever, eu só não posso escrever porque eu não tenho que escrever, porque eu era cargo de confiança, eu não posso desmerecer a confiança que me foi dada, pode ter passado por problema, não interessa, eu era homem de confiança e continuo a ser, e se você me confiar um problema seu eu esqueço, eu não sou dedo-duro, foi o que eu fiz na marinha, me chamaram eu me apresentei na marinha. (?) Comandante eu estou aqui. Ah o senhor (?), sim senhor, tudo o que eu fiz e está nesses arquivos, eu sou a voz da empresa que precisa ser muito bem cuidada, (?) você esta vendo (?) parque administrativo, tinha fretamento, eu nunca observei, e tem um detalhe comandante, se eu observasse alguma irregularidade eu não denunciaria pro senhor, por uma questão ética, eu exercia um cargo de confiança, se era comunista ou não era comunista, se era, era um problema que não, nunca me preocupou, me preocupava era manter o administrativo da casa em termos de ser uma empresa de transporte marítimo que nunca defendeu com tanta importância, com tanta, com tanta competência quanto essa atual administração. Meu nome é Paulo Caríngi e eu não tenho nada a denunciar porque eu não sou de denunciar ninguém, se o senhor quiser o senhor pode organizar um inquérito e veja até onde vai, eu posso afirmar: tudo o que está escrito foi escrito por mim, tá aí, ninguém teria essa coragem(?), eu tive medo, minha filha eu nunca tive medo de morrer. O que é o fato, hoje ou amanhã depois vamos morrer, infelizmente, mas é preciso que você deixe uma vida (?) vida digna. Eu nunca quis ser importante, você tá vendo, eu nunca divulguei isso pra ninguém minha filha, que foi o primeiro homem a transmitir a morte de Getúlio, eu, só podia ser eu porque eu trabalhava lá dentro minha filha. Não foi Heron Domingues não, nem da Globo como tão dizendo, não foi nada, fui eu que dei, tava vivenciando um momento dramático da vida política brasileira. Escreveram outro dia que tinha dado na Globo, por força da Globo, mas eu não era da Globo, mas enfrentava a Globo numa emissora pequena porque o que ganha é quem é mais eficiente, mais competente, você pode botar mais de 500 repórteres na rua mas não sabe perguntar, não sabe falar, entendeu, não tem sentimento de oportunidade, não vivencia, hoje não vivencia o problema que você tá vivendo, o problema que você,

antes de entrevistar o cara, por favor, me defina a situação para que a gente possa ter uma idéia, (?) entendeu. O repórter tem que ser um bom perguntador, um bom perguntador ...

Flávia: E um bom escutador também

Paulo Caringi: Também, porque as perguntas vão depender da sua resposta, ele tem que ser arguto. Essa Marília Gabriela é muito boa, muito boa, ouviu, a Marília Gabriela é uma, mas ela estuda, ela não vai fazer uma entrevista sem estar verdadeiramente inteirada de quem é a pessoa. Era o que eu fazia, bom hoje vamos entrevistar o ministro da fazenda sob o comando de Carlos Palut fulano de tal, quem tava na pauta era eu

Flávia: Aí o senhor se preparava?

Paulo Caringi: Eu me preparava e sempre me preparo porque eu trabalho num órgão onde os assuntos econômicos são tratados, eu procurava saber com quem, eu nunca tive vergonha de não saber, eu ia pra lá, no setor de economia, no momento atual o que você acha que é? Já ia inteirado, tudo era o plano econômico, social e político brasileiro. As minhas crônicas, eram tudo, tá aí, eu vou publicar esse livro, todas elas enfocando problemas que eram de ontem e continuam sendo de hoje, eu não vou mudar nada do que está escrito, só vou mudar a data...

Flávia: [risos] põe a data de hoje... E os outros repórteres eles se preparavam também, assim como?

Paulo Caringi: Alguns, alguns, alguns, alguns. O próprio Palut era pouco preparo, tanto é que a última, num jantar que o presidente deu pra pessoas que trabalhavam com ele, o Palut foi convidado, o Vizeu foi convidado, o jantar lá com os amigos, um jornalista perguntou o que o senhor acha do Ademar de Barros?

Ah, bababababa. Eu disse gente, mas o Ademar de Barros, aí já tava enchendo o saco, aí eu via da, da, da, da desinformação do profissional diante da atual conjuntura brasileira. Um homem cassado, ex-presidente da república, que dizia que a situação era uma situação difícil, ele levantou me abraçou botou a mão no meu ombro, e disse, eu tô assessorando o que morreu nos Estados Unidos, como é o, irmão do presidente assassinado, que morreu

Flávia: O Kennedy??

Paulo Caringi: Um dos Kennedys que morreu, que trata dos assuntos da América do Sul. Ele disse você está muito bem informado, porque eu dei a posição dos militares não vão querer deixar a presidência, o comando do país, mas diante da conjuntura internacional eu sou obrigado a abrir mão, porque a democracia é lá e tem que ser aqui. Ele: e eu acredito que eu possivelmente em 65 eu volte, ele disse. Evidentemente que ele morreu em consequência, ele tinha um câncer de próstata, Juscelino tinha um câncer de próstata, ele era urologista e era muito amigo do Chico Xavier, que era uma espécie de orientador espiritual e ele tinha uma amante, a Lúcia, então ele em vez de descer de avião aqui, dona Sara foi esperá-lo, ele tava de automóvel para encontrar com a Lúcia, que era mulher de um senador amigo dele. Ela morreu em um desastre, em um desastre mesmo e o Getúlio se suicidou mesmo, não houve que ninguém matou Getúlio. Esse é um aspecto muito importante. E quem matou Getúlio? Foi ele quem se matou!!

Flávia: É, tem até um livro que lançaram agora que foi feito até com o depoimento do senhor

Paulo Caringi: É, eu vou dizer uma coisa pra você, O Getúlio, eu estava no palácio quando o general Zenóbio¹¹⁷ da Costa levantou, protestando que ele não deveria continuar, aproveitando aquele estado,

¹¹⁷ **A última reunião do Ministério** - Tarde da noite de 23 de agosto, realiza-se a última reunião ministerial de Getúlio Vargas, uma reunião pouco ortodoxa, segundo expressão de Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Lá se encontrava todo o Ministério e mais pessoas ligadas ao Palácio, que nada tinham a ver, mas que lá ficaram, porque o Presidente não lhes pediu que se retirassem. Entre elas, a própria Alzira que se postou junto ao pai e que interferiu, recriminando os ministros militares.

A reunião teve lances dramáticos e uma discussão entre os ministros militares, como conta Alzira:

"Estabelecer-se um atrito entre o ministro da Guerra e o da Aeronáutica, o qual seria o maior responsável pela situação: o manifesto dos generais ou a república do galeão. O brigadeiro Epaminondas [Ministro da

aquele negócio da morte do general, major Weiss. Tava muito tumultuado e queriam ou não queriam aceitar o pedido de, de licença e sim o afastamento definitivo, a posição do Zenóbio. Tanto é que ele insistiu, naquela insistência o presidente disse, não, vocês vão encontrar a solução do problema, se vocês não derem a solução pro problema eu tenho e subiui...

Flávia: Foi pro quarto...

Paulo Caringi: Aí o Beijo foi no quarto, eu até tava lá quando subiui e falou que o general, brigadeiro Scaffa estava no Galeão esperando que Getúlio fosse preso e levado pro Galeão. Mas isso eles não contam como é que foi. A história começou comigo [risos]. Quem matou Getúlio foram dois homens: o diretor da Rádio Nacional, o Victor Costa e o Evaldo Loyd, presidente da Federação das Indústrias. Esse presidente da Federação das Indústrias queria fazer uma campanha, que ele queria ser indicado pra ser presidente da republica e o homem de confiança, absolutamente de confiança, um homem correto, era o Gregório, o Gregório era um homem fiel, que não suportava aquelas criticas feitas com veemência, e acusações infundadas. O dr. Getúlio Vargas foi um homem absolutamente limpo no seu comportamento. Já tava com idade, ele não podia permitir, ele fazendo parte da história do Brasil, em 1930 deu um destino ao Brasil, ordem ao Brasil, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul é que comandava todo o processo político brasileiro. Então ele não podia se deixar subordinar por meia dúzia de safados, interesseiros, e ser preso, porque ele como um bom gaúcho, um homem **macho**, ele disse, não vai me levar preso não, aí se suicidou porque quando o Beijo disse que ele ia ser preso ele deu um tiro no coração, aí foi formulada aquela carta, etc, estava lá o Osvaldo Aranha. Como eu vi que o general saiu, eu senti que o problema era militar, ia ser fogo na roupa e os antecedentes de Getúlio era com militar, eu disse vai ser uma revolução, eles vão colocar o Getúlio pra fora preso. Fui, quando cheguei lá com um general, eu com o carro, com o meu carro atrás dele, fui o único minha filha, não tinha um radialista, um, um, unzinho, conversa fiada, um jornalista não tinha, aí eu entrei, os militares estavam todos no dormitório, aí ele entrou, estavam lá com os familiares, ele com o ajudante de ordem, aí ele disse, camaradas, (?) para um outro, fez sinal pra ele, ficou um vazio, anunciou que o presidente tinha se suicidado. Aí "lamento comunicar que o presidente da republica acaba de se suicidar". No momento que ele tava se suicidando eu tava lá dando pelo telefone minha filha, eu dei em primeiro lugar, lastimavelmente, depois cai um processo de depressão, eu chorei, havia acompanhando aquilo, eu tava ...

Flávia: Envolvido né, emocionalmente...

Paulo Caringi: Eu chorei minha filha, eu achei uma barbaridade, tanto é que a fala no momento do enterro de Getúlio, do carro RC1 e acenavam a bandeira do PCdoB, eu fiz um discurso, no momento passava o brigadeiro Eduardo Gomes, eu disse esse posicionamento de militares e de políticos é deplorável sob todos os aspectos, é um comportamento covarde, que não se ataca um homem sem estar devidamente comprovado da sua, da sua, da sua maleficência, da sua incapacidade, fiz um discurso ali, foi até comentado. Aí mandaram me prender, [risos], mas quando o cara recebeu ordem, eu tinha popularidade, que era um tal de Gravatinha da política recebeu ordem pra me prender, aí ele, eu tava no meio daquela multidão, aí o que ele fez, ele saiu do meio dos policiais dando uma volta grande, pra ver se eu saia do local, e eu saí, mas o pessoal que tava lá foi preso [risos] fizeram um corredor polonês, cacetada, eles apanharam, eu tive sorte e fui pro senado, aí quando cheguei no

Aeronáutica] declarou que bastava prender os dois principais cabeças do movimento, Eduardo Gomes e Juarez Távora, e toda a pendenga estaria terminada. Zenóbio [Ministro da Guerra], irritado, perguntava: 'É por que você não os prende?' 'Porque não disponho de tropas', respondia Epaminondas. 'Forneça o local para prende-los e eu vou'.

"Interpelado, Guilhobel [Ministro da Marinha] disse duramente: 'Presidente, parece que seu destino é ser traído pelos seus chefes militares.' O general Caiado de Castro [chefe da Casa Militar] que, um tanto surdo, em pé, atrás do ministro da Marinha, tentava acompanhar os debates, levou as sobras. O ministro da Guerra [Zenóbio] o interpelava brutalmente, perguntando por que não ia ele comandar as tropas de defesa. Caiado, quando entendeu, aceitou o desafio e pediu que lhe desse as tropas. A confusão ameaçava tornar-se total quando a voz de Vargas, serena e clara, novamente restabeleceu a ordem e o silêncio, um silêncio tétrico."

(<http://www.pitoresco.com.br/historia/republ303x.htm>, acesso em 19 de maio de 2005)

senado, telefonei, e aí como é que tá a situação? Ih, o pessoal apanhou. Não me diga, é? Não vem aqui pra rádio porque tem o pessoal da aeronáutica que tá te esperando, tá querendo te pegar aqui. Eu não fui. Aí eu fui falar com o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, o, tá aqui, tá aqui no meu coiso, aqui até na fotografia, o

Flávia: Barbosa Lima Sobrinho?

Paulo Caringi: Não, anteriormente, era judeu. Era o, tá aqui na minha cabeça, [imita a voz do presidente da ABI] “o que o senhor falou, não devia ter falado”. Mas você tem que me dar uma segurança profissional, eu estou sendo ameaçado. [imita a voz do presidente] “problema é seu”. Desse jeito ele falou que o problema era meu, o presidente da ABI. Aí eu me escondi, eu deixei passar aquele momento. Esse foi um momento histórico, nenhum desses noticiou, porque não estavam dentro da história e eu tenho recorte de jornal que eu não sei aonde eu botei que faz um histórico sobre o caso diante daquele momento histórico e uma menção muito interessante, muito curiosa, é o rádio, o rádio, o rádio é que falou e eu falei com conhecimento de causa, eu falei apaixonadamente, eu falei apaixonadamente porque eu detesto traição.

Flávia: Isso tudo foi pela Continental?

Paulo Caringi: Tudo pela Continental. Foi a única emissora que deu cobertura foi a Continental. Ta vendo, até queriam fechá-la.

Flávia: Por conta disso?

Paulo Caringi: Por conta disso. A Globo, a Globo ficava em cima do muro, com o, com esse menino, com o Lacerda, com esse menino que faz o esporte, tudo em cima do muro. Não era, não eram jornalistas repórteres, repórter é o que reporta o fato. Porque as vezes se você vai escrever o fato já aconteceu. Aquele era o momento, quer dizer “é em cima do fato” por isso é que diz aqui nessa coisa [propaganda de um de seus programas] “Paulo Caringi em cima do fato”. Você viu né? Essa cobertura que tem aqui. Então esse que eu tô te narrando, tô te revelando, pouca gente sabe que Gregório foi instigado a matar o Lacerda e eu fui convidado pra fazer um programa pra acabar com o Lacerda porque politicamente eu não tem nada que ver com isso, ele me contrata e eu sou um profissional. Comecei a fazer um levantamento da vida dele, que ele tinha problema de escola, homossexualismo, ia botar isso em praça pública, depois, e fui, fui remunerado pra isso e muito bem remunerado só que, tá tudo gravado aí [aponta meu gravador] só que eu não aceitei no momento em que, em que o senhor Evaldo Lott abriu mão, não faça mais isso, eu não fiz. [Evaldo Lott falando] “Eu já estava, eu encontrei a fórmula”, a fórmula foi exatamente essa de liquidar com o Lacerda. O Gregório¹¹⁸, coitado não tem culpa de nada, ele apenas foi um homem leal ao seu patrão. [somos interrompidos pela senhora de Caringi que se despede e sai com as netas]

Em função do horário, encerramos a entrevista e ficamos de fazer uma segunda conversa num futuro próximo. O senhor Caringi me mostra outras fotos e acertamos quais fotos ele me passaria no dia seguinte.

¹¹⁸ Agosto de 1954, caos e escândalos políticos aparecendo diariamente nas páginas dos jornais. Getúlio Vargas, Presidente da República, começa perder sua popularidade. O povo está dividido entre o Presidente e Carlos Lacerda, jornalista implacável que diz desmascarar o governo brasileiro. Gregório Fortunato - chefe da guarda pessoal de Vargas - consciente de que o jornalista constitui uma ameaça, planeja um atentado contra a sua vida. [...]O atentado a Lacerda fere um coronel da Marinha; explodem manifestações na imprensa e nas ruas. O povo exige explicação do governo. Gregório Fortunato é preso e começa a ser diariamente interrogado. O presidente perde progressivamente sua base política, encontra-se numa situação dúbia. Se renunciar, será ainda mais criticado pelo povo; se permanecer no poder, terá que enfrentar a fúria da UDN e de muitos militares importantes que já não o apóiam. (http://www.feranet21.com.br/livros/resumos_ordem/agosto.htm acesso em 19 de maio de 2005)

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM TEIXEIRA HEIZER

APÊNDICE E – ENTREVISTA TEIXEIRA HEIZER

Flávia: Perfeito.

Teixeira Heizer: Quando você quiser.

Flávia: O senhor pode começar. Deixa eu só ver como está o som. Pode tomar o seu gole de chope, eu não quero lhe apressar.

Teixeira Heizer: Eu costumo dizer que é uma situação muito preguiçosa quando a gente pensa que a televisão é alguma coisa pra você ver e ouvir, o jornal é alguma coisa pra você ler e o rádio é alguma coisa pra você ouvir. Eu trabalhei nos três veículos, e o que mais me seduz é o rádio. Principalmente o radiojornalismo, do qual por circunstâncias eu tive que me afastar, porque minha vida foi tomando outros rumos. Mas eu tenho muito viva na minha memória a história da Emissora Continental. Emissora porque? Porque havia uma loja que vendia rádios nessa época, no Rio de Janeiro, era uma rádio muito famosa chamada, uma loja muito famosa, chamada Rádio Continental. Então os Berardos, Rubens, que foi vice-governador, Carlito e Murilo, mudaram o nome da Emissora Continental, da Rádio Continental, para Emissora Continental. Essa rádio era daqui de Niterói, essa emissora Continental era de Niterói. Ela ocupava um cantinho num prédiozinho da Rua Marquês de Caxias, se não me engano onde funcionava o Laboratório Carugeno(?). Foi ali que eu a conheci. Ali que eu vi o Chacrinha com as panelas, batendo nas panelas no famoso “Cassino do Chacrinha”, que depois se transferiu pra Emissora Metropolitana no Rio, mais tarde para a Rádio Globo e depois embarcou para a televisão. A emissora Continental, ela era então de três pernambucanos: Rubens Berardo, Murilo Berardo e Carlito Berardo. Eles não entendiam bulhufas de rádio. Eram usineiros de Pernambuco. Fascinados pelo Rio de Janeiro. E eles compraram uma rádio.

Flávia: O senhor sabe o porque dessa motivação de comprar a rádio?

Teixeira Heizer: Não. Eu, eu, eu suspeito que o Rubens Berardo, que depois foi vice-governador, queria montar um esquema de... promocional com o poder de ser candidato...

Flávia: Pretensões políticas, já...

Teixeira Heizer: É. E ele foi também deputado federal. Certamente deve ter sido ali, por isso. Então, eles montaram a Emissora Continental na Rua Riachuelo, 48, do quinto andar até o décimo, num prédio dos bancários, que eles nunca pagaram um centavo de aluguel. Porque o Brasil é assim.

Flávia: É, infelizmente.

Teixeira Heizer: Como também não gostavam de pagar salários aos seus funcionários.

Flávia: Isso tá sendo unânime, as pessoas estão falando...

Teixeira Heizer: Mas eles eram fascinantes, tipos fascinantes. E eu não vou dizer datas porque eu posso me perder nisso aí, mas ela foi plasmada por uma idéia de um homem chamado Gagliano Neto, que era um famoso locutor esportivo, o primeiro a transmitir uma Copa do Mundo para o Brasil, Copa de 1938. Diz-se que os rádios capelinhas pipocavam feito loucos naquela época e que só se ouvia umas pontas de vozes do Gagliano Neto transmitindo a Copa do Mundo de 38. Mas ele fundou a partir daí essa Emissora Continental, que seria “100% esportiva e 100% informativa”, que é o slogan que, que prevaleceu. A idéia dele era a seguinte: que o esporte traria os patrocínios de multinacionais, como trouxe, Gillette, que era o grande patrocinador do esporte mundial, Goodyear, Firestone, enfim, multinacionais. E o resto era a farmácia da esquina, era o botiquim, etc, o pequeno anúncio, do varejo, né? Ele teve essa, ele vislumbrou essa possibilidade com o futebol. Então, ele fez uma programação que foi aceita pelos Berardos, uma programação que seria o seguinte: chamava-se “Rádio Esportes Gagliano Neto”. Essa programação ela colocava programas de esportes de 5 minutos, chamados Boletins Esportivos, de 15, em todos 15 minutos de cada hora e um jornal, chamado “Repórter Continental”, de meia em meia hora, e o resto era, eram discos, programação de discos, porque a rádio sendo, o transmissor sendo de Niterói, a rádio era obrigada por lei a transmitir 51% da sua programação da cidade de origem. Era, o que que acontecia? A cidade de origem era Niterói e a Rádio era lá no Rio, então os discos rodavam aqui e, Niterói. Então eles tinham 51% de discos e o resto era esporte e jornalismo. É, Rapidamente, o Gagliano ao deixar a Rádio, é, os Berardos contrataram o

Oduvaldo Cozzi, que era um gaúcho que tinha sido diretor da Rádio nacional e era também locutor esportivo. Foi o mais famoso locutor esportivo do Rio de Janeiro. Contratou o Oduvaldo Cozzi, e o Cozzi trouxe o senhor Edmar Machado, que era um diretor da Rádio Mayrink Veiga, e era cunhado do Bob Falkenburg que é dono do Bob's. Então você tá tendo aí toda a raiz da coisa. Bom, eles então criaram, robusteceram essa idéia plasmada pelo Gagliano Neto, e fizeram realmente uma Rádio esportiva-informativa. Havia dificuldades terríveis de botar externas na central técnica. Bom, é preciso frisar, antes de mais nada, que não havia externas no rádio brasileiro. Havia o Repórter Esso, emocionante, na Rádio Nacional, com Heron Domingues, mas o Repórter Esso era feito na United Press e na Mc Cann-Erickson e era levado já como se fosse um pacote para a Rádio Nacional. E havia o jornal na Rádio Tupi, lido pelo Carlos Frias, e havia o jornal na Mayrink Veiga, também lido, mas aqueles jornais de estação, próprio de estação. Muitos deles sem equipes, eram jornais feitos na base de cópia de jornais escritos, que se fazia muito antigamente, né? Quando a Continental entrou com o noticiário, apurando o noticiário, e isso é que foi o grande ponto, apurando, tanto o esporte como o jornalismo, porque desconectar essas duas coisas será difícil, porque elas eram interligadas, tão, tanto que a direção da Rádio era de um locutor esportivo, entendeu? Eles contrataram então um locutor chamado Carlos Palut, uma figura esperta, e que ensinou o rádio a ter velocidade. Ele era marido de uma moça bonita, chamada Alba Regina, que era uma rádio-atriz. O Palut conseguiu alguns companheiros e ensinou eles a trabalhar. Então ele conseguiu o, o Dalwan Lima, que era um homem de estúdio, acostumado a falar, a falar, parecia que ele tava numa igreja falando, né, pegou o Manoel Jorge, que era um senhor de um jeito burocrata, assim, jeito de funcionário público, aliás, toda a equipe de jornalismo não era uma equipe especial de jornalismo, eles não eram jornalistas, eles. Naquele tempo o Sindicato dos Radialistas conseguia no Ministério do Trabalho que os radialistas que trabalhassem em jornais falados fossem provisionados como jornalistas. Então eles eram jornalistas de Rádio, não se fazia muita exigência. É, No, no, no jornalismo impresso fazia-se alguma exigência, que eram declarações, artigos assinados, é, exigia-se que, eu sou provisionado, entende? Eu cheguei a dar aula de doutorado em Brasília sem ser formado, eu não sou formado, fui professor da UFF sem ser formado. Até um dia eu tava brincando com uma pessoa, ele disse: mas como é que você conseguiu? Eu disse assim, é que antigamente tinha um negócio chamado "Grande Saber", e não dei maiores explicações. (risos). Isso é uma balela, né? É que não havia no meu tempo, as faculdades existiam, mas o currículo era de Celso Keller???, um treco assim, anacrônico, cheirando a naftalina (risos).

Flávia: (ao mesmo tempo que ele) As faculdades eram ruins.

Teixeira Heizer: Então Palut, eu às vezes vou por vertentes assim, você depois codifica isso aí. Aí o Palut levou o Manoel Jorge, Dalwan, Afonso Soares, ééé, Paulo Caringi e eles todos tinham seus empregos, não eram como a gente que tava na batalha lá, de manhã `a noite, então. **Agora, eles aprenderam a fazer reportagem de rua, que ninguém fez. O Palut fazia, eles foram na esteira do Palut, começaram a aprender a fazer reportagem de rua.** No jornalismo você sabe bem que as notícias previstas e as imprevistas. As previstas são fáceis de se fazer, uma pauta e 7 de setembro tem lá...

Flávia: Eleição...

Teixeira Heizer: Eleição e tal... Mas o Palut, não sei se foi o Cozzi que passou para o Palut essa idéia, de que ele teria que ter rapidez pras entrevistas também. E eu até tenho uma teoria que contraria inteiramente o Cozzi e eles todos. Uma vez todo mundo ficou perplexo comigo porque havia um incêndio ali na, perto da Praça Mauá, a Rádio era ali perto, da Rádio Nacional, eu fui diretor dela ali, e era ali perto. Então o jornalismo ficou em polvorosa, que as labaredas estavam aparecendo lá, e tal, fui reunir a equipe para orientar como é que seria a cobertura. Todo muito nervoso...

Flávia: Querendo ir embora... (risos)

Teixeira Heizer: Eu me lembro de ter dito assim: calma, que o melhor do incêndio é mais tarde. (risos) Enquanto tá começando não tem..., mas, é, a entrevista, né, essa aí consome um tipo de comportamento emocional do, do... Como tudo que é incêndio, desastre, tudo isso, trombada de trem, essas coisas todas. Mas eles rapidamente eles pegaram isso, improvisando mal ou bem, mas pegaram isso.

Flávia: O senhor credita tudo isso ao Palut? O Palut é o grande responsável por isso?

Teixeira Heizer: Eu acho que Palut foi que deu velocidade ao jornalismo externo. Bom, os Berardos, compraram dois caminhões, dois carros, que eles apelidaram de RC1 e RC2.

Flávia: O senhor sabe o que significa o RC?

Teixeira Heizer: Rádio Continental 1 e Rádio Continental 2. E então eles conseguiram aparelhagens, não sei como, através da embaixada inglesa talvez, Motorollas que falavam sozinhas, pegaram resto de guerra.

Flávia: O senhor acha que era resto de guerra?

Teixeira Heizer: Eu acho que era resto de guerra. Então eles pegaram aquilo e instalaram e aqueles caminhões iam pra rua e eram o maior sucesso que havia. Eles eram precedidos, toda entrada era precedida de uma, de uma vinheta: “Os comando Continental usam carros Dodge porque não podem nem parar, nem falhar”. Quer dizer, Isso aí já camuflava o anúncio, já dizia tudo. Então eles saíam... O Cozzi nos ensinou a todos a roubar o telefone dos outros, porque era o seguinte: não havia linhas, não havia, mesmo que quisesse pagar, não havia. Você pedia linha à Radional, empresa de telefonia, elas, tinha que pedir uma semana antes, e a linha era construída.

Flávia: Literalmente...

Teixeira Heizer: Literalmente construída. Então o que que acontecia. Nós íamos na boleba, essas bolebas redondas dos telefones, vamos admitir, na sua casa você tem seu telefone, a sua casa é a mais próxima do local que eu tenho que transmitir. Então eu te peço licença pra usar seu telefone. Você me permite, acha, ah, Continental, tal. Então você vai na boleba, aquela coisa que tem embaixo, torce, você liga para a central técnica, a central técnica te jampeia lá, então você pega e vem com seu jacaré, que é uma coisinha...

Flávia: Uma garrinha...

Teixeira Heizer: Uma garrinha assim, e entra naquela boleba ali, e então está, a linha sua. A ligação já foi feita com a central técnica, então você tem uma linha de som pra você transmitir um jogo, pra você transmitir um incêndio, pra você transmitir o que você quiser. Aí você diz, mas aí a dona de casa tá roubada, porque uma hora e meia, duas horas. Não, as pessoas tinham prazer, porque a Emissora Continental era um estado d’alma no Rio de Janeiro. O Rio se orgulhava da Emissora Continental. Pra você sentir como se orgulhava, nos jogos de futebol a Continental tinha 90% da audiência, sobrava 10% pros outros. Então você me perguntou se eu credito ao Palut essa... A velocidade sim, ele pessoalmente era um grande, um grande repórter. Os outros eu não posso dizer a mesma coisa. Os outros não se equiparavam aos repórteres de esportes. Tanto que quando havia um grande acontecimento era, a equipe de esportes era obrigada a se deslocar para dar o apoio porque era a equipe de esportes que improvisava, o locutor de futebol, o repórter de futebol, ele improvisa mais do que o jornalista. Então, o Palut conseguiu ter sucesso nisso aí. Ele tinha coisas assim: Feira livre, ele ia lá, a equipe dele ia lá, olha o tomate tá muito caro, esse pimentão está estragado. Isso no ar assim. Isso foi o maior sucesso, porque a dona de casa se sentia assim vingada, porque o feirante... Ele ia na, no, na padaria e dizia assim pesa o pão aí que eu quero ver, eles eram fiscais, eles eram tudo. Pesa o pão aí . Ó, deu só 40 gramas, o senhor tá roubando, e tal, não sei o que. Então eles vingavam os, os, as donas de casa, etc. E se tornaram bastante populares no Rio de Janeiro. É, é, impuseram esse esquema de externas. Além disso eles faziam o noticiário do Repórter continental que era de, eu falei de meia em meia hora, mas eu me enganei, era de hora em hora, então eles faziam. O Rubem Berardo, de repente, ele comprou uma outra Rádio, que se chama Emissora Metropolitana. Essa Rádio, eu, eu, eu tô até com medo de dizer, mas eu acho que era antiga Cruzeiro do Sul, se não me engano.

Flávia: Eu, posso checar isso depois.

Teixeira Heizer: Convém você ver porque a minha cabeça tá meio confusa agora. Então ele comprou essa Rádio. Então no quinto andar era a Emissora Continental, no sexto andar era essa rádio Metropolitana. A Continental era BRD8 e a Metropolitana era BRD2. Eu sei tudo isso de cor porque durante muito tempo o prefixo eu que gravava. Então tinha que fazer aquela voz “BRD2”, e tal, aqueles troços assim. Hoje isso tudo soa ridículo, mas antigamente a era Rádio era do locutor...

Flávia: Essa impostação era pedida.

Teixeira Heizer: Era, era... Então, outro dia eu fui a Maceió, fazer uma palestrinha lá, e um camarada veio com uma máquina ampex de gravação, com acetato, botou em cima da mesa na hora dos debates ali, e eu quase chorei, tinha vários jingles gravados por mim, e prefixos gravados por mim né, eu tinha um vozeirão nessa época, aí tinha um prefixo da Rádio Tupi que permaneceu até uns 15 anos atrás, “BRG3, Rádio Tupi, o Cacique do ar”.

Flávia: Risos.

Teixeira Heizer: Eu ouvindo minha voz depois, em acetato, daqueles grosseiros, aquelas coisas assim e o cara tinha tudo ao meu respeito e eu não guardei nada. Eu sou casado pela terceira vez e às vezes eu quero contar uma coisa e não tenho nada que prove as coisas. Então, mas essas coisas eram o Brasil, eram o Brasil. Essa Emissora Metropolitana, essa rádio Continental, a Emissora Continental ela esteve presente em todos os choques ideológicos e políticos do Rio de Janeiro e talvez até do Brasil. Porque? Porque era uma rádio petebista, janguista, brizolista, que se confrontava com o lacerdismo, enfim, com a direita. Então, ela tinha, a minha, a primeira vez que esse lombo aqui recebeu umas pancadas...

Flávia: Risos

Teixeira Heizer: ...foi na morte de Getúlio, porque o Palut foi para a explanada do castelo, subiu no RC1 e ficou discursando ali contra o Lacerda e eu subi para descansa-lo, ele tava muito cansado (Interrupção: ôpa, tudo bem meu filho), então eu subi, justamente quando o Dops chegou e nos pegou, né? O Palut era muito conhecido, foi solto e eu fui lá pros corredores, lá. Bom, mas aí depois eu me acostumei, também... Me tornei um reincidente específico nessas questões...

Flávia: Risos

Teixeira Heizer: Até porque de repente isso se torna pra gente, na época era terrível, mas depois se torna um diploma, de(?) político.

Flávia: Uma honra.

Teixeira Heizer: É, exatamente isso, Mas, então a Continental era isso, ela era um estado d’alma no Rio de Janeiro. Era uma estação com uma equipe que eu chamo de equipe veloz. Todo um dado também importante, você veja que naquela época não havia manuais de redação, não havia nada...

Flávia: Eu ia perguntar isso...

Teixeira Heizer: Mas o Cozzi, a primeira vez que eu ouvi falar “frases em ordem direta”, “palavras curtas”, eu era estudante de direito, então eu gostava de ser todo empolado, estudante de direito tinha um charme, hoje é pra fazer concurso. Então eu tinha uma linguagem, digamos assim, não melhor, era uma linguagem de estudante de direito, né. Ele sempre me usava como exemplo de que eu tinha uma linguagem x, mas eu não tinha a retórica, a retórica burra pro ouvinte, eu não passava pro ouvinte um grau de dificuldade, sempre oferecia a facilidade. E ele, Cozzi começou, ele falava em palavras curtas, em ordem direta, em, em, ele falava de lead em 1954, tá.

Flávia: O Cozzi, isso?

Teixeira Heizer: Osvaldo Cozzi. Ele era um gaúcho de boa cultura. E até gozado, ele exigia isso tudo, mas pessoalmente ele era meio bombástico. Ele gostava muito de, ele tinha uma retórica estranha, ele gostava muito de buscar assim coisas do passado, pra usar assim... Ele queria descrever que ele ia chegar no campo do São Cristóvão, irradiar o futebol, então ele dizia assim: saímos da Rua Riachuelo, onde o imperador e tal, não sei o que, e nos encaminhamos pela estação da Leopoldina, e aí ele ia explicando e tal, e aí chegamos no arcaico mas sempre elegante estádio da Rua Bariri e tal. Ele tinha toda uma prosopopéia, mas ele não deixava ninguém fazer. Porque que ele não deixava, porque ele tinha sempre a segurança de que ele estava fazendo alguma coisa bonita, e que terceiros, que não tinham qualificação pra isso, não deveriam fazer, deveriam usar, mas ele, de fato ele estava era oferecendo a todos nós uma idéia de que a simplicidade, de que a organização da frase corretamente, de que o verbo colocado no tempo certo, até hoje cê vê aí na televisão e no rádio que mesóclise, ênclise e próclise não são o forte dos garotos, mas então, ele nos ensinava essas coisas todas e ensinava também ao pessoal do jornalismo, sendo que ao pessoal do jornalismo ele não tinha muito,

muito, muita paciência não, atropelava muito o pessoal, “você falou isso, isso tá errado” e coisas assim, mas era um homem atento, um diretor atento. Porque o ouvinte ele, ele pega o que sobrou da história.

Flávia: É a peneira, né?

Teixeira Heizer: Exatamente. E você imagina o que que é dentro de uma radiozinha, em que todos ganhavam pouco, que os Berardos pegavam o dinheiro todo para comprar outras coisas e os nossos salários eram ridículos. Eu tinha que trabalhar no jornal e na rádio pra poder sobreviver. E ele conseguiu dar essa dignidade, essa grandeza. Se você me perguntasse, porque você tá falando tudo isso do Cozzi? Eu não gostava dele. Meu grande amigo foi o Valdir Amaral, que o sucedeu, que nós somos compadres, duplamente compadres, ele é padrinho da minha filha e eu sou padrinho de casamento dele, ele é que foi meu amigo, o Cozzi, até pelo contrário, ele me deixou numa rabada danada, né? Numa Rabuda danada. Mas eu tenho por ele a idéia exata da, do que ele fez, porque aquilo ali foi ele que fez. A Rua Riachuelo, 48, quinto e sextos andares são uma coisa que surgiram do Oduvaldo Cozzi, ele era de esportes, mas ele era um diretor da rádio, era ele que comandava tudo. Bom, esta rádio tinha um apoio que era fantástico, de um homem chamado Carlos Campanela. Carlos Campanela era o chefe técnico, muito duro, forte pessoalmente, e duro, ele tinha um olhar duro. Então era a primeira vez que um técnico mandava num jornalista, mas ele mandava, porque ele sabia tudo também. Então, ele é que fazia os milagres do som. Porque uma rádio sem dinheiro que transmitiu de Moscou pela onda curta, da rádio de Moscou, você imagina o que significa isso. Primeiro porque não existia linha pra aquilo. Então ele fazia o milagre do som de Moscou ir para Berna, em Berna jogava para não se onde, nãñã, do rádio amador pra não sei onde, nãñã, pra chegar na Continental. Então a gente transmitia de todo lugar do mundo, qualquer coisa, entendeu. E era uma rádio que todo mundo pensava que era rica, e era paupérrima né, mas não dava (toca telefone, conversa). E, é, essa Rádio sofreu politicamente, muito, com o início da ditadura. Eu tenho a impressão que as coisas se deterioraram. A equipe pode ser que não tenha tido a ousadia, a valentia que devesse ter. Até porque é muito fácil você ser valente no Estado de São Paulo, no jornal O Estado de São Paulo, mas é difícil você ser valente numa radiozinha na Rua Riachuelo. Então esta rádio, o que eu quero dizer é o seguinte, que ela é um milagre, dela surgiu a tevê Continental, surgiu a tevê Continental, que foi uma estação de televisão popular que durou também quatro ou cinco anos apenas, e que também tinha um estilo jornalístico-esportivo, além de um estilo de casting, essas coisas assim. Dá uma paradinha pra mim, que é pra eu me articular um pouquinho aqui, que eu tomar um golinho aqui primeiro.

Flávia: Pode ficar à vontade.

Teixeira Heizer: Esses nomes que eu falei te são comuns assim, aí?

Flávia: São, eu tenho uma lista aqui que é...

Teixeira Heizer: Fala aí pra mim que me ajuda

Flávia: Afonso Soares, Antonio Peres Jr, Argolo de Sá, Celso Garcia, Dalwan Lima, Fernando Salgado, Jorge Sampaio, Manoel Jorge, Milton de Souza, o Paulo Caringi, o Paulo César e o Peres Júnior, são todos nomes que eu levantei já.

Teixeira Heizer: Essa era a equipe realmente.

Flávia: A entrada do senhor na Continental foi quando?

Teixeira Heizer: **A minha entrada foi em 1954. Em 1954 eu entrei como locutor de estúdio**

Flávia: Deixa eu levantar que tá muito barulho... (Reposiciono o gravador de MD em função do aumento do barulho no restaurante)

Teixeira Heizer: Eu entrei como locutor de estúdio, lendo anúncios e depois eu passei a fazer parte da equipe de esportes. E, quando eu lia anúncios, eu lia o jornal que era escrita por eles, foi a minha maior ligação que eu tive. Agora, eram equipes que corriam juntas. Muito comuns, muito afins. Muito fraternas também. Você tem nomes aí de pessoas que eu tenho até um certo dengo. O Celso Garcia, por exemplo, que foi de lá e depois foi pro esporte também. O sonho de todo mundo era trabalhar no esporte, porque era uma outra divulgação. O Argolo de Sá...

Flávia: Fazia política...

Teixeira Heizer: É, fazia política, era o jornalista de gravata, o repórter de gravata. O Afonso Soares era um repórter, diria assim, como é que eu vou te definir, assim, debochado, que trabalhou no *underground*, escrevia, que nem todos escreviam desses que tão aí, o Afonso escrevia. O Peres Junior era um pau pra toda obra, um homem que rodava em qualquer assunto. Fale aí mais nomes...

Flávia: O Paulo Caringi me falou de Hermano Requião...

Teixeira Heizer: Hermano Requião, era um jornalista do Correio da Manhã que depois foi caçado. Quem mais você tem aí...

Flávia: Dawvan Lima... Fernando Salgado.

Teixeira Heizer: Fernando Salgado era um jovem, não, não era um jovem. Era um repórter também meio funcionário público. É, ele não tinha assim muitas ligações com o jornalismo. Desses que você citou aí, eu vou dizer quais são verdadeiramente os jornalistas. Carlos Faleiros, Dalwan Lima, Manoel Jorge, Peres Júnior, Celso Garcia e Afonso Soares, esses são os que eu me lembro. Você note que talvez não tenha aí o nome do menino que você entrevistou Hoje, o...

Flávia: Paulo...

Teixeira Heizer: Do Paulo César. E o Paulo Caringi...

Flávia: É o Paulo Caringi tá aqui...

Teixeira Heizer: O Paulo Caringi era um repórter, era um repórter assim, muito engraçado, ele tinha um certo charme diferente de trabalhar com o microfone. Essa equipe ela tinha todos os méritos porque ela abriu caminho a socos, foi a primeira equipe de radiojornalismo do Rio, depois a Panamericana em São Paulo fez uma, o seu Bauru, a rádio Panamericana era dirigida, era do Paulo de Carvalho, mas era dirigida pelo seu Cassimiro Pinto Neto, que é o Bauru, o seu Bauru, seu Bauru foi que deu origem ao sanduíche Bauru, porque ele chegava no bar lá em baixo e pedia pra botar um bifizinho no pão, com queijo, com não sei o que e aquilo se tornou o sanduíche Bauru, que aqui no Rio de Janeiro a gente come sem saber que é o seu Cassimiro Pinto Neto. A Rádio Panamericana de São Paulo ela era o que a Rádio Continental foi no Rio de Janeiro, com menos jornalismo, entendeu? Mas ela já tinha Reale Jr, hoje é correspondente do Globo, da tv Globo em Paris, ela já tinha sua equipe também, mas esta foi a mais fantástica equipe de radiojornalismo que eu vi. Até porque ela era fantástica porque não eram pessoas de alto nível cultural, não era, porque é mole você pegar um cara que é culto pra burro, que sabe tudo de jornalismo e soltar na praça. Eu quero ver você pegar um camarada e, que não sabe nem o que é a alma do jornalismo e botar e se tornar uma equipe forte. Era uma equipe fuçadora, eles iam na, na feira livre para discutir preços, eles subiam morro, hoje eles não subiriam, né, porque ninguém sobe mais...

Flávia: É ... (risos)

Teixeira Heizer: Mas, eles subiam o morro. O cara de cavalo, o bandido cara de cavalo foi entrevistado por eles, por um deles, não me lembro agora. Então, eles tinham uma coisa muito forte.

Flávia: Um ímpeto, né...

Teixeira Heizer: É, é. E o curioso é que todos, com o definhamento da Rádio, eles também definharam, eles foram morrendo aos poucos porque eles eram aquilo ali, uma equipe monolítica, muito homogênea. Eu não gosto de homogeneidade porque cheira a eugenia, essas coisas assim (risos). Mas, eu gosto das coisas saltitantes, pululantes... (há um corte na gravação pelo fim do disquete de MD. Depois de trocado, a entrevista continua)

Flávia: O estilo Continental, depois, esse estilo de reportagem com essa mobilidade, as outras rádios passaram a copiar isso, ou não? Ficou...

Teixeira Heizer: Eu nunca vi assim não. Ah, Hoje a CBN, né? Mas ela não tem essa externa como tinha a Continental.

Flávia: Mas, mesmo no final da década de 50, 60, as outras emissoras do Rio...

Teixeira Heizer: A Guanabara tentou, a Guanabara tentou... E as Rádios daí por diante elas fizeram uma coisa que são os programas dos Disk Jockeys, dos comunicadores, que se utilizam de reportagens externas. Hoje há muita facilidade porque se trabalha dentro das rádios, lá na Rádio Nacional eu tomei um susto quando cheguei lá, porque a Rádio Nacional o Repórter vai com um aparelhinho de rádio e telefone desses aí, chega lá fora, jampeia aí, tem aquelas saletinhas, o sujeito espeta ali, e ali é feita a coisa né, é muito mais fácil. Mas eu não vi na Rádio Nacional nenhum **espírito** de jornalismo como esse da Continental. Eu me lembro até, que o dia que aquele homem do Pão de Açúcar foi seqüestrado, o...

Flávia: Diniz.

Teixeira Heizer: O Diniz, eu me lembro que eu tava na Rádio Nacional, tentando recuperar a Rádio nacional, que ela tinha (?), que eu fui ouvinte da Rádio Nacional (?), então meu sonho era um dia entrar lá, entrei, depois meu sonho era falar, falei, depois meu sonho era dirigir, dirigi mal, mas dirigi, entendeu. Então eu me lembro quando o Diniz foi seqüestrado, eu tinha uma equipe de esportes em São Paulo pra fazer um jogo, e sempre as equipes de esportes fizeram bons trabalhos jornalísticos. E eu aí, havia um repórter muito famoso, que hoje tem um programa principal da Rádio Globo, chamado Loureiro Neto, eu vou contar a história porque ele contou no ar, várias vezes, então eu não estou sendo infiel???. Eu, às 7 horas, às 8 horas da manhã, eu tenho a mania de que toda vez que acontece alguma coisa, eu ir no catálogo telefônico, catálogo telefônico, porque a primeira coisa que você tem que ver é se o nome da pessoa tá ali. Então eu fui no catálogo e vi a casa do Abílio Diniz, no catálogo de São Paulo que eu tinha, onde era, e vi os números laterais. E telefonei para os números laterais aqui do Rio. A minha equipe de esportes estava em São Paulo para fazer um jogo. Era o Loureiro Neto, o Doalcei Camargo e o Luis Mendes. O Doalcei Camargo e o Luis Mendes não são repórteres, mas o Loureiro Neto é repórter, tem hoje o mais famoso programa da Rádio Globo. Então, eu fui, peguei, liguei para a casa vizinha ao Abílio Diniz, atendeu um sujeito lá, e falei: sou da Rádio Nacional e preciso matar o seu telefone aí. Mas quem é o senhor? Meu nome é Teixeira Heizer, eu sou diretor da Rádio Nacional, o senhor pode ligar praqui, para confirmar. Mas matar o telefone como? É porque não tem linha aí, não dá pra pedir linha. Mas ele falou assim, mas pra que? É que vai um repórter praí daqui a meia hora transmitir a, a, tudo o que está acontecendo aí do Abílio Diniz. Ele disse: bom, então pode mandar. Eu aí liguei para o hotel onde estava o Loureiro Neto e disse: você corra pra lá para o lugar assim, assim, porque já tem telefone, endereço, tem tudo na mão para você. Ele foi e falou assim mas eu não vou pra lá não, eu vim aqui pra fazer o jogo. Eu falei assim, camarada você tem 40 minutos para chegar no endereço tal e 41 minutos para entrar no ar. Ele falou assim: e se eu não entrar? Então você não vai entrar nunca mais.

Flávia: Risos.

Teixeira Heizer: Não tô entendendo Teixeira... Você tá entendendo, se você não entrar você nunca mais vai entrar no ar, e vai ser difícil você entrar em outra emissora também. Sim, porque nessa altura eu tô ameaçando... Ele foi, virou e disse assim: mas, tô com sono, eu cheguei agora. Entra num chuveiro e acorda e corre pra lá. Ele não chegou em 41 minutos, mas chegou em 1 hora, digamos assim. E fez a maior reportagem que ele disse que fez na vida dele. Disse que nunca acontecerá outra vez na vida dele, porque esse espírito era o espírito da Emissora Continental que naquele momento bateu em mim e eu fiz exatamente as coisas que eu fazia na Continental, você está entendendo. Eu botei ele no ar e ele foi sozinho, entrou no ar, foi o primeiro a entrar, quer dizer uma Rádio do Rio foi a primeira a entrar, porque...

Flávia: Um seqüestro em São Paulo.

Teixeira Heizer: ... Em São Paulo e eu tinha o catálogo, que é importantíssimo você ter o catálogo telefônico. As pessoas não dão o devido valor. Eu, qualquer coisa que aconteça no Brasil eu vou no catálogo.

Flávia: Adorei a dica. (risos)

Teixeira Heizer: É fantástico. Você vai encontrar direitinho ali. Pode ser que não, que a pessoa tenha se mudado e tudo, mas tá ali. Sobrenomes, então? É a coisa melhor do mundo, você vai lá e o

sobrenome... Você corre o risco da pessoa te mandar para a puta que pariu, porque você, pó aqui não tem nenhum Ramirez não, entendeu, mas você consegue falar com as pessoas, consegue a partir dali. Isso tudo, eu não vou dizer que isso aí é uma coisa que a rádio, que a Emissora Continental enfiou dentro de mim, mas o espírito é. E esse espírito foi difícil o Rio de Janeiro se livrar dele, a rádio foi morrendo, morrendo, porque rádio morre devagar, ela não tem assim um colapso, ela morre devagar, ela vai, vai, vai, até que se esqueçam dela. E a Continental deixou uma chispa de emoção no Rio de Janeiro, até hoje os velhos do Rio de Janeiro, você tem várias... hoje por exemplo, ninguém me conhece, mas eu não podia andar na rua na época da Emissora Continental, era fantástico. Hoje posso ir em qualquer lugar que ninguém sabe quem eu sou, velho chato (?), mas naquele tempo era um negócio (?) porque aquilo luzia, entendeu, aquilo... Cada um da emissora Continental tinha luz, tinha um troço na testa, eu sou da Continental. Então perdurou durante muito tempo o negócio da “a que está em todas”, que era um outro slogan, está em todas, está em todas porque, pá, pá e pá, está em todo lugar. Perdurou-se esse espírito que os jornais perderam, que as televisões destroçaram. Olha, era espírito que o Fla-Flu tinha, hoje você se emociona mais com a Cabocla [novela que estava sendo exibida pela Globo na época] do que qualquer coisa que se fizer, até com o Jornal Nacional. E olha que o jornal Nacional melhorou tremendamente, mas continua sendo um casal bonito, uma voz bonita, ao meio-dia e oito, outro às 8 da noite, eu continuo a buscar com a pinça os horrores de um jornal da (?). ... a gasolina do Golfo Pérsico, os incêndios estão acabando com os poços de petróleo... Em Amsterdã no mercado paralelo o barril de petróleo subiu pra tanto... Pode esperar que a última notícia vai ser o aumento da gasolina (os dois juntos) aqui no Brasil. A ideologia da notícia é então costurada. E hoje, eu cheguei de Friburgo e a CBN né, então eu tava ouvindo um negócio fantástico que era, como era, como que era que a moça tava dizendo? Era, dando um panorama na economia no mundo, aconteceu isso e tal, tal, tal, eu tava deitado e disse assim: ela vai dizer que no Brasil o dólar subiu, que a bolsa caiu, e ela vai dizer que a queda do Brasil no negócio lá dos caras que fazem sindicância sobre a situação, vai dizer que vai perder, até gozado é porque não há uma explicação para o Chile subir e o Brasil cair. E eu acho que isso aí não havia no tempo da Emissora Continental. Ninguém era teleguiado do Palocci, do não sei o que... Todos eram ali pessoas que estavam procurando informação, ainda que informação mal organizada, porque a gente não sabia muita coisa de economia, não sabíamos muita coisa. Nós sabíamos mais política, mais coisas ideológicas, porque nós éramos animais na época altamente ideológicos, altamente. A primeira coisa na faculdade que a gente era obrigado era a ler O Capital e então a gente tinha sido formado nessa época, nessa idéia. Então você vai pra uma rádio (?) e você vai com esse espírito, de fiscal ideológico do país, de patrulheiro como eles chamam aí, perdão [bate a mão no microfone], de patrulheiro como eles chamam aí, que eu achava extremamente válido, é um negócio meio maluco mas na minha cabeça era se o fulano não está patrioticamente entendendo esse assunto, então fora com ele, entendeu. Não tem tempo, o Brasil não tem tempo pra uma porção de coisas. Mas, sei lá, meu amor, era isso que eu tinha pra te informar.

Flávia: A relação, o senhor poderia falar um pouquinho mais da relação da Continental com a Metropolitana? A Metropolitana era dos Berardo também...

Teixeira Heizer: Também.

Flávia: Aí, como que ficou isso?

Teixeira Heizer: A Metropolitana passou, como a Continental não tinha espaço, ela passou a ser uma estação adjacente. Então os programas políticos eram mais na Metropolitana, é, , a Metropolitana tinha, era classuda, era uma estação classuda. Então os programas eram todos assim: [muda o tom de voz como se estivesse gravando uma vinheta] “Vitrine musical Mesbla”, eram umas músicas boas, [de novo, imposta a voz] “Varig, a Dona da Noite”, era um negócio de músicas. E tinha três ou quatro programas eminentemente populares, e um deles o do Chacrinha, que na época não tinha nada, o Chacrinha só tinha panelas, só tinha essas coisas. Então a mania dele era dizer assim: está passando por aqui o Teixeira Heizer com uma louraça, não sei o que. Eu não estava passando com mulher nenhuma, eu chegava em casa e levava um puta de um esporro.

Flávia: risos

Teixeira Heizer: Então ele tinha essas coisas, então era o Chacrinha. Tinha o noticiário, a reportagem quando não cabia na Continental, porque ela ocupava muito de futebol, jogos, ela irradiava desde juvenil até...

Flávia: Inclusive não só jogos, ela trabalhava com todos os esportes, não era isso?

Teixeira Heizer: Como todos os esportes, basquete, vôlei, natação, tudo que você possa imaginar, então ocupava muito espaço. Então a Metropolitana era a estação de apoio, mais para o noticiário e a reportagem. E tinha programas políticos, programas políticos. Um deles que eu me lembro bem, do Elói Dutra, que era vice, foi vice-governador, era um homem elegante, muito elegante, a mulher dele era a Yara Vargas, e ele tinha um certo domínio sobre a Caixa Econômica. Naquele tempo eram os czares com seus feudos. Ele era assim, ele combatia o Lacerda, e ele fazia, tinha uma voz parecida com a do Lacerda. Ele ia pra lá, tinha uma porção de assessores, o Paulo César Ferreira era assessor dele, tinha secretários. E tinha duas pessoas lá que eu amava, e que eu as vejo hoje, até essa semana eu recebi um livro sobre o Jornal Nacional, eu tava, eu tava, e eu me senti um pouco confortado, aparece um foto porque eu fui o primeiro jornalista a falar, no, no, não no Jornal Nacional, mas no Jornal Tele Globo, que antecedeu o Jornal Nacional [fala com o garçom] com essa atriz judia... esqueci o nome dela, e com o Hilton Gomes. E aí eu tava vendo aquilo ali e tava me lembrando o seguinte: que era um tempo em que a gente tinha um certo reino do jornalismo, a gente, nós vivemos coisas assim, como eu sabia apurar, como eu sabia escrever, nãñã, então ele tem feudo dele, tem a coisa assim. E tudo, eu te juro que até hoje tudo o que eu aprendi foi nessa Emissora Continental. Foi ali que, os Berardos me mandaram para os Estados Unidos para ver televisão lá, fazer curso lá. Eu ficava era num hotel vendo televisão, igual a uma pessoa qualquer, não aprendi nada. É, depois a Globo me mandou pra Roma, não aprendi nada. Aprendi, o que eu aprendi, o que eu botei em prática, foram sempre as coisas rudimentares da Continental. E não tô vendo muita coisa aí diferente não, entendeu. Tô achando até que em razão do maquinário ser hoje o ponto tecnológico de tudo, tudo depende da tecnologia, acho até que se perdeu muito.

Flávia: Se acomodou muito.

Teixeira Heizer: É. A televisão se tornou muito negócio de imagem, muito... O mais importante da televisão hoje é quando na novela a autora consegue colocar o tema do momento. É melhor que todo o Jornal nacional, porque o Jornal Nacional hoje está sob a suspeita de que aquilo ali é tão bem feito que vai te trazer alguma coisa que não é o que você tem que receber. Então os diretores de novela, os autores aliás, eles estão conseguindo colocar muito mais coisas, porque esse país precisa saber das coisas, ideologicamente falando. Não é o T.E.R. que tem que dizer pra escolher o candidato não, a pessoa tem que saber, isso aí é um aprendizado político. Não sei se eu estou falando besteira, se te interessa, mas a verdade é que, o que tô querendo dizer é que essa passagem pela Globo, por exemplo, ela, cada vez que eu me sentava ali, eu sentava como nos meus tempos de Continental. É o que eu chamo de estado d'alma. É uma coisa assim muito bonita.

Flávia: O senhor poderia detalhar um pouquinho mais, se houver detalhes mais a serem ditos, sobre essa ralação da equipe de esporte, como que ela era aproveitada pelo jornalismo da Continental. Em que momentos... ?

Teixeira Heizer: Eram em grandes momentos: incêndios, queda de elevador, (?). A equipe entrava não era para superar a equipe de jornalismo.

Flávia: Era pra se somar...

Teixeira Heizer: é. Carnaval. No Carnaval a equipe da Continental de Esportes ela tinha um comportamento excepcional. Não sei se é porque o homem de esportes ele é, ele é muito, ele é muito ligado a essas coisas mais, mais leves, esporte é esporte, carnaval é carnaval. Mas havia coisas gozadas, por exemplo, eu me lembro de uma transmissão, antigamente não tinha Sambódromo, não tinha... eram grandes, grandes, escolas que se chamavam, eu esqueci o nome (?) e aqueles grandes blocos, e sempre havia um tema. E houve uma vez que o Cozzi tava comandando e então um locutor da área de jornalismo, eu não me lembro quem era que dava a partida na praça Mauá e começou a contar a história da Cleópatra. Eu estava em um dos postos e comecei a ficar apavorado porque a pessoa não era Cleópatra, era Helena de Tróia. (risos). E acho que o segundo, o seguinte era eu, ou o

terceiro e eu comecei a ter dores de barriga, porque eu tô vendo que a mulher era a Helena de Tróia, tava lá o clássico Cavalo de Tróia e o sujeito falando sobre a Cleópatra. Ele tinha texto, nós tínhamos os textos que nós preparávamos. Mas ele na hora se confundiu, partiu praquilo ali, eu entrei em pânico, aí eu me lembro que quando ele me passou e eu não entrei, quem entrou foi o Cozzi, que era o chefe geral, ele começou assim, ele deu uma ajeitada, ele disse assim: de Cleópatra para Helena de Tróia, a bela Helena, tão Bela quando a Cleópatra. Ele fez uma coisa muito bonita, isso era uma integração. É claro que toda vez que entrava a equipe de esportes ela não se superpunha, mas ela se diferenciava.

Flávia: Talvez se sobressaísse.

Teixeira Heizer: Até pela facilidade que as pessoas tinham.

Flávia: E o contrário, havia?

Teixeira Heizer: Não.

Flávia: Por exemplo, o jornalismo fazer alguma coisa no esporte?

Teixeira Heizer: Não, o jornalismo tinha antes de toda a.... Entrava, eles entravam com acidentes, com essas coisas toda que havia...

Flávia: No esporte? Na transmissão?

Teixeira Heizer: No jogo. No jogo. Eles entravam só que era numa respirada. E atenção, atenção... Alô Cozzi, atenção, atenção, na avenida Brasil um choque de automóveis, lálálá pá. E só depois é que aquilo seria apurado e discutido. É, é, é, no, no jornalismo nesse caso, tinha casos também que eles entravam, o Dalwan Lima tinha um programa de esportes, não de esportes, agregado ao, a transmissão de esportes. Quando nós fomos para a Globo, por exemplo, eu mudei, a Globo era a estação que tinha matado Getúlio Vargas. Então a estação tipo (?) e, era a quarta colocada no Ibope. Tinha um programa de música erudita antes do jogo de futebol. Você imagina que loucura, né? O pobre do Valdir Amaral quando entrava no Maracanã já entrava perdido né.

Flávia: Entrava sozinho. (risos)

Teixeira Heizer: A primeira coisa que nós fizemos foi trocar aquilo tudo, botar assuntos, e o Dalvan Lima apresentava, e eu me lembrei da Continental onde ele apresentava um negócio chamado “Aperitivo esportivo Damil(?)”, em que ele contava a cidade do Estado: [imposta a voz] “Faz calor de 35 graus em São Cristóvão, no alto da Tijuca o frescor da tarde”, etc, então ele entrava dando, não no jogo, porque no jogo não era possível, tá narrando uma coisa que tá, mas ele entrava com aquilo ali. E o jornalismo rodeava muito as transmissões esportivas. Quando terminava o jogo o Cozzi chamava o jornalismo, essas coisas todas assim. Havia uma integração, muito bonita. E havia, é, havia, do jornalismo um certo respeito ao pessoal do esporte. Eu tô falando isso porque eu era da Rádio, não era especificamente de um grupo ou de outro. Eu tinha muitos cuidados em relação ao Jornal Falado, ao Jornal de hora em hora, porque esse aí durante certo tempo passava pela minha mão. Antes de ir para o locutor. Não pense que eu era alguma coisa não, não era nada de importante não. Mas era uma pessoa que tinha uma formação eminentemente jornalística e que o Cozzi, o Cozzi nem era mais, era o Valdir, o Valdir mandava passar pela minha mão pra evitar a grosseria do erro. O que mais machuca, porque o rádio não tem copydesk, o rádio você colocou no ar, acabou-se.

Flávia: Eu costume dizer que é uma pedra no vidro.

Teixeira Heizer: A televisão você tá lá, tem videotape, você grava, você modifica, etc, no jornal você tem copydesk. No rádio não, você jogou, então é, ele é meio bombardeador, o rádio é um troço bombardeador. Se ele der que o, que o barco naufragou e que morreu tantas pessoas (?).

Flávia: O Gagliano Neto saiu quando da Rádio, o senhor sabe?

Teixeira Heizer: Olha, eu tenho impressão que foi uns 2 anos antes de eu entrar. Eu entrei em 54.

Flávia: Em 52 mais ou menos.

Teixeira Heizer: É, em 52 mais ou menos. E, e, é, agora presta atenção, se você vem me perguntar assim como é que um locutor esportivo? É que os locutores esportivos eles tinham na época, os grandes locutores, eles tinham um certo domínio. O Oduvaldo Cozzi dirigiu a Rádio Nacional quando tinha, a Rádio Nacional era a maior rádio que havia no Rádio do Brasil.

Flávia: O Oduvaldo Cozzi entrou no lugar do Gagliano, ou não?

Teixeira Heizer: Foi, entrou na Continental no lugar do Gagliano.

Flávia: Depois o Valdir entrou no lugar do Cozzi?

Teixeira Heizer: É, o Valdir entrou no lugar do Cozzi. Valdir, no meu entendimento, foi o rei do Rádio. Ele tinha o gosto popular, ele aprendeu uma coisa incrível que foi a valorização do aposto, do continuado, da oração intercalada. Ele tinha, ele entendia que ninguém consegue captar uma frase longa, perde o princípio né. Então ele preferia perder um lance do que perder o entendimento. Então ele dizia assim: “Vai correndo escurinho, vírgula, é o boca negra de Minas, vírgula, está à esquerda do gramado”. Ele está dando, você vê um negro correndo, boca negra, está correndo, ele está à esquerda do gramado. Aí ele diz: cruzou, confusão na área. Você vê as pernas se entrelaçando assim, a cabeça, batendo na cabeça e tal, quer dizer, ele era um homem com uma visão acima, de imagem, porque o Rádio tinha que ser visto, o rádio não tinha que ser ouvido só, ele tinha que ser visto. As novelas da rádio Nacional elas eram coisas fantásticas, elas eram [para de falar para dar atenção para uma pessoa que chega, desligo o MD e na volta, Heizer está me contando a respeito da pessoa com quem conversava e também me fala que perdeu um filho – câncer – duas semanas antes].

Teixeira Heizer: Não havia rivalidade, eram pessoas civilizadas. O pessoal do jornalismo não era inferior, mas sabia que a prioridade da estação era o esporte, a prioridade 1 era esporte, então eles sabiam disso, e mesmo assim, o que lhes era oferecido em termos de espaço era um negócio fantástico, tanto era assim que uma estação, uma estação de apoio foi criada né ... [chega a esposa de Teixeira Heizer e ele encerra a entrevista]

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM JORGE SAMPAIO

APÊNDICE F – ENTREVISTA DE JORGE SAMPAIO

Flávia: Perfeito.

Jorge Sampaio: Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

Flávia: Ótimo. (risos)

Jorge Sampaio: Tá bom?

Flávia: Melhor impossível. Pode falar normalmente, esse é um, é um... é pequenininho mas ele grava muito bem.

Jorge Sampaio: É eficiente, não é.

Flávia: É ele tem uma ... Então, eh, senhor Jorge, como eu comentei com o senhor pelo telefone, eu estou fazendo o meu mestrado em que eu estou pesquisando sobre a rádio Continental e mais especificamente sobre o tipo de jornalismo que era feito lá, com os Comandos Continental, e quem me indicou o seu nome foi o senhor Ary Vizeu e o filho dele, o Carlos Alberto ...

Jorge Sampaio: Ah Carlos Alberto Vizeu e Ary Vizeu, ambos são meus amigos ...

Flávia: Gente muito boa, eu fiquei, nossa ...

Jorge Sampaio: Muito boa, excelente, eu sou suspeito pra falar porque eu gosto muito deles.

Flávia: O nome completo do senhor?

Jorge Sampaio: O meu nome completo é Jorge Barcellos, com dois eles, Sampaio. Havia nessa época aqui no Rio de Janeiro um locutor que era animador da Rádio Nacional chamado Manoel Barcelos, eu era um jovem de 20 anos e ele já um senhor, aí eu dizia eu não adotei o meu nome Jorge Barcellos pra não, pra chatear ele eu dizia isso, porque iam perguntar se eu era filho, teu filho (risos dos dois), ele ficava...

Flávia: O senhor nasceu aqui no rio mesmo?

Jorge Sampaio: Eu sou carioca, nasci em 1º de maio de 1930.

Flávia: Eu queria que o senhor me contasse, o senhor começou a trabalhar em rádio na Continental ou antes já trabalhava?

Jorge Sampaio: Não eu tentei outras emissoras e fui trabalhar na rádio, ah, na Rádio Mauá, que era uma rádio do Ministério do Trabalho, que era no, onde era o ministério, onde é, era o Ministério do Trabalho aqui na cidade.

Flávia: O senhor se lembra em que o senhor começou?

Jorge Sampaio: Eu comecei com 19 anos, portanto, em 1949.

Flávia: E aí como é que? O senhor ficou até chegar na Continental?

Jorge Sampaio: Não, não, não...

Flávia: Me conta essa trajetória até a Continental.

Jorge Sampaio: Eu fiquei lá pouco tempo, eu fiquei pouco tempo porque me deram pra fazer, eu trabalhei lá um mês, porque me escalaram pra fazer a “Hora do Trabalhador” que era às cinco da manhã, eu morava nessa época com os meus pais, em Marechal Hermes, um subúrbio longínquo do Rio de Janeiro então acontecia o seguinte, eu pra chegar na rádio às cinco da manhã, eu tinha de sair de casa às três, era impossível

Flávia: Impossível, muito cedo...

Jorge Sampaio: Então eu trabalhei na rádio só, não chegou a um mês. Então eu trabalhei e saí e nem recebi aquele dinheiro. Não quis, não fui buscar dinheiro. E fiquei tentando, em todas elas eu fiz teste, sempre era aprovado mas nunca chamado, até que um dia, audaciosamente, eu passei pela rádio Continental. Eu não sei se já te contaram isso: A rádio Continental era uma concessão que era dado

pelo Serviço Técnico de Rádio, Comissão Técnica de Rádio, que chamava antigamente, e, era uma concessão de Niterói, então, em Niterói, você, como é até hoje, você pode ter um estúdio, em Caxias e ter outro na cidade do Rio de Janeiro, então para ludibriar a lei, já naquela época, então a rádio era de Niterói, e tinha um estúdio de, de jornalismo no Rio de Janeiro.

Flávia: No estúdio de Niterói era transmitido alguma coisa?

Jorge Sampaio: Era, era transmitido os anúncios, entre os quais locutores que lia anúncios estava o Silvio Santos...

Flávia: É, isso o senhor Paulo Caringi me contou também ...

Jorge Sampaio: Tava o Silvio Santos. Silvio Santos, tava o? Quem mais, eu vou lembrando os nomes e vou te dizendo, porque já faz tanto tempo...

Flávia: O que? Foi ontem (risos)

Jorge Sampaio: É, dizem que a gente deita moço e acorda velho. Eu se fosse, se tivesse que fazer um texto, teria como epígrafe, eu diria que o tempo é o senhor da razão. Então o rádio, a rádio Continental aqui no Rio de Janeiro ela transmitia notícia, que era a capital da República e a parte comercial saía de Niterói.

Flávia: Os discos, quando tinha música, era de lá ou de cá?

Jorge Sampaio: De lá, de Niterói...

Flávia: Então música e anúncio de Niterói.

Jorge Sampaio: De Niterói.

Flávia: Jornalismo daqui.

Jorge Sampaio: Jornalismo daqui.

Flávia: Perfeito. E o senhor entrou na rádio em que ano, o senhor se lembra?

Jorge Sampaio: Eu entrei em 1950.

Flávia: O senhor estava me contando, teve uma audácia, entrou lá ...

Jorge Sampaio: Eu cheguei, procurei, tinha passado em todos os concursos e queria, eu me casei muito cedo e eu já estava casado, então eu fui lá, encontrei com um diretor, o Edimar Machado, senhor Edimar Machado, que tinha sido diretor da Rádio Mayrink Veiga, eu cheguei e disse que eu **já** era locutor. E eu não era realmente, eu tinha uma experiência rapidíssima na Rádio Mauá. Ele pediu que eu lesse um texto, eu li. Fui feliz, ele gostou e disse pra mim às 10 horas tem um jornal, você vai ler o jornal

Flávia: Naquele mesmo dia?

Jorge Sampaio: Naquele mesmo dia. Eu tremia que nem uma vara verde. Apanhei o jornal, guardei, e quando, e cheguei vi um rapaz escrevendo o jornal e disse a ele: a proporção que você for escrevendo você me dê que eu vou ler, às 10 horas, sou eu que vou ler. E ele foi fazendo, esse rapaz depois veio a ser o presidente do sindicato dos Jornalistas, Carlos Moraes(?) Machado, ele veio a ser presidente, e ficamos amigos. Às 10 horas eu fui pro microfone, li o jornal bem e fiquei contratado. E tinha na rádio um casal, casados, chamado Carlos Palut e Alba Regina. Eles tinham um programa chamado “Copacabana Clube” que ia à tarde, parece que três ou quatro horas e eu lia o jornal dentro do programa deles. E, aí nesse ínterim, aconteceu o seguinte, nós consolidamos uma amizade, mas o Palut não es..., ele era irrequieto, um rapaz de muito talento, irrequieto, a mulher era muito calma, mas ele irrequieto, e ele fazia o programa, ela dava aquele negócio de doce, receita de bolo, era um programa tipicamente feminino e ele não, ele era agitado, ele tinha que por aquilo pra fora, até que um dia ele conseguiu e conseguimos como? Conseguimos, ele conseguiu, a idéia foi dele, em 1951, nós fizemos a primeira transmissão de carnaval do Rio de Janeiro. 1951.

Flávia: Como é que foi essa transmissão?

Jorge Sampaio: Essa transmissão foi uma transmissão, se nós usarmos o termo, era foi uma transmissão empírica, porque nós não tínhamos experiência nem material pra isso, material técnico. Antigamente você com um telefone você conseguia falar, e hoje também, conseguia transmitir pra qualquer lugar. Então o Palut pediu à rádio Continental que instalasse uma linha telefônica e a rádio Continental pediu à Companhia Telefônica Brasileira, que na época se chamava, uma linha telefônica na Cinelândia e dali nós fazíamos a transmissão das escolas de samba, etc, porque primeiramente o desfile era na avenida Rio Branco, depois passou pra presidente Vargas, depois pra praça 11, aliás, primeiro foi a praça 11, mas aí não era nosso tempo, e depois é que veio o Sambódromo, com o Leonel Brizola, foi isso.

Flávia: Era um posto só? Porque depois eu já vi que ele começou espalhar postos por todo o Rio de Janeiro...

Jorge Sampaio: Isso devido ao sucesso

Flávia: Mas esse primeiro foi só na Cinelândia?

Jorge Sampaio: Foi só na Cinelândia.

Flávia: E um posto só?

Jorge Sampaio: Um posto só.

Flávia: Alguém ficava no estúdio pra ajudar? Como é que era um no posto, um estúdio?

Jorge Sampaio: Um no posto. Às vezes eu ficava no estúdio porque era tão pertinho que nós íamos a pé. Então podia ficar alguém no posto transmitindo e um outro no estúdio, íamos à pé da Cinelândia, com edifício avenida Central. A rádio Continental depois mudou-se dali da avenida Rio Branco para a rua do Riachuelo número 48, que o prédio está lá até hoje. É um prédio do INPS, está abandonado, já foi invadido várias vezes por pessoas desabrigadas, mas era rua do Riachuelo número 48. Hoje eu passei lá, hoje não, hoje é modo de dizer, há alguns dias, o número mudou é 43, mas o número original era 48.

Flávia: E nessa primeira cobertura, essa de 51, vocês ficaram o carnaval inteiro ou não, era só flashes?

Jorge Sampaio: Ficamos o carnaval inteiro.

Flávia: Durante todos os dias de carnaval sem parar?

Jorge Sampaio: Ficamos sem parar.

Flávia: Em quantas pessoas, o senhor se lembra?

Jorge Sampaio: Lembro. Era Carlos Palut, Alba Regina, já falecidos, tinha o Afonso Soares, tá aposentado, era da Rádio Globo, aposentou-se na Rádio Globo, eu, quem mais? Dawan Lima, também falecido (pausa para lembrar), e daí, parece, eu tenho uma leve, que Manoel Jorge também participou, ele fazia a parte de cinema. Era o comentarista, era o jornalista que fazia o comentário sobre cinema. Mas os principais eram esses: Carlos Palut, Afonso Soares, Jorge Sampaio, nós começamos esse trabalho que aí está.

Flávia: E essa idéia foi do Palut?

Jorge Sampaio: Foi, foi dele.

Flávia: O senhor se recorda como é que foi?

Jorge Sampaio: Recordo muito bem....

Flávia: O senhor poderia me contar

Jorge Sampaio: Ele era um sujeito extraordinário, criativo, cheio de invenção, ele criava, ele realmente criava, e, e a Continental para que você tenha uma idéia, há o seguinte, a Rádio Nacional ela era absoluta na época, então a Rádio Nacional era líder de audiência. A Continental estava lá no fim, na rabeira, depois que o Palut criou, a rádio Continental não ficou líder porque ela era uma emissora de potência pequena, mas ficou numa posição de destaque e à proporção que o tempo foi passando a

Continental subiu, a ponto de todo mundo ouvir a Continental, ela teve uma audiência extraordinária, elegeu o dono da estação, chamado Rubens Berardo, ele foi eleito vice-governador, deputado federal, e foi por aó, e tem uma praça na Gávea chamada Praça Vice Governador Rubens Berardo.

Flávia: Nessa época, ainda no carnaval de 51, o Gagliano Neto ainda estava na emissora?

Jorge Sampaio: Tava.

Flávia: Foi ele quem pensou essa programação do esporte e da informação?

Jorge Sampaio: Isso, foi, exato.

Flávia: Ele teve alguma participação nessa idéia?

Jorge Sampaio: Não.

Flávia: Foi uma idéia só do Palut?

Jorge Sampaio: Foi idéia só do Palut. Pelo contrário, o Palut ainda teve que convencê-lo porque ele era o diretor geral. Então o Palut teve que convencê-lo. Então nós ali jogamos tudo. Graças a Deus deu certo.

Flávia: Até aí, porque a rádio é de 48 certo? E aí, isso foi em 51, como é que era a programação da Continental, o senhor se lembra?

Jorge Sampaio: A programação da Continental? Me lembro. Tinha um programa chamado Boate dos 1001, que era a frequência, por exemplo, a frequência, era feito por mim, de madrugada, de 11 da noite à uma da manhã, porque as rádios dessa época fechavam à uma hora da manhã. Então era André Kostelanetz, as grandes orquestras da época, “Boate” era o programa, era música, vamos ouvir, acabaram de ouvir o rádio era, se resumia nisso.

Flávia: Então nesse começo ela tinha um pouco desse entretenimento que as outras grandes rádio, a Mayrink, a Nacional tinha, com esse tipo de programa?

Jorge Sampaio: Tinha, tinha.

Flávia: O senhor se lembra de mais outros tipos de programas, exemplos assim que o senhor poderia tá ...

Jorge Sampaio: Tinha um programa do Manoel Jorge que era de cinema, que apresentava as músicas daquela época, as grandes músicas de cinema daquela época, era uma rádio comum, porque o rádio era chatêrremo, sobretudo nos dias de santo, só tocava música sacra, ora o povo brasileiro ouvindo música sacra, então por exemplo, dia, dia 2 de novembro, dia dos mortos, só tocava música sacra e depois que nós começamos a fazer reportagem ele evoluiu e passou a tocar tudo e notícia. Dia 2 de novembro era um dia horrível, ninguém ouvia rádio dia 2 de novembro porque só tocava música sacra e o **dia inteiro**, o povo, ora, o Rio de Janeiro ouvir música sacra. Eu não sou contra, mas um determinado tempo, o dia todo ninguém agüenta. E o rádio foi feito assim, assim começou a movimentação no rádio e se deve essa movimentação de notícia ao Carlos Palut e meia dúzia de amigos, colegas que achavam a idéia boa e embarcaram com ele nessa canoa, graças a Deus não foi uma canoa furada...

Flávia: Muito pelo contrário.

Jorge Sampaio:...porque até hoje ela aí está e hoje a televisão faz o que o rádio fazia antigamente...

Flávia: Só pra, só mais um ponto antes da gente entrar realmente na reportagem. Está sendo riquíssimo o seu depoimento. O esporte já existia?

Jorge Sampaio: Já existia o esporte.

Flávia: E o que era feito, como era feito o esporte até 51, quando começou ...

Jorge Sampaio: Ah o esporte tinha o seu horário de notícias, a principal vedete, o principal locutor era o Oduvaldo Cozzi, o Oduvaldo Cozzi tinha uma voz belíssima e um improviso muito bom e ele tinha os horários do noticiário do Vasco, do Flamengo (...) o rádio era isso, até que veio a notícia ...

Flávia: Mas, só futebol? Era só futebol?

Jorge Sampaio: Principalmente, 99 % era futebol.

Flávia: Transmissões também, além do noticiário, transmissões de jogos?

Jorge Sampaio: Transmissões também, 99%.

Flávia: Então aí a gente pára um pouquinho mais na transmissão de carnaval de 51. Foi a partir daí que o Palut teve a idéia de fazer as reportagens na rua, dinâmica?

Jorge Sampaio: Foi. Eu por exemplo fui fazer, a Continental deu o, fez um gol, que nós chamamos um gol de letra, pelo seguinte, porque depois de 1951 a notícia passou a ser a vedete do rádio, e essa vedete cada vez mais subia, a ponto da Continental comprar quatro caminhonete Dodge, é, e, é, “os Comandos Continental usam carro Dodge porque não podem parar nem falhar. Dodge”. Era um carro azul com letras amarelas, com um microfone dentro do, com aparelhagem e nós íamos fazer, logo em seguida houve uma greve dos comerciários, eu por exemplo fui designado pra fazer uma reportagem na antiga “Exposição”, que era um *magazen* de roupas, com as moças que trabalhavam lá e eu parei o carro da Continental na avenida Rio Branco, esquina de São José, onde é hoje o edifício Avenida Central, pra entrevistar as moças que trabalhavam na “Exposição”, e eu fiquei, quando eu vi eu tava cercado, a multidão ouvindo eu entrevistar a moça, e elas: ah nós ganhamos pouco, não sei o que, aquela reivindicação que todo mundo conhece. E a Continental passou a ter um prestígio muito grande, quando queria se ouvir alguma notícia, inegavelmente se botava aonde? Na Continental. Porque a Continental ia até o fato, onde ele acontecesse estava um repórter presente, daí surgiu, não sei quem, lá no auge, no entusiasmo da reportagem, criou o seguinte slogan “A que está em todas”, e a Continental estava em todas, era sempre um locutor, um locutor não, um repórter com um microfone, eu estou, por exemplo, eu estou aqui na praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, onde acaba de ocorrer um incêndio, na rua tal, número tal, como é que, como é que a Continental sabia disso? Então a Continental passou a gratificar as pessoas que trabalhavam como telefonista. Por exemplo: corpo de bombeiro, Palut ia, por exemplo comigo, ou com outro qualquer, chegava lá e dizia, quem são os soldados que fazem o trabalho de telefonista? Ai o cara, ah é ele, é fulano, fulano, fulano. Palut chegava, eu não posso chamar isso de suborno, e evidentemente não é, dizia: escuta você podia nos dar, ligar pra esse número quando houvesse uma saída? Então o soldado ao chamar o carro pra combater o fogo, também ligava pra Continental. Muitas vezes nos chegávamos na frente dos bombeiros, quer dizer estávamos em todas, quando chegava lá estava a Continental e assim ela viveu muitos anos. Por uma série de motivos, ela infelizmente não continuou, o que eu lamento profundamente, foi a minha grande escola, porque depois, mais tarde, eu vim a trabalhar em jornal, tudo com a experiência adquirida na Continental e pra mim foi um negócio extraordinário e pros outros também, passamos a ser conhecidos e Palut tinha sempre um improviso muito bom, e eu não me pejo de dizer, eu digo, ele me deu muita aula, muita lição. Agora éramos muito jovens, havia impetuosidade e aonde há impetuosidade ocorre erro, ocorrem erros, então nós erramos muitas vezes, e nós tínhamos uma, não digo censora, mas uma conselheira extraordinária, chamada Yolanda Palut Vizeu, que era a esposa do Vizeu...

Flávia: Senhor Ary.

Jorge Sampaio: Do Ary Vizeu. Então ela chamava atenção nossa.

Flávia: E o que que ela dizia?

Jorge Sampaio: Ela dizia pro irmão, que era o Carlos Palut e pra mim porque eu vivia com eles, sempre estávamos juntos, “vocês estão maluco?” Ela chamava a atenção da gente, como se fosse mãe da gente, e nós ficávamos calado, Palut fazia sinal pra mim calar a boca, eu não respondia, é que eu gostava dela, ela era uma senhora extraordinária. E o Palut: “o que é isso Yolanda?” Ele tinha intimidade, ele era irmão. Ela dizia: “vocês estão malucos, então isso é coisa que se diga?” Porque nós éramos indiscretos, éramos, fazíamos tudo. Isso nos, nos trouxe popularidade, mas também nos trouxe algumas inimizades, essa é que é a verdade.

Flávia: O senhor falou que o Palut deu muitas orientações pro senhor.

Jorge Sampaio: Deu.

Flávia: O que ele se preocupava pra fazer a reportagem. Que orientações que eram essas, qual era a preocupação básica dele?

Jorge Sampaio: A verdade! Ele não admitia que a gente, naquele entusiasmo floresse a notícia, desse uma cobertura à notícia que não fosse a verdade. Nós dávamos uma cobertura dizendo a verdade, ele dizia: custe o que custar – a verdade. Eu quero a verdade. Se tá chovendo, tá chovendo, não tá chovendo, não tá chovendo. Ele tinha uma verdadeira mania, e ele tava certo, de dá a verdade, que nós não criássemos nada. Aqui está o senhor fulano, tá muito bem, tá vestido assim... Não, ele não queria saber disso, o senhor fulano de tal, isso assim, assim, entrevistava a pessoa ligada ao fato, isso era importante, aqui está o senhor Manoel da Silva, ele acaba, ele caiu do segundo andar, mas felizmente está bem, ele tá todo sujo, dizer a verdade, com o nosso compromisso era com a verdade, o que nos deu credibilidade.

Flávia: Com relação à linguagem, as palavras, havia...?

Jorge Sampaio: Ah, isso houve muito erro de concordância, houve erro de, enfim, os erros de pessoa que fala de improviso. Houve muito erro. O que os críticos aproveitavam para malhar, para criticar, às vezes uma coisa à toa, bobagem, que é natural que se erre quando se fala de improviso, ainda mais se fizer o texto longo. A gente não sabe como é que começou e como é que vai terminar. Ele chamava muita a atenção também pra isso, pra evitar que os críticos dissessem: ontem eu ouvi na Continental às tantas horas um repórter dizer isso assim, assim, erro de concordância, aproveitava pra dizer isso, era uma forma de denegrir o trabalho que estava sendo criado. Mas depois não, todos estudavam, todos tinham sido, alguns até se formaram e nós passamos a ter um linguajar muito melhor e isso eu, modéstia a parte, eu também cometi meus erros, é evidente, mas procurei corrigi-los. Estudei...

Flávia: O senhor se formou em ...?

Jorge Sampaio: Eu me formei pra que pudesse ter um linguajar melhor e a maneira de nós adquirirmos isso era através da leitura, lendo a gente consegue fazer um bom texto, através da leitura, e foi melhorando, melhorando, melhorando, até acabar, morreu de inanição, mas não por culpa nossa.

Flávia: O senhor falou, é, o texto longo ele propicia o erro. Havia uma preocupação em tentar fazer textos curtos, o senhor se lembra se havia essa conversa, essa orientação?

Jorge Sampaio: Já havia, eu por exemplo, aprendi a escrever pra televisão com um cidadão chamado Fernando Barbosa Lima, porque eu tinha vindo, também eu trabalhei no Diário de Notícias, e vinha com aquele texto antigo e quando cheguei na televisão encontrei o texto pequeno e eu muitas vezes chocava com o Fernando Barbosa Lima e eu aprendi isso, mas o Palut na época do texto: não façam texto longo porque vocês tem menos, tem possibilidade de errar, entende? O texto pequeno, o texto curto é muito melhor. Você consegue ir direto ao assunto sem erro. Desde que você faça um texto longo você tem possibilidade de errar, principalmente concordância, quem fala de improviso a concordância é incrível.

Flávia: O senhor falou também de alguns erros que infelizmente foram cometidos. A que erros o senhor está se referindo quando o senhor diz isso?

Jorge Sampaio: Tô me referindo a concordância.

Flávia: A concordância?

Jorge Sampaio: Exatamente, o principal erro era a concordância.

Flávia: Mas isso com relação ao texto, e com relação à reportagem como um todo?

Jorge Sampaio: Não, isso não. Isso de jeito nenhum. As reportagens eram verdadeiras, não tinha nada criado assim pra mexer com ninguém. Eu por exemplo ia passando no viaduto de Mangueira, quando dois trens da Central do Brasil se chocaram. Eu escutei o barulho, eu tava no ônibus e saltei do ônibus e fui ver. Foi uma carnificina e graças ao prestígio que nós tínhamos até o presidente da república foi lá. Na época era o Juscelino Kubitschek, e os radiorepórteres como éramos chamados tinham tanto prestígio que os presidentes, que o presidente Juscelino foi, o governador Ademar de Barros foi, o presidente do IAPC que era o Instituto que dava cobertura aos jornalistas, então nós convidávamos, toda semana ia uma grande autoridade almoçar, por coincidência, jantar, por coincidência nesta rua,

numa churrascaria chamada Parque Recreio, que é ali embaixo. Juscelino, Ademar, governadores iam, ministros, só e nós que estávamos presentes, era nosso convidado, nós fazíamos uma vaquinha e pagávamos o jantar do presidente da república, entende? Isso nos dava prestígio e dava prestígio à churrascaria. A churrascaria fazia um preço mais barato, enfim, era uma bola de neve.

Flávia: Me conta mais sobre esse acidente que o senhor ouviu, saltou do ônibus, o senhor foi o primeiro a chegar lá, um dos primeiros?

Jorge Sampaio: Fui o primeiro.

Flávia: E aí o que o senhor fez?

Jorge Sampaio: Eu vim, eu sabia, de frente era, é o morro da Mangueira até hoje, um lugar chamado “buraco quente”, só tinha **um** telefone. Eu sabia que só tinha um telefone, então eu fui lá no telefone, apanhei e botei no ar a reportagem: estou falando, acaba de ocorrer um grande acidente no Rio de Janeiro, dois trens acabam de se chocar, estavam na mesma linha, subia e o outro descia, eu, por exemplo, um negócio tétrico, fui até lá embaixo, desci no leito da estrada, peguei num braço, quando peguei num braço, o braço ficou na minha mão, uma coisa tétrica e nós, no rádio, falando em cima, todas as emissoras foram pra lá e coagimos o presidente da República, e ele acabou indo lá, pra ver o acidente, as proporções do acidente.

Flávia: E quando vocês começavam um tipo de transmissão como essa, aí só terminava quando, que hora que parava?

Jorge Sampaio: Ah nós fazíamos e ela não tinha hora pra acabar. Ia apurando, apurando, apurando a notícia e essa reportagem foi terminada no Instituto Médico Legal com a relação do nome das pessoas que haviam falecido. Era uma forma de encerrar.

Flávia: E aí, que nem, quando o acidente aconteceu, o senhor foi o primeiro, outros repórteres da Continental iam pra lá também?

Jorge Sampaio: Ah todos iam. Todos foram.

Flávia: Ai se espalhavam? Que nem um foi pro IML...?

Jorge Sampaio: Todos, todos, todos se espalhavam. Nós tínhamos uma boa escola, que era a escola do Palut, então o rádio brasileiro deve inegavelmente ao Carlos Palut essa criação, essa grande criação que foi a reportagem.

Flávia: E no estúdio sempre ficava alguém distribuindo? Era o Palut ou o Palut ia pra rua também?

Jorge Sampaio: Era o que nós chamávamos de pivô, ele ficava como pivô, ficava pra poder sustentar a passagem de um pra outro.

Flávia: E quem que costumava fazer isso?

Jorge Sampaio: Era um de nós mesmo.

Flávia: Tá, não tinha ninguém específico?

Jorge Sampaio: Não.

Flávia: Era quem tivesse lá?

Jorge Sampaio: Quem tivesse lá.

Flávia: O Palut ia muito pra rua também ou ele ficava mais no estúdio?

Jorge Sampaio: Não, ele era um líder **na rua**.

Flávia: Na rua...

Jorge Sampaio: Na rua ele era o líder. Ele realmente exercia liderança. Isso se deve, tudo isso a ele.

Flávia: E por exemplo, isso era quando acontecia um grande acidente, algo inesperado, e quando as coisas estavam normais, vamos dizer assim, como é que era a programação da rádio, sem esses eventos inesperados ...

Jorge Sampaio: Ah, o Rio de Janeiro tinha um problema muito sério que era a falta d'água. Então a gente via o bairro que estava faltando água, dávamos a notícia, bairro de Santa Tereza está sem água, as pessoas estão carregando água na, aí surgiu música, tudo isso, “lata d'água na cabeça”, entrevistava, nós tínhamos que encher o horário....

Flávia: Que horário que era pro jornalismo?

Jorge Sampaio: O horário era, de hora em hora tinha um jornal, e nós podíamos entrar sobretudo dentro do horário de hora em hora, mas entre uma hora e outra, nós também podíamos entrar desde que a notícia merecesse o destaque, do contrário não, nós entrávamos só no horário normal...

Flávia: Que era sempre na hora cheia?

Jorge Sampaio: Hora cheia.

Flávia: Por exemplo duas horas.

Jorge Sampaio: Duas horas, três horas...

Flávia: Ai ele durava até que horas?

Jorge Sampaio: Era, me parece, três ou quatro minutos de notícia.

Flávia: E aí também era entremeadado com o esporte. O esporte entrava na hora 15?

Jorge Sampaio: Exato, exato.

Flávia: Era o jornal na hora cheia ...

Jorge Sampaio: O jornal na hora cheia e o esporte no outro horário. É, geralmente aos 15 minutos.

Flávia: E no 30, o senhor lembra o que tinha? No hora 30?

Jorge Sampaio: No 30 não, não me lembro. Já não tinha mais importância porque a rádio era esporte e notícia, se nós demos a notícia e demos o esporte o resto acabava.

Flávia: E música? O senhor se recorda qual era a proporção de música em relação a informação?

Jorge Sampaio: Ah, muito pouco. Muito pouco. Música era pouco, a estação era muito falada. Tinha, a nossa matéria prima era a notícia, ou seja esportiva ou não, era a nossa matéria prima e como sempre, o Palut tinha inclusive um programa “Copacabana Clube” que ele fazia com a mulher dele, a Alba, ela tocava muita música brasileira, samba, o que tivesse na época, no horário. Foi um período muito bom, rico no rádio, muito rico.

Flávia: Como é que era a preparação disso tudo? Quando o fato é inesperado não tem como preparar, tá andando de ônibus, vê

Jorge Sampaio: Ah sim, nós fazíamos...

Flávia:... E como era essa preparação?

Jorge Sampaio: A preparação, o palut, por exemplo, chegava e oh: amanhã vai acontecer isso assim, assim, assim, tá nos jornais de hoje, nós fazíamos pelo jornal, íamos no lugar que ia acontecer o fato e ali a gente fazia a apuração, entende? Depois, no dia nós íamos lá e transmitíamos de lá. Por exemplo, vamos admitir: a escola de samba Estação Primeira de Mangueira vai desfilar com o enredo tal. Nós íamos na Estação Primeira sabíamos quem ia gravar a música, quem eram os autores, e sabíamos tudo, então na hora que a música ia ser lançada, tinha um repórter lá, sabia já tudo, transmitia de improviso, ele dizia, estamos aqui na escola de samba Estação Primeira da Mangueira vai lançar seu samba para o carnaval, o samba é de Fulano de Tal, Fulano de Tal, a letra é tal, lia a letra, até vir o cantor, que depois ficou o Jamelão, como é até hoje. Porque ele tá há quantos anos, parece que há 20 anos já cantando. E era assim que nós apurávamos.

Flávia: E tinha alguém específico que fazia essa apuração, ou todo mundo, por exemplo sobrava pra todo mundo, ou tinha pessoas que só apuravam, outros que só

Jorge Sampaio: Não, tinha pessoas que praticamente só apuravam, ele dava, ó fulano vai haver isso.

Flávia: Esse não entrava no ar, normalmente?

Jorge Sampaio: Não, geralmente ele não entrava no ar

Flávia: Era quem tava começando, quem queria uma chance?

Jorge Sampaio: Era quem tava começando, nós dávamos.

Flávia: Então, por exemplo, nesse caso ele ia lá, apurava, aí trazia as informações, o repórter que fosse entrar usava aquilo lá.

Jorge Sampaio: Isso.

Flávia: Muito bom. Eu vou só dar uma paradinha.... (para a gravação para trocar as pilhas do MD) (Não há tempo de religar o MD e senhor Jorge já começa a falar. Mais pra frente ele conta a história da missa de novo)

Jorge Sampaio:... a primeira missa.

Flávia: O senhor se lembra quando foi isso?

Jorge Sampaio: Eu não me lembro, a data exata eu não me lembro.

Flávia: Mais ou menos que ano...?

Jorge Sampaio: Foi em 1960 quando foi transferida pra Brasília a capital. E foi quem transmitiu, eu transmiti, mas não pela Continental, eu já transmiti pela Agência Nacional, pela Voz do Brasil, que também adotou o sistema da transmissão in loco...

Flávia: Que o Palut já tinha implantado.

Jorge Sampaio: Que já tinha implantado. Uma emissora particular.

Flávia: Esse estilo, além dessa emissora que o senhor está falando, as outras rádios, quando viram, quando a coisa começou a fazer sucesso, começaram a copiar?

Jorge Sampaio: Começaram. Começaram a copiar, mas não foi adiante porque todo mundo só acreditava na Continental porque foi o pioneirismo, foi a primeira, eles queriam fazer, imitar, mas não dava, primeiro que o Palut, geralmente, quando a reportagem estava caindo ele pegava o microfone no estúdio e ele ali do estúdio ele comandava e dava vida, no que ele dava vida, chama Fulano, chama Fulano, pelo ar. E agora falou Jorge Sampaio, Jorge, isso assim, assim. E eu dava, parecia que tinham vários postos e não eram, era um só, e ele no estúdio e nós na rua, o que não impedia que ele fosse pra rua. Eu hoje falo com dificuldade porque eu tive um derrame, um AVC, então a minha voz modificou por completo e esse AVC me dá essa dificuldade de pronúncia, e a gente lembra sempre com saudade desses momentos felizes né, sabe que criou alguma coisa, passou e criou alguma coisa, que ficou, que se hoje voltasse alguém a fazer eu tenho certeza que obteria ainda sucesso. Não é saudosismo não, porque o povo tem necessidade de ter notícia, informação, e o rádio hoje se limita ao jornal, um locutor lendo do estúdio e não se faz mais reportagem, quando você hoje pode fazer do Amazonas, Belém, Pará, Brasília, Belo Horizonte, enfim de qualquer lugar.

Flávia: Com um celular você está no ar, não é?

Jorge Sampaio: Está no ar. Não, as rádios, então eu digo, infelizmente o rádio não evoluiu, houve no rádio uma involução porque se o rádio continuasse como ele estava naquela época ele hoje estaria absoluto. Porque hoje a televisão consegue fazer, porque que o rádio não faz? O rádio então hoje está muito sub..., está com, de informação está paupérrimo, não é dizer que só as coisas antigas eram boas, de jeito nenhum, não fazem porque há o problema que se chama dinheiro, infelizmente, eles estão muito preocupados mais com o dinheiro do que com a notícia.

Flávia: Essa questão do dinheiro, como é que era na época?

Jorge Sampaio: Na época nós trabalhávamos até com o salário atrasado, essa é que a verdade, tal a gana que nós tínhamos, de luta, de vitória, nos trabalhávamos com o salário atrasado. Eu por exemplo, eu não tenho vergonha de dizer isso, muitas vezes eu e o Palut íamos à casa do Ary Vizeu, onde dona Yolanda estava lá, a esposa do Ary, e era hora do almoço, ela nos convidava para almoçar. Não muito

obrigado, aquilo tudo era, não queria realmente parar, aí palut almoçava eu almoçava, aí saíamos de lá, aí ela falava as coisas que estavam certas, estavam erradas, foi uma criatura admirável.

Flávia: A rádio então, ela chegou a ter um slogan 100% esporte ...

Jorge Sampaio: 100 % esportiva e informativa.

Flávia: Eram duas equipes diferentes que faziam esporte e informação?

Jorge Sampaio: Eram. Eram como é até hoje...

Flávia: Até hoje são divididas...

Jorge Sampaio: Até hoje quem faz esporte, faz esporte, quem faz informação, faz informação.

Flávia: Como é que era a relação entre as duas equipes?

Jorge Sampaio: Concorrentes. Eles do esporte achavam que o esporte tinha prioridade e nós achávamos, por outro lado, que nós é que tínhamos prioridade, era uma eterna briga, luta, mas uma briga saudável, nada de violência. Havia esse problema.

Flávia: E a briga era por verba ou por espaço?

Jorge Sampaio: Era por espaço, porque dinheiro ...(começa a rir)

Flávia: Não tinha... (risos dos dois)

Jorge Sampaio: Não tinha mesmo.

Flávia: Pra ninguém.

Jorge Sampaio: Pra ninguém. Quando se conseguia alguma coisa, era um milagre, porque não tinha também as grandes agências de publicidade como tem hoje, então era difícil, você tem uma verba, você vê pra conseguir os carros pra Continental, nós trocamos anúncio. Nós pagávamos, pagamos os carros com anúncio, “Os Comandos Continental usam carro Dodge porque não podem parar nem falhar”. “Dodge, a melhor marca”, e assim por diante.

Flávia: O senhor falou em quatro carros, os quatro foram pra rua?

Jorge Sampaio: Não, a estação era uma estação de família, família Berardo, dois carros, um foi pro esporte e o outro pra reportagem e os outros pra família.

Flávia: É duro né?

Jorge Sampaio: É duro, mas é a verdade.

Flávia: É a verdade. Havia ajuda, assim, havia uma troca de, uma cooperação entre a equipe do esporte e a equipe do jornalismo ou os dois trabalhos eram completamente distantes?

Jorge Sampaio: Completamente diferente, complementemente diferente. A nós não interessava se o Zizinho fez o gol ou não, porque o Zizinho era o astro da época, nós queríamos era outra notícia e vivia sempre em conflito, era isso que acontecia. (Ressaltar que eles estão falando de épocas diferentes. Heizer só entrou dois anos depois)

Flávia: Nos grandes acidentes que o senhor comentou que aí os repórteres iam todos pra fazer a grande cobertura. Aí o esporte entrava também ou nem nessa situação?

Jorge Sampaio: Nem aí entrava. Não entrava.

Flávia: Era uma equipe grande a de esporte também?

Jorge Sampaio: Era, muito grande e geralmente maior do a reportagem. Porque os diretores, ao contrário de hoje, que tiram dos clubes, tá nos jornais, todos eles, eles botavam dinheiro. Os diretores botavam dinheiro e pra ver seu nome na rádio, tudo isso, eles entravam com dinheiro, entende? Então o futebol por mais incrível que pareça, o esporte, tinha mais prestígio na rádio do que a notícia, em função do dinheiro.

Flávia: Das reportagens ao vivo, esses dos grandes acontecimentos, inesperados, elas eram repetidas depois, tinha algum jornal em que havia repetição de material que era gravado, porque tudo era ao vivo...?

Jorge Sampaio: Era ao vivo.

Flávia:... Isso era reaproveitado de alguma maneira?

Jorge Sampaio: Era, era.

Flávia: E como que era?

Jorge Sampaio: Havia os rolos de gravação, se tirava aquele trecho e colocava no ar, dava a notícia, nós estávamos fazendo a reportagem tal, em tal lugar assim, assim, quando apareceu o delegado tal e nos deu a seguinte informação. Ai colocava, é o que se chama hoje edição.

Flávia: Vocês já faziam isso?

Jorge Sampaio: Já fazíamos isso.

Flávia: E onde era aproveitado esse material? Em algum programa específico ou não?

Jorge Sampaio: Não nos jornais, nos jornais, nos jornais da rádio.

Flávia: Tinha algum de final de noite que tentava fazer uma ...

Jorge Sampaio: Tinha, tinha um jornal grande à noite.

Flávia: O senhor lembra a hora, a duração...?

Jorge Sampaio: Eu na Continental não me lembro a hora, mas na Tupi, depois eu sai pra Tupi pra poder ganhar um dinheirinho, era de 10 às 11 da noite.

Flávia: Mas na Continental também tinha isso?

Jorge Sampaio: Tinha, tinha um grande jornal.

Flávia: E aí eles aproveitavam o material durante o dia?

Jorge Sampaio: Aproveitava durante o dia.

Flávia: E aí fazia já o processo da edição?

Jorge Sampaio: Da edição, que é uma gilete, cortar a fita e botar na máquina.

Flávia: Havia, por exemplo a regravação de algum texto do repórter? Porque hoje o que a gente faz, a gente grava o texto do repórter, pega os trechos dos entrevistados e vai montando.

Jorge Sampaio: Certo.

Flávia: Havia a regravação da fala do repórter ou não, era só cortar e colar?

Jorge Sampaio: Cortar e colar.

Flávia: Cortar e colar. Então havia uma reedição....?

Jorge Sampaio: Porque não havia técnica pra isso.

Flávia: Ah!...

Jorge Sampaio: Nós fazíamos aquilo na base do ouvido, ouvíamos no gravador e corta aqui, corta aqui, bota esse trecho.

Flávia: E isso era pra reduzir o tempo?

Jorge Sampaio: Pra reduzir o tempo e ser mais conciso, dizer que fulano disse isso, quem dizia era o próprio fulano, que nós tínhamos apanhado durante o dia.

Flávia: O senhor se lembra a partir de quando, desde o início isso já era feito?

Jorge Sampaio: Isso era feito desde o início.

Flávia: Desde o início, desde 51 já era feito?

Jorge Sampaio: Já era feito.

Flávia: Então tinha as transmissões ao vivo, de hora em hora ...

Jorge Sampaio: Tinha.

Flávia:.... dentro do jornal e depois havia, mesmo depois, ao longo do dia havia também a repetição ...?

Jorge Sampaio: Havia. Nós tínhamos que encher com notícia.

Flávia: Ai por exemplo, chegou quatro horas da tarde, não tinha ninguém pra entrar com boletim usava o material gravado.

Jorge Sampaio: Botava as notícias apuradas e as de maior destaque também, mesmo que tivesse saído às 11 horas da manhã e era quatro da tarde. Hoje pela manhã aconteceu isso...

Flávia: O repórter Fulano de Tal tava lá....

Jorge Sampaio:... o repórter tava lá.

Flávia: Nessas gravada, nessas edições, havia alguma preocupação especial ou era só tentar dar um pouquinho mais de concisão. O que preservar, o que tirar, o que cortar?

Jorge Sampaio: Nós viamos a repercussão da notícia, por exemplo, uma notícia que era dada às 10 da manhã e ela teve uma grande repercussão, às quatro da tarde nós podíamos repetir, aconteceu isso hoje pela manhã e nós colocávamos aí o que tinha acontecido. Ai já com maiores detalhes, quer dizer fazia a notícia evoluir, pra poder encher aquele horário, que a gente chamava, olha, não venha com notícia requentada e ainda exigiam, não venham com noticia requentada. Muitas vezes nós não tínhamos, porque tinha dia pobre de notícia. Por exemplo, um dia depois de um feriado é um dia pobre de notícia, veio sábado, domingo e um feriado, quer dizer, aí a terça-feira é uma terça-feira paupérrima de notícia, até hoje, né? E nós tínhamos que encher o horário e o povo dessa época não dava muito valor à notícia do exterior, que tudo vinha através de agência noticiosa, era UPI, a, tinha a, qual era a outra? A UPI, tinha a ASA Press que era nacional, nós tínhamos que procurar alguma coisa pra encher o horário e a notícia, enfim e nós não podíamos e todo mundo trabalhava, ninguém reclamava, esse negócio de horário ninguém reclamava, esse negócio de dizer: ah tenho que ir embora, tá na minha hora, vamos embora, não tinha isso.

Flávia: O senhor poderia me contar um dia assim típico, um dia de Continental, como é que era, a que horas que o senhor chegava, o que o senhor fazia, é difícil eu sei, mas só assim me contar...

Jorge Sampaio: Não, não há dificuldade, por exemplo, eu trabalhava na parte da tarde, chegava lá depois do almoço. Eu almoçava na minha casa porque não tinha dinheiro pra almoçar na rua, almoçava e ia pra rádio, como eu tinha uma voz razoável, às vezes eu era o locutor do jornal, mas eu gostava era de ir pra rua, pra apurar a notícia na rua e lá fazer a entrevista, a máquina, com a maquina de gravar, hoje você grava com (aponta o gravador de MD), e antigamente era um trambolho, a máquina de gravar era um trambolho, coisa enorme, pesada...

Flávia: Precisava até mais de uma pessoa pra carregar....

Jorge Sampaio: Mais de uma pessoa. Geralmente tinha o locutor – o repórter, o operador e o auxiliar, que muitas vezes era o próprio motorista, o motorista ajudava a carregar a máquina, **carregar a máquina**, imagina hoje você tira do bolsinho um gravador e grava e passa ao mundo inteiro, via satélite ou você passa o que quiser. Antigamente era um trambolho, pesava o que? Mais de 20 quilos...

Flávia: O senhor podia tentar descrever pra gente esse “trambolho”, quanto que ele media, só pra gente ter uma idéia.

Jorge Sampaio: Era um trambolho, pesava quase de 20 quilos, uma máquina de gravar pesar quase 20 quilos, por aí você vê...

Flávia: Era um caixotão assim?

Jorge Sampaio: Em um caixotão.

Flávia: Retangular?

Jorge Sampaio: É (...) retangular. Era uma coisa horrível, horrível. Gravava, é, pra gravar naquela época era um negócio.

Flávia: Era em rolo também?

Jorge Sampaio: Rolo, fita de rolo.

Flávia: Seria o equivalente àqueles gravadores, sabe aqueles A-Kai? Mais ou menos aquilo?

Jorge Sampaio: A-kai? Maior!

Flávia: Maior?!

Jorge Sampaio: Maior! E era com aquilo que nós gravávamos e levava aquilo de volta, quer dizer não podia ir de ônibus, ou ia de, tinha que ir de carro.

Flávia: Ia de Dodge?

Jorge Sampaio: Ia no Dodge. Quando a transmissão era grande nós tínhamos um furgão. O furgão era uma estação de rádio em miniatura, RC. Por exemplo, na Continental era o RC 1, Rádio Continental 1, levávamos pra avenida Rio Branco pra transmitir, mas isso era quando a transmissão era longa, porque resto era gravado nesse gravador de 20 quilos. Ora, um gravador pesando 20 quilos não é brincadeira.

Flávia: E essa que era gravada, ela era ao mesmo tempo transmitida ao vivo também, pelo telefone, ou não.

Jorge Sampaio: Não.

Flávia: Havia as por telefone ...

Jorge Sampaio: Tinha que ir pra técnica, na técnica da rádio eles colocaram porque da rua não havia condição, não havia condição, condição técnica, tinha que apanhar e levar pra rádio, era na rádio, oh tá aqui fulano, aqui tá o presidente da República nessa gravação. Ele disse isso, isso, isso. Aí você dava pra técnica e os operadores é que botavam no ar, entende, nós não podíamos botar, não tínhamos condições técnicas.

Flávia: Só ia pro ar ao vivo quando por exemplo acontecia alguma coisa, e vocês pegavam o telefone ...

Jorge Sampaio: Ai sim, pegávamos o telefone, o microfone e o telefone, nós chamávamos “matar o telefone”.

Flávia: Como é que era isso?

Jorge Sampaio: Matar o telefone era, por exemplo, aqui em casa eu tenho um telefone, havia algum desastre aí fora, eu sabia que aqui, perguntava ao porteiro quem é que tem um telefone, porque na época era muito difícil. Aqui no apartamento tal tem um telefone, e chegar lá com a cara de pau que Deus lhe deu, apertava a campainha, vinha alguém, dona, a senhora é a dona da casa. Sou. Olha eu sou da emissora Continental, sou o Fulano de Tal, geralmente elas conheciam. Ah você é que é o fulano? Eu queria, houve ali, a senhora me empresta o telefone. Ela dizia pois não. Ai a gente ligava pra técnica e um microfone fazia a junção dos fios e falávamos como se estivéssemos no estúdio, quer dizer nós não tínhamos dificuldade porque o povo conhecia, se eu chegasse, se o Palut chegasse e dissesse eu sou o Carlos Palut numa casa e pedisse o telefone emprestado, eles emprestavam, se eu chegasse, se o Afonso chegasse, quem chegasse, elas já conheciam, sabiam que era coisa útil. Como é que se apurava uma notícia? Por exemplo, aqui o número é 212, houve um incêndio no 210, a gente ligava pro 212. É verdade? Ta havendo isso aí? Ai a pessoa confirmava, tá, tá havendo, então nós dávamos a notícia, já a caminho pra chegar no local e concretizar, mas porque? Porque a pessoa ouvia a Continental, sabia o Paulo Caringi, o Carlos Palut, isso já depois, o Paulo veio depois...

Flávia: Veio depois...?

Jorge Sampaio: O Paulo foi locutor comercial da rádio também, lá em Niterói.

Flávia: Em Niterói, é, ele começou lá, ele me falou, ele me contou.

Jorge Sampaio: Começou lá.

Flávia: É, em termos assim de proporção, o que entrava mais? É possível dizer isso? Mais pelo telefone das pessoas, mais, ou mais desse gravado que levava equipamento até lá e gravava?

Jorge Sampaio: Ah, mais pelo telefone.

Flávia: Mais o telefone. Que era porque queria estar em todas né?

Jorge Sampaio: É. Primeiro porque era mais barato pro dono da estação e segundo era mais rápido pra nós, então nós usávamos mais isso. A gravação geralmente era pra uma entrevista sobre determinado assunto.

Flávia: E também era mais talvez pra aquele fato já previamente apurado, sabido que ia acontecer...

Jorge Sampaio: Apurado, exatamente....

Flávia: Aí dava pra levar ...

Jorge Sampaio: Exatamente.

Flávia: Era isso. Perfeito. O Repórter Esso nessa época ele fazia muito sucesso. Vocês tiveram alguma influencia do Repórter Esso?

Jorge Sampaio: Não, não.

Flávia: Nem na linguagem, nada? Como é que era a relação dos Comandos Continental com o Repórter Esso?

Jorge Sampaio: Nós nos dávamos bem, eu pelo menos, o Palut também, o Palut depois trabalhou na Nacional e se dava bem como falecido Heron, então ele comentava a notícia, dava a noticia, nós ouvíamos eles na Rádio Nacional e eles nos ouviam, era uma troca, mas tudo escondido, porque um não ia dar, mas a Continental noticiou isso eles não diriam, nós não dizíamos, o Repórter Esso noticiou, não, nós apuramos, porque que nos vamos dar pra eles? E o interesse nosso era esse, nós apuramos e era verdade porque inclusive nós íamos lá depois pra saber se o fato era verdadeiro.

Flávia: Perfeito. O status do repórter, o senhor já falou levemente disso, que as pessoas conheciam, abriam as portas, emprestavam telefone. Vocês eram conhecidos na cidade, eram respeitados?

Jorge Sampaio: Éramos conhecidos o nome, só o nome, ninguém conhecia a gente porque na realidade não havia condição. Então todo mundo sabia quem era o Palut, quem era o Afonso Soares, sabia.

Flávia: E vocês viajavam pra fazer coisas fora ou ficavam só aqui no Rio?

Jorge Sampaio: Viajávamos.

Flávia: Viajavam pra onde? Por exemplo, que tipo de reportagem que vocês faziam fora?

Jorge Sampaio: O que houvesse de importante, por exemplo, em São Paulo. Eu transmiti a missa (a que ele estava contando no retorno da troca de pilha) ...

Flávia: Em Brasília pro Rio de Janeiro.

Jorge Sampaio: Em Brasília pro Rio de Janeiro, mas porque? Porque eu falei que o presidente Juscelino queria a transmissão da missa. Eu falei presidente é impossível o que o senhor quer, então levou-se um transmissor de rádio, montou-se uma estação de rádio em Brasília pra fazer a missa. Quem foi? Um repórter da Continental que tinha experiência, mas como eu não sei o latim, a missa era rezada em latim, a gente levava um padre, pro padre ir traduzindo e dizer a passagem da missa, a elevação da hóstia, o clímax da, a transmissão era feita assim. Por exemplo, em Brasília tinha que levar um transmissor, sabe lá um transmissor naquela época, à válvula? Era coisa de louco, tinha que ir de caminhão, em caravana, tinha que o presidente dar a ordem, então ia num carro do exército porque

ninguém ia pagar, ainda mais que era o presidente que queria, então eles mandavam um caminhão do exército levar, então levava, um transmissora à válvula, uma coisa de louco...

Flávia: Alguns repórteres eram, ficaram meio que especializados, que nem, já me falaram que o Argolo de Sá era de política, o senhor se especializou em algum, em algum setor.

Jorge Sampaio: Não.

Flávia: Não? Mas tinha isso, que nem o Argolo era política?

Jorge Sampaio: Tinha. Nós chamávamos reportagem geral, eu era da reportagem geral, eu tanto podia fazer um incêndio como fazer um ato oficial. Era reportagem geral.

Flávia: E quais os setores que tinham, por exemplo, já fixados?

Jorge Sampaio: Tinha quem fazia Câmara dos Deputados, Senado, aqui na av. Rio Branco, Câmara era no Palácio Pedro Ernesto, que era a Câmara de Vereadores, prefeitura...

Flávia: Polícia tinha já?

Jorge Sampaio: Polícia, tinha a rádio patrulha...

Flávia: O que era a rádio patrulha?

Jorge Sampaio: A rádio patrulha era no morro de Santo Antonio onde tem um convento. Nós pagávamos o pessoal da rádio patrulha pra dar informação pra nós, da Continental...

Flávia: A rádio patrulha mesmo? Da polícia?

Jorge Sampaio: A rádio patrulha da polícia.

Flávia: Ah eu pensei que fosse um programa que chamava rádio patrulha, era um carrinho da policia mesmo.

Jorge Sampaio: É, aí dava o que, 20, 50 reais pra eles uma gratificação, não era suborno, eles davam a notícia, olha saiu uma patrulha pra rua tal. Ai a gente, através de um morador, sabia o que que tava ocorrendo lá. Vale uma transmissão ao vivo de lá? Nós avaliávamos, vale, então corre pra lá, e lá a gente quando chegava, às vezes, quando eles chegavam nós já estávamos lá. Ah vocês já estão aqui, como é que vocês souberam? Pelo próprio telefonista, o próprio soldado que nos passava a notícia.

Flávia: E o senhor saiu da Continental em que ano?

Jorge Sampaio: Eu sai da Continental, eu tinha o grande problema o seguinte: a Continental pagava pessimamente, quando pagava...

Flávia: Quando pagava [falam juntos]...

Jorge Sampaio: Então nós não podíamos ficar muito tempo na Continental. Eu sai em 1952 para 53 e fui pra rádio Tupi ser locutor de notícias...

Flávia: Do Grande Jornal Falado Tupi?

Jorge Sampaio: Do Grande Jornal Falado Tupi.

Flávia: Nossa! Isso é histórico também, o Grande Jornal.

Jorge Sampaio: É o Grande Jornal Tupi, era uma hora de jornal. Eu li muito jornal com o Carlos Frias, Osvaldo Luis, ah, Correa de Araújo, era uma hora de microfone, mas naquilo dinâmico, porque a Tupi tinha dinheiro e pagava e a Continental não tinha dinheiro.

Flávia: O senhor ficou nas duas ou não, saiu da Continental?

Jorge Sampaio: Não, eu sai da Continental.

Flávia: Nem poderia né.

Jorge Sampaio: Nem poderia na época porque nós assinávamos contrato, já havia uma coisa chamada exclusividade, então eu tinha que trabalhar, tinha que levar dinheiro pra casa, então tinha que procurar outro local, não ficamos mais tempo por causa disso.

Flávia: O senhor nunca voltou pra Continental?

Jorge Sampaio: Como?

Flávia: O senhor nunca voltou pra Continental?

Jorge Sampaio: Não.

Flávia: Depois o senhor foi pra Tupi e ficou quanto tempo lá?

Jorge Sampaio: Na Tupi fiquei nove anos até que eu fui pra televisão.

Flávia: Qual foi a TV que o senhor foi primeiro?

Jorge Sampaio: Tupi.

Flávia: TV Tupi também....

Jorge Sampaio: TV Tupi. Fui levado pela agência “Denison Propaganda”, Oriovaldo

(termina o Md1)

Flávia: Pronto.

Jorge Sampaio: Aqui no Rio de Janeiro foi lançado a roupa chamada Ducal, era um paletó com duas calças e a agência que fazia a publicidade da Ducal era a Denison Propaganda, Denison Propaganda, e o Oriovaldo Vargas era, trabalhava no esporte na Rádio Tupi e foi trabalhar na Denison Propaganda, e a Denison queria lançar um jornal, então foi a reportagem Ducal na TV Tupi, era o Repórter Esso, com o falecido Gontijo Teodoro e eu entrava às 10 e meia fazendo a Reportagem Ducal.

Flávia: Eu já li muito sobre isso, mas eu não sabia que Ducal era duas calças...

Jorge Sampaio: Era um paletó com duas calças.

Flávia: Olha só!

Jorge Sampaio: O dono era, chamava-se Jose Luis Moreira de Souza, e Jose Candido Moreira de Souza, tudo o que era deles começava com a letra D, Denison, Ducal, a televisão, tinha um aparelho de televisão começava também pela, com a letra D, tudo o que era deles.

Flávia: Então só confirmando o senhor saiu da Continental em 52. É isso?

Jorge Sampaio: Final de 52.

Flávia: Esse período que o senhor ficou lá...

Jorge Sampaio: Foi um aprendizado.

Flávia: Os Berardo influenciavam a programação de alguma forma, como é que era a relação deles com as equipes de jornalismo e de esporte?

Jorge Sampaio: Olha, o chefe era o Palut, e o Palut malandramente dominava o senhor Rubens, ele, o Palut, muito inteligente, dominava o senhor Rubens. Quando a gente queria alguma coisa, até vale, a gente falava com o Palut, o Palut ia ao senhor Rubens e chegava e falava pro senhor Rubens, porque nós deixávamos pro Palut resolver. O Palut dizia, olha fulano tá precisando de dinheiro, ele dava, mandava dar um dinheirinho pra nós, como se tivesse fazendo um favor, e nós apanhávamos. Foi assim o início.

Flávia: Mas influência o senhor não sentia deles? Eles deixaram a rádio na mão do Palut e do Gagliano?

Jorge Sampaio: Exatamente, a parte de notícia era com o Palut, era com o Palut.

Flávia: E ele tinha total autonomia pra fazer o que ele queria?

Jorge Sampaio: Tinha, total autonomia. E ele confiava, e nós confiávamos nele e ele em nós. Nós não íamos derrubá-lo, e foi assim que nós fizemos uma amizade muito grande, eu freqüentava a casa dele, me dava com a irmã dele, com o cunhado dele, que é o Ary Vizeu. O Ary depois, nós tivemos tanto

prestígio que criou-se uma associação, Associação dos Radiorrepórteres, avenida Treze de Maio número, ali edifício Darli de Matos, a rádio Guanabara, o Vizeu era da Rádio Guanabara, e era o presidente da Associação, porque o Vizeu sempre foi muito ponderado, muito pé no chão, nós éramos o que nós chamávamos PL...

Flávia: PL?

Jorge Sampaio: É.

Flávia: O que que seria? Porra Louca (fala ao mesmo que Jorge)

Jorge Sampaio: Porra Louca. (risos dos dois)

Flávia: Perfeito. O senhor tem mais alguma coisa pra falar...? O senhor estava falando de um dia típico do senhor, aí e nós começamos a falar dos equipamentos....

Jorge Sampaio: Dia típico como...?

Flávia: É, que o senhor chegava ao meio dia...

Jorge Sampaio: Ah sim.

Flávia: O senhor poderia tentar lembrar como era um dia na Continental do senhor?

Jorge Sampaio: Então chegava na Continental e víamos, que às vezes não dava pra se ouvir, então a gente via o que foi noticiado e dali nós, bom isso aqui pode render, aí telefonávamos pra lá, não, não, dou uma entrevista sobre isso, aí apanhava um carro ia lá, fazia a entrevista e ficava lá indefinidamente, até oito, nove horas, até a Voz do Brasil. Era a fórmula que nós encontrávamos.

Flávia: Além do Palut existia o chefe de reportagem, alguém que comandava o grupo todo ou era só o Palut?

Jorge Sampaio: Era só o Palut que comandava, tudo. Era ele, mas existia sempre uma coisa, que isso é da humanidade: inveja...

Flávia: Infelizmente...

Jorge Sampaio: E infelizmente tinha algumas pessoas que tinham inveja do Palut porque ele comandava, eu pelo menos nunca tive, porque eu era amigo dele, gostava dele, então não ia fazer nada, nunca fui nem substituto, não queria cargo, eu digo: não problema é seu, você manda que eu vou fazer. Ele: Jorge apura isso, eu apurava, ele: ah, isso não vale nada, isso vale alguma coisa, pode fazer. Então posso fazer? Então ia fazer. Mas houve muita briga entre colegas por causa disso...

Flávia: Os mais invejosos queriam liderar também?

Jorge Sampaio: Queriam liderar, e os que não eram ficavam, no meu caso eu nunca, na Rádio Tupi eu já fui pra chefiar a reportagem. Porque? Porque eu tinha o aprendizado da Continental, quer dizer me rendeu alguma coisa, eu era o chefe de reportagem da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, porque eu era da Continental. Eu aprendi na Continental e fui e levei pra Tupi e a Tupi era o que se chamava uma estação de *broadcasting* e sendo uma estação de *broadcasting* você tinha que ter uma boa notícia.

Flávia: Ela ia pro Brasil todo, não é?

Jorge Sampaio: E o prestígio era do Repórter Esso, então eu apresentava as notícias e naquela época, inusitado, o prefixo era um galo cantando, “quando o galo canta o cacique informa”, era o slogan, e por eu ter grande experiência já da Continental o Heron passou a me ouvir também, porque ele tinha a notícia, mas ele dizia pra mim, pra me gozar, não adianta você dar a notícia, porque todo mundo só toma conhecimento depois que eu der, brincava comigo, eu gostava dele também, então éramos amigos. Mas era assim, era uma disputa.

Flávia: O senhor levou um pouco do estilo da Continental pra Tupi?

Jorge Sampaio: Levei.

Flávia: Conseguiu implantar o que lá?

Jorge Sampaio: Consegui implantar a reportagem. Passou a Tupi, além de ser uma estação de broadcasting, ela era uma estação também informativa, mas não do tamanho e do nível da Continental, mas ela era.

Flávia: O senhor colocava, colocou repórter na rua também?

Jorge Sampaio: Coloquei repórter na rua, eu fiz reportagem na rua pra rádio Tupi, porque se disseminou, passou pras outras (...) e a Continental deu e nós não vamos dar? Temos que dar. Como eu já tinha o aprendizado da Continental, depois o Afonso Soares foi pra Tupi também, aí ela já se reforçou mais e apareceram outros novatos que foram sendo aproveitados, mas a Tupi era uma estação de *broadcasting*, cantor, cantora, tinha orquestra, tinha regional, cantor cantando durante o dia, agora a notícia tinha prioridade, deram essa prioridade pra nós, do jornalismo, se houver alguma coisa você dá a notícia, então eu apurava, o galo entrava cantando, “quando o galo canta o cacique informa”. Quem gravou, quem gravou o galo foi o Orlando Drumond, o radioator que trabalha até hoje na televisão Globo, que é um senhor, Orlando Drumond, ele imitava um galo perfeito e era, o prefixo era um galo.

Flávia: Então pro senhor a Continental foi uma escola ?

Jorge Sampaio: Foi, pra mim minha grande escola foi a Continental.

Flávia: Se o senhor precisa dizer o que significou a Continental na vida profissional do senhor o que o senhor diria?

Jorge Sampaio: Foi tudo, porque eu já fui pra Rádio Tupi como chefe de reportagem, uma estação de *broadcasting* que pagava, o importante era pagar, eles pagavam. A Tupi fazia parte do O Cruzeiro, O Jornal, O Diário da Noite, dos Diários Associados, quer dizer era um grande, um grande conglomerado de notícia, era Rádio Tupi, Rádio Tamoyo, TV Tupi depois, O Cruzeiro, e entrei porque pagavam e o grande problema da Continental foi não pagar, ninguém trabalha de graça, tem que comer, tem que pagar a casa no fim do mês, como é que ia ser? Foi o grande problema da Continental, porque o senhor Rubens pra pagar não era fácil.

Flávia: É, todo mundo comenta a mesma coisa comigo (risos)

Jorge Sampaio: Não era fácil.

Flávia: Mais alguma coisa, o senhor acha que faltou algum ponto importante a ser destacado?

Jorge Sampaio: Não. Acho que não. O cabeça era o Palut, foi o Palut, ela [reportagem] não continuou na Continental por falta de dinheiro, verba, não tá faltando nada, o que eu acho. Conversando com colegas da época talvez alguém lembre mais alguma coisa, mas acho difícil, tem muita coisa aí.

Flávia: Olha, eu agradeço imensamente....

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM AFONSO SOARES

APÊNDICE G – ENTREVISTA AFONSO SOARES

Celso Soares: Não se preocupa com isso não [microfone]. Só não vai dormir, hein!

Afonso Soares: Não.

Celso Soares: O microfone está à vontade aqui...

Afonso Soares: Eu ando, ando muito mal...

Celso Soares: Aqui ele pega legal?

Flávia: Pega. Ta ótimo.

Celso Soares: Tá pai, não se preocupa com posição nem nada, ela vai entrevistar o senhor, o senhor responde sem se preocupar com o microfone, porque o microfone tá aí na sua lapela.

Flávia: O senhor Começou na Continental, é isso? Com o Carlos Palut?

Afonso Soares: Não.

Flávia: O senhor começou antes?

Afonso Soares: Eu comecei antes, em, na Rádio Ministério da Educação e curiosamente começava também Arlete Sales. Você sabe quem é Arlete Sales?

Flávia: Não. Arlete Sales, ah, a atriz? Sim.

Afonso Soares: Como a atriz?

Celso Soares: Arlete Sales.

Afonso Soares: Ela não foi conhecida com esse nome.

Flávia: Ah?!

Afonso Soares: Ah sim, na época ela era a Arlete Sales, [o trecho a seguir, sublinhado, apresenta ruído] depois é que passou a ser Fernanda Montenegro.

Flávia: Fernanda Montenegro, olha só...

Celso Soares: Então nós não estamos falando da mesma Arlete Sales.

Flávia: Não é a mesma...

Afonso Soares: Ela, Arlete, era uma atriz fenomenal e, e nós começamos exatamente na mesma época.

Celso Soares: Ce lembra o ano pai?

Afonso Soares: Deixa eu ver se me lembro do ano, mil novecentos (...), mil novecentos (...), depois eu vou me lembrar desse ano, mas o fato é que, a Arlete Sales era primeiro nome, foi o primeiro nome ...

Flávia: de Fernanda Montenegro.

Afonso Soares: ... de Fernanda Montenegro.

Flávia: O senhor se recorda quando que o senhor foi pra Continental?

Afonso Soares: Ah, eu fui pra Continental, eu fui pra Continental em mil (...)

Celso Soares: não foi em 51 não pai? Eu nasci em 52.

Afonso Soares: (...) é foi em 51.

Flávia: Eu vi um depoimento do senhor num vídeo que até quem fez foi o Carlos Alberto Vizeu sobre a história do Rádio...

Afonso Soares: Filho do Ari Vizeu...

Flávia: É filho do Ary Vizeu, que é o Carlos Alberto Vizeu, esse mesmo, e o senhor comentando da primeira cobertura de carnaval, que foi em 51. O senhor se recorda como foi essa cobertura?

Afonso Soares: A título de curiosidade vale registrar que aconteceu aí um fato que veio marcar um, veio marcar uma, um detalhe curioso. É que a, a, a cobertura de carnaval foi idéia de Carlos Palut, cobrir o carnaval com o status à margem do carnaval, e com isso o carnaval acontecia e a Continental dava cobertura do que acontecia à margem do carnaval, essa foi uma idéia de Carlos Palut, que sempre foi uma cabeça notável, pra lançamento de coisas. Ele foi no meu entendimento o maior repórter da televisão, depois dele, ninguém, e Palut era uma cabeça notável, quando ele fez, resolveu fazer a cobertura de carnaval, a idéia dele era, eh, eh, a idéia dele era acompanhar os fatos à margem de carnaval, ou seja, dar uma cobertura principalmente pra quem estava em casa. Isso ninguém acreditava que pudesse ser sucesso e aconteceu aí um fato que veio dar uma nova dimensão ao trabalho dele. Eu era repórter lá de um posto qualquer, aí teve um determinado instante em que ele pediu uma informação, quem tinha essa informação era eu, eu peguei, cheguei, chamei o palut e disse Palut, o, esse fato está comigo aqui (?) e eu já fiz o levantamento de tudo e o fato é este, este, este, este, quando eu acabei de falar, o Palut que era uma, era uma cabeça deslumbrante, entrou e virou e disse: a partir de agora está criado o posto de, o posto de, de informação, e vai, e vai dirigir esse posto o nosso Afonso Soares, quer dizer, ele criou, dentro daquela informação ele criou um posto que passou a ser talvez a coisa mais importante dentro da cobertura do carnaval. Eu me espantei com o negócio, mas segui à risca e o desaparecimento de pessoas vinha pra mim e por sorte e por audiência da rádio nós levantávamos, o rádio era muito mais ouvido e nós levantávamos, entregávamos ao responsável o, a pessoa desaparecida, aquela choradeira de quem encontrava o seu, e isso criou uma, uma celeuma dentro do nosso serviço que passou a ser de uma importância vital. Estava criado, segundo o Palut, que ele batizada logo as coisas, está criado o posto de informação, chefia esse posto Afonso Soares. E foi assim que o carnaval da, da, da Continental passou a ter uma audiência inacreditável de 70, 80 por cento de audiência. Ninguém ouvia mais nada senão a Emissora Continental. Eu passei a ter um posto, a ter um posto fixo no estúdio e eu controlava todo o movimento dali, comecei a botar pessoas pra, comecei a botar pessoas pra, ah, ah, ah, como é que se diz, anotar possíveis, trabalhar nesse serviço e ele passou a ser tão importante quanto a própria cobertura da rádio. Palut tinha em mim o seu auxiliar mais eficiente porque eu entendia o Palut e o Palut me entendia e aquele dia “está criado o posto de informação” eu me senti muito orgulhoso. Palut era, não era homem de tar elogiando à toa, mas gostava de elogiar no ar. Bom, isso foi 71 né?

Flávia: 51.

Afonso Soares: 51.

Flávia: A idéia dos “Comandos Continental” surgiu depois dessa cobertura de carnaval? O senhor se recorda de como surgiu a idéia de criar “Os Comandos”, de colocar dois carros na rua? Faze essa cobertura que o Palut idealizou ...

Afonso Soares: Mas isso aí tem televisão no meio

Flávia: Mas isso não foi antes da televisão? Que tinha o RC1 e o RC2?

Afonso Soares: Ah sim tem, é verdade, é verdade. Tantos anos se passam que a gente acaba...

Flávia: confundindo...

Afonso Soares: É, é verdade. Foi mesmo, e pode observar que tem muita que se faz na televisão hoje que veio do rádio. Eu digo sem medo de errar, Palut foi um fenômeno, eu o considero o maior repórter de rádio e televisão. Pena que tivesse morrido tão cedo, porque ele estaria até hoje prestando inestimáveis serviços ao rádio e à televisão. Eu acho que ele, eh, em pouco tempo deixaria o rádio, ia se dedicar só à televisão. A Tupi já tinha levado ele, mas ele não se adaptou ao esquema, pelas idéias de quem estava lá, ele via o rádio e a televisão por um prisma, as pessoas que estavam lá eram os chamados inventores e como ele era muito senhor de si, disse um abraço e um queijo, vocês fiquem aí e a Tupi nunca mais levantou a cabeça nesse setor, nunca mais, acabou. Ele indo pra Continental encontrou os caminhos dele. Mas o, ninguém é perfeito, o Car..., o Palut era muito bebedor, era louco por um, era louco por, por como é que se diz? Conhaque, tomava conhaque feito um desesperado, e o fígado começou a dar as respostas. Quando ele menos esperou o fígado estava corroído pela... Jovem, ele morreu, ai meu Deus do céu, não me lembro, quando ...?

Flávia: Eu tenho isso, 70 e alguma coisa me parece. O Carlos Alberto que é o sobrinho...

Afonso Soares: Ah é, ele sabe.

Flávia: Ele me passou, agora me fugiu também.

Afonso Soares: É, mas eles, então o fígado ficou corroendo, corroendo até que...

Celso Soares: Ele tá repetitivo.

Flávia: Aha, mas tudo bem. O que mais o senhor se recorda da Continental, das reportagens depois do carnaval. O que vocês faziam?

Afonso Soares: Eu não fazia porque eu não trabalhava com ele aí na Continental. Eu não trabalhava mais com ele.

Flávia: O senhor trabalhou só na cobertura de carnaval?

Afonso Soares: Não e no rádio...

Flávia: E no Rádio...

Afonso Soares: No rádio, depois disso...

Celso Soares: Em qual rádio que o senhor trabalhou com ele?

Afonso Soares: Continental ...

Flávia: Continental. É desse período que eu pergunto pro senhor. O que o senhor mais se recorda desse período da Continental, da **rádio** Continental?

Afonso Soares: Olha, eu me lembro que nós fizemos o julgamento do tenente Bandeira e como o juiz não permitiu que se irradiasse os debates, eu e ele, só eu e ele porque os outros não se adaptaram, fizemos a, fizemos a, fizemos a chamada, como se diz? Desculpe que a cabeça...

Flávia: Fique tranqüilo.

Afonso Soares: Ele, nós fizemos a chamada, transmitíamos o debate ouvindo os personagens, isso só eu e ele porque só eu e ele nos adaptamos a esse serviço, nós ouvíamos o que o promotor, advogado falavam e nós transmitíamos para o público

Flávia: vocês ficavam se revezando, um ouvia e ia pro microfone ...

Afonso Soares: É uma parte, ele fazia uma parte e eu fazia outra, pra descansar.

Flávia: E essa idéia foi dele?

Afonso Soares: Idéia dele.

Flávia: Ele era muito inventivo, o Palut, não era?

Afonso Soares: Ah?

Flávia: Ele inventava muitas coisas?

Afonso Soares: Ah é, ele era de uma rapidez de raciocínio, não tinha problema pra ele, ele resolvia todos os problemas. Eu me lembro que nesse negócio de transmitir os debates teve uma hora que ele virou-se pra mim e disse assim: Afonso eu não tô cansado não, mas você vai fazer isso sozinho porque você está fazendo melhor do que eu. Eu: Mas tu vai me matar. Ele: eu faço o sepultamento.

Flávia: [risos]

Afonso Soares: Ele era fenomenal. Eu me lembro também que estava presente ao júri, chamada como testemunha, não sei se pela defesa ou pelo ataque, estava presente a (...) O meu deus como é o nome dela? Faz tantos anos, mas depois você vai saber o nome dela, a menina que deu margem ao homicídio¹¹⁹, ela foi chamada como testemunha e estava incomunicável como todas as testemunhas. Aí ele disse: Afonso, que negócio é esse, a, a, daqui a pouco eu me lembro o nome dela, ela tá aí e

¹¹⁹ O pivô do crime do tenente Bandeira, também conhecido como crime de Sacopão, era a jovem estudante Marina Costa.

you não vai ouvi. Eu disse: Ô Palut você já desconfiou que ela está incomunicável. Mas pra Afonso Soares não, você vai ouvir ela. Aí eu, ela estava numa sala que comunicava com a minha, só de porta fechada. Ela já me conhecia porque eu já tinha feito reportagens com ela, aí eu disse, bati na porta, e disse pode abrir que não tem bronca, ela pegou entreabriu e eu disse, filha estou com uma função aqui terrível, meu chefe Palut quer que eu te entreviste, a você não vai acontecer nada, porque fui eu que forcei a barra, bati na porta, você abriu e aí eu fiz a entrevista. Afonso vê lá que você vai arrumar pra mim, eu já tô tão mal vista nesse processo. Aí, ela entreabriu, eu fiz a reportagem com ela. Isso foi um escândalo. Juiz, advogado, promotor, todo mundo querendo saber como ela tinha falado à rádio, à rádio Continental, porque naquela época a televisão não tinha..., que ano foi?

Celso Soares: Não era televisão, pai, era rádio.

Flávia: Acho que foi cinqüenta e cinco...? Foi na década de 50 o julgamento.

Afonso Soares: É, porque a televisão veio em 50, aí eu fiz entrevista com ela, o, [geme de dor] o Palut quando ouviu a entrevista, ele vibrou, é por isso que eu quero sempre o Afonso perto de mim, porque eu começo mas sempre quem acaba bem é ele. Bom, esse julgamento o advogado de defesa do, estamos falando do Bandeira né, o advogado de defesa do Bandeira era o, era o Loureiro(?) Neto, o promotor era Emerson de Lima, era ainda advogado do, advogado do Bandeira, também o (...) era o (...) José Bonifácio, mas nós tínhamos que transmitir o julgamento, o que acontecia no plenário, nós passávamos para o público, até que teve, aí que eu queria chegar, aquele período em que ele disse: Afonso, só quem vai fazer isso é você, de ouvir, de ouvir e passar porque ninguém faz isso melhor do que você. Eu disse: Muito obrigado pelo abacaxi que você ta me dando.

Flávia: Demorou bastante tempo esse julgamento, não é?

Afonso Soares: Foram (...) deixa eu ver se me lembro. Esse julgamento demorou mais de 24 horas.

Flávia: Foi mais de um dia, com certeza.

Afonso Soares: Mais de 24 horas.

Flávia: E fora, assim, esse julgamento, o senhor se recorda assim do dia-a-dia na rádio Continental? Como é que era trabalho do senhor lá, e aí (se dirigindo ao filho) a gente já encerra, eu não quero ...

Afonso Soares: Aqui minha filha não havia um fato que acontecesse no Rio de Janeiro que a Continental não tivesse presente porque nós passamos a ter a seguinte situação, os ouvintes se encarregavam de comunicar à rádio o fato, então o prestígio da Continental naquela época, eu digo sem medo de errar, era a de, era a primeira em audiência, porque o ouvinte já deixava na Continental na expectativa de um fato que certamente viria. A violência não vem de agora não, vem desde aquela época e as pessoas ouviam a Emissora Continental e quando acontecesse um fato, ela telefonava pra comunicar. Nunca houve no rádio uma participação tão ativa do público como a rádio, isso nunca mais existiu, nunca mais, não se faz hoje um rádio ou televisão com aquela, com aquela, com aquele, como é o termo que eu quero? Com aquela vontade, isso aí, o rádio hoje nem a televisão são mais assim. Eu me orgulho de ter trabalhado com Palut na Continental, foram uma casa e um mestre como o rádio, como o rádio nunca deu, nunca teve outro. Eu me lembro que Palut dizia: Eu te dou muita corda porque você merece essa corda, mas não queira nunca ser mais do que seu chefe. Era ameaçador, era ameaçador e eu me coloquei sempre naquela posição de segundo.

Celso Soares: Subordinado a ele.

Afonso Soares: Eu gostava de ser mandado por ele. Gostava. O dia em que ele morreu eu fui ao sepultamento, eu nunca chorei tanto, e me escalaram pra eu dizer algumas palavras e eu disse: está morrendo, está morrendo metade do rádio e da televisão, nunca mais nós vamos ter um, um profissional como ele, me atrevo a dizer que não vamos ter nunca mais um profissional como ele, e realmente eu não errei. Nunca mais tivemos um profissional igual ao Palut, nunca mais. Ele foi o exemplo da profissão e Deus aí foi muito mal porque o levou muito cedo, por culpa dele e por culpa, e por culpa do conhaque, do conhaque. Ele, ele amanhecia tomando conhaque...

Celso Soares: Pula essa parte, pai, deixa pra lá.

Afonso Soares: Não, é um depoimento, é um depoimento sobre a verdade e não posso deixar de registrar isso, até porque ele não gostaria que eu dissesse uma palavra contra o conhaque.

Flávia: [risos] Ta certo. O senhor quer contar mais alguma coisa, quer acrescentar alguma coisa ou o senhor já quer descansar um pouquinho, eu não quero forçá-lo, o senhor fique à vontade.

Afonso Soares: (...) Olha, é difícil se dizer mais alguma coisa porque (...) tudo o que aconteceu na era, na época de Palut, se houvesse sinceridade nas pessoas que fazem o rádio, tinham obrigação de ...

Celso Soares: De citá-lo.

Afonso Soares: ... de elevá-lo para os cumes da felicidade, do talento, de tudo. Não sei se já falei, mas vou repetir: o rádio e a televisão nunca tiveram um homem como Carlos Palut, sem medo de errar eu digo isso, [começa a chorar] eu fico muito chocado quando fala dele porque ele além de amigo, ele era um exemplo, um exemplo de dignidade. Que saudades eu sinto dele, muita saudade.

A entrevista é encerrada em função da alta dose de emoção - todos no quarto estão às lágrimas e para que o senhor Afonso possa descansar. Antes de sair do quarto ele ainda me diz: “Eu já fui tudo isso e agora estou jogado nessa cama, esperando a morte chegar. E eu espero que ela não demore”.

APÊNDICE H – ENTREVISTA COM CELSO GARCIA

APÊNDICE H – ENTREVISTA CELSO GARCIA

Flávia: Bom, Seu Celso, como eu adiantei pro senhor...

Celso Garcia: Primeiro, primeiro de tudo vamos tirar o seu.

Flávia: O seu...

Celso Garcia: Então é Celso. Você é?

Flávia: Flávia.

Celso Garcia: Flávia.

Flávia: Ta ótimo. Celso.

Celso Garcia: Isso.

Flávia: É. Essa é minha pesquisa de mestrado. Eu faço mestrado na Universidade Estadual Paulista, a Unesp de Bauru, e eu to estudando, tentando estudar um pouquinho sobre a reportagem. E como a reportagem teve um grande impulso e alguns chegam a afirmar, surgiu na Continental, é por isso que eu tenho tentado entender um pouquinho o que que aconteceu na Continental com o surgimento da Reportagem. Mas pra gente começar, eu queria assim que o senhor se apresentasse, com o nome completo aqui, por favor.

Celso Garcia: Ta, meu nome é Celso de Paula Garcia, eu nasci na cidade de Lorena, interior de São Paulo, vim a conhecer Lorena há dois anos atrás, porque eu saí de lá com dois meses.

Flávia: Ahrã

Celso Garcia: Meu pai era viajante, e em razão disso acompanhando, eu fui morar em várias cidades, né? Então, fui, morei em Campos, no estado do Rio, morei em Guaratinguetá, na, como disse, nasci em Lorena, morei em Pirapora, norte de Minas, morei em cabo Frio, meu pai era gerente das Salinas de lá. E, daqui a pouco eu lembro de outras cidades que eu morei. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Caxambu, que é a terra da minha mãe. E, meu sonho sempre foi trabalhar em rádio.

Flávia: Como é que o senhor começou no Rádio, me conta ...

Celso Garcia: Eu comecei no rádio porque eu tinha, primeiro de tudo eu, eu comecei a ler precocemente por causa do futebol, porque eu via uma fotografia de um jornalista, de um jogador, no jornal, e eu queria ler, e pedia pra minha mãe me ajudar a ler. Então eu e ela ficava com a maior paciência e eu ia be, a, ba, ba, mas eu queria ler o que tava escrito. E tinha, sempre gostei de esporte, sou amante do futebol, sou flamengo doente. Apesar de que Flamengo doente é pleonismo, né?

Flávia: risos

Celso Garcia: Porque todo rubro negro é, é realmente ...

Flávia: Doente.

Garcia. Doente... (risos dos dois). Mas, então irradiava fut..., jogava futebol de botão irradiando, entendeu? Então meu sonho era realmente trabalhar em rádio e ser locutor esportivo, isso era realmente o que eu queria. E, fui crescendo ainda, imaginando, pensando isso. Vim pra essa casa, aqui, que é a Universidade Gama Filho, vim pra cá com 15 anos. Eu tenho uma vida dentro da Universidade. Tô saindo um pouquinho, mas depois você encaixa isso, né?

Flávia: Perfeito, perfeito.

Celso Garcia: Eu vi pra cá, pra Universidade Gama Filho, não era nem Universidade Gama Filho, vim pro Colégio Piedade, entrei aqui no Colégio Piedade, eu tinha 15 anos, morava em Belo Horizonte e meu pai veio transferido aqui pro Rio, fui morar aqui perto, em Quintino, então, vim estudar no Colégio Piedade. E, tive uma vida aqui, aqui eu fiz meu curso ginásial, segundo ano. Terminei o ginásio e depois fiz faculdade. Me formei em Comunicação e Relação Públicas, me casei, a minha noiva era aluna na universidade do colégio piedade, foi depois é que veio a universidade. E tive dois

filhos, um infelizmente falecido, o outro ainda vivo. Vieram pra cá pro jardim da infância. Fizeram o jardim aqui, fizeram o colégio, fizeram faculdade, se formaram aqui, os dois. Aí vieram os netos, que vieram também para o jardim....

Flávia: E que também são flamenguistas roxos porque eu ouvi na secretária eletrônica....

Celso Garcia: Ah, bom, mas isso... Ah, a secretária,é... não, isso é obrigatoriedade. Eu digo sempre, minha casa é super democrática, pode torcer pra clube que quiser, desde que seja flamengo. (risos dos dois). Entendeu? Bom, mas então, aí deixa eu ficar lá, ainda, ainda na rádio. Bom, então meu sonho era trabalhar em rádio, eu queria trabalhar em rádio, rádio esportivo. Como que eu vou trabalhar se eu não conheço ninguém, né? Então, entrei numa, numa casa de gravação, por minha conta e risco, e cheguei lá e disse pro cara: olha eu queria fazer uma gravação. Ele disse: O senhor vai cantar? Eu digo não, vou irradiar uma partida de futebol. Mas... É de improviso, aqui mesmo no estúdio eu vou irradiar. E gravei, paguei, e saí de lá com, com um disco de acetato, naquela época, entendeu? E a partida de futebol foi Flamengo e Vasco, obviamente indispensável dizer que o Flamengo ganhou na gravação. (risos dos dois) Então, eu de posse dessa gravação, eu sai correndo todas as emissoras do Rio de Janeiro.

Flávia: Isso mais ou menos em que ano?

Celso Garcia: Olha, eu... Data eu sou péssimo... Mas, pera aí... Se, eu devia ter, eu vou dizer a minha idade assim, vamos ver uma coisa. Eu fiz o exercício com 18, eu devia ter uns 18 anos, mais ou menos. É, devia ter uns 18 anos...

Flávia: A sua data de nascimento, acho que o senhor...

Celso Garcia: 17 de outubro de 1929, ta? Então, e, corria as Rádio, [as pessoas que o recebiam diziam:] é, depois eu vou ouvir... porque tinha que ouvir o acetato, ninguém me conhecia, um ilustre desconhecido, até que eu fui para na Continental. Nessa época, o diretor da Continental era o Oduvaldo Cozi, famoso locutor esportivo, e acumulava, na época a Continental, que ficava na Rua do Riachuelo 48. Muito bem, eu cheguei lá pra fazer o teste, e ele nunca podia me atender. Quer dizer, teste não, eu queria que ele me ouvisse pelo menos. Ele nunca podia me atender, mandava um recado que não estava. Eu às vezes o via passar de uma sala pra outra mas ele mandava dizer que não estava.

Flávia: O Gagliano ainda estava nessa época ou já havia saído?

Celso Garcia: Ele entrou quase nessa época. Ele entrou um pouco, aliás, ele entrou um pouquinho depois. Um pouquinho depois. Gagliano Neto. Então o Cozi um dia, acho que pra mim deixar de encher ele tanto, ele resolveu me ouvir, aí mandou eu entrar. Aí eu disse a ele, olha eu quero ser locutor esportivo, nunca trabalhei, cheguei lá e contei a minha história. Disse: Olha, eu não tenho tempo de ouvir a tua gravação, mas vamos fazer o seguinte, pega esse jornal, me deu um jornal que era o Diário popular, e esse diário Popular era da mesma empresa, da organização Rubens Berardo, que era o presidente da, da, da Rádio. Aí eu li, quando eu tava lendo este texto, de jornal, não lembro mais o que que era, entrou na sala o maior rádio-repórter na minha opinião, que eu conheci na minha vida, que foi Carlos Palut. O Palut entrou, eu tava lendo, ele respeitou, pá, pá, pá quando eu acabei de ler o Cozi disse: Olha, você tem uma boa dicção, tem uma boa voz, mas o que acontece é o seguinte, eu no momento eu não tenho vaga pra você. Como é que eu vou fazer? Aí o Palut virou e disse: Posso entrar nesse papo? Pode. Eu fico com ele. O Palut era o chefe de reportagem geral da Continental. Só não fazia esporte, por sinal também não entendia, mas o resto ele era um cara fantástico. Não vi ninguém até hoje com tanta imaginação, com tanto improviso, eh, com tantas idéias conforme tinha o Palut. Aí ele disse eu fico. Aí o Cozi, bom isso é problema de você, se aceita, eu... Meu negócio era entrar no rádio, agora como não importa. Aí eu fui com ele. Era num andar acima, e eu fiquei então lá no departamento de jornais falados. Porque a Continental, e você deve saber disso por outros depoimentos, ela, ela dava prioridade a qualquer tipo de informação. A programação musical, por exemplo, da Continental, ela era interrompida em plena música pra que você fizesse um flash de qualquer lugar dizendo uma coisa importante, enfim, uma notícia. Não é? Tínhamos um jornal de meia em meia hora, entendeu, e a prioridade total para as informações. Era “100% esportiva e informativa”, era o slogan da Continental. Nós tínhamos dois carros volantes, o RC1 e o RC2, que RC é rádio

Continental 1 e RC2, né. Eram duas viaturas móveis que tinham condições de falar de qualquer canto da cidade. Então era, o esporte, notadamente, era realmente a grande prioridade.

Flávia: Prioridade era o esporte?

Celso Garcia: A prioridade era o esporte, entendeu? A continental chegava ao cúmulo de transmitir treino.

Flávia: Eu sabia que ela transmitia todos os esportes, mas treinos eu não sabia...

Celso Garcia: Tudo, tudo. Treino. Até treino, tudo, reunião de clube, não tinha... O dia todo tinha informação na rádio. “100% esportiva e informativa”. E o jornal falado também fazia, nós fazíamos de tudo. Tínhamos uma pauta, que você chegava lá tinha posse era posse do presidente do Sindicato não sei de que, e, e diretor de não sei de que, ou entrevistávamos, enfim, era tudo, a parte religiosa, a parte artística, a parte social, entendeu. Fazíamos tudo, boletim de hospital, corpo de bombeiro. O plantão nosso você tinha que fazer corrida, toda hora tinha que ligar pro hospital, pro corpo de bombeiro, pra saber se saiu algum carro, pra onde era o carro. Qualquer incêndio a gente saía, ia lá e fazia um flash no local do incêndio, entendeu. E em cima disso aparecia os grandes eventos, por exemplo, como o congresso internacional que eu tive, o congresso eucarístico internacional que eu tive a honra de participar, né? Fazendo reportagem aérea, reportagem submarina.

Flávia: Como aérea?

Celso Garcia: Em avião. O que hoje se faz...

Flávia: No helicóptero...

Celso Garcia:... no helicóptero, se fazia com avião teco-teco, entendeu? E o próprio piloto ia aproveitando e filmando, que era o Botelho, era uma empresa cinematográfica, que tinha na época, Botelho Filmes. Então quando ele saía, por exemplo, o Congresso, nós fizemos, demos alguns rasantes, eu no avião, na praça do Congresso com aquela multidão enorme, entendeu? E, olha, a gente fazia tudo que você possa imaginar. Fazia missa do galo, fazia passagem do ano, e naquela época não tinha valor, então a gente ia pro observatório e ficava lá sozinho, só com as pessoas que tavam trabalhando. Por exemplo, é “23 horas e 55 minutos, daqui a 5 minutos vamos entrar o ano novo”. Sabe, Você fazia quase que uma transmissão esportiva, nesse ritmo acelerado, porque o importante de tudo isso é você lembrar que não havia televisão, entendeu? O nosso Carnaval, o Carnaval da Continental era um Carnaval maravilhoso. O que a gente falava, nós tínhamos um posto em cada hospital do Rio de Janeiro, e fixo, um posto fixo. E tínhamos a central, a gente fazia os desfiles de escola de samba e tinha uma aceitação, uma receptividade fantástica. Que eu volto a dizer, não havia televisão. Então você chegava lá, e, e, inauguração da biblioteca braile. Muito bem, pô, você não entendia nada de braile, de cego, de coisa nenhuma. Mas você tinha que chegar lá, ou mais cedo, procurar saber, o que que era aquilo, entendeu? Quem era o diretor, porque essa biblioteca, entendeu? Para atendimento de cego, ô que troço bacana. E quantos têm? Se é aluno, inscrição, é concurso, como éq é? Então te obrigava em razão da carência de informações, você tinha que pesquisar, você não encontrava o prato feito, não, sabe? Porque, por exemplo, fazer Itamaraty. Eu fiz, eu me lembro que fui numa ocasião no Palácio do Itamaraty pra fazer uma entrevista, uma entrevista, não, era um evento. Eu não me lembro mais o que que era. Eu sei tinha, tinha representante de pelo menos duns 15 países. E eu sabia falar o meu portuguesinho e mais nada. Francês na minha casa só o pão, entendeu. (rosos) Então, eu cheguei lá e fiz o que eu pude fazer, peguei meus dados, fiz um flash de lá, quer dizer cumpri a minha obrigação. Agora era um negócio que inteiramente eu desconhecia. Mais, anotei os representantes de cada país, entendeu? Então você adquirir, adquiria, conseguia adquirir cultura também. Ai eu fiz câmara municipal, depois de um determinado tempo, sempre pensando um dia em trabalhar no esporte, mas....

Flávia: O senhor chegou a ficar fixo em algum ponto, porque tinha...?

Celso Garcia: Ah, fiz, eu fiz, eu fiquei durante uma temporada, eu fiz câmara de deputados, a grande câmara dos deputados, de Carlos Lacerda, Aliomar Baleeiro, a grande câmara, né? Flores da Cunha, os grandes nomes da política do Brasil. Fiz câmara, fiz senado, também era aqui, fiz câmara municipal, eu fiz os três poderes, as três câmaras, entendeu? Fiz, então passava o dia todo na câmara, gravava,

trazia a matéria principal, fazia uma entrevista, porque a essa altura a Continental também tinha, no mesmo prédio, a Rádio Metropolitana e então, e eu apresentei durante muito tempo o programa Rádio Reportagem que era apresentado às 21 horas, na Metropolitana, era aquela coisa, porque a Continental, uma no quinto, outra no sexto andar, às vezes a gente até fazia cadeia uma com a outra, entendeu? Fiz o carnaval da Continental durante muito tempo...

Flávia: O Afonso Soares, num vídeo que eu vi, inclusive eu conversei com ele ontem, eu o entrevistei ontem, mas ele já tava muito mal de saúde, ele ta com a saúde...

Celso Garcia: Ele ta mal né?

Flávia: Ta, ele me disse que ...

Celso Garcia: Você teve com ele?

Flávia: Tive com ele ontem.

Celso Garcia: Aonde? Posso saber?

Flávia: Em Sepetiba.

Celso Garcia: Ah é ele ta lá, é....

Flávia: Na casa dele, ele ta lá. Mas ontem ele estava muito fraquinho. Foi uma entrevista muito triste que eu tive que fazer com ele

Celso Garcia: É mesmo é? Engraçado que eu queria notícias dele. Ele sumiu já faz tempo, ele já tinha problemas né...?

Flávia: É, ele não está andando já a bastante tempo, conversei muito com o filho dele, né. Agora ontem ele estava bem debilitado mesmo. Foi muito triste. Eu até preciso ligar pra saber como ele está. Depois se o senhor quiser eu tenho o telefone dele.

Celso Garcia: Ah eu quero, quando eu fui pra Continental, eu já encontrei o Afonso lá.

Flávia: É o Afonso foi um dos primeiros.

Celso Garcia: É, aprendi, inclusive, muito com ele.

Flávia: Então, o que ele me disse foi que 51 foi o primeiro carnaval transmitido. O senhor já estava em 51 ...?

Celso Garcia: 50? 50? peraí, 1950 ... deixa eu ver aqui. 50 foi Copa do Mundo. Não, eu ainda não era da Continental. Eu fui pra Continental ... quando foi Celso? Mais ou menos, foi num ano de 50. cinquenta e que? Olha eu sou, de data eu sou péssimo, eu só sei o meu aniversário...

Flávia: E olhe lá ainda...

Celso Garcia: É...

Flávia: Eu esqueço até do meu.

Celso Garcia: É. (risos) Eu sou péssimo.

Flávia: Mas perfeito, e data também não tem tanta importância assim

Celso Garcia: É mas então o Palut que era o nosso chefe, entendeu, a gente sempre seguia aquela, não só as determinações, como até o modo dele de, de trabalhar né. O Afonso trabalhou com o Palut antes, na Rádio Guanabara, não sei se ele chegou a te dizer isso...

Flávia: É, o filho dele comentou isso...

Celso Garcia: É ele começou a trabalhar com o Palut. Porque ele fez durante muito tempo na Guanabara, ele fez rádio-teatro, ele fez rádio-teatro...

Flávia: É ele começou com Fernanda Montenegro, isso ele me contou ontem ...

Celso Garcia: É...

Flávia: Ela ainda nem se chamava Fernanda Montenegro ainda...

Celso Garcia: Então a gente, e, e, ele sempre foi um cara muito brincalhão, e a gente gozava muito ele, por milhões de razões né, é, é, tricolor, Fluminense, ... o Afonso é uma grande figura. O apelido dele, ele falou ou não?

Flávia: Não, Não...

Celso Garcia: Era filé de borboleta, porque ele era tão magro, mas tão magro que o apelido dele nosso lá era filé de borboleta.

Flávia: Filé de borboleta... impressionante(risos dos dois)

Celso Garcia: Só que a gente falava filé, ele soltava o maior palavrão (risos dos dois)

Flávia: Quando o senhor entrou, que o Palut lhe convidou o senhor recebeu alguma orientação? Como que era o Palut nesse sentido de orientar. O senhor falou que até seguia um pouco ...

Celso Garcia: É, exato, exato, todo mundo. Não, o Palut era muito engraçado pelo seguinte, ele não dava, infelizmente, ele não dava continuidade às coisas que ele criava, ele tinha esse péssimo defeito, mas era o temperamento dele. Ele um dia chegava assim, olha vamos fazer um programa maravilhoso, não sei quem, , pá, pá, pá, a gente ficava embevecido porque havia muita empolgação também, né, eu ficava maluco com aquilo, pra mim era um negócio fantástico, pega em microfone, fala em microfone, em casa ouvindo, mamãe, é, meu pai, entendeu, essas coisas de família,né, então a gente se empolgava e ele vinha e falava que a vamos fazer um programa, pá, pá, amanhã, às três horas aqui, vamos começar a fazer, não sei o que, pá, pá, chegava no outro dia ele não aparecia, ou então chegava quatro e pouco, completamente diferente do dia anterior, ah vamos fazer, depois nós vamos cuidar disso, agora não, porque aí a coisa esfriava, mas ele tinha momentos assim fantásticos. Eu me lembro de uma ocasião, que entrava uma reportagem durante o nosso programa, então nesse dia ele sismou,, então quem vai fazer a reportagem de hoje sou eu. Pra entrar no programa. O programa tinha, entrava câmara, entrava senado, entrava um porção de coisa...

Flávia: Esse programa no final da noite, ou não?

Celso Garcia: Não. Não. Era esse, só que esse era ainda na Continental. Depois esse de nove da noite passou a ser na Metropolitana. E, estava faltando o que?, vinte minutos pra entrar o trabalho dele e ele tava na rádio conversando com a gente, tranquilo. Ai eu digo: ô Palut tu não vai fazer? Não pode deixar que eu vou. Olha, quando faltavam dez minutos, eu me lembro como se fosse hoje, eu cheguei na janela com ele, ai ele ficou olhando lá pra baixo, aí telefonou lá pra técnica e disse assim desce o material, que eu vou fazer uma reportagem aqui. Olha, tinha uns caras trabalhando à noite, com aquelas britadeiras, preeeeeeee (imita som de uma britadeira) arrebetando, fazendo não sei o que. Ele fez uma reportagem com os caras, olha mas um negócio assim sabe, eu fiquei babando, primeiro da iniciativa dele, segundo da criatividade dele achar que aquilo ali dava uma reportagem, entendeu? E pela naturalidade que ele fez, sabe? Aí: Vai gravar? Não, vai botar direto, aí botaram o fone no ouvido dele, pá, quando ele viu Palut fala, ele entrou e liquidou. Entrevistou aqueles caras, mandou pará máquinas, liga agora um pouco mais, pá, fica naquela distancia, não sei o que, ele deu um show, na porta da rádio, agora se você me perguntar: será que ele viu aquilo naquela hora? Eu não sei te dizer, talvez tenha sido, ela já teria visto, porque ele também enxergava longe, que aquele ali dava uma matéria boa pra ele fazer, entendeu? E criava coisas, slogans, na hora ele movimentava, sei lá, ele dava, eu não vi nada igual até hoje, sabe? Agora era um cara assim displicente, entendeu? Não era um cara caprichoso no trabalho dele, entendeu, não, não, muito pelo contrário, era até meio relaxado, mas ... muito amigo também, não tinha aquela pose de chefe, de comandar, não, mas quando ele pegava o microfone, arrasava, não tinha pra ninguém né, em tudo, por tudo, porque ele falava muito bem, tinha uma voz muito boa, foi rádio-ator muito tempo, a Alba que era esposa dele também rádio-atriz, né. Infelizmente eu fiquei sabendo há pouco que o final foi melancólico de todos eles, né, do próprio, do filho, da Alba, eu me dava também muito bem com ela, e tudo. E eu fiquei na Continental, eu comecei a trabalhar, me lembro que eu fiquei três meses sem receber. Todas as vezes que eu falava com ele,

não, não esse fim de mês, pode deixar que esse mês você recebe, e o tempo foi passando e eu fiquei três meses, e ficaria até mais porque eu tava empolgado, entende, até que depois de algum tempo, foi aí, é, de um tempo, apareceu o, o, foi, é, o Cozzi saiu, o Cozzi saiu da Continental e foi pra Tamoio, foi pra Rádio Tamoio e montou uma equipe de esportes, mas eu, sempre que eu podia, mesmo estando no setor de jornal falado, dava um pulo lá no esporte, já conhecia aquele pessoal e eles já sabiam que eu gostava de futebol, que eu era Flamengo, entendeu? Então o que que aconteceu, o Waldir me chamou...

Flávia: Waldir Amaral

Celso Garcia: Waldir Amaral, falecido também, Ele disse: você quer vir pro esporte? Eu disse: não precisa perguntar outra vez, eu tô aí já.

Flávia: Isso quando o Waldir entrou na Continental? Porque quando o Cozzi saiu o Waldir entrou na Continental.

Celso Garcia: Não, não o Cozzi, não, foi na Continental, tudo na Continental. O Waldir chegou a trabalhar com o Cozzi.

Flávia: Ah chegou a trabalhar?

Celso Garcia: Ele era o segundo do Cozzi, mas fazia inclusive aquilo que nós chamamos no esporte de ponta, ou seja, o que fica atrás do gol auxiliando o narrador né. Então o Waldir fez ponta pro Cozzi. Quando o Cozzi saiu, automaticamente o Waldir que já era o segundo locutor assumiu, assumiu, e o Cozzi foi pra Tamoio, e então o Cozzi me chamou, o Waldir me chamou e eu fiquei trabalhando no esporte. Nós fazíamos o juvenil pela manhã, nós fazíamos seis jogos. Veja só, seis jogos juvenil pela manhã de domingo. Eu comecei fazendo o sexto jogo. O que que era o sexto jogo? Era dá o tempo do jogo e o placar. Mais nada, né. [muda tom de voz] Vamos a rua Bariri, Flamengo e Bom-Sucesso, não sei quem lá com quem, Celso, aí entrava: aqui 16 minutos, entendeu, o placar é esse, esse. Mas aquilo pra mim, eu já vibrava, entendeu. E fui graças a Deus, é, fui melhorando, porque a gente sabe quando você está melhorando. Eu digo sempre pros meus alunos, o dia que você quiser saber, ah, a sua posição dentro de uma equipe de rádio ou mesmo de jornal, você não precisa perguntar pra ninguém, você precisa prestar atenção nos jogos ou nos locais que você está sendo escalado, aquilo ali é um mapa da sua qualidade ou do teu conceito perante os outros, né, são sete jogos, se você está no sétimo jogo, cê pode até ser bom, mas no momento você é o último, você tá sendo classificado como último não é? Eu digo sempre pra eles, você tem uma pauta de uma série de assuntos: tem a pauta do presidente da república, tem a pauta do presidente da câmara, tem a pauta do presidente do senado e vem até a posse de um sindicato qualquer. Se você ficar fazendo sindicato você é o pior daquele grupo, a não ser que haja uma incompatibilidade de você com a chefia, isso aí já é um outro departamento não é? Mas aquele ali é medição. E eu senti que eu fui crescendo, fui crescendo, fui trabalhar em jogos, o dia que me escalaram pra mim fazer ponta à noite num jogo Flamengo e Vasco, eu disse gente, eu acho que eu tô bem, eu tô bem. Porque a Continental daquela época era a TV Globo de hoje, entendeu, era o máximo, do que você podia alcançar dentro do rádio era a Continental, rádio esportivo, não é? É bom que se diga e hoje é a TV Globo. Você pode até não gostar da TV Globo, fazer quinhentas restrições às TV Globo, mas se você estiver na Globo você tá muito bem recomendado. E vai fazer uma entrevista com uma autoridade, chegou lá, avisa o doutor e coisa e tal que a TV Globo chegou, é outra coisa se você chegar lá e falar eu sou do jornal “não sei o que”, “O Povo”, né, a gente tem que respeitar e entender a força que tem a empresa....

Flávia: É um fato né,

Celso Garcia: Não é? Você não pode contestar isso de jeito nenhum. Então a Continental era realmente um marco que você podia chegar, então quando eu me vi escalado, eu digo, gente, eu tenho qualidade, eu vou fazer um Flamengo e Vasco pela Continental, eu me lembro que eu cheguei cedo no estádio e fui pra trás do gol onde eu ia fazer, o Waldir que ia irradiar, e sentei, sentei atrás do gol, o jogo à noite, fiquei atrás do gol, rezei, fiz a minha oração, agradei a Deus que me protegesse, entendeu, eu não sei como é que, como é que a coisa era diferente, porque eu digo sempre, gente, a, a, a, o rádio tinha muito mais valor, a força do rádio era muito grande, entendeu? O rádio era um rádio

que tinha mais cultura do que tem hoje, infelizmente hoje você compra um horário em alguma estação e faz o programa que você quiser e fica naquele negócio, alô garotinha, té, té, te é um chuveiro de besteira, né. O rádio que eu comecei fazendo, era um rádio que tecnicamente já fazia muita coisa, a sua programação era diferente. Quem trabalhava em rádio era bom, era bom, hoje qualquer um, infelizmente, eu não tô depreciando ninguém, mas eu apenas tô mostrando um quadro que a meu ver é a realidade, entendeu? Você liga você vê alguma coisa boa, mas não é um rádio de pesquisa, não é um rádio que tem nomes conforme tinha naquela época, você tinha um Paulo Roberto, o doutor Paulo Roberto da Rádio Nacional que eu não me esqueço nunca. O Jardim Zoológico aqui tinha uma macaca chamada Catarina e a Catarina morreu, a macaca, e eu tinha esse programa na Metropolitana, apesar dele ser da Rádio Nacional, ele era meu amigo, e era uma figuraça, eu liguei pra ele e falei: ô Paulo, ele era médico aqui em Casca Dura, da maternidade de Casca Dura, aqui. Paulo Roberto. Eu pedi a ele, ô Paulo, faz o seguinte, a Catarina morreu, ele disse é eu soube, faz uma coisinha aí sobre a, a, Catarina e manda pra mim, pelo telefone, a gravação porque eu quero botar, inclusive citando o teu nome, coisa e tal, pá, pá, pá, pá. Olha, passada uma meia hora, ele ligou, eu recebi e fui botar no ar, impressionante, ele falou numas 15 Catarina, Catarina da Rússia, Catarina “não sei de que”, porque não sei o que Catarina, não sei o que lá, era filha não sei o que lá, descendente de não sei quem, pá, até chegar na macaca, quando ele fez um negócio lindo de morrer, o que ela representava pro, pro, pra criança que ia no Jardim Zoológico, um coisa muito bonita, quer dizer, era um, era um rádio que tinha muita gente desse nível, você entendeu? Muita gente capaz, inteligente, que pesquisava até porque pouco antes não se gravava, você fazia tudo direto, a sua responsabilidade era muito grande, não é, fazia novela direto, meu Deus, não é brincadeira. De maneira que até hoje eu tenho muita saudade, eu tenho muita saudade daquele rádio. Resolvi parar porque primeiro eu queria saber o que que era um sábado e um domingo porque eu não sabia. Hoje eu sei o que é que é dia dos Pais

Flávia: E é bom né....

Celso Garcia: Ah, muito bom. Mas a minha, a minha alucinação pelo esporte, continua.

Flávia: O senhor parou quando?

Celso Garcia: Eu parei tem o que? Uns cinco anos, mais ou menos. Eu tenho até convite até hoje pra voltar, mas eu não quero mais. Sabe, eu acho que eu parei na hora certa, primeiro parei sem estar precisando e isso é muito importante, porque às vezes a pessoa quer parar e não pode parar, eu me sacrifiquei muito pouco pra poder parar, eu me estabilizei, eu tenho duas aposentadorias, entendeu, trabalho aqui na universidade. Isso aqui pra mim já virou um hobby até, entendeu? Tenho trinta e tantos anos aqui de Gama Filho, sou muito conceituado aqui também, de maneira que eu não chego a ter saudades, às vezes quando eu ouço uma mesa redonda, uns troço aí, eu tenho vontade de entrar e dizer qualquer coisa (risos dos dois) mas na verdade mesmo eu tô muito satisfeito. Eu fiz quatro copas do mundo, eu viajei pelo exterior, conheço o Brasil ...

Flávia: O senhor não chegou a ir pra TV?

Celso Garcia: Eu fiz alguma coisa, em televisão, entendeu? Eu fiz inclusive na Continental. Eu fiz TV Continental, eu fiz Tupi, fiz Globo também, mas assim, programas esporádicos, de atender um convidado, programas, participação, etc e tal, agora nunca tive, por exemplo, nenhum contrato com emissora de televisão. Rádio eu trabalhei na Continental, onde eu comecei, depois de lá eu fui pra Globo, da Globo eu voltei a Continental e ainda fiz um tempo fiz Continental, um ano mais ou menos, aí eu fui pra Tupi, depois voltei pra Globo e na Globo então eu encerrei, entendeu? Foi mais ou menos a minha trajetória. Fiz copa, fiz mundial de, de, de basquete, no Uruguai, conheço a América do Sul praticamente toda, acompanhando clube, ia, jogava, voltava no outro dia, e também nunca fui muito amigo de avião, entendeu? Então, eu podia ter conhecido muito mais do que eu conheci, mas você viajar é muito bom porque você adquire cultura, você faz muitas amizades, não é?

Flávia: Quais as copas que o senhor fez?

Celso Garcia: Eu fiz copa de, a primeira copa que eu fiz foi a de 62 no Chile, fiz 66 na Inglaterra, fiz 70 no México, fiz 70, foi na Argentina, foi na Argentina? Foi a última que eu fui foi da Argentina. Argentina, foi quando Celso? ... Não tô lembrado, eu sou péssimo...

Flávia: Eu também, agora (....) Então o senhor pegou 70, o grande time....

Celso Garcia: Ah vi, vi o Brasil ganhar a copa do mundo lá fora, vi perder, vi perder aqui...

Flávia: Mas aqui o senhor tava só assistindo...?

Celso Garcia: Aqui fui, foi, a de 50, eu acompanhei inclusive a construção do estádio toda...

Flávia: Mas aí como espectador?

Celso Garcia: Sim, como espectador.

Flávia: Ainda não estava

Celso Garcia: Não, não, não, eu entrei depois da copa.

Flávia: Eu queria voltar um pouquinho nas reportagens. O senhor sabe como é que surgiu essa idéia de começar a fazer isso, assim de, a hora em que o fato acontecesse, a equipe ia lá, esses flashes, na Continental o senhor tem idéia de como que isso começou? O senhor acompanhou alguma coisa disso?

Celso Garcia: Não, eu já peguei a coisa, entendeu, começada, entendeu? Claro que depois comigo a coisa foi se aperfeiçoando, por exemplo, nós começamos a fazer um boletim diário do hospital Souza Aguiar, que eu é quem fazia, por sinal. Fazíamos um boletim diário que entrava inclusive, depois do Souza Aguiar, da Rádio Patrulha, quer dizer, ali a gente retratava o movimento diário do hospital, foram atendidos não sei quantos, pá, pá, pá, cirurgias tantas, depois chegava lá já encontrava pronto, na sala de imprensa, eles tinham lá, a administração do hospital, já controlava aquilo e entregava. Então eu relatava aquilo e citava, por exemplo, determinados, uma pessoa importante, um artista, uma figura, uma celebridade qualquer que aparecesse lá, a gente dava maiores detalhes, etc, etc. E fomos ampliando, aí começou, por exemplo, cobertura de, de, de, a gente tinha senado, câmara, essa parte política, todas eram cobertas, até porque o deputado, o dono da rádio era deputado....

Flávia: Depois chegou a ser vice-governador

Celso Garcia: Exato, Rubens Berardo, né. E ele, ele, ele passava o dia todo lá, quer dizer o dia todo não, a parte da tarde, nós começávamos e não tinha hora pra acabar, dando aquela cobertura, e a gente procurava ampliar, um evento maior, é, o que seria? ... assim no momento me, me, me falha, mas qualquer evento importante, por exemplo carnaval, a gente fazia uma cobertura imensa, começava com o baile das atrizes, o baile das rainhas do rádio, a gente fazia os bailes todos, entrevista a rainha, não sei o que, o rei Momo, a chegada de rei Momo, a entrega da chave e tudo o que era evento a gente procurava cobrir da melhor maneira possível, entendeu? Apesar de, em concorrente, na minha época por exemplo, a Continental não chegou a ter. Concorrente mesmo, de você chegar a concorrer, não. Tinha a Tupi, que já fazia alguma coisa, mas não tinha uma equipe conforme nós tínhamos, tínhamos uma equipe muito grande ...

Flávia: A prioridade era a informação e o esporte?

Celso Garcia: Isso o esporte, sem dúvida, era informação. Agora, inclusive pra cortar o esporte, pra dar qualquer outro tipo de informação era um negócio que a gente tinha que ter muito cuidado, porque o Cozzi era muito ciumento, ele achava que não era, a, que a Continental era só o esporte, não era, talvez fosse mais da metade, mas era outras coisas também, porque qualquer coisa, explodiu, a explosão por exemplo de Gericinó né explodiu lá o depósito de pólvora de Gericinó, eu fui até lá pra fazer, era um negócio que espalhou pela cidade, então, bota na Continental, é o que é mais ou menos a Globo hoje e o que é ainda hoje no rádio a Globo. Bota na Globo, quer dizer, bota na Continental porque sabia que a gente tava lá, as vezes coisas até de uma certa forma insignificante, mas você marcava presença, entendeu, chegava o carro da Continental, um carro grande, o RC-2 era grande ...

Flávia: Era um caminhão, né, um furgão...

Celso Garcia: Isso, era um furgão.

Flávia: O Paulo Caringe me deu uma foto desse furgão.

Celso Garcia: É, então quando você, quando você, acontecia qualquer coisa assim muito importante ou de muita repercussão, sabiam que a gente tava presente.

Flávia: O senhor comentou que chegava a interromper música, era comum, durante o dia, várias vezes ta tocando alguma coisa e vocês, paravam

Celso Garcia: Aí dependia um pouco, né, não era também excessiva, porque a programação da Continental musical era fraca, entendeu. Não podia competir, mas cortava, não assim, por exemplo, qualquer coisinha, porque a gente fazia qualquer coisinha, na realidade a gente fazia, mas pra interromper uma música, pode cortar, a gente cortava, claro que você também tem a sua responsabilidade, você sabe até onde você pisa. Pra cortar o esporte então era difícil, você contava até dez porque o moço lá depois chiava pra burro, entendeu, então a coisa tocava, mas foi uma grande época, ouviu, a Continental e você, trabalhei com muitas pessoas, grande pessoas, importantes, aprendi muito, entendeu, é mais ou menos isso.

Flávia: É, com relação a, muita coisa era transmitida ao vivo e alguma coisa era gravada. Qual a porcentagem? Como vocês escolhiam o que era ao vivo? O que era ao vivo era aquilo imprescindível? O que era gravado?

Celso Garcia: Por exemplo, o trabalho da câmara era gravado. A parte política toda era gravada e era apresentada à noite. A não ser que acontecesse qualquer coisa a, a, excepcional, fora do normal, essa parte gravada era exatamente isso. Ou então acontecia o seguinte, você tinha, você às vezes fazia do mesmo assunto cê fazia quatro, cinco flashes, entendeu? Porque a gente procurava sempre, sempre fazer 3 minutos, procurava sempre fazer 3 minutos, porque 3 minutos? Porque é o horário que substitui a música, você salvava o comercial, entendeu? Agora teve muita fase difícil, por exemplo pagamento, né, atrasava demais, é a coisa já tinha virado quase que uma rotina, eu me recordo que uma ocasião nós tínhamos um repórter, Hugo Mosca era o nome dele, e ele foi começar a trabalhar na rádio, e ele já tinha, de vez em quando ele dava umas contribuições e aí o, o isso eu fui testemunha ocular e auditiva disso, o Rubens virou pra ele, o Rubens Berardo, virou pra ele, Mosca porque que você não vem de uma vez trabalhar aqui. Você sabe que aqui receber é difícil ... (risos dos dois) falou, falou pra ele, entendeu, então aquilo ali pra muita gente, eu por exemplo quando comecei que era solteiro e tudo, aquilo ali eu não tava pensando, ainda recebia a minha mesadinha em casa, entendeu, eu não tinha aquilo ainda como base da minha, da minha manutenção, nada disso, tanto que eu ficava o horário pra mim ali não existia, eu fazia, eu fazia um plantão, não isso aí já foi no esporte, eu fazia um plantão no esporte de sete à meia noite, sete à meia noite, entendeu, tinha a resenha de 11 horas, daí se fazia, e a coisa foi mudando, saiu um, dois, até que a Continental infelizmente sucumbiu. Agora, deixou um trabalho, deixou muita gente, é, é, aprende, entendeu, isso foi, por isso é que eu digo (é interrompido pelo toque do celular)

Flávia: Eu tenho aqui, eu peguei com o Paulo Caringe, ele tinha a folha ponto em que eu pude, eu pude ver o seguinte, tava lá anotado, três noticiários a cada hora, tava dito, todos com duração de 3 minutos. Aos 10 minutos de cada hora entrava o informativo D8, aos 30 minutos o Repórter Continental e aos 50 minutos o Repórter Carioca. Esses eram os boletins?

Celso Garcia: Era, isso aí era obrigatório.

Flávia: Obrigatório.

O Carioca era notícias da cidade, só da cidade e o Continental geral, podia ser da cidade, do interior, até do exterior.

Flávia: E o informativo D8?

Celso Garcia: Esse eu confesso que não tô lembrado dele não.

Flávia: Até eu lembro que eu li que dizia o seguinte: tem que entrar porque tem patrocinador, então eu vi que era uma coisa bem... aí tinha: a programação também estabelecia um boletim esportivo que entrava aos 20 minutos de cada hora.

Celso Garcia: Também não me recordo.

Flávia: O senhor não se recorda. Depois tem alguns outros. Mas então, o Carioca então eram notícias da cidade...

Celso Garcia: Do Rio.

Flávia: Do Rio. E o Repórter Continental ...?

Celso Garcia: Geral.

Flávia: Geral. Então esses eram os fixos. Quando necessário ...?

Celso Garcia: È o Continental entrava nas horas certas, 7, 8, 9, 10, 11 e o Carioca de meia em meia hora, ou seja, 18 e 30, 15 e 30, 13 e 30, entendeu? Esses eram obrigatórios, entendeu? E tinha uma equipe de redator que naturalmente ficava fazendo, fazia o plantão né, atendimento de telefone e pesquisa e corrida nos hospitais, nos grandes hospitais, ou seja no Souza Aguiar, a gente tinha um repórter fixo, que também não era só da rádio, porque nessas salas de imprensa, por exemplo, do hospital Souza Aguiar, que o grande fluxo ali, esses, os jornalistas antigos, geralmente já aposentados, eles assumiam esse cargo, porque eles pegavam por exemplo Continental, Rádio Nacional, Rádio Tupi, jornal, pegava três, quatro. Então quando tinha um evento eles tinham que passar pra todos esses jornais e pra todas essas rádios, recebiam um pró-labore, entendeu, não eram nem fixos da empresa, já tinham sido fixos, já tinham aposentado, então recebiam um pró-labore pra passar as notícias nesses lugares, como também alguns ministérios, entendeu?

Flávia: E o que acontecia na emissora quando tinha um grande fato assim, um incêndio, um grande incêndio, ela ficava cobrindo...

Celso Garcia: Ai sim...

Flávia: O que acontecia num grande fato como num incêndio?

Celso Garcia: Bom, mobilizava, mobilizava todo mundo, ne, mobilizava todo mundo, muita gente, postos na rua, porque, quando a gente chegava por exemplo, pra fazer um grande incêndio, e conforme já aconteceu, tinha acontecido, aconteceu várias vezes, o que que você fazia? Se era um grande incêndio, você chega, nas proximidades do incêndio, nunca no local, nas proximidades cê procurava um telefone, entendeu, e matava, que conforme a gente usava na época, o termo é: mata o telefone. Então você pega a linha do telefone e levava o nosso equipamento e usava a linha do telefone pra poder falar quase do local, entendeu? E ali então você saía, um repórter, ou dois repórteres dependendo da extensão, ou até três, ou, você fazia três postos, quatro postos, entendeu, se tivesse acidente, pessoas, você já montava um posto também lá no hospital onde estava sendo encaminhado, se fosse no caso de polícia, enfim, a gente mobilizava e já tinha mais ou menos a maneira de fazer as coisas, entendeu, tinha sempre um comandante da transmissão, entendeu? Vai centralizar onde? Tal lugar assim, assim, com fulano de tal, então aquele fulano é quem vai passar por outros todos entendeu, agora, esse evento vai durar quanto tempo? Ah, a previsão é de uma hora, então é uma hora, aí você comia comercial, comia, deixava tudo, porque a gente não parava, entendeu? Era a vantagem. Quando aparecia um concorrente, o concorrente vinha fazia um flash, marcava a presença dele, mas a reportagem em si ficava lá com a Continental.

Flávia: Vocês chegaram a transmitir muita coisa grande? Com que frequência que essas grandes coberturas aconteciam?

Celso Garcia: Ai dependia, por exemplo, deixa eu ver [...] olha me lembro de, de, essa explosão que houve em Deodoro, essa explosão foi coisa, foi grande, as coberturas de carnaval, ah tribunal! Tribunal de, julgamento, entendeu, Tenente Bandeira...

Flávia: O Afonso Soares me falou do julgamento do tenente Bandeira ...

Celso Garcia: Fui preso pelo juiz Faustino Nascimento num julgamento que eu não tô lembrado, acho que foi da Zulmira, que matou o marido advogado, Estelli, eu fui preso porque o juiz não queria que entrasse microfone dentro do, do, do recinto e eu entrei, aí o, vieram, me tiraram da sala e ele então mandou que eu fosse recolhido. Eu fiquei o que? Eu fiquei a parte da tarde, o julgamento ia ser meio dia e só fui sair às sete da noite e prisão de juiz, apesar de não ser xadrez, mas prisão de juiz não é brincadeira não, só ele é quem pode te tirar mesmo. Mas a gente fazia essas coisas com muita vontade, sabe, e antes do julgamento a gente ia na casa dos advogados e, e perguntava, fazia entrevista, se possível a gente entrevistava a pessoa que estava presa que ia ser julgada, o promotor, a gente fazia misérias nesses grandes julgamentos, entendeu, e, é isso, a coisa era isso.

Flávia: Me fala um pouquinho de Deodoro, o senhor se recorda? Da explosão dos paióis?

Celso Garcia: É, é, exato, não aquilo aconteceu de madrugada, entendeu, eu morava aqui e tomei conhecimento, foi de madrugada e da minha casa eu inclusive via, oh, aquele troço vermelho, cada hora levantava mais e eu então o que eu fiz? A rádio vinha pra cá, passaram aqui, me pegaram aqui e eu fui, e entrei lá inclusive num paiol já num lugar que não podia ter entrado, mas eu entrei lá num carro do corpo de bombeiros entendeu, porque naquela época a gente tinha muita vontade de fazer as coisas, sabe, depois que nós estávamos lá dentro o negócio começou feio demais, nós tivemos que sair e eu saí Deus sabe como, agarrado a um bombeiro ele me dando quase uma gravata pra mim não cair do carro, entendeu, porque aí era morte certa. Eu me lembro que teve aqui no Meyer, teve um desastre, em que o doutor Guilherme Romano, que era o diretor do, era o secretário de saúde, ele fez uma amputação de uma perna na minha frente assim e eu vendo, sabe. Eu ia pro Instituto Médico Legal reconhecer cadáver. Hoje eu não faço mais nada disso, mas eu fazia aquilo numa empolgação. Numa noite eu saía da rádio, meia noite, eu passei na avenida Rio Branco, na casa Assucena, a casa Assucena estava sendo assaltada, eu saltei do lotação, meu Deus, fui lá dentro da casa Assucena ver os caras que tavam presos, era um uruguaio, um chileno, eles tinham entrado lá, sabe? Ia pra qualquer lugar, se eu visse um, um acontecimento assim, eu me empolgava, pegava um telefone ...

Flávia: Sempre o telefone na época ...

Celso Garcia: Ah, sim o importante era o telefone, sabe, eu digo sempre pros meus alunos também isso, de todos os veículos, claro se você tem evento que está sendo irradiado ou televisado você vai ver pela televisão, então esquece televisão porque não existia, né, mas até hoje, em termos de imediatismo o rádio dá de 100 a zero. Eu por exemplo estou conversando com você eu posso nos colocar no ar aqui, batendo o maior papo. É só telefonar pra rádio, oh, fulano de tal, o assunto é esse, esse, assim, assim. Claro, se eu for funcionário, me identificar, o assunto é importante, a professora ta dizendo aqui que vai fazer isso, assim, ta, ta, ta, acabou. Agora, e a televisão? A televisão você tem que telefonar pra lá, vir aquela tripeça toda entendeu? Em termos de imediatismo o rádio não perde e não vai perder nunca. Ainda mais agora com o celular, sem sair daqui, sem levantar dessa cadeira a gente entra no ar, não é?

Flávia: A questão técnica tinha o RC-1 e o RC-2, quando precisava matava o telefone. Era muito difícil ... isso tudo, como é que era ...

Celso Garcia: Não, a gente encontrava, por exemplo, da parte do povo, da casa que a gente pedia pra usar o telefone, a maior boa vontade. Não havia também esse, essa desconfiança que há hoje que você tem medo de tudo, uma pessoa que te aborda você já coloca o pé atrás, meu Deus o que vem aí? quem é esse cara? o que ele vai fazer? Entendeu? Hoje a coisa mudou completamente, você hoje pra entrar numa casa e pedir pra usar o telefone é meio brabo, não é?, Então, então tudo é uma época, não é? Tudo é uma época em que a pessoa tem que respeitar muito, eu sempre digo isso, saindo um pouco assim de reportagem e falando da, da, da força do rádio e de uma época, eu digo sempre pros meus filhos e pros meus alunos: não riem nunca quando alguém falar de Emilinha Borba e Marlene. Porque na minha época, naquela época minha, dentro de uma casa ou você era Emilinha ou era Marlene.

Flávia: Era um briga feia...

Celso Garcia: Não é? Agora porque, os meus filhos e os meus netos, eu nunca deixei que eles criticassem as músicas da minha mãe. A minha mãe gostava de valsa e justifica, foi valsa a época dela, foi dançando valsa que ela conheceu meu pai, não é? É o caso de Emilinha e Marlene, Roberto Carlos, já um pouquinho pra cá, eu vi uma entrevista da, dessa menina, a esposa do [...] daqui a pouco eu me lembro o nome dela, ela tava dizendo o que Roberto representa, como é meu Deus? Esqueci o nome. Daqui a pouco eu me lembro. O que que representa Roberto Carlos na vida dela, cada música do Roberto é um momento da vida dela, que ela passou com o namorado, com o atual marido, dançando em tal lugar assim, assim. Isso é muito bonito gente, e você tem que respeitar, eu disse a eles, você não riem nem debochem porque amanhã os seus netos vão rir de vocês, quando vocês falarem dos ídolos que vocês tem hoje, não é? Então cada um com o seu cada um, você gosta, gosta, não gosta, eu dizia até pros meus filhos, não gosta, saí, discretamente, vai lá pra dentro, agora não comenta, porque além de ser falta de educação, entendeu, vocês não estão agindo corretamente com vocês mesmos, vocês podem sofrer isso e não vão gostar, entendeu? É por aí.

Flávia: Eu vi que tocou o seu alarme, se o senhor precisar dar uma paradinha....

Celso Garcia: Não, não, isso aqui eu já perdi, depois eu vou procurar ver, tá aqui.

Flávia: O senhor falou um pouquinho de pauta, chegava, como é que era a pauta, como é que eram decididos os assuntos que seriam ...

Celso Garcia: Não, isso fica a critério, a critério por exemplo do, do secretário, cada lugar tem um nome, né, editor, secretário geral, secretário de redação, ele é um cara que tem a obrigação de saber realmente quais são os assuntos.

Flávia: Mas tinha isso na Continental?

Celso Garcia: Já tinha, tinha, tinha.

Flávia: O senhor se lembra...?

Celso Garcia: Não era assim tão rigoroso a coisa, mas já tinha, nessa época já se fazia pauta sim

Flávia: O Palut entrava nessa história também ou não?

Celso Garcia: Não, ele era o chefe, ele fazia aquilo que ele achava que tinha que fazer, entendeu? Quando era um assunto realmente importante, ou que ele tinha interesse até comercial, entendeu, era ele que ia fazer, mas geralmente ele ia muito pouco. Ele gostava dos grandes eventos, ou então de criar uma coisa assim e depois ele começava e largava e alguém pegava e ia seguindo.

Flávia: Mas tinha então na Continental uma pessoa que ficava pensando os assuntos. O pauteiro vamos chamar assim, que hoje nós chamamos de pauteiro ...

Celso Garcia: É, exato, tem, tem, tinha, já tinha.

Flávia: E aí vocês chegavam lá como é que era?

Celso Garcia: Chegava e sempre tinha uma tabela de serviço que era colocada na pedra, lá no quadro e então você chega e vê os serviços que estão destinados a você, entendeu? Por exemplo entrevista do deputado fulano de tal, do secretário não sei de que, pá, pá, pá, 15 horas.

Flávia: Fulano de tal que ia fazer...

Celso Garcia: Fulano, condução, RC-1, ou então pega táxi, ou então não sei o que, pá, pá, pá, entendeu, é 15 minutos. Claro que 15 minutos é relativo, se você tem que fazer uma reportagem você tem que procurar fazer ela a melhor possível, pode ser longa ou pouca, você depois edita, já se editava também naquela época.

Flávia: Já se editava também naquela época?

Celso Garcia: Já, já. entendeu, você tem 3 minutos pra botar, bota 3 minutos, cê tem 4, cê tem 5, é livre, ta, é o jornal, pauteiro de jornal, tem 30 linhas pra fazer. Chega lá, você faz 30 ele reduz pra 12, ou pra 5.

Flávia: E quem editava? Era o próprio repórter? Por exemplo o senhor saia ...?

Celso Garcia: É, é, depois que você chegava você ia na técnica e montava, entendeu. Ô vou fazer 5 minutos disso aqui, você fez a reportagem, você via aquilo que era o mais importante. O que que é importante, isso, isso, isso, pá. Lá na rádio a gente mesmo, o autor da reportagem é que editava.

Flávia: Perfeito. E a relação da rádio com a política? O Berardo era um político ...

Celso Garcia: É, era político.

Flávia: O senhor sentia alguma tendência ...

Celso Garcia: Não, ele, ele era um político, mas ele era, na verdade ele era um deputado, mas ele não era um político. Ele nunca foi político, primeiro que a cultura dele era, né, e ele tinha a força e o prestígio de quem? Da própria rádio, né. Falava muito mal, falava pouco, falava mal, ele não tinha grande, e não havia também aquela restrição, eu por exemplo nunca recebi dele restrição, não bota a palavra do deputado tal. Claro, que eu sabia a linha política da rádio, né. Eu não ia deixar os caras

chegar lá e esculhambar com ele. Mas não tinha esse, ele não tinha esse cuidado, ele era muito simpático, todo mundo gostava dele, entendeu. É mais ou menos isso.

Flávia: Perfeito. Vamos dar uma parada aqui pra gente salvar esse material.

Flávia: Prontinho. Seu Hermano Requião.

Celso Garcia: Hermano Requião. O Hermano Requião... Ta gravando?

Flávia: Ta.

Celso Garcia: Ta. O Hermano Requião foi levado até a Continental pelo amigo pessoal dele que era o próprio Rubens Berardo.

Flávia: Ãã.

Celso Garcia: Ele nunca tinha trabalhado em rádio. Nunca.

Flávia: Ele era de jornal?

Celso Garcia: Ele foi secretário do Diário de Notícias. A grande fase do Diário de Notícias ele era o secretário. Ele era muito culto, muito inteligente, não tinha nenhuma inferência de rádio. Mas você sentia o senso jornalístico dele, né? Você ter ocupado durante anos e anos a secretaria, ser o secretário, quer dizer, o baluarte mesmo do Diário de Notícias, esse homem tinha qualidades. Então, e eu trabalhei com ele durante muito tempo. Logo que ele chegou, nós começamos a trabalhar com ele. E ele tinha um mérito muito grande pelo seguinte, ele era um crítico. E você saía para fazer uma reportagem ele ficava ouvindo, e anotava discretamente, ele anotava. Aí quando você chegava, sem alarde nenhum, te chamava. Tudo bem, ah, eu ouvi, coisa e tal, foi bom, mas lê isso aqui. Então, aí ele dizia, você deixou de abordar isso assim, assim, assim, aquela pergunta que você fez, você já tinha feito essa pergunta, sabe, um trabalho crítico fantástico. Excelente quando você perguntou, isso, isso, assim, assim, assim, pá, pá, pá. E ele te entregava. Então você recebia aquilo, lia discretamente, ele não comentava com ninguém, aí você olhava. Ok? Ok! Sabe, um negócio muito bacana. Corrigia as palavras que você tinha dito errado, ele conhecia a fundo português, entendeu? Sugería vários adjetivos, sinônimos, ali pra você. Em vez de você repetir isso, isso, isso, isso, fala também, isso, isso, isso, isso. Sabe? Bacana. E Até hoje tem coisas que eu me lembro até de uma agora. Água fervendo. Nunca diga água fervendo, água fervente. Sabe, e outras coisinhas. Ele tinha, ele era já, tinha muita idade, tinha muita experiência, ensinava muita coisa. Só o fato de você conversar com ele era, já era proveitoso. Então, era um cara muito bom, muito fantástico.

Flávia: E o relacionamento dele com o Palut? Como é que era? Como ele entrou na equipe, assim?

Celso Garcia: Ele entrou, era completamente diferente. Porque ele era assim, ele tava bem acima, de que, do Palut em termos de inteligência, em termos de experiência, não de rádio. De Rádio ele não entendia nada. E ele respeitava o Palut, o Palut mais jovem e muito mais dinâmico do que ele, entendeu. E ele fazia algumas restrições veladamente também. Ele, quando chegou principalmente, ele ficou meio deslocado, porque não era aquilo dele, dele era jornal, é diferente. E em contra partida, já que eu falei no Requião, tenho que falar de uma outra figura também, que depois ficou mais ou menos nessa função. Era o doutor Camilo Autilho

Flávia: Autilho?

Celso Garcia: É, Camilo Autilho. Esse era um bonachão. Sabe? Um senhor muito, ele era um tipo assim sueco, sabe, alto, bem claro, cabelo louro, e uma figura fantástica, gostoso de você conversar com ele, ele era piadista, sabe, ele era um colega, era um colega. E ele tinha uma coisa que eu também nunca esqueci, ele era muito mulherengo. Então ele dizia, olha aqui, a primeira coisa, a mais importante entre nós é o trabalho, depois vem a mulher. Então, se você tem um encontro com a mulher, entendeu?, fala comigo que eu te substituo. Entre você ir trabalhar, tem outro pra botar no teu lugar, é claro que eu vou botar. Negócio com mulher, encontro com mulher, é um negócio sagrado. (risos dos dois) Pra você ver como é que são as coisas. Doutor Camilo Autilho, Tinha um filho, Ronaldo Autilho, também que trabalhava lá nessa época, era o mesmo tipo do pai. Aliás, toda profissão, conseqüentemente, entendeu, rádio, jornal, tem coisas, tem pessoas fantásticas, né?

Flávia: Eles não eram pauteiros, eles mais os críticos da programação. Eles seriam os ombudsmen da época?

Celso Garcia: Na verdade seria uma maneira de que o Doutor, o Rubens Berardo, queria, eram amigos dele, coisa e tal, então, sabe, a rádio era dele, os caras conheciam alguma coisa de jornalismo, o Requião então nem se fala, o Doutor Camilo também, tinha perdido parece o emprego não sei aonde, fumava um charuto, coisa e tal. E, de qualquer maneira ajudavam, ninguém ali procurava atrapalhar não?

Flávia: E o relacionamento da equipe de jornalismo com a de esporte. A de esporte, até o Così, você tava contava, achava que era...

Celso Garcia: Diferente, né? Diferente.

Flávia: Eles se ajudavam? Ou não? Ninguém entrava...

Celso Garcia: Não, não, não, não havia nenhuma, não havia nenhum choque, não. Até porque cada um trabalhava num andar, sabe? E não existia. A única diferença, já na época, saindo da Continental, era O Globo. O Globo com a Rádio Globo. Aquilo ali, na minha época, ali da Rua Irineu Marinho, era uma guerra. O pessoal do Globo chegava a esconder visitas para o pessoal da Rádio não ver e não entrevistar.

Flávia: Ali era guerra, então.

Celso Garcia: Ciumenta de empresa, né? Porque o doutor Roberto é mais da televisão, é mais do Globo, é mais da Rádio Globo, sabe?. Porque todo mundo quer ser o gostosão da direção geral. Isso aí também é comum, isso em empresas que tem órgãos, assim, competitivos. Mas na Continental eu nunca vi isso não.

Flávia: Depois que o senhor foi pro esporte, o senhor continuou ajudando em algum momento o jornalismo, ou não, aí depois que o senhor foi pro esporte o senhor só ficou lá.

Celso Garcia: Não, só ficar lá porque não dava, né? Eu tinha minhas funções, meus horários, minhas obrigações com o esporte e não dá, e você sai conseqüentemente do esquema. Claro que se eu tivesse que fazer alguma coisa pelo o Jornal falado eu faria, entendeu porque afinal de contas eu acho que tudo é a mesma empresa. Ainda mais se for uma emergência, né?

Flávia: Chegou a acontecer alguma vez alguma de uma emergência...

Celso Garcia: Que eu me lembre, não, não. Que eu me lembre... Não. No Globo é que eu fiz uma reportagem para o Senhorita Rio, fui pra Globo pra fazer esporte, por que o Waldir quando foi pra Globo me levou, pra Globo. Mas eu fiz o Senhorita Rio, que era uma promoção que o Globo fazia todo ano, escolhia uma moça da sociedade, coisa e tal. Mas na Continental eu não me lembro de ter feito nada pro Jornal falado não, mas se fosse o caso eu faria também.

Flávia: Quanto tempo o senhor ficou no departamento de jornal falado, o senhor se recorda? Foram poucos anos, muitos anos?

Celso Garcia: Não... Não... Entre Continental... Entre esporte e globo, e Jornal falado eu fiquei dez anos.

Flávia: Dez anos. Desses dez, mais ou menos quanto no, no...

Celso Garcia: No esporte eu fiquei uns 3. Depois eu saí e fui pra Globo pra fazer esporte. Aí eu só passei a fazer esporte.

Flávia: Então foram 7 anos de Jornal Falado ...

Celso Garcia: De Jornal Falado. Que eu aprendi tudo, entendeu? Fiz tudo quanto é tipo de reportagem, tudo, Até.... É, e esporte também, aprendi a fazer uma porção de coisas que eu não sabia, também. Transmitir tênis, boxe. Mas é o que eu digo, a falta que a Continental faz, e ela deixou uma saudade muito grande, foi exatamente isso, ela era uma escola que hoje não existe mais. Você tem que entrar já sabendo, você tem que entrar sabendo. E lá, não. Você entrava às vezes cru, só com vontade, você tem que aprender, como é que fala, distância de microfone, tudo isso eles corrigiam a gente e

you safa... A minha primeira reportagem, ainda pouco falei, foi a inauguração dessa biblioteca braile. Eu fui com o repórter, Samuel Bastos. E ele foi comigo, aí então eu vi como é que abria uma transmissão, é claro que a gente tinha mais ou menos, mas o detalhe, entendeu, como é que você tem que fazer, procurar a autoridade, a quem você vai primeiro, a quem você procura quando chega no lugar, se identifica, se tá na hora de identificar, não, ainda não é hora. Sabe, aí você já começa a perceber uma certa...

Flávia: Tinha uma preocupação de formar quem tava começando?

Celso Garcia: É claro. Você falou agora pouco do Gagliano Neto. Gagliano Neto, à noite ele conversava com a gente e nos disse o seguinte, eu nunca mais esqueci. Ele disse olha, você pra ser um bom repórter, você tem que ter algumas qualidades e tem que lembrar de outras importantes. Por exemplo: o cara que serve café ele é importante pra burro, o motorista é importantíssimo, o ascensorista é importantíssimo. Eles podem dar a vocês grandes notícias. Porque o cara que serve café numa reunião de autoridade, numa reunião que a imprensa não entra, ele aparentemente é tão inofensivo que a conversa não pára quando ele está com, quando ele chega com o café. Então, o papo continua, e ele vai servindo e ele tá ouvindo. O ascensorista a mesma coisa, o cara entra, preocupado em descer, continua o papo com outro, coisa e tal, e o motorista também. Então procura fazer sempre amizade com eles que você vai se dar bem. Pergunta da filha dele, da mulher dele, se ele tá bem, se ele tá precisando de alguma coisa, que vai te ajudar pra burro. E eu cheguei até a usar isso e realmente é um negócio fantástico, entende? Eles são realmente importantes porque eles sabem das coisas, eles ouvem, eles podem te passar, entendeu. Não tudo, mas já te abre o olho, você fica sabendo, ele te dá uma palhinha, vamos dizer assim, do que pode estar acontecendo. E mais, diz ele [Gagliano], se você estiver numa roda, e o café chegar, você vai ver, porque o cara do café ele vai servir primeiro o mais importante e ele vai descendo uma escala. Se você for o último a ser servido o café, daquele grupo você é o menos importante. (risos dos dois) Você vê que coisa interessante, né?

Flávia: Interessante.

Celso Garcia: E isso é verdade. Isso é Leonardo Gagliano Neto. Grande figura. Foi Locutor esportivo.

Flávia: Foi ele que montou a Continental? Pelo que eu li, o Berardo jogou na mão dele e ele que idealizou essa idéia de rádio 100% informati.. esportiva, informativa

Celso Garcia: Eu acredito sim, eu não vou afirmar à você, mas acredito que tenha sido o Gagliano Neto sim, entendeu? Até porque, sem nenhum menosprezo, acho que o Rubens não teria capacidade de imaginar uma coisa dessa? Entende? E que o Gagliano era um sujeito de uma cultura fantástica, né? Pô, o Gagliano, o que que ele não sabia? Não sei, ele sabia tudo. Conversava sobre qualquer coisa que você quisesse, conversava sobre música, sobre literatura, ele tinha uma cultura muito vasta.

F. Ahã, perfeito então o senhor acha... Que tem mais alguma coisa?

C. Não eu acho isso, não. Bom, apenas deixar bem clara a minha saudade entendeu pela, pela Continental, onde eu aprendi tudo. As pessoas que eu conheci, que me valeram muito, as dificuldades que eu tive também lá na rádio, os apertos, é, política porque eu peguei a época da revolução, também, eu li noticiário com censura, e metralhadora dentro do estúdio

F. Em 64 isso?

C. É. Quer dizer, tudo isso depois que passa pessoalmente é muito bom, se a gente vê, meu Deus, o risco que você corre, mas você tem uma outra idade, tem uma outra mentalidade e aquilo era quase que uma festa pra você, sabe? Você em plena revolução um cara de metralhadora lendo o que, tomando conta daquilo que você ta lendo, da censura, sabe? Era um negócio dinâmico, agora, agora (?), Ah meu deus!

F. Mais Fácil. O senhor tava no jornal falado na revolução?

C. Tava, tava.

F. O que que aconteceu? Assim, a gente conhece a história, sabe das censuras...

C. É.

F. Nessa época começou a não ter mais tanta entrada ao vivo de repórter, o senhor se recorda...?

C. Não, não nós tivemos um censor chamado Washington Vaz de Mello, não esqueço dele, não me esqueço dele. Advogado e ele foi um cara muito bacana, ele chegou lá e reuniu o pessoal todo do jornal falado e disse: Olha aqui, vamo conversar uma coisa, eu sou empregado igual a vocês, então eu quero que vocês não me criem problema pra mim não criar problema pra vocês. Se vocês sabem quais são as ordens, o que vocês podem falar e o que que não pode, então me ajude que eu não vou perturbar vocês, eu não vou ficar lendo uma notícia inteira e outra, não. Eu vou, primeiro eu quero ver como a coisa funciona, e depois vou deixar vocês à vontade. E dormia lá, estudava, levava livro, estudava. Quer dizer o nosso sensor foi nosso amigo e nós fomos amigos dele, pra não criar.... o que que adianta você vai querer aparecer, mas nos primeiros dias foi aquele negócio, né e pá, soldado lá dentro e metralhadora, pá, depois as coisa foi se acalmando e depois chegamos a conclusão que, aqui tem algum revolucionário ou contra revolucionário? Não, então acabou vamo fazer o nosso, pó. Cada um faz o seu e depois vamo pra casa. Vamo se envolver nessa briga de cachorro grande aí, então...

F. Entendo

C. Sabe?.

F. O Palut tava ainda na Continental nessa época?

Celso Garcia: Ele pegou ainda uma época dele, mas também ele era muito disciplinado, tinha as idéias dele, mas não ...

Flávia: Ele era muito criativo, mas nesse quesito...

Celso Garcia: É, não, não, não, tinha lá os pensamentos, as idéias dele, mas ninguém extravasava. Nós não tínhamos ninguém, lá, assim, sabe...

Flávia: Mas o senhor sentiu se diminuíram as entradas ao vivo em função do censor não poder... O senhor se recorda se acontecia...?

Celso Garcia: Não, de uma certa forma, mas nada assim que desse pra notar, entendeu? Porque a coisa era feita de uma maneira mais velada, entendeu. Se conversava, tudo. Eu não me lembro de alguma coisa de censura, gente. Não... Ah, lá umas bobagens às vezes a gente recebia, o pessoal de esportes, por exemplo, não podia falar, é... chamar o Toninho de guerrilheiro, sabe, uns negócios assim. Ta proibido falar guerrilheiro, ta proibido falar... Tem outra coisa. Ah, o Paulo César, não pode chamar ele de PC. Sabe? Coisas assim, no duro, meio idiota. Mas, pode falar, ninguém queria entrar e incompatibilizar, né. Ah, foi uma fase boa.

Flávia: Perfeito. Seu Celso eu agradeço...

Celso Garcia: Não...

Flávia: Celso...

Celso Garcia: Isso...

Flávia: ... eu agradeço bastante. Foram muito importantes as suas informações.

Celso Garcia: Foi muito bom.

APÊNDICE I – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Entrevista : _____

Local: _____ Data: ___ / ___ / ___

Dados pessoais:

Percurso:

Quando e onde começou a trabalhar em rádio.

Por onde passou até chegar à Emissora Continental.

Quando e como foi chegada à Continental

Surgimento da reportagem na Continental:

Como começaram a ser feitas as reportagens externas na Continental?

Explorar a cobertura de carnaval inicial e as seqüentes.

De quem foi a idéia?

Qual a participação do Pallut na idéia?

E de Gagliano Neto?

Qual era a programação da Continental antes da introdução das reportagens?

E depois, como ficou? (100% esporte, 100% notícia) E a música? E os outros programas?

Como esse tipo de Jornalismo era sustentado?

Qual função exercia na equipe?

O estilo do repórter Esso afetou de alguma forma o trabalho? Como?

Teve algum tipo de treinamento para a execução das reportagens?

Quais as preocupações da equipe com relação ao trabalho jornalístico que era feito?
(Abordar pautas, linguagem, formato)

As reportagens que faziam eram todas ao vivo, simultâneas aos fatos?

Como era decidido o que seria alvo das coberturas?

Que tipo de preparação existia?

Havia também reportagens gravadas? As que foram transmitidas no decorrer do dia eram aproveitadas de alguma forma? Onde?

Nas gravadas, havia uma preocupação em preservar sons do ambiente ou usar algum tipo de recurso sonoro?

E a linguagem textual, qual era a preocupação?

Que tipo de recursos técnicos possuíam?

EXPLORAR A QUESTÃO TÉCNICA (modelos de aparelhos, formas de montagem, criatividade, etc)

Qual era o status do repórter de rádio na época?

Como e porque as reportagens deixaram de ir ao ar?

Explorar perfil de Carlos Palut, sua participação, seu relacionamento com os outros membros da equipe.

ANEXOS

**ANEXO A – Livro de ponto da Emissora Continental
de 27 de dezembro de 1951**

**ANEXO B – Plano para a grande cobertura radiofônica
do carnaval de 1954**

ANEXO C – CDs:

**CD 1 - Reportagens da Emissora Continental
(Explosão dos paióis do Exército)
(Assassinato de Rudolf Karousos)**

CD 2 - Depoimentos